UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

REBECCA BOTELHO PORTELA DE MELO

Entre fatos e factoides: uma análise sobre o jornal Brasil Sem Medo

Recife
2024

REBECCA BOTELHO PORTELA DE MELO

Entre fatos e factoides: uma análise sobre o jornal Brasil Sem Medo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Sociologia. Área de concentração: Mudança Social.

Orientador: Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi

Recife
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Melo, Rebecca Botelho Portela de.
Entre fatos e factoides: uma análise sobre o jornal Brasil Sem Medo / Rebecca Botelho Portela de Melo. - Recife, 2024.
311 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2024.
Orientação: Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi.
Inclui referências bibliográficas.

1. Extrema-direita; 2. Novas Mídias; 3. Contra-público; 4. Desinformação; 5. Olavo de Carvalho. I. Perrusi, Artur Fragoso de Albuquerque. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

REBECCA BOTELHO PORTELA DE MELO

Entre fatos e factoides: uma análise do jornal Brasil Sem Medo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Aprovada em: 09/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Participação via videoconferência
_____
Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi (Presidente/Orientador)
Programa de Pós-graduação em Sociologia - Universidade Federal de Pernambuco

Participação via videoconferência
_____
Prof. Dr. Gabriel Moura Peters (Examinador Interno)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de Pernambuco

Participação via videoconferência
_____
Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos (Examinador Interno)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal de Pernambuco

Participação via videoconferência
_____
Profa. Dra. Carolina Dantas de Figueiredo (Examinadora Externa)
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Pernambuco

Participação via videoconferência
_____
Prof. Dr. Paolo Demuru (Examinador Externo)
Programa de Pós Graduação em Letras - Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Dedico esta tese à melhor parte de mim, à pequena vida que pulsa em meu ventre e me convida, a cada instante, ao encantamento. Olga, que você siga sendo luz e revolução, pois sua existência reinaugura a esperança de novos amanhãs possíveis.

AGRADECIMENTOS

Lembro que na época que fui aprovada para o doutorado, escolha que foi extremamente difícil desde o começo, tinha uma amiga que estava finalizando a escrita da tese e sempre me falou muito sobre a solidão penosa da escrita. Eu, que tive o infortúnio de ter o doutorado atravessado por uma pandemia global, imaginava que a solidão seria uma companheira incontestável nesse processo.… No entanto, vi em minhas colegas de curso um grupo de apoio, acolhimento, produção…. Um grupo de amigas, que me mostrou uma outra faceta de uma vida acadêmica que não era comum, mas era possível. Senti falta da sensação inigualável de sair de uma aula com a cabeça fervilhando, das conversas de corredor, da troca com os colegas. Embora não tenha encontrado nada que substituísse completamente essas vivências, descobri outros espaços onde, de alguma forma tão nova quanto estranha, essas necessidades eram parcialmente supridas.

Lembro que fiquei triste quando percebi que foi naquela quarta-feira pandêmica, onde a sala de estar estava mais uma vez fazendo as vezes da sala de aula, que tive a última aula do meu doutorado, mirando uma tela que se dividia em vários quadradinhos e poucos sorrisos. Sempre fui fissurada no ambiente educacional. Gostava do cheiro de café, da ventania que inundava o 12º andar do CFCH no fim da tarde, da disposição das cadeiras na sala e até mesmo da conversa fiada no elevador. Desgostava de muitas coisas também, é verdade, mas a gente só sente saudade do que faz sentido.

Encerro esse ciclo longo e árduo mais distante da academia, mais descrente da profissão, apreensiva pelo futuro do País. Essa tese, que começou a ser pensada nas vésperas da eleição presidencial que garantiu o cargo mais importante do executivo a um falso messias, é defendida logo após a reeleição do seu protótipo estadunidense. De certa forma, é como se a história cíclica se repetisse com poucas nuances que a diferenciasse de um passado recente, mas que ainda é ferida aberta no corpo social.

Essa tese é sobre a necessidade de reconstrução de uma base comum. Sobre viabilizar trocas, sobre pontes. É um apelo e um convite para reencontramos alguma referência que seja compartilhada, resgatarmos algum ponto de convergência - ou até mesmo construí-lo, pura e simplesmente. Que a academia possa ser vanguarda nesse movimento, que a educação possa ser palco, que as ágoras sejam recuperadas e modernizadas, que o espaço público seja reedificado. A conjuntura é desanimadora, mas que nunca percamos a esperança da retomada.

Agradeço a todos os que fazem a Universidade Federal de Pernambuco pela possibilidade de expansão, em especial aos mestres que estiveram tão presentes na minha trajetória. Agradeço aos órgãos que viabilizaram o privilégio destes anos de estudo e a possibilidade de constatar a solidez da formação brasileira em contextos internacionais, aos funcionários que foram tão fundamentais em todos estes processos. Aos meus colegas que compartilham no sentido dessa caminhada, especialmente àquelas que seguem sendo referência e contam com toda a minha admiração.

Agradeço à minha família por ser alicerce e refúgio seguro em todos os momentos. Agradeço, por fim, ao meu companheiro de vida, que me inspira, me instiga e me provoca, e que segue sendo meu elã vital.

RESUMO

Esta tese faz uma análise aprofundada de bases sociológicas do jornal Brasil Sem Medo, idealizado por Olavo de Carvalho. Partindo de uma reflexão teórica sobre o lugar dos veículos de comunicação no contexto atual de hiperconectividade, argumentamos que há uma fragmentação no ambiente midiático que fomenta o surgimento de novos mediadores que, por sua vez, chegam a substituir os tradicionais veículos de comunicação no novo fluxo comunicacional. A partir da análise crítica da trajetória de Olavo de Carvalho e sua relação com a mídia tradicional, argumentamos que ele ocupou esse espaço, passando a ser um produtor de informações relevante a âmbito nacional, em especial para uma parcela da população que se identifica à direita do espectro político. A relação entre Carvalho e o governo Bolsonaro também é abordada e vista como a epítome do seu projeto de vida, aqui referido como um projeto de revolução conservadora. Apesar do objeto analisado nesta tese estar relacionado à Carvalho e o contexto recente brasileiro, buscamos jogar luz sobre uma prática cada vez mais difundida no tecido social contemporâneo, alertando sobre os profundos riscos sociais e políticos da luta simbólica e da disputa de sentidos no campo midiático. Abordamos, por fim, a relação entre o ressentimento enquanto fenômeno coletivo e a produção subjetiva de realidades sociais paralelas, propondo uma reflexão acerca dos riscos dessa prática para a democracia e o espaço público.

Palavras-chave: Extrema-direita. Novas Mídias. Contra-público. Desinformação. Olavo de Carvalho.

ABSTRACT

This thesis provides an in-depth sociological analysis of the *Brasil Sem Medo* newspaper, conceived by Olavo de Carvalho. Beginning with a theoretical reflection on the role of media outlets in the current context of hyperconnectivity, we argue that there is a fragmentation within the media landscape that fosters the emergence of new mediators, who, in turn, replace traditional media in the new communication flow. Through a critical analysis of Olavo de Carvalho's trajectory and his relationship with traditional media, we argue that he filled this space, becoming a relevant producer of information at the national level, particularly for a segment of the population that identifies with the right-wing of the political spectrum. The relationship between Carvalho and the Bolsonaro administration is also examined, viewed as the epitome of his life's project, referred to here as a project of conservative revolution. Although the object of analysis in this thesis is related to Carvalho and the recent Brazilian context, we aim to shed light on a practice increasingly widespread in contemporary social fabric, warning about the profound social and political risks of symbolic struggles and the contestation of meaning within the media field. Finally, we address the relationship between resentment as a collective phenomenon and the subjective production of parallel social realities, proposing a reflection on the risks of this practice for democracy and the public sphere.

Keywords: Far-right. New Media. Counterpublic. Misinformation. Olavo de Carvalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO 1 - Desafios da comunicação na era das redes 16

1.1 Autocomunicação de massas: a promessa da comunicação democrática 19

1.2 O fim da utopia digital: as redes na prática e os efeitos não antecipados da não mediação 26
1.2.1 O contraponto do ciberfetichismo 28

1.3 Mudanças no fluxo comunicacional: novas lógicas de produção e consumo de informações 33

1.4 A internet no centro do ecossistema Informativo 34

1.4.1 Fragmentação do ambiente midiático e a oferta de opiniões político-ideológicas 36
1.4.2 Quem produz notícias na rede? 39
1.4.3 Infodemia 43
A política do zero rating e a disseminação de desinformação Firehousing, astrosurfing e a arquitetura política de desinformação Redes digitais e entropia informacional

1.5. Por que falar de fake news não é suficiente? 53

CAPÍTULO 2 - Quem foi Olavo de Carvalho? Trajetória e projeto de vida do guru conservador 56

2.1 O histórico controverso com a mídia: estratégias e confrontos 61
True Outspeak
Mídia sem Máscara

2.2 O jornal Brasil Sem Medo 68
O volátil corpo de colaboradores e autores do Jornal
"Quem somos nós": O BSM se apresenta ao público

2.2.1 Estrutura do veículo: os quatro segmentos de conteúdo do BSM 73
"Leia": o jornal diário
"Assista": as empreitadas audiovisuais do BSM
"Assista" 2.0: O BSM Class
Livraria e Estante BSM
Brasil Sem Medo: outros canais

2.3 Como opera a crítica olavista à mídia? 83

2.1.3 “Este é um jogo e você não está no controle”: as 4 premissas sobre as quais se fundamentam a crítica olavista à mídia tradicional.....88

Premissa 1- Jornalistas são jovens frustrados treinados pela esquerda
Premissa 2 - Os jornalistas fomentam o *establishmen*t cultural da esquerda
Premissa 3- Estamos diante de uma Guerra Cultural e temos que competir pelo *establishment*
Premissa 4- “Só se vence aquilo que se substitui” - o Brasil Sem Medo e a disputa pelos espaços de produção de bens simbólicos

CAPÍTULO 3 - “Olavo tem razão” - Como o autointitulado filósofo se relaciona com a ascensão da extrema direita no Brasil? 107

3.1 A extrema-direita no contexto internacional 108

3.2 O conservadorismo como catalisador da extrema-direita.....111

3.3 “Bolsolavismo”: a janela para uma revolução conservadora 121
3.3.1 Os bastidores da aproximação 124
Bannon apresenta: Olavo de Carvalho na Trump Tower
O segundo jantar em Washington

3.3.2 Olavo de Carvalho: o segundo governo..... 136

CAPÍTULO 4 - Mercado de opiniões e a hierarquia de bens simbólicos: outras formas de ler Olavo 139
4.1 - A propensão para tomar a fala e a escolha de porta-vozes..... 143

4.2 - Efeitos de consagração e eficácia simbólica 149

4.3 - Dominantes e pretendentes na hierarquia do mercado de opiniões.....151

4.4- A produção de crenças: o modelo do Breitbart News e o Brasil Sem Medo como protótipo 153
4.5 - Mídias alternativas e a reconfiguração do campo discursivo..... 158

CAPÍTULO 5 - Efeitos da luta simbólica: da crise de paradigmas aos novos mediadores 164
5.1 - Filosofia da ciência e a noção de paradigma..... 164
5.1.2- Crise de confiança e o enfraquecimento de intermediários autorizados.....166
5.1.3 - A crise no sistema de peritos.....169

5.2 - Estratégias de reorganização epistêmica 172
5.2.1- I-Pistemology: a epistemologia da experiência pessoal 173
5.2.2 - Complotisme: os elos ocultos..... 178
5.2.3 - A fronteira entre amigo e inimigo e a ênfase no emissor..... 182

5.3 - Olavo de Carvalho como um novo mediador.....186

CAPÍTULO 6 – Disputa de sentidos e Guerra Cultural 190
6.1 Guerra cultural à brasileira 194
6.1.2 - O cinema olavista 199
6.1.3 – Disputas semânticas na arena da linguagem: conceitos em debate 213

6.2 - Fake News e a criminalização da opinião 216

6.3 - A apropriação de conceitos: o exemplo da noção de narrativa 224

6.4 - Os aparelhos privados de hegemonia de Olavo..... 237

CAPÍTULO 7 - Ressentimento: a máquina de produzir contra-públicos..... 255
7.1 A política dos afetos e a emergência do ressentimento coletivo 256
7.1.1 Redes digitais e a lógica corrosiva democrática 259
7.1.2 Contra-público 264

7.2 O *gap* informativo e a ignorância socialmente motivada.....272

7.3 O mercado de racionalizações 275
7.3.1 A dinâmica do mercado de racionalizações 277
7.3.2 Cedet: o lucrativo instrumento de vender conservadorismo 281
7.3.2.1 “Nós hypamos o Olavo”: o mercado editorial e o resgate do conservadorismo 285
7.3.3 O jornalismo “alinhado aos seus valores” 287

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 292

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 295

INTRODUÇÃO

Não é exagero dizer que não é possível dissociar o objeto de estudos de um pesquisador do que lhes instiga uma profunda curiosidade e interesse. A sociologia, em especial, é uma disciplina que permite, aos curiosos e inquietos, encontrar ferramentas adequadas para realizar essa investigação a partir de metodologias que buscam desenlear o que pode haver de emaranhado na trama do tecido social - ou, ao menos, oferecer ao pesquisador a possibilidade de tentar. A escrita deste trabalho e os anos de pesquisa a ele dedicados foram motivados por uma inquietação que se iniciou em meados do prelúdio da campanha presidencial de 2018 no Brasil e que, infelizmente, só se agravou nos anos seguintes. Esta tese discorre sobre uma nova lógica da produção noticiosa, buscando apreender os impactos dessa não mediação na política e na sociedade, a partir da análise aprofundada de um dos novos atores e seus canais de comunicação: Olavo de Carvalho.

Apesar do objeto desta tese ser circunscrito no contexto brasileiro, é fundamental pontuar que essa nova lógica da produção noticiosa vem sendo observada em diversos outros países do ocidente, bem como as mais diversas e controversas consequências para as suas respectivas sociedades. Essa afirmação é fundamentada em um sem-fim de referências bibliográficas que aqui serão citadas, o que evidencia tanto a relevância dessa contribuição para compreensão de um fenômeno contemporâneo que se manifesta em várias sociedades modernas, quanto que a inquietação não se restringe à observação da política brasileira, como também da política argentina, estadunidense, turca, italiana, entre outros…

Há, nesta tese, também uma defesa do lugar dos estudos sobre mídia e comunicação no campo da sociologia. O desenvolvimento dos programas de pós-graduação no Brasil pode ser considerado um marco fundamental para a institucionalização das pesquisas acadêmicas no País. Neste sentido, é possível datar o pontapé inicial das atividades de pesquisa na área da sociologia em 1967, quando, a partir da estruturação feita pelo Parecer Sucupira (ainda em 1965), passou a se estruturar o pioneiro Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como narra o professor Heraldo Souto Maior (2005). Em contrapartida, os programas de pós-graduação na área de comunicação surgiram muito tempo depois, há cerca de 30 anos, abarcando diversos outros eixos temáticos para além do jornalismo (Farias & Possendoro, 2018). Historicamente, portanto, seria de se esperar que as ciências sociais tomassem como objeto os temas característicos da comunicação, considerando a relevância da mídia, jornalismo, semiótica, dentre outros objetos, para a sociedade e, em específico, para a sociologia da cultura em países que foram berço da disciplina. Apesar disto,

uma rápida análise dos espaços institucionais (dentre eles dossiês em revistas ou grupos de trabalho em eventos acadêmicos) voltados para os temas concernentes à comunicação no Brasil demonstra o desprestígio que o tema tem gozado na sociologia brasileira. Em contrapartida, a produção científica voltada para a comunicação predomina em sua área de pós-graduação específica, ainda que esta seja institucionalmente muito mais jovem.

Em um artigo publicado em 2011[1], Maria Eduarda Rocha suscita uma questão muito importante para o campo da sociologia brasileira: considerando que as análises que se voltam para a mídia e o processo de comunicação são compreendidas como centrais nos estudos culturais no mundo todo, por que o estatuto da mídia como objeto na área acadêmica da sociologia é tão pouco explorado? De acordo com a autora, considerando que a própria sociologia da cultura surgiu tardiamente no contexto brasileiro, há uma diluição histórica da mídia como objeto sociológico, relegando a sociologia da comunicação a um verdadeiro *ponto cego* da produção acadêmica nas Ciências Sociais. Neste sentido, embora haja uma considerável produção no campo específico da comunicação, há um vácuo no que tange a análise mais teórica e sistemática acerca desta forma produção de bens simbólicos.

Como afirma Rocha, a produção científica na área de comunicação parece dividir-se entre os que analisam as condições institucionais e econômicas da produção simbólica e os que se detém sobre os produtos e mensagens propriamente ditos (Idem, p.460), passando ao largo da proposta sistemática do estudo da relação entre os sistemas simbólicos e os sistemas sociais, central à sociologia da comunicação. Portanto, a própria concepção do campo da comunicação como ambiente sistêmico mais amplo ligado à produção simbólica muitas vezes escapa aos estudos de mídia produzidos fora das ciências sociais, ainda que o tema seja tão importante pelo grande potencial de influência nas subjetividades. Na área de comunicação social, mais expressivamente a partir dos anos 2000, alguns estudos têm se dedicado às análises mais particulares sobre a internet como nova tecnologia de informação. No Brasil pesquisadores como Dênis de Moraes (2006, 2016), Muniz Sodré (2003) e, mais recentemente Marcos Urupá (2016) se destacam na abordagem de cultura digital e midiatização, porém partem dos pressupostos teóricos da comunicação, visto que são profissionais da área.

Outros pesquisadores também denunciam esta lacuna nas ciências sociais: segundo Cláudia Lago (2015), acadêmica da área com parte da formação em antropologia, a falta de ferramentas teórico-metodológicas que deem conta da análise de comunicação nas ciências

[1] Em: "Em busca de um ponto cego: notas sobre a sociologia da cultura no Brasil e a diluição da mídia como objeto sociológico", publicado na revista Sociedade & Estado, 26(3).

sociais limita a produção de análises mais sistemáticas por parte dos profissionais da área: "Continuamos a construir nossas percepções sobre a Comunicação sem que lancemos mão de dados oriundos de pesquisas empíricas (...), o que faz com que às vezes incorramos no erro de produzir conclusões generalizantes sobre universos que, na verdade, não conhecemos" (Lago, 2015 p. 731). Neste sentido, é possível afirmar que a própria concepção do campo da comunicação como ambiente sistêmico mais amplo ligado à produção simbólica muitas vezes escapa aos estudos de mídia produzidos fora das ciências sociais.

Em face a este cenário institucional, o interesse do público geral nos temas da comunicação vem crescendo exponencialmente nas últimas décadas. Diante da grande mudança de paradigma proporcionada pelo advento da internet, o interesse acerca da produção simbólica vem aumentando, especialmente considerando o protagonismo que os meios de comunicação vêm gozando nas discussões contemporâneas. De acordo com Bergamo e Serra (2020), diversos setores da sociedade brasileira têm voltado seu interesse para o tema do jornalismo e das novas formas de transmissão de informação, especialmente no que tange as pautas da regulação da mídia, do impacto das *fake news* e suas consequências para a desinformação. Diante disso, é natural que o tema passe a ser abordado em espaços acadêmicos: conforme a antropóloga e jornalista Isabel Travancas constata em entrevista (Travancas, 2020) alguns Grupos de Trabalho vêm surgindo em eventos científicos na área da antropologia e da sociologia nos últimos anos (mais fortemente a partir de 2014), ainda que timidamente e com poucos participantes. Há, ainda assim, certa resistência por parte de alguns acadêmicos, que afirmam tratar-se de uma especialidade restrita à área da comunicação, reclamando, muitas vezes, da ausência de referências bibliográficas das ciências sociais em trabalhos que versam sobre o tema.

Isso posto, esta tese busca somar ao esforço de Rocha (2011) no intuito de advogar a favor de uma Sociologia da Comunicação melhor estabelecida no Brasil. O contexto político observado no país, especialmente a partir das eleições presidenciais de 2018, torna ainda mais evidente a necessidade de análises sistemáticas sobre a intersecção entre a mídia e a cultura nas sociedades contemporâneas. Sendo assim, propomos aqui uma discussão sistemática sobre as condições de produção e consumo de notícias, articulando ferramentas teórico-metodológicas da sociologia para analisar as estratégias de comunicação da extrema-direita brasileira, buscando, com esse esforço, reclamar o lugar institucional da sociologia da comunicação.

Esta tese é dividida em sete capítulos. O primeiro capítulo intitulado "Desafios da comunicação na era das redes" é também introdutório, pois traz uma discussão teórica sobre o novo momento da produção de conteúdos informativos a partir de duas perspectivas distintas.

Este capítulo introduz também a reflexão sobre os novos atores da produção de informações na era das redes digitais, discorrendo também sobre as consequências deste fenômeno. Ao fimdo capítulo há uma defesa da necessidade de se analisar a desinformação como um fenômeno marcadamente profundo e contemporâneo, considerando toda a sua complexidade e os desafios a ele associados para que seja feita uma leitura mais abrangente deste fenômeno considerando a interação entre os campos social, político e cultural.

O segundo capítulo começa a tratar do objeto da tese, abordando a figura de Olavo de Carvalho, desde a sua trajetória de vida às suas trocas com a família Bolsonaro, apresentando sobretudo os veículos de informação criados por ele, desde o seu programa online de rádio "*True Outspeak*" até o jornal Brasil Sem Medo - a sua última empreitada midiática. Este capítulo se dedica ainda a apresentar de forma mais aprofundada a estrutura do Brasil Sem Medo, o que se mostrou surpreendentemente desafiador, pois muitos conteúdos que haviam sido publicados pelo BSM foram apagados do seu acervo no passar dos anos em que essa pesquisa esteve em curso. Para sanar essa falta, foi necessário fazer uma triangulação, então nos apoiamos tanto nas informações e conteúdos publicados pelo próprio Jornal que permaneciam disponíveis online, quanto em outros veículos de mídia e contas das redes sociais de Olavo de Carvalho. A ideia deste capítulo é pôr em prática o que Roger Griffin (2018) chamou de "empatia metodológica", buscando entender as conjunturas de interpretação e significação de Olavo de Carvalho e seus seguidores, buscando entender as premissas sobre as quais a sua crítica à mídia tradicional se construía.

O capítulo três, intitulado "Olavo tem razão", trata da intersecção entre a figura de Olavo de Carvalho e a ascensão recente da extrema direita no Brasil. É neste capítulo que é feita uma análise de conjuntura do cenário político recente do País, explicitando a construção de uma tentativa de implementar uma revolução conservadora coordenada entre figuras da extrema direita mundial.

O capítulo "Mercado de opiniões e a hierarquia de bens simbólicos: Outras formas de ler Olavo" apresenta uma interpretação essencialmente sociológica sobre como o guru da extrema direita construiu a sua relevância no debate social, cultural e político. Em diálogo com a noção de bens simbólicos de Pierre Bourdieu, buscamos explorar a centralidade de algumas figuras na produção de crenças, traçando um paralelo entre o projeto de Olavo de Carvalho e o de Andrew Breitbart, nos Estados Unidos. No fim do capítulo, abordamos como veículos de produção de informação não mediados reconfiguram o campo discursivo.

O quinto capítulo, que é também o mais longo, apresenta de maneira mais concreta a tese defendida neste trabalho. Nele, partimos de uma reflexão acerca da noção de crise no

sistema de peritos para argumentar que estamos diante de um momento de reorganização epistêmica, onde os termos, os espaços de consagração e a própria noção de verdade estão em disputa. Buscamos localizar Olavo de Carvalho nesse contexto de crise de paradigmas, ressaltando como ele se estabeleceu como um novo mediador na esfera pública. No sexto capítulo, apresentamos a noção de Guerra Cultural para melhor contextualizar as disputas supracitadas, apresentando exemplos práticos da estratégia olavista de antagonismo em relação às narrativas tidas como "oficiais", oferecendo assim uma leitura absolutamente discrepante e, muitas vezes, incompatível com a realidade factual. Por fim, defendemos que Olavo de Carvalho tinha uma estratégia muito clara ao se lançar nas redes nos primórdios da popularização da internet, estratégia esta que foi aprimorada e, de certa forma, radicalizada ao longo dos seus anos de atuação. Trazendo como inspiração a noção de Antonio Gramsci de Aparelhos Privados de Hegemonia -com as devidas ressalvas ao considerar as distinções- argumentamos que Olavo teve como propósito do seu trabalho a perpetuação de uma hegemonia cultural e ideológica proposta por ele mesmo. Apresentamos então os veículose aparelhos de reprodução da sua ideologia que foram criados por ele ou a partir dele, buscando sustentar tal alegação.

O último capítulo intitulado "Ressentimento: a máquina de produzir contra-públicos" discorre sobre a política a partir de uma perspectiva um pouco incomum: a dos afetos. A ideia é demonstrar como Olavo de Carvalho capitalizou o ressentimento coletivo para seu benefício, resultando na construção de um contra-público. A noção de contra-público se refere, em poucas palavras, a um grupo que desafia as narrativas e estruturas dominantes, sustentando uma postura marcadamente crítica às ideologias estabelecidas. Estes grupos, por se sentirem excluídos das formas tradicionais de representação nos meios de massa e dos canais de poder, se utilizam de espaços alternativos de comunicação e organização para expressar suas visões e mobilizar apoio. Essa noção é apresentada no intuito de explicar como diferentes segmentos da sociedade podem formar e manter suas próprias esferas de discurso completamente opostasao *mainstream*. Outro conceito central apresentado é o de Mercado de Racionalizações(Williams, 2021, 2022), buscando apreender este fenômeno indo além das análises mídia centradas, partindo do pressuposto Bourdieusiano de que o sentido último do conteúdoproduzido pela mídia é indissociável do contexto social no qual este conteúdo circula. A noçãodesenvolvida por Daniel Williams busca entender o que motiva indivíduos a categorizar certascrenças como legítimas, além do regime de justificações mobilizado que os leva a adotá-las. Apartir dos seus estudos empíricos, Williams conclui que os indivíduos tendem a adquirir informações e adotá-las como crença independentemente do seu nível de precisão factual, pois

muitas vezes tendem a adotar aquelas que reforçam e/ou corroboram com os argumentos de suas crenças pré-estabelecidas, ainda que de forma inconsciente. O conceito e Mercado de Racionalização é apresentado com o objetivo de oferecer uma perspectiva analítica acerca do que torna veículos como o jornal Brasil Sem Medo, assim como outros tantos veículos de extrema direita, tão atraentes para o contra-público, além de serem tão habilidosos no manejo de fatos e factoides.

Esta tese busca promover uma reflexão sobre os efeitos da não mediação na política e na mídia, partindo da observação da dinâmica social contemporânea. Argumentamos que há no senso comum uma ideia difundida que defende que vivemos um momento em que as estruturas sociais finalmente nos permitem acessar os elementos de maneira direta, não mediada. No campo político, uma breve análise das redes sociais de candidatos e eleitos evidencia que há uma expectativa de que o acesso do cidadão comum ao líder político ocorra de maneira direta, constante e recíproca. Este modelo de comunicação, por sinal, vem se mostrando muito exitoso, ao exemplo de Jair Bolsonaro, Trump, Pablo Marçal, entre outros. No campo midiático, o surgimento de inúmeros canais de produção de informação, popularizados e difundidos através da internet, evidencia que a promessa da não mediação também é atraente para os consumidores destes conteúdos, que acreditam que o conteúdo "não mediado" está isento de interesses, ideologias e manipulações. Essa ideia difundida, conforme argumenta Letícia Cesarino (2021), convence o cidadão comum de que "(...) todo aparato institucional-burocrático do sistema político-representativo" (Cesarino, 2021, p. 90) ou demais formas de mediação são supérfluos, desnecessários e até mesmo prejudiciais ao "pleno exercício da soberania popular" (Idem). Essa crença, entretanto, esconde, de maneira deliberada, hierarquias e assimetrias que não estão óbvias para o cidadão comum - é o caso, por exemplo, dos algoritmos, da lógica propositalmente escusa das plataformas, do uso clandestino dos dados pessoais e da auto responsabilização das plataformas digitais. O que se esconde na caixa-preta das redes? Até que ponto o acesso não mediado à política, à notícia, à "verdade" é preferível? Até que ponto esse acesso é, de fato, não mediado? Questões como estas são subjacentes a esta tese que, vale salientar, não tem a pretensão de respondê-las, mas se propõe a trazer elementos interessantes e concretos para esta reflexão.

CAPÍTULO 1 - Desafios da comunicação na era das redes

Em um passado não tão remoto, as teorias de comunicação dissertavam sobre a unilateralidade da produção de informações, tendo de um lado alguns poucos veículos que centralizavam a produção de discursos noticioso e do outro uma multidão indiferenciada de receptores, que neste processo era convertida em massa (Pasquali, 1973). Ainda que tivesse grande alcance, este contexto remontava a uma comunicação marcadamente restrita, conhecida como comunicação de massa, cujo fluxo se dava "de poucos para muitos" (Castells, 2015). O fato deste passado ser relativamente recente denota o que os estudiosos da comunicação discorrem como transformações intensas em um espaço de tempo cada vez menor. Desde o advento da internet, considera-se que a sociedade está diante de uma mudança de paradigma jamais vista no campo da comunicação (Adghirni, 2012), cujo impacto no tecido social é ainda inestimável.

Apesar de fazer-se através de diferentes meios, o conceito do jornal está presente na história das sociedades desde, pelo menos, o período antes de Cristo, em Roma. Foi apenas em meados dos anos 1400, a partir da invenção da prensa por Johannes Gutenberg, que o jornal impresso como conhecemos passou a ganhar escala e se popularizar. Desde então, inúmeras sociedades, tanto ocidentais quanto orientais, usaram os jornais para a veiculação de notícias, classificados, curiosidades, entre outros. Em seu auge, especialmente em meados do século XX, os jornais impressos detinham a legitimidade pública sobre o discurso noticioso, colocando-se publicamente enquanto veículos destituídos de interesses próprios, cujo único interesse seria o de prover informações à população[2]. Apesar da noção de neutralidade na produção de notícias ter sido posteriormente superada por estudiosos da comunicação, é inegável que tais veículos -entendidos aqui como veículos tradicionais- gozavam de bastante prestígio social justamente por deter a hegemonia na produção do discurso noticioso. Essa posição hegemônica viu-se ameaçada inicialmente pelo advento das rádios e posteriormente, de forma mais intensa, quando a televisão se popularizou e alcançou uma abrangência muito maior. Passou-se, então, a existir mais espectadores do que leitores (Tuzzo, 2016), o que resultou em uma alteração na lógica de consumo de informações, que levou à queda vertiginosa do número de jornais impressos que circulavam na época. O advento e popularização da televisão foi, portanto, o grande marco do "fenômeno da digitalização" até então, que data da chamada terceira revolução industrial, cujos resultados têm repercussão até hoje. A partir deste

[2] Sobre a veiculação do ideal dos jornais impressos como formadores desinteressados de opinião, ler: Venício Lima, 2015, p. 351 a 415.

momento histórico surgiram novas tecnologias de informação e comunicação, que lançaram as bases para transformações profundas em diversos setores da sociedade, as quais ocorrem até os dias de hoje de forma contínua e incansável.

Ainda em 1995, Bill Gates, um dos prodígios da tecnologia, previu em seu livro "A Estrada do Futuro" o que na época parecia uma projeção demasiadamente especulativa: num futuro genérico, as pessoas passariam a obter informações através de computadores ligados a bancos de dados de dimensões incalculáveis, e esses computadores teriam o tamanho aproximado de uma carteira. Contudo, Gates provavelmente não imaginava que este "futuro genérico" estaria tão próximo; o seu protótipo de computador-carteira passou a ser realidade no mundo inteiro um pouco mais de dez anos depois. Desde então, a dinâmica do consumo de informações tem passado por várias transformações. Especialmente a partir da popularização da internet e, posteriormente, da internet móvel -que se tornou acessível a partir dos *computadores-carteiras* e em escala global- somando-se ao estilo de vida cada vez mais acelerado de um público imediatista, o tempo dedicado a leitura de jornais impressos vem diminuindo cada vez mais[3]. Apesar de ainda ter um alcance massivo no Brasil, a presença de televisões com acesso a canais abertos tem sofrido decréscimo nos últimos anos[4]. Em paralelo a este contexto, no intervalo de apenas dois anos (2017 a 2019), o uso da internet no Brasil aumentou de 69,3% a 82,7%[5]. Os dados recentes apontam também que a internet tem sido assimilada como uma forma alternativa acessar notícias e informações, dada a sua capacidade ímpar de relativizar as noções de tempo/espaço. Considerando os lugares onde a internet é uma realidade no dia-a-dia das pessoas, as informações são transmitidas de forma instantânea para uma rede incontável de pessoas que se interligam através das redes sociais e aplicativos de mensagens, que acabam sendo vetores de convergência de outras plataformas *online*. Nesta conjuntura, segundo relatório Digital News Report de 2022[6], o uso de aparelhos de celular para acesso e compartilhamento de notícias no Brasil cresceu de forma surpreendente: em 2013, 23% da população afirmava acessar notícias através do celular. Em 2022 este número subiu para 75%. Uma pesquisa de uma das mais importantes agências de estratégia em mídia digital

[3] De acordo com a comparação dos percentuais apresentados pela Pesquisa Brasileira de Mídia entre o período de 2010 a 2016.
[4] Segundo dados da pesquisa TIC Domicílios 2022, realizada anualmente Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Disponível em: https://cetic.br/. Acesso em 15/03/2023)
[5] De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) sobre TIC realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101794 Acesso em 15/05/2023.
[6] Realizado pelo Reuters Institute e a Universidade de Oxford. Disponível em https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022 Acesso em 02/03/2023.

do mundo, a Global Digital, disseca ainda mais esses dados: destes 75%, 22% se informam majoritariamente através das redes sociais, enquanto 21% afirmam acessar sites e portais de notícias online[7].

Dentre as transformações decorrentes dessa nova dinâmica de consumo de notícias, é possível ressaltar algumas específicas que modificaram de forma definitiva a relação dos indivíduos com a informação. Além de relativizar noções basilares como tempo e espaço, o uso da internet promoveu em uma mudança na interação entre a informação e o leitor, que assume uma nova posição no fluxo do conteúdo, deixando de estar *à parte* do mesmo e passando a *fazer parte*[8]. A internet também modificou o tempo de interação, e o fato de se tornar instantânea influencia diretamente o julgamento de valor da informação por parte do leitor; "(...) o receptor passa a ser o julgador da relevância da informação acessada em tempo real no momento da interação, e não mais em uma condição *ex-post* de retroalimentação intermediada" (Barreto, 1998, p. 125). Outra mudança extremamente significativa é a possibilidade de uma comunicação não mediada: embora a participação do público nos programas de rádio e/ou TV e até mesmo jornais impressos não ser algo novo, visto que estes veículos têm espaços cuidadosamente demarcados para a participação popular, o caráter destas intervenções mudou justamente por conta desta nova posição ocupada pelo público. Anteriormente nas rádios e, posteriormente, na televisão, a participação do espectador se dava de forma *tutelada* pelos veículos, que selecionavam os comentários que seriam divulgados para o grande público, insinuando uma forma de interatividade espontânea que, na grande maioria das vezes, não o era. No caso dos jornais impressos essa mudança é ainda mais significativa, pois o pequeno espaço reservado para publicação de comentários dos leitores nas últimas páginas se converteu na possibilidade de publicações instantâneas, tanto em seus respectivos portais da internet, quanto nas suas redes sociais. Desta forma, a tutela do veículo diminui drasticamente, possibilitando ao leitor produzir e publicar um comentário que pode vir a disputar até mesmo o espaço da própria notícia de forma não-intermediada.

Transformações como essas geram impactos para além do campo da comunicação, repercutindo na dinâmica de vida das mais distintas sociedades; não se limitando à discussão

[7] Pesquisa divulgada no Special Report Digital 2022. Disponível em: https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022/ Acesso em 06/03/2023.

[8] Apesar de se tratar de um tema com discussões controversas, como veremos adiante, alguns estudos apontam para uma "cultura participativa" dos usuários de internet, cujas implicações para a comunicação são abordadas por autores como José Luis Orihuelia através da noção de "meios sociais" ou Shayne Bowman e Crhis Willis (2005), que aborda a noção de "jornalismo cidadão".

puramente acadêmica, as mudanças constantes nas formas de produção e consumo de informações surpreendem também os indivíduos que, até então, compunham uma *massa receptora*. Estes indivíduos passam a ocupar, então, um novo espaço: os que antes eram tidos como parte de um todo indiferenciado, receptor indistinto de notícias, passam a ocupar o epicentro deste rearranjo no âmbito da comunicação e, consequentemente, do corpo social.

Diante disto, é possível afirmar que a internet possibilitou uma mudança estrutural no fluxo de informação, que passou a ser multiorientado (Barreto, 1998 p. 126). Essa nova forma de orientação foi observada de perto pelo estudioso Tim O'Reilly[9], que a separou analiticamente de uma fase anterior da internet: a internet da multiorientação do fluxo de informação é a chamada web 2.0, enquanto a fase anterior ficou conhecida como web 1.0. O que caracteriza fortemente as distintas fases da internet é, basicamente, os seus diferentes usos e suas respectivas consequências; enquanto que a web 1.0 se resumia basicamente a *sites* de conteúdo estático, majoritariamente institucionais e empresariais, com pouquíssimos usuários que em geral faziam usos consideravelmente técnicos da rede, a web 2.0 surgiu, juntamente com a virada do milênio, trazendo um novo propósito pautado na bilateralidade e voltado para a sociabilidade em rede (Urupá, 2014), tendo como características principais a facilidade de manipulação e a autonomia de gestão. Os blogs foram o primeiro arquétipo da web 2.0.

Mais recentemente, o professor do MIT Tim Berners-Lee cunhou a expressão Web 3.0, conceituando uma nova fase da evolução da internet definida a partir das noções centrais de descentralização, abertura, mobilidade/portabilidade e, consequentemente, atuação ainda maior do usuário em relação a Web 2.0. As redes sociais são um bom exemplo, embora a experiência do usuário ainda esteja sendo aprimorada na Web 3.0, mas além de ser um espaço de convergência de plataformas diversas, é nas redes sociais que o novo modelo de rede se faz mais visível, pois o conteúdo presente é produzido pelos próprios usuários, e não pela plataforma em si. Neste sentido, o novo fluxo da comunicação deixa de ser "de poucos para muitos" e passa a ser "de muitos para muitos". Embora não se trate de uma análise técnica, é no contexto dos primórdios da web 3.0 e na esteira da Web 2.0 que este trabalho se inscreve, abordando um objeto que só foi possível existir graças a tais evoluções no ecossistema das tecnologias de informação e comunicação.

1.1 Autocomunicação de massas: a promessa da comunicação democrática

[9] O'Reilly é fundador de uma grande empresa de mídia americana, a O'Reilly Media, e entusiasta de movimentos de apoio ao código livre e software livre. Ficou conhecido nos estudos de mídia por ter cunhado o termo Web 2.0.

Conforme explicitado acima, a internet revolucionou, dentre tantos outros campos, o campo da comunicação, impactando não somente o nível macro como também o nível microssocial. Considerando que qualquer leitura determinística acerca das tecnologias que desconsidere os processos sociais nelas incorporados está fadada a ser obsoleta, com o passar das décadas, foi possível identificar na área acadêmica diferentes prognósticos acerca do que viria a ser conhecido como a sociedade de rede. A partir de uma leitura generalista, é possível desenhar dois cenários distintos em relação às análises sobre os impactos da internet para a sociedade até o início dos anos 2000: o primeiro relaciona a internet como um instrumento de vigilância, controle e alienação, e o segundo cenário a considera uma importante ferramenta de democratização da educação e de acesso à informação, sendo celebrada por possibilitar a formação de redes virtuais que carregam um potencial libertador. Manuel Castells é um dos autores que se inscrevia, em suas primeiras obras sobre o tema, neste segundo cenário. Autor de um verdadeiro legado teórico disposto em mais de vinte livros, dentre os quais a célebre trilogia "A Era da Informação". Dado o volume e qualidade da sua contribuição para as ciências sociais, o autor chegou a ser mencionado pelo *Social Sciences Citation Index*[10] comoo quinto autor mais citado do mundo entre os anos 2000 a 2015- o mais referenciado da área de comunicação. Castells, que construiu suas bases de formação na sociologia urbana marxista, discorre sobre a sociedade da informação, pois acredita que, atualmente, o processo de comunicação tem relação direta com a forma pela qual o poder se organiza e circula nas diversas áreas de prática social (Castells, 2009).

A leitura de Castells sobre este fenômeno pode ser separada em dois momentos, dos quais iremos nos debruçar sobre o primeiro, que compreende obras como "A galáxia da Internet" (2001), "Comunicação, poder e contrapoder na sociedade de rede" (2007) e "O poder da comunicação" (2015). Em poucas palavras, havia nessas obras um ar de celebração a um novo momento da comunicação, pois segundo o autor, as novas tecnologias de informação e comunicação possibilitaram a prática da comunicação livre e horizontal, com potenciais democráticos. Castells explica:

> A comunicação livre é a prática mais subversiva de todas, pois desafia o poder dos relacionamentos incorporados às instituições e organizações da sociedade. (...) qualquer nova tecnologia de comunicação, tal como a prensa de impressão, é um desafio à autoridade. (Castells, 2015, p.31).

[10] O S*ocial Sciences Citation Index* está disponível em: http://annenberg.usc.edu/sites/default/files/2017/03/27/CitationIndex_SocialScience-2015.pdf Acesso em 16/03/2023.

Ainda em seus escritos anteriores, Castells (2001) afirma que o advento e popularização da internet é uma revolução com potencial comparável ao da invenção da máquina a vapor e da eletricidade e, no campo das comunicações, se equipara ao impacto do surgimento da imprensa, do rádio e da televisão; todos esses itens revolucionaram o funcionamento tradicional das sociedades modernas (Urupá, 2016) e as conduziram para uma dinâmica completamente nova. Este novo contexto, segundo Castells, resultaria na subversão da prática convencional de comunicação, ao colocar novos atores sociais na produção dos conteúdos informacionais, o que pode apontar para uma saída democrática por se colocar como uma alternativa aos domínios das elites políticas e econômicas. Neste sentido, ainda no início da década de 2010[11], Castells entendia que a internet possibilitava uma comunicação *irrestrita*, sem censura e com altíssimo grau de liberdade: "Jovens que dominam tecnologia podem, com algumas ideias e pouco dinheiro, criar companhias que desafiam as restrições impostas pelos negócios oligopolistas à livre comunicação" (Castells, 2015, p. 30). De acordo com o autor, considerando que o processo comunicacional medeia a forma através da qual as relações de poder são construídas e desafiadas, romper com a lógica tradicional de comunicação vertical - presente nos meios de comunicação de massa mais antigos como a televisão, o rádio e os jornais impressos- cujo fluxo segue a linha "de poucos para muitos", é dissolver o modelo de emissão e consumo de informação centralizado. Neste contexto, o surgimento dessa forma de comunicação historicamente nova e com potencial de atingir um público global surge como a plataforma privilegiada voltada para a ampliação da democracia:

> A razão de fundo é que se generalizou uma compreensão da internet como a realização mais acabada do ideal de ação comunicativa habermasiano: indivíduos livres interagindo sem lastros analógicos, de modo que sua racionalidade comum possa emergir sem restrições. (Rendueles, 2016, p. 61)

Nos termos de Castells, que enfatiza a relação entre poder e o controle estratégico de informação, o meio digital propicia que o fluxo de produção/consumo de informações ocorra sem intermediários. Esta concepção é compartilhada pelo filósofo Byung-Chul Han (2018), que afirma que "A interconexão digital favorece a comunicação simétrica (...) Não há qualquer hierarquia inequívoca que separe o emissor e o receptor" (Han, 2018, p. 15). Segundo o filósofo sul-coreano, a comunicação do poder ocorre de forma unilateral que também é necessariamente vertical, hierárquica e impõe uma comunicação assimétrica; neste sentido, "quanto maior for o grau de assimetria, maior o poder" (Idem, p. 53). Assim sendo, o "refluxo da comunicação",

[11] "O Poder da Comunicação" foi publicado originalmente em 2009 e foi traduzido para português apenas em 2015.

fundamentado na lógica da simetria entre emissor e receptor, tem o potencial de destruir a própria ordem do poder, levando-nos, consequentemente, a um ambiente mais democrático. Para autores como Han e Castells, há uma simetria entre emissor e receptor, o que míngua o exercício do poder vertical de um ator-emissor em relação ao ator-receptor e garante a autonomia dos sujeitos ao se comunicarem amplamente o que, segundo eles, não tem precedentes.

O referido potencial libertador defendido por Castells se concretizaria, portanto, através do que ele chama de *autocomunicação de massas*: essa nova dinâmica da era digital propiciou a transformação da comunicação de massa para um novo processo pautado na intercomunicação individual, cujo fluxo, diferentemente do primeiro, é descentralizado, irrestrito e multimodal. O conceito diz respeito à autonomia do antigo receptor das informações em relação à produção da mesma; o indivíduo passa a ter autonomia na emissão de conteúdo, na seleção da recepção de outros conteúdos e no que ele chama de "organização de um hipertexto cognitivo e informativo em que estão todas as informações digitalizadas" (Bressane, 2013, s.p.). A alusão ao termo "de massa" no conceito procura resgatar a ideia de "comunicação de massa", fazendo referência à abrangência e ao alcance possível do conteúdo produzido por indivíduos; segundo o autor, essa nova forma de "fazer notícia" seria o exemplo concreto da substituição da comunicação de massas pela "era da comunicação compartilhada". A partir da noção de autocomunicação é possível, portanto, ampliar a ideia de sociedade em rede para as esferas políticas -visto que o mesmo quebra com a lógica da hegemonia informacional- e, com isso, considera-lo para uma análise profunda sobre as mudanças na produção de conteúdo informacional.

A noção de autocomunicação de massas pode ser caracterizada através dos seguintes aspectos: (1) o enorme alcance das mensagens; (2) o fato de ser multimodal, porque permite que qualquer conteúdo seja digitalizado/reformatado para qualquer forma para ser divulgado; (3) seu conteúdo é autogerado; (4) sua emissão/entrega para o público consumidor é autodirecionada; e, por fim, (5) a recepção/resgate do conteúdo é autosselecionado (Idem, p.118). Castells explica:

> Deste modo, múltiplas mensagens emergem e múltiplos sentidos podem ser construídos por atores que às vezes concordam sobre o sentido dado e às vezes discordam sobre a construção desse sentido, mas que são, no entanto, amplamente independentes em relação à estratégia de estabelecimento de agendas realizada por aqueles que decidem no paradigma da comunicação em massa. (Idem, p. 32)

Desta forma, a internet era lida por Castells como fundamental à cultura da liberdade e para a garantia da autonomia em relação à construção e compartilhamento de conhecimentos, desenvolvendo-se ao largo dos grandes oligopólios da mídia vertical e possibilitando a emergência de um contra-discurso em relação ao "oficial". É importante destacar que esta análise castellana é desenvolvida no contexto do surgimento de vários movimentos sociais e manifestações culturais locais cuja articulação foi possibilitada a partir da tecnologia da internet. Sua obra "O Poder da Comunicação" descreve com entusiasmo a centralidade das redes para a inovadora campanha primária de Barack Obama em 2008, para o movimento ambiental que denunciava os perigos do aquecimento global, bem como para a insurgência de pequenos grupos de resistência aos mais diversos atentados à democracia ao redor do mundo. Ainda em 2012, Castells lança um livro que remete a este tema. Em "Redes de Indignação e Esperança", o autor analisa movimentos como o Occupy nos Estados Unidos, a Primavera Árabe e os Indignados na Espanha, abordando a centralidade da internet enquanto espaço de autonomia que possibilitou a construção de movimentos concretos, pautados em comunicação horizontal, que inauguram um novo modelo de participação cidadã. Neste sentido, a perspectiva otimista adotada pelo sociólogo espanhol parte de um contexto bem definido: a arquitetura das redes possibilitava um sistema de comunicação aberto no conteúdo das mensagens, flexível, diverso, inclusivo e abrangente, que foi palco de inúmeros movimentos que se contrapunham em relação às mais diversas elites.

Os termos desenhados por Castells versam sobre a velha democracia institucional vertical, burocrática e obsoleta em face a uma nova forma de fazer política através da horizontalização/democratização da comunicação através das redes. Esta segunda é abordada em seus termos de dinamismo, liberdade, autonomia, enquanto a primeira é posta em termos de uma estrutura social historicamente superada (Idem, p.52). Através da autocomunicação de massa, portanto, a sociedade não terá sua oferta de informações limitadas ou agendadas por um processo editorial, tomando as rédeas do processo comunicacional na medida em que a produção de conteúdos torna-se acessível para qualquer jovem que domina a tecnologia, "com muitas ideias e pouco dinheiro" (Idem, p.30). Esses indivíduos passam então a ter o poder de desafiar "as restrições impostas pelos negócios oligopolistas" (Idem) que caracterizam a comunicação de massa:

> A interação entre comunicação e poder, então, se torna muito mais indefinida, conforme seja permitido que o gênio da liberdade saia da garrafa lacrada da mídia e as pessoas pelo mundo abracem essa nova liberdade (Idem, p.32)

Assim sendo, a autocomunicação de massa, através da relação simétrica entre emissor e receptor, inaugura também uma nova forma de poder exercido pelo direito de comunicar qualquer coisa, a qualquer tempo e a qualquer pessoa: o contrapoder. Nesses termos, o *poder* concerne às instituições e ao controle da comunicação, enquanto o *contrapoder* refere-se à ação coletiva de atores sociais que não consideram seus valores e/ou interesses suficientemente representados por essas instituições. Para exemplificar essa noção, Castells se debruça sobre os recentes movimentos sociais articulados originalmente através das redes sociais[12], que se organizam de forma espontânea e são tidos como importantes agentes de contrapoder na sociedade em redes. Tais movimentos sociais emergentes se "(...)originam de um chamado à ação do espaço dos fluxos que visa criar uma comunidade instantânea de prática insurgente no espaço dos lugares" (Idem, p.50).

Dentre as características mais importantes nesta arquitetura de rede abordada por Castells, justamente por diferenciá-la de forma definitiva à verticalidade da comunicação de massas, é a ausência de mediação na emissão e disseminação dos conteúdos. Trazendo para um contexto contemporâneo onde a temporalidade das redes é relativizada, a não-mediação entre o real e o que é transmitido em termos de informação é valorizada enquanto experiência, por exemplo: vídeos de streaming que divulgam para a rede global de internet acontecimentos que ainda estão em curso oferecem ao leitor/espectador uma experiência de estar acompanhando o evento *enquanto ele acontece*. Nas palavras de Han (2022, p. 35), essa conjuntura traz consequências ao âmbito cognitivo dos leitores/espectadores: "Não é possível demorar em informações. A coação de aceleração inerente às informações recalca as práticas de tempo intensivo ou cognitivas, como o saber, a experiência e a compreensão". Cesarino (2022, p. 232) também alerta para outros perigos. De acordo com a antropóloga, essa experiência de não-mediação produz uma relação direta com a confiança: "Quanto menos mediações, mais confiança: a (falsa) experiência de presenciar um evento em primeira mão carrega um peso de verdade com o qual é impossível aos 'profissionais da verdade' competir". Em contrapartida, a estrutura tradicional de mídia configura-se de forma muito mais lenta e pesada, com procedimentos que vão desde a checagem e edição até a publicação do conteúdo.

Estudos desenvolvidos sobre a mídia de massas discorreram acerca dos agentes de mediação que ficaram conhecidos como *gatekeepers,* responsáveis por *fornecer acesso* à

[12] Como exemplos de movimentos de contrapoder relacionados às redes digitais de comunicação, Castells cita a experiência dos WikiLeaks e a ascensão de movimentos contrários aos regimes não democráticos entre 2010 e 2012 em mais de cem diferentes países.

informação[13]. Essa noção não se refere unicamente a indivíduos, mas segundo Castells (Idem, p. 254) pode ser compreendida a partir de quatro níveis: (1) controle organizacional - tanto de entidades governamentais quanto de empresas-; (2) decisões editoriais; (3) escolhas dasequipes de jornalismo envolvidas e (4) a adequação dos veículos à sua função informativa, quetange questões como credibilidade e relevância. Em outras palavras, a referência é uma críticaà noção de objetividade jornalística e uma alusão à ideia de *filtros*, através dos quais as mensagens chegam ao seu público, ou não. Apesar da teoria do *gatekeeping* ter sido muito mais complexificada do que o exposto, a noção destacada aqui é a ideia de mediação entre o real e o que é transmitido através da informação.

A existência de "filtros" de mediação entre o "real" e o público se complexificou progressivamente na medida em que a Web 2.0 foi dando lugar à Web 3.0, conforme será abordado mais à frente, porém, na conjuntura celebrada por Castells (2015) a possibilidade de uma comunicação direta entre emissor e leitor era revolucionária. Na web 2.0 descrita por Castells não havia tutela: "Todas as pessoas e todas as coisas encontram uma maneira de existir nesse texto de comunicação entrelaçado, multimodal e interativo" (Idem, p. 189). Isso possibilitava, segundo o autor, uma comunicação direta que escapava aos quatro níveis de *gatekeeping*, pois o conteúdo era autogerado, sua emissão era autodirecionada e sua recepção era autosselecionada.

As maravilhas do ambiente comunicacional supostamente não mediado somou-se aos demais atributos que tornavam a sociedade de rede um ambiente horizontalizado cuja participação democrática torna-se possível e provável. Apesar de Castells, a partir de 2015, passar a considerar em sua análise o peso potencialmente regulador de alguns governos e/ou empresas que tentam "confinar as redes de telecomunicações em seus ´jardins murados´" (Idem, p. 473), o autor destaca a persistência do "poder das redes" e as possibilidades de articulação de pessoas reais tornarem-se atores de mudança social. Nas considerações finais da sua obra, afirma:

> Envolvendo-se na produção cultural da mídia de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da Era da Informação se tornarão capazes de inventar novos programas para suas vidas com os materiais do seu sofrimento, medos, sonhos e esperanças. Eles subvertem a prática da comunicação convencional ocupando o meio de comunicação e criando a mensagem. Eles vencem a falta de poder (...) eles lutam contra os poderes constituídos identificando as redes existentes (Idem, p. 485)

[13] Sobre os gatekeepers da informação, ver: Curran, 2002, Bennet, 2007 e Bosetti, 2007.

No sentido sugerido por Castells, a centralidade das redes de comunicação perpassa o processo de geração de poder em qualquer outra rede, então:

> Se o poder é exercido pela programação e comutação de redes, o contrapoder, a tentativa deliberada de mudar as relações de poder, é posto em prática pela reprogramação das redes em torno de interesses e valores alternativos e/ou interrompendo as comutações predominantes ao mesmo tempo que são comutadas redes de resistência e mudança social (Idem, p. 484).

É possível concluir então que Castells elaborou uma teoria que pavimentava os caminhos para uma mudança social de maior participação popular amparado pelo potencial libertador da internet, desde a ênfase dada à noção de autocomunicação de massas ao seu esforço em vinculá-la à ideia de contrapoder. Este projeto foi teorizado por Castells por mais de uma década, adequando-se, sempre que possível, às novidades do campo das tecnologias de informação e comunicação. Porém, com o passar dos anos e o desenvolvimento intenso das TICs em âmbito global, tal conjuntura foi modificada a tal ponto que se inaugurou um novo momento da internet: a supracitada Web 3.0. Neste novo contexto, os usos das redes foram radicalmente modificados, bem como as legislações e regulamentações (ou a ausência delas) ao redor do mundo: as empresas de tecnologia, em geral, capitanearam essas mudanças e as introduziram no dia a dia do usuário. Por fim, a realidade social se impôs e evidenciou as brechas contidas na teorização da utopia digital desenvolvida por Castells.

1.2 O fim da utopia digital: as redes na prática e os efeitos não antecipados da não mediação

Poucos anos depois da publicação de "O Poder da Comunicação", Castells publica o pequeno livro "Ruptura: a crise da democracia liberal" (2017), onde atualiza sua perspectiva e, consequentemente, expectativas acerca das potencialidades das redes digitais a partir de uma breve análise de conjuntura política e social. "Ruptura" inicia-se com um tom completamente diferente à inflexão esperançosa do livro anterior, cuja frase de abertura antecipa o prognóstico: "Sopram ventos malignos no planeta azul".

Castells discorre sobre o que ele entende ser uma *crise generalizada* nas sociedades ocidentais, acarretada pela soma de outras múltiplas crises que incluem a desconfiança nas instituições, o colapso gradual do modelo de política representativa, crise econômica, dentre outras questões fundamentalmente caras à democracia. A análise trazida por Castells apresenta o que ele afirma ser a origem de todas as crises: a crise da democracia liberal. O autor relaciona a crise da política representativa a um processo de autodestruição da legitimidade institucional,

catapultado pelos sentimentos de desconfiança e reprovação moral sobre a política e os políticos. O autor explica as consequências deste processo:

> E como num mundo de redes digitais em que *todos podem se expressar* não há outra regra além da *autonomia e da liberdade de expressão*, os controles e censuras tradicionais se desativam, as mensagens de todo tipo formam uma onda bravia e multiforme, os *bots* multiplicam e difundem imagens e frases lapidares aos milhares, e o mundo da pós-verdade, do qual a mídia tradicional acaba participando, transforma a incerteza na única verdade confiável: a minha, a de cada um. (Castells, 2017, p.28. Grifo nosso)

Este trecho evidencia que, embora nessa obra Castells se remeta a um outro momento das redes digitais, dado que o autor cita a noção de pós-verdade, o caráter emancipador e libertário das redes ainda aparece como uma promessa. Ao longo do livro, inclusive, a noção de pós-verdade vem sendo costurada às mídias tradicionais e hegemônicas. As redes digitais passam a largo dessa crítica, como se não fossem, elas mesmas, também uma tecnologia de informação e comunicação que, através da autocomunicação de massas, tornam-se canais de descentralização, produção e veiculação de informações.

Neste sentido, portanto, apesar de "Ruptura" já pautar alguns indicadores fundamentais para pensar criticamente sobre a relação entre internet e democracia (como a ideia de "*bots*"), Castells insiste na noção de que o potencial comunicacional horizontal pode ser a saída para "um novo sistema político permeável às críticas dos cidadãos" (Idem, p.143). O autor alude à experiência do movimento espanhol 15-M enquanto um embrião de regeneração democrática, como uma política transformadora "capaz de responder à deterioração democrática com novas propostas de participação política e autonomia" (idem) diante do solapamento da velha política.

Talvez o seu passado marxista explicasse o porquê de Castells buscar, insistentemente, produzir uma saída de esperança e redenção- postura que se transforma com o passar dos anos e, consequentemente, da concretização de um horizonte não tão promissor para a utopia digital.

Castells circunscreve "Ruptura" num contexto de transformações profundas em curso. Nas considerações finais, onde parece se dirigir mais diretamente ao público leitor, busca pensar os caminhos possíveis em meio ao "caos". Ao fazer referência à famosa frase de Gramsci sobre a velha ordem que já não existe e uma nova ordem que está em vias de formação[14], o autor cita dinâmicas como a do partido Podemos, da Espanha, alegando que se trata de um protótipo vivo de que "outra política, e outra democracia, são possíveis no século XXI" (Idem). Sobre o Podemos, afirma:

> Há projetos embrionários pelos quais tenho respeito e simpatia, sobretudo porque me emocionam a sinceridade e a generosidade de tanta gente. Mas não são instituições

[14] A frase é: "A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, umas grandes variedades de sintomas mórbidos aparecem. " Em *Selections of the Prison Notebooks*; International Publishers, New York, 1971; págs. 275-276.

> estáveis, não são protopartidos ou pré-Estados. São humanos agindo como humanos. Utilizando a capacidade de autocomunicação, deliberação, codecisão de que agora dispomos na Galáxia Internet. Pondo em prática o enorme caudal de informações e conhecimento de que dispomos para gerir nossos problemas. Resolvendo o que vai surgindo a cada instante. E reconstruindo de baixo pra cima o tecido de nossas vidas, no pessoal e no social. (Idem 147)

Isso posto, é possível identificar certa mudança na perspectiva de Castells entre "Redes de Indignação e Esperança" (2012) e "Ruptura" (2017), decorrente do hiato entre as *expectativas* acerca do uso das redes digitais - associadas à quebra da hegemonia dos veículos tradicionais e, consequentemente, à emergência de um ambiente horizontal de comunicação livre, voltado para uma tomada democrática e popular- e os *efeitos não pretendidos* do uso real deste ambiente hiperconectado, que, dentre outras coisas, propiciou o compartilhamento massivo de teorias da conspiração, incentivou o relativismo e a radicalização, e tornando turva a distinção entre fatos e factoides, viabilizando, por fim, a eclosão da era da pós-verdade.

1.2.1 O contraponto do ciberfetichismo

Em contrapartida a este cenário pintado por Castells, que ressalta os benefícios do que chama de "*gênio da liberdade*" que, segundo afirma, saiu definitivamente "*da garrafa lacrada da mídia*", a realidade empírica tem mostrado que o potencial das redes virtuais para a promoção de autocomunicação de massa não é, necessariamente, um estímulo à democracia. Retomando a célebre frase de Gramsci, a emergência de alguns "sintomas mórbidos" no processo de formação de uma nova ordem é inevitável. O fenômeno da pós-verdade e suas incontáveis nuances vem sendo documentado e analisado por estudiosos de várias áreas nas últimas duas décadas, dada a abrangência dos seus efeitos e consequências. Apesar do termo ter sido cunhado ainda nos anos 1990[15], foi apenas nos anos 2010 que a noção de pós-verdade passou a ser massivamente compartilhada por comentaristas políticos como uma forma de apreender a conjuntura contemporânea de vários países do ocidente. O dicionário Oxford chegou a eleger "*post-truth*" como palavra do ano em 2016[16], definida como "circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais" (tradução nossa). O *boom* de citações da noção de pós-verdade a partir de 2016, que foi o motivo pelo qual a Oxford justificou sua eleição a palavra do ano, está relacionada à cultura da internet, embora não apenas. Dentre os estudiosos que investigam essa relação, é possível identificar perspectivas mais otimistas, como a de Castells, e outras menos otimistas, como a do jovem sociólogo espanhol César Rendueles, que em seu livro "Sociofobia:

[15] Mais especificamente em 1992, quando o dramaturgo Steve Tesich o utilizou ao fazer uma análise sobre a Guerra do Golfo. Ver: Araújo (2020); Santaella (2019).

[16] Ver: https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/ Acesso em: 20/03/2023

mudança política na era da utopia digital" (2016) expõe uma interessante leitura das redes apoiadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Logo de início, Rendueles destaca sua posição:

> Basicamente, penso que a internet não é um sofisticado laboratório onde estão feitos experimentos com delicadas cepas de comunidade futura. É antes um zoológico em ruínas onde se conservam os velhos e surrados problemas que ainda nos afligem, embora prefiramos não vê-los. (Rendueles, 2016, p.49)

Em seu primeiro livro publicado no Brasil, Rendueles desenvolve uma crítica robusta à forma como as ciências sociais têm trabalhado a cultura digital, estendendo, a partir de um tom ensaístico e provocador, a crítica à sociedade como um todo. Apesar de ser um texto menos hermético que as publicações acadêmicas convencionais, o livro traz *insights* muito ricos e muito bem embasados em referências no campo da sociologia, filosofia e economia.

O cerne da crítica de Rendueles se manifesta a partir dos paralelos que o autor traça entre as relações *virtuais*[17], possibilitadas através das redes e difundida através da popularização da internet, e as relações *concretas* e dificuldades empíricas do "mundo analógico". De maneira cuidadosa, o autor argumenta que, embora o potencial da internet como ferramenta fundamental para proporcionar a difusão de informação seja inegável, a sua importância não se justifica em si mesma. Em outras palavras, é necessário considerar que a efetividade das redes virtuais para alcançar esse potencial libertador e democrático depende necessariamente, assim como qualquer outra ferramenta, dos seus usos. O objetivo aqui é afastar-se de qualquer possibilidade de determinismo tecnológico, ou seja, a crença de que os fenômenos são determinados pela tecnologia, e não pela maneira como as relações sociais condicionam seus usos. Embora sejam leituras distintas, essa noção abordada por Rendueles é compartilhada por Castells, que afirma:

> (...) a expansão da intercomunicação individual deu suporte a uma inesperada e extraordinária ampliação da habilidade de atores individuais e sociais desafiarem o poder do Estado. Claramente isso não é efeito da internet. Nenhuma tecnologia determina coisa alguma, uma vez que processos sociais estão incorporados em um conjunto complexo de relações sociais. (Castells, 2015, p.34)

O que difere as perspectivas dos dois autores, neste sentido, é que Castells considera o poder das redes como parte de uma cultura material, que incorpora aspectos do *mundo analógico*. O autor declara que "(...) o poder da rede, como incorporado na internet, não é simplesmente um aspecto tecnológico, pois a internet, como todas as tecnologias, é cultura material, portanto,

[17] Apesar de optarmos por não utilizar o termo "virtual" como sinônimo de "digital", mantivemos aqui a expressão utilizada pelo autor em seu livro.

incorpora uma construção cultural" (Idem, p. 34). Portanto, ainda que o autor afirme que não "Nenhuma tecnologia determina coisa alguma, uma vez que processos sociais estão incorporados em um conjunto complexo de relações sociais" (Idem) -e ressalte que, especialmente a tecnologia da comunicação, não se associa necessariamente à noção e neutralidade- ele enfatiza frequentemente que a internet é uma ferramenta capaz de *conceber* uma cultura, cujo advento é relacionado intimamente com a incorporação das construções culturais no *mundo analógico*. Neste sentido, segundo Castells, o mundo virtual também produz cultura material, ainda que incorpore parcialmente uma construção cultural, tornando a tecnologia da comunicação como um como fator determinante sobre os processos de tomada de poder: "No caso da internet, a cultura é a liberdade" (Idem, p.35)

Em contrapartida a essa visão, Rendueles argumenta que o caminho é inverso: não há, necessariamente, uma equivalência entre a construção cultural dos espaços digitais e o mundo analógico. Essa conjuntura só faria sentido em uma *Utopia Virtual* –conceito desenvolvido por Rendueles para antagonizar com o que ele chama de "teóricos da ciberdemocracia"[18]. Há, entretanto, o caminho oposto: cabem às grandes transformações sociais do mundo analógico desenvolver os usos da tecnologia que ainda não permeiam nosso imaginário. Em outras palavras, estando a tecnologia da comunicação inserida em um contexto social e cultural, as mudanças almejadas pela Utopia Virtual só serão alcançadas caso tenham força para transpor os limites do ambiente virtual e serem aplicados na *práxis*. Rendueles aponta ainda que é mais provável que uma transformação social pujante surja "de fora para dentro", considerando primeiro todas as limitações e dificuldades empíricas do mundo analógico e construindo uma estrutura que "sustente" o virtual. Em síntese: por mais arrebatadoras que pareçam, "novas vias de mudança sociopolítica oferecidas aos atores sociais pela ascensão da intercomunicação individual" (Castells, 2015, p.34) não garantem, por si só, o diálogo, a ampliação da participação democrática ou a liberdade. Sobre este tópico, Rendueles provoca:

> (...) a internet teria realizado a utopia sociológica do comunismo: um delicado equilíbrio entre liberdade individual e calor humano comunitário, ou pelo menos o sucedâneo que o *Facebook* e o Google possam nos proporcionar. Os filósofos do século XVII usavam a analogia do relógio para descrever o ambiente natural e a subjetividade humana. Hoje os cientistas sociais utilizam a metáfora da rede para explicar todo tipo de relações, mediadas ou não pela tecnologia digital: as migrações, o trabalho, o sexo, a cultura, a família... (Rendueles, 2016, p.46)

[18] Termo utilizado por Rendueles em entrevista para ao portal Uai, disponível em: https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2017/03/31/noticias-artes-e-livros,204359/em-sociofobia-cesar-rendueles-questiona-transformacoes-tecnologicas.shtml Acesso em 10/11/2020.

A crítica endereçada à Utopia Digital por Rendueles, apesar de contundente e das notas de ironia, está longe de ser uma crítica vazia: sua argumentação articula conceitos fundamentais da teoria marxista na construção de uma crítica anticapitalista robusta e engajada. O que o autor faz através da noção de Utopia Digital é um alerta, especialmente para os cientistas sociais, para o que ele chama de autoengano ou *ciberfetichismo*. No trecho citado acima, por exemplo, ele adverte sobre um uso arbitrário e generalista das teorias de rede para explicar distintos fenômenos sociais, argumentando ao longo do texto que o exercício da reflexão política não se resume à reunião coerente de preferências facilitada por algum dispositivo técnico –é o que ele chama de "culto à sociedade de rede". Isso porque, partindo de sua lógica, a questão da emancipação democrática –tão central à transformação social- não deve ser resumida às alternativas aventadas pelos que acreditam na Utopia Digital: eis o perigo de relegar à tecnologia o status de meio único para a emancipação. A necessidade de pautar o autoengano se dá, portanto, pelo fato de Rendueles identificar uma forte orientação nas ciências sociais que vê nas redes virtuais a solução mágica para o acesso democrático à prática política, construindo soluções fictícias ao largo do contexto social, cultural e institucional em que se desenvolverão empiricamente.

Uma outra característica marcante do ciberfetichismo, citada por Rendueles como nociva à mobilização política, é a falsa sensação de consenso que pode ser construída através das redes virtuais. Esse assunto é também trabalhado de formas distintas por outros autores que devem, possivelmente, se encaixar na categoria criada por Rendueles de *teóricos da ciberdemocracia*. Há quem veja na comunicação digital um potencial messiânico, como aponta Han (2018, p. 59), um bom exemplo disto é Vilém Flusser, que em seu livro "Medienkultur" (1997) descreve a sociedade da informação como um campo neutro, ideal para "eliminar a ideologia do ensimesmamento em benefício do reconhecimento que existimos uns para os outros e de que ninguém existe só para si" (Flusser, 2007, p.146). Neste sentido, Flusser defende que a comunicação através das redes leva à formação de um corpo social coeso que favorece a "supressão da realização de si tendo em vista uma realização intersubjetiva" (Flusser, 2007 p.212)[19].

O "messianismo da interconexão" de Flusser apontado por Byung Chul-Han é um exemplo claro de Utopia Digital, ainda que Han não utilize estes termos. De acordo com o sul-coreano, a comunicação digital causa, na verdade, uma erosão do sentido de comunidade. Essa

[19] A própria noção desenvolvida por Castells dos movimentos sociais originados nas redes virtuais serem "comunidades instantâneas de práticas insurgentes" dialoga com a "realização intersubjetiva" de Flusser.

noção de *intersubjetividade virtual*, nos termos de Rendueles, não passa de uma percepção individual que não condiz com a realidade empírica. Segundo coloca o sociólogo espanhol, as conexões entre sujeitos privados que são formadas através das tecnologias da comunicação - especialmente quando tais conexões se dão por articulações pontuais- podem passar a falsa sensação de coesão necessária para a mobilização, porém o autor salienta que tal coesão pode ser mais um delírio utópico, dado que:

> A democracia não pode ser fragmentada em pacotes de decisões individuais porque está relacionada aos compromissos que nos constituem como indivíduos com algum tipo de coerência, com um passado e alguma remota expectativa de futuro. E essa é uma realidade antropológica incomparável com o ciberfetichismo e a sociofobia. (Rendueles, 2016, p.194)

Seguindo esta lógica, Rendueles ressalta que a concepção do mundo virtual como plataforma ideal para a ampliação democrática, da cooperação e da participação popular já foi, por diversas vezes, confrontada com a realidade do mundo analógico. O autor explica que:

> O meio digital nos proporciona uma espécie de muletas tecnológicas que dão um sucedâneo de estabilidade às nossas preferências esporádicas. A internet gera uma ilusão de intersubjetividade que, no entanto, não chega a nos comprometer com normal, pessoas e valores. (Idem, p.193)

De acordo com Rendueles, portanto, a ilusão da formação de uma intersubjetividade virtual insurgente e articulada politicamente é, portanto, mais um exemplo do dogma fetichista do da Utopia Digital. Ao destacar os entraves contrários à concepção ciberfetichista, Rendueles faz um contraponto contundente à visão mais otimista dos usos das redes para mobilização política. Neste sentido, não é que Rendueles negue a possibilidade de uma correlação positiva entre as mobilizações originadas nas redes virtuais e as que resultam em impactos na esfera pública, mas ressalta a necessidade de haver certa homologia entre o que é proposto no âmbito *online* com o que realizado no mundo *offline*. Ainda que a crítica do sociólogo espanhol seja bastante pertinente, alguns estudos vêm apontando para a importância de se apreender a pequena parcela de movimentos que transpõem a barreira do *online* para o *offline* que, apesar de não terem necessariamente uma grande abrangência em termos de números, têm se mostrado implacáveis na tarefa de conquistar mentes e corações[20].

Ainda em 2003, em um artigo instigante que costura conceitos da filosofia política com os estudos de mídia, John Downey e Natalie Fenton salientam a escalada do que nomearam "*non-mass media*", ou a mídia que representa essencialmente o oposto da mídia de massas ou

[20] Referência a Clovis Rossi (1995), que define o jornalismo como "uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações".

a mídia hegemônica. A *non-mass media* também pode ser conhecida como mídia alternativa, não convencional, de fora do mainstream e, apesar de se colocar em oposição ao hegemônico, representa um "reino cultural de produção vasto e variado, que é frequentemente baseado na participação cidadã" (O'sullivan *et al*., 1994 apud Downey & Fenton, 2003, p. 185). Além disso, apesar de não ter surgido em um contexto de digitalização, foi a partir da web 2.0 que esses veículos de mídia passaram a ter um enorme impulso de visibilidade e escalabilidade. Downey e Fenton ressaltam que esta área de estudos, apesar de sua crescente importância para a emergência de movimentos de cunho "alternativo", é ainda pouco pesquisada e sub-teorizada, por isso eles oferecem um quadro teórico para fundamentar novas análises. Este trabalho, portanto, analisa um veículo da *non-mass media* e seus respectivos "sintomas mórbidos", fomentando a discussão acerca das interseções que estas têm com a vida pública e política. Para este fim, torna-se fundamental retomar algumas questões relativas às lógicas de produção e de consumo de informações.

1.3 Mudanças no fluxo comunicacional: novas lógicas de produção e consumo de informações

As dificuldades concernentes à produção de análises de acontecimentos que ainda estão em curso são evidentes. Tratar de um tema tão atual e oscilante tem algumas particularidades, dentre elas a dificuldade de encontrar análises de conjunturas sérias e bem fundamentadas. Considerando isto, optamos por eleger aspectos, estratos e/ou conceitos específicos de diferentes autores com o objetivo de oferecer ferramentas relevantes para a compreensão do contexto no qual este trabalho se circunscreve e sobre o qual ele se fundamenta para produzir seu diagnóstico. Tratando-se de um tema extremamente relevante e contemporâneo, é natural que haja uma gama considerável de produções acadêmicas que tenham este contexto enquanto pano de fundo ou que tentam responder a questões relacionadas às que trataremos aqui, porém nem todas as produções são igualmente robustas ou têm aplicabilidade no contexto/objeto específicos que serão aqui abordados. Por este motivo serão apresentadas algumas noções que consideramos incontornáveis para apreender as condições objetivas que tornaram possível a conjuntura analisada nesta tese, em especial a relação entre este novo fluxo comunicacional e a ascensão de forças da extrema direita no Brasil e em diversos outros países do mundo.

O intuito desta segunda parte do primeiro capítulo é introduzir o leitor no contexto do que chamamos aqui de "novo fluxo de comunicação e consumo de informação", trazendo elementos que o ajudem a apreender o cenário brasileiro atual. Essa discussão inicial será

fundamental para entender também as condições de possibilidade que tornaram possível a eclosão de veículos de autocomunicação de massa como o jornal Brasil Sem Medo, objeto desta tese, assim como a relevância de figuras como Olavo de Carvalho para o cenário político do País.

1.4 A internet no centro do ecossistema Informativo

No início do capítulo foram apresentados alguns dados recentes referentes ao uso da internet para acessar informações. O que impressiona é observar a velocidade que estes números foram mudando ao longo da última década: 2013 foi o primeiro ano em que o investimento publicitário em mídias digitais ultrapassou o valor do investimento em televisão nos Estados Unidos, onde o acesso à internet móvel era incomparavelmente maior se compararmos a países como o Brasil. De lá para cá, essa troca de alocação no investimento publicitário da televisão para as mídias digitais tem sido uma constante inconteste. Além da publicidade online em ascensão, naquele ano o relatório "*2013 Brazil Digital Future in Focus*"[21] publicado pela empresa estadunidense de análise de mídias Comscore pontuou mudanças significativas nos hábitos de consumo de mídia, tais quais: (1) as pessoas passavam cerca de 27 horas mensais online através dos computadores, o que representada a média mais alta em toda a América Latina; (2) os aparelhos portáteis começavam a competir a atenção das pessoas com a televisão, naquele ano 6% das navegações eram feitas através de celulares e/ou tablets; (3) a audiência da internet era majoritariamente jovem: 48% dos usuários tinham entre 18 e 34 anos; (4) O *Facebook* se estabelecia como a rede social que mais capturava o tempo das pessoas, tendo um incrível aumento de 22% em relação a 2012. Houve também um aumento de 400% de acessos a vídeos através do *Facebook*.

Os números atuais expressam a dimensão desta tendência: o Brasil é, atualmente, a quinta maior população digital do mundo[22], apesar de mais de 177 milhões de brasileiros ainda enfrentem dificuldades para acessar a *world wide web*. No que diz respeito ao acesso às informações e notícias, o Brasil permanece sendo o país que mais consomem notícias online na América Latina: 96% da população, o que é acima da média global de 90%[23]. Destes 96% que consomem notícias online, 63% acessam através dos seus dispositivos móveis.

[21] Disponível em vídeo: https://www.comscore.com/por/Insights Acessado em 09/03/2023.
[22] Dado de 2024, de acordo com dados da Statista disponíveis em: https://www.statista.com/statistics/262966/number-of-internet-users-in-selected-countries/ Acesso em 22/05/2024
[23] De acordo com o relatório da Comscore 2023.

Concomitante a isso, a barreira geracional que afastava os mais velhos dos ambientes digitais foi gradualmente caindo e a internet não é mais "monopolizada" pelos jovens. Quando se trata das redes sociais através das quais as pessoas acessam as notícias, o Instagram é o preferido dos brasileiros, representando 64% das interações, seguido pelo *Twitter*, que é a plataforma mais utilizada pelos veículos de imprensa para compartilhar notícias. O tempo mensal gasto online também aumentou excessivamente: atualmente estima-se que o brasileiro passe em média impressionantes 364 horas online por mês, entre aplicativos de streaming, reuniões de trabalho e redes sociais, o que representa mais da metade do mês. Segundo este mesmo levantamento feito por uma companhia de cibersegurança[24] a partir de uma amostra robusta, das 91 horas semanais, cerca de 19 horas são dedicadas ao trabalho, as demais são voltadas para os mais distintos fins, de entretenimento à leitura de notícias.

Paralelamente a este contexto de hiperconectividade, o último relatório Digital News Report 2022 do Reuters Institute com a Universidade de Oxford, apontou um dado distinto do Brasil: mais da metade da população brasileira afirma evitar notícias de maneira ativa. Esse índice dobrou nos últimos 5 anos tanto no Brasil quanto no Reino Unido, que atingiu a marca de 46% da população evitando notícias, perdendo apenas para o Brasil, com incríveis 54% - vale salientar que a média mundial é 38%. Consequentemente, como era de se esperar, o consumo de notícias através dos meios tradicionais permanece caindo, enquanto a procura através dos meios digitais segue o caminho inverso. Dados do relatório de 2021 mostram que menos de 17% da população brasileira paga para ter acesso a notícias. O ceticismo em relação às notícias também é um dado interessante: apesar dos meios tradicionais continuarem sendo apontados como os mais confiáveis entre os brasileiros, o percentual de ceticismo vem aumentando, especialmente entre os mais novos (18 a 24 anos) e os mais velhos (55 anos ou mais).

Analistas costumam relacionar a aceleração da convergência para os meios digitais à eclosão da pandemia de COVID-19, embora reconheçam que este processo de migração dos meios tradicionais para os digitais é inevitável na medida em que o acesso à internet se fosse se popularizando. De acordo com a PNAD 2021, 90% da população brasileira tem acesso à internet em seus domicílios, chegando a 74,7% nas regiões rurais, áreas majoritariamente isoladas em comparação aos meios urbanos. Diante do monitoramento destes movimentos e dos dados apresentados, é inegável que a última década consolidou novos hábitos de consumo

[24] Pesquisa realizada em 2022 pela NordVPN, empresa de cibersegurança, que monitorou o tempo médio que os brasileiros acima de 18 anos ficavam online.

de notícias. Entretanto, algo que não fica tão explícito nestes dados é que também está em curso uma transformação na *produção* de notícias: a fragmentação do ambiente midiático é outro fator fundamental a ser considerado nesta análise.

1.4.1 Fragmentação do ambiente midiático e a oferta de opiniões político-ideológicas

Diante de uma queda crescente de credibilidade, ainda que os veículos tradicionais permaneçam sendo os mais citados em termos de confiabilidade, é de se imaginar que haja um movimento massivo de construção de outras plataformas de oferta de notícias voltadas para informar, dentre outros, este público que deixa de acessar os veículos tradicionais. Neste sentido, é possível identificar novos atores no ambiente midiático que oferecem aos leitores uma plataforma de acesso a notícias mais "direta", irrestrita, descentralizada e não mediada. Retomando o conceito apresentado anteriormente, são protótipos da autocomunicação de massas castelliana. De acordo com David Foster Wallace (2005), a conjuntura midiática ainda no início dos anos 2000 estava caminhando para um verdadeiro "caleidoscópio de opções informativas". O autor explica que a proliferação de veículos de comunicação -impressos, na tv e online- havia produzido um caleidoscópio de opções informativas que, segundo ele, deu origem a um:

> (...) tipo de relativismo que os conservadores culturais condenam, uma espécie de vale-tudo epistêmico em que 'a verdade' é totalmente uma questão de perspectiva e agenda. Em alguns aspectos, toda essa variedade é provavelmente boa, produtiva de diferenças e diálogos e assim por diante. Mas também pode ser confuso e estressante para o cidadão comum.

Esta conjuntura é, portanto, a concretização do ideal castelliano de comunicação de massas, visto que a grande oferta de fontes de notícias quebra com a lógica da hegemonia informacional dos grandes veículos de mídia. Neste sentido, houve também uma forte transformação na lógica de produção de notícias: a mídia tradicional passou a competir o espaço dentro e fora das redes com outros produtores de conteúdos informativos, novos atores que alimentam sites de notícias diárias ou produzem vídeos e/ou podcasts para os mais diferentes players, disputando a atenção dos leitores enquanto fonte de informações. Esta maneira fundamentalmente relacional de observar o ambiente midiático remete à leitura bourdieusiana de *campo jornalístico*, ainda mais se pensarmos seu status de fragmentação gradual. Pierre Bourdieu, ao refletir sobre os espaços de produção simbólica, concluiu que o campo jornalístico seria, conforme todo "campo" em sua teoria, como um espaço estruturado, ou um microcosmo, que possui regras próprias, ancorados em relações assimétricas, onde há

dominantes e dominados, bem como opera a partir de uma lógica particular. Em poucas palavras, o que diferencia o *campo jornalístico* é o seu grau de autonomia relativa em relação a outros dois campos: o campo jornalístico, de acordo com Bourdieu, sofreria com certa dependência dos campos econômico e político[25]. O objetivo do autor ao escrever sobre o campo jornalístico é evidenciar, portanto, a forma com que as macroestruturas estão ligadas às práticas jornalísticas e as suas dinâmicas de poder.

Bourdieu oferece outra ferramenta importante para reflexão proposta nesta tese além da noção de campo jornalístico. É importante, primeiramente, sinalizar que o contexto em que Bourdieu escreve sobre os diferentes espaços de produção simbólica é intimamente circunscrito na sociedade francesa na segunda metade do século XX, ou seja, um contexto que difere consideravelmente do que está sendo abordado aqui. Porém, apesar das configurações do ambiente midiático sobre o qual Bourdieu se debruça serem distintas do contexto atual brasileiro, a noção de *mercado dos discursos* torna-se útil para pensar o que Wallace chamou de caleidoscópio de opções informativas.

Ao fazer referência à teoria marxiana, Bourdieu desenvolve a noção de mercado dos discursos, que remete ao que é produzido e difundido a partir dos "detentores dos instrumentos de produção de problemas e opiniões legítimas" (Bourdieu, 2006, p. 371). Em outras palavras, Bourdieu assume que exista uma concentração de indivíduos que gozem da capacidade e legitimidade da produção do discurso sobre o mundo social. Neste sentido, se considerarmos o campo jornalístico, essa legitimidade seria atribuída aos veículos de mídia, pois seriam os que têm o "monopólio da *produção* legítima dos julgamentos, dos *instrumentos de produção* dos julgamentos e dos *produtores* dos julgamentos" (Idem, p. 372, grifo nosso). No contexto histórico-geográfico no qual Bourdieu escrevia, onde não havia a diversidade de veículos que existe hoje, a referência era às redações dos jornais. Segundo o sociólogo, a primeira chave para analisar o papel dos jornais no campo da produção ideológica é entender a significação conferida pelos leitores ao consumo de notícias nos jornais, que podem ser distintas das funções que lhe são comumente atribuídas. Bourdieu realizou, em "A Distinção" (2006), uma pesquisa detalhada onde faz uma análise entre os diferentes jornais e periódicos difundidos na França e seus respectivos leitores, a fim de apreender como ocorre a oferta e a demanda das opiniões político-ideológicas, evidenciando assim importância do eixo da *demanda* no mercado dos discursos, que costuma ser pouco explorado. Neste sentido, tomamos a noção de mercado dos

[25] Sobre a dupla dependência do campo jornalístico, ver: "The Double Dependency: The Journalistic Field Between Politics and Markets" (Patrick Champagne, 2005).

discursos para refletir sobre o ambiente midiático fragmentado contemporâneo, entendendo que as ofertas de opiniões político-ideológicas estão intrinsecamente ligadas à sua demanda no contexto social -nas circunstâncias analisadas por Bourdieu, diferentes jornais ofertavam diferentes opiniões político-ideológicas e todos, guardadas as devidas proporções, tinham espaço no mercado e cerco quantitativo de leitores assíduos. Tratando-se de pouco mais de uma dezena de veículos, conforme foi analisado por Bourdieu, foi possível mapear onde cada veículo se situava no espectro político. Porém, na conjuntura atual, considerando a web 3.0 e as possibilidade de hiperconectividade e acesso aos instrumentos de produção de informações que ela oferece, este mapeamento torna-se muito mais complexo.

Corroborando com essa discussão teórica a partir da empiria do contexto brasileiro, é possível fazer uma breve análise de um momento histórico pontual no que diz respeito às fontes de informação de dois grupos distintos. A eleição presidencial de 2022 foi marcada por grande polarização. Entre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2022, foi realizado um levantamento feito pela da divisão de estudos estatísticos do veículo Poder 360[26] que indicou que os eleitores dos dois candidatos à presidência se informavam a partir de fontes marcadamente distintas: os eleitores de Bolsonaro se informavam majoritariamente através das redes sociais (42%), seguido por conversas com amigos e familiares (31%). Em contrapartida, os entrevistados que declaram voto em Lula se dividiam entre a televisão (30%) e sites/portais de notícias (29%). Destes últimos, 19% disseram se informar através das redes sociais. É importante ressaltar que a pesquisa questionou apenas as plataformas utilizadas enquanto fontes de informação, não citando os veículos, e isso já é um dado interessante que difere o ambiente midiático atual e o analisado por Bourdieu. Diante de um ambiente altamente fragmentado, as fontes utilizadas podem ser incontáveis, mas é evidente que levam a perspectivas ideológicas marcadamente distintas. A noção de mercado dos discursos não foi muito explorada por Bourdieu, porém ofereceu *insights* interessantes para pensar não somente o campo jornalístico, mas os demais campos de produção e consumo dos bens simbólicos. Esses termos serão retomados mais à frente, por ora torna-se necessário refletir sobre quem produz -fazendo uso de uma nomenclatura contemporânea e genérica- os conteúdos noticiosos no universo virtual.

[26] Disponível em: https://www.poder360.com.br/midia/40-dos-brasileiros-usam-sites-de-noticias-para-se-informar-mostra-poderdata/ Acessado em 03/03/2023.

1.4.2 Quem produz notícias na rede?

O volume de dados produzido e difundido na *world wide web* é gigante e ainda aponta para uma curva de crescimento cada vez mais acelerada. Com o passar dos anos esses dados vão se acumulando e, considerando que a cultura das redes sociais estimula ainda mais a produção de dados a partir de usuários comuns, vão formando um montante de dados que são até difíceis de dimensionar. De acordo com a International Data Corporation, estima-se que para armazenar os dados produzidos até 2020 seriam necessários 1.375 bilhões de pen drives de 32 gigabytes cada. Antes do advento da internet era mais fácil mapear os veículos que elaboravam as notícias. Atualmente, considerando que as ferramentas de produção e os meios de divulgação foram democratizados, a questão a ser colocada é: neste universo de dados, são os produtores de notícias?

A resposta a esta pergunta não é tão objetiva, dado o contexto fragmentado abordado anteriormente. Os veículos de mídia tradicionais tiveram que desenvolver e adotar estratégias para disputar o espaço na internet. Inicialmente, o argumento da praticidade de acesso foi essencial para o movimento de digitalização dos acervos dos jornais, que costuma ser oferecido de forma integral para os assinantes como um simulacro virtual dos jornais impressos. Essa movimentação iniciou-se em âmbito global através de jornais como o *Le Monde* e o *The New York Times*, que apesar de ter sites próprios que datam desde a web 1.0 (1995 e 1996, respectivamente), mudaram posteriormente sua estratégia diante da queda de vendas da sua tradicional versão impressa: a partir de 2010 o *The New York Times* passou a oferecer a possibilidade de assinatura digital dos seus conteúdos integrais.

No Brasil, o impacto da internet nas vendas levou à mesma alternativa: em 2010 a Folha de S. Paulo lançou o que chamou de "reforma gráfica" da sua edição impressa[27], visando torná-la mais atraente para os consumidores. Depois de três anos e poucas mudanças efetivas, o mesmo jornal iniciou um processo de mudança da sua estrutura física através do encolhimento da sua versão impressa, extinção de cadernos e, consequentemente, enxugamento da sua redação.

> A postura das principais empresas jornalísticas do mundo indica certo desconcerto diante da 'ameaça virtual'. Se não pode com ela, una-se a ela. (...) Justificando a necessidade de estar à frente, jornais como Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo

[27] Ver: http://m.folha.uol.com.br/poder/2010/05/739055-reforma-visual-facilita-a-leitura-e-aumenta-identidade-entre-os-cadernos.shtml .Duas das mudanças que marcaram esta reforma gráfica foi a inserção de novas ferramentas que permitiam a publicação de comentários dos leitores cadastrados e de uma sessão nomeada "Opine Aqui", onde os leitores passaram a poder enviar sugestões para o jornal. Acesso em 18/07/2023.

> têm adiantado em um dia o que estará em suas páginas impressas. Com seus similares estrangeiros não ocorre diferente. (Wassoaski, 2014)

Esse esforço feito pelos veículos tradicionais em diminuir o tempo de publicação ao mínimo possível é uma das tentativas de adaptação ao novo ambiente midiático, visando a manutenção da sua relevância no mercado dos discursos.

O contexto atual da comunicação inclui, portanto, novos atores que disputam espaço com os veículos tradicionais. De acordo com os analistas econômicos Browning e Reiss, esta é a principal característica das novas mídias: "a velha mídia divide o mundo entre produtores e consumidores: nós somos autores ou leitores, emissoras ou telespectadores (...) a nova mídia, pelo contrário, dá a todos a oportunidade de falar assim como de escutar. " (Browning & Reiss, APUD Dizard Jr., 2000). No que diz respeito à intersecção entre as redes digitais e a circulação de informações, Raquel Recuero (2009) ressalta que a internet possibilita a busca, o armazenamento e a replicação de informações, e enumera três relações entre as redes e a informação, quais sejam: enquanto *fontes produtoras* de informação; enquanto *filtros* de informação; enquanto espaços de *reverberação* de informações. A autora pontua que as redes, quando não utilizadas de forma anônima, constituem o conjunto de representações dos indivíduos ou atores sociais e suas conexões. Neste sentido, identifica que as "informações circulam nas redes sociais com base na percepção de valor gerado que os atores sociais percebem" (Recuero, 2009, p. 5), em outras palavras, Recuero estabelece uma relação entre o ato de criar/fazer circular conteúdo na internet à circulação de valor social, embasada por outros estudos[28]. Sobre isso, explica:

> Esses estudos mostram como a atuação dos atores sociais e sua percepção com relação à rede podem auxiliá-los a mobilizar com maior facilidade os recursos sociais também em proveito próprio. Assim, a publicação de determinadas informações pode estar diretamente relacionada com a percepção do impacto no capital social que irá gerar para um determinado ator. (Recuero, 2009, p. 6)

De acordo com a autora, o capital social em questão pode ser adquirido nas três relações analisadas por ela. O uso das redes enquanto filtro de informação, por exemplo, pode ser exemplificado pela prática do *gatewatching*. O termo faz referência à noção de *gatekeeper* abordada anteriormente para referir-se à função de filtro praticada nas redações dos jornais tradicionais. A noção de *gatewatching* refere-se ao ambiente virtual, onde os indivíduos observam o que foi publicado por veículos jornalísticos (tradicionais ou não), fazendo também as vezes de filtros, ao compartilhar e gerar engajamento para conteúdos que julgam relevantes ou ignorar conteúdos que julgam irrelevantes. Essa prática ocorre muito em redes sociais como

[28] Ver: Marllow (2006) e Trammell e Keshelashvili (2004)

o Twitter, Facebook e Instagram, mas também emulada por sites independentes de notícias, que selecionam dentre um universo de notícias pautas para repercutir e pautas para silenciar. Neste sentido, explica Recuero, as redes viabilizam essas três relações entre os usuários e os conteúdos noticiosos: podem atuar como fonte, filtro ou reverberar informações.

A antropóloga Letícia Cesarino, cuja bibliografia será fundamental para esta tese, também ressalta o caráter colaborativo das redes virtuais:

> As novas mídias inflexionam essa tendência na direção do conteúdo gerado pelos usuários, que passam de coadjuvantes ocasionais a protagonistas. Como essa torção se dá não apenas no plano local do conteúdo discursivo como também no plano meta da própria materialidade da mídia, ela é dupla: abre uma nova camada de realidade separada daquela propiciada pelas mídias que ainda se orientam pela lógica do sistema de peritos (Cesarino, 2022, p. 232)

Ao final do trecho supracitado, Cesarino introduz uma noção importante que será abordada posteriormente. Porém no que tange a produção de conteúdos a partir dos usuários das redes, é interessante destacar que a autora admite a possibilidade deste conteúdo ser construído de maneira *paralela* à lógica das mídias tradicionais que, segundo coloca, se orienta pelo sistema de peritos[29], que será melhor abordado nos últimos capítulos desta tese. Em poucas palavras, tendo cada indivíduo ou grupo de indivíduos a autonomia para produzir e publicar conteúdos informativos sem a necessidade de embasá-los em "intermediários autorizados", há a possibilidade de que este conteúdo inaugure uma nova *camada de realidade*. Este argumento é aprofundado na análise realizada pela antropóloga, que também enfatiza o modo como as novas mídias vêm "transformando estruturalmente a esfera pública" (Idem, p. 91), evidenciando a possibilidade de um conteúdo informativo construído ao largo da realidade factual romper a barreira virtual e trazer consequências concretas à vida pública. Kakutani faz coro a Cesarino ao problematizar os impactos deste atravessamento:

> As pessoas cada vez mais se dão conta de que a mesma web que democratizou informações, que forçou (alguns) governos a serem mais transparentes e que permitiu a todos, de dissidentes políticos a cientistas e médicos, se conectarem uns aos outros tem um lado sinistro que agentes mal-intencionados podem explorar facilmente para espalhar informações errôneas e desinformação, crueldade e preconceito. A possibilidade do anonimato na web incitou uma ausência nociva de responsabilidade e facilitou a atuação de intimidadores e de *trolls*.(Kakutani, 2018, p. 150)

No âmbito teórico, ao menos, jornalistas de formação e/ou que trabalham em veículos tradicionais seguem um código de ética inerente ao exercício da sua profissão, bem como respondem a um esquema rígido de diretrizes que orientam a prática de um bom jornalismo,

[29] Por "sistema de peritos" Cesarino entende toda a estrutura que envolve a produção de conhecimento científico, desde as universidades e centros de pesquisas aos próprios "intermediários autorizados".

que incluem mecanismos de checagem, objetividade, confidencialidade, entre outros. Algumas noções, como a de imparcialidade, são frequentemente revisitadas e problematizadas a partir dos estudos de mídia e comunicação, porém, em geral, é esperado que os profissionais sigam certos princípios e que os veículos assumam a responsabilidade em exigir uma conduta idônea de seus funcionários. Em contrapartida, no ambiente digital, onde cada usuário conectado a um endereço IP pode ser um produtor de conteúdo informativo, as diretrizes jornalísticas não se aplicam. Neste sentido, tais usuários-produtores descrevem os fatos a partir dos seus conhecimentos, da sua interpretação e da sua subjetividade, conforme explica Quadros e Sponholz (2008):

> Por meio do processo de conhecimento, as informações não são simplesmente transportadas, mas sim *transformadas*. Os estímulos do mundo exterior são processados e estruturados. Nesse processo, estão presentes tanto características do objeto como do sujeito. (...) O resultado de um processo de conhecimento não é, portanto, construção, mas sim reconstrução da realidade. (Quadros & Sponholz, 2008. p. 6)

Isso posto, conclui-se que os usuários-produtores de conteúdos noticiosos não seguem, necessariamente, princípios objetivos em seu processo de produção, seja ele anônimo, como cita Kakutani, ou não. É neste sentido que podem construir o que Cesarino chama de camadas de realidade, embasadas em subjetividades e crenças pré-concebidas, neste processo de *reconstrução* da realidade que será transmitida através do conteúdo produzido.

As plataformas utilizadas para publicação destes conteúdos autorais também vêm mudando. Foi na web 2.0 que começaram a surgir *blogs* de notícias, muitos dos quais criados por jornalistas de veículos tradicionais que gostavam de produzir artigos não relacionados com seus locais de trabalho. Outras vezes os próprios veículos aderiram à estratégia de criar um blog a exemplo do blog Diário de Bagdá, criado em 2003 pela Folha Online para publicar notícias sobre a Guerra no Iraque. Porém, além destes, foi observado um *boom* de indivíduos na blogosfera que mantinham e alimentavam blogs diários de notícias, como mostram Recuero (2003), Scott (2004) e Quadros (2005). Já na web 3.0 a estrutura do blog ficou mais obsoleta, por isso seus usuários-produtores tiveram que migrar para plataformas mais dinâmicas, ou criar hiperlinks para essas plataformas dentro dos seus sites. O *Youtube*, por exemplo, é uma plataforma bastante procurada pelos usuários-produtores de conteúdos noticiosos, visto que atualmente o apelo às ferramentas audiovisuais são maiores do que as textuais: em 2023, considerando o âmbito global, estima-se que cerca de 400 horas de vídeo sejam enviadas para o *Youtube* a cada minuto. Além disso, o *Youtube* é, inclusive, o segundo maior mecanismo de busca na web do mundo, ficando atrás apenas do google.com.

Como foi dito anteriormente, é natural que na web 3.0 ocorra uma convergência das plataformas, especialmente quando se trata de conteúdos noticiosos. Dito de outra forma, o blog ou o site de notícias não perde necessariamente espaço, mas para manter-se com um engajamento considerável precisa oferecer hiperlinks ou criar perfis em outras plataformas e/ou redes sociais. Isso vale tanto para os portais de notícias de veículos tradicionais quanto para usuários-produtores individuais. O filósofo Byung-Chul Han, em seu livro "Infocracia: digitalização e a crise da democracia" (2022), coloca em poucas palavras o cerne da distinção entre a produção de notícias antes e depois da web 3.0:

> Hoje, qualquer um que tenha acesso à internet pode construir seu próprio canal de informação. A tecnologia digital da informação é capaz de baixar os custos da informação a quase zero. Com pouco esforço, é possível de modo rápido e sem custos criar uma conta no Twitter ou um canal no YouTube. Na era das mídias de massa, contudo, os custos de produção da informação eram incomparavelmente altos, e a construção de um canal de notícias era bem laboriosa. (...) Apenas com a conexão digital se atingiu a *condição estrutural* prévia para as rejeições infocráticas da democracia. (Han, 2022, p. 40-41)

É sobre essa conjuntura que Han escreve seu último volume, dissertando sobre um estado que ele chama de Infocracia. O principal argumento do autor é que a *digitalização do mundo da vida* oferece o suporte necessário para a instauração de um regime da informação, que, por sua vez, levou a sociedade a um contexto de crises em diversos âmbitos do mundo da vida, desde o âmbito cognitivo individual até a esfera macro, especialmente no âmbito político. Essa premissa é também central à análise apresentada nesta tese, e tem sido abordada desde estudiosos da saúde à estudiosos da comunicação, mostrando-se fundamental para quaisquer diagnósticos realizados em tempos de Infodemia.

1.4.3 Infodemia

No contexto da eclosão da pandemia mundial de COVID-19, em meados de fevereiro de 2020, o diretor geral da Organização Mundial de Saúde Tedros Adhanom Ghebreyesus chegou a afirmar: "Não combatemos somente a pandemia; combatemos a *infodemia*". O termo citado por Tedros faz referência à noção de *epidemia da informação* e, apesar do excesso de conteúdo informativo já ser realidade há pelo menos uma década, foi no contexto coletivo de extrema incerteza e desconhecimento em relação ao novo vírus que se espalhava mundialmente que essa noção ganhou destaque. A OMS definiu então a infodemia como o excesso de informações não necessariamente precisas, o que dificulta o processo de identificar "fontes idôneas e orientações confiáveis"[30], dando destaque ao seu caráter altamente multiplicador em

[30] Em: https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1 Acesso em 27/02/2023.

um curto espaço de tempo; neste sentido, as informações se espalham como um vírus, ainda possuam claro descaso pelos fatos. Em termos gerais, a infodemia, ainda que ocorra através das redes digitais, pode levar a consequências muito concretas e graves, a exemplo da falácia da eficácia de protocolos não oficiais, como o tratamento do COVID-19 com o uso de desinfetante[31]. Vale salientar que por "não oficiais", neste caso, compreende-se protocolos sem comprovação científica, ainda que o *produtor* da informação seja o principal representante do governo do país mais poderoso do mundo.

De acordo com Han (2022, p. 25), "o tsunami de informações desencadeia forças destrutivas", as quais impactam desde a saúde das pessoas até a esfera pública, e estas circunstâncias têm como palco as redes digitais:

> Na era das mídias digitais, a esfera pública discursiva não é ameaçada por formatos de entretenimento das mídias de massa, (...) mas sobretudo pela propagação e proliferação viral de informação. (...) No interior das mídias digitais residem, além disso, forças centrífugas que fragmentam a esfera pública (Idem, p. 34)

Neste sentido, o filósofo destaca os riscos que esta conjuntura provoca:

> (...) levam o regime da informação a um lugar em que é capaz de influenciar nosso comportamento num nível que fica embaixo do limiar da consciência. O regime da informação se apodera das camadas *pré-reflexivas*, pulsionais, emotivas, do comportamento antepostas às ações conscientes. (Idem, p. 23)

Em outras palavras, diante de um cenário de desconhecimento, há um apelo à produção e compartilhamento de informações que não necessariamente têm respaldo factual. No exemplo supracitado da pandemia, a infodemia levou centenas de milhares de pessoas a se automedicar fazendo uso de substâncias cuja eficácia como tratamento não era comprovada cientificamente[32] e outras centenas de mulheres a recusarem as vacinas, muitas delas acreditando que as mesmas poderiam conter um chip em formato de plasma para controle populacional[33]. Neste contexto, a arquitetura das redes virtuais foi absolutamente fundamental para a rápida propagação destes conteúdos, que se tornavam acessíveis em questões de segundos e cujo potencial de compartilhamento foi comprovado através de diversos estudos[34]

---

[31] Em: https://veja.abril.com.br/mundo/casos-de-intoxicacao-por-desinfetante-crescem-em-ny-apos-sugestao-de-trump/ Acesso em 23/03/2023.

[32] Ver: https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/07/ivermectina-como-falsa-ciencia-criou-crenca-de-remedio-milagroso-contra-covid.ghtml Acesso em 23/03/2023.

[33] Ver: https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/01/27/e-fake-que-vacina-contra-covid-19-tem-chip-liquido-e-inteligencia-artificial-para-controle-populacional.ghtml Acesso em 23/03/2023.

[34] Ver: The impact of fake news on social media and its influence on health during the COVID-19 pandemic: a systematic review, Rocha *et. Al.*, 2021.; Adherence to Covid-19 vaccination during the pandemic: the influence of fake news, Borges *et. Al,* 2024; Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil, Galhardi *et. Al,* 2022., entre outros estudos que abordam os impactos da infodemia e desinformação para os profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19.

Um dado interessante que vale a pena ser citado é que, conforme mostram Allen *et al*. (2020), a alta velocidade de compartilhamento de notícias falsas não é necessariamente ligada à sua quantidade disponível *online*: nos Estados Unidos, as *fake news* são, em média, 1% dos conteúdos produzidos[35] e ocupam cerca de 0,15% do tempo de exposição nas demais mídias tradicionais. Em contrapartida a este percentual baixíssimo, um estudo[36] realizado pelo *Massachusetts Institute of Technology* em 2018 mostrou que notícias/informações falsas têm 70% a mais de probabilidade de serem compartilhadas nas redes digitais. Os pesquisadores afirmaram ainda que uma notícia verídica consome seis vezes mais tempo para atingir 1.500 pessoas do que uma notícia falsa. Neste sentido, é evidente que o ambiente digital não está necessariamente propiciando um volume maior de produção de *fake news*, mas que o apelo ao compartilhamento destas é incomparavelmente maior do que conteúdos informativos factuais.

A política do zero rating e a disseminação de desinformação

No mercado da internet há, atualmente, uma prática que pode ajudar a compreender o motivo desses dados abordados acima: a política de *zero rating* pode dar uma explicação concreta que, somada às demais de ordem subjetiva, pode corroborar com a explicação do porquê o alcance das *fake news* é tão desproporcional à sua produção. O *zero rating* é uma prática operada por operadoras de telefonia móvel que consiste em oferecer, de forma gratuita (ou seja, sem cobrar o tráfego de dados móveis), acesso a alguns aplicativos específicos. Inicialmente é difícil apreender como esta prática impacta no compartilhamento de *fake news*, porém, num cenário onde a desigualdade social se impõe, como é o caso do Brasil, o *zero rating* é possivelmente o único formato de acesso à internet possível para uma fatia importante da população.

No Brasil, a política de *zero rating* é aplicada em geral para os aplicativos do *Facebook* e *Whatsapp*, sendo oferecida nos mais acessíveis planos de telefonia móvel, especialmente em planos pré-pagos. Neste contexto, o usuário acessa e navega gratuitamente nestes dois aplicativos, sem que isso consuma seus dados móveis. Isso significa que qualquer *hiperlink* que conecte o usuário para outra página fora dos aplicativos supracitados, não estão abarcados na política e, consequentemente, terá seu acesso cobrado através do pacote de dados.

[35] É importante pontuar que essa pesquisa foi realizada no período pré pandemia, o que pode acarretar algumas diferenças para o cenário atual. Ainda assim, os dados trazidos por Allen et al. são muito interessantes para dimensionar o espaço que as fake news têm nas redes digitais em comparação com seu potencial de compartilhamento.

[36] Em: "The spread of true and false news online", publicado na revista Science (2018). Disponível em: https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559 Acesso em 29/03/2023.

Considerando que, de acordo com IBGE (dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação, de 2021), o meio de acesso à internet líder absoluto no Brasil é o telefone móvel celular, citado por cerca de 98,8% da população[37], a política de *zero rating* tem um impacto consideravelmente expressivo. Na prática, isso significa que a população cujo acesso à internet é limitado aos dados móveis, ao fim do pacote de dados o usuário só tem acesso aos aplicativos gratuitos, não podendo acessar nenhum hiperlink externo ou fazer nenhuma pesquisa na internet. No que tange o acesso à informação, essa prática restringe profundamente as possibilidades do usuário, considerando que, por exemplo, uma notícia que chega através de uma mensagem de *Whatsapp*, ainda que tenha um *link* associado, não poderá ser acessada em sua totalidade, levando o usuário a se informar apenas através da leitura do título. Isso ocorre também no Facebook: digamos que o usuário se depare com um post criado por um outro usuário relatando uma notícia -neste caso, o acesso à informação também seria limitado, pois o fim do pacote de dados impediria o usuário de realizar uma simples pesquisa sobre a notícia em qualquer plataforma de busca. Vale salientar também um recorte de classe: como consequência dos baixos valores dos planos que oferecem *zero rating*, o maior contingente da população que tem seu acesso à informação limitado faz parte das classes mais baixas.

À conjuntura supracitada, soma-se o dado levantado a partir da pesquisa *The Internet Health Report* de 2017[38], que aponta que 55% da população brasileira não sabia diferenciar Internet e Facebook. Neste sentido, a *world wide web* é resumida a uma rede social -que, vale ressaltar, trata-se de uma empresa privada-, o que resulta em um profundo equívoco acerca das ferramentas da internet e seus usos. A política do *zero rating*, portanto, estabelece algumas barreiras ao acesso dos usuários à informação. Notícias veiculadas no Facebook, quando compartilhadas organicamente a partir dos usuários, geralmente são atreladas a um *hiperlink* de algum veículo de comunicação onde, em teoria, a notícia completa é publicada seguindo o protocolo do lead jornalístico para a contextualização: o quê? quem? quando? onde? como? por quê? O usuário que navega sem o pacote de dados só terá acesso ao título, pois não terá dados para seguir o *hiperlink* -essa seria a primeira barreira à informação a partir da política do zero rating. É importante considerar, inclusive, que as notícias passariam antes por dois filtros de relevância: o primeiro seria a partir do que seria republicado/divulgado pelas páginas dos outros usuários, que levariam a notícia a chegar no seu *feed*; o segundo diz respeito a ação dos

[37] Seguido pela televisão, com 45,1%, pelo microcomputador (41,9%) e pelo tablet (9,3%).
[38] Disponível em: https://internethealthreport.org/v01/ Acesso em 03/02/2023.

algoritmos, que será abordado posteriormente. Esses dois "filtros" geram o que estudiosos chamam de "conteúdo clipado". Uma outra barreira à informação está relacionada à possibilidade de checagem da notícia: o usuário com acesso limitado não consegue sequer acessar o site que publicou a notícia, quanto mais acessar o site de outros veículos de informação para checar a veracidade do que foi publicado.

Isso posto, é possível estabelecer uma relação entre a prática do *zero rating* e a disseminação massiva de *fake news* -não é que a prática concentre a problemática do compartilhamento de notícias falsas, mas é indissociável sua relação com a maximização deste compartilhamento- embora seja fundamental considerar os demais aspectos dessa complexa cadeia. Retomando os achados da pesquisa de Allen et al. (2020), é importante, ainda, considerar que apesar das notícias falsas serem produzidas por uma *minoria* de usuários das redes digitais, a enorme *maioria* dos usuários são responsáveis por seu compartilhamento. Neste sentido, o papel dos veículos de comunicação que têm plataformas *online,* como o jornal que é objeto de análise nesta tese, torna-se ainda mais central para a disseminação dessas notícias, pois dão escala a esta difusão através da forte presença nas redes digitais, ainda que, muitas vezes, não tenham seus sites de fato acessados para conferência.

Firehousing, astrosurfing e a arquitetura política de desinformação

Conforme exposto acima, alguns usuários da internet, por terem seu acesso à internet limitado, acabam confiando e compartilhando notícias que não necessariamente trazem fatos verificáveis, muitas vezes de forma involuntária. Contudo, para entender o fenômeno de compartilhamento massivo de notícias falsas é fundamental apreender algumas técnicas intencionais de disseminação dessas notícias, que majoritariamente, são impulsionadas por atores interessados.

Nenhuma das estratégias aqui abordadas são inteiramente novas no que tange o âmbito político, porém a popularização das redes digitais forçou a adaptação dessas táticas políticas à nova realidade tecnológica, gerando novos fenômenos pautados em velhos recursos. Considerando que estes fenômenos foram observados e analisados primeiramente em países estrangeiros, a maioria das suas nomenclaturas têm origem na língua inglesa. A primeira estratégia aqui abordada foi conceituada ainda em 2016, a partir de um artigo publicado por Paul Christopher e Miriam Matthews, que trabalham para a consultoria Rand Corporation, que presta serviço ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos analisando a comunicação do

governo russo[39]. A noção "*Firehosing of falsehood*" faz referência a uma mangueira de incêndio, que projeta litros de água de maneira forte e consistente. De acordo com os autores, a imagem da mangueira de incêndio figura bem a estratégia de comunicação inaugurada no governo Putin, mas que vem sendo mimetizada por vários governantes populistas desde então.

A estratégia de *firehosing* se apoia em 4 eixos: o primeiro (1) diz respeito a um volume altíssimo de conteúdo de informação, que são bombardeadas a partir de diferentes canais (ex: redes sociais, Whatsapp, entre outros) e diferentes formatos (texto, vídeo, meme, etc). Neste sentido, quanto mais vezes uma pessoa recebe a mesma notícia, maior a chance de ela passar a ser crível, pois passa a impressão de que passou pelo "crivo" de muitas pessoas. Há também um apelo especial quando o conteúdo é compartilhado entre pessoas conhecidas, o que conta muito para persuasão do receptor -esse ponto endossa a noção abordada anteriormente sobre a relação entre a produção/compartilhamento de notícias e capital social. Além disso, conteúdos produzidos em diferentes mídias versando sobre o mesmo assunto, circulando a partir de várias fontes, também agilizam este processo de crença. Os autores pontuam que, quando o volume das mensagens é baixo, as pessoas se preocupam mais com o seu conteúdo, contudo, quando o volume é muito alto, isso torna-se menos relevante. O segundo (2) é sobre a celeridade na produção do conteúdo: considerando que estes conteúdos não têm necessariamente compromisso com fatos, não precisam passar também por um processo de checagem, então podem ser produzidos em segundos. A eficácia está em divulgar de forma responsiva e rápida um conteúdo informativo, muitas vezes assim que algum evento associado acontece. Outra prática comum é "requentar" conteúdos ou temas antigos em momentos em que o mote está em alta, contribuindo para que o tema faça parte da "agenda" dos demais veículos de mídia, nem que seja para desmentir algo. O estudo mostra que a exposição repetida a uma afirmação aumenta sua aceitação como verdadeira.

O terceiro (3) eixo que constitui o *firehosing* é o que melhor caracteriza uma estratégia de desinformação: a falta de compromisso com a realidade objetiva. Assim sendo, as "notícias" podem ter algum gancho com a realidade factual ou ser produzida sem absolutamente nenhuma correlação com ela. Elas podem, até mesmo, ser "baseadas em evidências", ainda que estas "evidências" sejam completamente falsas. É o caso de uma *fake news* que cita como fonte um estudo científico inexistente ou, até mesmo, alguma afirmação concebida por alguma pseudo-ciência -este recurso, ainda que fabricado, gera algum impacto de convencimento. O relatório

[39] Disponível em: https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html Acesso em 29/03/2023.

também cita a noção de "evidências manufaturadas", que incluem de fotos a vídeos, que estão cada vez mais comuns à medida que a tecnologia *deepfake* vai sendo aperfeiçoada. Como conceber que algo que se está *vendo* acontecer não aconteceu de fato? Isso ganha ainda mais força num contexto em que a não-mediação é supervalorizada, onde o discurso generalizado induz à ideia que a evidência manufaturada é "o que a mídia tradicional não quer que você saiba", dando crédito a teorias da conspiração. O relatório afirma também que, quando estes conteúdos fazem referência (direta ou indireta) a identidade de grupos e/ou geram forte ruído subjetivo, frequentemente acionando algum gatilho emocional, tornam-se ainda mais convincentes para as pessoas que se sentem envolvidas.

O último eixo (4) vai na esteira do terceiro: além do conteúdo não ter necessariamente compromisso com a realidade objetiva, ele também não precisa ter consistência. Neste sentido, há certo monitoramento da recepção destes conteúdos por parte da sociedade para garantir que, caso ele seja mal recebido por uma parcela importante da mesma, ele possa ser "ajustado" ou, até mesmo, sumariamente negado -sem que isso traga grandes consequências para o emissor. Estes "ajustes" compreendem desde uma clara mudança no *tom* utilizado no conteúdo informativo ou uma alteração da própria "informação". Um grande exemplo trazido pelo relatório foi em relação ao avião da *Malaysia Airline*s que caiu em 2014: neste contexto, o governo russo mudou por diversas vezes o seu discurso oficial, cada vez tendo como fonte estudos diferentes que explicavam de formas marcadamente distintas motivos da queda do avião. Seguindo esta mesma lógica, quando for politicamente interessante, uma outra saída é culpar o receptor da mensagem, alegando a não compreensão do que foi realmente publicado. A credibilidade, neste caso, não está relacionada à consistência da fonte, pois o relatório traz dados que apontam que "informações que inicialmente são consideradas válidas, mas posteriormente retiradas ou comprovadamente falsas, podem continuar a moldar a memória das pessoas e influenciar seu raciocínio" (Christofer & Matthews, 2016, tradução nossa). Umaprova concreta dessa prática no contexto do governo Bolsonaro parte de matéria publicada porSérgio Roxo no jornal O Globo, publicada em março de 2019[40]. Nesta matéria, Roxo cita um índice criado pela consultoria de análise de redes Arquimedes, voltado para mensurar a comoção das redes sociais acerca de ações do governo federal, cujo intuito era entender os frequentes recuos de Bolsonaro. Alguns casos chave foram analisados pelo índice e a conclusão

[40] Em: "Governo Bolsonaro: recuos coincidem com rejeição a temas nas redes sociais". O Globo, 3 mar. 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/governo-bolsonaro-recuos-coincidem-com-rejeicao-temas-nas-redes-sociais-1-23495533 . Acesso em: 18/03/2023.

foi a seguinte: “Constatamos que, quando o nosso índice está abaixo de trinta em determinada polêmica, o governo pode rever sua posição. Acima de trinta, nada muda", afirmou Pedro Bruzzi, fundador da Arquimedes (in Nobre, 2020, p. 54).

Além do *firehosing*, outras estratégias da política da desinformação tornaram-se bastante comuns no cenário comunicacional brasileiro, a exemplo do *astroturfing*, uma prática que é constantemente associada ao *firehosing* e que potencializa o seu poder desinformativo. A palavra *astroturfing*[41] faz referência ao termo, também em inglês, “*grassroots*”, que é uma expressão designada a movimentos sociais espontâneos e populares. A noção de *astroturfing*, inicialmente, era relacionada a uma estratégia de agendamento de um debate público através de um público simulado, onde se busca passar uma sensação de apoio popular a alguma causa. Essa estratégia era bastante utilizada na área de Relações Públicas porém, na conjuntura atual de hiperconectividade e altíssima adesão à redes digitais, passou a expandir sua definição. O pesquisador Rangel Ramos, que realizou uma revisão da literatura[42] voltada para a noção de *astroturfing*, afirma que no período entre meados de 2014 e 2018, essa noção passou a ser abordada em trabalhos voltados para as *fake news* e o fenômeno da desinformação. A maioria dos estudos desse período estão embebidos pelo sentimento de otimismo, que foi legado de movimentos sociais como a Primavera Árabe: neste sentido, as pesquisas, em geral, defendiam a coletividade enquanto um agente fundamental para a propagação de informações[43] -algo muito próximo da utopia digital então defendida por Castells. Porém, a partir de 2019, houve uma mudança no cerne das pesquisas, que passaram a inserir suas análises em um novo contexto das mídias digitais: Ramos afirma que tais estudos passaram a considerar a prática de *astroturfing* enquanto técnica intencional de persuasão nas redes, através de rumores e narrativas simuladas a fim de manipular a opinião pública.

Tendo, então, as mídias digitais como palco, o *astroturfing* passou a referir-se aos movimentos hipoteticamente espontâneos, mas que, de fato, eram ações orquestradas por agentes ocultos, que faziam uso de perfis falsos de produtores de conteúdos que atuavam de maneira sincronizada e rápida para disseminar desinformação. Neste sentido é possível compreender porque o *astroturfing* associado ao *firehosing* torna-se ainda mais nocivo: numa terra sem lei e que premia o anonimato como a internet, o *astroturfing* dá um verniz de

[41] Ironicamente o termo faz referência a uma marca de grama sintética chamada AstroTurf.
[42] Disponível em: https://cpop.ufpr.br/astroturfing-digital-uma-revisao-sistematica-de-literatura/ Acesso em 30/03/2023.
[43] Ver: Criado et al. (2O16) ; Feltwell et al. (2017) ; Ferrara (2O17).

autenticidade e forja um público que hipoteticamente produz e compartilha massivamente dado conteúdo, aplicando então os quatros eixos das técnicas do *firehosing* para garantir a eficácia das estratégias de desinformação. É presumivelmente a partir deste método que a pequena parcela de notícias falsas é produzida e ganha uma proporção descomunal através do compartilhamento realizado pela enorme parcela dos usuários, que através das suas redes sociais pessoais e, mais recentemente, de aplicativos de mensagens instantâneas, operam como verdadeiros veículos de desinformação. Cenários como estes complexificamconsideravelmente a questão posta anteriormente -"quem produz conteúdo informativo nas redes?"- e apontam para a urgência em aperfeiçoar também as ferramentas de análise, para quedeem conta da conjuntura caótica que emerge da nova arquitetura da rede e culmina no campomidiático contemporâneo.

Redes digitais e entropia informacional

Dentre as conclusões do seu último livro, Byung-Chul Han afirmou que "A democracia degenera em infocracia" (2022, p. 25); ao observar o campo midiático atual, o autor identifica que as brechas existentes no sistema de moderação das redes digitais levam a um cenário de caos que se assemelha à noção do senso comum de entropia. Um pouco antes, em um livro que lançou em 2018[44], Han já alertava para alguns sintomas desse diagnóstico: ao resgatar o conceito de *Information Fatigue Syndrome*, cunhado pelo psicólogo clínico David Lewis em 1996, o filósofo chama a atenção para um transtorno clínico causado pela fadiga mental diante do alto consumo de informações que compreende desde ansiedade generalizada à incapacidade de assumir responsabilidades. Han afirma ainda que "o excesso de informação conduz à atrofia do pensamento" (Han, 2018, p. 74), e argumenta que uma dieta informativa hipercalórica leva à diminuição da capacidade analítica de identificar o que há de essencial em um conteúdo, debilitando, enfim, a faculdade de julgamento dos indivíduos. É possível identificar este fenômeno através dos dados recentes sobre consumo de informação dos brasileiros[45] dado o alto percentual de pessoas que optam, de forma deliberada, por não consumir notícias. Algumas pesquisas relacionam o aumento desse percentual ao contexto da pandemia, mas o fato é que o desconforto causado pelo alto volume de informações tem nuances que operam tanto em nível consciente quanto não.

[44] Ver: "No Enxame: perspectivas do digital" (2018).
[45] Relatório do Reuters Institute de 2022.

Entre a arquitetura política da desinformação e o aprofundamento da incapacidade de discernimento dos usuários comuns das redes virtuais, identificar o que mais se aproxima da realidade factual e objetiva passa a ser um enorme desafio, especialmente considerando o estilo de vida acelerado e sobrecarregado em que vivem a maioria destes indivíduos. Diante de tantas estratégias de desinformação e da enxurrada de notícias recebidas a cada minuto do dia, a tarefa de checagem de notícias e fontes, a consideração de diferentes pontos de vista para formulação de opinião além de todos os demais compromissos inerentes à vida em sociedade torna-se, afinal, infactível. É comum que o usuário eleja veículos de mídia específicos aos quais confira a legitimidade do discurso informativo e, consequentemente, se torne sua fonte predominante de informação e agenda de pautas relevantes.

Diante do que foi exposto, torna-se importante explicitar o porquê foi retomada aqui a noção de entropia, que originalmente é um princípio da termodinâmica, mas que também tem lastro na área das Teorias da Informação. De acordo com Jeremy Rifkin (1980), que escreveu sobre como as ciências humanas e sociais se apropriaram da noção originalmente físico-química, a entropia é tida como um estado de incerteza ou, como ele fala, uma "medida de desordem". No contexto da informação, explica Pinto, "a entropia se associa à quantidade de informação existente na fonte e no canal por onde esta informação circula" (Pinto, 2018, p. 24). Pinto retoma os escritos de Costa (2007) para apresentar uma perspectiva de entropia aplicada ao processo informacional, a qual relaciona-se ao processo de produção e transmissão da informação, bem como ao seu conteúdo. De acordo com essa perspectiva: "quanto mais correta, elaborada e precisa for a ordem dos dados transmitidos na mensagem pelos agentes de informação no sistema frente à realidade, mais as ações de organização do fluxo informacional serão bem sucedidas" (Pinto, 2018, p. 25). Segundo Costa, o indivíduo, ao acessar uma nova informação, está sujeito ao aumento da entropia (desordem/incerteza) ou à diminuição da entropia (ordem/certeza), a depender da organização e consistência da informação. Apesar da leitura de Costa ser puramente de ordem técnica, estes preceitos são importantes para contextualizar a noção de *entropia informacional*, retomada, dentre outros autores, por Cesarino (2020) para contextualizar o processo em curso de digitalização do ambiente informacional. Esta noção, portanto, extrapola o caráter técnico da organização dos sistemas de informação e compreende também o caráter social, onde a garantia do que se entende por *segurança da informação* excede os aparatos técnicos das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Considerando tudo o que foi abordado, uma das noções fundamentais sobre as quais esta tese se estrutura é que, embora a *world wide web* tenha viabilizado um acesso fascinante e nunca antes visto ao conhecimento, a *informação acessível* é de ordem distinta da *informação acessada*. Seja pela política de *zero rating*, pelo contingente ainda existente de excluídos digitais no Brasil, pelas inúmeras estratégias de desinformação que disputam espaço com as informações objetivas, pela realidade extremamente acelerada do estilo de vida atual ou pela soma de todos estes fatores, o otimismo voltado às redes digitais enquanto plataforma para a ampliação democrática - ou a era da Utopia Digital castelliana- vem se esfacelando diante da realidade.

1.5. Por que falar de *fake news* não é suficiente?

Os conceitos e noções abordadas até agora situam esta tese no universo de estudos sobre mídia e a costura em discussões de âmbito sociológico, além de explanar a complexidade da problemática na qual este objeto está inserido. Na finalização deste capítulo, portanto, torna-se necessário justificar as escolhas do que foi relegado ao plano de fundo dessa discussão, em outras palavras, do que, apesar de fazer parte do argumento, não será abordado de forma prioritária. Este não é um trabalho sobre *fake news*. Primeiramente é preciso pontuar que os estudos que têm como foco analítico as *fake news* acabam muito circunscritos em seus contextos. Posto de outra forma, as análises produzidas sobre *fake news*, em geral, se resumem a casos específicos e suas consequências, furtando-se a aprofundar os mecanismos que sustentam tal produção. As f*ake news* são entendidas nesta tese enquanto prática, enquanto uma das estratégias para fomentar a dúvida, apagar as barreiras entre fatos e factoides e diminuir o factual a uma simples disputa entre narrativas discordantes. Seguindo esta lógica, o combate a essa prática seria possível através de mecanismos de *fact-checking* ou na ênfase dada aos veículos que produzem "conteúdo de qualidade", por exemplo.

Embora iniciativas como ferramentas de *fact-checking* sejam interessantes, estudos já demonstram que não é uma saída eficiente para combater as *fake news* de forma abrangente, pelos diversos motivos considerados a seguir: (1) a escalabilidade das *fake news* tem força de disseminação incomparável com a capacidade das ferramentas de *fact-checking* de produzir checagem – assim como coloca Da Empoli em seu livro (2019, p. 46-47) a frase cuja autoria é atribuída a Mark Twain, "Uma mentira pode fazer a volta ao mundo no mesmo tempo em que a verdade calça seus sapatos"; (2) ainda que a ferramenta evidencie que a notícia não passa pela checagem, há certo impacto emocional que as *fake news* produzem no leitor, mobilizandode forma profunda as suas crenças. Estudos demonstram que tais ferramentas de checagem

tendem a ter sua eficácia fortemente reduzida diante do viés cognitivo do público[46]. (3) Por fim, a crise de legitimidade dos veículos de comunicação não pode ser ignorada nesta conjuntura; em geral, os veículos que têm recursos disponíveis para produzir *fact-checking* em larga escala são os veículos tradicionais de comunicação, os mesmos que, conforme abordado anteriormente, vêm sofrendo fortemente com a desconfiança e falta de legitimidade em relação a um percentual importante do público leitor. Conforme colocado por Dahlgren (2018, p.5), que defende que estamos diante de uma crise epistêmica que relaciona a mídia, o conhecimento e a verdade, estamos perante "Um dilema historicamente novo para a democracia, onde não apenas a desconfiança se aprofundou profundamente, mas também as bases para estabelecer e sustentar a 'verdade' também foram desestabelecidas" (Dahlgren, 2018, p.5. Tradução nossa). Dito de outra forma, a exposição aos fatos não é suficiente para combater *fake news* ou necessariamente alterar a percepção pública do real. Esse contexto demonstra como a eficácia de ferramentas de *fact-checking* é limitada, e como a solução para a este problema requer uma estratégia muito mais complexa e que considere o fenômeno de forma muito mais abrangente.

Há também quem relacione a conjuntura caótica que estamos vivendo à noção de ignorância *per se*. Ora, é importante considerar que o indivíduo que consome *fake news* também está, muitas vezes, à procura de informação – apesar de todas as limitações da arquitetura das redes já abordadas acima. Os estudos que trazem conclusões não tão animadoras sobre a eficácia do *fact-checking* evidenciam que há uma teia de complexidades envolvidas neste processo, e que a oferta de fontes confiáveis não resolve o problema. A proposta deste trabalho é, portanto, tirar a lupa do problema e observar o quadro como um todo. Por este motivo, as *fake news* são entendidas aqui enquanto um *aspecto* da desinformação, que se inscreve em um enquadramento analítico mais amplo. A despeito disso, têm-se como referência aqui a figura de um consumidor de notícias mais ativo e minimamente consciente das suas escolhas no processo informacional. Essa noção é oposta à ideia de um consumidor passivo, o qual assimila as informações com as quais tem contato de modo acrítico e diante da exposição a *fake news*, acaba abastecendo desatentamente um cenário de desinformação.

O verbete “desinformação” no Dicionário dos Negacionismos no Brasil (Machado & Gitahy in Szwako & Ratton, 2022) a define como uma “mentira deliberada, estrategicamente utilizada para obter vantagens”, as quais podem ser de ordem política, econômica, simbólica, entre outras. As autoras ressaltam que a mobilização de estratégias de desinformação é especialmente comum em tempos de crise: considerando que há na desinformação uma

[46] Ver: Nyhan & Reifler (2013, 2015) e Demuru (2024).

dimensão estratégica, a possibilidade de causar dúvida ou confusão acerca do que é entendido como *real* facilita a manipulação da opinião pública. Neste sentido, a desinformação se distingue da má-informação (ou em inglês *misinformation*) por seu caráter deliberado e com vistas a um propósito específico. Uma estratégia de desinformação fortemente utilizada, inclusive em contextos históricos, é o estímulo ao descrédito no sistema de peritos, que será pormenorizado mais à frente.

Há, inclusive, quem já argumente que falar de desinformação já não é mais suficiente para explicar os fenômenos sociais e políticos recentes[47], pois ignora as "(...) dinâmicas sociais de competição envolvidas nos mercados de informação que produzem racionalizações eficazes das narrativas favorecidas por diferentes grupos sociais" (Williams, 2022, n.p), além de levar alguns analistas a ignorar de forma mais aprofundada *como* a informação pode ser enganosa e o contexto a isso associado.

Esta tese faz um convite à produção de uma análise mais ampla, considerando as condições sociais que possibilitaram a emergência de uma verdadeira política da desinformação, debruçando-se sobre o campo midiático digital para apreender as movimentações de novos atores midiáticos que têm consequências concretas no campo político, como é o caso do jornal Brasil Sem Medo. Para isso, o referido jornal vai ser estudado enquanto objeto, escolhido por ser uma representação precisa do argumento central a esta tese, justamente por considerar sua origem, a relação do seu fundador com o campo político brasileiro e a sua disposição no mercado dos discursos. Apesar deste esforço, entendemos que esta tese não tem a pretensão de esgotar o problema, mas propõe expandir a visão de contexto, considerando o contexto histórico específico e suas dinâmicas de poder, buscando abordar as complexidades das interações (sociais, políticas e culturais) que influenciam o comportamento humano em relação à informação.

[47] Ver: The focus on misinformation leads to a profound misunderstanding of why people believe and act on bad information, de Daniel Williams (2022). Disponível em: https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2022/09/05/the-focus-on-misinformation-leads-to-a-profound-misunderstanding-of-why-people-believe-and-act-on-bad-information/ Acesso em 25/06/2024.

CAPÍTULO 2
Quem foi Olavo de Carvalho? Trajetória e projeto de vida do guru conservador

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, apesar de ter sido batizado desta forma, nem sempre teve este nome. Em um dado momento da vida, no auge da sua juventude, mudou seu vulgo para *Sid Mohammad Ibrahim*. Este pequeno prólogo já anuncia os caminhos controversos pelos quais a biografia de Olavo de Carvalho percorre.

Nascido em Campinas, interior de São Paulo, em abril de 1947, Olavo ficou conhecido, diferentemente de outros autores, pelo seu primeiro nome. Filho de Luiz Gonzaga de Carvalho, advogado, e de Nicéa Pimentel de Carvalho, que o próprio Olavo alega que foi operária na indústria gráfica[48], teve uma infância marcada por problemas de saúde que o deixou acamado. Ainda muito jovem passou a fazer da escrita um trabalho, atuando no pequeno jornal Notícias Populares. Aos 19 anos, Olavo passou a ser militante filiado ao Partido Comunista Brasileiro, onde permaneceu por apenas dois anos, desvinculando-se em 1968 alegando discordar da estratégia de luta armada. Neste período, paralelamente ao trabalho no jornal, passou a estudar astrologia e esoterismo e após algum tempo, aos 32 anos, fundou junto a dois colegas a Escola Júpiter, uma escola de astrologia que teve destaque no eixo Rio - São Paulo. A escola esteve em atividade de 1979 a 1981, oferecendo cursos, atendimento de leitura de mapa astral, realizando publicações de revistas e livros sobre o tema através de editora própria e realizando grandes seminários, onde palestraram astrólogos de renome internacional. Na primeira edição da Revista de Astrologia lançada pela escola em 1979, há um parágrafo de apresentação assinado por Olavo que elucida o propósito da empreitada:

> O propósito da Escola Júpiter é contribuir para que a imensa riqueza representada por milênios de investigação e arte astrológica possa chegar até os estudiosos brasileiros e fecundar com novas sugestões, como novos enfoques e uma nova linguagem a criação permanente da cultura nacional. De uma cultura que, tendo superado todo provincianismo e toda inibição intelectual, se abra, frondosa e viva, para o desafio de pensar o homem em escala cósmica. (Revista de Astrologia, Ano I, nº 0, junho 1979)

A Escola Júpiter de Astrologia teve uma breve história, porém intensa, com clientes pertencentes às elites do Rio de Janeiro e de São Paulo e vasta divulgação. De acordo com sua filha Heloísa de Carvalho, em um livro onde ela expõe as controvérsias contidas na biografia do pai[49], por volta de 1982, Olavo passou a integrar a seita Tradição, de origem britânica e com histórico polêmico no Brasil por ser alvo de investigação da Polícia Federal por extorsão e contrabando, entre outros crimes. Olavo assumiu a liderança da seita que seguia as práticas do líder espiritual Idris Shah, que seguia a tradição Sufi. A Tradição foi alvo de investigações por

[48] Em: O Imbecíl Coletivo, V1, p. 86
[49] Em: "Meu pai, o guru do presidente" de Heloísa de Carvalho e Henry Bugalho (2020).

extorsão, contrabando, dentre outros crimes, por parte da Polícia Federal e, neste contexto, segundo Heloísa de Carvalho, seu pai "saiu fugido, alegando estar sendo perseguido e ameaçado por seus antigos companheiros" (Carvalho & Bugalho, 2020, p. 40).

Além de comunista e líder de seita, Olavo adicionou ao seu currículo uma mudança de religião e até mesmo de nome: em 1984, o ex-astrólogo e ex-comunista converteu-se à religião Islã e passou a integrar uma ordem esotérica sufi, a Tariqa, que faz parte da vertente contemplativa e mística da religião islâmica. Com o tempo, Olavo assumiu novamente uma posição de liderança dentro da Tariqa, onde passou a ser conhecido como *Sid Mohammad Ibrahim*. Vale pontuar que o tamanho carisma de Olavo, bem como sua capacidade de liderança, levou até alguns antigos integrantes da Tradição a integrarem a Tariqa junto a ele, levando-os inclusive a viver em comunidade, dividindo um sobrado no centro de São Paulo. Neste período, segundo Heloísa que, vale salientar, passou anos morando na comunidade da Bela Vista com o pai, Olavo mantinha seu interesse em astrologia, dando algumas aulas mais esporádicas. Seu dia a dia era dividido entre a garantia do bom funcionamento da comunidade, bem como dos seus seguidores que trabalhavam para manter a estrutura da tariqa, horários destinados para aulas e estudos. Com o passar dos anos, a vivência de Olavo na tariqa também passou por episódios polêmicos indo parar nos tribunais, a exemplo de uma queixa-crime[50] movida contra o líder alegando estelionato.

A trajetória de vida de Olavo de Carvalho, especialmente no que tange a sua juventude, foi imbuída em misticismo e doutrinas que se organizavam socialmente tais quais seitas, das quais, como foi dito anteriormente, Olavo sempre assumia uma posição de liderança. A experiência da tariqa, por exemplo, sustentou a ele, a seus filhos e companheiras[51] por alguns anos, até que uma disputa pela liderança culmina no fim do grupo. Após a dissolução, Olavo foi viver no Rio de Janeiro e depois em Porto Alegre. Então, o próximo destino foi marcante para a sua trajetória enquanto conservador: viveu em Bucareste, na Romênia, onde aprofundou-se nos conhecimentos e na obra de René Guénon, um intelectual esotérico e figura central à compreensão da escola tradicionalista, que será abordada mais à frente. É importante, porém, apreender a articulação entre uma dimensão ocultista do tradicionalismo e uma outra que foi associada mais recentemente à extrema-direita, através de figuras como os estrategistas políticos Aleksandr Dugin, na Rússia, e Steve Bannon nos Estados Unidos.

[50] Disponível em: https://www.stj.jus.br/publicacaoinstitucional/index.php/RevSTJ/article/download/9482/9622 Acesso em 10/04/2023.
[51] Heloísa afirma, tanto em seu livro quanto em entrevista, que o pai chegou a ter três esposas de maneira simultânea. Ver: https://oglobo.globo.com/epoca/olavo-chegou-ter-tres-esposas-muculmanas-ao-mesmo-tempo-diz-filha-23582761 Acesso em 11/04/2023.

Ao retornar ao Brasil, Olavo assumiu o cargo de professor assistente na PUC-PR, onde permaneceu entre 2002 e 2005 lecionando sobre ética e filosofia política. Há certa dificuldade em remontar os passos deste período da vida de Olavo em especial, pois não há tantas informações disponíveis além dos dados fornecidos pelo próprio. Vale ressaltar que, apesar de assumir como professor assistente, ele não tinha nenhuma formação de nível superior, pois, apesar de ter estudado filosofia por três anos na PUC-RJ, abandonou o curso antes de finalizá-lo. Em termos concretos, portanto, o autointitulado filósofo não possuía nenhum título acadêmico formal. De acordo com uma publicação feita em seu Facebook em novembro de 2013, ele evadiu-se da escola ainda no quarto ano do ginásio, o que hoje em dia seria equivalente ao oitavo ano do ensino fundamental, antes mesmo do ensino médio. Na publicação, afirma:

> Informo aos interessados que jamais prestei um vestibular, não tentei e não poderia fazê-lo. Minha inscrição, se a fizesse, jamais seria aceita. Saí da escola no quarto ano do ginásio, PARA NUNCA MAIS VOLTAR, firmemente decidido a buscar instrução por vias alternativas. Pelos resultados obtidos, acho que fiz a coisa certa. (CARVALHO, Olavo. Informo aos interessados que jamais (...). Richmond, 05 de novembro de 2013. Facebook: Olavo de Carvalho. Disponível em: https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10151960117307192 Acesso em 10 abril de 2023)

Paralelamente à sua referida atuação acadêmica, a partir dos anos 1990 Olavo passou a se destacar como articulista em grandes jornais como a Folha de S. Paulo, O Globo, Época, Zero Hora e Diário do Comércio. Durante a década de 1990, trabalhou em algumas redações e também como freelancer, o que o permitia dedicar-se a uma produção considerável. Em 1996, lançou seu primeiro livro com impacto nacional: "O Imbecíl Coletivo: atualidades inculturais brasileiras" pela Editora Vide, tendo Silvio Grimaldo[52] como editor. O livro, que viria a ser um dos mais vendidos do autor, discorre sobre o que ele nomeia como o fenômeno da decadência intelectual no Brasil, trazendo em seu título uma clara interlocução irônica com a noção de *intelectual coletivo* desenvolvida por Antonio Gramsci. *O Imbecíl Coletivo* consiste, portanto, numa dura crítica ao que foi referido no capítulo anterior como "o sistema de peritos", em especial à academia, que figura como a principal engrenagem deste fenômeno de "imbecilização em grande escala". No contexto da época, o livro teve grande repercussão, ainda que controversa. Alguns críticos destacavam o caráter corajoso da publicação, cujo posicionamento fortemente contrário às elites intelectuais e à mídia, com um caráter

[52] Grimaldo foi aluno de Olavo de Carvalho a partir de 2002, chegando até a morar, durante 8 meses, com Olavo e sua família nos Estados Unidos, conforme ele mesmo relata num comentário publicado no dia 21 de setembro de 2017. Neste relato, Grimaldo recapitula a experiência e desenha um Olavo de Carvalho "afetuoso e extremamente generoso". Em: https://olavodecarvalho.org/depoimentos/ Acesso: 13/07/2023.

marcadamente sarcástico, rendeu ao autor -que passou a ser conhecido nacionalmente como polemista- tanto um contingente de seguidores quanto de inimigos.

Outro ponto alto deste período foi a criação do site Mídia Sem Máscara[53] (MSM) em agosto de 2002, que, na esteira da sua crítica inaugurada no Imbecíl Coletivo, prometia o combate ao viés de esquerda da "grande mídia brasileira". Esta iniciativa deu início à trajetória de Olavo frente aos seus próprios veículos de notícias, característica que define boa parte da faceta de Olavo de Carvalho abordada nesta tese.

Ainda em 2005, Olavo deixa o Paraná com destino aos Estados Unidos, onde residiu até seu falecimento, em 24 de janeiro de 2022. Olavo emigrou a convite do Diário do Comércio, que o contratou como correspondente internacional, estabelecendo-se em Richmond, na Virgínia. Após a sua demissão do cargo, o articulista permaneceu morando em terras norte-americanas, lecionando um curso livre de filosofia online que ficou conhecido como Seminário de Filosofia[54], e foi a atividade para a qual Olavo se dedicou por mais tempo e reuniu mais de 5 mil alunos. As circunstâncias através das quais o brasileiro permaneceu morando nos Estados Unidos, vale salientar, são polêmicas até hoje, pois, segundo ele mesmo, possuía um visto de tipo EB-1 conhecido popularmente como "*genius visa*" ou "*einstein visa*" em referência ao físico notório que também recebeu o mesmo visto, sobre o qual se gabou diversas vezes[55].

A centralidade do Seminário de Filosofia na trajetória de Olavo se dá pelo fato de que foi nesse espaço que ele se consolidou como comentarista político. Segundo Patschiki (2012, p. 178), foi a partir da popularidade e do espaço conquistado pelo Seminário que ele passou a se colocar enquanto intelectual em detrimento dos títulos de "colunista" ou "palestrante". Foi também através do Seminário que ele "centralizou os esforços por reconhecimento, chegando à máxima de ter um instituto conservador localizado em Curitiba em sua homenagem, ainda que ele já estivesse morando nos Estados Unidos. O Instituto de Estudos Conservadores Olavo

[53] O site permanece ativo até hoje, disponível em: https://midiasemmascara.net/quem-somos/ Acesso em 03/04/2023.
[54] O Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho permanece disponível através do site https://sl.seminariodefilosofia.org/ onde os alunos podem assistir às aulas ministradas por ele. Acesso em 07/04/2023.
[55] Ver: https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10157081942647192 Acesso em 11/04/2023;https://www.facebook.com/carvalho.olavo/photos/a.275188992633182/1173648372787235/?type=3 &xts [0]=68.ARCfQx6TfIsh7z2Hras9J9P8zFdjgti3DtVdgq8pHw8hGd-NsSaGQB_-4tyzkVfMFRDHD1X_mv4dAreMnFlaiGo31cL544imIMO0guFFaUy9-tmmEOIOzpXEFg6C62z3UEJ45owkohKMIzFzZMgYgTb86tgJzlfa8WwGutwosQJyS50-UoFWrNVMZdFoX4VlSyzfoXxqGA7-h95lIzEvNsX3pjlSRxv4KO3HImE46h0Sq3lwfqnQfmtUFETl2TO3l_WpGdh0H1oI9PdfnOQcMDMUDrG9ph68wMqULpdHINktMutO-kof_noVGwqmt9aX97V4 Acesso em 11/04/2023

de Carvalho foi criado em 2010 e apesar de ter ainda um site ativo[56] e um CNPJ[57], não publica nenhum conteúdo novo em sua página desde julho de 2020 e não tem nenhum nome divulgado relacionado ao Instituto.

Em 2013, Olavo lançou, junto à editora Record, o seu best-seller "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota", que reunia 193 textos escritos entre 1997 e 2013, publicados anteriormente por periódicos nacionais. O livro teve mais de 250 milexemplares vendidos[58] e figurou por muito tempo entre os e-books mais vendidos do Brasil. Um episódio distinto envolvendo o livro foi a primeira *live* realizada pelo presidente recém- eleito Jair Bolsonaro, no dia 28 de outubro de 2018, pouco depois da divulgação do resultado das eleições. Na sala de estar da sua casa, ao lado da sua esposa Michelle e de uma intérprete de libras, Bolsonaro fez seu discurso de vitória ao vivo no *Facebook* para 330 mil pessoas, exibindo em cima da sua mesa 4 livros, que davam pistas sobre as diretrizes do seu futuro governo: a Bíblia, a Constituição Federal, o livro "Memórias da Segunda Guerra", onde o político britânico Winston Churchill discorre sobre o conflito mundial sob a sua ótica e, por fim, o livro "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota", de Olavo de Carvalho.

Figura 1 - Jair Bolsonaro em seu primeiro discurso após vencer as eleições presidenciais de 2018

Fonte: Empresa Brasil de Comunicação (EBC)[59]

[56] https://institutoolavodecarvalho.wordpress.com/ Acesso em 12/04/2023.
[57] https://www.econodata.com.br/consulta-empresa/12529132000194-CENTRO-DE-ESTUDOS-LANDMARK Acesso em 12/04/2023.
[58] De acordo com Carlos Andreazza, editor executivo na Editora Record, em matéria de Flávia Tavares para O Globo, disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/olavo-de-carvalho-guru-da-direita-que-rejeita-que-dizem-seus-fas-23254692 Acesso em 13/04/2023.
[59] Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/bolsonaro-cumprira-promessas-e-governara-ao-lado-da-constituicao Acesso em 08/04/2023.

O presidente eleito declarou ainda, ao se referir aos livros que dispunha em sua frente no final da sua fala:

> O que eu mais quero é seguir ensinamentos de Deus ao lado da Constituição brasileira, inspirando-me em *grandes líderes*, com boa assessoria, técnica e profissional ao seu lado, isenta de indicações políticas de praxe. (BOLSONARO, 2018, 01:55 - 02:17)[60]

A relação entre Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro será abordada nos próximos tópicos, mas o fato do recém-eleito presidente ter escolhido evidenciar o livro do autoproclamado filósofo em sua primeira exposição oral como presidente eleito é bastante simbólico. Em 2019, através do governo brasileiro, Bolsonaro homenageou Olavo com a mais alta honraria da diplomacia, a Ordem do Rio Branco no grau de Grã-Cruz. Segundo o Itamaraty, a honraria é destinada a pessoas físicas, jurídicas, corporações militares ou instituições civis, nacionais ou estrangeiras pelos seus serviços ou méritos excepcionais. A decisão tornou-se pública a partir de uma edição extra do Diário Oficial[61], e foi estendida aos filhos de Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro e o deputado federal Eduardo Bolsonaro, bem como a outras figuras ligadas ao governo, como o então ministro da Justiça e Segurança Pública Sérgio Moro e o então ministro da Educação - e ex aluno do curso de filosofia de Olavo de Carvalho- Abraham Weintraub. Porém, antes de aprofundar o vínculo entre Olavo e o campo político, é fundamental apresentar uma contextualização que retome o histórico do polemista com os veículos de mídia para, então, introduzir o jornal Brasil Sem Medo.

2.1. O histórico controverso com a mídia: estratégias e confrontos

Como citado brevemente, a relação entre Olavo e os veículos de mídia tradicionais era bastante conturbada, porém nem sempre foi assim: de acordo com a EBC[62] Olavo escreveu para um jornal pela primeira vez ainda aos 17 anos, no jornal Folha da Manhã. Atuou também no jornal A Gazeta, na revista Atualidades Médicas, no Jornal da Semana e no Jornal da Tarde, onde galgou espaço para a publicação de artigos de cunho crítico ao que chamava de "establishment esquerdista" e, até mesmo, à própria mídia, que, segundo ele, ignoram de forma proposital algumas demandas e denúncias. É possível encontrar diversos artigos publicados em

[60] Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7120988/ Acesso em 28/08/2023
[61] Disponível em: https://static.poder360.com.br/2019/05/olavo-bolsonaro-mre.pdf Acesso em09/04/2023.
[62] Em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-01/olavo-de-carvalho-morre-aos-74-anos-nos-estados-unidos Acesso em 11/04/2023.

alguns jornais em que Olavo trabalhou em seu site oficial[63], que serve hoje como um verdadeiro memorial dos seus textos, cujo acervo remonta do ano de 1987 a 2022.

Olavo também atuou como colaborador em alguns grandes veículos que viriam a ser alvo de suas constantes e contundentes críticas, como a Folha de S. Paulo -onde ele assinou em 1997 uma coluna semanal intitulada "Folhetim", Zero Hora e O Globo. Olavo foi colunista fixo do Diário do Comércio (jornal editado pela Associação Comercial de São Paulo) entre 2006 e 2014 e, apesar do seu histórico profissional evidenciar o espaço ocupado por Olavo em grandes veículos de comunicação, no evento da sua morte, o Diário do Comércio publicou em sua versão digital: "Sempre provocador, Olavo acabou ignorado pela maioria dos meios de comunicação, mas encontrou espaço no DC"[64] . O argumento de que o polemista não teve espaço nos veículos de comunicação tradicional cai por terra: em sua juventude, além de articulista, desenvolveu as funções de repórter, redator e roteirista em jornais nacionais. Com o passar dos anos, em especial após se mudar para os Estados Unidos em 2005, a colaboração de Olavo com os jornais brasileiros passou a ser mais pontual e, não coincidentemente, o teor da sua crítica aos veículos passou a se tornar cada vez mais contundente. Olavo havia criado, ainda em 2002, um site de notícias chamado Mídia sem Máscara, no qual passou a concentrar seus artigos, sobretudo a partir de 2005.

True Outspeak

Além do Mídia Sem Máscara (MSM), Olavo lançou em dezembro de 2006, bem antes do *boom* dos podcasts, um programa online de rádio chamado *True Outspeak*, onde tecia comentários políticos e culturais semanalmente. O nome escolhido para o programa faz referência a alguém que fala sem reservas, de forma franca e sem cerimônia, o que condiz com a postura adotada pelo seu *host*. Os episódios iniciavam sempre ao som da marcha "*Pomp and Circumstance march nº 4*" de Edward Elgar, seguido da frase de praxe inicial repetida em todos os programas: "Começamos mais uma vez invocando a santíssima Virgem Maria e o Santo Padre Pio de Pietrelcina para que roguem a Deus que nenhuma injustiça se cometa nesse programa.". Entre 2006 e 2013, ano em que foi encerrado, foram publicados quase 300 episódios. As transmissões eram uma mistura do léxico verborrágico olavista habitual, que abusava do uso de xingamentos, das palavras de baixo calão e tom sarcástico, e a emulação do

[63] Em: https://olavodecarvalho.org/ Acesso em 03/03/2023.
[64] Em: https://dcomercio.com.br/publicacao/s/escritor-olavo-de-carvalho-morre-aos-74-anos Acessoem 11/04/2024

comportamento de Rush Limbaugh, um radialista estadunidense de extrema-direita e conspiracionista.

A importância do *True Outspeak* para a conjuntura analisada nesta tese é, especialmente, o fato de a criação do programa demonstrar uma mudança na posição de Olavo, que se despedia definitivamente dos vínculos que ainda mantinha com veículos tradicionais e do lugar de "observador científico", como gostava de se definir, para assumir a posição ativa de produtor de conteúdo, sem ter que passar por filtros editoriais. O *True Outspeak* abordava assuntos que eram tidos como complexos com uma linguagem acessível. Segundo Filipe Martins, aluno assíduo de Olavo em entrevista com Flávia Tavares para O Globo em 2017[65], o apelo do programa era oferecer algo próximo a uma "tradução" de ideias complexas mesclada a elementos da cultura popular, que seriam mais facilmente relacionáveis com os ouvintes: "O professor nos disse que queria ser uma síntese de Platão com Trapalhões. De Aristóteles com Alborghetti". Esse comentário de Filipe está em consonância com o que o seu professor relatou no último episódio do *True Outspeak*, que foi ao ar dia 05 de dezembro de 2015 (um dia antes do programa completar 6 anos), onde ele retoma os objetivos que o motivaram a criar o *True Outspeak* que, segundo ele, teriam sido alcançados. Com suas próprias palavras, Olavo colocou que uma das finalidades do seu programa era "modificar a linguagem da conversa política no Brasil"[66]; ainda segundo ele, não fazia mais sentido manter uma "conversa polida" diante dos políticos brasileiros. Para atingir este objetivo, explica: "eu tive que fazer essa concessão que é falar na linguagem do esculacho brasileiro, que não é a minha linguagem"; o polemista argumenta que seu léxico de baixo calão ou, como ele mesmo coloca, "a linguagem típica do *True Outspeak*", seria uma estratégia de aproximar seu conteúdo do povo brasileiro. Ainda assim, Olavo defende que mesmo usando essa linguagem não perdia o nível intelectual da discussão que, segundo ele, era "mais ou menos o mesmo" que ele usava nas aulas do Seminário de Filosofia. Portanto, conclui: "Unir a linguagem popular brasileira com a alta cultura foi outro objetivo que foi atingido aqui".

Isso posto, Olavo assumia que o seu programa de rádio fazia parte de uma estratégia de curto prazo cujos objetivos haviam sido alcançados, e paralelamente justificava a necessidade de descontinuá-lo por limitações de tempo diante da sobrecarga de trabalhos. Paralelamente a isso, Olavo seguia ministrando aulas no seu Seminário de Filosofia, sobre o qual explica: "tem

[65] Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/olavo-de-carvalho-guru-da-direita-que-rejeita-que-dizem-seus-fas-23254692 Acesso em 13/04/2023.
[66] Trechos transcritos do episódio 293, que foi ao ar dia 5 de dezembro de 2015, disponível em: https://podcasts.apple.com/br/podcast/true-outspeak-293-despedida/id1493069763?i=1000460978905 Acesso em 12/04/2023.

uma finalidade a longo prazo, que é criar uma nova camada intelectual no Brasil. Uma nova camada de escritores, artistas, pensadores mais qualificados, que possam devolver um pouco da dignidade que a alta cultura brasileira tinha a anos atrás" (Carvalho, Olavo de. *True Outspeak*, episódio 293). Uma outra curiosidade sobre este episódio de despedida que vale a pena citar é que, logo no início, Olavo agradece publicamente à família Bolsonaro pelo envio de um presente:

> Queria agradecer à família Bolsonaro, Jair, Flávio e Carlos, pela remessa desse livro 'ORVIL: Tentativas de tomada do poder' (...) que é resultado de um relatório do serviço de inteligência sobre as tentativas dos comunistas de tomarem o poder no Brasil (...) Então, Bolsonaros, muitíssimo obrigado pela remessa desse material precioso e um abração para todos vocês. Sucesso aí! (Carvalho, Olavo de. *True Outspeak*, episódio 293)

O livro presenteado pela família Bolsonaro é extremamente polêmico, além de um importante ingrediente no caldo político que conecta Olavo de Carvalho aos seus seguidores mais conspiracionistas. Muito além do que descreveu Olavo ao agradecer publicamente, Orvil é uma "resposta" à obra "Brasil: nunca mais", que foi lançada pela Editora Vozes em 1985 denunciando os diversos crimes cometidos pela ditadura militar. O título oficial do Orvil, que nada mais é que o palíndromo da palavra "livro", é "O Livro Negro do Terrorismo no Brasil" e trata-se da publicação resultante de um projeto secreto do Centro de Informações do Exército e que teve sua divulgação vetada pelo então presidente José Sarney. Apesar disso, um importante estudo que trouxe os documentos à tona[67] confirmou que cópias contrabandeadas do livro não só circularam por décadas entre os militares, como, ao que tudo indica[68], foram disseminadas institucionalmente. O conteúdo do livro, que será retomado mais à frente a partir da interpretação de João Cezar Rocha (2020), remonta toda a história do Brasil através das tentativas comunistas de tomadas de poder, iniciando-se em 1922 a partir da fundação do Partido Comunista Brasileiro. Ao receber o livro presenteado, Olavo de Carvalho afirma ter lido apenas trechos, mas que estava contente por ter ao seu alcance a totalidade daquele "material precioso".

[67] Em: "Olho por olho - Os livros secretos da ditadura" do jornalista Lucas Figueiredo (2009).
[68] A partir da análise de documentos institucionais que eram confidenciais e tornaram-se públicos em 2007, disponíveis em: https://apublica.org/wp-content/uploads/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura-arquivos-89.pdf?goal=0_069298921c-5768d4c4cb-288792965&mc_cid=5768d4c4cb&mc_eid=4c93de0903 ; https://apublica.org/wp-content/uploads/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura-arquivos-90.pdf?goal=0_069298921c-5768d4c4cb-288792965&mc_cid=5768d4c4cb&mc_eid=4c93de0903 ; https://apublica.org/wp-content/uploads/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura-arquivos-91.pdf?goal=0_069298921c-5768d4c4cb-288792965&mc_cid=5768d4c4cb&mc_eid=4c93de0903 ; e, em especial, https://apublica.org/wp-content/uploads/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-apreciacao.pdf?goal=0_069298921c-5768d4c4cb-288792965&mc_cid=5768d4c4cb&mc_eid=4c93de0903 Acesso em 13/04/2023.

Ao despedir-se do seu programa de rádio em 2015, Olavo dava continuidade às suas outras atividades. Entretanto, seu histórico com a mídia não sofria um hiato, pois o Mídia sem Máscara, que permanece em operação até hoje[69], permanecia no ar.

Mídia Sem Máscara

O site Mídia sem Máscara tinha uma função marcadamente distinta da mobilizada por Olavo em seu programa de rádio: o MSM foi fundado com o objetivo de ser um "*media watch*", ou seja, uma plataforma de monitoramento da mídia tradicional, alegando, inclusive, ser pioneiro no Brasil com esse objetivo. No site é possível encontrar pistas do que motivou a sua realização:

> (...) destinado a publicar as idéias e notícias que são *sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira*. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe *amostras*, que por si só, bastam para dar uma idéia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional. (Trecho do "Quem Somos" no site da Mídia sem Máscara, disponível em: https://midiasemmascara.net/quem-somos/ Acesso em 12/04/2023.Grifos nossos)

Neste trecho, fica claro que o MSM não tinha como objetivo ser um site de notícias diário, mas ser um site que publica, a partir do monitoramento do que chamam da "mídia esquerdista", amostras/recortes de notícias que não tiveram espaço em outros veículos e, consequentemente, não atingiram o grande público. De acordo com o site: "a simples enumeração desses temas ausentes na nossa imprensa já basta para provar: *na grande mídia brasileira não existe jornalismo nenhum*. Existe apenas manipulação a serviço da esquerda" (Idem, grifo nosso). Dentre os "temas ausentes" destacados no site, vale pontuar, encontram-se textos relacionando as vacinas contra COVID-19 a todo tipo de arbitrariedade: de uma mulher que precisou amputar a perna na Bahia[70] ao escândalo das milhares de mortes provocadas por vacinas nos Estados Unidos[71].

Seguindo a lógica da argumentação contida no site, a manipulação que ocorre nos veículos de comunicação é generalizada, não se restringindo a veículos específicos:

> A corrente que nos domina hoje é constituída da totalidade da oposição esquerdista dos anos 70, que se diversificou em agremiações distintas para poder mais facilmente dominar o conjunto sem dar uma impressão demasiado flagrante de controle monolítico. Mas o controle monolítico existe. A uniformidade da censura seletiva nos vários jornais e canais de TV é evidente demais para que alguém possa negá-la com honestidade. (Trecho do "Quem Somos" no site da Mídia sem Máscara, disponível em: https://midiasemmascara.net/quem-somos/ Acesso em 12/04/2023)

[69] Em: https://midiasemmascara.net/ e também através do Twitter @midiasemmascara. Acesso em 11/04/2024
[70] Em: https://midiasemmascara.net/raimunda-cicera-pe-amputado/ Acesso em 12/04/2023.
[71] Em: https://midiasemmascara.net/mortes-vax-criancas-pfizer/ Acesso em 12/04/2023.

Neste sentido, não haveria alternativas aos veículos de mídia tradicionais: todos fariam parte de um monólito ideológico. Além disso, o texto afirma que até mesmo os jornais do dia (ou seja, que se prestam à publicação de notícias diárias) estariam contaminados por tal ideologia esquerdista, pois "(...) a acumulação do que os jornais velhos disseram forma o *fundo de crenças que constitui a base de julgamento* das notícias do dia." (Idem, grifo nosso). Por este motivo, explica o texto, "não adianta corrigir esta ou aquela notícia em particular, se os critérios consolidados por uma longa repetição de mentiras já embotaram a sensibilidade do público. " (Idem).

O MSM chegou a encerrar suas atividades em 2018, mas depois retomou o projeto, mantendo em seu site Olavo de Carvalho como fundador e editor-chefe, até sua morte, dando continuidade ao seu trabalho após seu falecimento. O historiador Lucas Patschiki (2012), que em sua dissertação "Os litores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária" apresentou uma análise aprofundada do site Mídia sem Máscara, mais especificamente no período entre 2002 e 2011, aponta uma sinergia entre a data de seu lançamento e o período político vivido no Brasil:

> O MSM surge como parte de uma onda maior, mundial, de partidos fascistas que acompanham a crise o capital. (...) No Brasil, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, este tipo de discurso emerge rapidamente, revestido de um anticomunismo justificado como 'preventivo', atentando para esta mudança no bloco de poder, novidade na autocracia burguesa brasileira (Patschiki, 2012, p. 226)

Outro dado interessante retomado por Patschiki em sua dissertação parte de um levantamento que ele fez dos periódicos que Olavo de Carvalho publicava no período em que inaugurou o MSM. Baseado no *curriculum vitae* do próprio autor, Patschiki formulou a seguinte tabela:

TABELA 1: Periódicos em que Olavo de Carvalho publicava em 2002

Publicação	*Sites* (alguns já fora do ar)	Comentário de Olavo de Carvalho
O Globo	http://www.oglobo.com.br	*"Artigos semanais"*
Época	http://www.epoca.com.br	*"Artigos semanais"*
Bravo!	http://www.revbravo.com.br	*"Leia lá os artigos de Olavo de Carvalho e de outros jornalistas da pesada: Bruno Tolentino, Sérgio Augusto, Millôr Fernandes e tutti quanti..."*
Jornal da Tarde	http://www.jt.com.br	*"Traz todos os artigos de Olavo de Carvalho publicados no Jornal da Tarde de São Paulo"*
Zero Hora	http://zerohora.clicrbs.com.br/	Não consta descrição
Folha de S. Paulo	http://www.folha.com.br/	Não consta descrição
Leader	http://www.iee.com.br/leader/	*"Revista dos liberais de Porto Alegre – os mais combativos que existem no Brasil – com artigos de J. O. de Meira Penna e Olavo de Carvalho"*
Libertárias	http://13571113.vila.bol.com.br/shikida/index-2.html	*"Revista on-line de Claudio Shikida, 'um espaço para a divulgação de opiniões muitas vezes ignoradas pela maliciosa estratégia do silêncio'"*
O Expressionista	http://www.bsnet.com.br/usr/chiuso	*"Inteligente jornal on-line de Santos, SP"*
Midia Sem Máscara	http://www.midiasemmascara.org	*"Jornal on-line com o objetivo de desmascarar a mídia brasileira"*

Fonte: Patschiki (2012, p. 222)

Diante do exposto, é possível concluir, portanto, que o argumento de que Olavo de Carvalho precisou recorrer a plataformas alternativas por ter seu espaço negado pela mídia tradicional não se sustenta, embora a sua relação com periódicos liberais e conservadores já estivesse evidente. O interessante é entender que Olavo construiu a sua crítica à mídia tradicional, que sempre foi uma das bandeiras do pensamento olavista, figurando *entre* a mídia tradicional. Dito de outra forma, Olavo fazia parte do que criticou a vida toda, ainda que o tom da crítica fosse aumentando na medida em que ele ia se afastando de tais veículos. Ainda assim, a mídia nacional, com a qual o próprio Olavo contribuía, foi classificada desde a fundação do MSM como "instrumento dócil" a serviço da manobra de controle esquerdista"[72].

Além do site oficial, o MSM conta até hoje com um canal no Youtube[73], atualmente com cerca de 59 mil inscritos e acumulando 4.778.621 visualizações, e uma conta no Twitter com mais de 77 mil seguidores, que aponta o jornalista Edson Camargo como atual diretor-executivo. As iniciativas de Olavo relacionadas a veículos de mídia não acabam por aí: ainda que o MSM não tenha sido descontinuado, Olavo de Carvalho inaugurou em 2019 o seu último empreendimento no campo da comunicação: o jornal Brasil sem Medo.

[72] Em: https://midiasemmascara.net/quem-somos/ Acesso em 13/04/2023.
[73] Disponível em: https://www.youtube.com/@CanalMSM/about Acesso em 13/04/2023.

2.2 O jornal Brasil Sem Medo

O jornal Brasil Sem Medo (BSM) foi o último veículo de comunicação lançado por Olavo de Carvalho antes do seu falecimento, indo ao ar em dezembro de 2019 sob a diretriz de ser "o maior jornal conservador da internet brasileira". Em sua apresentação, a qual tempos depois passou a não configurar mais no site (mas foi documentada através de uma matéria do Estadão[74]), o Jornal se apresenta como um veículo que tem como compromisso a distinção clara entre notícias e textos analíticos com o objetivo de não se "refugiar no patético isentismo da nova esquerda e do velho centrão", e afirma também reuniruma "tropa de elite do jornalismo, sob o comando do filósofo e escritor Olavo de Carvalho, pai da revolução democrática brasileira". Se apresenta de antemão como uma alternativa aos veículos de comunicação tradicionais do país, com linha editorial conservadora, ressaltando ofato de ser um jornal independente.

Além de idealizador, Olavo de Carvalho foi o responsável por apresentar o BSM ao mundo[75], movimento que teve ampla divulgação por parte da mídia tradicional[76]. Em seu lançamento, Paulo Briguet (jornalista e escritor) figura como editor-chefe do jornal, que também conta com Silvio Grimaldo (cientista social que, posteriormente, assumiria um cargo de assessor especial do Ministério da Educação) como diretor-executivo; já Olavo de Carvalho figurava como presidente do conselho editorial e colunista do jornal. Junto ao lançamento, foi publicado um "manifesto", onde promete oferecer aos leitores "uma distinção clara entre notícia e análise", mas sem se render ao que eles chamam de *isentismo* relacionado à nova esquerda e ao velho centrão. Antes do seu lançamento, o site que iria hospedar o jornal digital exibia o versículo da Bíblia que se tornou velho conhecido através dos discursos do ex presidente Bolsonaro: João 8, versículo32 "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

O BSM inicialmente tinha ares de apenas mais um jornal diário digital, porém vem se expandindo para outros mercados e diversificando os formatos dos seus conteúdos, sempre ostentando a particularidade de ser ideologicamente conservador. Posteriormente o BSM passou a produzir muito mais do que notícias escritas, conforme será abordado mais à frente, e por isso é referido aqui enquanto *veículo* de comunicação.

---

[74] Ver: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,secretario-do-mec-e-socio-do-dono-do-brasil-sem-medo-site-lancado-por-olavo-de-carvalho,70003120691 Acesso em 11/03/2023.
[75] Em: https://www.youtube.com/watch?v=Jov1d8R4Zj0 Acesso em 18/04/2023.
[76] Ver: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/olavo-de-carvalho-anuncia-jornal-online-brasil-sem- medo.shtml ; https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/12/olavo-de-carvalho-anuncia-jornal-online-brasil-sem-medo.html ; https://www.metropoles.com/chapelaria/olavo-de-carvalho-lanca-brasil-sem- medo-um-jornal-conservador ; https://www.otempo.com.br/politica/olavo-de-carvalho-anuncia-jornal-online- brasil-sem-medo-1.2270759 ; https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/olavo-de-carvalho-jornal-online-brasil-sem-medo/ Acesso em 18/04/2023.

Poucos dias após o lançamento do veículo, o editor-chefe Paulo Briguet publicou um texto abordando alguns detalhes da nova empreitada. De acordo com Briguet[77], o projeto do BSM foi motivado a partir da seguinte provocação de Olavo:

> Anos atrás, o filósofo Olavo de Carvalho disse: 'O primeiro candidato presidencial conservador que aparecer derrotará todos os seus concorrentes'. Como se viu nas eleições de 2018, o prognóstico estava certo. Então, Olavo disse: 'Quem lançar um jornal conservador derrotará todos os seus concorrentes'. O Brasil Sem Medo nasceu desse conselho. O país precisa de um jornal conservador, afinado com os anseios da maioria do povo. Ninguém aguenta mais a velha mídia. (Briguet, Paulo. "Perguntas e respostas sobre o Brasil Sem Medo". 19/12/2019)

Neste sentido, no trecho exposto com o tom quase bíblico, fica explícito que o BSM surge na esteira da ascensão do Bolsonarismo, ao fim do primeiro ano do governo Bolsonaro, com vistas a oferecer e difundir conteúdos assumidamente conservadores, fazendo o contraponto com os veículos tradicionais. Além disso, como exposto no tópico anterior, a realização de um veículo de notícias diárias de grande alcance sempre fora um projeto de Olavo de Carvalho. Briguet afirma ainda que quem está por trás deste projeto é "um grupo de amigos -empresários, intelectuais, professores, jornalistas- decididos a prestar um bom serviço ao Brasil" (Idem). A respeito do alinhamento ideológico do veículo, Briguet diz que se trata de uma "linha editorial conservadora", que se define por "um amor incondicional à verdade", e adiciona:

> Não existem fatos de direita ou de esquerda, existem fatos. Mas, assim como nem todo fato é notícia, nem toda notícia é informação. Nas últimas décadas, a grande mídia, sequestrada pela esquerda, tornou-se uma verdadeira indústria da desinformação, disseminando meias-verdades ou notícias falsas — sem contar as lacunas de silêncio — para servir, voluntariamente ou não, elites corruptas e criminosas. Queremos restaurar a veracidade na mídia brasileira. (Idem)

No que tange a seleção dos nomes que iriam compor a redação do veículo, Briguet diz que houve uma seleção a partir de perfis que representassem "efetivamente os valores conservadores da sociedade brasileira", que remetesse às cidades de Jerusalém, Atenas e Roma. Briguet explica os valores relacionados:

> De Jerusalém, a matriz judaico-cristã. De Atenas, a filosofia e a literatura grega. De Roma, as bases do Direito. Partindo desses fundamentos, queremos ampliar o horizonte de consciência dos leitores e lutar contra duas doenças do espírito contemporâneo: o relativismo moral e o cronocentrismo. (Idem)

O volátil corpo de colaboradores e autores do Jornal

Neste primeiro momento, os demais nomes divulgados foram: Leandro Ruschel (empreendedor no ramo de investimentos e articulista), Taiguara Fernandes de Souza (advogado), Bernardo Pires Küster (administrador e "empreendedor cultural") e Fábio

[77] Em: https://brasilsemmedo.com/perguntas-e-respostas-sobre-o-brasil-sem-medo/ Acesso em: 18/04/2023.

Gonçalves (professor de história e escritor). É fundamental ressaltar que todos os supracitados publicam em suas redes sociais conteúdos religiosos e foram alunos de Olavo de Carvalho em diversos cursos.

Desde sua criação, a redação do BSM conta com outros 36 nomes, dentre nomes reais e fictícios, a exemplo de "Os Brasileirinhos", "Bárbara Te Atualizei" e "Motorista do Uber", pseudônimos de colunistas do jornal. Na tabela abaixo é possível encontrar a lista dos autores colaboradores e colunistas, assim como sua formação e ocupação:

TABELA 2: Nome, formação e ocupação de autores da redação do Brasil Sem Medo

Nome	**Formação**	**Ocupação**
Paulo Briguet	Jornalismo e comunicação	Editor-chefe do BSM
Silvio Grimaldo	Ciências Sociais	Diretor-executivo do BSM e ex assessor especial do MEC
Bernardo Küster	Administração	Diretor de opinião do BSM
Fernando de Castro	Jornalismo e marketing político	Colunista no BSM e mestrando
Fábio Gonçalves	-	Professor de História e Redação
Leandro Ruschel	Bacharelado em engenharia mecânica (incompleto)	Sócio-fundador da Liberta Investimentos
Lucas Mafaldo	Psicologia e filosofia (pós-graduação)	Conselheiro do governo canadenses e dá cursos online de inteligência prática
Lucas Ribeiro	Publicidade e Relações Internacionais	Colunista de América Latina no BSM
Taiguara Fernandes	Direito	Advogado
Douglas Pelegati	Filosofia	Dono de uma empresa de assessoria administrativa
Claudia Morais Piovezan	Direito	Promotora de justiça
Brás Oscar	-	Apresentador dos quadros do BSM: Tapa Cultural e Brave News
Diego Pessi	Direito	Promotor de justiça e escritor
Hélio Costa Jr.	Publicidade	Filiado ao Podemos, filho do deputado federal Hélio Costa (Republicanos-SC)
Juliana Freitag	-	Correspondente do BSM na Itália
Alexandre Costa	-	Escritor
Ricardo Gancz	Educação Física*	Correspondente do BSM em Israel e professor de filosofia
Os Brasileirinhos/Elton Mesquita	-	Roteirista do Brasil Paralelo e dono do canal "Os Brasileirinhos" no YouTube
Bene Barbosa	Ciências Jurídicas	Militante a favor da porte/posse de armas de fogo, presidente da ONG

		Movimento Viva Brasil
Vinicius Sales	Jornalismo	Redator para o Brasil Sem Medo
Stefani Onesko	História	Professora de história e podcaster
Cristian Derosa	Jornalismo	Editor adjunto do BSM
Fabiana Barroso	Direito	Comentarista política
Bárbara Destefani	-	YouTuber do canal "Te Atualizei"
Diego Hernandez	Ciências da Comunicação	Diretor de comunicação e desenvolvimento na Political Network for Values
Otávio Pedriali	Administração	Redator para o Brasil Sem Medo e para textos publicitários
Eduardo Meira	-	Músico e YouTuber do canal "Edu Meira"
Braulia Ribeiro	História e teologia	Missionária e articulista
Alessandra Barbieri	Direito	Advogada
Maura Laura de Assis	Comunicação Social	Jornalista e Youtuber
Maria Eugênia de Assis	Ciência política	Cientista política e youtuber
Claudio Dirani	Comunicação Social	Jornalista e escritor
Juliana Gurgel	Comunicação Social e Artes Cênicas	Colunista de Cultura do BSM
Diógenes Freire	Jornalismo	Redator para o BSM e para o Blog Ponto a Ponto
Eduardo Matos de Alencar	Sociólogo	Escritor
Pacelli Luckwü	Economia	Criador de conteúdo digital e correspondente do BSM na Alemanha
Daniel Duarte	-	Não foi possível identificar nenhum perfil
Rhuan C. Soletti	Direito (em andamento)	Colunista do BSM
Luís Batistela	-	Colunista do BSM

Fonte: Elaborada pela autora a partir do mapeamento de redes sociais e perfis públicos na internet. Algumas informações não foram encontradas, por isso não constam na tabela.

A redação do jornal conta com um contingente considerável de jovens, majoritariamente cristãos e com formações variadas no que tange os níveis, que vão desde doutores a pessoas sem formação, e as especialidades. Porém, há alguns pontos de convergência que valem ser ressaltados. O primeiro diz respeito ao fato de que os autores, especialmente o núcleo duro do BSM, foram alunos de Olavo de Carvalho em algum momento das suas vidas, majoritariamente através do Curso Online de Filosofia. Outro ponto de

convergência é a presença nas redes sociais: a grande maioria dos autores mantém as contas ativas em alguma rede social, onde produzem conteúdos autorais e/ou compartilham conteúdos entre si, seja através de *reposts* dos colegas ou através da produção conjunta de conteúdos. Dos que produzem conteúdos autorais, a maioria concentra-se no *YouTube* e/ou no *Instagram*, reunindo milhares de seguidores. Por fim, dentre os autores que expõem alguma filiação religiosa de forma pública em suas redes, todos fazem parte da Igreja Católica, tendo a doutrina cristã como fundamento para seu pensamento e opiniões. É importante pontuar também que uma parte dos autores trabalha como redatores freelancers, de modo que não é fácil apreender seu vínculo com o jornal- enquanto que algumas pessoas divulgam o vínculo com o Brasil Sem Medo em suas redes, outras omitem essa vinculação ao Jornal.

"Quem somos nós": O BSM se apresenta ao público

Na ocasião do seu lançamento no fim de 2019, o editor-chefe do BSM Paulo Briguet apresentou o novo empreendimento ao público, definindo-se como parte de um "grupo de amigos — empresários, intelectuais, professores, jornalistas — decididos a prestar um bom serviço ao Brasil" e segue: "Nenhum de nós — *ressaltamos: nenhum de nós — ocupa cargo ou tem qualquer vínculo direto com o governo*" (BRIGUET, 2019, grifo do autor)[78]. A ênfase na ausência de relação formal com o governo (que, cabe lembrar, o ano em questão era o fim do primeiro ano do governo Bolsonaro) traz à tona um ponto que se mostrou fundamental ao empreendimento: o fato de tratar-se de um veículo de mídia independente é motivo de orgulho para o BSM, reiterado repetidamente em diversos espaços[79]. Segundo a lógica do editorial BSM, o fato de ser um veículo independente garante que não haja "amarras ideológicas" que potencialmente limitariam a produção de conteúdo de acordo com os seus financiadores - conforme criticam os veículos concorrentes da mídia tradicional. Quando questionado sobre como ocorre o financiamento que garante o funcionamento do veículo, Briguet responde:

> Nosso modelo de negócios é o mais simples, transparente e democrático possível: o jornal será inteiramente financiado pelos próprios leitores, através de uma pequena assinatura mensal. É cláusula pétrea, para nós, não aceitar um centavo do governo nem de empresas estatais. Acreditamos na livre decisão das pessoas. (Idem)

A dita "cláusula pétrea" do BSM dialoga com uma crítica que permeia os estudos de mídia há diversas décadas: a ideia de que os veículos que são ligados aos grandes grupos de comunicação dependem financeiramente de alianças com grupos políticos, instituições governamentais ou,

[78] Em: https://brasilsemmedo.com/perguntas-e-respostas-sobre-o-brasil-sem-medo/ Acesso em 21/07/2023.
[79] Ver: https://lp.brasilsemmedo.com/assine-p/?sck=botao-site ou https://brasilsemmedo.com/perguntas-e-respostas-sobre-o-brasil-sem-medo/ Acesso em 21/07/2023.

até mesmo, da parceria com anunciantes. Neste sentido, haveria uma censura velada -ou, até mesmo, expressa- que limitaria ou direcionaria o conteúdo produzido e veiculado por estes veículos. Em contrapartida, o fato de depender unicamente do financiamento de leitores colocaria o BSM num lugar de autonomia e insubordinação a qualquer tipo de censura, comprometido apenas com a sua "linha editorial conservadora" que orienta politicamente o veículo.

No texto de apresentação do BSM ao público supracitado, Briguet define o que entende como "linha editorial conservadora", no já supracitado trecho em que ele a define enquanto "um amor incondicional à verdade". É interessante perceber o apelo à *verdade* enquanto valor irrefutável e absoluto, não relacionado necessariamente ao jornalismo responsável ou profissional, mas ao jornalismo de *linha editorial conservadora.* Neste sentido então, o BSM se coloca no campo da comunicação enquanto alternativa à "grande mídia sequestrada pela esquerda", a qual opera, segundo Briguet, de acordo com as vontades das "elites corruptas e criminosas". A linha editorial que fundamenta o BSM seria portanto a que privilegia a notícia factual acima de qualquer interesse particular, superando a indústria de desinformação promovida pela grande mídia.

Uma parte importante da estrutura do jornal BSM foi anteriormente apresentada, sobretudo o corpo de autores. Porém uma das características que o destaca dos demais e que vale ser analisada é o fato do Brasil Sem Medo, para além de um jornal diário, é um verdadeiro veículo de comunicação, com frentes distintas de produção de conteúdo, e é sobre esta estrutura interna do veículo que iremos nos debruçar a fim de melhor caracterizar o empreendimento.

2.2.1 Estrutura do veículo: os quatro segmentos de conteúdo do BSM

Na *homepage* do Brasil Sem Medo é possível identificar, logo ao lado do nome do jornal, quatro sessões que segmentam o conteúdo do Jornal de acordo com frentes distintas, tal como é possível ver abaixo:

Figura 2 - Print do homepage do Jornal Brasil Sem Medo

Fonte: Site do jornal Brasil Sem Medo (reprodução)

Seguindo a linha dos veículos anteriores criados por Olavo de Carvalho, o BSM é inteiramente distribuído e produzido para o ambiente digital, o que é também uma tendência de mercado, visto que até mesmo os veículos tradicionais estão migrando para as redes digitais. Essa característica, inclusive, é fundamental para que a produção e distribuição do conteúdo de veículos independentes seja possível, dado o seu baixíssimo custo e seu grande potencial de alcance. A segmentação dos conteúdos acima facilita ao assinante o acesso rápido ao conteúdo do Jornal a partir do formato que mais lhe interessa: as pesquisas de tendência de consumo de conteúdos digitais, por exemplo, vêm apontando para um aumento do consumo de vídeos em detrimento da diminuição do tempo gasto com leitura no ambiente virtual. Neste sentido, além das notícias publicadas em formato de texto, também há uma enorme variedade de conteúdos que comentam notícias, apresentam entrevistas, fomentam debates, entre outros, através de produções de vídeo. Isso posto, é importante aprofundar a complexa estrutura do BSM nas redes, a fim de apresentar os produtos do veículo e abordar a especificidade de cada um, contextualizando-o enquanto objeto de análise. Para isso, cada segmento será abordado aqui a fim de detalhar suas características.

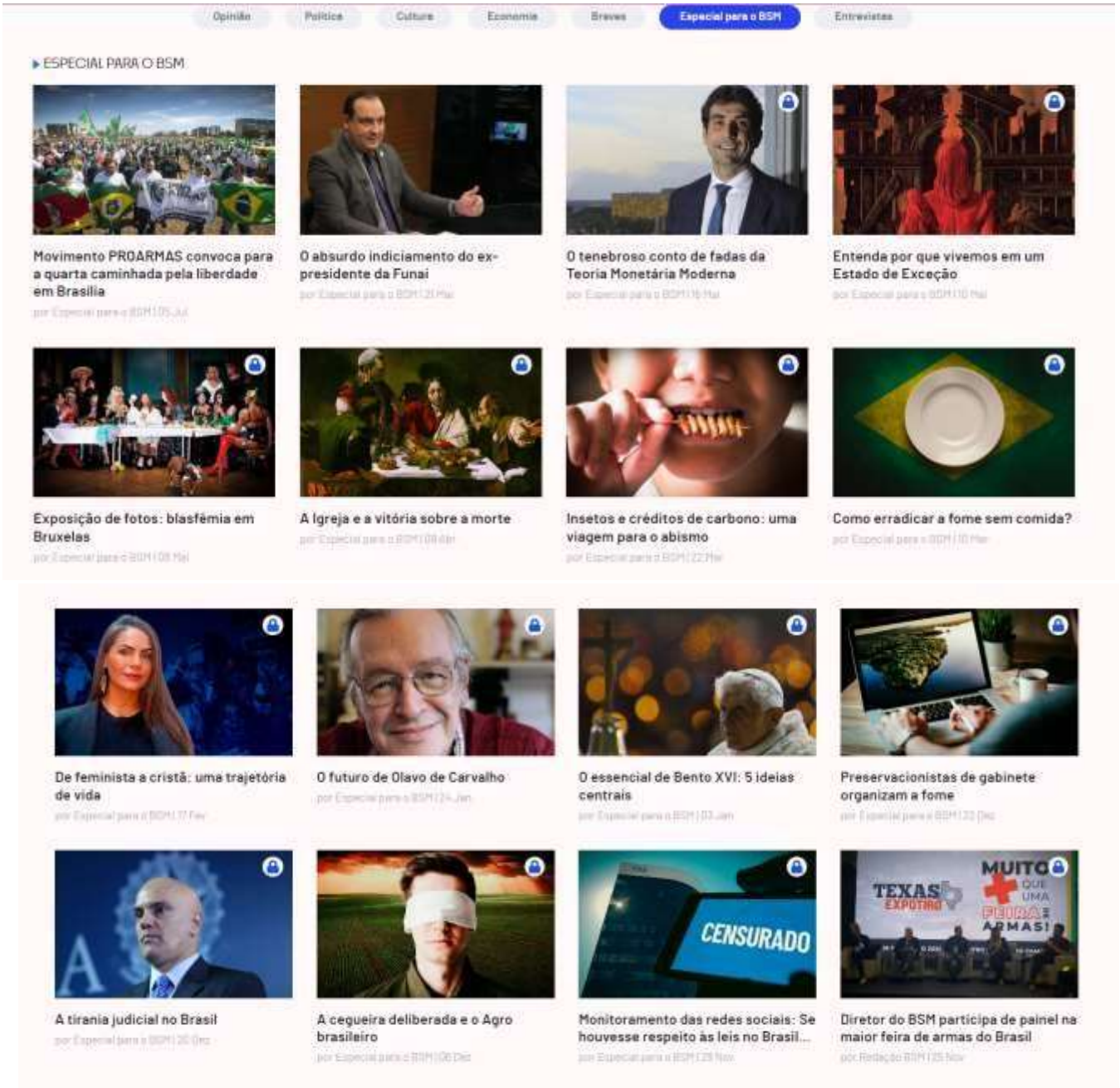
"Leia": o jornal diário

A estrutura-base do veículo é, de fato, o jornal diário. Foi o primeiro a ser lançado e é o carro-chefe do BSM, com notícias publicadas diariamente que abarcam os temas da economia, cultura, política, entre outros. Em termos de organização dos seus "cadernos", além de "Política", "Cultura" e "Economia", há uma coluna de Opinião, que apresenta análises dos colunistas sobre assuntos que, em geral, permeiam o tema da política, uma coluna chamada "Breves", que diz respeito a notícias mais curtas que reportam a algum acontecimento recente e uma coluna intitulada "Entrevistas", que apresenta conversas com interlocutores variados, que vão desde pessoas que passaram por algum episódio de discriminação -a exemplo dos títulos "Expulso de shopping por louvar a Deus, cantor desfaz mentiras da mídia"[80] ou "Vereadora é atacada por homenagear mulheres conservadoras"[81]- até figuras cuja opinião está alinhada com os "valores" e/ou os temas relevantes para o Jornal - como "BSM entrevista embaixadora da Glock no Brasil"[82], "'A resistência contra o comunismo é o cristianismo';

[80] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/expulso-de-shopping-por-louvar-a-deus-cantor-desfaz-mentiras-da-midia/ Acesso em 28/08/2024.
[81] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/vereadora-e-atacada-por-homenagear-mulheres-conservadoras/ Acesso em 28/08/2024.
[82] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/bsm-entrevista-embaixadora-da-glock-no-brasil/ Acesso em 28/08/2024.

entrevista com pastor Lourival Pereira”[83], “O Brasil atual visto pelos olhos de quem viveu o comunismo”[84], entre outros-. Por fim, há uma coluna que é majoritariamente exclusiva para assinantes chamada “Especial para o BSM”, e é neste espaço que é possível apreender de forma mais palpável a agenda do veículo, como é possível observar nas figuras abaixo:

Figuras 3 e 4: Coluna “Especial para o BSM”, com os títulos das matérias principais



Fonte: Site do jornal Brasil Sem Medo (reprodução)

[83] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/a-resistencia-contra-o-comunismo-e-o-cristianismo-entrevista-com-pastor-lourival-pereira/ Acesso em 28/08/2024.
[84] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/o-brasil-atual-visto-pelos-olhos-de-quem-viveu-o-comunismo/ Acesso em 28/08/2024.

Nas figuras acima há um recorte feito das primeiras matérias que figuram na coluna "Especiais para o BSM". Os temas, apesar de variados, informam muito sobre a agenda editorial do jornal: há duas matérias sobre armas; três matérias cujo cerne é a igreja católica; uma matéria em defesa aberta do agronegócio e outra que coloca "ambientalistas burocratas" como pessoas que querem frear o crescimento do agronegócio, a qual se relaciona também com uma crítica ao que eles chamam de "agenda globalista" presente na matéria que antecipa que a sociedade atual faz "uma viagem para o abismo"; além de matérias argumentando que vive-se um estado de exceção e uma outra apresentando uma trajetória de sucesso de uma mulher que deixa de ser feminista e se converte ao cristianismo. Tudo absolutamente de acordo com os objetivos definidos do editorial: "O jornalismo do BSM acompanha desde assuntos da política e economia nacional e internacional a temas sobre a defesa da vida desde a concepção, a liberdade de expressão, os direitos civis e os regimes autoritários ao redor do mundo"[85].

Por último e não menos importante, há uma matéria que reflete sobre o futuro de Olavo de Carvalho enquanto figura pública, colocando-o como intelectual que "atualizou as Humanidades no Brasil" assim como Gilberto Freyre e que, assim como este, tem uma recepção controversa no País. A matéria, escrita por Ronald Robson, historiador e especialista na "filosofia de Olavo de Carvalho"[86], desenha Olavo como figura marginalizada justamente por não haver aspirado o posto de "intelectual", especialmente de "intelectual universitário": "Olavo viveu e morreu como corpo estranho no combalido organismo da cultura brasileira", afirma Robson (2023)[87].

Semanalmente os assinantes do Jornal recebem entre uma e duas comunicações do editorial do jornal informando as notícias em destaque na semana, sempre acompanhados de um pequeno texto assinado pela "equipe BSM". Os textos variam entre comentar alguma das notícias e divulgar outras produções do próprio BSM e/ou de colaboradores. Ao fim de todos os e-mails, encontra-se a frase "São Maximiliano Kolbe, rogai por nós!". Maximiliano Kolbeé tido como o "padroeiro" do Jornal, de acordo com Paulo Briguet[88], e foi um santo polonês tido como "mensageiro da paz" que também atuou como jornalista. Briguet explica a escolha do padroeiro:

[85] Trecho retirado da aba "Sobre" no site do Brasil Sem Medo, aba que não está mais disponível no site, porém a autora manteve o registro através de *prints* da antiga aba.
[86] Ronald Robson publicou o livro "Conhecimento por presença: em torno da filosofia de Olavo de Carvalho" (2020) e ministra cursos introdutórios sobre o tema, oferecido digitalmente.
[87] Em: "O Futuro de Olavo de Carvalho". Disponível em: https://brasilsemmedo.com/o-futuro-de-olavo-de-carvalho/ Acesso em 21/07/2023.
[88] Em 2019, disponível em: https://brasilsemmedo.com/perguntas-e-respostas-sobre-o-brasil-sem-medo/ Acesso em 21/07/2023.

> Ele, de fato, era um homem sem medo, e por isso representava uma ameaça aos nazistas, motivo pelo qual foi aprisionado no campo de extermínio. Esse grande homem, canonizado por São João Paulo II em 1982, tinha a virtude da coragem, *essencial para o trabalho de divulgar a verdade*. Por isso, pedimos: — *São Maximiliano Kolbe, rogai por nós!* (Briguet, 2019. Grifos nossos)

Dentre as outras produções divulgadas semanalmente pelo e-mail disparado pela equipe BSM, que também conta com um hiperlink direto da homepage do Jornal, existem os diferentes "programas", que são um segundo domínio, além do jornal escrito, produzido pela equipe do jornal, os quais serão abordados a seguir.

"Assista": as empreitadas audiovisuais do BSM

Considerando o sucesso de produtos audiovisuais nas plataformas contemporâneas da internet, especialmente através da capacidade de compartilhamento e alcance de vídeos publicados no *Youtube* e redes sociais, vários veículos de comunicação vêm apostando nas produções audiovisuais para fazer seu conteúdo chegar ao seu público-alvo, entendendo o lugar dessas produções no dia-a-dia cada vez mais acelerado da sociedade contemporânea. A tendência do consumo de conteúdos digitais através de vídeos vem se confirmando com o passar dos anos: a plataforma de vídeos curtos *Tik Tok* é o mais recente fenômeno da categoria, demonstrando a adesão da nova geração ao formato, que levou plataformas mais estabelecidas no mercado, como o Instagram, a reformulações profundas em sua dinâmica de uso. É na esteira dessas tendências que veículos de comunicação independentes como o BSM vêm investindo em produções audiovisuais.

O canal oficial do BSM no *Youtube* havia sido criado em 2007 (o que significa que provavelmente era algum canal que existia anterior à criação do BSM, que foi posteriormente redirecionado para este fim) e contava, no início de 2023, com mais de um milhão de seguidores, que somavam cerca de 68 milhões de visualizações aos vídeos. Porém, em outubro de 2022, reta final das eleições presidenciais, o canal foi removido permanentemente do *Youtube* sob a justificativa de violação grave das diretrizes da comunidade[89]. Um trecho do comunicado enviado pela equipe do *Youtube* para o jornal Gazeta do Povo explica melhor o contexto:

> No *Youtube* não permitimos certos tipos de conteúdo enganoso que podem causar danos graves. Isso inclui desinformação que possa provocar riscos reais (como a promoção de medicamentos ou tratamentos nocivos), alguns tipos de conteúdo editado ou vídeos que interferem em processos democráticos. (...) A partir de agora, você não poderá mais acessar, ter ou criar outro canal no YouTube (...) Sabemos que

[89] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/na-reta-reta-final-das-eleicoes-youtube-exclui-canal-do-bsm-permanentemente/ Acesso em: 26/07/2023.

> essa notícia pode ser frustrante, mas nosso trabalho é garantir que o *YouTube* seja uma plataforma segura para todos. Quando constatamos que um canal viola gravemente nossas políticas, ele é removido para proteger os outros usuários da plataforma (Curvello, 2022, Jornal Gazeta do Povo)[90]

De acordo com o comunicado feito pelo editor-chefe do BSM Paulo Briguet por vídeo e publicado na época no perfil do Instagram do Jornal, a remoção do canal deletou todos os vídeos e comentários, o que significou, para ele, um "ato aberto de censura" e um "ataque contra a liberdade de expressão". Por causa deste incidente, o BSM precisou recriar um novo canal, que foi ao ar em fevereiro de 2023.

O novo canal do BSM no *Youtube* conta atualmente com 135 vídeos publicados, dos quais apenas uma minoria pode ser acessada gratuitamente através da plataforma. Isso ocorre porque o BSM vem buscando aumentar o número de assinantes e promover a sua própria plataforma dentro do site do veículo. Em meados de 2023, o BSM passou por uma reestruturação que abrangeu todos os canais do veículo, que passou a chamar-se "Novo Brasil Sem Medo" e definir-se enquanto "plataforma completa de notícias e cursos", deslocando o foco do Jornal diário e ampliando significativamente o seu escopo. Segundo a comunicação do próprio Jornal, a reestruturação ocorreu por avaliarem que "Para combater as narrativas da grande mídia, somente as notícias e cursos não bastam. É preciso ir muito além disso para continuar a nossa missão: *formar brasileiros inteligentes e bem informados*, através de um trabalho comprometido com os valores conservadores" (fonte: e-mail pela "equipe BSM" enviado no dia 30 de maio de 2023 para os assinantes, grifo do autor). Os produtos do Novo BSM, portanto, apesar de manterem a linha editorial, abrangem um escopo bem maior: um verdadeiro canal com diferentes programas que, para estimular a assinatura mensal, passou a ser disponibilizado de forma integral apenas para assinantes, fazendo com que o acesso gratuito no Youtube passasse a ser limitado. Desta forma, o público geral pode acessar um recorte do conteúdo produzido pelo veículo e potencialmente interessar-se em assinar o veículo.

A estrutura da plataforma audiovisual do Brasil Sem Medo, cujo link pode ser acessado a partir da aba "assista", localizada na *homepage* do Jornal, compreende 11programas que são publicados semanalmente dentro de uma grade de programação da plataforma[91], capitaneados majoritariamente pelo núcleo duro do editorial. Os programas são os que seguem:

[90] Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/youtube-remove-canal-do-jornal-brasil-sem-medo-e-proibe-novo-acesso/ Acesso em: 26/07/2023.
[91] O acesso a todos esses programas só é permitido através da assinatura do Jornal.

TABELA 3: Nome, apresentadores e descrição dos programas da plataforma Brasil Sem Medo

Programa	Apresentador(a)	Descrição (feita pelo BSM)
Conexão KGB	Bernardo Küster, Silvio Grimaldo e Paulo Briguet	Um serviço de informação nada secreto, com comentários das notícias mais bizarras e dos principais fatos da semana, com a personalidade e irreverência de Bernardo Küster, Silvio Grimaldo e Paulo Briguet;
Bernardo Küster Show	Bernardo Küster	Com clareza, argumentação e bom humor, Bernardo comenta os fatos que passam despercebidos do grande público e como eles influenciam diretamente a sua vida;
Show do Brás	Brás Oscar	Com pinceladas de cultura e bom humor, Brás Oscar comenta as notícias de destaque na atualidade e explica a ligação entre todas elas;
Tapa Cultural	Brás Oscar	Brás Oscar em conversas descontraídas com artistas, escritores, músicos e pensadores, mostra aqueles que estão ajudando a criar um novo panorama na cultura brasileira;
Silvio Grimaldo No Ar	Silvio Grimaldo	Silvio Grimaldo analisa a batalha cultural e os grandes movimentos políticos que se desenrolam por baixo da superfície das notícias da semana;
Diário BSM	Letícia Alves	Letícia Alves comenta e analisa as manchetes que ganharam destaque na mídia, com os comentários e opiniões dos colegas de bancada;
Revista BSM	Ana Flávia Barreto	Nossa produtora Ana Flávia Barreto revela tudo o que acontece nos bastidores do Novo BSM;
Com o Perdão da Palavra	Paulo Briguet	As notícias do dia a dia à luz dos personagens e histórias da alta cultura, pela voz de um cronista do nosso tempo;
Conversa com o Escritor	Paulo Briguet	A busca da verdade em entrevistas com quem tem tudo a declarar e nada a esconder;
Nome aos Bois	André Pirajá	André Pirajá explica o elo entre política e agronegócio, mostrando como os acontecimentos se refletem nas gôndolas dos supermercados e no bolso do consumidor;
No Espelho	Ana Flávia Barreto	Programa mais novo do BSM, tem a produtora Ana Flávia Barreto falando sobre moda e estilo com pitadas de política (essa descrição não foi feita pelo BSM)

Fonte: Elaborada pela autora a partir da comunicação do jornal Brasil Sem Medo (enviada por e-mail em 31 de maio de 2023)

É importante ressaltar que antes da reformulação deste ano, o Brasil Sem Medo já produzia e divulgava alguns destes programas via *Youtube*, os quais não estão mais disponíveis em formato aberto para o público geral. Desde o fim de maio, a identidade visual do Jornal, assim como da plataforma, está mais coesa e segue um padrão, diferente do que era possível identificar anteriormente, então só permaneceram disponíveis na plataforma os vídeos mais recentes que seguem este padrão. Observando a grade de programação é possível perceber que os temas abordados em cada programa seguem a linha do conteúdo que é publicado em texto (cuja dinâmica é: opinião, política, cultura e economia), além de haver um programa inteiro voltado para discutir sobre o agronegócio, que também tem bastante espaço nas notícias escritas. É interessante também pontuar que há, nos programas, uma tendência a abordar os temas de forma mais descontraída e algumas vezes até irônica, misturando as notícias com humor. Até mesmo Paulo Briguet, que segue um perfil mais sério, conduz seus programas de forma mais descontraída que o tom jornalístico padrão.

Além dos programas que podem ser assistidos em modo *streaming*, o Brasil Sem Medo produz diariamente um "giro de notícias" que é transmitido ao vivo pelo seu canal do *Youtube*

chamado *Brave News*[92]. O jornal é transmitido de segunda a sexta-feira às 12:30, horário padrão dos telejornais dos principais canais da televisão, e é conduzido por Brás Oscar, que promete abordar as "notícias diárias da política mundial" no intervalo de cerca de vinte minutos. O *Brave News* usa como base os textos e as notícias veiculadas pelo jornal Brasil Sem Medo, fazendo muitas vezes uma comparação entre o que foi noticiado lá e o que foi noticiado por outros veículos da mídia hegemônica. A estética do *Brave News*, vale salientar, segue uma linha de telejornal estadunidense, com as principais manchetes passando abaixo continuamente, bem como os números das principais bolsas de valores do mundo.

Para finalizar as produções audiovisuais do BSM, é preciso citar a primeira grande produção audiovisual, o documentário "Mentirocracia", lançado no início de 2023, que será abordado de forma mais aprofundada adiante. É importante ressaltar, entretanto, que este documentário se insere em um novo gênero que recentemente vem encontrando espaço no cinema nacional: é o que Ethel Rudnitzki e Rafael Oliveira detalham em uma importante reportagem investigativa publicada na revista Exame (2019) e intitulam de "Cinema Olavista"[93]. Este gênero se refere às produções recentes de produtoras marcadamente conservadoras, em especial a Lavras Filmes, de Josias Teófilo (responsável pelo documentário sobre Olavo de Carvalho intitulado "O Jardim das Aflições) e Ivin Films, de Mauro Ventura Alves (que também é sócio da produtora Brasil Paralelo). Estas últimas, vale salientar, protagonizaram as três maiores campanhas de *crowdfundings* do cinema brasileiro até hoje - fato que evidencia a grande mobilização de pessoas e recursos em torno desta esfera de produção.

"Assista" 2.0 – O BSM Class

Uma outra frente importante na estrutura do BSM, que poderia constar na área "assista" pelo fato do formato do produto tratar-se de pequenos vídeos documentais, é o BSM Class. Entretanto, provavelmente diante da centralidade da sua missão, goza de uma área voltada exclusivamente para ela, acessível apenas para assinantes. Para muito além de comentários acerca das notícias relevantes do dia, o BSM Class oferece cursos exclusivos, com "aulas rápidas e direto ao ponto" sobre "temas variados" e "assuntos do seu interesse", trazendo em sua comunicação a justificativa de que "não basta conhecer a verdade, é preciso saber defendê-

[92] Disponível em: https://www.youtube.com/@bravenews Acesso em 26/07/2023.
[93] Em "Nasce o cinema Olavista", disponível em: https://exame.com/brasil/produtoras-de-cinema-embarcam-em-guerra-cultural-de-olavo-e-ganham-apoio/ Acesso em 26/07/2023.

la" (trechos tirados de um material de divulgação da assinatura do Jornal[94]). O BSM Class promete novos cursos a cada mês, com quatro aulas com duração de até meia hora: "tudo foi criado para que se encaixe na sua rotina, por mais corrida que ela seja".

Os temas dos cursos ofertados, escolhidos a dedo e ministrado por colaboradores externos, são reveladores, pois vão desde formações de cunho histórico e cultural -através dos cursos (1) Conservadorismo: Origens do pensamento conservador; (2) Guerra Fria: A história da Guerra Fria em 1 hora; (3) Geopolítica: Como funcionam os poderes internacionais; (4) Europa: Conhecendo as nossas origens em 1 hora; (5) Epopeias: Os clássicos de Homero, Virgílio e Camões- até cursos de instruções práticas, a exemplo de (6) Posse e Porte de Armas: O guia completo para você obter a licença; (7) *Homeschooling*: O caminho para quem quer iniciar e (8) Feminismo: Como salvar sua família do feminismo. Por fim, é possível identificar cursos que abordam temáticas mais conspiracionistas, como (9) Mundial Marxismo Cultural: Como a esquerda domina sem precisar de votos; (10) Nova Ordem Mundial: Como os globalistas interferem nos países e (11) Distopias: As distopias que previram o futuro.

O BSM Class assume, portanto, um projeto claramente pedagógico em relação aos temas caros à agenda conservadora. Em aulas gravadas, acessíveis aos assinantes em modelo streaming, o público tem acesso a um conteúdo compilado e generalista, que utiliza como fonte uma literatura consideravelmente marginal ao meio acadêmico e que produz, consequentemente, premissas que não estão necessariamente relacionadas ao consenso científico.

Livraria e Estante BSM

A última frente do veículo Brasil Sem Medo é a sua livraria virtual[95], que também tem um hiperlink direto do site principal. O site segue um layout comum de plataformas de livrarias virtuais, categorizando os livros nos seguintes tópicos: política, ciências sociais, economia, filosofia, cristianismo, vida intelectual e educação, além das ofertas da semana. A livraria BSM tem uma grande lista de títulos disponíveis de diversas editoras e conta com um serviço de logística que envia para todo o Brasil. Os títulos abrangem desde autores clássicos aos conservadores contemporâneos, incluindo até escritos originais do próprio Karl Marx ou Simone de Beauvoir, pensadores tão fortemente criticados pelos conservadores, especialmente pelo corpo editorial do BSM. Entretanto, a lista de "mais vendidos" da livraria inclui quatro

[94] Disponível em: https://lp.brasilsemmedo.com/acesso-total-vendas-v2/ Acesso em 28/08/2024
[95] Disponível em: https://livrariabsm.com.br/ Acesso em 26/07/2023.

títulos de Olavo de Carvalho, além de um livro de Brás Oscar, um de Paulo Briguet, cinco livros relacionados à igreja católica e títulos como "A arte da masculinidade - Habilidades e costumes clássicos para o homem moderno", "A Terceira Guerra Mundial já começou", "Introdução à Nova Ordem Mundial", e "Nova direita: uma alternativa em curso". Não coincidentemente, alguns autores do núcleo duro do BSM constam entre os mais vendidos, considerando o alcance da divulgação das suas obras através das várias frentes do veículo.

Além da livraria, o BSM conta com um canal direto de resenha de livros através do seu podcast[96], que se dedicou quase que exclusivamente para o programa Estante BSM, cujo slogan é "um papo sobre livros para quem não vive só de ler notícias". Os títulos escolhidos para serem comentados no Estante BSM estão em conformidade com os temas centrais do veículo,pois em geral são obras que discutem religiosidade, críticas à esquerda/ao comunismo, clássicos como "Revolução dos Bichos", "1964" e "Admirável Mundo Novo" (que são frequentemente apropriados nas discussões da direita) e por fim, obras do próprio Olavo de Carvalho. O podcast, que não conta com novas produções desde o fim de 2022, tinha a apresentação por conta de Stéfani Onesko, que geralmente dividia os microfones com outros colegas como Silvio Grimaldo, Cláudia Piovezan, Bernardo Küster e Paulo Briguet, e era transmitido em multiplataformas: a conversa era transmitida ao vivo através do Youtube e do site do BSM, enquanto o áudio era editado e publicado nas plataformas de podcast. Os episódios do Estante BSM tinham mais de uma hora, e eram iniciados sempre com a propaganda da Livraria e um pedido de assinatura do Jornal.

Brasil Sem Medo: Outros canais

Além das contas oficiais nas diversas plataformas supracitadas, o BSM conta com um perfil no Instagram[97] e uma conta no *Twitter*[98], que publicam diariamente as manchetes do Jornal (especialmente as matérias de acesso livre para não assinantes) e publicizam as demais ações do BSM em outras plataformas. No contexto em que esta tese foi escrita, o Instagram do BSM contava com um pouco menos de 400 mil seguidores e cerca de 8 mil publicações, já a conta do *Twitter*, criada em dezembro de 2019, tem 477 mil seguidores.

Por fim, o BSM também conta com canais de comunicação direta com o seu público, através de listas de transmissão no *Telegram* e no *Whatsapp*. A frequência do envio de

[96] Disponível em: https://open.spotify.com/show/6rbyhFlUENTkaPjSQe40Da ou https://www.deezer.com/br/show/1455692 Acesso em: 27/07/2023.
[97] Disponível em: https://www.instagram.com/jornalbsm/ Acesso em: 27/07/2023.
[98] Disponível em: http://twitter.com/jornalbsm Acesso em: 27/07/2023.

mensagens não é regular e, embora semanalmente chegue uma "cobertura da semana" com os principais tópicos e os respectivos links para a matéria no Jornal, a depender do clima político no país, pode aumentar ou diminuir. Durante as eleições ou diante de um acontecimento polêmico, por exemplo, as mensagens podem chegar mais de uma vez por dia, junto a links para vídeos ou reportagens produzidas e publicadas dentro dos canais do veículo. Através destas listas de transmissão, a equipe BSM também informa quando os programas estão prestes a serem transmitidos ao vivo, bem como as pautas que serão abordadas.

Como foi demonstrado neste tópico, o Brasil Sem Medo conta com uma estrutura multiplataforma bastante complexa, que vai muito além do projeto de ser mais um jornal diário na internet e marca presença em diversas plataformas, divulgando conteúdos produzidos em diversos formatos. É possível afirmar que o Brasil Sem Medo é, de fato, um empreendimento robusto, que mobiliza recursos consideráveis e está em plena expansão, galgando um lugar de referência em conteúdo noticioso conservador no campo da comunicação brasileira. É possível afirmar, ainda, que o empreendimento do BSM vem seguindo à risca o que Olavo de Carvalho havia previsto em suas teorizações acerca do cenário cultural brasileiro. Ao citar o professor de filologia romana Victor Klemperer através de um e-mail enviado aos assinantes em fevereiro de 2023, o BSM anuncia: "Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar" (trecho de texto enviado por e-mail da Equipe Brasil Sem Medo aos assinantes no dia 9 de fevereiro de 2023). Isso posto, o próximo tópico se dedica a entender os mecanismos através dos quais Olavo de Carvalho operava sua crítica à mídia tradicional, contextualizando-a teoricamente e costurando-a em seu projeto de retomada, que ganhou vida através do jornal idealizado por ele.

2.3 Como opera a crítica olavista à mídia?

A partir do que foi exposto anteriormente, é possível concluir que, apesar de ter feito parte de veículos de comunicação por décadas, Olavo de Carvalho estruturou uma contundente e permanente crítica aos veículos de comunicação tradicionais e a transformou em um dos fundamentos do seu posicionamento político. Contudo, ao utilizar-se da sua leitura dos escritos marxistas, Olavo justifica sua crítica através dos interlocutores "comunistas", como gostava de classificar os jornalistas dos jornais tradicionais. Ao resgatar a noção Leninista de jornal como força organizadora coletiva[99], Olavo estabelece uma correlação entre a função propagandística

[99] Abordada por Vladimir Lênin no panfleto "Por Onde Começar", escrito por ele em 1901.

do jornal revolucionário no contexto Russo e o mecanismo de *fact-checking* dos veículos tradicionais contemporâneos[100]. A ideia que Olavo tem dos jornais atuais, entretanto, tem origem em um panfleto escrito no primeiro ano do século XX, onde Lenin afirma que:

> Um jornal, todavia, não tem somente a função de *difundir ideias*, de *educar politicamente e de conquistar aliados políticos*. O jornal não é apenas um *propagandista* e *agitador coletivo*, *mas também um organizador coletivo*. A esse respeito, se pode compará-lo aos andaimes que se levantam ao redor de um edifício em construção; constitui o esboço dos contornos do edifício, facilita as comunicações entre os diferentes construtores, permitindo-lhes que repartam a tarefa e atinjam o conjunto dos resultados obtidos pelo trabalho organizado. Através do jornal e com o jornal se formará uma organização permanente, que se ocupará não somente do trabalho local, mas também do trabalho geral sistemático, que ensinará a seus membros a acompanharem atentamente os acontecimentos políticos, a avaliar a importância e a influência de diversos estratos da população, a elaborar quais métodos permitem ao partido revolucionário exercitar sua influência sobre os mesmos. (Lenin, 1985, s.p., grifos nossos)

Lenin descrevia em seu texto a importância dos jornais revolucionários para o garantir o elo entre o Partido e a classe operária naquele início de século. O trecho trata, portanto, de um diagnóstico bastante circunscrito no contexto histórico no qual foi produzido: Lenin traçava naquele artigo as fundações do bolchevismo. Eis uma boa síntese da visão de Olavo de Carvalho sobre a mídia: apesar do anacronismo, ele resgata essa noção do jornal como um verdadeiro fundamento através do qual o poder simbólico vai ser estruturado a fim de"controlar a consciência do povo" ou, tomando emprestadas as palavras de Lenin, como um *organizador coletivo* da opinião pública.

Considerando que o conteúdo produzido por Olavo de Carvalho ao longo das décadas -seja em formatos de textos, posts, vídeos ou áudios- é extremamente extenso, operacionalizar uma síntese de como ele entende a mídia tradicional torna-se uma tarefa muito improvável. Porém, sendo este o tema muito caro ao polemista e, portanto, frequentemente abordado pelo mesmo, é possível identificar a construção de uma narrativa comum com o passar dos anos. Com o objetivo de apresentar um panorama da forma como Olavo e seus alunos que constroem o Brasil Sem Medo operam a sua crítica à mídia tradicional, serão utilizados quatro recursos, explanados a seguir.

O primeiro são textos do próprio Olavo, reunidos através de pesquisa das seguintes palavras-chave em seu blog pessoal[101], que reúne escritos de 1987 a 2022: mídia, jornalismo, jornal, jornalista, imprensa. Procura-se, com este recurso, apreender as impressões e opiniões do próprio Olavo sobre o tema. O segundo é uma pesquisa similar feita no site do BSM,

[100] Em: https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2020/09/09/ Acesso em 26/04/2023.
[101] Em: https://olavodecarvalho.org/ Acesso em 23/04/2023.

adicionando às palavras-chave outros vocábulos utilizados em textos associados à mídia. Nos anos de monitoramento do BSM realizado para esta tese, foram identificados os seguintes vocábulos: "extrema-imprensa", "mídia/imprensa/jornalismo militante", "mídia nefasta", "grande imprensa", "imprensa tradicional", "monopólio midiático", "grande mídia", "grande *fake* mídia", "imprensa esquerdista de todo o mundo", "instituição da mentira organizada", "imprensa podre", "jornalismo fracassado", "jornalismo dito profissional", entre outros. O objetivo é estender a análise de Olavo para os Olavistas que atuam no BSM, buscando entender o que há de divergência e o que há de coincidência nas suas visões. O terceiro recurso é o livro "*Fake New*s: quando os jornais fingem fazer jornalismo" (2019) escrito pelo Editor Adjunto do Brasil Sem Medo Cristian Derosa, jornalista e aluno de Olavo. O livro foi selecionado como recurso interessante à análise por se tratar de um diagnóstico das mídias tradicionais e o papel das novas mídias, realizado por um jornalista do núcleo duro do BSM, cuja visão subscreve-se a do seu professor. Por fim, o último recurso é a primeira produção de cinema audiovisual original do BSM, o documentário intitulado "Mentirocracia" (2023), que apresenta uma síntese das concepções dos editores do BSM acerca da mídia tradicional e, consequentemente, define a importância do seu jornal no campo.

O volume de textos a serem analisados a partir da pré-seleção é bastante extenso: só relacionado ao primeiro recurso, ou seja, na pesquisa utilizando a palavra-chave "mídia" no blog de Olavo de Carvalho, é possível encontrar 981 textos com referência à "mídia", 333 textos com referência à "imprensa" e mais 243 com referência à palavra-chave "jornalismo. Os textos versam sobre os mais variados temas (porém majoritariamente ligados à política internacional e à política nacional), escritos em períodos históricos muito distintos, já que foram publicados ao longo de quase cinco décadas. O blog reúne não apenas textos escritos porOlavo, como também entrevistas realizadas *com* ele e *por* ele, bem como trechos dos seus livros. Dado o enorme volume de dados a serem analisados com o primeiro recurso, foi feita uma leitura dinâmica dos textos com o objetivo de selecionar dentre eles os de caráter mais analítico (cuja crítica seja voltada para a mídia em si, de forma mais universal) dos textos baseados em comentários ou opiniões mais pontuais ou circunstanciais (a exemplo de textos que discorrem acerca de algum acontecimento factual). Dos 981 textos pré-selecionados restaram 78 que se encaixavam no critério supracitado para serem analisados.

Em relação à pré-seleção feita no site do jornal Brasil Sem Medo utilizando a mesma lógica das palavras-chave, o volume de textos foi bem menor. Isso se dá não somente pelo fato de o Jornal ter menos tempo de internet, mas também pelo fato de utilizarem outras terminologias para referir-se à mídia, como foi citado acima, de modo que a pesquisa a partir

das palavras-chave teve que se expandir substancialmente a fim de abarcar o maior número de expressões que se referem à "mídia" possível. A análise destes materiais foi feita de forma subsequente, procedimento que se mostrou interessante para estabelecer paralelos entre as narrativas do ideólogo do Jornal e dos demais redatores do veículo, bem como eventuais discrepâncias. Porém, como será argumentado a seguir, foi possível identificar a ocorrência incomparavelmente maior de semelhança entre as narrativas. Esta afirmativa se comprova a partir da análise dos últimos dois recursos: o livro de Cristian Derosa e o documentário "Mentirocracia". Estes últimos merecem menção por partirem dos mesmos pressupostos defendidos por Olavo de Carvalho, e construírem sobre estes o seu argumento central.

O livro do mestre em jornalismo e pesquisador de mídia Cristian Derosa intitulado "Fake News: Quando os jornais fingem fazer jornalismo" foi publicado pela editora conservadora Estudos Nacionais em 2019, na qual Derosa também atua como editor e colunista - assim como no Brasil Sem Medo. O prefácio, não coincidentemente, é assinado por Fábio Gonçalves, também colunista do BSM, que apresenta uma crítica às "grandes empresas" de comunicação e faz alusão entusiasta ao caráter libertário de "movimentos contestatório de massas iniciados na internet", assim como:

> (...) movimento popular descentralizado e quase anárquico que derrubou, em 2016, o partido mais poderoso do país; e, por fim, contra toda a corrente do establishment, (logrou) eleger Jair Bolsonaro presidente da república em 2018 (apud Derosa, Cristian. 2019, p. 17)

De acordo com ele, a internet, apesar de não ser de todo positiva, aparece como "terra da liberdade", que, "(...) para descontentamento dos poderosos" (Idem, p. 16-17), antagoniza com a mídia instrumentalizada pela elite (Idem, p. 17). Gonçalves prossegue:

> Na medida em que o véu que encobria o viés da mídia se rasgou por ocasião dos últimos acontecimentos políticos, o povo escolheu seu lado e decretou, diante da mídia mainstream, imitando a célebre frase do (então) presidente norte americano diante de um repórter da CNN: you're fake news. (Idem, p. 18)

Derosa, por sua vez, também mobiliza a narrativa "nós contra eles", construindo um argumento muito próximo ao do colega de redação e do próprio Olavo, ainda que faça um *mea culpa*, como é possível observar no seguinte trecho:

> Os *barões da comunicação* investem pesado na internet para boicotar a nova e ameaçadora democracia direta das redes sociais, um espaço aberto pela própria decadência da velha imprensa e no qual acaba se praticando um *jornalismo menos responsável, mas mais livre* (Derosa, Cristian. 2019, p. 25. Grifos nossos)

Dentre premissas comuns à crítica olavista, como uma clara tendência à utopia digital - retomando o termo de Rendueles (2016)- ou menções à Nova Ordem Mundial, Derosa tem como argumento minimamente autoral a ideia de que a mídia hegemônica instrumentaliza a noção de fake news para fins políticos. Derosa afirma que o uso da expressão *fake news* marca "o fim do jornalismo como conhecemos" (Derosa, 2019, p. 23), jornalismo este que é

“suplantado aos poucos por centenas de sites que se nutrem de acessos oriundos das redes sociais, a velha imprensa se contorce e esperneia contra a marcha aparentemente inevitável que a conduz à irrelevância social” (Idem). Neste sentido, o autor não questiona a falseabilidade das notícias compartilhadas através de tais “sites”, mas insiste que falar em *fake news* é fazer referência ao que ele chama de “ditadura da informação”. Em outras palavras, categorizar algo como *fake news* seria uma forma de se valer de “filtros da grande mídia” que têm como objetivo “limitar o alcance de certas frases ou raciocínios” de quem “teima a dizer o inconveniente" (Idem, p. 37). Dentre análises majoritariamente rasas sobre episódios em que, segundo ele, a mídia hegemônica fez uso político da noção de *fake news* para tolher narrativas "inconvenientes", Derosa oferece um diagnóstico pouco original e mal articulado, porém com referências claras às premissas defendidas por Olavo de Carvalho.

Dotado de um tom publicitário e linguagem mais acessível, o documentário “Mentirocracia”, conforme posto acima, em muito se equipara ao livro de Derosa. O documentário de cerca de uma hora e meia, lançado em fevereiro de 2023, foi alvo de uma longa campanha de divulgação por parte do Brasil Sem Medo. A campanha promocional divulgou que iria apresentar os bastidores e planos da grande mídia e como esta opera, através dos seus métodos e artifícios, para “destruir uma nação”[102]. O documentário inicia com o monólogo de um ex redator de um jornal chamado Tavares, que traça um paralelo entre a figura de um mágico e um jornalista. O primeiro, explica, “tem um acordo implícito com a sua audiência: ele quer iludir a sua plateia e ela quer ser iludida”[103]. Em contrapartida, argumenta o ator, está a figura do jornalista: “vocês vivem dizendo que são imparciais, que só noticiam os fatos e, contando com a crença das pessoas, espalha um monte de falcatrua pela praça e muita gente acredita”[104]. O ex redator Tavares então apresenta o objetivo central do documentário: “você vai conhecer as etapas e as técnicas utilizadas pelos agentes da *mentirocracia*”[105]. A partir de depoimentos dos olavistas que formam o núcleo duro do BSM, ou seja: Silvio Grimaldo, Bernardo Küster, Paulo Briguet, Brás Oscar e Cristian Derosa, o documentário também recai sobre os argumentos frequentes do seu professor, sem trazer nenhuma nuance nova ao debate. Porém, o faz de maneira objetiva, com linguagem simples e certo apelo estético.

[102] E-mail enviado para os assinantes do Brasil Sem Medo no dia 07 de fevereiro de 2023.
[103] Transcrição de trecho do documentário “Mentirocracia”.
[104] Idem
[105] Idem

Diante do volume vasto de dados analisados nos quatro recursos introduzidos acima, foi possível caracterizar uma narrativa comum que parte das premissas preconizadas por Olavo de Carvalho acerca da mídia e é reproduzida pelos seus alunos, seja através do Brasil Sem Medo ou de outros espaços. Com o objetivo de apresentar o resultado da análise dos dados coletados a partir dos recursos explicitados acima, serão apresentadas 4 premissas a partir das quais fundamenta-se a crítica Olavista à mídia tradicional.

2.3.1 "Este é um jogo e você não está no controle": as 4 premissas sobre as quais se fundamental a crítica olavista à mídia tradicional

Neste tópico buscamos descrever, a partir da leitura de uma ampla bibliografia, além de posts nas redes sociais e pronunciamentos em vídeos, como se fundamenta a crítica que Olavo de Carvalho produz à mídia tradicional, buscando apreender a sua lógica e elencar os seus argumentos. Identificamos 4 premissas basilares, as quais serão descritas a seguir:

Premissa 1: "Jornalistas são jovens frustrados treinados pela esquerda"

A primeira premissa, que dá início à lógica da crítica de Olavo de Carvalho, é a ideia da figura do jornalista como alguém que, diante da frustração da profissão, é cooptado por uma agenda esquerdista. Essa premissa parte da observação realizada a partir da vivência pessoal de Olavo, que reporta em diversos textos e vídeos a sua experiência na redação dos jornais tradicionais, a exemplo de um vídeo publicado no canal do *Youtube* intitulado "Educação e Cultura", que traz como foto de capa uma foto de Olavo e afirma ser um canal de divulgação de suas ideias e trabalhos[106]. Abaixo, um trecho emblemático transcrito do registro de áudio intitulado "Grande Mídia?", em que Olavo relata suas impressões ao trabalhar em redações:

> Eu trabalhei em jornal quarenta e tantos anos, eu conheço esses caras (...) eu sei que são todos *loucos*, que eram *bêbados*, quando não *toxicômanos*, com problemas psicológicos terríveis (...) Mas você que vê o jornal pronto, não sabe de onde saiu… Você não sabe nada sobre o ambiente em que se produziu isso, que é um verdadeiro *hospício*! (...) Eu trabalhei no Estadão. Lá já tinha até convênio com hospitais psiquiátricos de tanto camarada que ficava louco lá. (...) Eu odiava beber, comecei a beber por causa desses caras… E são essas pessoas que dizem para os outros o que é que elas devem pensar (...) é nessas pessoas que vocês confiam? *Não se esqueça: mídia é lixo! Cem por cento!* (Carvalho, 2021, 12:59-15:31. Grifos nossos)[107]

Discursos similares a este eram frequentes nas falas de Olavo. A prática jornalística sempre fora ligada a noções como decadência, devastação cultural, falta de esforço intelectual e,

[106] Disponível em: https://www.youtube.com/@educacaocultura-7513/about Acesso em 13/07/2023.
[107] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LpbCkfnYhxo&t=1s Acesso em 28/08/2024.

especialmente, produção e reprodução do discurso comunista. Essa leitura de que os espaços de mídia discriminam e marginalizam pensadores de direita se estende, vale salientar, para a mídia como um todo, conforme será abordado posteriormente. Um trecho do texto "Saudades do Jornalismo"[108], publicado em abril de 2012 no Diário do Comércio e arquivado no blog de Olavo, evidencia essa leitura:

> Na época (da ditadura militar) a esquerda já dominava a mídia, mas fazia-se de coitadinha, de nanica, de excluída. Oprimida nas ruas e nas praças, discriminava os direitistas nas redações (como a intelectualidade acadêmica fazia nas universidades), reproduzindo às avessas, no microcosmo da profissão, o controle repressivo que o governo exercia na escala maior em torno. (Carvalho, 2012)

É interessante pontuar que Olavo incluía na seara dos espaços negados para a direita conservadora a academia. Há, de certo, uma noção de continuidade da "lavagem cerebral comunista" que Olavo identifica ocorrer desde a formação até a atuação dos jornalistas. Segundo essa lógica, a formação em jornalismo oferecia as ferramentas com as quais os futuros jornalistas passariam a disseminar o comunismo nas redações, uniformizando a mentalidade dos futuros jornalistas:

> O instrumento para realizá-la (a mudança na profissão de jornalista) foi a obrigatoriedade do diploma universitário, que, colocando sob a batuta de uma reduzida *elite de professores-doutrinadores* a formação dos jornalistas, tornou praticamente inevitável a *uniformização da sua mentalidade e a institucionalização de uma rede de cumplicidades solidárias*, ao ponto de já não haver fraudes jornalísticas isoladas: os jornais e noticiários de TV mentem em uníssono, berrando ou silenciando em coro, com ritmo perfeito. (Carvalho, 2008. Grifo nosso)[109]

Há também, em diversas comunicações, um claro ranço nutrido por Olavo em relação à comunidade acadêmica, que também era frequentemente rechaçada e ironizada em seus escritos- boa parte deles, inclusive, referiam-se ao baixo *status* que lhe fora atribuído, segundo ele, por ambas instituições[110]. Seguindo a lógica olavista, portanto, os jornalistas passam a fazer parte de um exército de colaboradores do movimento comunista, com a tarefa de convencer que o comunismo é uma falácia da direita, conforme explica neste artigo publicado em 2014 no Diário do Comércio[111]:

> Decorrido meio século, o movimento comunista ainda tem no jornalismo brasileiro um exército de colaboradores fiéis cuja tática persuasiva habitual e praticamente única consiste em inventar uma versão ridiculamente simplória do comunismo, atribuí-la aos direitistas e, demolindo-a com duas ou três piadinhas sem graça, cantar

[108] Disponível em: https://olavodecarvalho.org/saudades-do-jornalismo/ Aceso em: 13/07/2023.
[109] Disponível em: https://olavodecarvalho.org/falsificacao-endemica/ Acesso em: 12/07/2023.
[110] Ver: https://olavodecarvalho.org/a-imbecilidade-segundo-ela-propria/ Acesso em: 12/07/2023.
[111] Em: https://olavodecarvalho.org/voce-estar-comunisto/ Aceso em: 13/07/2023.

> vitória, ficando assim provado que o comunismo não existe, que é apenas uma fantasia paranoica de direitistas raivosos. (...) A prova mais patente do poder que adquiriram nas redações é a naturalidade com que estágios em centros de propaganda e desinformação na Cortina de Ferro entram nos seus currículos como provas de "experiência jornalística", como se a técnica de mentir fosse a mesmíssima coisa que a de relatar os fatos. É óbvio que, ao menos nos velhos tempos, muitas dessas gentis criaturas eram agentes pagos de serviços secretos comunistas. (...) Outros, mais jovens, não precisaram viajar para adquirir as manhas da prosa comunista. Aprenderam-nas por aqui mesmo, em faculdades de jornalismo que os cavalheiros mencionados no parágrafo anterior transformaram em centros de adestramento da militância pelo menos desde a década de 70 do século passado. (Carvalho, 2014)

Ainda de acordo com Olavo em uma das suas famosas passagens[112], "o advento da grande mídia democratizou a ignorância". Essa citação, reproduzida inclusive em vários artigos acadêmicos, sintetiza a teoria olavista que defende que a prática jornalística das últimas décadas se afastou do que ele entendia como o verdadeiro jornalismo, ou seja: "uma variante menor da ciência histórica"[113], pois se utilizava dos mesmos métodos de pesquisa para chegar a uma afirmação. Olavo explica tal diferenciação:

> No tempo em que existia jornalismo, ele era uma variante menor da ciência histórica, fazendo uso, essencialmente, dos mesmos instrumentos de pesquisa e critérios de julgamento do historiador profissional. Privilegiava os documentos de fonte primária e os testemunhos diretos, tratando as opiniões e reações emocionais, no máximo, como complementos interessantes. Agora, o inverso é que vale: uma das principais ocupações da mídia é suprimir documentos e testemunhos, encobrindo-os sob camadas e camadas de opiniões bem-pensantes, jogos-de-cena, slogans e apelos irracionais ao sentimento das massas. Não é jornalismo: é show business, propaganda, engenharia comportamental. (Carvalho, 2008)

Assim, a leitura que Olavo faz dos veículos de jornalismo que compõe o que ele chama de "mídia hegemônica" abarca desde teorias que argumentam uma lavagem cerebral feita por doutrinadores de esquerda nos cursos superiores de jornalismo, até as consequências disso na prática: "a mídia brasileira, com ou sem disfarce, é cem por cento extrema-esquerda, feroz, intolerante e controladora. Ela não tem nada a ver com jornalismo, só com engenharia social e propaganda" (Carvalho, 2019)[114]. Por fim, não só a mídia como também outros aparelhosde produção simbólica figuram, para Olavo de Carvalho, enquanto espaços deliberados de doutrinação:

> O esquerdismo é uma 'cultura de interesses especiais', que aprisiona seus devotos num círculo estreito de intercomunicações, fechando-lhes o acesso à cultura maior.

[112] Citado pelo colunista do Brasil Sem Medo Alexandre Costa (2021), em: https://brasilsemmedo.com/midia-o-principio-do-fim/ Aceso em: 13/07/2023.
[113] Em: https://olavodecarvalho.org/falsificacao-endemica/ ou https://olavodecarvalho.org/zelo-psicotico/ ou ainda https://olavodecarvalho.org/obama-a-revolucao-desde-cima/ Acesso em 13/07/2023.
[114] Via twitter, disponível em: https://twitter.com/OlavoOpressor/status/1081126890268700672 Acesso em: 13/07/2023.

> TODA a universidade brasileira é isso, TODO o Direito brasileiro é isso, TODO o "jornalismo" brasileiro é isso. (Carvalho, 2020, s.p.)[115]

Premissa 2: Os jornalistas fomentam o establishment cultural da esquerda

A partir de um dado momento, tal argumentação crítica de Olavo, introduzida acima, passa a ser um pouco mais sofisticada, pois ele a fundamenta na leitura aprofundada que fez do filósofo marxista Antonio Gramsci. Ainda que pareça controverso, Olavo foi um leitor dedicado dos escritos de Gramsci, articulando muitos de seus conceitos em suas ideias - ainda que as conclusões fossem marcadamente opostas quando observadas em um espectro político. A apropriação que Olavo fez de Gramsci flutua entre uma admiração por sua capacidade de analisar o elo entre a cultura e a política e, ao mesmo tempo, uma rejeição impetuosa pelo fato de tratar-se de um teórico marxista, que incita "o mito da Revolução" e cujas ideias devem ser exorcizadas. Em 1994, Olavo publicou, pela editora Vide, um livro intitulado "A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci" que, segundo ele, foi o resultado de um esforço em situar a cultura brasileira no quadro maior da história das idéias no Ocidente, colocando seu empreendimento lado a lado com a obra de Darcy Ribeiro, Mário Vieira de Mello e Gilberto Freyre. Neste livro, além de tratar dos estudos do físico Fritjof Capra, Olavo apresenta o que ele chama de "empreendimento gramsciano de devastação cultural" através da distinção entre poder e hegemonia. Segundo Olavo, o objetivo de Gramsci era:

> (...) amestrar o povo para o socialismo *antes* de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem *como* membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade. (Carvalho, 1994, p. 36)

O argumento de Olavo segue uma lógica comparativa entre as estratégias de dominação leninistas e as gramscianas. Ele resume a distinção fundamental: "O governo revolucionário leninista reprime pela violência as ideias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais ideias adversas no repertório mental do povo.″ (Idem, p. 37). Seguindo essa lógica, os intelectuais orgânicos seriam o "exército da revolução" prevista por Gramsci, justamente pelo seu lugar de distinção ao influenciar o senso comum. Este processo complexo e lento, a longo prazo, resultaria numa tomada de poder que, segundo Olavo, mais pareceria apenas uma espécie de coroação a um organismo político que foi se fortalecendo paulatinamente e construindo uma posição hegemônica no senso comum. A transição

[115] Em "Corção, palavrões e a miséria cultural imposta por intelectuais servos da elite", disponível em: https://olavodecarvalho.org/corcao-palavroes-e-a-miseria-cultural-imposta-por-intelectuais-servos-da-elite/ Acesso em: 17/07/2023.

comunista para o socialismo proposta por Gramsci, de acordo com Olavo, se daria "de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho" (Carvalho, 1994, p. 36).

A leitura que Olavo faz de Gramsci foi difundida, a partir da publicação do seu livro ainda na década de 1990, para todos os seus alunos e seguidores e segue sendo articulada até os dias atuais. Uma evidência disso é a menção frequente às noções como "hegemonia de esquerda" ou a identificação de membros da comunidade acadêmica ou de jornalistas como "intelectuais orgânicos". Até mesmo no documentário produzido pelo Brasil Sem Medo em 2023, os olavistas articulam esses conceitos. Silvio Grimaldo alude a jornalistas enquanto intelectuais orgânicos que se infiltram nos aparelhos de formação de opinião pública, a exemplo das universidades e da mídia. Paulo Briguet acrescenta, explicando a lógica da produção da hegemonia intelectual que, então, construiria uma hegemonia cultural. Nesse sentido, Briguet explica que o primeiro passo para construção de uma hegemonia intelectual é o "domínio do discurso na área acadêmica da alta cultura", e explica: "uma vez que já dominou intelectualmente, você vai pegar aquelas ideais e vai traduzir para o público através, principalmente, da mídia. (...) a mídia forma o enem, e o enem é a base da formação do currículo nas escolas… Então a mídia controla tudo!" (Briguet, 2023, transcrição do áudiodo documentário). Cristian Derosa arremata: "A esquerda dominou a técnica jornalística e fezum trabalho muito bem feito de associação entre ideologia com a técnica. Esse é o modelo de construção da hegemonia, como diria Gramsci (Derosa, 2023, transcrição do áudio do documentário).

A percepção da apropriação de Gramsci por Olavo de Carvalho já fora debatida dentro da academia, a exemplo do artigo de Wanderley & Viana (2022) e do prefácio de Henry Bugalho para o livro "Meu pai, o guru do Presidente", de autoria de Heloísa de Carvalho. Neste último, inclusive, Bugalho faz referência ao que ele chama de "gramscismo olavista", que, segundo ele, vem da noção de "guerra de posição" formulada pelo italiano com o objetivo de conquistar a hegemonia político-ideológica a fim de realizar uma transformação revolucionária na superestrutura ideológica e cultural. Neste sentido, portanto, o olavismo entende que o jornalista ocupa um lugar privilegiado na conquista das mentes e corações, tendo o poder de promover o *establishment* cultural da esquerda.

É importante pontuar, entretanto, que nem tudo foi "importado" do filósofo italiano. Em sua crítica, Olavo ainda adicionou uma camada de interpretação de alguns fatos históricos brasileiros, notadamente uma leitura muito particular de fatos que aludiam ao capítulo da

Ditadura Militar. É possível dizer, ainda, que o contato que teve com a obra de Gramsci o ajudou a organizar tal interpretação alternativa da Ditadura: Olavo chega a afirmar, em "A nova era e a revolução cultural" (1994), que o comunismo "teria assumido a face de Gramsci" (Carvalho Apud Púglia, 2019, p.10) e que, por isso, a estratégia tornou-se vitoriosa no Brasil diante de uma suposta brandura benevolente do Regime no País. O argumento de Olavo afirma que a ineficácia dos aparelhos de repressão ditatoriais em algumas instituições da esfera cultural permitiu que a esquerda construísse uma "narrativa oficial dos acontecimentos", e que, diante da impossibilidade de uma resistência efetivamente armada, construiu nas universidades, nos jornais e no movimento editorial a "sua principal trincheira" (Carvalho, 1999, p.7)[116]. Ainda seguindo essa interpretação, os militares haviam se guiado pela teoria da "panela de pressão", do General Golbery, conforme explica Olavo em entrevista concedida à revista Veja:

> O governo militar se ocupou de combater a guerrilha, mas não de combater o comunismo na esfera cultural, social e moral. Havia a famosa teoria da panela de pressão, do general Golbery do Couto e Silva. Ele dizia: 'Não podemos tampar todos os buraquinhos e fazer pressão, porque senão ela estoura'. A válvula que eles deixaram para a esquerda foram as universidades e o aparato cultural. Na mesma época, uma parte da esquerda foi para a guerrilha, mas *a maior parte dela se encaixou no esquema pregado por Antonio Gramsci*, que é a revolução cultural, a penetração lenta e gradual em todas as instituições de cultura, mídia etc. Foi a facção que acabou tirando vantagem de tudo isso – até da derrota, porque a derrota lhes deu uma plêiade de mártires. (Carvalho, 2011, p.2. Grifo nosso)

Segundo esse argumento, portanto, a esquerda teria construído a hegemonia da esfera cultural no País por graças à inépcia dos próprios militares, que aplicando a teoria da "panela de pressão", relegaram aos inimigos dois importantes campos de produção cultural e de formação de senso comum: a academia e a mídia. Olavo também fez um esforço no sentido de minimizar as consequências do Ato Institucional número 5, e as mortes causadas pelos militares no âmbito da Ditadura, o que teria, segundo ele, deixado os esquerdistas livres para monopolizar "a indústria das interpretações do fato consumado":

> O governo militar jamais teria mobilizado o menor esforço para desafiar a hegemonia da esquerda nos meios intelectuais, considerados militarmente inofensivos numa época em que os generais ainda não haviam tomado conhecimento da estratégia gramsciana. Neste sentido, deixados à vontade no seu feudo intelectual, os derrotados de 1964 obtiveram assim uma vingança literária, monopolizando a indústria das interpretações do fato consumado. (Carvalho, 1999, p.7).

[116] Em: "A história oficial de 1964", disponível em: https://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/ Acesso em 17/07/2023. Ver também: https://veja.abril.com.br/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuo-pos-ditadura Acesso em 17/07/2023

Ao contrário do consenso científico que remonta nos livros didáticos a história do nosso país, ressaltando a gravidade do AI 5 para as liberdades ou a censura que cingiu ativamente as produções culturais de toda uma geração, Olavo afirmava que a esquerda "não só nunca foi expulsa da grande mídia, mas dominou praticamente sem adversários a profissão jornalística no Brasil"[117] (2011b). Afirmava ainda que a imprensa brasileira era financiada pelo governo da URSS, bem como recebia quantias oriundas de "empresários e banqueiros locais, além de verbas provenientes das organizações terroristas, de organismos internacionais e, por baixo do pano, do próprio governo" (Idem), formando assim um verdadeiro "império midiático de proporções colossais" (2011a). Neste contexto, Olavo defende que, ao fim da ditadura militar, as forças políticas da direita encontravam-se enfraquecidas, e foi esse vácuo que foi ocupado pela esquerda, que passou a dominar não só a esfera cultural, como converteu o resultado desta estratégia em votos nas eleições majoritárias[118]. Neste sentido, portanto, o lugar de ideólogo da estratégia de ascensão da esquerda política no país fora Antonio Gramsci[119].

A releitura dos fatos feita por Olavo na sua narrativa sobre a ascensão da esquerda através dos aparelhos privados de hegemonia é fundamental no argumento desta tese, pois defendemos aqui que tal narrativa foi central para que ele reconsiderasse a sua atuação na esfera pública enquanto aspirante a intelectual orgânico conservador. Neste sentido, é possível afirmar que, a partir de então, Olavo passou a pensar a sua estratégia de atuação a partir da perspectiva gramsciana, entendendo a importância dos espaços de produção de bens simbólicos para a construção de uma hegemonia cultural. A análise realizada por Puglia chega à mesma conclusão:

> A missão da sua vida política teria sido furar a pretensa 'hegemonia esquerdista' conquistava na vida cultural brasileira por uma esquerda que havia abandonado de vez a estratégia da luta armada, passando a agir sob inspiração de Gramsci, com o objetivo de ocupar aparelhos privados de hegemonia, sobretudo a academia e a grande mídia(...) Por se tratar de uma luta de grande duração promovida na esfera cultural, não poderia bastar a Olavo o esforço de aproveitar todos os espaços, brechase canais de comunicação disponíveis para combater e denunciar a assombração comunista. Seria necessário ainda *formar e qualificar novas gerações* para dar continuidade à tradição de luta em defesa da família tradicional, da propriedade privada, da ação integral e da moralidade cristã diante de uma ameaça vermelha tomada como onipresente. (Puglia, 2019, p.7-8. Grifo nosso)

[117] Em: "O Mito da Imprensa Nanica" (partes 1 e 2_, publicado pelo Diário do Comércio em 2011, disponível em: https://olavodecarvalho.org/o-mito-da-imprensa-nanica-i/ e https://olavodecarvalho.org/o-mito-da-imprensa-nanica-ii/ Acesso em 17/07/2023.

[118] Ver a thread do Twitter publicada por Olavo em 2017 que resume suas conclusões sobre o tema em tópicos: https://twitter.com/OdeCarvalho/status/917035333212098560 Acesso em: 19/07/2023.

[119] A importância de Gramsci para Olavo de Carvalho pode ser medida, dentre outras formas, através do quantitativo de citações que o brasileiro fez do filósofo italiano ao longo dos anos. O blog que reúne os textos de Olavo conta com 369 textos distintos que citam Antonio Gramsci nominalmente, além dos outros tantos textos que adotam variáveis como "gramsciano" ou articulam conceitos do autor.

Além da análise do conteúdo dos textos e falas de Olavo de Carvalho a partir do seu encontro com a literatura gramsciana, tal afirmação é respaldada a partir da observação da sua trajetória a partir de meados da década de 1990, resgata acima através da apresentação dos veículos de comunicação criados e capitaneados por ele, bem como o que ele afirma ser o seu grande projeto de vida, o Seminário de Filosofia.

A leitura olavista do esquema conceitual gramsciano merece ênfase, enfim, por ser absolutamente fundamental para a estratégia de comunicação adotada por Olavo deste período em diante, e este é um dos argumentos centrais desta tese. A arguição aqui defende que o autointitulado filósofo se apropriou da estratégia de construção da hegemonia através da cultura desenvolvida por Antonio Gramsci, e que a partir desta, Olavo depreendeu o seu método de comunicação pautado em deslegitimar os veículos tradicionais de mídia e, em paralelo,fornecer uma "alternativa" através de seus próprios veículos particulares, como o MSM, *o TrueOutspeak* e, por fim, o Brasil Sem Medo. Paralelamente, considerando a importância dos intelectuais orgânicos na teoria gramsciana, apostou em um extenso trabalho de formação de novos intelectuais conservadores através do seu Seminário de Filosofia, para o qual Olavo se dedicou mais de 13 anos, ministrando mais de seiscentas aulas.

Premissa 3: Estamos diante de uma Guerra Cultural e temos que competir pelo establishment

Diante do exposto, a centralidade de veículos de produção de bens simbólicos para a retomada do *establishment* cultural ficou evidente para Olavo. O terceiro pressuposto, portanto, diz respeito à estratégia adotada por Olavo a partir dessa constatação. O termo "guerra cultural" já fazia parte do vocabulário de Olavo há, pelo menos, duas décadas. Ele a utilizou, por exemplo, no contexto das análises da migração islâmica para os Estados Unidos no pós setembro de 2001[120]. No contexto de 2008, quando o Brasil vivia o auge do governo reeleito

de Lula, Olavo avaliava ter perdido a "guerra cultural", considerando a hegemonia da "esquerda" na política através da reeleição e, mais enfaticamente, a derrota definitiva da relevância da direita no debate público:

> É compreensível que, nessas condições, toda a atividade mental da 'direita' brasileira acabasse se reduzindo às análises econômicas e à propaganda de um produto único – o livre mercado –, perdendo toda relevância no debate cultural e rebaixando-se ao ponto de passar a aceitar como 'intelectual representativo' qualquer moleque idiota capaz de dizer duas ou três palavrinhas contra a intervenção estatal no mercado. (Carvalho, 2008)[121]

[120] E exemplo deste texto publicado no Globo em 2004: https://olavodecarvalho.org/a-aposta-na-guerra/ Acesso em 19/07/2023.
[121] Em: "Perdendo a Guerra Cultural", publicado pelo Diário do Comércio em 2008.

Neste contexto ainda, Olavo avaliava que a própria esquerda, após conquistar o lugar de soberania, passara a relegar o projeto de preparação de novas figuras "intelectuais", no sentido gramsciano:

> Nunca, como ao longo das últimas décadas, o esquerdismo esteve tão fraco intelectualmente: um ataque maciço a esse flanco teria quebrado *a máquina de doutrinação esquerdista nas universidades e na mídia*, destruindo no berço a militância em formação e mudando o curso das eleições subsequentes. (Idem. Grifos nossos)

Estas circunstâncias, de acordo com Olavo, seriam ideais para um "ataque" à hegemonia cultural esquerdista, que havia "reduzido a cultura a instrumento de propaganda e manipulação" (Idem). Esse sucesso, conforme aponta, se dá graças à *máquina de doutrinação*, complementada e difundida massivamente pela grande mídia, que seria então dominada pela esquerda: "A esquerda, enfim, não só nunca foi expulsa da grande mídia, mas *dominou praticamente sem adversários a profissão jornalística no Brasil*" (Carvalho, 2011a. Grifos nossos). Seguindo esta lógica então, a saída possível para a direita brasileira retomar um projeto de país seria concorrer pelos espaços de "formação de militância" ou, utilizando o léxico bourdieusiano, ocupar os espaços de produção de bens simbólicos, especialmente a academia e a grande mídia. A disputa contra a esquerda se daria não em termos de luta armada, como acontecera em décadas anteriores, mas no plano ideológico, pois este plano é o que controla, segundo ele, a "indústria das interpretações do fato consumado". Olavo explica:

> Quem tem nas mãos o poder de divulgar não resistirá por muito tempo à tentação de controlar o teor dos fatos divulgados para dirigir, por esse meio, a produção dos fatos subsequentes. A transformação geral da grande mídia em instrumento de controle e de engenharia social é, ela própria, um desses fatos geradores, e decerto o mais decisivo das últimas décadas. (Carvalho, 2013)[122]

Ainda que haja aqui um esforço no sentido de contextualizar a crítica olavista à mídia hegemônica brasileira, explicitando os caminhos a partir dos quais a necessidade de disputar os espaços da produção de bens simbólicos tornou-se evidente, é necessário pontuar que esta estratégia está consonância com as táticas recentes adotadas pela *alt-right*[123] em âmbito mundial, como explica Benjamin Teitelbaum em sua obra "*War For Eternity*" (2020). Neste

[122] Em: "Notícias atrasadas", publicado pelo pelo Diário do Comércio em 2013.
[123] A expressão *alt-right* diz respeito à "direita alternativa", movimento identificado inicialmente nos Estados Unidos e em países da Europa, mais fortemente a partir de meados dos anos 2010, caracterizado pela militância da extrema direita branca, conservadora, nacionalista, antissemita, anti LGBTQIAP+, contrária à imigração, dentre outras bandeiras.

livro, Teitelbaum aborda as bases ideológicas comuns a figuras como Olavo de Carvalho, Steve Bannon e Alexander Dugin, que lançam as bases do que ele chama de Tradicionalismo: uma escola filosófica e espiritual que remonta ao início do século XX. Teitelbaum mostra como não só os fundamentos ideológicos por trás destas figuras são equiparáveis, mas também evidencia como as estratégias postas em práticas por eles seguem uma mesma lógica. Segundo o autor, o Tradicionalismo pode se apresentar a partir de várias facetas, podendo combinar-se a outras iniciativas como o nacionalismo, o racismo, o ressentimento político, entre outros, para constituir uma forma específica de conservadorismo, com forte apelo moralista e religioso. Teitelbaum também aponta a relação intrínseca entre os ideólogos abordados e os governos Trump e Bolsonaro, indicando a importância da ideologia anti-progressista e anti-intelectual para as tomadas de decisão de ambos.

A jornalista brasileira Patrícia Campos Mello, em seu livro "A Máquina do Ódio" (2020), também traça um paralelo entre os léxicos trumpista e bolsonarista em relação à sua estratégia ao abordar as mídias hegemônicas. A autora explica que, ao tratar de temaspolêmicos de forma deliberadamente polarizadora, o ex-presidente estadunidense e o ex- presidente brasileiro mostram que entendem bem o poder da comunicação de massa, por isso operam sua comunicação oficial através das redes virtuais. A autora, que também já entrevistou Steve Bannon em 2018, argumenta que a política também pode ser lida sob o prisma de uma narrativa midiática.

Em seu mais recente livro "Guerra Cultural e retórica do ódio" (2021), João Cezar de Castro Rocha apresenta os resultados das suas análises cuidadosa das obras, textos, palestras e vídeos de Olavo de Carvalho. O autor argumenta que, durante as sucessivas vitórias do Partido dos Trabalhadores para o mais alto cargo do executivo e o consequente crescimento do Partido nas demais instâncias de poder político, Olavo foi passou a construir uma narrativa de que o Brasil vivia sob o *establishment* político e cultural da esquerda. Apesar de parecer controverso, João Cezar explica que o forte teor anti-sistêmico das Jornadas de Junho de 2013 era, de certa forma, direcionado à esquerda, que permanecia no poder por 10 anos, após a vitória nas três eleições presidenciais democráticas. O autor argumenta, partindo da sua metodologia etnográfica, que neste contexto os partidos de esquerda brasileiros detinham a hegemonia política, colocando a direita no papel de oposição. Sobre isso, João Cezar Rocha afirma:

> Em tal contexto, compreende-se que a atuação de Olavo de Carvalho fosse vista como revolucionária; afinal, num ambiente esquerdista, ser de direita era a senha para o reino encantado da transgressão ideológica, com direito inclusive a oximoros antes inconcebíveis: o conservador-exterminador do 'passado-presente vermelho'; o subversivo de direita (...); o cristão que, em lugar de oferecer a outra face, prefere

> mesmo quebrar a cara dos ímpios; entre tantas encarnações improváveis que dominam a paisagem política nos últimos anos. (ROCHA, 2021 p.63)

Ainda que o impacto dos governos do PT na estrutura social brasileira seja passível de críticas, como demonstrado por André Singer em "Os Sentidos do Lulismo" (2012), não se deve descartar o fato de, neste contexto, conservadores como Olavo de Carvalho diagnosticavam que a verdadeira mudança estrutural da esquerda tenha se consolidado através da esfera cultural. Esse trecho publicado por Olavo é um exemplo de que o mesmo tinha uma percepção muito clara dos "caminhos" traçados para a construção da hegemonia, bem como da lentidão intrínseca ao processo de transição:

> Não quero ser estraga-prazeres, mas os comunistas não começaram a nos tomar o Brasil pela Presidência da República. Tomaram primeiro as universidades, depois a Igreja Católica e várias das protestantes, depois os sindicatos, especialmente de funcionários públicos, depois a grande mídia, depois o sistema nacional de ensino, depois o sistema judiciário, depois os partidos políticos todos, e por fim, depois de quarenta anos de esforços, a cereja do bolo: a Presidência da República. Vocês acham REALMENTE que tomando a cereja de volta o bolo inteiro virá junto? (Carvalho. Texto do Facebook publicado em 29/11/2016)[124]

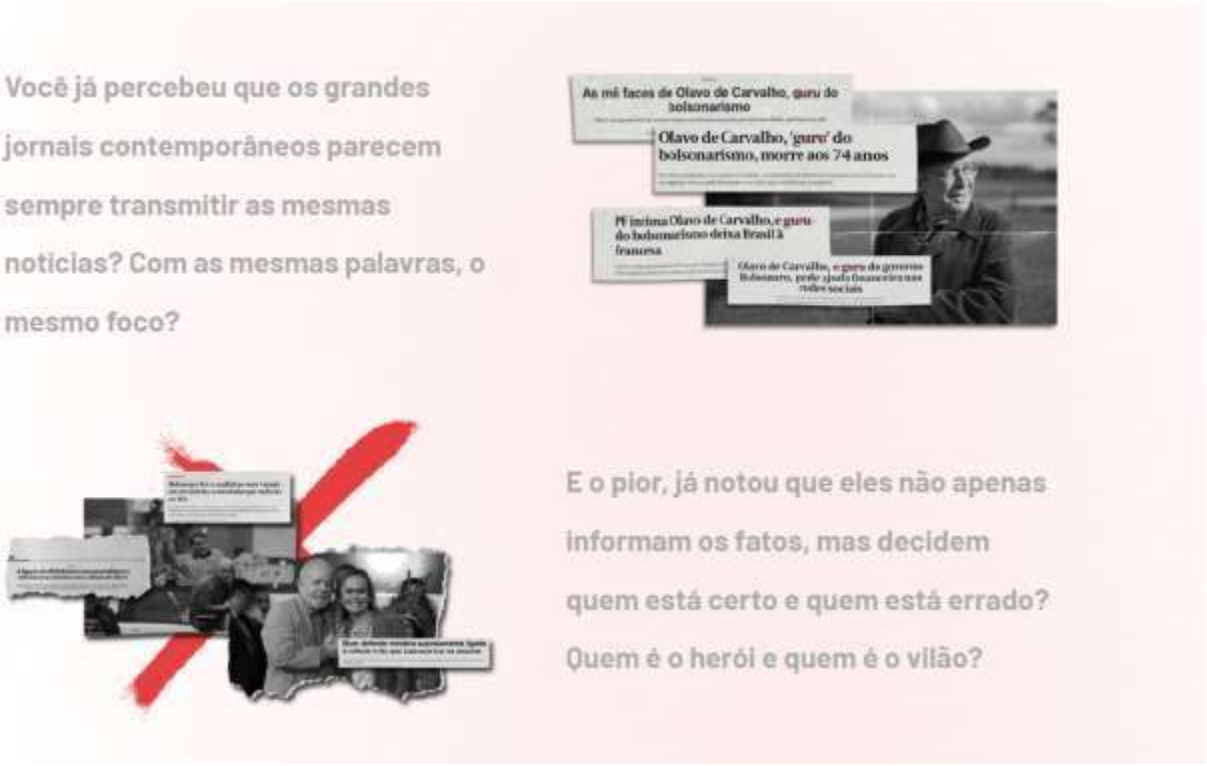
Além deste, em inúmeros textos, vídeos e entrevistas é possível identificar a preocupação dele em reestabelecer o conservadorismo –ou, como aposta Teitelbaum, o Tradicionalismo- e de expurgar a esquerda de qualquer posição hegemônica, especialmente no que tange a esfera cultural, considerada por ele fundamental, exatamente por ser uma instância estruturante da sociedade a longo prazo. Em um trecho de uma entrevista realizada em 2019 pela jornalista Letícia Duarte, Olavo faz a seguinte afirmação: "Eu estou mudando os rumos da história cultural do Brasil, e isso é maior do que qualquer governo. O governo passa, a cultura fica. (...) Daqui a 100 anos os meus livros ainda serão lidos e ninguém vai lembrar quem era o presidente nessa época" (Carvalho, 2019)[125]. Neste trecho, Olavo deixa claro que a ênfase na mudança cultural tem proporções muito maiores do que, até mesmo, o governo Bolsonaro, ao qual ele até então havia apoiado. A estratégia de recuperação deste espaço simbólico se sobrepõe, portanto, ao momento político atual do Brasil.

Premissa 4: "Só se vence aquilo que se substitui" – O Brasil Sem Medo e a disputa pelos espaços de produção de bens simbólicos

[124] Disponível em: https://pt-br.facebook.com/carvalho.olavo/posts/739536966198380/ Acesso em: 03/09/2024.
[125] Trecho transcrito da entrevista realizada na casa de Olavo de Carvalho, em Richmond (EUA). A entrevista fez parte de um projeto para a ONG estadunidense "*The Ground Truth*" em parceria com a revista The Atlantic. O projeto versava sobre como líderes autoritários estão ameaçando a democracia no mundo. O áudio da entrevista está disponível em: https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=ehKOtjQhQSSagi5Z9D-roA Acesso em 19/07/2023.

A frase aspeada que dá título a este tópico é uma citação de Nietzsche bastante reproduzida por Olavo de Carvalho ao longo dos anos, que também resume a lógica por trás da motivação das empreitadas do autor no mundo da mídia. Sob a promessa "você bem informado e mais inteligente", e-mails publicitários do jornal Brasil Sem Medo são disparados para vender aos leitores "um jornal verdadeiramente comprometido com os seus valores". Abaixo, uma das comunicações publicitárias veiculadas pelo Jornal em abril de 2023 aponta os motivos pelos quais o BSM deve ser assinado pelos leitores[126]:

Figuras 1 e 2: Peça publicitária enviada pelo BSM em abril de 2023



[126] Disponível em: https://pages.brasilsemmedo.com/assine-o-bsm/ Acesso em: 19/07/2023.

Apenas nesta comunicação é possível esboçar o cerne da narrativa que justifica a importância do BSM no debate público: os "grandes jornais contemporâneos" figuram como reprodutores de julgamento de valor (em detrimento de reportar apenas os fatos), ocupando o espaço de "vilões" que fazem parte de uma "hegemonia de opiniões". Em contrapartida, o BSM surge com a promessa de ser a "melhor plataforma de conteúdo e notícias", que informam os fatos de maneira isenta de julgamentos, "sem manipulações, sem ocultações" e -e esse é um detalhe muito importante- "alinhado com os seus valores". Por último e não menos importante, tem a menção final "prepará-lo para a *guerra de narrativas* que estamos enfrentando". Neste sentido, entende-se que as diferentes posições e escolhas editoriais dos jornais são parte de uma "guerra de narrativas", expressão claramente inserida na lógica da guerra cultural abordada acima.

A noção de "narrativa", que vem sendo cada vez mais abordada e apropriada inclusive pelo senso comum, foi analisada sob a ótica do jornalismo por Michiko Kakutani (2018). Segundo Kakutani, essa questão remonta à apropriação dos argumentos pós-modernistas por parte da direita populista. Ela afirma que não tem como responsabilizar os escritos de Derrida, Baudrillard ou Lyotard pelo mau uso dos seus conceitos, entretanto observou que alguns dos seus comentadores ou, como Kakutani coloca, os "corolários simplificados" dos pensamentos

desses autores que foram apropriados por essa direita populista[127], que fazem um uso extremamente elástico da noção de relativismo. Figura emblemática da *alt-right* estadunidense, o teórico da conspiração Mike Cernovich anuncia em uma entrevista de 2016 para o *The New Yorker*: "Eu li teoria pós-moderna na faculdade. Se tudo é uma narrativa, então precisamos de alternativas para a narrativa dominante" (*Apud* Kakutani, 2018, p. 54).

A fim de contextualizar seu argumento, a autora faz um breve resgate histórico da recepção da literatura francesa pós-moderna no meio universitário estadunidense, que se deu a partir da segunda metade do século XX, especialmente através de autores amplamente divulgados como Foucault e Derrida. Kakutani explica que a recepção dos conceitos pós-modernistas foi transformadora, principalmente pelo seu potencial emancipador, em especial no que tange às artes (música, pintura, cinema, literatura). Em contrapartida, sua aplicação às ciências sociais e à história pode ser definida como polêmica, pois deram origem a implicações filosóficas controversas -ainda que não intencionais- como a aplicação elástica na noção de narrativa ou o repúdio filosófico da objetividade. Apesar de tratar-se, conforme dito acima, de uma corrente que teve apropriações distintas pelas mais diferentes áreas do conhecimento, Kakutani sintetiza, em poucas palavras, o que foi apreendido por parte da *alt-right*:

> (...) os argumentos Pós-modernistas negam a existência de uma realidade objetiva independente da percepção humana, argumentando que o conhecimento é filtrado pelos prismas de classe, raça, gênero e outras variáveis. Ao rejeitar a possibilidade de uma realidade objetiva e substituir as noções de perspectiva e posicionamento pela ideia de verdade, o Pós-modernismo consagrou o princípio da subjetividade. A linguagem é vista como não confiável e instável (parte da lacuna intransponível entre o que é dito e o que se entende); (...) Abaixo a ideia de consenso. Abaixo a visão da história como uma narrativa linear. Abaixo as grandes metanarrativas universais ou transcendentes. (Kakutani, 2018, p. 56)

Como exemplo do que coloca, Kakutani, ela cita um trecho do acadêmico Christopher Butler, que argumenta que para alguns pós-modernistas até mesmo os argumentos científicos podem ser "vistos como não mais que seminarrativas que *competem com todas as outras poraceitação*. Não se encaixam de uma forma particular ou confiável no mundo, não possuem nenhuma correspondência inquestionável com a realidade. *São apenas outra forma de ficção*."(Butler Apud Kakutani, 2018, p. 57. Grifo nosso). Neste sentido, se até a ciência passa a competir espaço com outras "narrativas", se até mesmo após todos os métodos e procedimentos que garantem o status de "científico", ela é reduzida a uma forma de ficção, então as narrativasse equivalem apesar de suas origens marcadamente distintas? Para estes que sugerem tal

[127] É importante pontuar que Kakutani descreve, majoritariamente, o contexto estadunidense na conjuntura política trumpista, ainda que ela assuma, em outros momentos do livro, que tais argumentos podem e devem ser ferramentas úteis para a análise de outros contextos políticos e geográficos onde pode-se identificar o aumento do conservadorismo político.

equivalência, aos quais Kakutani chama de pós-modernistas radicais, as teorias científicas seriam socialmente *construídas* (ou seja, seria necessário considerar os recortes da pessoa que postula a teoria -gênero, raça, classe-, bem como os valores intrínsecos à cultura a partir da qual a ciência é formada). Neste sentido, de acordo com os pós-modernistas radicais, a ciência seria incapaz de postular "verdades", o que abre espaço para que as demais narrativas produzidas disputem, de igual para igual, pela sua perspectiva dos fatos.

Além das ideias de relativismo, subjetividade e do questionamento das metanarrativas, uma outra noção que veio à tona na esteira das teorias pós-modernistas foi a de instabilidade da linguagem. Kakutani cita a noção de "desconstrução" enquanto análise textual, postulada por Jacques Derrida, como um fator importante para complexificar este cenário. De acordo com ela, a aplicação da desconstrução para além da literatura (ou seja, para a história e para as ciências sociais), defendia a total instabilidade dos textos, e também que: "(...) os significados, eternamente variáveis, são imputados pelos leitores e observadores" (Kakutani, 2018, p. 66). E continua:

> Ao se concentrar nas possíveis contradições e ambiguidades de um texto (articulando os argumentos com uma prosa deliberadamente empolada e pretensiosa), *promulgou um relativismo extremo que foi, em última análise, niilista em suas implicações*: qualquer coisa poderia significar qualquer coisa; a intenção do autor não importava e não podia ser discernida objetivamente; não havia uma leitura óbvia ou de senso comum, já que tudo tinha uma infinidade de significados. Em suma, não existia uma verdade. (Idem, grifos nossos)

Diante do argumento de Kakutani exposto acima, é possível afirmar que a sua leitura sobre a teoria pós-modernista é limitada e, até mesmo, parcial ou superficial. Não se rejeita aqui esta possibilidade, tampouco se tem como meta aprofundar, nessa tese, sobre a noção de pós-modernidade. Este argumento foi apresentado por trazer pistas interessantes para refletir sobre a apropriação, por parte da *alt-right*, das teorias produzidas dentro do ambiente acadêmico, conforme foi ilustrado através do "gramscismo olavista". No caso aqui abordado, esta apropriação é essencialista, utilitarista e faz um uso enviesado dos conceitos, porém aponta para uma característica que atravessa os atuais movimentos de extrema-direita em todo o Ocidente: a noção de "narrativa" equipara todos os "discursos" independentemente de suas origens ou fontes. Isso posto, a disputa de narrativas nos ambientes de produção de bens simbólicos se estabelece como uma ferramenta fundamental na guerra cultural: ao finalizar a peça publicitária do BSM com a afirmação de que os conteúdos do Jornal irão "prepará-lo para a *guerra de narrativas* que estamos enfrentando", é possível afirmar que seus idealizadores também sabem bem disso, tanto que se apoderaram deliberadamente desta ferramenta.

"O medo paralisa, a mentira distorce e a militância aprisiona: mas a verdade restaura todas as coisas". É com esta frase que se encerra mais uma comunicação do BSM, no contexto

das mobilizações da direita durante as manifestações de 7 de setembro de 2022, onde o editorial convocava os leitores a somar em uma das "maiores manifestações da história". No âmbito de uma guerra cultural, a noção de verdade é definitivamente uma das mais pleiteadas. Considerando as ferramentas supracitadas, a disputa em torno do termo segue a receita gramsciana: a despeito das outras narrativas, o jornal Brasil Sem Medo oferece um conteúdo noticioso "alinhado aos seus valores". A noção de defesa da "verdade" aparece como central à missão do Jornal, conforme é possível perceber mais à frente da peça publicitária, dentre outras comunicações do editorial do BSM:

Figura 3: Peça publicitária enviada pelo BSM em abril de 2023

A compreensão olavista de que o domínio da esquerda se estabelecia através da esfera cultural, portanto, pareceu orientar as suas estratégias de combate político: a desconfiança do papel da mídia hegemônica passou a ser cada vez mais pauta dos seus debates e, em paralelo, Olavo de Carvalho construía suas próprias plataformas de oferta de informação, desde o True Outspeak até o seu primeiro Jornal, o Brasil Sem Medo. O próprio Olavo publicou tal reflexão através deste questionamento:

> Quantos jornais e revistas conservadores, de direita, surgiram no Brasil nos últimos vinte anos – período equivalente ao do regime militar? Nenhum. Simplesmente não há dinheiro para isso. Proponha uma publicação conservadora ou cristã a empresários brasileiros, e eles daí por diante evitarão ser vistos em sua companhia. Se não existisse a *internet*, onde se mantém um *blog* com cinquenta reais por ano, a opinião conservadora teria simplesmente desaparecido do território nacional. (CARVALHO, 2011b)

A comparação com o período da ditadura militar no Brasil tem como intertexto com o argumento de que, naquele período, a censura havia eliminado veículos de comunicação da esquerda. Nesta conjuntura, advento da internet figura, de acordo com Olavo, como uma possibilidade de reconstrução, comunicação e de compartilhamento de pautas e filosofias conservadoras, fazendo com que as redes digitais se tornassem o ambiente propício para a articulação dessas ideias. Em contrapartida às possibilidades de democratização e do livre diálogo oferecidas pela internet, os veículos de mídia tradicional são lidos comoconglomerados engessados, distantes da realidade factual e corruptos que, aos poucos, foram também descobrindo a internet e buscando formas de ocupar este espaço, além de todos os outros nos quais já era hegemônico. Esse movimento, logicamente, não foi percebido com bonsolhos por quem encontrava refúgio na internet há décadas: iniciativas como o Mídia Sem Máscaras, assim como tantas outras que produziam conteúdo há décadas para um público-alvoespecífico e muito fiel, sentiram que essa mudança significava um limite na liberdade que gozavam há tantas décadas. Essa leitura foi se acentuando com o passar dos anos, intensificando-se na medida em que os mecanismos de desinformação se sofisticaram e, em contrapartida, as agências de checagem passaram a fazer parte do campo da comunicação. Conforme é possível perceber neste e-mail enviado pela equipe BSM em 1 de junho de 2023, esse procedimento também foi visto com desconfiança, como se fosse mais uma camada na censura que os veículos tradicionais imprimiam contra a liberdade de expressão:

BRASILSEMMEDO

Os canais de televisão foram completamente dominados.

As revistas e jornais impressos também, há muito tempo.

Na internet, a grande mídia já começou a sua tomada de território faz tempo, lançando diariamente notícias, reportagens e manchetes tendenciosas e recheadas de mentiras.

Como se não bastasse, é a própria grande mídia que determina, através das "agências de checagem", se uma notícia é verdadeira ou falsa.

Diante desse cenário, o medo e a insegurança começam a aparecer, e a impressão é de que as liberdades estão ameaçadas.

E é isso mesmo que acontece.

No Brasil de hoje, você não pode mais expressar os seus valores em pùblico, não pode mais dizer que a grama é verde e que o céu é azul, e também não pode discordar do que os jornalistas dizem, senão já sabe:

É "ista" pra todo lado: "fascista!", "negacionista!", "extremista!"...

Contra a tirania da grande mídia, desde o surgimento do BSM, nós levantamos duas bandeiras: a do **conservadorismo** e a da **defesa incondicional da verdade.**

De lá pra cá, passamos muito perrengue, fomos perseguidos e cancelados de diversas maneiras, inclusive pela suspensão de pagamentos e novas assinaturas.

Agora em 2023, com todos os agravantes políticos e judiciários que estamos presenciando no nosso país, chegamos no limite, e a alternativa era: desistir ou **dobrar a aposta.**

Bom, e você já sabe o que nós escolhemos.

Este texto precede a grande reestruturação feita no Brasil Sem Medo em meados de 2023, após o veículo ter sofrido represálias no final de 2022 por ter sido acusado de divulgar conteúdo enganoso e ter, dentre outros, o seu canal do Youtube removido e tido alguns dos seus editores investigados no inquérito das *fake news*. Mesmo após o falecimento do seu ideólogo, a equipe do BSM escreveu em um outro e-mail enviados aos assinantes algo que evidencia que, apesar da ausência do seu mentor, o Projeto ao qual o BSM se prestava continuava em curso:

> *O nosso propósito, você sabe, não é meramente informativo*. Mais do que notícias, nós entregamos comentários, análises e opiniões esclarecedoras e bem fundamentadas, para que você consiga entender e interpretar, por conta própria e longe da manipulação da grande mídia, cada fato e cada acontecimento político, social ou cultural que influencia no seu cotidiano. (Equipe BSM, comunicação com os assinantes através de e-mail dua 03/06/2023. Grifo dos autores)

Neste sentido, partindo da lógica de Nietzsche citada no título deste tópico[128], o empreendimento de comunicação multiplataforma Brasil Sem Medo, idealizado por Olavo de Carvalho e levado a cabo por seus alunos, se coloca no campo midiático como veículo jornalístico cujo objetivo é orientar uma alternativa à mídia hegemônica, com vistas a garantir a "verdade", repertório e embasamento para os seus leitores. Isso posto, é possível afirmar que, das 4 premissas sobre as quais se fundamentam a crítica olavista à mídia tradicional ou

[128] "Só se vence aquilo que se substitui".

hegemônica, Olavo extraiu uma estratégia de disputa simbólica na guerra cultural, a qual fundamentou o projeto Brasil Sem Medo, que permanece em curso.

Considerando todos os motivos expostos acima, a importância do BSM como objeto de análise desta tese já fica evidente. Porém, há outros fatos relativos à figura do idealizador do projeto que tornam este objeto ainda mais relevante: debater a centralidade de Olavo de Carvalho para o avanço do conservadorismo no país, a ponto de receber o título de "parteiro da nova direita brasileira"[129], revela o reducionismo de apreender o BSM apenas como um objeto de estudo pontual. Esta tese defende o argumento de que o projeto conduzido por empreendimentos como BSM compreende uma dimensão muito maior, sendo o próprio veículo, apenas um protótipo que evidencia uma transformação muito mais visceral e profunda na interseção entre os campos midiáticos e político.

[129] Em "Cultura, imaginação e moral" (2020), de Brás Oscar. Disponível em: https://phvox.com.br/cultura-imaginacao-e-moral/ Acesso em 27/07/2023.

CAPÍTULO 3

"Olavo tem razão": Como o autointitulado filósofo se relaciona com a ascensão da extrema direita no Brasil

Considerando o universo acadêmico, é fácil relegar Olavo de Carvalho a um pensador marginal, visto que seus esforços enquanto teórico do pensamento social brasileiro não foram construídos a partir de instituições de ensino e pesquisa e tampouco gozam de legitimidade científica ou de reconhecimento entre os pares. No que tange a academia, o sociólogo Álvaro Bianchi defende que "as ideias de Olavo de Carvalho estão para a filosofia profissional assim como sua astrologia está para a astrofísica" (Bianchi, 2018, não paginado). E este quadro não é recente: ainda em 2001, Emir Sader chegou a comentar que "Olavo de Carvalho não existe", em referência à recepção dos seus pensamentos no meio acadêmico brasileiro[130]. Naquela conjuntura, ao fim do governo de Fernando Henrique Cardoso, as ideias de Olavo encontravam coro apenas numa pequena ala de uma direita mais radicalizada. Entretanto, na última década, Olavo passou a gozar de certo prestígio, ampliando seu cerco de influência no campo da direita política. Atualmente, portanto, é fundamental apreender a centralidade das suas ideias para uma parcela considerável da população brasileira, bem como o seu lugar de referência na comunidade da direita conservadora no Brasil e no mundo, conforme demonstrado por Teitelbaum (2020). Diante disso, especialmente após o governo Bolsonaro, é preciso defender que "(...) suas ideias devem ser levadas a sério e isto significa que as pessoas interessadas em compreender o avanço das direitas radicais devem ler seus livros. É preciso estudar e interpretar os *mecanismos de difusão dessas ideias* e isso só é possível desvendando a trama discursiva que permitiu essa difusão" (Bianchi, 2018, não paginado, grifo nosso).

Álvaro Bianchi, sociólogo supracitado que se dedica a estudar pensamento político, avaliou em uma entrevista publicada em 2018[131] que Olavo de Carvalho representava, para o cenário político nacional, a vertente menos politicamente relevante na direita à época, a dos conservadores tradicionalistas. Entretanto, o protagonismo político de Olavo, ainda que mantido nos bastidores, não se limitou ao período eleitoral. Resta-nos compreender, portanto, como suas formulações filosóficas com o tom marcadamente belicoso -somado a um verniz de autenticidade- foram lidas como pertinentes por um contingente importante da população brasileira.

[130] Fonte: Gilberto Calil para o Le Monde Diplomatique (2021), disponível em: https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/ Acesso em 01/08/2023.
[131] Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi Acesso em 01/08/2023.

A premiada tese[132] da cientista política Camila Rocha (2021) traz dados importantes para compreender a ascensão do que entendemos aqui como extrema-direita ao poder. A intitulada pela autora "nova direita"[133] conseguiu conciliar, ao menos em termos estratégicos voltados para a eleição, as diferentes vertentes observadas na direita brasileira:

> Ao contrário da direita envergonhada atuante no país desde a redemocratização, pautada em uma defesa hesitante do livre mercado e em um conservadorismo difuso, a nova direita não tem nenhuma vergonha de se afirmar como tal. Unificada em torno do combate ao que considera ser uma 'hegemonia cultural esquerdista' que teria passado a vigorar desde a redemocratização, age em defesa de uma combinação de radicalismo de mercado e conservadorismo programático e visa romper com o pacto democrático de 1988. (Rocha, 2021, p.9)

Rocha mostra como este movimento, cuja articulação iniciou-se desde o começo do ciclo de protestos que tomou o país a partir de 2011, encontrou na figura de um militar reformado que fez carreira política e ocupava uma cadeira na Câmara dos Deputados, um personagem perfeito para o serviço. Jair Bolsonaro agregava o histórico de militar, o conservadorismo dos costumes, as frequentes e ostensivas ofensivas contra a esquerda (especialmente contra o Partido dos Trabalhadores) e o perfil combativo e indecoroso, que resultou num léxico específico que passou a ser sua marca registrada. Porém, a ascensão desta vertente política ao poder não foi exclusividade do contexto brasileiro, e para entender este fenômeno é necessário abordar também a conjuntura política internacional, em especial a dos Estados Unidos, que no histórico político contemporâneo tem sido bastante influente no cenário brasileiro.

3.1 A extrema-direita no contexto internacional

Muitas análises bem fundamentadas sobre a chegada ao poder de uma direita com características no mínimo excêntricas foram publicadas nesta última década[134]. Pesquisadores de várias partes do mundo e de diversas disciplinas distintas se voltaram para este fenômeno e o investigaram a partir das suas inúmeras perspectivas, o que resultou em um acervo robusto de argumentos, teorias e, consequentemente, conceitos. Termos como "direita conservadora", "nova direita", "direita populista", "direita radical", "*alt-right*", entre tantos outros, buscam apreender um fenômeno comum, apesar de não serem exatamente sinônimos, posto que resguardam características importantes que os diferenciam entre si, conforme os argumentos que os sustentam. Considerando que se trata de fenômeno observado em continentes distintos,

[132] "Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil".
[133] A autora defende o termo "nova direita" ao diferenciá-la da direita atuante no Brasil desde o período da redemocratização, que se pautava dentro dos limites estabelecidos no pacto de 1988. A nova direita, segundo ela, demanda o fim deste pacto.
[134] Ver, por exemplo, Wendy Brown (2019, 2015); Cas Mudde (2016, 2018); Pippa Noris (2017); Da Empoli (2019).

em contextos políticos peculiares, é compreensível que haja um esforço científico no sentido de identificar suas particularidades. Entretanto, é possível observar a existência de algumas características comuns a todos estes movimentos, ainda que em doses distintas, a depender da sua origem. Conforme colocou Teitelbaum sobre a *alt-right*, termo sob o qual o autor identifica tal vertente que ganhou projeção global, "os extremos políticos são nichos sectários, mas esse novo termo parecia reunir uma ampla coalizão" (Teitelbaum, 2020, p. 183). Dito isso, quais seriam as características comuns que possibilitam tal coalizão?

Os contextos distintos de cada país justificam as maiores ou menores ênfases dadas a cada pauta da extrema direita. Nos países do norte global, notadamente do leste europeu e nos Estados Unidos, a pauta da islamofobia ou a bandeira contrária à imigração ganham mais destaque se comparado ao contexto brasileiro. Ainda assim, a ênfase no nacionalismo permanece, ainda que partindo de outro enfoque. O historiador Enzo Traverso, que traz ao debate o conceito de pós-fascismo (2021), se refere a essas pautas comuns, ainda que com distintas doses, como "as novas caras da direita" que, apesar de não reivindicar necessariamente o fascismo clássico, evoca, sem dúvidas, sua referência. Em suma, essa direita que roubou os holofotes na última década costuma dar corpo -mas não somente- a pautas como o desprezo pelo pluralismo (especialmente de gênero), populismo, autoritarismo, nacionalismo, conservadorismo[135], anticomunismo e suas outras versões mais ou menos radicais. As caras desta nova direita, ainda que não sejam necessariamente as mesmas, apontam para uma forte sinergia que reverbera para além dos limites nacionais, vide o partido *Alternative für Deutschland* na Alemanha, o Vox na Espanha, os Democratas Suecos, a figura de Javier Milei na Argentina, dentre os outros exemplos mais conhecidos como os governos de Jaroslaw Kaczynski na Polônia e Viktor Orban na Hungria. Os slogans de campanha dos respectivos partidos evidenciam a nostalgia de um passado menos complexo e a reivindicação do fortalecimento das suas fronteiras, tanto objetivas quanto subjetivas: "*Make America great again*" de Trump, "A França para os franceses" de Le Pen junto à Frente Nacional, "*Take back control*" do movimento a favor do Brexit, "Polônia pura, Polônia branca" do partido conservador polonês Lei e Justiça, "Mantenham a Suécia sueca" dos Democratas Suecos e, por fim, a variante brasileira que compila nacionalismo e religiosidade, "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos".

[135] Aqui há uma distinção importante para apreender o contexto brasileiro que é entre o conservadorismo econômico, adotado por exemplo nos Estados Unidos mas não no Brasil, e o conservadorismo nos costumes, que está presente em ambos os contextos. O regime econômico adotado pela direita brasileira é o neoliberalismo, marcadamente distinto do protecionismo adotado pela direita Trumpista, por exemplo.

Dentre as análises feitas acerca deste fenômeno, uma das mais completas foi realizada por Wendy Brown em "Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente" (2020), que associa primorosamente componentes característicos do neoliberalismo a pautas aparentemente controversas que passam a nortear o debate público, como o nacionalismo, o conservadorismo cristão, a imposição da moralidade, dentre outros. De acordo com Brown, os elementos que formam a extrema direita atual (ou a "nova direita", como a autora coloca), embora sejam familiares, resultam de uma articulação muito contemporânea, pautada pela racionalidade neoliberal. Essa conjuntura, então, viabilizou a mobilização e a legitimação de "forças ferozmente antidemocráticas" (Idem, o. 16). Embora a autora generalize o alcance da sua análise para um "ocidente" genérico, é possível identificar muitas consonâncias entre o que é posto a partir do contexto estadunidense e o cenário brasileiro. Com históricos muito distintos, as duas maiores democracias da América têm apresentado características curiosamente comuns no que tange a política contemporânea, tanto que o ex-vice-secretário de Estado estadunidense Thomas Shannon afirmou que "Brasil e Estados Unidos são espelhos um do outro (...) O que acontece com uma dessas duas democracias acontece com a outra"[136].

Em seu livro publicado originalmente em 2019, Brown revisita um artigo de sua autoria publicado em 2006[137] com o objetivo de apontar os limites do que havia proposto: segundo ela, o trabalho anterior havia falhado em "apreender as características cruciais da revolução neoliberal de Thatcher-Reagan" (Brown, 2019, p. 21) quando afirmou que o neoliberalismo e o neoconservadorismo seriam duas racionalidades políticas distintas, cujas características formais poderiam ser até contraditórias, ainda que ambas trabalhassem de forma simbiótica para produzir "um sujeito relativamente indiferente à veracidade e à responsabilidade no governo, bem como à liberdade política e igualdade entre os cidadãos" (Brown, 2006, p. 690). Na sua obra mais recente, Brown reconsidera essa afirmação à luz da noção de razão neoliberal formulada por Friedrich Hayek, que ressalta a arquitetura da razão que relaciona a noção de moralidade ao neoliberalismo. Neste sentido, Brown retifica a sua compreensão de que o neoliberalismo hayekiano se restringe a um projeto de ampliação da esfera da competição e valoração de mercado, como havia argumentado anteriormente, e passa a entendê-lo como "um projeto político-moral que visa proteger as hierarquias tradicionais negando a própria ideia do

[136] Fonte: Mariana Sanches para a BBC News, 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63003434 Acesso em 08/08/2023.
[137] American Nightmare:Neoliberalism, Neoconservatism and De-democratization, . Political Theory Vol. 34, No. 6 (Dec., 2006), pp. 690-714

social e restringindo radicalmente o alcance do poder político democrático nos Estados-nação" (Brown, 2020, p. 23). Nesta conjuntura, portanto, a racionalidade neoliberal se justapõe à racionalidade neoconservadora, cujas forças apelam diretamente à "moralidade tradicional e homilias ao livre-mercado, embrulhando tudo isso com patriotismo, nativismo e cristandade" (Idem).

Assim como colocado por Thomas Shannon, a conjuntura democrática do Brasil e a dos Estados Unidos são passíveis de comparação, especialmente no que tange às duas últimas eleições aos governos federais de ambos os países. A similaridade se acentua ao considerar as figuras que ocuparam o cargo de autoridade máxima de ambas as repúblicas: Jair Bolsonaro emulou a postura de Donald Trump em sinal claro de veneração ao ex apresentador de reality show, buscando ser, como posto por Bruno Beaklini[138], um espelho retorcido do representante da extrema direita estadunidense. O ex-presidente brasileiro passou a ser chamado pela imprensa estrangeira de "Trump dos trópicos", em referência à reprodução do conjunto de signos, identidades políticas e posições reacionárias adotadas por Bolsonaro de forma a reproduzir a conduta e os maneirismos próprios ao trumpismo.

3.2 O Conservadorismo como catalisador da extrema-direita

No que diz respeito ao contexto brasileiro, há uma questão importante que perpassa a identidade da política da extrema direita. Além das supracitadas bandeiras tidas como recorrentes nos governos extremos, parte dos precursores desta vertente política vem se articulando, no Brasil e em outros países, em torno da noção de conservadorismo. É importante ressaltar que, segundo concluiu Brown após reavaliar seus pressupostos, a agenda conservadora compatibiliza perfeitamente com as pautas da extrema direita, em especial no que diz respeito às pautas morais (como a proteção da família e valores religiosos) ou à defesa da propriedade privada. Há, entretanto, uma questão flutuante no conceito genérico de conservadorismo pois, considerando que cada contexto (político, geográfico, temporal e social) é particular, as circunstâncias e estruturas as quais os adeptos do conservadorismo querem preservar consequentemente variam. Além disso, o pragmatismo é recorrentemente observado como uma das características mais marcantes dos conservadores, o que facilita o movimento de incorporação ou abandono de bandeiras de acordo com as condições circunstanciais. Contudo, assim como os movimentos de extrema direita (e também inserido neste contexto), é possível

[138] Em: Bolsonaro e o espelho retorcido com Trump (2021). Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606337-bolsonaro-e-o-espelho-retorcido-com-trump Acesso em 08/08/2023.

desenhar os contornos do conservadorismo brasileiro a partir de algumas características comuns.

Dentre as características comuns ao conservadorismo identificadas por Wendy Brown, que teoriza o tradicionalismo de base moral como um elemento fundamental do neoliberalismo, há o apelo ao que a autora chama de "mantra conservador familiar": a invocação constante das noções de "Deus, família, nação e livre iniciativa" (Brown, 2019, p.109). Segundo a autora, o conservadorismo de base moral se fundamenta nestes conceitos por entender que o socialismo os têm prioritariamente como antagônicos, estendendo assim o binarismo herdado da Guerra Fria. Neste sentido, Brown defende a ideia de que o neoconservadorismo se articulou fortemente a partir da instrumentalização da moralidade, que se tornou, segundo ela:

> (...) um grito de guerra, muitas vezes esvaziado de substância à medida que é instrumentalizado para outros fins. À medida que os poderes e energias políticas antidemocráticas nas democracias constitucionais ganharam magnitude eintensidade, eles geraram uma forma monstruosa de vida política - arrastada por poderosos interesses econômicos e zelo popular, sem coordenadas democráticas ou mesmo constitucionais, sem espírito nem responsabilização. (Brown, 2019, p. 102)

Apesar de tratar fundamentalmente do contexto político estadunidense, Wendy Brown desenha pistas importantes para a análise política de outros países que seguiram caminhos similares, onde a moralidade fora instrumentalizada para fins eleitorais como ocorreu no Brasil.

A cientista política Marina Basso Lacerda, na esteira das análises que estabelecem paralelos entre a democracia brasileira e a estadunidense, publicou em 2019 o livro que foi fruto da sua tese de doutorado "O Novo Conservadorismo Brasileiro: De Reagan a Bolsonaro". O livro buscava explicar as raízes do perfil marcadamente conservador da Câmara dos Deputados no período que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência. De acordo com a autora, o paralelo que aproxima Ronald Reagan e Bolsonaro é um projeto político que se fundamenta em valores morais da direita cristã e na defesa do punitivismo como saída para os impasses sociais, e foi justamente este projeto que viabilizou a implantação do neoliberalismo em ambos os países. A partir dos anos 1950 nos Estados Unidos, conta a autora, o movimento neoconservador passou a ganhar força ao levantar bandeiras como o anticomunismo, a defesa da família patriarcal, o livre mercado e a moral religiosa. Além destas bandeiras, Lacerda define outras equivalências entre o fenômeno neoconservador estadunidense da época e o brasileiro, que se desenvolve mais tardiamente: além da defesa da família patriarcal, figuram o militarismo, o punitivismo, a crítica a movimentos reivindicatórios, o anticomunismo e a defesa de Israel (Lacerda, 2019, p. 58). Estas pautas, segundo a autora, se fundamentam em cinco elementos fundamentais: o ideário privatista, antilibertário, neoliberal, conservador e de direita. O neoconservadorismo contemporâneo

brasileiro analisado por Lacerda seria, portanto, uma reelaboração do conservadorismo estadunidense, e estaria também intrinsecamente ligado ao neoliberalismo, assim como defende Wendy Brown. Neste sentido, para Lacerda o bolsonarismo é compreendido enquanto um movimento ultraconservador que instrumentaliza a moralidade com o objetivo de resgatar um "mundo que se perdeu" diante da decadência moral da conjuntura atual. Neste contexto, a religião teve um papel muito significativo, tornando-se a "coluna cervical" do neoconservadorismo no país. Lacerda retoma Leo Strauss, autor considerado pai do neoconservadorismo americano, que afirmava que o funcionamento da sociedade depende de "um conjunto de ideias que definam o que é verdadeiro e falso/certo e errado, e o *instrumento mais poderoso para tanto seria a religião*, que liga uma ordem política a uma verdade definitiva, dando coesão a uma comunidade" (Lacerda, 2022, n.p). Isso posto, Lacerda argumenta a existência de um paralelo entre as ondas conservadoras recentes, tanto do neoconservadorismo nos Estados Unidos quanto no Brasil que, segundo ela, se adaptou ao ambiente político das últimas décadas. Contudo, cabe questionar se, no cenário brasileiro, a compreensão da convergência destes fenômenos é evidente.

De acordo com algumas análises[139] do contexto político brasileiro, desde o fim da ditadura civil-militar deflagrada em 1964, a direita brasileira carregou um forte estigma que fez com que não fosse tão comum que os partidos e os eleitores se declarassem tão abertamentecomo tal. Esse movimento pode ser observado inclusive nas mudanças das siglas dos partidos,que passaram a incluir expressões que demarcavam sua distância em relação à ditadura: o próprio partido Arena passou a ser Partido da Frente Liberal (PFL) e hoje é o *Democratas* (DEM); partidos que surgiram a partir da redemocratização como o PMDB, PSD e o PSDB têm em seus nomes menções à "democracia" e ao "social". Tal assimetria na autoidentificaçãoentre os dois polos do espectro político foi analisada por Pierucci (1987), que coloca: "À esquerda, não lhe incomoda aparecer como tal, antes, lhe agrada; os políticos de direita, por sua vez, têm o reflexo de se esconder como tais" (Pierucci, 1987, p. 36).

Nesta conjuntura, após o processo de redemocratização o partido que mais se aproximava às pautas da direita e que tinha lastro político suficiente para ser representado nas eleições presidenciais foi o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) que, apesar de ser lido hoje como um partido de centro-direita, era o que mais se colocava em objeção e confronto em relação ao Partido dos Trabalhadores. Candidatos como Fernando Henrique Cardoso, José

[139] Ver: "A Nova Direita Brasileira: Ideias, Retórica e Prática Política" de Jorge Chaloub (2016) e ""A Ditadura Militar e a Ideologia da Direita: Reflexões sobre a Política Brasileira Contemporânea" de Idelber Avelar (2019)

Serra, Geraldo Alckmin e Aécio Neves figuram como lideranças possíveis aos eleitores identificados com as pautas da direita, ainda que representassem, na prática, posicionamentos relativamente moderados. Entretanto, nas últimas duas eleições presidenciais, cerca de três décadas após a consolidação da redemocratização no Brasil, o quadro político sofreu uma forte transformação através da eclosão de novas figuras políticas que puxavam o antigo espectro político brasileiro muito mais para a direita.

Após um longo período de relativo resguardo, a direita brasileira volta a ambicionar a possibilidade de conquistar o cargo mais alto do executivo através da candidatura de Jair Bolsonaro. Após os acontecimentos que reviraram o cenário político do Brasil a partir de 2013[140], foi possível identificar o fortalecimento de algumas pautas que estavam latentes no debate público e que denotaram uma verdadeira crise generalizada na democracia representativa. De manifestações contrárias ao aumento da passagem de ônibus a pedidos de intervenção militar, as jornadas de junho, como ficaram conhecidas, trouxeram à tona bandeiras que estavam, até então, encobertas. Décadas após o fim da ditadura civil-militar passou a ser plausível e confortável para parte da população ir às ruas para reivindicar agendas políticas associadas, de forma explícita, à extrema-direita, conforme mostram Chaloub e Perlatto (2016). A leitura feita por parte deste grupo era que, na realidade, políticos da centro-direita como Fernando Henrique Cardoso e José Serra figuram, na realidade, ao lado de Lula e Dilma no espectro político, ou seja: à esquerda. Acontecia a partir dali uma verdadeira reorganização no tabuleiro político brasileiro. A extrema-direita, que antes estava relegada ao saudosismo militar, passou a se apresentar nas ruas, nas redes e consequentemente a ser representada na política institucional. A análise feita por Marina Basso Lacerda (2019) remonta o aumento gradativo do espaço de pautas conservadoras de parte do Congresso brasileiro e da Câmara dos Deputados eleitos entre 2015 e 2018, e demonstra a ascensão do conservadorismo (ou neoconservadorismo, como ela intitula[141]) na democracia representativa brasileira.

Ressaltar o caráter representativo do poder legislativo é fundamental, pois ao cruzar os dados de pesquisas como a de Lacerda e observar os resultados da última eleição é possível identificar uma tendência crescente ao conservadorismo neste âmbito. Esta tendência também é observada na população brasileira e o fato de o Instituto Ibope ter criado um índice para medir o grau de conservadorismo da população brasileira em 2010 é uma evidência disso. O índice é

[140] Analisados brilhantemente por Singer (2013) e Ângela Alonso (2014 e 2023).
[141] Lacerda (2019) faz uma distinção importante entre a noção tradicional de conservadorismo e o que ela identifica no Brasil e chama de neoconservadorismo, este último relacionado de forma intrínseca com a presença de uma direita cristã nas instâncias políticas e a sua atenção às pautas de gênero e de reprodução.

medido a partir da opinião do indivíduo sobre cinco grandes temas: legalização do aborto, casamento entre indivíduos do mesmo sexo, pena de morte, redução da maioridade penal e prisão perpétua. Se considerarmos a classificação do Índice em graus (sendo o grau considerado baixo entre 0,0 e 0,3, o grau médio entre 0,4 e 0,6 e alto entre 0,7 e 1,0), a porção da população classificada como alto grau de conservadorismo é marcadamente alta desde a primeira mensuração e apresenta progressão ao longo dos anos: em 2010 essa porção era de 49%, em 2016 aumenta para 54%, em 2018 chega a 55%[142]. Em paralelo, em 2016 o percentual de pessoas com grau médio de conservadorismo ficou em 41%, restando apenas uma fatia ínfima de 5% da população que apresenta um baixo grau de conservadorismo, que potencialmente é considerada liberal. Nesta pesquisa, vale salientar, as perguntas que tangem a questão da segurança pública, ou seja, as últimas da lista supracitada, são as que têm mais alto nível de adesão a uma resposta conservadora. O estudo aponta ainda que a principal força que impulsiona as pessoas para opiniões conservadoras seria uma associação entre o medo da violência e uma "decadência moral" no que diz respeito aos costumes.

Além do Ibope, o Instituto Datafolha também se debruçou sobre o tema, criando uma outra metodologia para mensurar o grau de frequência de valores conservadores na população brasileira. Apesar de haver críticas a algumas escolhas metodológicas usadas na condução do estudo, os dados apontaram que 83% da população apoia a proibição total do uso de drogas; 64% defendem que a punição de adolescentes que cometem crimes deve ser igual a de adultos; 32% é contrária ao abordo em qualquer situação e 79% afirma que "acreditar em Deus torna as pessoas melhores"[143].

A pauta da decadência moral é também identificada como impulsionadora do neoconservadorismo estadunidense, conforme aponta Wendy Brown. Para fundamentar seu argumento, Brown retoma a abordagem de Irving Kristol (em seu livro "*The Neoconservative Persuasion*"[144]), considerado padrinho do neoconservadorismo, tendo publicado diversos textos sobre o projeto político neoconservador. Kristol defendia que o apelo político aos valores morais era um complemento essencial à noção de mercado livre. Isto porque o autor identificava a existência de certo niilismo e degradação moral decorrentes do impulsionamento da sociedade do consumo, então para fazer face a esse movimento seria necessário um projeto político-moral explicitamente conservador, que buscasse a "(...) promoção de valores

[142] Fonte: https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/pesquisa-revela-alto-indice-de-conservadorismo-entre-os-brasileiros-5532945.ghtml Acesso em: 11/08/2023.
[143] Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/06/datafolha-usa-metodos-equivocados-ao-apontar-predominio-da-esquerda-no-pais.shtml Acesso em: 11/08/2023.
[144] Que teve a sua 11º versão publicado em 2019 pela Routledge.

tradicionais nas famílias, escolas e espaços cívicos, na *corroboração de uma influência religiosa na vida política* e no cultivo do patriotismo" (Brown, 2019, p. 111). Além destas pautas, Kristol enfatizava a importância de um Estado forte que promovesse o interesse nacional. Neste sentido, os valores neoconservadores deveriam influenciar na vida política, garantindo que sejam instrumentalizados para fins não só ideológicos, como também eleitorais.

Diante do exposto, é possível afirmar que a democracia representativa espelha, até certo ponto, as orientações ideológicas do eleitorado. Apesar de entender que não há, necessariamente, uma garantia na conversão de uma concepção ideológica em voto, pesquisas recentes[145] revelam o aumento crescente de partidos de direita desde 2012, tanto em nível municipal, quanto estadual e federal. Além disso, a pesquisa aponta para uma ampliação significativa no desempenho eleitoral dessas legendas. O resultado da última eleição confirma que essa tendência ainda perdura: mesmo após Jair Bolsonaro ser derrotado por Lula na eleição de 2022, o atual Congresso Nacional é tido como o mais conservador dos últimos quarenta anos. Esta informação foi constatada ainda na eleição de 2018[146], mas ainda que Bolsonaro tenha deixado o mais alto cargo do executivo, as eleições de 2022 confirmaram novamente que a onda conservadora segue arrastando uma multidão de eleitores país afora.

Especialmente a partir de 2018, os números dos representantes conservadores, militares ou da direita liberal eleitos para as suas respectivas casas aumentou consideravelmente. A eleição de 2018 se destacou por evidenciar a forte demanda popular por renovação, que pôde ser constatada tanto na Câmara como no Senado. Neste último, por exemplo, dos 54 senadores que concorreram, apenas 8 conseguiram a reeleição. No que diz respeito ao perfil ideológico dos novos eleitos, é possível dizer que o Congresso Nacional ficou mais conservador nos costumes, mais liberal da economia e mais resistente a discutir temas como direitos humanos e meio ambiente. A partir de 2019, levantamentos[147] apontam que houve um crescimento flagrante de representantes eleitos por partidos de direita, alcançando cerca de 30% através de 301 deputados e 41 senadores que tomaram posse naquele ano. Comparando com a

[145] Realizadas por Antônio Lavareda e Vinícius Silva Alves (2022) cujos resultados foram publicados em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/06/datafolha-usa-metodos-equivocados-ao-apontar-predominio-da-esquerda-no-pais.shtml#:~:text=Segundo%20o%20levantamento%2C%2041%25%20dos,na%20s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica%20da%20pesquisa. ; https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/10/lavareda-responde-a-ataque-a-pesquisas-e-explica-discrepancias.shtml; e https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/04/esquerda-e-centro-precisam-de-votos-da-direita-para-vencer-bolsonaro.shtml Acesso em 11/08/2023.

[146] Ver: https://diplomatique.org.br/o-congresso-mais-conservador-dos-ultimos-quarenta-anos/ Acesso em 11/08/2023.

[147] Em: https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/direita-cresce-e-engole-o-centro-no-congresso-mais-fragmentado-da-historia/ e https://diplomatique.org.br/o-congresso-mais-conservador-dos-ultimos-quarenta-anos/ Acesso em: 15/08/2023.

configuração do Senado eleito oito anos antes, houve um aumento de 60% de senadores eleitos a partir de partidos de direita. Na Câmara dos Deputados, seguindo a mesma lógica de comparação, o aumento foi de 32%.

Os resultados da eleição de 2018 não só foram surpreendentes no que diz respeito à enorme renovação dos mandatários de ambas as casas, mas também no que diz respeito à expressividade dos votos que elegeram as novas cadeiras. Na Câmara, os eleitos mais votados foram, respectivamente: Eduardo Bolsonaro com 1,8 milhão de votos (PSL/SP), Joice Hasselmann com 1 milhão de votos (PSL/SP), Celso Russomanno com 521 mil votos (Republicanos/SP), Kim Kataguiri com 465 mil votos (DEM/SP), João Campos com 460 mil votos (PSB/PE), Tiririca com 453 mil votos (PR/SP), Marcel Van Hattem com 349 mil votos (Novo/RS), Hélio Lopes com cerca de 345 mil votos (PSL-RJ), Marcelo Freixo com 342 mil votos (PSOL/RJ) e, por último, Pastor Sargento Isidório com 323 mil votos (Avante/BA)[148]. Em suma, dos dez deputados mais votados em 2018, 6 pertenciam a partidos que tinham um forte alinhamento ideológico com o governo conservador e de direita representado por Bolsonaro -ou estavam no mesmo partido que ele- e somavam um imenso contingente de votos.

Foi neste caldo que, segundo Lacerda, a figura de um certo Deputado Estadual histérico, que apesar de surfar a onda de *outsider* se dedicava à política há décadas, ganhou uma projeção muito maior do que ele mesmo poderia imaginar: "Essa aliança neoconservadora representaria uma parcela da direita no Brasil, que *se homogeneizou* e conseguiu eleger Jair Bolsonaro à Presidência" (Lacerda, 2019, p. 17. Grifo nosso). Nas eleições de 2018, diversos setores da direita e dos conservadores se uniram, abarcando desde os mais moderados que foram a favor do *impeachment* de Dilma até os evangélicos (que apoiaram massivamente a candidatura de Bolsonaro[149]), e foram capitalizados por Bolsonaro sob a promessa de finalmente derrotar o Partido dos Trabalhadores.

Apreender o perfil ideológico do congresso eleito em 2018 não se limita à observação dos seus respectivos partidos. As características individuais apontam para uma especificidade no que tange as trajetórias dos recém-eleitos que evidenciam um perfil específico destes novos representantes do Congresso Nacional: nesta eleição elegeram-se um grande contingente de *outsiders.* Este termo, que pode ser aplicado em diversos domínios sociais, diz respeito a

[148] Fonte: https://www.conjur.com.br/2022-out-02/quem-foram-parlamentares-votados-eleicao-2018 Acesso em: 15/08/2023.

[149] Vale salientar aqui a força do apoio dos evangélicos pentecostais e neopentecostais à candidatura de Bolsonaro em 2018 que totalizava, de acordo com uma pesquisa do Datafolha em 2017, respectivamente 69% e 67% dos religiosos de cada frente. Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490540 Acesso em: 15/08/2023.

alguém que está fora de um grupo ou contexto específico e que não faz parte da norma predominante em determinada área. Na esfera política, o *outsider* é alguém que não participa da classe política tradicional e entra no governo sem ter experiência prévia no sistema político. A reportagem de Antônio Augusto de Queiroz para o *Le Monde Diplomatique*[150] disserta sobre o perfil dos *outsiders* que passaram a ocupar o Congresso:

> Apenas para ilustrar essa preocupação com a qualidade do novo Congresso, basta dizer que a maioria absoluta dos novos foi eleita por ser liderança evangélica, policial linha-dura, celebridade ou parente de políticos tradicionais. Ademais, foram eleitos alguns expoentes da "nova direita", cujo único cabedal é terem liderado movimentos antipolítica, negando a validade do próprio sistema político-eleitoral. (QUEIROZ, 2018, n.p)

Naquele ano, a Câmara dos Deputados passou a integrar 269 novos mandatos, dos quais 141 nunca exerceram função política alguma anteriormente. O trabalho de Germana Machado intitulado "A Gênese de uma Onda Conservadora" (2020)[151], faz um estudo comparativo dos Deputados Federais eleitos pelo Partido Social Liberal, ou o PSL, partido que elegeu Jair Bolsonaro presidente em 2018. Nele, a autora avalia as origens dos deputados e deputadas eleitos, apontando quais são os *outsiders* e quais têm vinculação política anterior. Os dados do Portal da Câmara dos Deputados compilados pela autora mostram que dos 52 eleitos em 2018, apenas 15 não eram outsiders. De acordo com a autora, o Partido se apropriou do capital político que Bolsonaro gozava na época para explorar politicamente o auge do conservadorismo e a noção de "limpeza" da esfera política, as quais estavam muito em voga no debate público, levando ao Congresso figuras inéditas à estrutura política.

Se a eleição de 2018 revolucionou o caráter do Congresso Nacional, a eleição de 2022 ratificou a sua guinada à direita, mesmo com a derrota de Bolsonaro. Em 2022 houve um novo aumento no número de políticos eleitos por partidos que formam as bancadas conservadoras: 14 membros do Partido Liberal (PL), 7 membros do Partido Progressistas (PP) e 3 do Republicanos. O Partido Liberal de Bolsonaro, inclusive, elegeu as maiores bancadas em ambas as casas da Câmara, somando o impressionante número 99 eleitos. Se forem somados membros de outras legendas que são da mesma base ideológica do PL, como os supracitados PP e Republicanos, além do União Brasil, que chegou a negociar uma fusão com o PP, a superbancada conservadora representa 48% da plenária da Câmara dos Deputados (com 246

[150] Em: https://diplomatique.org.br/o-congresso-mais-conservador-dos-ultimos-quarenta-anos/ Acesso em 15/08/2023.
[151] Publicado nos anais do III Seminário Discente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUCRS, disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/1422/assets/edicoes/2020/arquivos/11.pdf Acesso em 15/08/2023.

Deputados eleitos) e 43% do Senado (com 35 Senadores eleitos)[152]. O economista Bruno Carraza analisou, em uma reportagem publicada pela Valor Econômico[153] (2022), o perfil dos novos políticos eleitos para o Congresso Nacional e aponta para o crescimento do radicalismo político. O autor também ressalta o simbolismo do fato que algumas figuras de destaque no governo Bolsonaro, como a ex ministra Damares Alves ou ex vice-presidente Hamilton Mourão, terem garantido novos cargos para somar ao que ele chama de "bancada pessoal de Bolsonaro", que, junto aos bolsonaristas mais antigos no Congresso, soma quase a mesma quantidade de todos os representantes da esquerda no Senado Nacional.

Na Câmara, as cadeiras que lograram reeleição também fazem a diferença no cenário macropolítico: o PL conseguiu reeleger cerca de 80% dos Deputados Federais que haviam sido eleitos em 2018, acontecimento que manda uma mensagem muito clara após a renovação intensa que ocorreu naquele ano. Entretanto, um fato que se repetiu em 2022 foi a eleição de vários *outsiders*, que ainda despontam como tendência na política brasileira, especialmente no que diz respeito à direita conservadora e majoritariamente bolsonarista: figuras como Mário Frias (PL/SP), Nikolas Ferreira (PL/MG) e Maurício Souza (PL/MG), o ex jogador de Vôlei, passam a integrar a Câmara.

Embora as diferentes figuras políticas supracitadas, *outsiders* ou não, componham a atual direita brasileira, não compartilham necessariamente dos mesmos pressupostos, tampouco organizam seus mandatos a partir das mesmas pautas. Retomando o que foi posto no início do tópico, uma das maiores características da direita é o pragmatismo, portanto ainda que no contexto brasileiro ela seja multifacetada, é possível afirmar que houve um movimento estratégico de homogeneização que foi acelerado pelo *impeachment* de Dilma. Esse movimento pragmático levou as diferentes correntes da direita, abrangendo do liberalismo econômico ao conservadorismo religioso, a se unirem em torno de uma agenda aparentemente compartilhada, visando alcançar, enfim, uma representatividade efetiva. A própria composição da chapa de Bolsonaro na candidatura à presidência evidencia isso: a relação entre ele e o seu vice-presidente, o general Hamilton Mourão é marcada por rusgas desde o início do mandato, o que demonstra que o alinhamento entre o ex-presidente e seus apoiadores militares não era tão bem azeitado quanto se vendia. A corrente da direita que se articula em torno do liberalismo econômico também teve inúmeras desavenças com o ex-presidente e a sua persistente falta de

[152] A título de comparação, a junção de todos os partidos tidos como de esquerda (ou seja PT, PCdoB, PV, Psol, Rede, PSB e PDT) somam 24,4% do plenário da Câmara (com 125 deputados eleitos) e apenas 16% do Senado (com 13 Senadores eleitos).
[153] Disponível em: https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/coluna/congresso-conservador-ou-bolsonarista.ghtml Acesso em: 15/08/2023.

decoro. Entretanto, as vertentes políticas mais conservadoras, especialmente as de cunho estritamente religiosos que se organizavam em torno das pautas morais, foram as que melhor aderiram ao governo Bolsonaro, além de um outro grupo que viu no governo do ex-presidente uma grande oportunidade de "passar a boiada"[154]: os ruralistas. Somados aos grupos que foram anteriormente citados, a bancada ruralista também representou um suporte importante ao Governo. Mas o que essa homogeneização de demandas distintas comunica a respeito do apoio recebido a uma candidatura? O resultado pode ser constatado a partir da observação das três principais bancadas em atividade durante o governo Bolsonaro: as bancadas da Bala, do Boi e da Bíblia.

As bancadas são formadas a partir de parlamentares que convergem em temas centrais, com o objetivo de obter mais poder de barganha e exercer pressão acerca dos seus interesses comuns. Durante o governo Bolsonaro, as principais bancadas eram conhecidas como "BBB", em referência às bancadas da Bala (que é formada por parlamentares que são contrários à política do desarmamento e a favor da flexibilização de leis armamentistas), do Boi (que representa a defesa de proprietários rurais e os interesses dos grandes atores do setor) e da Bíblia (formada por representantes religiosos que defendem pautas morais, como a família tradicional e os valores religiosos). As agendas das três bancadas, embora distintas, estão alinhadas à direita política. Este alinhamento produz alguns pontos de convergência como o combate violento à criminalidade, que conta com forte apoio dos produtores rurais, dos armamentistas e da bancada evangélica.

Buscamos, neste tópico, demonstrar a partir da análise de dados das últimas duas eleições majoritárias no Brasil, a relação entre o discurso conservador e a extrema-direita que emergia no cenário político do país. Este panorama é fundamental para introduzir a noção de "bolsolavismo", ou seja, a fusão entre as narrativas supracitadas, Olavo de Carvalho e o bolsonarismo. Em conclusão, os dados abordados demonstram que as pautas conservadoras que estão difundidas na opinião pública têm encontrado respaldo institucional através da democracia representativa. Todo este contexto político evidencia a retomada galopante das direitas no Brasil, que se encontram no conservadorismo, que figura como catalisador deste movimento. É possível afirmar, portanto, que o espectro político se deslocou radicalmente para a direita no decorrer dessas duas eleições, estabelecendo a partir deste novo lugar tanto os temas relevantes para a sociedade quanto a linguagem a partir da qual eles serão discutidos publicamente. Mas qual a associação da figura de Olavo de Carvalho e este contexto? Em

[154] Referência à fala do então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles em abril de 2020.

outras palavras: qual o elo entre o autointitulado filósofo e a ascensão da extrema-direita no País? A contribuição de autores como João Cézar de Castro Rocha (2021), Benjamin R. Teitelbaum (2020), Camila Rocha (2021) e Gilberto Calil (2021) fornecem *insights* importantes para apreender esse fenômeno, os quais serão abordados no tópico abaixo.

3.3 "Bolsolavismo": a janela para uma revolução conservadora

Olavo de Carvalho é reconhecido, nacional e internacionalmente, como uma das figuras de maior influência no movimento conservador no Brasil, destacando-se inclusive pela robustez e estabilidade da sua crítica, que galgou paulatinamente um lugar de destaque no debate público ao longo dos anos. Apesar de ser abertamente prestigiado entre conservadores de várias origens, é importante considerar que, por se tratar de um grupo relativamente restrito e que não gozava de muito espaço em lugares populares de formação da opinião pública, o alcance das suas ideias era ligeiramente limitado. Como bem colocou Arthur Hussne (2020), as ideias de Olavo circularam no "subterrâneo da cultura política brasileira" por muito tempo. Enquanto figura carismática, Olavo tinha uma impressionante taxa de sucesso na fidelização dos seus seguidores, mas suas ideias não necessariamente atingiam grandes audiências. Essas alegações eram verdadeiras durante as suas primeiras décadas de atuação e militância, mas houve um dado momento em que sua carreira deu uma guinada significativa.

A partir do mês de junho de 2013 iniciou-se um movimento amorfo e difuso que tomou as ruas das principais cidades do Brasil, movimento este que se tornou um capítulo à parte da história recente do país. Indivíduos, organizações, grupos das mais distintas origens e ideologias compartilhavam as ruas em manifestações de descontentamento com questões diversas e, algumas vezes, até discrepantes, surpreendendo analistas sociais. À medida que os eventos se desdobravam, houve várias tentativas de apreender a natureza e os objetivos dos protestos, no entanto, a única conclusão possível era que eram impulsionados por um sentimento difuso de insatisfação generalizada a respeito dos problemas sociais e políticos do Brasil.

Embora não fosse possível dimensionar, na época, os acontecimentos daquele período, eles foram absolutamente decisivos para os rumos do futuro do País, imbuindo o inconsciente coletivo com um forte sentimento antissistema que deu lastro para os eventos subsequentes, desde o impeachment da então presidente Dilma Rousseff até o encarceramento do ex-presidente Lula. As análises mais atuais que se voltam para aquele momento identificam que os impactos das Jornadas de Junho, como ficaram conhecidas, extrapolaram o plano político,

abrindo espaço também para a emergência de sistemas de valores e visões de mundo que estavam latentes no inconsciente coletivo. Foi justamente neste contexto complexo que as ideias de Olavo de Carvalho passaram a encontrar eco nas ruas. Suas teorias passaram a circular mais e ter maior visibilidade e alcance, suas análises pareciam encaixar perfeitamente no desenrolar dos fatos. Foi também em 2013 que a frase que se tornaria um jargão da direita brasileira começou a circular nas redes digitais. Dois anos depois, camisetas estampadas com a frase "Olavo tem razão" tornaram-se uma presença constante nas manifestações pró-impeachment no País inteiro. Martins Vasques da Cunha, ex-olavista, descreve em seu livro/manifesto intitulado "A Tirania dos Especialistas" os acontecimentos de junho de 2013 como:

> (...) uma reviravolta sem precedentes e de tal magnitude que a partir deste instante do 'novo tempo do mundo', a Nova República começou a cair — e *a revolta das elites do PT foi sendo substituída sorrateiramente pela revolta do subsolo comandada nas sombras por Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro*. (Da Cunha, 2019, p.90. Grifo nosso).

Numa conjuntura, em que o campo político estava em plena disputa, a tese de Olavo de Carvalho sobre a importância da hegemonia cultural da esquerda para o embasamento ideológico, que possibilitou o sucesso da eleição de quatro governos do PT, ganhou fôlego. O Brasil vivia uma forte crise de representatividade política, e foi nesse hiato que Olavo, que havia dedicado décadas de sua vida na crítica ferrenha à esquerda (e consequentemente aos governos de Lula e Dilma) despontou como figura de destaque na oposição ao PT, colocando-se de forma enfática à direita do espectro político. Vale relembrar, conforme foi posto anteriormente, que havia um certo vácuo na direita brasileira no período posterior à Ditadura Civil-militar. Então, a atuação de Olavo naquele contexto contou com a popularidade que já detinha nos grupos entusiastas das suas teorias, formados por seus alunos e seguidores, resgatando os valores conservadores que sempre estiveram presente em seus pensamentos e os promovendo para aqueles que não se encontravam representados por nenhuma outra personalidade política. Como colocou Pablo Ortellado (*apud* Fellet, 2016[155]), "num momento em que ninguém se reivindicava como direita, ele foi um cavaleiro solitário, e essa pregação no deserto rendeu grandes frutos".

As ideias e teorias do autointitulado filósofo ofereceram certa unidade às demandas difusas daquela conjuntura, que passaram a se organizar a partir de um feroz sentimento antiesquerdista. A direita que ocupou as ruas em 2015, manifestando-se a favor do *impeachment* de Dilma, afastava-se da direita tímida que compunha o espectro político

[155] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897 Acesso em 17/08/2023.

brasileiro no pós-ditadura, aproximando-se, cada vez mais, ao léxico violento e verborrágico de Olavo de Carvalho. Entretanto, o escritor (que foi então alçado a ideólogo desta direita extremada e raivosa) se colocava contrário à intervenção militar defendida por alguns manifestantes: ele tinha bastante clareza do rito político que deveria ser cumprido para que o PT fosse finalmente rechaçado da política nacional. Dentre as centenas de textos e falas divulgados por Olavo sobre a hegemonia cultural da esquerda, havia uma metodologia estrita a ser seguida para vencer a esquerda, e esta só seria bem-sucedida se contasse, necessariamente, com o apoio efetivo da população. A possibilidade de uma intervenção militar anterior ao processo de *impeachment* significaria uma ruptura tão abrupta e impopular que não seria legitimada pela maioria. Neste sentido, Olavo colocou-se a favor que o *impeachment* seguisse o seu rito para evidenciar a falência de um sistema político mórbido. O próximo passo, para ele, seria a implantação de uma "democracia plebiscitária"[156], pois além de tirar o PT, era necessário "quebrar o sistema".

Uma vez que o rito do *impeachment* chega ao fim, uma outra fase do processo iniciado em 2013 se desdobra: em entrevista a João Fellet no ano de 2016[157], ao ser questionado sobre as motivações por trás da organização da direita brasileira nas ruas do país, Olavo responde em francês: "C'est moi". Em 2016, num contexto em que representantes das alas radicais das jornadas de Junho começaram a ter o reconhecimento convertido em sucesso eleitoral, Olavo admitia a sua influência para aquela direita extremada. Como afirmou a Fellet, seus livros "encorajaram outros conservadores a sair do armário" (*apud* Fellet, 2016). Durante o estado de exceção em que o Brasil havia sido mergulhado a partir de 2016, diante do descrédito absoluto da classe política, conforme coloca Hussne, "estava sendo gestada uma candidatura ultrarradical que poderia ser o veículo de uma transformação verdadeira" (Hussne, 2020, n.p.). Entretanto, o professor e ideólogo jamais se colocou como opção eleitoral: erradicado doBrasil desde 2005, Olavo vivia em Richmond, no estado da Virgínia, há 11 anos. Além disso, não tinha pretensão de se envolver diretamente com política, até porque, de acordo com a teoriaque direcionava a sua prática política, a instituição de uma nova hegemonia que substituiria a da esquerda iria demorar algumas décadas, no mínimo. Neste sentido, apesar de reconhecer a importância de um governo de direita assumir as rédeas do País, Olavo admitia que o processo de retomada efetiva seria lento, pois seria calcado em um convencimento progressivo operado

[156] Em referência não ao conceito desenvolvido por Weber, mas ao modelo de governo em que as propostas do Estado são submetidas a referendos constantes. Segundo Olavo, o modelo foi aplicado por Charles de Gaulle nos anos 1960.
[157] Entrevista dada para a BBC, disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897 Acesso em 17/08/2023.

no âmbito cultural. Por isso, afirma na entrevista com Fellet: “Eu não quero ser representante de direita nenhuma, só fiz meu serviço que era abrir espaço para eles poderem falar”.

Por fim, apesar do atalho mais fácil para conectar Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro ser a primeira *live* feita pelo então recém-eleito Presidente, onde o livro “Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota” figurava estrategicamente em cima da mesa, é importante remontar os caminhos que fizeram com que esse “encontro” fosse tão profícuo. Os fatos que seguem os primeiros contatos entre os dois, já abordados no capítulo anterior, são ainda mais interessantes para compreender como a eleição de Bolsonaro foi lida como uma janela para uma verdadeira revolução conservadora pensada por Olavo. Quem remonta o desenrolar deste encontro a partir de uma posição privilegiada de observador participante é o etnólogo e jornalista Benjamin Teitelbaum, em seu livro “Guerra pela Eternidade” (2020).

3.3.1 Os bastidores da aproximação

É possível remontar, a partir de registros públicos, os primeiros passos da aproximação entre Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro. Olavo afirma[158] que sua admiração em relação a Jair surgiu ainda em meados dos anos 2010, através dos vídeos que reproduziam os discursos na Câmara dos Deputados. Porém, foi apenas em julho 2012 que Flávio Bolsonaro, então Deputado Estadual pelo Rio de Janeiro, concedeu a Olavo de Carvalho a Medalha Tiradentes[159], tendo viajado até os Estados Unidos para fazer a entrega da honraria, que foi transmitida pelo canal do *True Outspeak* no Youtube[160]. Na ocasião, Flávio disse que Olavo era uma importante referência intelectual para ele e destacou a importância do seu trabalho de produção de conteúdo na internet e a relevância do *True Outspeak* para a divulgação de “informação qualificada”. No ano seguinte houve o lançamento do *bestseller* “O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota”, que havia sido presenteado a Eduardo Bolsonaro pelo pai com o objetivo de convencê-lo a se candidatar a deputado. A partir daí, Eduardo passou a ser aluno do COF, o que o incentivou a estreitar o laço entre o professor e a sua família. Em fevereiro de 2014, Eduardo realizou uma live[161] com o professor em que estavam presentes

[158] Em entrevista a Ana Clara Costa e Edoardo Ghirotto publicada pela Revista Veja em Novembro de 2018. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/ Acesso em: 22/08/2023.
[159] Ementa da Proposição apresentada à ALERJ disponível em: http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1115.nsf/e4bb858a5b3d42e383256cee006ab66a/3c1cf1a2c30dd7658325795800669bdf?OpenDocument Acesso em 22/08/2023.
[160] O vídeo também está disponível no canal oficial de Flávio Bolsonaro: https://www.youtube.com/watch?v=Cb0JGA80iLo Acesso em: 22/08/2023.
[161] Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZMpoOJ-NAzg Acesso em 22/08/2023.

também o pai e o irmão, que afirmou que o Brasil estava sendo "massacrado por uma ditadura da opinião imposta pelos comunistas". A conversa se desenrolou em torno de especulações sobre as eleições de 2014, reiterando todos os jargões que já eram tão comuns ao vocabulário de Olavo de Carvalho. Além disso, foi abordada a importância da "bolha da direita virtual", que se fortaleceu a partir do lançamento do livro de grande projeção de Olavo no ano anterior. Em suma, os mecanismos utilizados por essa "bolha" tornam possível resgatar o histórico das reuniões entre Olavo e a família Bolsonaro de forma integral, visto que quase todos os registros[162] a partir dos quais é possível remontar as origens do Bolsolavismo estão disponíveis na internet. Entretanto, parte deste remonte será feito a partir da narrativa etnográfica publicada por Teitelbaum (2020), escolhida por apresentar nuances dessa conjectura que enriquecem, através de detalhes, tal compreensão, especialmente no diz respeito aos seus bastidores.

De início, é importante pontuar a natureza dos relatos descritos por Teitelbaum com a propriedade de quem esteve presente e foi testemunha do desenrolar dos acontecimentos, pois a sua narrativa, de tão próxima e surpreendente, às vezes pode se confundir com ficção. O autor combinou metodologias da etnografia com o jornalismo investigativo para basear seu relato, usando como material os dados resultantes da observação participante, de entrevistas, interações e notícias de conhecimento geral. Os relatos das suas observações se referem a momentos que variam em tempo e localização, já que Teitelbaum se dedicou a esta pesquisa por anos e viajou bastante para colher essas informações. O autor afirma ainda que a maior parte do seu relato, especialmente no que tange citações diretas, é fundamentada nas gravações das respectivas conversas, feitas a partir de um gravador portátil e com a devida permissão. O personagem central do livro é Steve Bannon (famoso estrategista político à frente da campanha vitoriosa de Donald Trump, dentre outras figuras da extrema-direita), já que é nele que se centralizam os esforços da pesquisa, mas o material de Teitelbaum é valiosíssimo enquanto etnografia de uma elite política: seus dados trazem um desenho em fonte primária dosbastidores de uma articulação conservadora internacional, desvelando seus bastidores e personagens para o grande público. Além de Bannon, aparecem outros personagens que não são, de forma alguma, coadjuvantes na história: o autor não tem braços suficientes para se dedicar a todas as "pontas soltas" dos personagens que aborda, mas faz um esforço impressionante para costurar uma narrativa que os conecta aos contextos sociais e políticos dos

[162] Há também a gravação de uma live realizada em julho de 2015 entre Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro, Marcello Reis (do grupo Revoltados Online) e a atual Deputada Federal do PL Bia Kicks, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Rr6OdEhphAg Acesso em 24/08/2023.

seus respectivos países. Um desses personagens é Olavo de Carvalho, apresentado pelo autor como um dos nomes mais influentes do conservadorismo no Brasil[163].

A primeira vez que Taitelbaum cita Olavo em seu livro remete ao início de 2019, quando o autor tem dificuldades de agendar um horário com Bannon, que estava dedicado a um diálogo com "mais alguém com influência em governos poderosos (...) mas que tinha ligação com a turbulência política que ocorria no Brasil" (Teitelbaum, 2020, p. 113). Teitelbaum descobriu posteriormente que era Olavo a quem Bannon se referia quando se referia ao "grande teórico do regime de Bolsonaro" (Idem), além da relação que Bannon estava tendo com o recém-empossado presidente do Brasil, que era intermediada por Eduardo Bolsonaro. Steve Bannon, na realidade, foi um importante mentor da campanha política de Bolsonaro[164], e afirmava que o Brasil era parte fundamental do movimento populista de direita global. Bannon chegou a comparar Bolsonaro com o primeiro-ministro da Hungria Viktor Orban, afirmando em entrevista à BBC[165] publicada em setembro de 2022 que:

> Bolsonaro é um grande herói para todos nós. Ele está no nível de Viktor Orbán como alguém que defende a soberania e construiu um movimento popular de bases. Ele tem evangélicos, ele tem pessoas da classe trabalhadora. Se você olhar para o bolsonarismo do Brasil, é muito parecido com o movimento Maga (Make America Great Again, de republicanos ligados ao Trump), os bolsonaristas são muito parecidos com os desvalidos do America First, o que chamamos de hobbits do condado (metáfora de Bannon para aludir à vida de anseios simples dos trumpistas).

Teitelbaum descrevia Olavo como um excêntrico que vivia a Tradição e cuja trajetória aos espaços de poder havia sido surpreendente, especialmente ao considerar a sua história de vida. Apesar de ouvir, por diversas vezes, Bannon e outras figuras referindo-se a Olavo, a primeira vez que Teitelbaum o encontrou pessoalmente foi durante um jantar que aconteceu na casa de Steve Bannon em Washington em janeiro de 2019. Na ocasião, inclusive, o anfitrião os colocou frente a frente na mesa de jantar, o que o permitiu acompanhar de perto os detalhes da noite. No evento, estava também um executivo do mercado financeiro que, ao propor o primeiro brinde da noite, deu o tom de celebração às vitórias recentes da agenda conservadora nos dois

[163] É importante demarcar que Teitelbaum trabalha com o conceito de Tradicionalismo em detrimento do de Conservadorismo, o qual ele entende como uma doutrina mais radical por ter um elemento forte de destruição. "O Tradicionalismo é originalmente uma escola espiritual filosófica que se tornou política em certo nicho (…) A grande consequência é que o Tradicionalismo acrescenta uma motivação espiritual para o que poderia ser simplesmente uma agenda política do populismo de direita, antiglobalista, antiprogressista." explica o autor em entrevista para o El País publicada em 2020. Para o autor, Olavo de Carvalho é profundamente inspirado pelo Tradicionalismo, mas mistura essas ideias com outras, não o seguindo de forma ortodoxa. Por este motivo, não entendemos aqui que a referência ao Tradicionalismo seja excludente do conservadorismo que imputamos a Olavo. Entrevista disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html Acesso em 18/08/2023.

[164] Fontes: https://www.telesurenglish.net/news/Brazil-Steve-Bannon-to-Advise-Bolsonaro-Presidential-Campaign-20180815-0003.html e https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html Acesso em 18/08/2023.

[165] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62944023 Acesso em 18/08/2023.

países: “Este é um sonho que se tornou realidade: Trump na Casa Branca, Bolsonaro em Brasília. E aqui estamos em Washington: Bannon e Olavo de Carvalho, cara a cara. *Este é um novo mundo, amigos*!” (Brant *apud* Teitelbaum, 2020, p. 143. Grifo nosso).

Segundo contam Teitelbaum e a Beatriz Bulla, jornalista brasileira que cobria o evento para o jornal Estadão[166], dentre os vários tópicos abordados no jantar, Bannon pareceu especialmente interessado em discutir os rumos da política brasileira. Olavo descreveu a composição do novo governo como fracionada entre os militares, os capitalistas do livre mercado e os nacionalistas. Ambos concordaram a respeito do fato da educação no Ocidente estar “destruindo seu potencial para gerar um futuro conservador” e que “*sistemas de educação alternativos* eram necessários como contramedida” (Teitelbaum, 2020, p. 146, grifo nosso). Enquanto Bannon dizia ainda estar desenvolvendo uma metodologia, Olavo falou sobre o seu Curso Online de Filosofia (Cof), e defendeu ser uma iniciativa livre de metodologias e focada nos indivíduos, entendendo a especificidade de cada um. Olavo se mostrou firme em suas posições, que nem sempre concordavam com as de Bannon, além de muito próximo ao governo Bolsonaro, apesar de rejeitar o rótulo de ideólogo no bolsonarismo. Já Bannon, afirmou que Olavo era o “pilar ideológico” daquele governo. O jantar na casa de Bannon em janeiro tinha cerca de 12 convidados, a maioria eram convidados de Olavo, e pareceu ser uma prévia de um outro evento que aconteceria em março do mesmo ano, dessa vez tratando-se de uma agenda oficial.

Após este primeiro evento, Teitelbaum passou a retomar o que ele havia escutado e estudado sobre a figura do brasileiro tido como guru do novo presidente, e traçou paralelos importantes entre ele e outros personagens:

> Ao longo do segundo semestre de 2018, consegui encontrar traços de uma *rede de comunicação* entre os Tradicionalistas com acesso a altos cargos do poder – Dugin, Bannon e Olavo. Eles tinham *vários aspectos em comum:* a chegada ao poder quase simultânea, sempre em associação com um líder do tipo "homem forte" antiliberal, todos eram Tradicionalistas em algum grau e *desenvolviam formas de ativismo parecidas*. Nenhum era político. Eles eram conselheiros, instrutores e estrategistas. Estavam jogando com vistas ao futuro (longo prazo) e a transformações maiores do que o mandato de um líder; organizando ferramentas políticas e metapolíticas em busca de seus objetivos. (Teitelbaum, 2020, p. 150. Grifo nosso)

A associação que Teitelbaum faz entre essas figuras que operam nos bastidores da política institucional é fundamental para o argumento que está sendo construído nesta tese. A ênfase de que o projeto de futuro conduzido por eles propõe objetivos a longo prazo, sobrepondo-se, consequentemente, aos respectivos governos aos quais eles dedicam-se enquanto estrategistas,

[166] A matéria também traz registros fotográficos do evento e está disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/um-jantar-com-steve-bannon-e-olavo-de-carvalho/ Acesso em: 18/08/2023.

é também importante. Transformações na esfera cultural costumam ser lentas e de evolução não linear. É importante ressaltar que Teitelbaum observa que, entre estas figuras, o mecanismo de operação também é similar, apesar de não serem idênticos, pois cada um deles está circunscrito a um contexto particular. Ainda assim, vale destacar, as "formas de ativismo" são parecidas e vêm dando resultados que ultrapassam a esfera cultural e convertem-se em representatividade eleitoral. Na entrevista supracitada de Bannon para a BBC, ele mesmo afirma ser como um "posto de intercâmbio" ou um ponto nodal entre essas figuras a nível internacional, promovendo o vínculo entre expoentes da extrema direita a nível mundial.

Entretanto, apesar de em janeiro de 2019, nos primeiros dias do governo Bolsonaro, Olavo reafirmar sua proximidade ao governo em seu discurso (como contam Beatriz Bulla e Teitelbaum), a relação entre os dois nem sempre foi pacífica. Com o despudoramento e a falta de decoro que lhe são característicos, ao longo do governo do ex-deputado, haveria momentos em que Olavo colocaria de forma franca e pública suas opiniões acerca do governo, o que resultava em conflitos e desentendimentos entre os dois. Um pouco depois de eleito, Olavo afirma que o novo presidente havia-o convidado para o cargo de Ministro da Educação[167], mas que negou o convite por reconhecer o tamanho do desafio que a educação no Brasil representa, além de fazer um exercício de modéstia ao colocar que:

> Eu como escritor eu faço o que me der à cabeça, eu como ministro só posso fazer o que o regulamento do cargo me exija e me permita (...) Então me colocar no ministério da educação seria uma tremenda irresponsabilidade (...) É aquele negócio de não subir acima das suas chinelas. Eu sei os meus limites, o homem que não sabe seus limites é um adolescente, não cresceu. (Carvalho, "Por que não quero ser ministro da Educação". Youtube, Nov 2018)[168]

Neste vídeo, ainda, Olavo argumenta que o acesso à educação superior não deveria ser um direito, tampouco um "canal de ascensão social", mas um benefício que deve ser recebido por algumas pessoas em compensação por um "trabalho superior" que elas devem prestar à sociedade. Em poucos minutos de argumentação, Olavo empenha o seu léxico verborrágico num discurso que compromete a credibilidade de toda a estrutura do ensino superior público do Brasil. Mesmo publicando suas opiniões absolutamente controversas sobre o tema como estas, após o convite de Bolsonaro[169], Olavo indicou um nome para o cargo que rejeitou:

[167] Olavo confirmou que isso havia acontecido em entrevista na Jovem Pan um pouco antes de falecer, conforme conta a reportagem de Thalis Araújo para o Jornal do Commercio disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2020/07/11953272-olavo-de-carvalho-afirma-que--ministerio-da-educacao-nao-deveria-existir--e-que-pasta--so-da-prejuizo.html Acesso em: 22/08/2023. Em vídeo publicado no canal do Youtube do escritor ainda em 2018, Olavo discorre sobre o tema: https://www.youtube.com/watch?v=xO6iiFhRypo Acesso em: 22/08/2023.

[168] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xO6iiFhRypo Acesso em: 03/09/2024

[169] Ainda em 2018, pouco depois da eleição, Olavo comentou em entrevista ao programa "Um Olhar sobre o Mundo" da TV Brasil que aceitaria ser embaixador do governo Bolsonaro nos Estados Unidos, caso fosse

Ricardo Vélez Rodríguez, o qual foi acatado pelo então presidente. Além dele, também emplacou uma indicação para o ministério das Relações Exteriores, o chanceler Ernesto Araújo e outra para a Assessoria da Presidência para Assuntos Internacionais, o internacionalista Filipe Martins, que tinha 31 anos de idade quando foi empossado. Teitelbaum também conta a história do que ocorreu após negar o cargo de Ministro:

> Como de praxe, no entanto, Olavo fizera indicações de nomes que o presidente poderia considerar para cargos no governo. Financiamentos culturais e universidades seriam alvos-chave da reforma, então Olavo entendeu que o futuro ministro da Educação precisaria de credenciais robustas e uma paixão, a seu ver, pela luta contra a infiltração marxista. Sugeriu Ricardo Vélez Rodríguez, um filósofo conservador. E aproveitou para fazer uma segunda recomendação: Ernesto Araújo, talvez para ministro das Relações Exteriores. Araújo havia estudado as palestras de Olavo e era, ele mesmo, um escritor habilidoso. Mantinha um blog, 'Metapolítica: contra o globalismo', e, em 2017, publicou um ensaio, 'Trump e o Ocidente', fazendo referências a Dugin, a Guénon e ao livro Metafísica da guerra, de Evola. *Mais tarde, Olavo me disse que considerava Araújo mais Tradicionalista do que ele próprio.* Araújo aceitou o convite de Bolsonaro e, como ministro das Relações Exteriores, nomeou para um cargo relevante César Ranquetat – o principal discípulo de Evola no Brasil. (Teitelbaum, 2020, p. 143/144. Grifo nosso)

O cargo relevante o qual Teitelbaum menciona é o de membro da banca examinadora do Instituto Rio Branco, a escola diplomática do Brasil que goza de profundo reconhecimento internacional. Já Evola, citado no final, trata-se de Julius Evola, um dos principais teóricos do neofascismo italiano e referência para diversas vertentes da extrema-direita, que além do seu histórico de ativismo reacionário, difundia valores fortemente antidemocráticos e fazia referência a uma revolução conservadora, alusiva ao Tradicionalismo.

Bannon apresenta: Olavo de Carvalho na Trump Tower

A articulação entre os ideólogos dos governos Bannon e Olavo, após serem apresentados pessoalmente, avançava com êxito: o mês de março de 2019 foi marcado pelos encontros ocorridos em Washington, poucos meses após a posse de Bolsonaro à presidência da República Federativa do Brasil. O clima era de celebração e de troca de conhecimentos, ainda que Bannon estivesse oficialmente afastado do cargo de estrategista chefe da Casa Branca desde 2017, ele permanecia abertamente dedicado à defesa dos interesses de Donald Trump, operando as mesmas estratégias de fomentar a incerteza e tentar emplacar narrativas que fossem positivas para a permanência de Trump no governo. Paralelamente, Bannon se dedicavaao seu papel de articulador dos ideólogos dos governos lidos por Teitelbaum como tradicionalistas, oferecendo condições para o intercâmbio de suas ideias conservadoras. Foi naesteira destas circunstâncias que, em 16 de março de 2019, Bannon organizou um evento na

convidado, o que não aconteceu. Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/olavo-de-carvalho-diz-que-aceitaria-ser-embaixador-nos-eua-do-governo-bolsonaro.shtml Acesso em 30/08/2023.

Trump International Tower, que foi intitulado pelo jornalista Travis Waldron do Huffpost como uma "*anti-globalist soiree*"[170], cujo convidado de honra fora o brasileiro Olavo de Carvalho.

O convite para o evento era assinado por Bannon e por Gerald Brant, figura que foi fundamental para a aproximação de Bolsonaro com o governo estadunidense[171] e que fez o brinde no primeiro jantar em celebração ao "novo mundo" de Trump e Bolsonaro. Em uma sala do Trump Hotel reuniram-se conservadores do Brasil, dos Estados Unidos e de outras nações, incluindo um ex-redator de discursos de Trump que havia perdido o emprego recentemente graças à sua relação com nacionalistas brancos, e o ex-assessor de segurança nacional da Casa Branca, Sebastian Gorka. Essas figuras reuniram-se, então, para serem apresentados ao pensamento do convidado de honra: o evento iniciou-se com a exibição do documentário "Jardins das Aflições", documentário dirigido pelo brasileiro Josias Teófilo e lançado em 2017, intitulado em referência ao livro homônimo de Olavo, publicado em 1995. O longa aborda a vida e a obra de Olavo de Carvalho a partir da sua própria narrativa, e tem como mote central a continuação do livro "A Nova Era e a Revolução Cultural" (1994). Em um breve discurso que antecedeu a exibição, Eduardo Bolsonaro, que trajava um boné escrito"*Make Brazil Great Again*" (em referência ao slogan de campanha de Trump) elogiou Bannonpelo evento e disse que sem Olavo de Carvalho, eles não haveriam ganhado a eleição e "não haveria Jair Bolsonaro"[172].

Um adendo importante que remonta à articulação e ascensão da extrema-direita foi um convite feito por Bannon a Eduardo Bolsonaro pouco menos de dois meses antes do evento no Trump Hotel, no fim de janeiro de 2019. No dia 31 de janeiro, Eduardo Bolsonaro, que havia sido reeleito deputado federal, publicou em seu *Twitter* que havia aceitado o convite de Bannon para compor a organização liderada por ele chamada *The Movement*. Na postagem, além de uma foto com Bannon tirada nos Estados Unidos, o deputado publicou:

> Tenho a satisfação de me juntar a Steve Bannon como líder do The Movement no Brasil, representando as nações da América Latina. Vamos *restaurar a dignidade, a liberdade* e as oportunidades econômicas para nossas grandes *nação* e seus vizinhos. Vamos percorrer nosso programa de unir as forças do nacionalismo. O trabalho de Bannon na Europa é vital e apoiamos seu esforço contra o *perigoso Pacto Global sobre Migração*. Muito mais virá quando nós juntarmos nossas forças pela

[170] Em: https://www.huffpost.com/entry/jair-bolsonaro-brazil-steve-bannon-olavo-de-carvalho_n_5c8fb5a1e4b0d50544fe2318 Acesso em: 30/08/2023.
[171] Ver: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1936492-empresario-abriu-portas-para-bolsonaro-nos-estados-unidos.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=fbfolha Acesso em: 29/08/2023.
[172] Fonte: https://www.politico.com/story/2019/03/19/bolsonaro-brazil-trump-visit-1227573 Acesso em: 30/08/2023.

> prosperidade e *mantermos a cultura milenar ocidental* (Bolsonaro, Eduardo. Postagem no Twitter no dia 31 de janeiro de 2023. Grifo nosso.)[173]

A organização criada por Bannon foi definida pelo próprio Eduardo Bolsonaro[174] como um "movimento conservador mundial". O *The Movement*, que tem sede em Bruxelas, reúne a simpatia de nomes da extrema-direita europeia como Matteo Salvini (Vice primeiro-ministro da Itália e líder da Liga), Viktor Orbán (primeiro-ministro da Hungria) e Marine Le Pen (candidata à presciência na França) e figuras como Trump. O Movimento, que passou a existir após o afastamento de Bannon da Casa Branca, tem como objetivo articular os políticos populistas de todo o mundo e oferecer, de acordo com Bannon, a infraestrutura para o movimento populista global[175]. No período de escrita desta tese, o *The Movement* não aparenta estar ativo, após uma intensa movimentação de Bannon entre os principais países europeus nas eleições de 2022. Bannon foi condenado, em meados de 2022, a quatro meses de prisão nos Estados Unidos por ter se recusado a cooperar com a investigação de ataque ao Capitólio em 2021. Posteriormente, Bannon também foi acusado de lavagem de dinheiro e conspiração[176] É possível que este período de inatividade esteja relacionado com a prisão recente do seu líder.

Voltando ao evento no Trump Hotel em março de 2019: o que justificava um evento pomposo com convidados ilustres que se reuniam para assistir a um documentário sobre as ideias de um pensador brasileiro de 71 anos? De acordo com Bannon, o *host* daquela noite, o "movimento conservador dos Estados Unidos havia atingido o pico de boas ideias", e era por isso que Olavo era uma figura tão importante naquele contexto[177]. Bannon enfatizou a importância de Olavo como um pensador seminal e o seu papel em renovar as estratégias dos conservadores estadunidenses. O jornalista que cobria o evento pelo Financial Times, John P. Rathbone, escreveu que se surpreendeu com o filme, pois retrata um Olavo muito mais calmo e plácido do que ele havia escutado falar. Entretanto, escreve Rathbone[178], a máscara do homem tenro do documentário caiu após a exibição do longa:

---

[173] Disponível em: https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1091114691160694785?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1091114691160694785%7Ctwgr%5Ea296ab62595486e48418fe974390bf49f9f9677a%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.metropoles.com%2Fbrasil%2Fa-historia-de-eduardo-bolsonaro-e-steve-bannon-em-tweets Acesso em: 03/09/2024.

[174] Em Tweet publicado em 03 de outubro de 2019. Fonte: https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1179808040964501504?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1179808040964501504%7Ctwgr%5Ea296ab62595486e48418fe974390bf49f9f9677a%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.metropoles.com%2Fbrasil%2Fa-historia-de-eduardo-bolsonaro-e-steve-bannon-em-tweets Acesso em 30/08/2023

[175] Fonte: https://www.nytimes.com/2019/05/24/world/europe/steve-bannon-european-elections-paris.html Acesso em: 30/08/2023.

[176] Fonte: https://www.theguardian.com/us-news/2022/sep/08/steve-bannon-border-wall-charges-surrender Acesso em 30/08/2023.

[177] Fonte: https://www.ft.com/content/bf1296f6-4bd8-11e9-8b7f-d49067e0f50d Acesso em: 30/08/2023.

[178] Em: https://www.ft.com/content/bf1296f6-4bd8-11e9-8b7f-d49067e0f50d Acesso em: 30/08/2023.

> A impressão era a de um excêntrico tranquilo e altamente culto, não o monstro irritadiço da reputação pública. Então a máscara caiu. 'A mídia é louca, todos os jornalistas são viciados em drogas', vociferou o Sr. Carvalho em seus comentários iniciais após o filme. 'Tudo é fantasia!'. (Rathbone, John. Matéria para o Financial Times, publicada em 22 de março de 2019. Tradução nossa)[179]

O jornalista, que inicia a matéria afirmando que Bolsonaro e Trump são "almas gêmeas políticas", fez uma pergunta que não agradou a Olavo, o qual eventualmente perdeu o verniz calmo e passou a xingar toda a categoria jornalística, chegando até a publicar no Twitter sobre o ocorrido com Rathbone[180].

O segundo jantar em Washington

Apesar da turbulência do início da gestão, Bolsonaro ainda comemorava a sua vitória, estabelecendo laços fortes entre o seu governo e o governo estadunidense. Em março de 2019, dois meses depois do jantar que reuniu seu filho e Olavo de Carvalho na casa de Steve Bannon, Jair Bolsonaro realizou a sua primeira visita oficial no novo cargo para os Estados Unidos. Uma das primeiras agendas da visita foi um jantar na residência oficial de Sérgio Amaral, o embaixador do Brasil em Washington. Desta vez, tratando-se de uma agenda oficial do novo presidente junto a uma comitiva de ministros, o evento teve grande repercussão na mídia local e internacional[181], que noticiou a presença de várias figuras conhecidas do conservadorismo estadunidense, como o presidente da *American Conservative Union* Matt Schlapp, do comentarista social conservador Roger Kimball e, claro, o estrategista político Steve Bannon. Da comitiva brasileira, além dos ministros e de Eduardo Bolsonaro, estava presente Filipe Martins, olavista e assessor especial da área internacional da Presidência, que se sentou ao lado de Bannon. A importância desse movimento de reaproximação institucional entre os países foi descrito da seguinte forma pela mídia tradicional estadunidense:

> Para os ideólogos americanos que impulsionam um movimento de direita e nacionalista, o Brasil é uma das peças mais importantes no tabuleiro de xadrez global. Com 212 milhões de pessoas, é a sexta nação mais populosa do mundo, a força dominante na América do Sul e lar de uma população esmagadoramente cristã que continua a se mover para a direita. O Brasil também apresenta uma rica oportunidade econômica, com recursos naturais abundantes tornados mais disponíveis devido à reversão das regulamentações pelo Sr. Bolsonaro, e um mercado cativo para as novas

[179] Disponível em: https://www.ft.com/content/bf1296f6-4bd8-11e9-8b7f-d49067e0f50d Acesso em: 03/09/2024.
[180] Ver: https://twitter.com/opropriolavo/status/1107299413762994177 Acesso em: 30/08/2023.
[181] Ver: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/17/em-primeira-agenda-nos-eua-bolsonaro-janta-com-embaixador-e-ministros.ghtml https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-janta-com-representantes-da-extrema-direita-em-washington https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/17/politica/1552860249_721017.html https://www.dailymail.co.uk/news/article-6823921/Steve-Bannon-gives-Brazils-president-Bolsonaro-advice-lunch-day-White-House-meeting.html https://www.mcclatchydc.com/news/politics-government/white-house/article228008904.html Acesso em 23/08/2023.

> redes sociais de direita administradas pelo Sr. Trump e outros. (NICAS, Jack em reportagem para o The New York Times, 2021)[182]

Neste sentido, a reaproximação entre os países era uma via de mão dupla: Bolsonaro, cada vez mais isolado internacionalmente, buscava em Trump uma espécie de fiador político, que dava lastro ao conservadorismo nacionalista defendido por ele. Em contrapartida, o Brasil figurava como celeiro dos Estados Unidos, tanto no que tange à política extrativista, quanto em relação à exportação das estratégias políticas trumpistas.

O jantar do dia 17 de março iniciou-se com um pronunciamento do presidente, que afirmou estar sentindo-se em casa nos Estados Unidos e que nutria admiração pelo povo americano, o qual chamou de "povo exemplo". Bolsonaro estava sentado ao centro da mesa, cercado por seus ideólogos: do lado direito estava Olavo de Carvalho e à direita, Steve Bannon. O presidente fez menção especial a Olavo em seu breve pronunciamento:

> Sempre sonhei em libertar o Brasil da ideologia nefasta da esquerda. Um dos grandes inspiradores meus está aqui à minha direita: o professor Olavo de Carvalho. (Ele) É inspirador de muitos jovens no Brasil. Em grande parte, devemos a ele a revolução que estamos vivendo. (Bolsonaro, Jair. Em pronunciamento no dia 17/03/2019, disponível em vídeo no canal do Youtube de Eduardo Bolsonaro)[183]

Repetindo um gesto de homenagem feito em 2014 pelo seu filho Flávio, cerca de um mês depois do evento, vale salientar, Jair Bolsonaro condecorou Olavo de Carvalho com a Grã-Cruz, o mais alto grau da Ordem de Rio Branco, utilizada para "distinguir serviços meritórios e virtudes cívicas, estimular a prática de ações e feitos dignos de honrosa menção". Na ocasião, Bolsonaro também distribuiu a condecoração ao seu ministério: Sérgio Moro (Ministro da Justiça e Segurança Pública), Abraham Weintraub (Ministro da Educação), Paulo Guedes (Ministro da Economia), Tarcísio de Freitas(Ministro da Infraestrutura), Luiz Henrique Mandetta (Ministro da Saúde), Ricardo Salles (Ministro do Meio Ambiente), Marcelo Teixeira Dias (Ministro do Turismo), Damares Alves (Ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos), Gustavo Canuto (Ministro do Desenvolvimento Regional) e Tereza Cristina Dias (Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Além dos supracitados, vários simpatizantes do governo Bolsonaro também receberam homenagens diplomáticas.

Teitelbaum não esteve presente neste segundo jantar, e afirma no seu livro que acompanhou o evento através do *fuss* que havia sido a sua cobertura na mídia estadunidense. Ele avalia que a decisão de Bolsonaro ao convidar Bannon para um jantar oficial foi provocativa, tendo em vista que ele não tinha mais nenhum cargo oficial no governo: "A lista de convidados da embaixada testemunhou, portanto, o status elevado de que Steve desfrutava

[182] Disponível em: https://www.nytimes.com/2021/11/11/world/americas/bolsonaro-trump-brazil-election.html Acesso em: 03/09/2024.
[183] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=Q0GtNa-VHqM Acesso em: 03/09/2024.

aos olhos do governo brasileiro, mas também a confiança de Bolsonaro em seu relacionamento com Trump" (Teitelbaum, 2020, p. 148).

Uma das falas mais emblemáticas da noite foi proferida pelo Ministro da Economia Paulo Guedes, que representava, no governo Bolsonaro, o grupo que defendia uma agenda amplamente fundamentada no liberalismo econômico. Ao comentar uma crítica que Olavo havia feito recentemente à ala militar do governo, Guedes falou para Olavo: "Você é o líder da revolução"[184], em referência ao trabalho de Olavo na divulgação de ideias liberais para a população brasileira, relacionando-o com a noção de "revolução liberal" liderada por Bolsonaro.

Além de estreitar as relações institucionais e discutir acordos comerciais, o evento tinha uma agenda paralela identificada por Teitelbaum, que dizia respeito ao vínculo entre os ideólogos conservadores Olavo e Bannon. Segundo Teitelbaum:

> O encontro marcava, assim, o avanço de um plano da facção nacionalista de seu governo – a ala dirigida por Olavo, o Tradicionalista complicado que ansiava por ver o Brasil se livrando da geopolítica mercantilista que o ligava à China e priorizando as raízes espirituais que o tornavam parte do Ocidente judaico-cristão. Era parte da visão de futuro inspirada pelo Tradicionalismo que unia Olavo e Bannon, agora em ação. (Teitelbaum, 2020, p. 148/149)

O próprio discurso de Bolsonaro, embora breve, trouxe claras menções a concepções tradicionalistas. A própria noção de "destruição criativa" criada por Schumpeter e articulada entre os tradicionalistas é um exemplo disso. Bannon, por exemplo, enfatiza na sua prática a função política da destruição, acreditando que há ciclos onde ela é necessária: "É por esse tipo de coisa que você tem que passar, você tem que destruir para reconstruir" (Bannon Apud Teitelbaum, 2020, p. 101). As instituições também deveriam passar por uma revitalização após serem, como sugeriu, "explodidas". Teitelbaum traz essa reflexão em seu livro como parte do conteúdo de suas trocas com Bannon, embora não tenha estado presente no jantar em março para traçar o paralelo entre a fala do presidente e tais concepções tradicionalistas. Bolsonaro colocou seu pensamento em termos similares aos de Bannon no seu pronunciamento: "O Brasil não é um terreno aberto onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo, nós temos que *desconstruir* muita coisa, *desfazer* muita coisa, para depois começarmos a fazer (...) Eu quero o Brasil grande como o Trump quer os Estados Unidos grande." (Bolsonaro, Jair. Em pronunciamento no dia 17/03/2019, disponível em vídeo no canal do Youtube de Eduardo Bolsonaro, grifo nosso)[185].

[184] Fontes: https://oglobo.globo.com/mundo/voce-o-lider-da-revolucao-diz-paulo-guedes-olavo-de-carvalho-23530572 e https://www.infomoney.com.br/politica/voce-e-o-lider-da-revolucao-liberal-no-brasil-diz-paulo-guedes-a-olavo-de-carvalho-em-jantar/ Acesso em 23/08/2023.
[185] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q0GtNa-VHqM Acesso em 03/09/2024.

Dentre as conclusões que Teitelbaum concebe em seu livro, há uma hipótese que costura a fala do líder do executivo no brasil, a doutrina tradicionalista e os respectivos ideólogos abordados por ele:

> O Tradicionalismo, talvez ironicamente, está dando a Bannon, Olavo e Dugin um espaço ideológico e uma sanção divina para imaginarem sistemas políticos totalmente novos. (...) Suas teorias de inversão oferecem justificativas teológicas e escatológicas para a rejeição a instituições que forneçam conhecimento sobre o mundo em que vivemos, ou seja, as universidades e a mídia. (Teitelbaum, 2020, p. 231/232)

Neste sentido, os termos colocados por Bolsonaro em sua primeira visita oficial aos Estados Unidos, assim como a lista de convidados do evento e o posicionamento que as autoridades se acomodaram durante o jantar, comunicam bastante sobre a agenda política do seu governo, bem como permite correlações com doutrinas de pensamento filosófico. Teitelbaum comentou em entrevista para o El País[186], a partir de uma análise mais próxima da figura de Olavo de Carvalho, um dos pontos nodais que o relaciona ao Tradicionalismo: a destruição como agenda

> No caso de Olavo de Carvalho, por exemplo, ele não expressa apenas um ódio às elites, desprezo à ciência, à mídia, às universidades. Existe também a visão, um certo mandato espiritual, com o desejo de destruir grandes organizações, como a União Europeia, as Nações Unidas. A seus olhos, a destruição é uma coisa boa. Isso é assustador e preocupante. Os tradicionalistas acham que essas grandes organizações querem unificar e homogeneizar o mundo com o comunismo, ou com dominação chinesa. Então Olavo quer ver o establishment no Brasil ser quebrado em peças e fraturado: sejam os militares, a universidade, a mídia. Destruição é a agenda. (Teitelbaum, em entrevista para Letícia Duarte do El País, publicada em dezembro de 2020b)[187]

Nesta tese, sustentarmos que a definição de doutrina política que melhor caracteriza o movimento que abarca figuras políticas como Trump, Bolsonaro e seus respectivos ideólogos é o conservadorismo. Porém, é inegável que há no Tradicionalismo apresentado por Teitelbaum inúmeras nuances que condizem com a doutrina conservadora. Do seu histórico como líder de Tariqa muçulmana sufista, o desprezo às elites, passando pela crítica ao domínio chinês e ao establishment, Olavo de Carvalho atende a quase todos os requisitos do Tradicionalismo enquanto escola espiritual filosófica apresentada por Teitelbaum. O autor sugere, portanto, observar a aliança formada entre os líderes intelectuais da extrema-direita através das lentes do Tradicionalismo, ainda que afirme que, dentre as figuras pesquisadas em seu livro, o Olavo que ele conheceu era o que menos se encaixava na noção ortodoxa da Tradicionalismo.

Colocando de lado as diferentes conceituações teóricas acerca do mesmo fenômeno que, qualquer leitor há de convir, é extremamente complexo, esta tese convida a apreender o que há de comum entre as doutrinas para analisá-lo em sua totalidade. Entendemos que as

[186] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html Acesso em 23/08/2023.
[187] Disponível em: . Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html Acesso em 03/09/2024.

muitas interpretações aqui articuladas enriquecem a análise e ajudam na difícil tarefa de desenhar um diagnóstico do tempo presente. É importante pontuar, também, que ao abordar a formação do que ficou conhecido como Bolsolavismo, muitos fatos mais recentes acabam ficando de fora, como por exemplo o fracasso dos olavistas indicados ao longo do governo.

3.3.2 Olavo de Carvalho: o segundo governo

No contexto de especulações acerca do recém-eleito governo Bolsonaro, Olavo desenhou, através de uma entrevista à revista Veja[188], o que imaginava que seria o seu lugar na nova administração do País através de uma frase emblemática: "Eu sou o segundo governo". A referência à noção de "segundo governo" remete a Alexander Soljenítsin, autor de um livro sobre campos de concentração comunistas na Rússia, e demonstra a existência de uma governança paralela à institucional comandada por Bolsonaro. Mais uma vez Olavo se coloca como parte de um todo que excede os limites do governo eleito:

> Essa influência que eu exerci está explicada em uma frase do Soljenítsin: 'O grande escritor é como se fosse um segundo governo'. Entende por que eu não quero nenhum cargo público? Porque *eu já sou esse segundo governo*. A influência intelectual é uma coisa, assim, que *transcende e engloba a política*. E eu já estou neste posto e estou muito contente com ele. Era o que eu queria ser quando crescesse. Já cresci e já sou. (Carvalho, Olavo de. Entrevista concedida à Revista Veja, novembro de 2018)[189]

Nos termos colocados por Olavo, a importância da figura do influenciador intelectual transcende o contexto político, portanto, seu lugar como ideólogo e conselheiro do governo brasileiro lhe garantiria a liberdade de agir conforme suas vontades (sem ter, necessariamente, que seguir os ritos políticos) e ainda gozar do prestígio necessário para indicar pessoas a altos cargos públicos. Foi exatamente isso que Olavo fez: já nos primeiros meses do governo Bolsonaro, Olavo, que havia apoiado abertamente e oferecido o lastro ideológico para a campanha do presidenciável, se utilizou do seu lugar de autonomia institucional para tecer críticas ao governo. O "segundo governo", portanto, era alinhado com o primeiro, porém não garantia consenso absoluto com o governo institucional.

No contexto em que Olavo recusou o convite para ser Ministro, a articulação feita entre as indicações de Olavo e a família Bolsonaro esteve a cargo do seu aluno e seguidor Filipe Martins, que por passar a compor o novo governo fez o meio de campo entre o guru e os seus admiradores. Martins também teve o papel fundamental de fazer a ponte entre a família

[188] Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/ Acesso em: 22/08/2023.
[189] Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/ Acesso em 03/09/2024.

Bolsonaro e seu ídolo Steve Bannon, além de levar alguns membros do PSL, o então partido de Bolsonaro, até os Estados Unidos para cursos de formação com Olavo[190].

Indicado para o estratégico cargo de Ministro da Educação, o colombiano Ricardo Vélez Rodríguez é acadêmico e professor emérito da escola de elite do Exército brasileiro. É também um crítico ferrenho da "ideologia marxista" e do Partido dos Trabalhadores[191]. O seu papel no governo seria estratégico por ocupar um cargo decisório sobre algumas pautas caras ao bolsonarismo, como o movimento Escola Sem Partido. Além disso, Vélez tinha opiniões controversas acerca da Ditadura Militar, sobre os direitos humanos e o que chama de "esquerdismo na educação", demonstrando alinhamento com os valores olavistas.

O outro indicado direto ao ministério, Ernesto Araújo, tornou-se um dos chanceleres mais jovens da história do país e, apesar de não ser tão próximo a Olavo, fazia coro à guerra contra o "marxismo cultural" e ao "globalismo", incitadas pelo professor. O chanceler era entusiasta de René Guénon, um dos pais fundadores do Tradicionalismo. Nos seus textos, inclusive os que foram supracitados por Teitelbaum, Araújo se colocava contra de forma enfática ao globalismo e defendia o resgate aos valores fundamentais do Ocidente através da revalorização da pátria, de Deus e da família, demonstrando uma visão de mundo muito próxima da do guru. Teitelbaum, inclusive, faz alusão a essas conexões entre os expoentes do Tradicionalismo. Referindo-se ao que observou de perto em meados da primavera de 2019, afirma: "Bannon patrocinava eventos em homenagem a Olavo e era convidado para solenidades oficiais do governo brasileiro, especialmente aquelas associadas ao ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, ex-aluno de Olavo e ele também um Tradicionalista." (Teitelbaum, 2020, p. 181).

Além dos dois ministros e de Filipe Martins, outros olavistas ocuparam cargos no governo, como Carlos Nadalim[192], que de coordenador pedagógico de uma escola infantil em Londrina (PR) passou a ser secretário de Alfabetização do Ministério da Educação. O ex-membro do Movimento Brasil Livre (MBL), integrante do movimento Escola Sem Partido e aluno de Olavo, Murilo Resende Ferreira, foi alçado para a direção de Avaliação da Educação Básica do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O também crítico da "doutrinação ideológica" da esquerda nas escolas Adolfo Sachsida, que foi

[190] Ver: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/servidores-do-mec-viajam-para-curso-de-olavo-de-carvalho-nos-eua.shtml Acesso em: 22/08/2023.
[191] Vélez é autor do livro "A Grande Mentira: Lula e o Patrimonialismo Petista" publicado em 2015 pela editora de livros conservadores Vide Editorial.
[192] Nadalim, vale salientar, foi sócio de de Arno Alcântara no CNPJ vinculado ao site do Brasil Sem Medo, e deixou a sociedade meses antes de ingressar no MEC. Fonte: https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/06/19/mec-ministerio-olavo-carvalho.htm Acesso em 23/08/2023.

aluno de Olavo por 14 anos, assumiu o cargo de secretário de Política Econômica do Ministério da Economia. O "segundo governo", desta forma, se fazia presente no primeiro através de figuras-chaves que, estrategicamente, articulavam interesses comuns entre ambos.

Os primeiros cem dias da nova gestão foram bastante conturbados e o MEC foi um dos palcos principais desta turbulência. Já em abril de 2019, após a demissão de mais de dez diretores e de colocar em marcha uma proposta de espionagem das escolas públicas, Vélez foi destituído e substituído por um outro olavista, Abraham Weintraub. A destituição de Vélez foi, vale salientar, incentivada publicamente[193] pelo próprio Olavo, que garantiu que o ex-ministro se envolveu em intrigas internas mais do que trabalhou[194]. Demonstrando muita segurança do seu papel fundamental para o governo Bolsonaro, Olavo passou rapidamente a endossar o nome de Weintraub para assumir a pasta de Vélez. Em um *tweet* publicado no dia 10 de abril de 2019[195], Olavo comentou: "O ministro Weintraub não me deve nada e não tem nenhum compromisso comigo. Ele apenas conhece as minhas ideias, melhor do que as conhecia o seu antecessor". Em entrevista para Pedro Bial dias após a destituição, Olavo faz uma provocação com ares de tranquilidade: "Para os meus inimigos, o que eles conseguiram fazer foi trocar um pseudo-olavete por um verdadeiro olavete (...) O Vélez nunca estudou as minhas obras: ao contrário, eu é que estudei as obras dele… O Weintraub estudou, ele domina o assunto. O Vélez não." (Carvalho, Olavo de. Entrevista concedida a Pedro Bial em abril de 2019)[196]. Numa simples manobra de associação, Olavo reafirma a sua relevância apesar dos percalços do seu primeiro indicado. Ao fim da entrevista, ele coloca em tom espirituoso: "Eu sou o maior escritor brasileiro vivo no momento. A minha obra foi feita para durar séculos, e não para influenciar os próximos dois ou três anos de governo". O "segundo governo", por fim, no altoda sua autonomia em relação ao governo institucional, gozava da segurança de estar em um patamar superior ao primeiro, reforçada pelo fato de que este acatava religiosamente as suas recomendações.

[193] Ver: https://www.terra.com.br/noticias/apos-sinalizacao-de-demissao-velez-e-criticado-por-olavo-de-carvalho,76292bef2b1ae3c07b2662e0aff3f9a3ne3ri966.html Acesso em 22/08/2023.
[194] Em entrevista para Pedro Bial em 10 de abril de 2019, disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7531368/ Acesso em 20/08/2023
[195] Disponível em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1116036176287342592?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1116036176287342592%7Ctwgr%5Eea53369d9f381a3b50faa543efbc5ff5316f2b9c%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fexame.com%2Fbrasil%2Fweintraub-conhece-minhas-ideias-melhor-do-que-velez-diz-olavo-de-carvalho%2F Acesso em 22/08/2023.
[196] Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7531368/ Acesso em 03/09/2024.

CAPÍTULO 4
Mercado de opiniões e a hierarquia de bens simbólicos: outras formas de ler Olavo

Após apresentar, no capítulo anterior, uma síntese dos fatos que relacionam a figura de Olavo de Carvalho à política institucional brasileira, localizando a sua relevância -explícita ou não- nos regimes de tomada de decisão, propomos neste capítulo aprofundar a reflexão sobre sua relevância na esfera cultural, introduzindo a análise à luz da sociologia bourdieusiana. Neste sentido, partimos de uma sociologia relacional com o objetivo de lançar bases para uma reflexão que, apesar de ter a figura de Olavo de Carvalho como central, se propõe a elaborar um esboço interpretativo amplo, que extrapola esse sujeito específico e abrange, contingentemente, outros indivíduos. A reflexão aqui proposta parte da convicção de que, conforme destacado por Giraldi Jr: "Isolar a linguagem de suas condições sociais de produção é ignorar que a resposta para a eficácia simbólica da comunicação não está na linguagem em si mesma, mas no mundo social que a produziu." (Giraldi JR, 2017, n.p.). Isso posto, este tópico se prestará a estabelecer relações que buscam explicar a intersecção da figura do produtor de discursos, aqui representado por Olavo de Carvalho, porém não restringindo-se a ele, com o mundo social, buscando apreender as circunstâncias que o levaram a um lugar de relevância na esfera cultural. Apesar de partirmos da perspectiva bourdieusiana, agregaremos adiante outros teóricos à análise na medida em que a necessidade de contextualizar a análise na conjuntura contemporânea se impõe.

Uma outra premissa bourdieusiana que é central à totalidade dessa reflexão é a ideia de que a cultura é constituída também através dos aparelhos de construção simbólica como, por exemplo, aquilo que entendemos como mídia -ou o coletivo dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, a mídia distingue-se como palco de disputas pelo poder simbólico, através da articulação de construções simbólico-discursivas. De acordo com Bourdieu, o que está genuinamente em pauta e relacionada à correlação entre cultura e política é a "luta inseparavelmente teórica e prática pelo poder de conservar ou transformar o mundo social, conservando ou transformando as categorias de percepção deste mundo" (Bourdieu, 1990, p. 212, grifo nosso). Nesta perspectiva de considerar as categorias de percepção do mundo social como diretamente relacionadas ao poder simbólico, Bourdieu conclui que:

> O que conta, na realidade, é a construção do objeto, a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto. (Bourdieu, 1989a, p. 20)

Isso posto, a análise dos modos de produção das opiniões ou, como dito acima, a construção de objetos socialmente importantes, é definida por Bourdieu como um dos mais fundamentais problemas políticos (Bourdieu, 1979a, p. 490). A identificação de questões que atravessam a produção de opiniões aprofunda consideravelmente a compreensão acerca da temática que, conforme aponta Gaxie (2013, p.293 e 294), é o que evidencia a originalidade de Bourdieu, que põe em xeque postulados normativos que são fundamentais à "representação oficial das democracias representativas" (Idem, p. 294).

Considerando todos os pontos discutidos, um questionamento parece incontornável: diante do volume absurdo de conteúdos produzidos para a internet nas últimas décadas e, em especial, nos últimos anos, o que justifica a relevância do conteúdo produzido e disseminado por Olavo de Carvalho? Em outras palavras, quais as circunstâncias que viabilizaram suas ideias chegarem a um contingente tão grande de pessoas e, ainda, se tornassem fundamentais para o suporte ideológico da instância máxima da governança de um país? Para refletir sobre isso, tomaremos como referência a ideia construída por Pierre Bourdieu no importante capítulo "Cultura e Política" da sua obra "A Distinção: Crítica social do Julgamento" (2015) sobre os indivíduos que concentram "a capacidade de produção do discurso sobre o mundo social e, por conseguinte, a capacidade de ação *consciente* sobre esse mundo" (Bourdieu, 2015, p. 371. Grifo do autor). O objetivo é formular um argumento que busque abordar esta questão à luz da sociologia bourdieusiana, entendendo que a partir dela podemos refletir sobre uma sociologia da produção de conhecimentos e de práticas sociais a partir da esfera da cultura.

É importante ressaltar, de pronto, que no início deste capítulo Bourdieu propõe uma analogia provocativa entre os campos da arte e da política como instrumentos de produção cultural. De acordo com o autor, as semelhanças começam pelo fato de ambos os campos não são verdadeiramente acessíveis ao público geral; em outras palavras, a capacidade de produção de um discurso político legítimo, bem como a de criação de obras que serão reconhecidas como "artísticas", não está nas mãos de qualquer indivíduo (Laurisson, 2013). A legitimidade do que é produzido nestes campos, portanto, é intrinsecamente estruturada a partir da posição social ocupada pelos indivíduos que a produzem. A partir desta conclusão, Bourdieu se engaja na sua conhecida crítica à noção de "opinião pública"[197], porém a reflexão incitada por ele é também interessante para produzir algumas inferências interessantes acerca do objeto desta tese.

[197] Explorada com detalhes no texto "L'opinion publique n'existe pas", escrito por Pierre Bourdieu e publicado em 1973, na revista Les temps modernes, nº318.

De início, é importante partir de uma máxima defendida por Bourdieu que também é válida para analisar o contexto contemporâneo, diante da disposição descomunal de conteúdos na internet: a produção de conteúdo é diferente da produção de *valor* do conteúdo. Um atalho para responder à questão colocada neste tópico é que Olavo de Carvalho trabalhou bem a produção de valor do conteúdo que produziu, o que resultou na eficácia simbólica do seu discurso ideológico. Neste sentido, torna-se necessário apreender como o discurso produzido por Olavo sobre o mundo social se converteu numa ação consciente sobre esse mundo, ou ainda, como foi construído o valor deste discurso na hierarquia de bens simbólicos.

Pierre Bourdieu fez avanços importantes na análise dos modos de produção da opinião no capítulo supracitado de "A Distinção", onde ele aprofunda a noção de *mercado dos discursos*. Porém, as bases para esta análise já haviam sido lançadas em obras anteriores nas quais abordaram a centralidade da esfera cultural para a circulação de poder simbólico que, como qualquer leitor acidental de Bourdieu sabe, tem consequências muito concretas. Ainda que, no famoso capítulo 8 da Distinção, Bourdieu se volte para a produção cultural como um todo, o paralelo com a produção de discurso e sua circulação através dos meios de comunicação é traçado através dos dados utilizados para a sua análise de correspondências múltiplas, abordando os vários jornais e semanários franceses da época. É importante ressaltar que, apesar de ser muito útil para pensar o mercado de opiniões contemporâneo no Brasil, o arcabouço analítico de Bourdieu n'A Distinção estava circunscrito ao contexto francês dos anos 1970, fazendo com que não haja uma correspondência entre os contextos analisados. Ainda assim, os apontamentos de Bourdieu são valiosos para refletir sobre a produção de bens culturais que concerne desde a arte até os discursos, especialmente no tangente à autoridade legítima sobre a produção e, sobretudo, a centralidade da mídia para a difusão em massa de um sistema de referências e padrões.

Referente ao mercado dos discursos, Bourdieu sinaliza que a legitimidade de um discurso político depende de fatores que vão além do seu próprio conteúdo, o que pode ser contraintuitivo em uma primeira análise. Porém, considerando os termos da teoria dos campos bourdieusiana, assim como o campo midiático, o campo político é definido enquanto um espaço de constante disputa por poder simbólico. Neste contexto, Bourdieu explica que o verniz de relevância e legitimidade de um discurso político está intrinsecamente relacionado com o poder simbólico de quem o profere, assim como a sua capacidade de mobilizar adeptos (Silva,2005). O poder simbólico seria entendido, especialmente no mercado dos discursos, como:

> (...) um poder de *construção da realidad*e que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (...) poder quase mágico que permite obter o equivalente que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito

> específico de *mobilização*, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (...) O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a c*rença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia*, crença cuja produção não é da competência das palavras. (Bourdieu, 1989, p. 14- 15. Grifos nossos).

Isso posto, as disputas internas ao campo têm como finalidade a manutenção ou a conquista do poder simbólico, ou, nas palavras de Bourdieu, o poder de "fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo" (Idem, p.14). Nas palavras de Giraldi Jr:

> As lutas simbólicas são as marcas das lutas pela manutenção ou reposicionamento das posições do discurso nas mais diversas esferas do mundo social. No interior delas, certos enunciados disputam a condição de discursos legítimos, isto é, passam a ser avaliados, reconhecidos e passam a circular e a ter 'efeitos' sociais. (Giraldi jr, 2017, n.p.)

Parte desses efeitos, conforme colocado anteriormente, podem incluir mudanças efetivas no tecido social, que se restringem ao âmbito simbólico ou não. A disputa interna do mercado dos discursos portanto gira em torno da representação do "monopólio da expressão legítima da verdade do mundo" o que, no que diz respeito ao campo político, tem o poder de conservar, transformar ou subverter os sistemas de classificação.

Há, entretanto, uma questão fundamental a ser considerada, que é o hiato existente entre o *poder falar* (ou poder produzir um discurso) e o *ser ouvido* (ou ter legitimidade). Como apontado no início deste tópico, a capacidade de produção dos discursos não está disponível a qualquer indivíduo, tampouco a produção do conteúdo do discurso presume necessariamente o seu *valor* na esfera pública. Em outras palavras, há mecanismos complexos (muitos dos quais são características do campo, por excelência) mediadores do mercado dos discursos, fazendo com que o indivíduo investidor deste esforço esteja sujeito a disputas, concorrências, relações de forças, monopólios e processos ritualizados de investimento a fim de conquistar uma autoridade legítima sobre a produção do discurso político, conforme coloca Giraldi Jr (2017).

No artigo *"La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques"* publicado por Bourdieu na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* em fevereiro de 1977, o autor trata destas questões analisando o campo da produção de arte enquanto esfera de produção de bens simbólicos. Neste artigo, Bourdieu pavimenta uma interpretação robusta sobre o mercado de produção de bens simbólicos -dentre os quais se encontra o mercado de discursos políticos-, levantando alguns pontos que serão essenciais para a reflexão aqui proposta, alguns dos quais são resumidos no seguinte trecho do supracitado capítulo 8 d´A Distinção:

> (...) por um lado, o campo de produção ideológica, universo relativamente autônomo, em que se elaboram, na concorrência e no conflito, os instrumentos de pensamento

> do mundo social objetivamente disponíveis em determinados momentos e em que, ao mesmo tempo, se define *o campo do pensável politicamente* ou, se quisermos a *problemática legítima*; por outro, agentes sociais que ocupam posições diferentes no campo das relações de classe e definidos por uma *competência específica* em maior ou menor grau, ou seja, por uma capacidade maior ou menor para reconhecer a questão política como política e tratá-la como tal, fornecendo-lhe uma resposta do ponto de vista político, ou seja, a partir de princípios propriamente políticos (...), capacidade que é inseparável de um sentimento mais ou menos vivo de ser *competente* no sentido pleno da palavra, ou seja, socialmente reconhecido como habilitado a ocupar-se das questões políticas, dar uma opinião a propósito dessas questões ou, até mesmo, modificar seu curso. (Bourdieu, 2007, p. 372-373. Grifos do autor)

É importante lembrar sempre que, para Bourdieu, a noção de "competência" carrega um duplo sentido, pois além do senso comum, para o autor a capacidade (ou a "competência") é proporcional às oportunidades de exercer essa capacidade. Está, consequentemente, ligada à noção de reconhecimento e consagração por parte de terceiros. Porém, muito antes da consagração do seu discurso, Bourdieu identifica nos produtores de bens simbólicos uma característica comum interessante: a propensão para tomar a palavra. Neste sentido, apreender a competência de um autor como Olavo de Carvalho para ocupar-se das questões políticas e, consequentemente, o seu *valor* na hierarquia dos bens simbólicos do mercado dos discursos, é preciso entender primeiro como ele foi reconhecido enquanto habilitado ou competente para ocupar-se das questões políticas.

4.1 A propensão para tomar a fala e a escolha dos porta-vozes

Ao começar essa reflexão, é importante entender que Bourdieu assume, de antemão, uma distinção fundamental no que diz respeito à competência em tratar questões políticas: a *competência técnica* -aqui caracterizada pela posse da linguagem, da prática e dos conhecimentos necessários para produzir julgamentos propriamente políticos- e sua representação complementar, que é fundamentada no sentimento de *incapacidade* de discorrer sobre tais questões - levando, ulteriormente, estes indivíduos sem competência, a recorrerem à opinião produzida pelo que eles entendem como *experts*. Estes *experts* seriam, portanto, tanto indivíduos possuidores, de fato, da competência técnica para produzir tais opiniões, quanto indivíduos que *desempenham competência*, que seriam o que Bourdieu entende como constatação da aparência. Neste sentido, entende-se que existam indivíduos dotados de um direito estatutário sobre a competência política -este estando intimamente relacionado, de acordo com Bourdieu, às suas disposições, "que são a forma incorporada das oportunidades associadas a determinada posição na divisão do trabalho" (Idem, p. 382)- e indivíduos que são simplesmente dotados do direito de exercê-la, não presumindo, necessariamente, competência técnica. Em suma, segundo Bourdieu: "A competência técnica é para a competência social o

que a capacidade de falar é para o direito à palavra, ou seja, uma condição de exercício e, ao mesmo tempo, um efeito" (Bourdieu, 2007, p. 383)[198]. Acerca dos que exercem a competência a partir da constatação da aparência, Bourdieu ainda afirma: "(...) constatação da aparência teria o efeito de impedir a busca dos fundamentos objetivos de tais representações e, mais precisamente (...) a procura da verdade das representações" (Idem, p. 382).

Trocando em miúdos, Bourdieu afirma que os indivíduos propensos a produzir discursos políticos se dividem entre os detentores da competência técnica necessária para fazê-lo e os que performam tais competências por se sentirem no direito à palavra; de maneira indistinta, os indivíduos que não se sentem imbuídos dessa competência recorrem a *experts*, podendo fazer parte tanto dos competentes técnicos quanto dos que performam competência. Sobre estes últimos, ainda, o autor afirma que o efeito da aparência (que aqui estamos chamando de performance) blinda estes indivíduos de questionamentos por parte dos incompetentes/incapazes de produzir discursos, os quais relegam a sua produção de categorias sociais, suas opiniões políticas e visão e divisão de mundo aos *experts*, atuando enquanto porta-vozes. É, portanto, desta forma, que estes indivíduos são legitimados, autorizados e habilitados a produzir discursos, gozando de uma autoridade retroalimentada.

Vale salientar que, no contexto sobre o qual Bourdieu se debruça (partindo, obviamente, das suas formulações acerca do tecido social), há uma correlação entre a competência (seja ela técnica ou performática) ou a responsabilidade de opinar sobre assuntos políticos e a posse do capital escolar, como se os indivíduos tivessem "um diploma legítimo para exercer a autoridade" (Idem, p. 387). Os dados analisados por Bourdieu e sua equipe apontam para tal correlação, onde os indivíduos que delegam a terceiros a responsabilidade de produzir opiniões são os que objetivamente são desprovidos dos meios reais de exercê-la. Partindo desta lógica, Bourdieu analisa os dados acerca dos indivíduos que apresentam propensão para tomar a palavra ou exprimir uma opinião política, o que, segundo ele, "(...) é estritamente proporcional ao sentimento de ter o direito à palavra" (Idem, p. 384). Neste sentido, Bourdieu aponta que a probabilidade de alguém expressar voluntariamente uma opinião é maior em relação a homens do que a mulheres, assim como é maior em relação a parisienses do que às pessoas que moram no interior da França e, ainda, demonstra que a parcela de respondentes aumenta na medida em

[198] É fundamental enfatizar que a análise feita por Bourdieu sobre a produção do discurso político sobre o mundo social, apesar de trabalhar indicadores muito abrangentes e da sua teoria poder ser aplicada em outros campos de produção simbólica, trata do caso das pesquisas de opinião. Neste sentido, Bourdieu relaciona a propensão à competência sobre os discursos políticos a fatores sociais estruturantes como gênero e classe. É inegável que tais fatores sejam ainda estruturantes na sociedade atual (assim como a questão da raça e demais atravessamentos), porém, apesar de considerá-los enquanto cerne das disposições sociais, não iremos tratar especificamente destes, pois estamos nos propondo a utilizar a conceituação de Bourdieu em uma outra camada de análise.

que subimos na hierarquia social; tudo isso respaldado pelos dados dos seus estudos empíricos sobre pesquisas de opinião. Isso posto, é importante salientar que, para fins do argumento defendido nesta tese, não estamos considerando as *conclusões* ou os resultados obtidos na pesquisa de campo analisada n'A Distinção, pois entendemos que estas se relacionam intimamente com os dados obtidos e analisados no livro, os quais estão circunscritos ao contexto francês da década de 1970. Estamos, entretanto, nos atendo à teorização proposta pelo autor a respeito dos processos de eficácia simbólica do mercado dos discursos para analisar o objeto desta tese, a fim de suscitar questões importantes para apreender o lugar de Olavo de Carvalho como produtor de um discurso político-ideológico relevante no debate público.

Sendo assim, os indivíduos que gozam de um sentimento de incompetência ou incapacidade para tratar das questões políticas elegem certos porta-vozes que produzem as opiniões que serão compartilhadas e difundidas por eles. Para que isso aconteça de forma prática, é necessário que os incapazes reconheçam, na opinião produzida, a "marca" ou o "rótulo" a partir da qual reconhecem os seus porta-vozes:

> (...) por ser incapaz de participar ativamente no jogo propriamente político que é, de fato, reservado aos *profissionais em tempo integral* (políticos, militantes a serviço dos aparelhos de partidos, jornalistas da área política, ideólogos profissionais), os *profanos* só teriam possibilidade de reconhecer, no universo das opiniões pré-fabricadas, as que lhes convêm, lhes 'ficam bem', se os produtos oferecidos trouxesse sempre a *marca de fábrica*, o rótulo que é uma referência e, ao mesmo tempo, uma garantia. (Idem, p. 404. Grifos do autor)

São também estes porta-vozes que, ao servir-se do monopólio da palavra, designam a agenda dos incompetentes estatutários. Dito de outra forma, estas figuras *definem* quais questões são relevantes no debate público, o que exemplifica o seu potencial de influência para este grupo que os relega à responsabilidade pela produção da opinião. É interessante observar que Bourdieu cita, dentre os profissionais que em geral são habilitados e reconhecidos por tratar das questões políticas, o que ele chama de "ideólogos profissionais", noção que remete à figura de Carvalho, conforme é abordado e aprofundado na tese de Allana Meirelles (2021). Outro ponto interessante é que Bourdieu não presume que haja necessariamente uma objetividade na produção das opiniões nem, consequentemente, na definição das agendas, ou sequer um compromisso com a verdade. Assim sendo, a opinião produzida pode ser entendida como uma *ideia-força*, conforme explica o autor:

> A opinião política não é um julgamento puro, nem puramente informativo, capaz de se impor pela força intrínseca de sua verdade, mas uma ideia-força, contendo uma pretensão tanto maior a se realizar pela passagem ao ato, quanto mais numeroso e potente é o grupo que ela mobiliza por sua eficácia propriamente simbólica(...). (Idem, p.387)

Diante do exposto acima, cabe questionar o que Bourdieu identificou que os incompetentes estatutários consideram com a finalidade de eleger os seus porta-vozes. Esta questão é bastante complexa e remete à noção de oferta e demanda de opiniões do próprio Bourdieu, a qual será melhor tratada no capítulo 5 de forma articulada à noção de mercado de racionalizações. Entretanto, Bourdieu ressalta uma característica comum que é considerada por aqueles que relegam suas opiniões: a credibilidade, que pode ser relacionada tanto ao *programa* quanto à sua *personalidade* do seu porta-voz escolhido. O *programa* diz respeito ao "catálogo de julgamentos já formulados e de medidas a tomar já anunciadas e tornadas públicas" (Idem, p. 399), ou seja, as ideias, projetos, planos, visões de mundo, entre outros, tornadas públicas pelo porta-voz. A *personalidade* se refere ao habitus do seu programa incorporado, que serve como "princípio gerador de um conjunto de julgamentos e ações que não são formuladas, explicitamente (…) devem ser *pressentidos* através dos indícios sutis das disposições que não se revelam a não ser através da *héxis* corporal[199], da dicção, da atitude e das maneiras." (Idem, grifos do autor). Este aspecto trazido por Bourdieu é bastante interessante, pois ele trabalha com a possibilidade de que a adesão a algum porta-voz por parte dos incompetentes possa acontecer levando em consideração outros motivos além do seu próprio argumento, sendo motivada por razões que extrapolam a racionalidade, como por exemplo uma identificação com as atitudes e disposições corporais do porta-voz.

Esse *insight* é valioso para pensar a importância dos maneirismos e atitudes de um porta-voz através da forma como ele se expõe nas redes sociais, por exemplo. Esta nova conjuntura, embora evidentemente não tenha sido considerada por Bourdieu, reforça seu argumento, pois as redes sociais podem ser lidas como grandes vitrines da *héxis* corporal dos mais distintos porta-vozes, que exibem além do seu *programa* (no sentido acima proposto), suas disposições corporais -compreendidas enquanto *signum* social. No que tange o objeto da reflexão aqui proposta, pode-se dizer que há indivíduos que são atraídos por porta-vozes como Olavo de Carvalho pelas suas opiniões e seu "catálogo de julgamentos", entretanto sua relevância também se dá pelo fato de haver indivíduos que o elegem enquanto porta-voz por se identificarem com a sua *personalidade* (entendida como essa articulação complexa do *habitus* incorporado). Neste sentido, como coloca Bourdieu, é fundamental considerar que "Toda 'escolha' política leva em consideração, inseparavelmente, a personalidade do fiador e o que ele garante" (Idem).

[199] Como "héxis corporal" Bourdieu entende o conjunto de disposições corporais resultantes do *habitus* incorporado.

Considerar, portanto, o caminho percorrido para que o porta-voz esteja habilitado e seja reconhecido como tal, é observar o processo complexo e sutil através do qual um indivíduo passa a deter e exercer poder simbólico. Giraldi Jr. sumariza este processo em poucas palavras:

> O poder simbólico só se exerce sobre aqueles que, em sua trajetória social e em seu processo de socialização, desenvolveram os esquemas de percepção capazes de reconhecer a sua autoridade. A condição da eficácia simbólica do discurso é a possibilidade desse encontro. O locutor, o porta-voz, precisa sentir-se investido por essa autoridade – o que faz com que não seja visto como um "cínico" e "manipulador" – ele precisa conquistar o seu reconhecimento. Precisa ser capaz de produzir um efeito mágico específico: falar em nome de um coletivo, falar enquanto grupo, dizer aquilo que todos gostariam de dizer se pudessem ou soubessem como fazê-lo. (Giraldi Jr, 2017, n.p)

Como visto acima, a teoria bourdieusiana do mercado dos discursos defende a existência de indivíduos que atuam como porta-vozes de um grupo de pessoas tidas como incapazes de formulações políticas, os quais elegem e reconhecem tais porta-vozes como autoridade considerando o seu *programa* quanto a sua *personalidade*. Bourdieu explica também como esses porta-vozes têm propensão a tomar a palavra e, após serem consagrados pelos incapazes, detém o poder simbólico de produzir e divulgar suas categorias sociais e visão de mundo. Há, entretanto, um momento em que a leitura Bourdieusiana acaba sendo limitada pelo contexto em que foi produzida: diante da mudança de paradigmas que ocorreu a partir do advento e popularização da internet, a conjuntura social vem sofrendo mudanças profundas, dentre elas, mudanças no que tange o mercado de discursos e a circulação de opinião político-ideológica. Considerando tudo isso, buscaremos agregar a esta análise pressupostos teóricos de outras autoras e autores, buscando compreender o objeto a partir de perspectivas distintas, que aqui serão apresentadas como complementares com as devidas justificativas e fundamentações.

No contexto em que a análise produzida por Pierre Bourdieu se circunscreve, a estrutura midiática não só era muito menos complexa como também era, desde aquela época, regulamentada na França. Muito provavelmente devido a isso, as conclusões de Bourdieu relacionavam a eficácia simbólica da fala dos porta-vozes ao lugar que estes ocupavam nos veículos de comunicação e consequentemente à relevância de cada veículo no mercado dos discursos, restringindo-se aos veículos tradicionais de comunicação de massa. Atualmente, entretanto, estar atrelado a um veículo de mídia tradicional não é tão relevante, dado que existem várias plataformas extremamente populares que possibilitam que os porta-vozes alcancem um altíssimo número de leitores e/ou seguidores. Desta forma, as opiniões político-ideológicas produzidas por eles não precisam, necessariamente, circular em nenhum espaço da mídia "tradicional" ou nem mesmo em um espaço institucional para mobilizar as pessoas e fazer com que o seu discurso tenha um grande alcance. Além desta questão do veículo, assim como citado anteriormente, Bourdieu relacionava a propensão para tomar a fala às questões

sociais estruturais como escolaridade, classe e gênero. É evidente que, por tratar-se de questões que atravessam também a sociedade atual e que permanecem sendo estruturantes, ainda é importante considerá-las. Entretanto, a atual configuração do ambiente midiático relativizou consideravelmente estes parâmetros, como abordado no primeiro capítulo: diante da descentralização dos veículos e, consequentemente, dos porta-vozes, além da expansão das plataformas e formatos de produção e circulação de discursos e opiniões, a relação entre escolaridade ou gênero e popularidade/adesão enquanto porta-voz de um grupo não se impõe mais como antes. Basta considerar que, das cinco pessoas mais seguidas no Brasil no *Instagram* em 2024, dois são jogadores de futebol, um é comentarista de futebol, um é comediante e uma é cantora[200]. O mesmo fenômeno se repete no *Twitter*, e essas cinco contas concentram nada menos do que cento e cinquenta e três milhões de seguidores, número que representa um pouco mais de 70% da população brasileira. Isso posto, é possível afirmar que a relação entre a relevância do discurso do porta-voz e sua presença em veículos tradicionais de mídia defendida por Bourdieu não corresponde mais à condição de causalidade. O contexto atual, portanto, é de um ambiente midiático muito mais fragmentado e desregulamentado; neste sentido, ainda que os veículos tradicionais permaneçam gozando de certa importância, os dados apresentados no primeiro capítulo evidenciam que, cada vez mais, eles estão sendo relegados a um plano secundário.

É importante, porém, reafirmar que as mídias, por mais distintas que elas sejam, permanecem ocupando um lugar de privilégio na definição da representação legítima do mundo. Desde o jornal diário televisionado, que acompanha as noites das famílias brasileiras, até o *influencer* do *Instagram* que compartilha suas opiniões político-ideológicas com os seus milhões de seguidores, o ambiente midiático contemporâneo viabiliza a disputa entre representações do mundo: são porta-vozes dos seus grupos e audiências que tornam públicas suas visões de mundo partindo das mais distintas perspectivas e fundamentados nos mais diferentes *backgrounds*[201]. Voltando ao léxico bourdieusiano: cada porta-voz apresenta o seu *programa* partindo da sua *héxis corporal* particular, com o objetivo de produzir o efeito mágico

[200] Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_contas_mais_seguidas_no_Instagram Acessoem: 03/09/2024.

[201] É importante pontuar que, tratando-se dos grandes veículos de mídia tradicionais há, teoricamente, um certo compromisso com a objetividade e a imparcialidade, que são preceitos centrais à ética da prática jornalística. Apesar disso, as leituras críticas da mídia produzidas no contexto científico apontam que, na prática, este compromisso não se sustenta. Atualmente os estudos de mídia fazem uma revisão crítica destes preceitos, muitas vezes argumentando ser inexequível, entretanto, cabe considerar que o conteúdo divulgado por não profissionais em outras plataformas de mídia está absolutamente livre de qualquer compromisso externo, acobertado sob o véu da “liberdade de expressão”.

que é falar em nome de um grupo. Diante disso, cabe então alargar a concepção do que se entende por "mídia".

Em uma concepção mais ampla, mídia é definida como o veículo/espaço/canal através da qual uma mensagem é transmitida de um emissor para um interlocutor, com o objetivo de estabelecer, ainda que em graus distintos, uma comunicação. Atualmente, o senso comum estabelece a distinção entre a mídia tradicional ou analógica -que seriam as mídias que não se baseiam necessariamente em interação, como os jornais, a televisão, a rádio- e a mídia digital -na qual a comunicação é operada a partir da codificação de dados que são lidos por uma máquina. A distinção entre *mídias digitais* e *redes sociais*, em contrapartida, não é tão simples: em teoria, enquanto a primeira é voltada para a *divulgação* de conteúdos, a segunda, idealmente, é fundamentada na *interação*, podendo, inclusive, restringir-se ao *offline*. Entretanto, nas configurações atuais é muito difícil estabelecer essa distinção; desde a popularização das plataformas de redes sociais, especialmente em períodos críticos e polêmicos em termos políticos, tais plataformas são apropriadas pelos seus usuários com uma função social, o que, segundo Caru Schwingel[202]caracteriza uma mídia social. Neste sentido, as redes sociais podem ser um tipo de mídia digital quando são utilizadas com uma função social (como o compartilhamento de conteúdos digitais que permitem interação). Esta tese defende, portanto, que ao tratar de "mídias", compreenda-se uma concepção mais ampla que inclua, necessariamente, as mídias digitais e suas plataformas.

4.2 Efeitos de consagração e eficácia simbólica

Seguindo a lógica do tópico anterior, a relevância de figuras como Olavo de Carvalho como produtor de opiniões político-ideológicas no mercado dos discursos evidencia a urgência em pensar os espaços de prestígio na produção de conteúdos informativos para além das redações jornalísticas. Exatamente por este motivo que esta tese enfatiza a importância de alargar a compreensão do que é tradicionalmente entendido como mídia, abarcando assim as mídias digitais, que vêm despontando cada vez mais como fonte de informação para os indivíduos, conforme mostraram as pesquisas abordadas no capítulo 1. Ainda a respeito da hierarquia do mercado dos discursos, é interessante considerar que a relevância de Olavo para o seu público de leitores e alunos não tem, necessariamente, relação com o lugar que ele ocupa

[202] Em entrevista para a TV Brasil, disponível em: https://tvbrasil.ebc.com.br/midia-em-foco/2017/11/especialista-explica-diferenca-entre-rede-social-e-midia-social Acesso em: 11/10/2023.

na estrutura tradicional de mídia, visto que ele esteve, pelo menos nos últimos vinte anos, fora destes espaços institucionais. Neste sentido, ainda que ocupasse um lugar relativamente marginal -que era a internet nos primórdios dos anos 2000, aproximadamente quando Olavo lançou o site Mídia Sem Máscara-, Olavo teve sucesso em cavar o seu espaço de porta-voz de um grupo que cresceu ao longo dos anos, provando, mesmo após a sua morte, a sua capacidade e eficácia simbólica ao mobilizar emoções e produzir efeitos concretos que desencadearam reações na macropolítica.

Tratar da eficácia simbólica do discurso de um sujeito ou de um veículo é considerar, dentre tantas questões relevantes, o poder destes de produzir *crença* (em referência ao léxico bourdieusiano). Neste sentido, a mídia é, de acordo com Bourdieu (2001), uma instância de consagração cultural, através da qual um sistema integrado de referências e padrões identitários é imposto homeopaticamente. Dito de outra forma, por se tratar de instrumentos de comunicação e circulação de conhecimento, os veículos de mídia são responsáveis sobretudo pela transmissão de um consenso a respeito do mundo social. Além disso, como qualquer campo do mundo social, o campo de produção cultural também presume conflitos internos específicos, lutas entre agentes pelo monopólio de poder e conquista da autoridade, bem como as mais distintas estratégias de legitimação das "verdades". Todos estes processos evidenciam como a esfera dos bens simbólicos também é resultado da política interna e externa aos campos, e não algo absolutamente transcendente que assume um ar de sacralidade (que é a forma como a cultura frequentemente é representada). No mercado do discurso, as mídias[203] -que são entendidas como instrumentos de produção cultural- são verdadeiros "empreendimentos amplos de alquimia social" (Idem, p. 15) que envolvem diversos agentes no processo de produção e circulação.

Tendo em conta tudo isso, é possível concluir que os porta-vozes são indivíduos que produzem crença aos seus adeptos através do seu poder simbólico. Os termos que remetem à religiosidade, mobilizados por Bourdieu, evidenciam o caráter de convicção e adesão relacionados aos porta-vozes. Como posto anteriormente, eles podem estabelecer "verdades" e legitimar o seu discurso político através de outras variáveis que vão muito além do seu próprio conteúdo. Bourdieu se refere a isso quando discorre sobre a "eficácia quase mágica da assinatura" (Idem, o. 28), que nada mais é do que "o poder, reconhecido a alguns, de mobilizar a energia simbólica produzida pelo funcionamento de todo o campo, ou seja, a fé no jogo e lances produzidos pelo próprio jogo" (Idem). A autoridade do porta-voz, então, pode ser

[203] No lato sensu proposto nesta tese.

entendida como um "crédito junto a um conjunto de agentes" (Idem, p. 24), que não necessariamente é compartilhada por outros agentes ou outros grupos do mundo social. Seguindo esta lógica, o próprio campo cria as condições sociais necessárias para garantir que o discurso produzido pelos porta-vozes seja eficaz para o seu grupo de interlocutores (ou de credores, ou seguidores) ainda que esta eficácia não opere da mesma maneira em outros espaços sociais. Por isso o emprego das palavras com referência à religiosidade é tão interessante: Bourdieu demonstra aí como a adesão a algum porta-voz pode ser um ato de fé, pois não depende necessariamente de justificativas lógicas ou argumentos legítimos, podendo levar este grupo a estabelecer uma postura quase dogmática em relação ao factual. Voltaremos a esta explicação ao refletir sobre como os discursos e narrativas construídos à margem das instâncias de legitimação do conhecimento -como os institutos de pesquisa, as universidades, dentre outros- detém um enorme contingente de adeptos.

4.3 Dominantes e Pretendentes na hierarquia do Mercado de Opiniões

Ainda na análise bourdieusiana dos campos de produção de bens culturais, há outro argumento que nos ajuda a compreender o objeto desta tese: as noções de dominantes e pretendentes. Voltado inicialmente para o mercado da arte, Bourdieu estabelece uma distinção entre uma produção artística voltada para o comercial (ou a *grande produção*) e uma *produção restrita.* Enquanto a primeira tem o seu sucesso avaliado pela tiragem, ligado à difusão do conteúdo produzido para o público e, consequentemente, à venda, a segunda "ignora ou desafia as expectativas do público constituído e não pode ter outra demanda senão aquela que ela mesmo produz" (Idem, p. 31). Neste sentido, a produção comercial e a produção restrita percorrem caminhos distintos, considerando variáveis que são, num primeiro momento, quase que excludentes. Entretanto, ressalta Bourdieu, há uma questão importante no que diz respeito ao mercado dos discursos político-ideológicos que não se aplica da mesma maneira no campo artístico: em relação a arte, não há necessariamente uma competição direta entre os diferentes produtores. Já em relação aos discursos e opiniões políticas, o público de clientes é, sobretudo, o mesmo: há uma disputa na estrutura das relações de forças para definirem, cada qual, a sua verdade e seus enunciados. É possível um indivíduo colecionar obras de artistas populares e, ao mesmo tempo, nutrir apreço por peças de artistas iniciantes e desconhecidos, no entanto não é factível que alguém acredite, simultaneamente, em duas definições distintas do real.

Para analisar o mercado dos discursos e a sua hierarquia a partir dos termos propostos por Bourdieu, propomos aqui o exercício de pensar enquanto "*dominantes*" os agentes (individuais ou coletivos) da mídia tradicional, que é caracterizada por uma produção comercial

mais ampla e tem o seu sucesso avaliado pela tiragem. Em contrapartida, os "*pretendentes*" seriam os agentes (também coletivos mas, principalmente individuais) que atuam no mercado dos discursos partindo de uma produção mais restrita, com um alcance muito menor do que os veículos da mídia tradicional, tais como o jornal Brasil Sem Medo, idealizado por Olavo de Carvalho.

Como visto no capítulo anterior, Olavo ocupa um lugar de relevância enquanto porta-voz de um grupo, mobilizando um contingente considerável de *crentes* que lhe delegam a tarefa de produzir e difundir o seu "catálogo de julgamentos". Ao observar a centralidade de Olavo na discussão sobre conservadorismo, tanto nacional quanto internacionalmente, é evidente que ele é uma figura fundamental não só para o veículo que ele mesmo idealizou, mas para o mercado dos discursos político-ideológicos como um todo. Com o objetivo de conduzir essa reflexão para o nível da hierarquia do mercado dos discursos, iremos abordar o Brasil Sem Medo enquanto veículo para produzir a comparação com os demais veículos da mídia tradicional. Entretanto, as colocações aqui propostas podem também ser pensadas do ponto de vista do discurso.

Façamos o exercício de identificar veículos da mídia tradicional que se encaixam na noção de produtores comerciais acima proposta: são veículos que, além de gozar de capital simbólico, também detém uma grande fatia do capital econômico: fazem avaliação de lucro, de audiência, seguem a lógica de um empreendimento comercial. Como estão no mercado enquanto dominantes, as suas estratégias visam a manutenção do seu lugar na hierarquia: têm uma posição mais defensiva, recusam-se a estratégias de distinção (muitas vezes reproduzem o conteúdo com uma linha muito parecida com a dos seus concorrentes), têm uma postura mais discreta, quando se encontram em situações delicadas privilegiam a cautela e, se necessário, trabalham com retificação que "(...) não passa nunca da afirmação explícita das evidências primeiras que são patentes e se portam melhor sem falar delas" (Idem, p. 32).

No que tange a caracterização dos *pretendentes*, tomando como exemplo o Brasil Sem Medo, Bourdieu escreve que:

> (...) estes só terão possibilidades de se impor no mercado através de *estratégias de subversão* que não poderão prodigalizar, a prazo, os ganhos denegados a não ser com a condição de *derrubarem a hierarquia do campo sem contrariarem os princípios que lhe servem de fundamento*. Assim, são condenados a promoverem *revoluções parciais* que deslocam as censuras e transgridem as convenções, mas em nome dos próprios princípios reivindicados por elas. (Idem, grifos nossos)

Neste sentido, a postura dos veículos *pretendentes* seria voltada para antagonizar, abertamente, com os veículos *dominantes*, sem se comprometer com a cautela e a discrição que lhe são características. Entendendo que o campo é um espaço relacional caracterizado pela disputa

entre agentes, e que o há, no mercado dos discursos, a ampla concorrência pela clientela, a possibilidade de ascender na hierarquia do campo leva os *pretendentes* a acentuar uma postura questionadora, divergente, subversiva.

A distinção entre *dominantes* e *pretendentes* no campo de produção cultural, bem como os efeitos de consagração, eficácia simbólica, dentre outros conceitos abordados neste tópico, pode ser estendida para analisar desde a mídia até o subcampo da produção teatral, como faz Bourdieu em seu artigo *"La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques"* (1977). Considerando que estamos fazendo o exercício de aplicar estes conceitos na análise do mercado dos discursos político-ideológicos, abordando especialmente os diferentes veículos de mídia, traçaremos um paralelo entre dois exemplos que servirão como protótipos-referência de veículos *pretendentes*, ancorados fortemente na *personalidade* de dois *porta-vozes* de destaque no mundo conservador, que têm enorme habilidade na construção de crenças: o *Breitbart News* capitaneado por Andrew Breitbart e o Brasil Sem Medo, idealizado por Olavo de Carvalho.

4.4 A produção de crenças: o modelo do Breitbart News e o Brasil Sem Medo como protótipo

A referência ao *Breitbart News* pode não ser familiar ao senso comum brasileiro, mas definitivamente soa familiar para dois grupos específicos do mundo social: para os conservadores e membros da extrema-direita (especialmente os estadunidenses) e para os estudiosos do conservadorismo e autoritarismo. A *Breitbart News Network* é um site de notícias conservador que foi fundado em 2007 pelo político estadunidense de extrema-direita Andrew Breitbart que, apesar de ter falecido aos 42 anos, já era considerado uma figura ilustre do conservadorismo nos Estados Unidos. De acordo com uma matéria do T*he New York Times*, publicada em agosto de 2016[204], fundamentado por dados de uma plataforma de análise da internet, o tráfego do Breitbart naquela época era comparável a outros grandes veículos de notícias como o *Slate* e o *Gawker*[205].

Andrew Breitbart, assim como Olavo de Carvalho, já havia percebido o potencial da internet para a articulação de ideias que fugiam no *mainstream* no início do século XXI, pois

[204] Escrita por Johnah Bromwich e disponível em: https://www.nytimes.com/2016/08/18/business/media/what-is-breitbart-news.html Acesso em: 18/10/2023.
[205] Ambos os veículos foram criados já em formato digital entre o fim dos anos 1990 e o início dos anos 2000, oferecendo-se como uma alternativa aos veículos tradicionais ao apresentar uma abordagem mais sensacionalista e, por vezes, controversa.

desde o início dos anos 2000 já escrevia para um blog onde fazia comentários sobre a política estadunidense. O seu pioneirismo chamou a atenção dos outros veículos ainda nos seus primeiros anos de vida pública: Breitbart afirmou à Reason Magazine em 2004[206] que, ao se sentir ignorado pelos meios de comunicação existentes, decidiu *criar a sua própria mídia*. No site do Breitbart[207], na aba "*about us*", o veículo se define como "uma das principais organizações de notícias da América", e diz que publica conteúdos originais e entrevistas exclusivas com líderes globais. O veículo também se gaba de ter crescido como uma companhia internacional de notícias, tendo escritórios em Washington DC, Londres e Jerusalém, entre outros. Além da internet, onde está ranqueado como um dos 3 sites de notícias mais acessados nos Estados Unidos com cerca de 25 milhões de acessos mensais, o Breitbart News também investe no rádio, produzindo 38 horas semanais de programação ao vivo, produz documentários que impulsionam a agenda conservadora e tem grande relevância nas redes sociais, afirmando ser a página de política com mais engajamento no Instagram estadunidense.

Desde sua criação até alcançar estes números que evidenciam sua relevância, houve um ponto de inflexão importante que alçou o Breitbart News a um lugar mais alto na hierarquia do mercado dos discursos e que também explica a intersecção com esta tese: a morte do seu idealizador. Foi então que, a partir de 2012, na ocasião da morte de Andrew Breitbart, que Steve Bannon -o estrategista político e ideólogo da articulação de extrema-direita "O Movimento" abordado no capítulo anterior- assumiu o lugar de Presidente Executivo do veículo, assumindo as rédeas e dando uma guinada total para o extremismo. De acordo com a jornalista na NBC Bethany Mandel[208], as ações tomadas por Bannon afastaram o veículo do propósito pensado pelo próprio Breitbart, que seria desafiar o domínio das ideias progressistas na esfera cultural[209] (especialmente em Hollywood, nos jornais e na academia) através da construção de um contra-discurso que buscasse influenciar a opinião pública para uma postura mais conservadora o que, posteriormente, resultaria numa mudança eleitoral. Mandel afirma, ainda, que enquanto Breitbart lutava uma "guerra cultural", a "figura sombria e raivosa de Bannon" tinha como único foco influenciar a política. Bannon passou então a chamar o

[206] Disponível em: https://reason.com/2012/03/10/how-andrew-breitbart-changed-the-news/ Acesso em: 18/10/2023.
[207] Disponível em: https://www.breitbart.com/ Acesso em: 18/10/2023.
[208] Em: "The monster Steve Bannon created at Breitbart.com was not what Andrew Breitbart wanted" Disponível em: https://www.nbcnews.com/think/opinion/monster-steve-bannon-created-breitbart-com-was-not-what-andrew-ncna836466 Acesso em 19/10/2023.
[209] Na época, o site tinha três frentes idealizadas por Andrew Breitbart, cujo objetivo era difundir ideias conservadoras e argumentar contra as tendências progressistas nessas três áreas: a *Big Hollywood*, *Big Journalism* e a *Big Government*. Após assumir a presidência, Bannon unificou as frentes sob o signo único "Breitbart News".

Breitbart News como "a plataforma da extrema-direita"[210], liderando o veículo para um conservadorismo extremado, exposto através da exaltação de grupos de nacionalistas brancos, da publicação de discursos racistas, misóginos e xenofóbicos e de inúmeras teorias da conspiração.

No contexto social e político mais amplo, em meados dos anos 2010 grupos de extrema-direita articulados a partir da internet passavam a ganhar visibilidade pública nos Estados Unidos. Bannon então assume, em 2012, a liderança de um veículo popular que dialogava com essas ideias -ainda que este se restringisse, até então, à esfera cultural- e alça a linha editorial do Breitbart News para o extremo do espectro político. Segundo o artigo "*Strategies of alternative right-wing media: The case of Breitbart News*" escrito por Jason Roberts e Karin Wahl-Jorgensen (2021), o veículo então passou a construir a sua legitimidade através do ataque recorrente aos veículos de mídia tradicional, além de:

> (...)recorrendo a estratégias que incluem a celebração de vitórias da direita, a proclamação da vitimização e a difamação de políticos oponentes. Através da implementação destas estratégias, a Breitbart procurou cimentar a sua própria posição como ator legítimo na ecologia dos meios de comunicação híbridos. (Roberts & Wahl-jorgensen In Morrison, J., Birks, J., & Berry, M. (Eds.), 2021, n.p. Tradução nossa).

Retomando os conceitos de Pierre Bourdieu introduzidos acima, o veículo *pretendente* se utilizava das estratégias subversivas de ataque e antagonização em relação aos veículos *dominantes,* a fim de garantir a sua legitimidade e relevância enquanto *porta-voz* de um grupo. De acordo com um artigo posterior de Roberts e Wahl-Jorgensen (2022), o ataque aos agentes e veículos da mídia tradicional ou *mainstream* representam uma forma de "discurso meta jornalístico na luta para definir as fronteiras do jornalismo", que podem ser aqui entendidos como uma disputa pelos efeitos de consagração. Apesar da análise de Roberts e Wahl-Jorgensen não conversar diretamente com a teoria bourdieusiana, essa é uma característica que eles ressaltam sobre o Breitbart News quando afirmam que o veículo não só intervém no debate político como também, ao avançar suas bandeiras publicando as suas pautas e opiniões político-ideológicos ao grande público, ajudam a redefinir os limites do que é aceitável na prática jornalística (Roberts & Wahl-jorgensen, 2022), num esforço claro de redefinir, a partir do seu ponto de vista, tais fronteiras da prática jornalística. Outro ponto de convergência interessante é ao que Bourdieu se refere quando fala da postura fundamentalmente subversiva e agressiva adotada pelos *pretendentes* em relação aos *dominantes*: isso é aludido por Roberts e Wahl-Jorgensen ao descrever o Breitbart News como uma "força disruptiva que visa minar o papel

[210] Fonte: https://www.motherjones.com/politics/2016/08/stephen-bannon-donald-trump-alt-right-breitbart-news/ Acesso em 19/10/2023.

dos meios de comunicação tradicionais como um 'Quarto Poder'" (Roberts & Wahl-jorgensen In Morrison, J., Birks, J., & Berry, M. (Eds.), 2021, n.p. Tradução nossa).

Neste sentido, a fim de garantir sua eficácia simbólica, o veículo pretendente ataca sistematicamente o jornalismo antagônico "ao mesmo tempo que reforça as suas próprias credenciais jornalísticas" (Idem, n.p. Tradução nossa), movimento que foi descrito no artigo de Bourdieu publicado em 1977 sobre o *modus operandi* dos *pretendentes* que galgam a credibilidade na produção da crença. Por este motivo, apesar da postura combativa, há uma preocupação em manter a estrutura; é a isso que Bourdieu faz referência quando afirma que os pretendentes procuram derrubar a hierarquia do campo, mas "sem contrariar os princípios que lhe servem de fundamento".

O trabalho de Roberts e Wahl-Jorgensen sobre o Breitbart News identifica, ainda, outras características do veículo que são interessantes de serem citadas aqui, pois apresentam uma semelhança considerável com o Brasil Sem Medo: ambos os veículos se colocam como plataformas que dão voz ao "povo" diante da mídia tradicional dominada pelas elites, ambos noticiam de forma frequente episódios que envolvem ameaça aos valores ou cidadãos conservadores, ambos constroem a imagem dos seus oponentes (políticos, jornalistas profissionais, veículos tradicionais, entre outros) como figuras "de esquerda", desequilibrados, relacionando sempre tais figuras a algo negativo. Citar as inúmeras características em comum entre o Breitbart News e o Brasil Sem Medo tem como objetivo demonstrar na prática que a eclosão destes veículos de mídia alternativos não podem ser entendidos como casos isolados: entender o lugar do BSM no ambiente midiático é também analisá-lo de forma relacional, apreendendo sua relação com o *boom* de diversos outros veículos de extrema-direita similares, como é o caso do Breitbart News, que galgaram relevância no debate público das últimas décadas.

Em sua obra "Os Engenheiros do Caos" (2019), o francês Giuliano Da Empoli discorre sobre uma iniciativa na esfera das mídias digitais lançada pelo expert em marketing digital Gianroberto Casaleggio, a Casaleggio Associati. Apesar do seu idealizador afirmar não ter interesse em política, Casaleggio criou um blog que impactou profundamente o cenário político da Itália, seu país de origem. De acordo com Da Empoli, o blog se popularizou por mobilizar sentimentos profundos dos cidadãos:

> Nesse período, o blog surfa sobre temas populares que estimulam o ressentimento com o establishment político e financeiro: a corrupção dos homens públicos, os abusos das grandes empresas à custa dos pequenos acionistas, a precarização do trabalho. Sobre todos esses tópicos, o blog não se limita a denunciar a situação. Ao contrário, ele propõe remédios concretos, embora simplistas, para os males que aponta. (Da Empoli, 2019, p. 46)

Com o passar do tempo, a popularidade do blog foi aumentando e, com ela, iniciativas para que a articulação que surgiu a partir do blog (a partir dos seus seguidores e comentaristas) extrapolasse o formato online e impactasse diretamente a política italiana. E assim aconteceu: Casaleggio passou a apoiar abertamente a candidatura de Beppe Grillo, o comediante/influencer italiano que fundou o Movimento 5 Estrelas, que tem como maior bandeira o estabelecimento de uma democracia direta através da internet, propondo substituir os políticos por cidadãos comuns. Como coloca Da Empoli: "O confronto entre a rapidez e o frescor da máquina posta em ação por Casaleggio e a velha política é impiedoso" (Idem, p. 47). A contribuição de Casaleggio para a ascensão política do Movimento 5 Estrelas é inegável: os encontros virtuais organizados por ele nas plataformas *Meetups* iniciou uma onda de articulação política que tomou toda a Itália e culminou na fundação de um dos mais fortes partidos da política italiana.

Apesar dos exemplos contarem trajetórias distintas, é importante ressaltar a importância dos veículos de mídia digital supracitados não só para a produção de crenças, ideias e pautas conservadoras, como também para alavancar a candidatura de governos populistas em seus países. Diante do sucesso alcançado por Bannon ao capitanear o Breitbart News durante a campanha presidencial, alçando-o ao site mais significativo na esfera midiática conservadora, bem como do seu trabalho incansável em destruir a imagem da concorrente de Trump nas eleições, Bannon foi contratado por Trump para assumir o comando de sua campanha apenas dois meses antes do fim das eleições. Nesta mesma ocasião, Trump nomeou a estrategista política Kellyanne Conway como sua gerente de campanha. Conway ficou mundialmente conhecida após ter usado em uma das primeiras conferências de imprensa na Casa Branca, ainda no início do mandato de Trump, o termo "*alternative facts*" para justificar um relato inverídico proferido pelo secretário de imprensa da Casa Branca, Sean Spicer.

Após a vitória de Trump, o propagandista veterano Steve Bannon foi indicado a assumir o cargo de estrategista-chefe da Casa Branca na administração do novo presidente, posição que ocupou apenas durante os primeiros oito meses do governo Trump. De acordo com a BBC[211], durante este período, Bannon passou a protagonizar desentendimentos com alguns conselheiros do alto escalão do governo Trump, além de haver certa preocupação por parte do Presidente com o fato de que muitas pessoas associam sua surpreendente vitória à influência de Bannon

[211] Em: "The downfall of Steve Bannon" (2022). Disponível em: https://www.bbc.com/news/election-us-2016-37971742 Acesso em 20/10/2023.

em sua campanha. Logo após a demissão, Bannon voltou à Breitbart anunciando abertamente: "*I've got my hands back on my weapons... It's Bannon the Barbarian*"[212].

4.5 Mídias alternativas e a reconfiguração do campo discursivo

Embora seus contextos e trajetórias sejam distintos, o principal ponto de convergência, entre as iniciativas de Gianroberto Casaleggio, Steve Bannon e Olavo de Carvalho, foi a utilização de plataformas digitais para criação de veículos de mídia que se capitalizaram ao antagonizar com veículos de comunicação tradicionais. Nos três exemplos, os fundadores ofereciam, através dos seus veículos, a possibilidade de os leitores acessarem um discurso político-ideológico que, segundo eles, era posto à margem dos editoriais das grandes mídias. Estes veículos foram então criados com a promessa de serem espaços onde indivíduos, cujas ideias e opiniões compartilhadas não encontravam eco na mídia de massa, pudessem se articular e se sentir representados em suas pautas. Outro ponto nodal que justifica que estes casos sejam relevantes o suficiente para se tornar objetos de análise acadêmicos é a sua relação com a política institucional dos seus respectivos países: embora o Movimento fomentado por Casaleggio não seja, necessariamente, de extrema-direita como os outros dois, as três figuras abordadas (e seus respectivos veículos) foram fundamentais para a eleição de políticos populistas aos mais altos cargos dos governos.

Os três casos citados não são os únicos: estudiosos[213] de diversas partes do mundo relatam a emergência de novos atores que distribuem notícias através das mídias digitais que têm uma motivação claramente política e que não têm o compromisso de seguir as normas convencionais associadas ao profissionalismo jornalístico. Esta última característica é fundamental para entender a lógica destes veículos, pois os conteúdos compartilhados não precisam passar por um crivo editorial ou sequer por uma checagem factual: uma das maravilhas da não-mediação e da possibilidade de ampla divulgação através da internet é que é possível, literalmente, construir a sua própria narrativa ou, ainda, criar os seus próprios *fatos alternativos*[214]. Essa estrutura de produção de discursos somada à lógica da eficácia simbólica dos porta-vozes, descrita por Bourdieu, resulta em uma conjuntura complexa e caótica sobre a qual ainda não se tem as devidas regulações ou mecanismos de mitigação: se os indivíduos, que não se sentem autorizados a formular suas próprias opiniões político-ideológicas, elegem

[212] Em tradução livre: "Eu voltei a ter as minhas armas nas mãos… É Bannon, o Bárbaro".
[213] As análises de diversos novos atores das mídias digitais apontam para a politização irrestrita dos conteúdos compartilhados, a exemplo de Letícia Cesarino (2021), Downey & Fenton (2003), Giraldi Jr (2017), Calil (2021), dentre outros autores que se dedicam ao estudo da intersecção entre mídia e populismo.
[214] Referência ao termo cunhado por Kellyanne Conway.

um porta-voz, que irá representá-los e o defendem a todo custo, além de darem crédito quase incondicional ao discurso por ele proferido, o que impõe limite à produção de crenças desse porta-voz? Se a narrativa sustentada pelo porta-voz afirma que os demais veículos de informação estão necessariamente enviesados, se a legitimidade de qualquer veículo de mídia tradicional é objetada, se a confiabilidade se restringe a pouquíssimos veículos digitais, como contra argumentar tal narrativa? Se esse porta-voz detém não só o veículo, mas também outras tantas plataformas a partir das quais se comunica com seu público, se este público valida seu discurso sem contestar e retroalimenta a cadeia informacional, que espaço há para contra narrativas?

Neste contexto caótico, três cenários sofrem mudanças profundas em níveis distintos: primeiro, há a fragmentação total do ambiente midiático, que resulta na reconfiguração do campo discursivo que, por sua vez, tem causado impactos concretos na esfera política em dimensões nunca vistas antes. Os exemplos citados no tópico anterior evidenciam esta conjuntura onde fatos e factoides se misturam de forma indistinta para um enorme contingente da população. No que tange os impactos resultantes da relevância crescente desses veículos de mídia alternativos, Downey & Fenton (2003) sugerem um interessante diálogo com textos mais recentes de Habermas (1989, 1996) buscando apreender os riscos que relacionam a fragmentação do ambiente midiático com a fragmentação da própria sociedade civil e da mobilização/ participação política. Ainda que Habermas não tenha presenciado a internet no estágio de circulação e popularização observados atualmente, ele chegou a refletir sobre como a mobilização dos indivíduos poderiam furar a bolha da agenda pública em tempos de crise, trazendo *insights* que são alusivos ao contexto caótico analisado.

A referência à crise, como pano de fundo do desdobrar dos acontecimentos que resultam em grandes transformações sociais, é frequente e familiar a inúmeros estudiosos. Seguindo esta lógica, são em momentos de instabilidade e tensão generalizada que a coesão social e o funcionamento das instituições são postos em xeque, seguido de um esforço de reelaboração dos termos que salvaguardam a noção de coletividade. Nas palavras de Habermas: "Em períodos de mobilização, as estruturas que efetivamente sustentam a autoridade de um público criticamente engajado começam a vibrar. O equilíbrio de poder entre a sociedade civil e os sistemas políticos sofre, então, uma mudança." (Habermas, 1996, p. 379, In: Downey & Fenton, 2003. Tradução nossa). Nesta conjuntura de crise, Downey & Fenton ressaltam a importância da mídia para apresentar os problemas ao público geral, definindo os termos a partir dos quais

cada indivíduo vai ser apresentado às questões centrais. É desta forma, segundo os autores, que os problemas passam a fazer parte da agenda pública[215].

Em diálogo com conceitos habermasianos, Downey & Fenton acrescentam que, neste contexto, "a mobilização endógena na sociedade civil pode explorar a 'dependência latente' e o 'autoentendimento normativo' (...) da esfera pública dos meios de comunicação de massa para fazer com que sua voz seja ouvida". Neste sentido, os autores admitem a possibilidade de que esses momentos de crise generalizada podem ser explorados por grupos da sociedade civil que buscam representatividade, assim como foi colocado sobre os exemplos abordados no tópico anterior. Habermas, que publica a sua célebre Teoria da Ação Comunicativa em 1981 coloca, em seu texto "*Inclusion of the Other: Studies in Political Theory*" (1998) publicado quase duas décadas depois, uma nova preocupação no que tange seus escritos sobre comunicação, racionalidade e democracia ao considerar as novas tecnologias de comunicação e informação. Este trecho resume bem como este novo momento põe à prova o que o autor havia formulado acerca do potencial da racionalidade e ação comunicativa para a democracia deliberativa:

> O crescimento de sistemas e redes multiplica os possíveis contatos e trocas de informações, isso por si só não leva à expansão de um mundo intersubjetivamente compartilhado e ao entrelaçamento discursivo de concepções de relevância, temas e contradições a partir das quais surgem esferas públicas políticas. *A consciência dos sujeitos que planejam, comunicam e agem parece ter se expandido e fragmentado simultaneamente.* As audiências produzidas pela Internet permanecem isoladas umas das outras, como aldeões globais. Até o momento, não está claro se uma consciência pública em expansão, embora centrada no mundo da vida, possui a *capacidade de abranger contextos sistematicamente diferenciados*, ou se os processos sistêmicos, ao se tornarem independentes, já romperam seus laços com todos os contextos produzidos pela comunicação política." (Habermas, 1998, p. 120-121 In: Downey & Fenton, 2003. Tradução nossa, grifos nossos.)

A preocupação expressa por Habermas é sintetizada por Downey & Fenton na frase: "Um pluralismo maior pode ser considerado como um risco para a democracia deliberativa, em vez de ser o salvador dela".

Essa afirmação encontra eco em estudiosos que acompanharam a transformação do ambiente midiático entre os anos 1990 e os anos 2010, desde Castells (2015, 2018) a Cass Sunstein (2001, 2007), que argumenta que o grande número de sites e plataformas de discussão em grupo viabilizaram que os indivíduos que compunham estes grupos se isolassem completamente das opiniões mais moderadas que circulavam na mídia de massa. Essa polarização, além de encorajar o surgimento de opiniões extremamente radicais, fomenta novos acordos no que tange o campo discursivo, que podem ser relativas à linguagem ou a novas maneiras em que as informações são produzidas, comunicadas e consumidas. Por fim, esta

[215] Vale salientar que os autores estão, neste momento, fazendo referência à mídia de massa.

conjuntura promove uma redefinição total das fronteiras do jornalismo e suas práticas, transformando o ambiente midiático em um complexo volátil com limites ambíguos.

O trecho supracitado escrito por Habermas evidencia que, além do impacto na redefinição do ambiente midiático, esse movimento de reconfiguração também tem consequências importantes para o tecido social. Embora o texto tenha sido publicado em um outro momento, em que as tecnologias da informação e comunicação não tinham ainda tomado o espaço que têm hoje, Habermas demonstrou preocupação quanto à discrepância entre o estar conectado com uma rede mundial e, ao mesmo tempo, isolar-se em algumas bolhas. O autor também questiona a capacidade da "consciência pública" de abranger contextos sistematicamente diferenciados, e observando a conjuntura atual de uma disseminação vertiginosa de desinformação, em tempos de vídeos *deep fake* e redes sociais basicamente sem regulação é possível afirmar, em resposta a esse questionamento, que a sociedade tem sofrido muito para distinguir tais contextos na prática. Uma evidência disso é a atual disputa entre o governo de Israel e o Hamas, que fora levada a cabo não apenas através da eclosão do conflito armado no Oriente Médio como também tem se articulado nas redes sociais, através de disputa de narrativas conflitantes que buscam produzir e divulgar imagens, vídeos ou recortes de realidade específicos com o objetivo de mobilizar emoções para garantir o apelo à adesão de algum dos "lados". É o que Gilson Schwartz chama de *Iconomia de Guerra*[216]: quando há uma disputa entre as "narrativas oficiais" através de ícones que, ao serem amplamente divulgados, atuam como uma "senha" de acesso a um significado maior de um conflito buscando também definir a vítima e o réu, além do sentido histórico daquele ícone, eternizado pelas lentes de uma câmera. Neste sentido, a manipulação e utilização destes recursos visando a redução da racionalidade dos comportamentos mostram que, ainda que exista muita informação disponível, os usuários não têm necessariamente a capacidade de abranger contextos sistematicamente diferenciados, e que os laços em relação a estes contextos já estão prejudicados.

Além destas, outras questões têm sido levantadas por estudiosos que refletem sobre os impactos controversos das mídias digitais no tecido social. O historiador Andrew Keen alerta para as consequências do "dilúvio de informações" disponíveis na internet: o culto ao amador. Segundo Keen, a atual arquitetura da internet estimula o que ele chama de "sabedoria das multidões" ao apagar as fronteiras entre a produção de *fatos* e de *opiniões*, consequentemente,

[216] Em: Princípios de Iconomia (2006) e no Podcast Canal da USP no dia 26/10/2023, da radio USP, também disponível no Youtube através do link: https://www.youtube.com/watch?v=TVmIOTIJM88 Acesso em 11/09/2024.

fomentando que o conhecimento legítimo (segundo ele, o que seria produzido por experts) dispute o mesmo espaço do conhecimento produzido por amadores. Keen ressalta que "dizer que qualquer um pode falar de tudo pode 'soar' democrático, mas pode ter consequências graves quando leigos resolvem se envolver em assuntos sérios", e destaca ainda que "(...) a democratização, apesar de sua elevada idealização, está solapando a verdade, azedando o discurso cívico e depreciando a expertise, a experiência e o talento" (Keen, 2009, p. 19). Apesar do discurso de Keen soar um tanto exclusivista, ele encontra eco nos escritos do acadêmico Tom Nichols[217], que escreveu um livro que parte da máxima "toda opinião sobre qualquer tema é tão boa quanto as outras" (Nichols, 2017, p.20) para argumentar que atualmente é possível identificar uma hostilidade deliberada contra os conhecimentos historicamente estabelecidos. Nichols discorre não apenas sobre a negação dos conhecimentos estabelecidos, mas também sobre a racionalidade como um todo, além da ciência e do senso crítico, e também alerta para as consequências. Para o autor, a equidade política é um dos pilares da democracia, por isso faz sentido que cada pessoa tenha o direito de voto. Em contrapartida, a lógica de valorização da opinião de todos de forma igual é, segundo ele, equivocada, pois há uma crescente valorização de opiniões sem fundamentação, além de servir a estratégias deliberadas de desinformação.

A jornalista Michiko Kakutani, em seu livro "A Morte da Verdade" (2018), relaciona a queda progressiva da confiança em instituições e no que ela chama de "narrativas oficiais", no âmbito acadêmico, a partir de uma apropriação nociva de algumas premissas do Pós-modernismo por parte das universidades estadunidenses na segunda metade do século XX. Apesar do Pós-modernismo ser um movimento bastante amplo, que englobou a produção acadêmica desde a literatura até a arquitetura, Kakutani afirma que as teorias pós-modernas aplicadas às ciências sociais e à história "acabaram dando origem a todo tipo de implicações filosóficas, tanto intencionais quanto não intencionais, que, mais tarde, teriam repercussões em nossa cultura" (Kakutani, 2018, p. 55). A autora ressalta alguns argumentos pós-modernos que considera centrais a estas implicações nocivas, como a negação de uma realidade objetiva que independa totalmente da percepção do indivíduo, a substituição da noção de "verdade" pela ideia de perspectivas e subjetividade, a ênfase na lacuna entre o que é dito e o que se é entendido (que faz com que a linguagem seja lida como instável e não confiável), a argumentação contrária às metanarrativas, entre outros. A autora retoma o trabalho de Jacques Derrida e a sua noção de desconstrução para defender que:

[217] Em: "The Death of Expertise: The Campaign Against Established Knowledge and Why It Matters" (2017).

> Ao se concentrar nas possíveis contradições e ambiguidades de um texto (...) promulgou um relativismo extremo que foi, em última análise, niilista em suas implicações: qualquer coisa poderia significar qualquer coisa; a intenção do autor não importava e não podia ser discernida objetivamente; não havia uma leitura óbvia ou de senso comum, já que tudo tinha uma infinidade de significados. Em suma, *não existia uma verdade*. (Idem, p. 66. Grifo nosso).

De acordo com Kakutani, estes argumentos foram usurpados pelo *mainstream* político e levado ao extremo quando massificados, muitas vezes esvaziando-os de significados e oferecendo uma leitura mal-feita do Movimento.

Neste contexto de relativização total diante do declínio da confiança em intermediários e instituições "autorizados", onde as fronteiras entre fato e factóide e entre informação e opinião são cada dia mais nebulosas e as possibilidades de compartilhamento oferecidas pela internet são abundantes, porta-vozes despontam dotados da legitimidade dos seus "seguidores", disputando narrativas, categorias, mentes e corações. Destacamos aqui o contexto no qual a análise produzida nesta tese se insere, tanto no que tange a arquitetura das mídias quanto no que diz respeito à conjuntura política abordada no capítulo anterior, pois consideramos que este contexto parece ser o *caos perfeito* para a eclosão de porta-vozes com enorme adesão, como Olavo de Carvalho, assim como de novos veículos de informação como o Brasil Sem Medo. Em tempos de adesão à *sabedoria das multidões*, fundamentada em opiniões sem esteio factual e que ganham escala através das mídias digitais, o campo discursivo se contorce para dar conta das "novas realidades" e fatos alternativos.

Por fim, todas estas variáveis foram contempladas nesta análise porque falar domercado de opiniões sem tratar das circunstâncias nas quais ele está inscrito é fazer um trabalho incompleto, pois conforme afirmou Giraldi Jr: "Isolar a linguagem de suas condições sociais de produção é ignorar que a resposta para a eficácia simbólica da comunicação *não está na linguagem em si mesma, mas no mundo social que a produziu*" (Giraldi Jr, 2017, n.p. Grifo nosso).

CAPÍTULO 5
Efeitos da luta simbólica: da crise dos paradigmas aos novos mediadores

O sociólogo Paolo Gerbaudo, especialista na temática do populismo político, também se refere à "crise de autoridade" quando discorre sobre o criticismo voltado para os veículos de mídia "mainstreams" (Gerbaudo, 2018). O autor cita McChesney (2015) para afirmar que uma parcela crescente da população passou a entender os veículos tradicionais como "agentes que respondem à agenda dos seus donos super ricos e seus aliados políticos" ao invés de se voltarem às necessidades e interesses reais do público (Idem, p. 749). A noção de "crise de autoridade" é retomada pelo autor em referência à noção desenvolvida por Gramsci (1971) ao descrever a perda de legitimidade da igreja e de outras instituições tradicionais no período entre guerras. É possível afirmar, portanto, que a "crise de confiança" não se restringe aos meios de comunicação e informação, mas é observada enquanto fenômeno generalizado, tanto no contexto analisado por Gramsci quanto nos dias atuais.

Isto posto, este capítulo tem como finalidade estruturar um esforço analítico, tendo como base algumas noções desenvolvidas por Letícia Cesarino, mas não somente, com o propósito de aprofundar e ampliar a compreensão sobre Olavo de Carvalho e o Brasil Sem Medo no mercado dos discursos e na arquitetura das redes digitais. Buscamos explorar a conjuntura de crise de confiança que possibilitou que as opiniões político-ideológicas de Olavo de Carvalho tivessem espaço para se desenvolver e se difundir, ainda que à margem dos grandes veículos de mídia, partindo na noção de crise no sistema de peritos. Além disso, propomos a análise de algumas estratégias utilizadas por ele para oferecer ao seu público um paradigma emergente de reorganização epistêmica, o qual tivesse não só a incumbência de tornar a "realidade" ininteligível para os seus, como também uma importante função agregadora, a qual foi absolutamente fundamental para a formação do seu exército de leitores, seguidores e alunos. Partiremos então de algumas noções da filosofia da ciência, em especial de alguns conceitos desenvolvidos por Thomas Kuhn, usando-os como base e estendendo-os para a compreensão deste fenômeno.

5.1 Filosofia da ciência e a noção de paradigma

Byung-Chul Han (2021), ao tratar da relação entre a digitalização e a crise da democracia, afirma identificar, imerso no subconsciente coletivo, o que ele chama de niilismo resultante das rejeições patológicas da sociedade da informação (Han, 2021, p. 81):

> Surge ali, onde perdemos a crença na verdade ela mesma. Na era das *fake news*, desinformações e teorias da conspiração, a realidade, com suas verdades factuais, se

> extraviou. Passam a circular, então, informações totalmente desacopladas da realidade, formando um espaço hiper-real. A crença da *facticidade* foi perdida. Vivemos, assim, em um universo *desfactuado*. Ao fim e ao cabo, com o desaparecimento das verdades factuais, desaparece também o mundo comum no qual podíamos nos reportar em nossa ação. (Han, 2021, p. 81-81)

Han compreende a verdade como um regulador social, um fundamento sólido sobre o qual a sociedade como conhecemos torna-se possível, que lhe garante um certo solo comum. Consequentemente, numa conjuntura caótica pautada pela incerteza, as outras "verdades" construídas passam a alimentar outras camadas de realidade, chamadas por Han de espaço hiper-real. São, então, nestes momentos de crise generalizada que há, de acordo com Letícia Cesarino, uma "abertura caótica dos processos de produção de verdade" (Cesarino, 2122, p.93). A autora, em seu livro mais recente intitulado "O Mundo ao Avesso: verdade e política na era digital" (2022), resgata a noção de *paradigma* forjada pelo físico e filósofo Thomas Kuhn para analisar o processo de crise e a instituição de uma nova normalidade no contexto das mídias digitais. Cesarino argumenta que a convergência entre o neoliberalismo e a digitalização, especialmente a partir de meados da década de 1970, vem produzindo a dissolução de fronteiras entre os diferentes contextos; nos termos de Kuhn, trata-se da "crise que antecede o processo revolucionário de troca de paradigmas". Para contextualizar melhor este argumento, retomaremos brevemente as raízes da formulação de Kuhn sobre paradigmas científicos.

Especialista em filosofia da ciência, partindo de uma perspectiva histórica, Thomas Kuhn cunhou uma teoria baseada na impermanência. Diferente da perspectiva positivista aludida no fim do capítulo anterior, Kuhn defende que "nas ciências como na cognição humana, o acesso ao real se dá (...) pela via de mediações tanto simbólicas (enquadramentos metateóricos) quanto materiais (práticas, artefatos, etc)" (Idem, p. 42), ou seja, ele se afastava da noção da ciência como linear e progressiva, adotando uma concepção de ciência que se baseia em momentos de ruptura e reorganização. No que tange a legitimidade e consequente confiabilidade do processo científico, Kuhn argumenta que a comunidade científica que produz o conhecimento, se trata de um grupo "fechado, autônomo, cujas fronteiras são mediadas de modo rígido pelo processo de reunião por pares e por uma pedagogia incorporada" (Idem, p. 76); tudo isso converge para a produção de confiança no conhecimento produzido por essa comunidade, pois a confiança na rigidez e na idoneidade do processo de produção de conhecimento científico são o que fundamenta a legitimidade científica. Portanto, o conhecimento produzido por intermediários autorizados a partir dos métodos e metodologias científicas, que é revisado por pares e constantemente posto em prova, estabelece um paradigma, que tem a capacidade de orientar a ciência normal, que seria um espaço temporal

no qual existem fatos consolidados e corroborados dentro de um paradigma que é amplamente compartilhado. O paradigma seria, então, um consenso minimamente estável.

Entretanto, com o passar do tempo, os consensos da ciência normal tendem a estremecer: para Kuhn, isso faz parte da dinâmica e resulta da própria rigidez da convenção do paradigma vigente, sob o qual a ciência normal se fundamenta. Neste sentido, inicia-se um período de crise quando o paradigma, após ter sido reiteradamente testado, começa a perder sua eficácia consensual através do surgimento de *anomalias* que fogem à regra do paradigma. Diante de uma proliferação de anomalias, inicia-se uma crise que demanda, por sua vez, uma adaptação estrutural do paradigma para que a ciência normal possa retomar aos seus processos a partir de novas bases. Nos termos de Cesarino, em diálogo com a explicação cibernética de Gregory Bateson:

> Na ausência de um metaenquadramento compartilhado, a comunidade científica se fragmenta e os indivíduos revertem preocupações elementares que, no período da ciência normal, estavam consensuadas e fechadas na 'caixa preta' do paradigma. No mesmo sentido, se o pano de fundo convencional que permitia a liberação da atenção para processos secundários deixa de cumprir esse papel, a cognição humana pode reverter ao tipo de preocupação primária descrita por Bateson: este 'outro' é meu amigo ou inimigo? (...) Essa postagem no Twitter atacando um ministro do STF foi séria ou brincadeira? Aquela foto é pública ou privada, autêntica ou forjada? (Cesarino, 2021, p. 129)

A explicação de Cesarino, que articula o populismo digital e o neoliberalismo para caracterizar o momento limiar de crise e de reorganização nas formas contemporâneas de produção da verdade, será central neste capítulo. Partiremos, portanto, da noção de quebra de paradigma proposta por Kuhn e revisitada por Cesarino, a qual defende que o ambiente das novas mídias digitais aceleram o processo de instabilidade, que caracteriza os momentos de crise, por "(...) impossibilitar a fixação de metaenquadramentos por parte dos usuários e propiciar, em seu lugar, dinâmicas oscilatórias, invertidas e recombinantes" (Idem), pois tais dinâmicas "introduzem o fluxo atencional dos usuários num cronotopo de crise permanente" (Idem, p. 130).

5.1.2 Crise de confiança e o enfraquecimento de intermediários autorizados

Há uma máxima da política difícil de ser remontada à sua origem, pois esta é desconhecida. Apesar disso, essa máxima é uma velha conhecida entre historiadores, cientistas sociais, dentre outros estudiosos, e estabelece o seguinte: não existe vácuo de poder. Retomando a noção de crise do paradigma; enquanto um paradigma passa a ser questionado diante do surgimento das anomalias, os intermediários autorizados, ou seja, a elite doscientistas que endossaram tal paradigma, passa a perder força e reconhecimento entre os pares.

Em contrapartida, posto que não existe vácuo de poder, outros cientistas ou novos intermediários que defendiam teorias que, até então, ocupavam um espaço marginal em relação à ciência normal, passam a galgar espaço e relevância, muitas vezes se realocando no campo como uma vanguarda de um novo paradigma. Como explica Cesarino:

> Diante da incapacidade do paradigma de seguir orientando a prática da ciência normal, uma crise de confiança se instala na comunidade de pares. Essa crise pode se desdobrar na reorganização do paradigma vigente (...) ou em sua suspensão e na abertura de um período de estado de exceção científico. Neste caso, candidatos a paradigma alternativo entrarão em disputa com o anterior e entre si, até que um deles seja abraçado pela maioria da comunidade de pares. (Cesarino, 2021, p. 49)

O uso da noção bourdieusiana de *campo* aqui é interessante, pois o exemplo da filosofia da ciência abordado por Kuhn evidencia o caráter relacional do campo, de constante disputa entre as diferentes forças e a luta pela dominação. No sentido proposto por Cesarino, a disputa é entre a elite científica que dava suporte ao paradigma que está em colapso e os vários outros candidatos ao que ela chama de paradigma alternativo, em busca de tornar-se o paradigma estabelecido. A formulação bourdieusiana de *dominantes* e *pretendentes* ao analisar o mercado dos bens simbólicos, em um sentido muito mais elementar, se aproxima dessa noção de substituição. Para fins de referência, na história da ciência ocidental há algumas mudanças de paradigma que revolucionaram toda a produção de conhecimento e tiveram um forte impacto na forma como todo o mundo social era pensado, como por exemplo a substituição do geocentrismo pelo heliocentrismo – e durou séculos.

Algumas características ressaltadas por Kuhn sobre este processo de mudança são interessantes para refletir sobre a temática desta tese, das quais destaco aqui três: a primeira é o fato de que, assim como Bourdieu descreveu a ascensão do *pretendente* à categoria *dominante*, o novo paradigma estabelecido não descarta o paradigma superado em sua totalidade, isso porque, em qualquer sistema emergente, um novo paradigma não é produzido do zero, "ele produz sua novidade a partir dos elementos e categorias que já estavam dados" (Idem, p. 48). A segunda característica é pontuada por Cesarino ao tratar dos períodos de crise e revolução que, segundo ela, inspiraram Kuhn: a autora afirma que em momentos liminares de crise, o protagonismo frequentemente recai sobre *posições heterodoxas*, que se colocam como alternativa ressaltando características divergentes e contrastantes, apresentando-se como uma possível reorganização bem-sucedida. A terceira característica será aprofundada no próximo capítulo, pois se trata das "sobras" das anomalias que não lograram o sucesso do novo paradigma. Segundo Cesarino, há uma acumulação latente em forma de uma *antiestrutura*, noção que será desenvolvida mais à frente, inserida em um argumento importante que relaciona a teorização de Thomas Kuhn com o contexto político abordado nesta tese.

Enquanto a ciência normal tem a função de descrever de forma objetiva uma relação estável e eficaz entre enunciados e mediadores de diversas ordens, assume também a tarefa de *estabilizar* um registro que pode ser verificado (Cesarino, 2021). O período de crise de confiança pode ser entendido como um período em que os enunciados não estão mais estáveis, sendo seguido, portanto, por um momento de mudança e reorganização, de promessa da instituição de uma nova normalidade amplamente aceita pela maioria da comunidade científica. É claro que essa compreensão requer certo descolamento da noção original de paradigma, pois estamos falando de uma soma de crises que, segundo busco defender aqui, resultou numa crise de paradigmas. Sobre este contexto de suspensão e reelaboração:

> Diferentes realidades parecem proliferar em um contexto de desorganização epistêmica profunda, no qual a comunidade científica e o sistema de peritos de modo mais amplo deixam de gozar da confiança social e da credibilidade que antes detinham, tendo, portanto, sua capacidade neguentrópica significativamente reduzida. (Idem, p. 77-78)

Deslocando a discussão da filosofia da ciência para uma concepção mais ampla de crise de confiança, traçaremos um paralelo entre essa perspectiva histórica da produção do conhecimento científico e as circunstâncias sócio-políticas nas quais esta análise se circunscreve pois, como proposto por Cesarino, "Aqueles familiarizados com a mecânica das irrupções populistas descrita por Laclau (2005) provavelmente notarão muitos paralelos estruturais". No que tange tais circunstâncias sócio-políticas, o período de crise que emerge da transformação nos *tipos de mediação* que desorganizam e reorganizam a produção do conhecimento estabelecido e legitimado resulta no que Liesbet van Zoonen (2012) chamou de *suspeição epistemológica*, que é resultado de um contexto confuso onde os enunciados estão em vias de redefinição e a noção de "verdade" perde seu poder integrador. Isso porque, seguindo a lógica da produção do conhecimento científico, se concebemos a verdade como o "(...) conjunto dos enunciados considerados caros demais para serem modificados" (Latour & Woolgar, 1997, p. 278), no momento da crise do paradigma estes enunciados estão em plena negociação, suscetíveis a serem modificados por qualquer outro mediador vinculado a algum paradigma emergente. Essa, de acordo com Cesarino, é a condição epistêmica alicerce do que ela chama de pós-verdade, mas também pode ser caracterizada como política *fact-free* ou *age of suspicion*.

O argumento defendido por Da Empoli ao tratar do que ele chama dos "engenheiros do caos" se insere neste contexto de incerteza e suspeição que, segundo ele, é capitalizado por figuras políticas populistas que promovem, de maneira estratégica, suas dinâmicas recombinantes vendendo-as como uma reorganização bem-sucedida dos enunciados que estão

em negociação. A capitalização sistemática da incerteza na política é, então, explorada para fins eleitorais, operando como uma metodologia da crise:

> Por trás do aparente absurdo das *fake news* e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida. Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável *vetor de coesão*. 'Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade', escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldbug. (Da Empoli, 2019, p. 23-24. Grifo nosso)

A referência das *fake news* e/ou às teorias da conspiração como ferramentas organizacionais eficazes é bastante interessante, pois, conforme o trecho acima sugere, a noção de verdades alternativas, longe de ter uma conotação negativa que relaciona a descrença pública à fragmentação, pode também ser um vetor de coesão importante diante de um contexto de incertezas. Essas "verdades" são oferecidas como uma dinâmica recombinante de enunciados que geram aderência, não importando, necessariamente, se estas verdades sejam indiferentes à realidade factual. Nas palavras de Han (2021, p. 85), as "Fake news não são uma mentira. Elas atacam a própria facticidade. Desfactizam a realidade.". Nos termos de Cesarino, são formas que os indivíduos têm de reduzir a entropia e reintroduzir alguma continuidade: "A adesão a um novo paradigma só pode ser um ato de *fé*, pois naquele momento seu modelo de normalidade é apenas uma promessa" (Cesarino, 2021, p.51). A narrativa dos paradigmas emergentes não precisa ter, portanto, compromisso com os fatos para obter eficácia simbólica e funcionar como um vetor de coesão, até porque a verdade não é um pré-requisito para a crença; assim como os efeitos de consagração que legitimam a produção de opiniões dos porta-vozes, trata-se de um ato de *fé* por parte dos indivíduos que, inseridos neste contexto desconexo, apelam para um dispositivo integrador (de forma consciente ou não).

5.1.3 A crise no sistema de peritos

Retomando os termos postos no tópico anterior, a crise de um paradigma que até então orientava a ciência normal, provoca o enfraquecimento da confiança nos intermediários que fomentavam tal paradigma. É como se, diante da proliferação de inúmeras anomalias, o lugar de referência e credibilidade destas figuras fosse lentamente minado e gradualmente refutado. Cesarino nomeia este recorte como "crise do sistema de peritos", definindo-a como "a ideologia cientificista da objetividade produzida por especialistas em crise" (Cesarino, 2022, p.22). A importância da figura do perito para o funcionamento da sociedade remonta à necessidade humana de reduzir a entropia diante de um universo de enunciados distintos, a confiabilidade

na legitimidade do perito permite que possamos adotar alguns enunciados sem que haja a necessidade de verificar cada um dos seus pressupostos. Neste sentido, o que permite o avanço do conhecimento é também a confiança depositada em uma comunidade de cientistas que fomentam o paradigma vigente. Esta é, segundo Cesarino, a grande meta-função da ciência nas sociedades complexas: a produção da ordem através da confiança social depositada em um sistema de peritos.

O processo de produção de conhecimento científico seria também um processo de produção de verdades, considerando que há, necessariamente, uma mediação entre os indivíduos e o real, como explica Cesarino:

> Com efeito, décadas de estudos históricos e etnográficos sobre a prática das ciências mostraram que a produção da verdade científica não se dá a partir de uma relação direta entre sujeito e mundo. Passa, antes, por ciclos de credibilidade (Latour & Woolgar, 1997) entre sujeitos que compartilham procedimentos e pressupostos (...) comuns. A verdade é, também aqui, uma relação de confiança social" (Cesarino, 2022, p. 220)

Neste sentido, os procedimentos e pressupostos comuns supracitados seriam, nos termos de Kuhn, os paradigmas; a crise de confiança seria então um estado de exceção científico, onde os paradigmas seriam suspensos.

As instituições que produzem conhecimento desempenham um papel fundamental, tendo sua relevância intrinsecamente ligada à sua credibilidade, tanto entre os seus pares, quanto no que diz respeito à sociedade em geral. É, portanto, fundamental que seus enunciados sejam considerados legítimos, imparciais e passíveis de reprodução, a fim de serem reconhecidas como verídicas. Entretanto, tem se observado um forte movimento de questionamento destes enunciados, podendo até se transformar em negação dos mesmos: desde temáticas relativas à historiografia oficial, como a ocorrência do Holocausto, passando pelo *boom* de terapias médicas alternativas, sintomas da diminuição da confiança pública naquilo que o conhecimento oficial estabelece vêm sendo identificado e estudado na sociedade atual. A socióloga contemporânea holandesa Liesbet van Zoonen (2012) vem se referindo a este estado como uma condição de *insegurança epistemológica*. Segundo ela, tal insegurança diz respeito à falta de confiança nas convenções compartilhadas diante de um contexto em que não se sabe mais identificar o que é verdade e nem em qual fonte é seguro confiar.

A falta de confiança nas convenções compartilhadas vem sendo tema de vários estudos recentes[218], que buscam entender as raízes do negacionismo enquanto a "estratégia de desqualificação deliberada da ciência" (Szwako & Ratton, 2022). Segundo coloca Szwako

[218] Ver: Oreskes e Conway (2010), Szwako & Ratton (2022); Caldeira Neto (2009); Perez Oliveira (2020); Souza Moraes (2013); Corrêa e David (2020).

(2022, p. 40), a contraposição às conclusões evidentes e palpáveis compartilhadas pela comunidade científica tem, na história contemporânea, raízes em três lógicas: o irracionalismo, o instrumentalismo e o populismo. A hostilidade em relação ao consenso científico é recorrente na história, especialmente em momentos de crise; ela aparece relacionada à prática populista também em Szwako, assim como havia sugerido Da Empoli e Cesarino. O livro "Dicionário dos negacionismos no Brasil" (Szwako & Ratton, 2022) reúne mais de 110 verbetes relacionados à noção de negacionismo aplicado a diversos contextos distintos, estabelecendo em sua apresentação um paralelo entre este fenômeno e a ascensão da política populista, a qual é reforçada pela contribuição de Cesarino no livro, que afirma que "a temporalidade do populismo é, por definição, uma temporalidade de crise, na qual estruturas históricas estabelecidas perdem a confiança da base popular, sendo fragilizadas ou parcialmente suspensas" (Cesarino In: Szwako & Ratton, 2022, p. 265). De acordo com essa premissa, "O líder populista irrompe como aquele que irá superar a crise e devolver o corpo político à ordem e à segurança, por meio da renovação total de um sistema visto como irreversivelmente corrompido por elites autointeressadas" (Idem).

Buscando explicar como se dá a relação entre a crise do sistema de peritos com a crise sócio-política que inaugura o populismo, Cesarino resgata Latour, que afirma que a ciência é um dos pilares da Constituição Moderna, para argumentar que uma crise nas convenções compartilhadas da ciência que põe em cheque seu sistema de peritos reverbera em outros campos da produção do conhecimento. Neste sentido, todos os campos que produzem verdades objetivas, como a academia, os institutos de pesquisa e até mesmo as mídias ecoam, ainda que em níveis distintos, as verdades produzidas pela ciência normal. Como explica Cesarino: "Essas instituições e seus peritos têm uma função não apenas simbólica, mas também prática, de produzir conhecimento que oriente a organização da sociedade de forma consequente e planejada (...)" (Cesarino, 2022, p. 227). Isso posto, segundo a autora, a crise de confiança que se origina na ciência é, então, propaganda para as demais estruturas de produção de verdade.

Esta conjuntura de transitoriedade, conforme foi posto no tópico anterior, é capitalizado através de mecânicas específicas das irrupções populistas, que produzem reorganizações epistêmicas que buscam antecipar uma ordem diante da desordem generalizada. É neste contexto que o argumento de Cesarino costura os mecanismos populistas e as ferramentas do mundo digital: segundo ela:

> (...) ao mesmo tempo que abalam a confiança social no sistema de peritos preexistente, as novas mídias propiciam sua transferência para outros mediadores (...) essas emergências podem ou eventualmente se estabilizar num novo 'paradigma', ou

> se mostrar nos conhecidos termos de Gramsci, apenas 'sintomas mórbidos' da crise. (Idem, p. 228)

Ao realizar uma pesquisa entre os apoiadores de Jair Bolsonaro nas redes sociais digitais, Cesarino identificou três estratégias de reorganização epistêmica, as quais têm como objetivo estabelecer procedimentos de verificação da verdade que vão além dos intermediários de controle e dos "procedimentos fixados pelas estruturas neguentrópicas modernas (notadamente, a ciência, a imprensa profissional e as instituições do estado democrático de direito)"(Cesarino, 2021, p.79), quais sejam: (I) a experiência pessoal (II) a bifurcação amigo-inimigo e o que ela chama de (III) elos causais ocultos. Iremos nos debruçar sobre estes conceitos mais adiante, mas é importante pontuar que estas estratégias de reorganização epistêmica correspondem a procedimentos a nível individual, ainda que tenham sidos observados a partir de um grupo. Em outras palavras, a autora identificou a recorrência de um ou mais destes três procedimentos no grupo de bolsonaristas pesquisado, o que não necessariamente corresponde a uma estratégia coletiva. Parte do argumento defendido nesta tese é que, paralelamente a estas estratégias designadas a nível individual, a "abertura caótica dos processos de produção de verdade e sua pulverização por uma paisagem digital em expansão" (Idem, p. 93) viabilizou o surgimento de novas figuras que ofereciam, eles próprios, uma reorganização epistêmica. Neste sentido, discutiremos os três procedimentos identificados por Cesarino a partir da dinâmica de reorganização epistêmica promovida por Olavo de Carvalho, figura que se popularizou a partir de estratégias populistas aplicadas em um ambiente digital em expansão e se estabeleceu como um novo mediador.

5.2 Estratégias de reorganização epistêmica

Neste tópico serão apresentadas as três estratégias de reorganização epistêmica diante da insegurança epistemológica generalizada identificadas por Cesarino em grupos de apoiadores de Jair Bolsonaro estudados pela autora (Cesarino, 2021). Reúne as três estratégias que conceitua e as intitula de tríade epistêmica, onde cada estratégia corresponde a uma escala: a eu-pistemologia corresponde à escala local, o conspiracionismo à escala global e a bifurcação amigo/inimigo de escala de grupo. Ao apresentá-las, discutiremos como elas podem ser identificadas também na estratégia e na retórica olavista, que se coloca como um novo mediador ao reorganizar o ambiente epistêmico de acordo com suas premissas (apresentadas no capítulo dois) e estabelecer a sua relevância enquanto porta-voz e fonte de informação. A primeira estratégia de reorganização epistêmica aqui abordada é o recurso da experiência e subjetividade pessoal como fonte de conhecimento.

5.2.1 I-Pistemology: a epistemologia da experiência pessoal

O historiador e crítico social Christopher Lasch publicou, em 1979, um livro intitulado "A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio" que se tornou *best seller* nos Estados Unidos. Na obra, Lasch se debruçava sobre as origens da normalização do narcisismo patológico na cultura americana do século XX, buscando compreender o fenômeno do autocentrismo que eclodiu na sociedade estadunidense da época. Em suma, Lasch argumentava que o narcisismo adotado por aquelas pessoas era, na verdade, uma ética da sobrevivência, como reação à instabilidade social do País após o fim da guerra do Vietnã. O contexto estadunidense era contrastante: de um lado, assolava um pessimismo crescente, de outro, a explosão da cultura de massa empurrava celebridades ao *status* de figuras a serem cultuadas como objetos de fascínio e adoração. Dentre as características do narcisista identificadas por Lasch, ele relata uma sensação de vazio interior, sentimentos intensos de raiva, delírios de onipotência e uma personalidade baseada em caos e uma intensa impulsividade. Tudo isso relacionado à uma ética de sobrevivência diante de um mundo *hostil* e *ameaçador*: "A ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica está, então, radicada não meramente nas condições objetivas da guerra econômica, nas elevadas taxas de crimes e no caos social, mas na experiência subjetiva do vazio e do isolamento" (Lasch, 1983, p. 77).

O argumento de Lasch se coloca como complementar ao da supracitada Liesbet van Zoonen, que desenvolveu a noção da *epistemologia do eu* para argumentar que, diante de um contexto externo caótico e ininteligível, muitas pessoas realizam a busca pela verdade tendo a sua própria subjetividade, experiências, julgamentos e sentimentos pessoais como fonte. A noção de *I-Pistemology* faz referência ao conceito de *Epistemology*, apresentando-se como uma versão "alternativa": enquanto que a epistemologia encontra fundamentos nas fontes, métodos, etapas do conhecimento para produzir postulados/enunciados, a *eu-pistemologia* busca responder às mesmas questões a partir do *eu* enquanto fonte. Traçando um paralelo com o narcisista de Lasch, é possível afirmar que, a nível individual, esta nova metodologia é posta em prática também a partir de uma ética de sobrevivência diante da incerteza e perplexidade de um mundo hostil e ameaçador, sendo adotada especialmente por indivíduos que procuram fixar metaenquadramentos ou estabelecer certezas em um contexto de insegurança epistemológica latente. Neste sentido, a referência de segurança é a própria experiência individual irrefutável: "como posso acreditar que o planeta está aquecendo se este inverno foi mais frio do que o anterior? ".

Zoonen afirma que vários estudiosos de audiência[219] identificaram que, diante das possibilidades de escolher entre o conhecimento mediado e o conhecimento pessoal, a tendência é que os indivíduos elejam a sua experiência (ou a experiência de pessoas próximas a ele) como mais relevante em detrimento de conhecimentos apresentados através de veículos de mídia, por exemplo. Um destes estudiosos citados por Zoonen afirma, inclusive, que a oposição entre o conhecimento mediado e o não mediado é, até mesmo, desproporcional, pois os veículos de mídia oferecem formas generalizadas de conhecimento que podem nem adquirir significado a nível pessoal (Livingstone, 1999). A nível individual é possível compreender a pertinência deste recurso, porém quando essa prática se expande a nível coletivo torna-se especialmente danosa, e é justamente aí que as redes digitais entram para complexificar a situação.

A própria autora admite, em seu artigo, que a internet seria um grande facilitador no processo de tornar coletivo este recurso, quando reconhece, fundamentada pelos estudos de audiência supracitados, que o uso da experiência pessoal como recurso não é novo. O que há de novo, neste sentido, é o seu alcance nos dias de hoje:

> O que realmente faz uma diferença substancial, no entanto, é que as alegações de verdade provenientes da epistemologia do Eu agora têm plataformas muito mais amplas e intensas do que nunca. A internet é um grande multiplicador que não apenas oferece acesso fácil a todos que desejam expressar sua própria verdade, mas também possibilita conexões mais rápidas entre essas verdades. (Zoonen, 2012, p.9. Tradução nossa)

A transformação identificada pela autora na cultura contemporânea não é, portanto, a individualidade como posição privilegiada para produzir conclusões; o que a autora quer evidenciar são as consequências deste recurso para a esfera social. Neste sentido, ela alerta para o fato de que: "(...) a experiência e as observações pessoais são consideradas como fornecedoras de uma posição de *autoridade* para se expressar, por uma ampla gama de pessoas que participam na cultura política e popular, no consumo de mídias e nas conversas quotidianas." (Zoonen, 2012, p. 6). A questão é que, se cada um fala a partir do seu julgamento subjetivo e a internet fornece plataformas para que estas "verdades individuais" sejam potencializadas e disseminadas, as observações pessoais de cunho subjetivo podem substituir as informações veiculadas pela mídia, conforme ocorreu no caso abordado por Zoonen em seu artigo, sobre a presença do exército estadunidense no Iraque. Zoonen conclui, a partir de um extenso estudo no YouTube, que a plataforma é alimentada majoritariamente de conteúdos que produzem uma "multiplicação de afirmações e negações de verdades individuais", e que estes

[219] A autora cita os estudos de Graber (1988), Gamson (1992) e Livingstone (1999) como exemplos destes estudos de audiência.

conteúdos têm alcance bastante extenso e funcionam como "evidência" para outros indivíduos que, em tese, estão "pesquisando" sobre o tema. A sensação desses indivíduos é que o YouTube os permite acessar "os fatos", justamente pelos conteúdos não serem mediados pela grande mídia. Vale salientar ainda que, conforme aponta Graber (1988) que a relevância das perspectivas pessoais na compreensão de algum fenômeno ou na formação de uma opinião "não são facilmente alteradas ou substituídas, independentemente da (...) cobertura mediática atual, porque repensar e reestruturar as próprias concepções é uma tarefa difícil, muitas vezes dolorosa" (Graber Apud Zoonen, 2012, p. 6). Neste sentido, o impacto do contato com tais conteúdos é bastante extenso, ainda que haja uma posterior retificação.

Outro ponto interessante no artigo de Zoonen é a correlação que ela faz entre a *I-pistemology* e a eclosão do populismo de extrema direita, em especial em alguns países do continente europeu em meados dos anos 2010, quando o artigo foi publicado. Segundo seu argumento, tanto a mídia de massa quanto os populistas evocam fortemente a noção de "povo"; a extrema-direita populista, inclusive, o faz como estratégia de impor suas verdades, colocando-se como representação direta da "voz do povo" como uma fonte de legitimação. De acordo com o estudo citado de Mazzoleni (2003), as mídias formam uma "arena simpática" a atores populistas, especialmente pelo seu apelo à personalização, ao conflito e ao destaque que dão aos "dramas de pessoas comuns". Além disso, há o apelo destas figuras às concepções simplistas da democracia, como a noção de "democracia de baixo pra cima" como um movimento antiautoritário. Em contrapartida, estas figuras populistas ganham destaque enquanto líderes de sucesso, galgando espaço na política.

Apesar da correlação feita pela autora entre populismo e a *I-pistemology*, ela ressalta que a política populista não tem o monopólio desta prática: a perspectiva pessoal como origem de toda verdade também é praticada pelo campo progressista, particularmente através de noções como "epistemologia feminista", "conhecimento situado" ou "lugar de fala"[220].Entretanto, consideramos aqui a prática implementada a partir do sujeito-objeto desta tese: Olavo de Carvalho. O autointitulado filósofo tinha como uma das suas bandeiras a defesa de que o conhecimento deveria ser acessado de maneiras não convencionais, destacando que o sistema escolar era uma estratégia falida. Olavo afirmou, por diversas vezes, ser a favor do *homeschooling* ao argumentar que "a escola do Brasil fomenta o banditismo"[221]. Ao simular

[220] Ver: Rodrigo Perez Oliveira (2020), que constrói uma genealogia da noção de valorização da experiência pessoal como a instituição de um novo regime epistemológico, abordando de maneira crítica a noção de "lugar de fala".

[221] Em: Episódio do True Outspeak do dia 9 de novembro de 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FoQNJ7CMWQ4 (minuto 01:21)Acesso em 30/10/2023.

uma conversa com os seus filhos para justificar a necessidade de frequentar uma escola, ele afirmou que: "Só tem um motivo para vocês (os filhos) irem para a escola: é que se vocês não forem, eles me prendem. Então façam esse favor ao seu velho pai, submetam-se a essa humilhação e a esse risco por mim. Este é o único motivo que eu tenho para você ir pra escola"[222]. Esta simulação, inclusive, se repete muito entre 2009 e 2010, quando Olavo conta diversas vezes essa história, mudando apenas algumas palavras. No episódio do True Outspeak de 27 de janeiro de 2010, ele coloca:

> Os programas da escola privada são exatamente iguais aos da escola pública. Então você pode escolher entre receber lições de ignorância pagando diretamente para o dono da escola ou pagando indiretamente através do imposto, sendo roubado nos dois casos (...) Então, eu acho que o pai mandar a sua criança para a escola é uma coisa terrível. Anos atrás, quando os meus filhos perguntavam: 'pai, porque eu tenho que ir pra escola?'. Eu dizia: 'meu filho, só tem um motivo para você ir pra escola. Você não vai aprender nada, o ambiente é terrível, os professores são tudo vigaristas, mas porque o seguinte: se você não for, o governo vai me pôr na cadeia' (...) Eu não sei de nenhum outro motivo pelo qual você deve mandar uma criança para a escola. (Carvalho, Olavo de. Título: Homeschooling II -trecho do programa True Outspeak do dia 27/01/2010)[223]

Como uma complementação da crítica ao sistema escolar brasileiro e à defesa do *homeschooling*, Olavo oferecia alternativas de projetos pedagógicos aos seus seguidores, como um curso livre de alfabetização do seu aluno Carlos Nadalim o mesmo que foi indicado por ele para a secretaria de alfabetização do MEC durante o governo Bolsonaro)[224]. Além disso, utilizando os termos propostos por Perez Oliveira, Olavo defende uma "agenda epistemológica alternativa" que "prioriza a vivência em detrimento do método" (Oliveira, 2020). Em um texto publicado n'O Globo em 12 de dezembro de 1998, Olavo afirma:

> Acho que a educação deveria ser livre, que cada um deve buscá-la na medida de suas necessidades e *à luz de suas próprias experiências*, e considero uma monstruosidade totalitária que, após proclamá-la um direito, o Estado moderno faça dela um direito obrigatório. (Carvalho, Olavo de. Fórmula da minha composição ideológica. O Globo, 1998. Grifo nosso)[225]

De acordo com Olavo, portanto, o conhecimento produzido através da experimentação do indivíduo "é superior ao conhecimento produzido através do distanciamento metodológico" (Perez Oliveira, 2020, p. 83), sendo um exemplo evidente da *I-pistemology* conceituada por Zoonen, ainda que ele não utilize essa nomenclatura. Neste caso, a crítica que Olavo faz ao sistema de ensino baseia-se no fato de que o ensino formal põe os alunos em contato com

[222] Em: https://www.youtube.com/watch?v=FoQNJ7CMWQ4 (minuto 02:14) Acesso em 30/10/2023.
[223] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3DEfD1LB9Qc (a partir do minuto 02:12). Acesso em 30/10/2023.
[224] Em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/635171813301563/ Acesso em 30/10/2023
[225] Texto integral disponível em: https://olavodecarvalho.org/formula-da-minha-composicao-ideologica/ Acesso em: 31/10/2023.

conhecimento produzido a partir de dados e consensos, indo além da experiência pessoal e da "medida exata das necessidades" dos alunos.

A prática de negar o procedimento científico e/ou as demais formas de construção do conhecimento para além da experiência pessoal foi também adotada por Bolsonaro, que em entrevista ao Jornal Nacional durante a eleição de 2018 sugeriu a eu-pistemologia para retomar fatos históricos: "Eu deixo os historiadores pra lá e peço para os jovens que não viveram aquele período que perguntem aos seus pais e avôs como era melhor viver no regime militar"[226]. Aqui, se repete a estratégia da experiência enquanto autoridade para se expressar sobre um assunto em particular, conforme coloca Perez Oliveira:

> Ao formular sua crítica nesses termos, o candidato denunciou a incapacidade do método histórico em produzir conhecimento verdadeiro, apresentando como alternativa o saber constituído a partir da vivência e do testemunho. O narrador ideal, portanto, não seria o historiador que estabelece com o objeto relação de distanciamento metodológico, mas sim a testemunha, que, experimentando a realidade, teria maior autoridade para narrar, uma autoridade que, em última instância, repousa na dupla presença do corpo: o corpo lá, na cena original dos eventos, e aqui, no momento da narrativa. (Idem, p. 82)

Vale pontuar que, embora o colocado por Perez Oliveira no trecho acima seja importante de ser considerado, há campos de estudos em que o testemunho é utilizado como ferramenta, em especial nas ciências sociais. Na antropologia, por exemplo, o método etnográfico se vale do testemunho do pesquisador, o que demonstra este tipo de instrumento metodológico não é necessariamente incompatível com a produção do conhecimento. Voltando a Cesarino (2021) em sua pesquisa entre os apoiadores de Bolsonaro, a prática do "ver para crer" e o apelo à não mediação se repete. Segundo ela, os conteúdos que circulavam entre os grupos eram, em sua maioria, vídeos gravados por "pessoas comuns", que "pareciam carregar um grau de realidade maior por gerarem a ilusão de uma representação direta dos eventos" (Cesarino, 2021, p. 79-80).

Isso posto, a ênfase na experiência subjetiva individual, ou nos "sentidos imediatos", como coloca Cesarino, é uma característica que liga desde populistas da extrema-direita da Europa à suas versões abrasileiradas, como Jair Bolsonaro. Fundamental aqui é entender que seu guru ideológico, Olavo de Carvalho, já adotava esta prática, associada à oferta de pedagogias alternativas para construção do conhecimento, há algumas décadas. Além disso, é importante ressaltar a capacidade de propagação destas experiências através das redes digitais, que muitas vezes as *transformam em um "fato",* o qual torna-se fonte de uma verdade individual que é generalizada. Por fim, essa prática está profundamente associada à crise no sistema de peritos, sendo uma alternativa diante da crise de legitimidade e credibilidade dos

[226] Em: https://www.youtube.com/watch?v=PwVgWHyWZgg Acesso em 12/10/2023.

paradigmas estabelecidos. Zoonen coloca que, diante de uma situação de elevada insegurança epistemológica, os indivíduos costumam recorrer a duas estratégias: primeiro, se colocam como fontes alternativas de conhecimento e compreensão. A segunda estratégia é encontrar um lugar para direcionar a *culpa*. É sobre isso que a segunda estratégia de reorganização epistêmica identificada por Cesarino diz respeito.

5.2.2 Complotisme: os elos ocultos

Esta segunda estratégia pode ser resumida através de uma expressão bastante conhecida do senso comum: teorias da conspiração. Tais teorias referem-se a narrativas conspiratórias e alarmistas, que reúnem um contingente de fatos, factoides e meias verdades na construção de uma narrativa inflamada, transferindo a um indivíduo ou grupo externo a responsabilidade oculta sobre algo. Uma das teorias da conspiração mais propagadas no ocidente é o Terraplanismo, que agrega pessoas de vários países sob a crença de que o planeta Terra, na verdade, é plano[227]. Um outro exemplo emblemático de teoria da conspiração envolvendo os objetos desta tese foi a narrativa criada por Olavo, ainda em 2020, sobre a pandemia do COVID-19. Em março de 2020, Olavo declarou em um vídeo para o Brasil Sem Medo que a pandemia do COVID-19 era "a mais vasta manipulação da opinião pública que já aconteceu na história humana"[228], após afirmar que "o número de mortes dessa suposta epidemia não aumentou em nem um único caso o número habitual de mortos por gripe no mundo" e concluiu dizendo: "É o mesmo que dizer que essa endemia simplesmente não existe. Na verdade, você não tem um único caso confirmado de morte por Corona vírus. Para confirmar, você precisaria fazer o exame de cada órgão do falecido. Onde fizeram isso? Nunca fizeram nenhum!". Em 12 de Maio do mesmo ano, Olavo publicou em sua conta no Twitter que "O medo de um suposto vírus mortífero não passa de uma historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel"[229].

Para uma teoria da conspiração ser completa e efetiva, é necessário que se eleja um "culpado" dentro da narrativa construída. No caso da teoria de Olavo sobre o COVID, o primeiro movimento de atribuição de um culpado foi feito ao compartilhar um vídeo em seu Facebook que afirmava que o Bill Gates havia patenteado o vírus com o objetivo de produzir

[227] Olavo de Carvalho é um dos que afirmou que "os experimentos que mostram a planicidade das superfícies aquáticas" são irrefutáveis". Em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1260332441539149824 Acesso em 31/10/2023.
[228] Em: https://www.youtube.com/watch?v=n00zVCEYLd8&t=16s Acesso em 31/10/2023.
[229] Disponível em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1260332441539149824 Acesso em 31/10/2023;

uma redução populacional[230]. Posteriormente, um outro culpado foi identificado, este sendo mais e melhor explorado, além de ser mais coerente em relação à narrativa anticomunista, que era tão central às críticas suscitadas por Olavo: o governo chinês. Em publicação no seu perfil do Twitter, Olavo publicou em 3 de abril de 2020[231] que "Só um perfeito idiota pode imaginar que a disseminação do vírus chinês no mundo foi um acidente. Mas o Ocidente está repleto de perfeitos idiotas, diante dos quais os chineses têm um justificado senso de superioridade". O Brasil Sem Medo, inclusive, utilizou amplamente essa expressão para se referir ao COVID-19[232], inclusive há uma categoria de publicações intitulada "vírus chinês" que reúne notícias sobre a pandemia:

Fonte: Reprodução da área exclusiva para assinantes do Brasil Sem Medo, com ênfase à "categoria" da notícia

Não foi apenas o uso da expressão "vírus chinês" que desenhava o governo da China como responsável pela pandemia: sempre abusando dos superlativos, Olavo publicou em 23 de abril de 2020 que "essa campanha para nos 'proteger da pandemia' é o mais vasto e mais sórdido crime já cometido contra a espécie humana inteira"[233]. Dentro da sua narrativa conspiratória, "acovardar a população" e "aceitar a escravidão" eram noções que faziam referência a uma suposta estratégia do governo chinês que buscava impor uma hegemonia comunista a partir da propagação de um vírus letal. A "escravidão" seria, então, a estratégia de isolamento social adotada por inúmeros países como uma forma de diminuir a proliferação e mutação do vírus.

A pregação conspiratória sustentada por Olavo ia de negação total da existência do vírus[234] até questionamentos retóricos e irônicos sobre as suas vítimas[235], o tom da sua narrativa

[230] A publicação original no Facebook de Olavo de Carvalho foi removida pela plataforma por conter informações falsas. Porém, o fato foi documentado por alguns veículos da mídia. Ver: https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/olavo-culpa-bill-gates-por-coronavirus-no-brasil-24218397 Acesso em 31/10/2023.
[231] Disponível em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1246095071109406720 Acesso em 31/10/2023.
[232] Ver, por exemplo: https://brasilsemmedo.com/virus-chines-em-israel-novo-governo-velhos-tiranos/ https://brasilsemmedo.com/pandemia-da-covid-19-comecou-em-wuhan-reconsidera-departamento-de-energia- dos-eua/
[233] Em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1253476523685875718?lang=pt Acesso em 30/10/2023.
[234] Em: https://www.estadao.com.br/politica/guru-bolsonarista-olavo-de-carvalho-mente-que-nao-ha-mortes-confirmadas-por-coronavirus/ Acesso em 31/10/2023.
[235] Em: https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/o-virus-mata-mesmo-as-pessoas-indagou-olavo-em-post-sobre-a-covid-19 Acesso em 31/10/2023.

pautou fortemente as publicações feitas pelo Brasil Sem Medo sobre o tema. Em janeiro de 2021, Olavo teve a sua conta do Twitter desativada temporariamente pela própria plataforma por ter violado a "política de disseminação de informações enganosas e potencialmente prejudiciais relacionadas à Covid-19" após um post[236] em que ironizava o "vírus Mocoronga", questionando se ele "mata mesmo as pessoas ou só as ajuda a entrar nas estatísticas". Em um gesto de ironia mórbida do acaso, o último post feito pela conta pessoal do polemista foi no dia 13 de janeiro de 2022, poucos dias antes do seu falecimento, onde ele recomendava leituras de cunho conspiratório sobre a pandemia[237]. No dia 24 de janeiro do mesmo ano, Olavo morreu aos 74. A nota de falecimento que foi divulgada não informou a causa do óbito, o que, posteriormente, foi confirmado pelo médico particular de Olavo ter sido uma "insuficiência respiratória aguda". Entretanto, a sua filha Heloísa Carvalho confirmou que a causa da morte havia sido complicações resultantes da infecção de COVID-19[238].

Além da função agregadora da teoria da conspiração, que reúne fatos isolados em uma narrativa minimamente "coesa" que oferece não só um metaenquadramento alternativo à realidade posta, como também oferece um "culpado", Cesarino ressalta que há também uma função metacomunicativa, que é central à mecânica do populismo digital: partindo da lógica da economia da atenção, que é uma moeda extremamente cara no ambiente digital, as teorias da conspiração estimulam a manutenção do engajamento com o líder. Como demonstrado acima, essa teoria se estendeu por anos, desdobrando-se em vídeos, posts, textos e outras intervenções,o que foi capitalizado por Olavo através da lógica de compartilhamentos, menções e engajamentos, próprios das redes digitais. Isso posto, Cesarino conclui que as gramáticas conspiratórias permitem que cada indivíduo construa sua versão de narrativa, que "conecta evidências esparsas por meio de uma lógica aditiva, justificando sua incompletude exatamente pelo caráter conspiratório de inimigos que supostamente a conduzem de forma oculta." (Cesarino, 2021, p. 82). A noção de "elos ocultos", então, abre espaço para que a narrativa preencha o que está "oculto" por qualquer significante, como explica Cesarino, "seguindo a mesma lógica da cadeia de equivalência de Laclau (2005): George Soros, China, ONGs, globalismo, Foro de São Paulo, Jorge Paulo Lemann." (Idem).

[236] Em: https://twitter.com/opropriolavo/status/1345427027881504769?lang=pt Acesso em 31/10/2023.
[237] Os títulos dos livros eram: A Verdade sobre a Pandemia, As Mentiras que nos Contam, Vírus e Leviatã e Diário de Wuhan.
[238] Em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/olavo-de-carvalho-morreu-de-covid-diz-filha-do-guru-do-bolsonarismo.shtml ou https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/01/25/filha-olavo-de-carvalho-morte.htm Acesso em 30/10/2023.

Retomando a conceituação realizada por Mahl et al. (2022), o conspiracionismo segue três eixos: o primeiro é a oposição ao mainstream, o segundo é a atribuição da culpa a indivíduos ou grupos (conforme os exemplos citados por Cesarino) e o terceiro é o desvelamento de verdades escondidas. Neste sentido, os indivíduos entendem que, a partir da narrativa conspiracionista, passaram a estar em um lugar privilegiado por conseguir acessar informações que as pessoas normalmente não conseguem, revelando assim informações ocultas. Por fim, definem o conspiracionismo como: "Explicações epistemológicas singulares que refutam explicações oficiais e oferecem, em seu lugar, explicações alternativas para eventos ou práticas que envolvem indivíduos ou grupos que agem em segredo" (Mahl et al. 2020, p. 17).

As narrativas conspiratórias defendidas por Olavo de Carvalho[239], em geral, seguiam uma mesma lógica e confirmavam-se entre si, da mesma forma que culpar o governo Chinês (entendido por ele como "Comunista") por um vírus letal espalhado pelo mundo condiz com a narrativa de que a China busca implantar o regime comunista e que esta seria sua forma de controlar a população a fim de impor a sua hegemonia. É importante mencionar, ainda, que dentre a ampla bibliografia sobre teorias da conspiração, há também alguns estudos que refletem sobre o alcance dessas ideias tendo a internet como plataforma. Dayane Machado et al. realizou uma pesquisa que foi citada pela revista Science[240] sobre a disseminação de desinformação sobre vacinas e imunizantes tendo o YouTube como plataforma. Para a pesquisa, os estudiosos simularam a experiência de um usuário que fazia uma busca ativa por conteúdos relacionados à vacina em português, para entender quais vídeos o algoritmo da plataforma direcionava a busca após o fim do primeiro vídeo. A pesquisa identificou um altíssimo número de vídeos contendo desinformação, os quais tinham muitas visualizações (inclusive mais do que os que não continham informações falsas) e contavam com anúncios e propagandas, apesar de a plataforma ter afirmado que havia desmonetizado vídeos contendo desinformação. Esses vídeos versavam, em sua maioria, sobre um dos tópicos: ingredientes "perigosos" nas vacinas, correlacionam as vacinas com o surgimento de doenças ou efeitos colaterais ou defendiam a imunização através de terapias alternativas. O "culpado" variava desde a indústria farmacêutica até o governo Chinês, conforme as ideias conspiratórias

[239] Uma reportagem assinada por Jean-Philip Struck e publicada pela Deutsche Welle resume algumas das teorias conspiratórias elaboradas por Olavo de Carvalho. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/an%C3%A1lise-olavo-de-carvalho-o-pioneiro-das-modernas-fake-news-no-brasil/a-60552270 Acesso em 31/10/2023.

[240] Ver: https://www.science.org/content/article/antivaccine-videos-slip-through-youtube-s-advertising-policies-new-study-finds Acesso em 31/10/2023.

defendidas por Olavo. Por fim, a terceira estratégia de reorganização epistêmica descrita por Cesarino tem relação com um efeito específico do pertencimento de alguns indivíduos a grupos isolados ou segmentados: a adesão a certos argumentos considerando a fronteira entre amigo e inimigo.

5.2.3 A fronteira entre amigo-inimigo e a ênfase no emissor

Esta última estratégia é também a mais simples de ser compreendida, considerando que esta prática é bastante comum ou quase instintiva ao estabelecer procedimentos de verificação da verdade. Neste caso, o conteúdo da mensagem não é tão importante, ou seja, não é necessário que haja fatos ou convencimento, mas o que importa é o emissor da mensagem: se este emissor for alguém que considero inimigo, a mensagem é imediatamente classificada como falsa. Em contrapartida, diante da crise de confiança social no sistema de peritos, é muito comum que a informação que chegue até mim a partir de um emissor que faça parte de algum grupo de confiança (como por exemplo a família), seja classificada enquanto *fato* ou informaçãoverídica. Essa é a lógica que ajuda a explicar, por exemplo, a dinâmica dos "grupos de família"no *Whatsapp*, onde pesquisas apontam que surgem e circulam um contingente enorme de notícias falsas e desinformação[241]. As pesquisas mostram, ainda, que a chance de compartilhar informações que foram recebidas a partir deste grupo de confiança, ainda que sem nenhum mecanismo de checagem, é enorme, o que faz com que haja uma rápida distribuição das informações falsas ou enganosas.

Essa formulação remete às definições feitas por Ernesto Laclau na sua obra "A Razão Populista", publicada originalmente em 2005, ao tratar da lógica de antagonismo intrínseca ao populismo, onde um grupo político que se reúne sob a égide de "povo" se define a partir da oposição a um outro grupo (que pode ser o da "elite" ou apenas do "inimigo"). De acordo com Laclau, essa dinâmica de construção do inimigo é fundamental para a construção da própria identidade populista e sua subsequente mobilização, em que a figura do inimigo é uma parte central à sua retórica. Laclau também enfatiza que as fronteiras entre amigo-inimigo são demarcadas de maneira mais firme em momentos de crise política e polarização: nestecontexto, demandas e interesses heterogêneos são reduzidas em detrimento de um antagonismo

[241] Ver a pesquisa realizada pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP realizada em 2018: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257

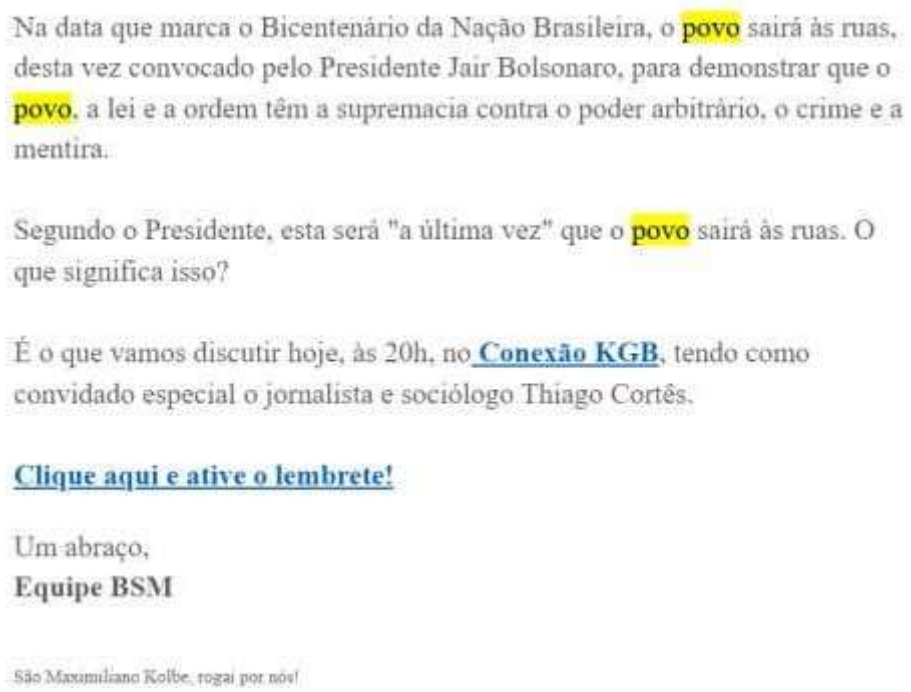
fundamental à criação das identidades, neste caso, condensado em um denominador comum que seria o significante vazio (amigo-inimigo) que produz uma fronteira de oposição[242].

A segunda frase do primeiro discurso de Jair Bolsonaro enquanto presidente eleito foi: "Nunca estive sozinho. Sempre senti a presença de Deus e a força do povo brasileiro"[243]. Desde este primeiro momento é possível observar o esforço discursivo para universalizar os particulares: o apelo à noção de "povo brasileiro" é uma ferramenta comum no populismo que tem como objetivo constituir uma coletividade, como explica Laclau, enquanto "um ator histórico a partir de uma pluralidade de situações antagônicas" (Laclau, 2013, p. 187). De acordo com Mendonça (2022), esta ferramenta foi amplamente utilizada por Bolsonaro desde a sua primeira campanha eleitoral, quando ele o utilizava como "ponto nodal" do discurso:

> A noção de povo é uma forma de constituir a unidade de um grupo; emerge por meio do surgimento de demandas sociais que passam de meras solicitações a demandas. O populismo na verdade constrói o próprio grupo. A representação de uma totalidade por apenas uma parte significa que a sociedade foi efetivamente dividida em dois campos, o que Laclau chama de ―uma divisão antagônica da sociedade. A pluralidade das demandas sociais do lado popular (lado dominado dessa dicotomia) é o que passa a representar a identidade global. A noção de uma identidade popular é o que move a identidade de grupo além de meros sentimentos vagos de solidariedade (Laclau, 2013). (Mendonça, 2022, p. 51)

Na comunicação enviada pela "Equipe BSM" para os seus leitores assinantes, a noção de "povo" foi utilizada em diversos momentos como este ponto nodal, confirmando o alinhamento com a prática populista. Fosse para convocar a população (dando sempre um ar de totalidade, claro) para a manifestação, ou até mesmo para traçar um limite distintivo entre aqueles que iriam para a manifestação do "restante" da população brasileira, a noção de "povo" era sempre construída a partir de um referencial próprio. Observemos um trecho desta comunicação do editorial enviado em 26 de julho de 2022:

[242] Vale salientar que o primeiro autor a articular a lógica entre amigo-inimigo como forma de explicar uma dinâmica política que é relacionado ao fascismo foi o alemão Carl Schmitt em sua obra "O Conceito de Política" (1927).
[243] Em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/integra-discurso-de-jair-bolsonaro-apos-vitoria-eleitoral.ghtml Acesso em 04/12/2023.



Na data que marca o Bicentenário da Nação Brasileira, o povo sairá às ruas, desta vez convocado pelo Presidente Jair Bolsonaro, para demonstrar que o povo, a lei e a ordem têm a supremacia contra o poder arbitrário, o crime e a mentira.

Segundo o Presidente, esta será "a última vez" que o povo sairá às ruas. O que significa isso?

É o que vamos discutir hoje, às 20h, no **Conexão KGB**, tendo como convidado especial o jornalista e sociólogo Thiago Cortês.

Clique aqui e ative o lembrete!

Um abraço,
Equipe BSM

São Maximiliano Kolbe, rogai por nós!

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 26/07/2022

É interessante ressaltar a frase citada do então presidente: "a última vez que o povo sairá às ruas", em referência à frase proferida: "Nós somos a maioria, nós somos todos do bem (…). No 7 de Setembro, vamos às ruas pela última vez"[244], que por sua vez remetia à ameaça de ditadura comunista frequentemente proferida por Bolsonaro quando abordava a possibilidade da vitória de Lula nas eleições. Apesar de ter sido eleito por um percentual que representa menos da metade da população brasileira, é interessante observar que, quando o BSM, assim como o próprio Bolsonaro, tratava de "povo" em suas comunicações, referia-se sempre aos seus eleitores e apoiadores, assim como fez desde o seu primeiro discurso quando eleito.

Nesta outra comunicação enviada por e-mail à base de assinantes em 25 de maio de 2021, mais uma vez, o "povo" que sai às ruas é um coletivo de apoiadores do então presidente:

[244] Trecho do discurso proferido em 24 de julho de 2022, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_WBDNZbTyUY Acesso em: 04/12/2023.

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

O sistema não consegue frear Motonaro. Mais uma vez, o povo saiu às ruas para apoiar o presidente e mandar uma mensagem clara ao STF e à CPI da Covid. Em desespero, Renan, a esquerda e a mídia insistem em adjetivar o governo com os rótulos de fascista, nazista e genocida, revelando assim que não estão preocupados com saúde coisa nenhuma, mas apenas em derrubar Jair Bolsonaro.

Enquanto isso, crescem as evidências de que o vírus chinês foi realmente produzido dentro do Laboratório de Wuhan, o governo português cria uma agência oficial de censura e o depoimento de Carlos Gabas pode apontar o

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 25/05/2021

Ainda neste mesmo e-mail, o editorial cita alguns termos mobilizados pela "esquerda e a mídia" para adjetivar o governo conservador. Mais uma vez, o coletivo caracterizado enquanto "povo" trata-se dos apoiadores do governo que vão às ruas em seu apoio, como se houvesse uma delimitação discursiva que distinguisse o "povo legítimo" dos demais. É sabido que há uma distinção populista clássica que separa em grupos distintos a elite e a "massa", a qual é mobilizada por líderes populistas que se colocam ao lado do "povo". É interessante perceber, entretanto, os malabarismos discursivos realizados pelo veículo para combinar as noções de acordo com os anseios deste "povo": ora há uma crítica contundente à classe política, ora há um apoio inconteste a candidaturas conservadoras; ora há a defesa da pauta neoliberal, ora há a defesa das pautas morais em âmbito coletivo; ora há menções ao 'povo brasileiro' enquanto coletivo, ora o 'povo brasileiro' é reduzido aos apoiadores do então presidente. O cerne disso é que, de fato, a configuração atual da estratégia populista é muito mais fluida do que na visão mais clássica do termo, como já havia sugerido Parzianello (2020).

É importante destacar, ainda, que as menções à mídia tradicional estão sempre relacionadas à esquerda política, além da história conspiracionista no segundo parágrafo, que foi amplamente reproduzida pelos veículos da "mídia alternativa" e, consequentemente, adotada por um grande número de pessoas. Neste sentido, embora o exemplo dado no início deste tópico para definir as fronteiras de amigo-inimigo tenha sido um grupo de família, é

possível estender a mesma lógica para outros grupos que são classificados como “de confiança”, como grupos (digitais ou não) da igreja, do trabalho, entre outras instâncias de sociabilidade que são relevantes intelectual ou afetivamente para o indivíduo. Por outro lado, o contrário também se estabelece: toda informação que vier do grupo antagonista, ou dos “inimigos”, é considerada falsa e é classificada automaticamente como indigna de confiança. Neste sentido, não interessa ao indivíduo *o que* está sendo falado, tampouco as *fontes* de informação a partir das quais o emissor se baseou; estando este emissor dentre algum grupo antagônico, a mensagem não é apenas desconsiderada, como também rotulada como “falsa”.

5.3 Olavo de Carvalho como um novo mediador

Retomemos a definição de realidade pensada por Latour e Woolgar: a realidade nada mais é que o “conjunto dos enunciados considerados caros demais para serem modificados” (Latour & Woolgar, 1979 In: Cesarino, 2022, p. 228). Considerando tudo o que foi anteriormente posto sobre as redes digitais e a internet diante de uma crise da legitimidade dos peritos, é possível afirmar que, atualmente, qualquer enunciado é passível de ser discutido, retificado ou até mesmo alterado a custos muito baixos. Conforme apontou Han:

> Hoje, qualquer um que tenha acesso à internet pode construir seu próprio canal de informação. A tecnologia digital da informação é capaz de baixar os custos de informação a quase zero. Com pouco esforço, é possível de modo rápido e sem custos criar uma conta no Twitter ou um canal no YouTube. (Han, 2022, p.41).

É o que se vê, por exemplo, diante do progresso de ideias conspiracionistas defendidas pelos Terraplanistas ou os Anti-vaxx, os quais se aproveitam da arquitetura das redes e dos algoritmos para difundir seus argumentos através de vídeos produzidos sem fundamentação científica, incorporando um enorme contingente de adeptos às suas teorias. Em referência à obra de Naomi Oreskes e Erik Conway (2010), Cesarino atesta que “Na esteira do colapso de contextos entre ciência e outras esferas, proliferam nichos de mercados para novos ‘mercadores da dúvida’” (Idem).

Diante de uma conjuntura de crise de confiança generalizada, em que a legitimidade do sistema de peritos oscila, é comum que os indivíduos procurem formas alternativas de delimitar os contornos da “realidade”, muitas vezes se utilizando de estratégias como a eu-pistemologia, teorias conspiratórias ou relacionando o crédito/descrédito ao emissor, como visto acima. Paralelamente a estas tentativas, novos mediadores emergem buscando reorganizar o sistema epistêmico. Acerca destes novos mediadores, Cesarino afirma que:

> Ao mesmo tempo que abalam a confiança social no sistema de peritos preexistente, as novas mídias propiciam sua transferência para outros mediadores- afinal, é impossível para a cognição humana viver no caos. Essas emergências podem ou eventualmente se estabilizar num novo 'paradigma', ou se mostrar, nos conhecidos termos de Gramsci, apenas 'sintomas mórbidos' da crise. (Cesarino, 2022, p.228)

No que tange Olavo de Carvalho, argumentamos aqui que ele desponta como novo mediador, buscando deslocar a confiança social para um outro lugar e, com isso, produzir crenças. Dentre os novos mediadores, destacam-se os pseudocientistas, influenciadores, *coaches* e gurus; destas figuras, emergem formas distintas de organização coletiva que "diferem dos modelos de reconhecimento universal privilegiados pelo sistema preexistente" (Idem, p. 242), ou seja, dos paradigmas até então estabelecidos. Cesarino destaca, ainda, que: "Menos importante que seu conteúdo é sua capacidade de *produzir uma comunidade* de destino na qual os indivíduos se sintam seguros e confiantes: nos termos de um dos slogans do QAnon, que aonde um vá, todos vão" (Idem. Grifo nosso).

Em outras palavras, figuras como Olavo de Carvalho reúnem indivíduos e formam uma verdadeira comunidade a partir da lógica do amigo/inimigo, aproveitando-se do "vácuo" resultante do enfraquecimento dos intermediários autorizados para produzir crenças e verdades. Nesta conjuntura, "(...) fato e ficção passam a ser recombinados de novas formas, com a última englobando o primeiro. Assim, quem vende melhor suas estórias, consegue levar *seus fatos* mais longe." (Idem, p. 225.Grifo nosso). O exemplo apresentado por Cesarino foi a produtora Brasil Paralelo, que vem investindo muito na produção de filmes e séries pretensamente documentais que apresentam uma versão alternativa da historiografia oficial, mas poderia ser também um esforço discursivo e narrativo empregado pelo jornal Brasil Sem Medo para emplacar a sua versão dos fatos.

A arquitetura das redes digitais garante o acesso rápido e de baixíssimo custo aos fatos e verdades que, de acordo com tais novos mediadores, as elites midiáticas, políticas e intelectuais insistem em manter ocultas. Nesta esteira se dá a "eficácia de muitos movimentos que proliferam digitalmente" (Idem, p. 243), dando ao usuário das redes a possibilidade de transitar entre dois mundos:

> (...) um mundo visível, de superfície, e um mundo oculto, subterrâneo. Como no filme Matrix, esse trânsito é uma operação cognitiva: uma vez tomada a pílula vermelha, os usuários passam a transitar pelo *mesmo* ambiente da sociedade dominante, porém agora com a perspectiva correta sobre o que *realmente* estaria por detrás dos acontecimentos. Essa operação encontra variações em outros segmentos, como o cristão, por exemplo no onipresente João 8:23. (Cesarino, 2022, p. 243)

A referência bíblica feita pela autora, inclusive, foi um dos slogans usados por Bolsonaro durante a sua campanha e seu mandato: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Neste imbróglio, "fica cada vez mais fácil para 'mercadores da dúvida' (Oreskes e Conway, 2011) agirem deliberadamente no sentido de impedir a formação de consensos científicos em áreas de seu interesse" (Idem, p.227); a abertura dos processos de produção de verdade possibilita não só a manipulação dos fatos, mas a criação de *fatos alternativos* e assimilação

por grande parte da sociedade. Neste caso, usando como referência uma expressão em inglês, o indivíduo pode selecionar os fatos à mão -como quem colhe cerejas- para fundamentar qualquer opinião que ele tenha.

As narrativas produzidas por novos mediadores como Olavo de Carvalho ou o Brasil Paralelo têm um impacto substancial nos grupos que os elege como porta-vozes, impacto este que ficou mais visível durante as eleições presidenciais de 2018 e, ainda mais fortemente, de 2022, quando grupos diferentes recebiam informações da ordem do dia completamente diferentes entre si, o que reforçava ainda mais a fronteira entre amigo e inimigo e, por fim, as crenças nos *fatos alternativos*. Basta imaginar que uma grande parte do Brasil tinha certeza de que a eleição presidencial de 2022 havia sido fraudada e que o sistema eleitoral brasileiro havia sido hackeado, chegando ao extremo de se reunir em um quartel general do exército e invadir edifícios governamentais e depredar diversos ambientes. Cesarino afirma que a desestruturação do estado social tem correspondido à fragilização de estruturas epistêmicas como o sistema de peritos e a mídia tradicional. Essa tendência, em última instância, tem o potencial de levar ao que ela chama de dupla torção dos enquadramentos conspiratórios: "(...) um descolamento da visão de realidade prevalente na sociedade e uma abertura de uma nova camada do real (o *rabbit hole*) codificada apenas pelo reconhecimento bifurcado (se vem do campo do amigo é fato; se vem do campo do inimigo é falso)" (Idem, p.226).

A esta altura da discussão, o leitor pode estar se questionando sobre os motivos pelos quais destacamos aqui a figura de Olavo de Carvalho, dentre tantas outras figuras que se colocam como novo mediadores entre indivíduo e "realidade" no ambiente digital. Além das questões que o relacionam com a política nacional abordadas no capítulo 3, o pioneirismo de Olavo ao se inserir no Mercado de opiniões político-ideológicas, adaptando-se, com o passar dos anos, à arquitetura das redes digitais também deve ser considerado. O polemista buscou focar sua carreira em ambientes que eram ignorados por grande parte dos intelectuais, construindo ali uma sólida base de leitores que, posteriormente, se converteram em seguidores e alunos. Há registros[245] que afirmam que Olavo liderava um fórum online no fim dos anos 1990 que reunia conservadores, antes mesmo das redes sociais serem criadas. Na medida em que passava a ser *persona non grata* nas redações dos grandes veículos, Olavo expandia a sua atuação; a partir de 2002 através do Mídia Sem Máscara; a partir de 2004 começava a reunir os seus leitores através do Orkut. Conforme aponta Hussne:

[245] Ver: https://www.dw.com/pt-br/an%C3%A1lise-olavo-de-carvalho-o-pioneiro-das-modernas-fake-news-no-brasil/a-60552270 Acesso em 01/11/2023.

> Enquanto no início dos anos 2000 muitos ainda acreditavam na ingênua utopia de que a internet poderia ser uma plataforma para uma revolução democrática, outros já haviam percebido seu potencial para veicular teorias, sem passar pelo crivo da opinião pública. Olavo foi o pioneiro no mundo virtual, vislumbrando — muito antesdas redes sociais se tornarem virais — toda força do espaço que se tornaria decisivo para a política global uma década mais tarde. (Hussne, 2020, n.p)

Neste sentido, a relevância que confere a Olavo de Carvalho o *status* digno de ser um objeto de estudo sociológico foi sendo construída aos poucos, ao longo das décadas e à margem dos grandes veículos de mídia. Através do seu trabalho, os contornos do que chamamos de Olavismo foram sendo definidos, e as suas ferramentas foram se multiplicando e se profissionalizando: podcasts, livros, documentários, cursos, canais no YouTube, listas de transmissão e até um jornal diário. De porta-voz de um grupo, Olavo se estabeleceu como um novo mediador estabelecido na dinâmica das redes digitais, desenvolvendo um léxico próprio, restabelecendo limites do que é aceitável na esfera pública, articulando-se com figuras públicas importantes e criando uma verdadeira comunidade de leitores, seguidores e alunos. Enquanto novo mediador, era um verdadeiro vetor de coesão, sistematizando estratégias de reorganização epistêmica (assim como Cesarino observou no grupo de Bolsonaristas, porém em um nível coletivo), oferecendo ao seu público narrativas "empacotadas" que serviram de diretriz para orientar o seu exército, organizando e capitalizando, por fim, a segmentação das redes.

Contudo, a mobilização das redes pareceu não ser suficiente para Olavo. Segundo ele mesmo publicou nos últimos meses de vida[246], "sem um longo trabalho de base nem as Forças Armadas em peso podem levar este país a dias melhores sem o risco de um retorno cruel à desordem e à roubalheira". Sendo assim, Olavo dedicou-se a outros aparelhos de divulgação das suas narrativas, passando à formação de pessoas no seu próprio pensamento, através do que chamou de maior esforço para o "resgate cultural e intelectual da história do Brasil": o seu Curso Online de Filosofia. Isso posto, no próximo capítulo retomaremos a ideia introduzida de que há um projeto olavista de revolução conservadora, cujo objetivo é retomar a hegemonia através da esfera cultural. Esta hipótese é relacionada à noção de guerra cultural, que mobilizada nesta tese por ajudar a "(...) situar conflitos e antagonismos políticos no terreno das disputas públicas em torno de sentidos, discursos, crenças, sistemas de valores, dentre outras instâncias que estruturam a vida social." (Lage & Saraiva, 2021, p. 127). A noção de guerra cultural será aprofundada no próximo capítulo, onde também nos dedicaremos a apresentar e defender o argumento de que os outros aparelhos mobilizados por Olavo de Carvalho e seus seguidores fazem parte de um esforço de dar subsídios à revolução conservadora.

[246] Fonte: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/563424-olavo-de-carvalho-o-parteiro-da-nova-direita-que-diz-ter-dado-a-luz-flores-e-lacraias Acesso em 01/11/2023.

CAPÍTULO 6
Disputa de sentidos e a Guerra Cultural

Mencionar a noção de "guerra cultural" é partir de uma metáfora para tratar de disputas políticas que não envolvem, necessariamente, o emprego da força bruta, mas se refere a batalhas travadas na esfera cultural. Uma guerra é constituída de lados divergentes que disputam uma posição de hegemonia, no caso aqui proposto, inclusive no que diz respeito aos sentidos: neste contexto, instituições de produção e circulação de sentidos ganham destaques, como as mídias analógicas ou digitais.

Em uma advertência no início do seu livro "Guerra Cultural e Retórica do Ódio" (2021), que será fundamental para a análise apresentada neste tópico, João Cezar Rocha ressalta a natureza dispersa da noção de Guerra Cultural[247] na literatura das ciências sociais, justamente por tratar-se de um fenômeno "transnacional e meta-histórico". Considerando isso, é compreensível que se façam escolhas para abordar teoricamente o conceito; neste tópico, retomaremos essa noção partindo do discurso mobilizado por Olavo de Carvalho, o qual, vale salientar, fundamentou-se fortemente em Antonio Gramsci. O filósofo italiano, bastante conhecido não apenas por seus escritos sobre teoria política, como também pela sua atuação no Partido Comunista Italiano, lançou, através das suas ideias sobre cultura, hegemonia e luta ideológica, bases importantes para compreensão do que hoje se entende como "guerra cultural". De acordo com o filósofo marxista, o poder não é mantido apenas através da coerção física, mas também e num nível mais sofisticado, através da "hegemonia". Em outras palavras, a estratégia das classes dominantes para garantir a manutenção do seu poder passava necessariamente pelo âmbito simbólico em que, através da disseminação da sua visão de mundo e dos seus valores culturais, tais classes dominantes tornavam os seus sistemas de crenças, valores e normas hegemônicos, legitimando, assim, o seu domínio.

Este conjunto de noções desenvolvidas por Gramsci foi central à leitura marxista do campo político, pois, em poucas palavras, evidenciava que a luta política não era apenas uma luta de classes, mas sobretudo uma luta pela hegemonia cultural. Ou seja, se a hegemonia é o processo através do qual as classes dominantes mantêm e legitimam o seu poder sobre os demais estratos da sociedade, a disputa por uma influência cultural e ideológica é uma

[247] A noção de "Guerra Cultural" é atribuída a origens distintas, dentre as quais uma das mais populares remonta ao livro "Culture Wars", escrito pelo sociólogo estadunidense James Davison Hunter e publicado em 1991. O termo, assim como abordado pelo autor, remete à relação de disputa entre uma visão de mundo conservadora/tradicionalista e uma visão mais progressista, que promovem entre si uma batalha cultural. Apesar da similaridade, nos voltaremos aqui para o conceito conforme as bases lançadas por Gramsci, considerando que este fora mobilizado por Olavo de Carvalho.

estratégia fundamental de luta política, pois o grupo que consegue "tomar as rédeas" da esfera cultural passa a ter uma ampla vantagem na disputa pelo poder e pela hegemonia. Em síntese, partindo de Gramsci e suas noções de hegemonia cultural e luta ideológica, uma compreensão moderna de Guerra Cultural seria, portanto, a disputa para influenciar e moldar o sistema de crenças, valores e normas culturais hegemônicas.

Entretanto, houve historicamente um forte movimento de apropriação das ideias desenvolvidas por Gramsci por parte de figuras ligadas à direita: é o que Vasconcelos (2022) chama de "*gramscismo de direita*". Vasconcelos desenvolve este conceito em referência ao movimento encabeçado pelo filósofo francês Alain De Benoist, um dos fundadores da Nova Direita francesa, que tinha como objetivo "retirar a extrema-direita do gueto" (Vascolcenlos, 2022, p. 213) através da priorização da inserção das ideias de direita nos meios culturais em detrimento da ação política puramente partidária. De acordo com o autor, esta estratégia da Nova Direita é inspirada também por Julius Evola[248], e passa a se chamar "metapolítica" a partir do estabelecimento de uma "guerra cultural" contra a esquerda, em especial a esquerda marxista. A *metapolítica* enquanto estratégia política mobilizada pela extrema-direita evidencia, portanto, que esse grupo não apenas está ciente do conteúdo produzido pelos teóricos marxistas, mas, na realidade, *integra* esse conteúdo em sua síntese, embora o faça a partir de um repertório político oposto.

No que tange o contexto brasileiro, Olavo de Carvalho foi uma figura notável na apropriação das ideias de Gramsci para compor a sua síntese. Um exemplo concreto disso é que, dentre os 4 livros mais vendidos[249] da obra de Olavo, há 318 referências nominais a Antonio Gramsci, de acordo com as citações contabilizadas por Puglia (2018). O livro "A Nova Era e a Revolução Cultural", abordado anteriormente no capítulo 2, é o que marca de forma pungente a mobilização da teoria gramsciana na construção do quadro interpretativo olavista. O argumento central é o mesmo articulado por De Benoist na Europa: a ideia que "As direitas políticas haviam abandonado o campo cultural-intelectual à esquerda marxista" (Taguieff, In: Vasconcelos, 2022, p.214), e que havia a necessidade de implantar uma "contracultura de direita" e reestabelecer uma hegemonia cultural a fim de retomar o poder. Seguindo a lógica

[248] O filósofo italiano Julius Evola havia sido citado anteriormente nesta tese ao tratarmos do Tradicionalismo. As ideias de Evola tiveram eco no desenvolvimento do regime fascista italiano.

[249] Quais sejam: O Jardim das Aflições: de Epicuro à Ressurreição de César - Ensaio Sobre o Materialismo e a Religião Civil (1998); O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota (2013); O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras (1996); e A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci (1994).

proposta por Olavo, que se tornou consenso entre outros nomes da direita brasileira[250], as últimas quatro décadas da história política do Brasil foram exortadas pela conquista da hegemonia do plano político e cultural por parte da esquerda; o argumento, que na época da publicação do "A Nova Era e a Revolução Cultural" (1994) parecia fraco, se fortaleceu e ganhou adeptos, especialmente a partir da primeira eleição de Lula em 2002.

No início do livro lançado em 1994, Olavo já argumenta a forma como, segundo ele, a direita fora "banida da cultura nacional":

> A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada e se dedicou, em silêncio, a uma revisão de sua estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci (...) Com Gramsci ela aprendeu que uma *revolução da mente deve preceder a revolução política*; que é mais importante *solapar as bases morais e culturais do adversário* do que ganhar votos; que um colaborador inconsciente e sem compromisso, de cujas ações o partido jamais possa ser responsabilizado, vale mais que mil militantes inscritos. Com Gramsci ela aprendeu uma estratégia tão vasta em sua abrangência, tão sutil em seus meios, tão complexa e quase contraditória em sua pluralidade simultânea de canais de ação, que é praticamente impossível o adversário mesmo não acabar colaborando com ela de algum modo, tecendo, como profetizou Lênin, a corda com que será enforcado. A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos. (Carvalho, 1994, p. 4. Grifos nossos)

A importância da "revolução da mente" que precede a revolução política também foi percebida e priorizada pelo ícone de Olavo, Steve Bannon. De acordo com Da Empoli (2019), Bannon foi pioneiro entre os novos populistas a pôr em prática a máxima que "*politics is downstream from culture*"[251]. Seguindo os passos de Andrew Breitbart, Bannon transformou o *Breitbart News* em um ponto de convergência para o que ficou conhecido como nova direita estadunidense, reunindo conspiracionistas, nacionalistas, militaristas ou indivíduos que eram mobilizados pela raiva de não se verem representados na esfera política. Este grupo, ainda que heterogêneo, se reunia sob a égide da guerra cultural contra as pautas progressistas nos Estados Unidos, discorrendo sobre temas centrais ao debate do País, mas sob uma ótica moral (ainda que se vendesse como isenta), tais quais a temática da imigração, dos direitos civis, do livre-comércio, entre outros. A estratégia incluía também o destaque às notícias e discursos que se relacionavam com as pautas da guerra cultural, como o terrorismo, problemas de imigração, a crise dos valores tradicionais, dentre outras pautas, "tudo no esquema mais geral de uma única grande batalha contra o establishment" (Idem, p. 100).

Em paralelo, Bannon financiou *think tanks* que pesquisavam sobre "os malefícios do *establishment*", mobilizou blogueiros e *trolls* para pautar debates nas redes sociais e expor

[250] Vasconcelos (2022) cita que esta perspectiva foi compartilhada por nomes como Rodrigo Constantino, Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé.
[251] Na tradução brasileira do livro: "a política deriva da cultura" (DA EMPOLI, 2019, p. 29).

pontos de vistas conservadores (Da Empoli, 2019, p.28-29). Além desta atuação junto ao *Breitbart News*, Bannon levou seu programa para uma outra esfera muito importante para a construção simbólica: a arte. Em Hollywood, Bannon esteve à frente da produção de filmes e documentários que versavam sobre "o espírito americano, o choque de civilizações e a alternância de gerações que, assim, modelam a História e determinam o curso dos acontecimentos" (Idem, p.29). A importância dessas iniciativas não está ligada, de fato, à esfera de produção artística, mas na capacidade de tais produções inserirem opiniões político-ideológicas dentro de uma narrativa coerente e pretensiosamente desinteressada.

Em uma entrevista publicada em março de 2020 pelo Brasil Sem Medo[252], em que Fábio Gonçalves entrevistava Cristian Derosa (ambos autores do Jornal) no auge do otimismo do recém eleito governo, o entrevistador ressalta a importância da onda conservadora para mudança de rumos no Brasil:

> O retrato cultural do Brasil contemporâneo é o de uma terra arrasada. Daquilo que *a esquerda produziu* durante as últimas três décadas, *tempo em que figurou hegemônica nos espaços de formação intelectual e difusão de cultura*, quase nada parou em pé após a grassante 'onda conservadora' – *que, antes de ser política, com o advento do Bolsonaro, já era cultural, através do trabalho do filósofo Olavo de Carvalho*. Daí que a música, o cinema, a literatura, os programas de entretenimento, a opinião dos especialistas tenha sido colocada em xeque. Percebeu-se – uns mais, outros menos – a cultura como um instrumento panfletário à serviço do grupo político que nos levará à ruína social, econômica, e – por que não – psicológica. (Gonçalves, 2020. Grifo nosso)

A referência sempre presente da aliança entre a teoria ideológica massificada por Olavo à prática política protagonizada por Bolsonaro figura, então, como a receita perfeita para a retomada da hegemonia. A centralidade dos espaços de produção e disseminação de sentidos é percebida pelo autor como estratégia a ser seguida para transformar o retrato cultural do Brasil a partir dos princípios conservadores. Essa entrevista é um importante registro do otimismo conservador diante da eleição do governo federal, é também fundamental para contextualizar a leitura que os autores do BSM faziam do seu papel enquanto veículo de comunicação de massa.

A estratégia olavista de retomada da hegemonia já fora abordada anteriormente no capítulo 2 desta tese, quando apresentamos trechos de textos e falas de Olavo de Carvalho que evidenciavam que as suas intervenções e críticas ao que ele entende por *establishment cultural de esquerda* partiam da teoria gramsciana. Neste tópico, nos voltaremos especificamente à

[252] Disponível em: https://brasilsemmedo.com/cristian-derosa-e-sua-luta-para-salvar-o-jornalismo/ Acesso em: 05/12/2023.

noção da Guerra Cultural como uma guerra de valores e narrativas diante da conjuntura social da supracitada crise de confiança, argumentando, apresentando exemplos das estratégias olavistas e argumentando, com base em Gilberto Calil (2021), que Olavo construiu aparelhos privados de hegemonia próprios para Guerra Cultural.

6.1 Guerra Cultural à brasileira

Em uma reportagem publicada na Diplomatique em dezembro de 2014[253], o colunista e professor Pablo Ortellado relacionou, pela primeira vez em uma publicação de grande circulação, a noção de Guerra Cultural à figura que costumava ser "folclórica" no jornalismo brasileiro: Olavo de Carvalho. Segundo Ortellado, foi percebido uma expansão das guerras culturais em âmbito internacional a partir do final da década de 1980, como resultado da polarização entre direita e esquerda política, especialmente no contexto estadunidense. Nesta conjuntura, pautas morais como a legalização das drogas, os direitos de homossexuais, legalização do abordo e controle de armas passaram a figurar nos principais espaços de debate público, dividindo opiniões de conservadores e progressistas[254]. O texto de Ortellado parecia inaugurar uma série de esforços para compreender a ascensão do conservadorismo, que apesar de não ser tão ostensivo em meados de 2014, já estava latente[255]. A figura de Olavo de Carvalho era citada no texto como um exemplo de comentarista conservador que, segundo Ortellado, foi incorporado, entre tantos outros, pelos meios de comunicação, passando a "dar o tom geral do jornalismo de opinião". Nos anos seguintes à publicação, a importância de Olavo para o público conservador só fez crescer, chegando ao ponto de ser apontado por João Cezar Rocha como personagem fundamental que definiu os termos e a gramática da Guerra Cultural no Brasil.

A noção de Guerra Cultural adotada aqui, portanto, segue a linha da conceituação proposta por João Cezar Rocha (2021), que analisa a Guerra Cultural enquanto estratégia adotada pelo bolsonarismo, cuja origem está necessariamente relacionada a Olavo de Carvalho. Isso porque, de acordo com Rocha, a guerra cultural bolsonarista é fundamentada no que ele intitulou de "sistema de crenças" de Olavo de Carvalho, que seria definido como "Um conjunto de elementos intelectualmente organizados e dispostos de forma relacional que, uma vez internalizado, resiste às contestações externas. Como um sistema de crenças, não tem compromisso com o factual, mas apenas com sua coerência interna. " (Cruz, 2021, p.2). Como

[253] Disponível em: https://diplomatique.org.br/guerras-culturais-no-brasil/ Acesso em 08/11/2023.
[254] A referência é, mais uma vez, o livro "Culture Wars" de James Hunter.
[255] Há uma crítica a essa leitura de Ortellado que aponta que, ao interpretar a "guerra cultural" como uma polarização entre direita e esquerda (como se fossem polos iguais de um mesmo processo), ele deu início a uma "resistência liberal" e uma leitura rasa do fenômeno. De qualquer forma, sendo um dos primeiros textos sobre o tema num período muito *sui generis* da história do País, vale a citação.

explica o autor, o sistema de crenças de Olavo é o que embasa a guerra cultural levada à cabo pelo bolsonarismo, ao invocar os mesmos inimigos que o polemista sempre pautou, como o "esquerdismo", a "ideologia de gênero", o "Foro de São Paulo", o "globalismo", dentre outras pautas que são frequentemente abordadas por Olavo e seus alunos como forma de mobilização.

Em sua obra mais recente (2023), João Cezar Rocha retoma a temática da guerra cultural de uma forma mais aprofundada e não tão restrita ao bolsonarismo, partindo de uma perspectiva mais ampla e definindo guerra cultural enquanto uma:

> (...) matriz de produção em série de narrativas polarizadoras cuja radicalização crescente engendra sem trégua inimigos imaginários, mantendo a militância em estado permanente de excitação. Sua força consiste em associar a ação política à dinâmica das redes sociais, produzindo um curto-circuito no sistema político representativo por meio do engajamento típico do universo digital. (Rocha, 2023, p. 19)

No sentido proposto por Rocha, a guerra cultural torna "o ato político a razão de ser do dia a dia da militância" (Idem), tendo um fator importante de engajamento público nas pautas polêmicas que, em sua enorme maioria, remete às questões morais.

Em um texto mais recente publicado na Folha de S. Paulo[256], Rocha defende que o apoio inequívoco à Bolsonaro em algumas camadas da população é evidência da sua vitória na guerra cultural: "A despeito da atuação irresponsável (...) de seu governo durante a pandemia, simboliza a vitória do bolsonarismo na guerra cultural, travada em redes sociais e canais alternativos de comunicação (...)". Rocha defende em um outro texto, publicado após a derrota de Bolsonaro à presidência em 2022[257], que a divisão profunda entre progressistas e conservadores na política no que tange às noções de moralidade é um dos principais legados do bolsonarismo. Apesar da conceituação de guerra cultural bolsonarista apresentada por João Cezar Rocha ser considerada nesta análise, procuramos evidenciar nesta tese que a guerra cultural não se iniciou nem se restringe ao bolsonarismo, pois trata-se de uma estratégia que vem sendo debatida há décadas, tanto no Brasil quanto no mundo[258]. No que diz respeito ao contexto contemporâneo, é possível afirmar que a noção de guerra cultural foi amplamente abordada por Olavo de Carvalho, que enfatizava em seus textos e discursos, há pelo menos 30

[256] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/03/exito-de-bolsonaro-na-guerra-cultural-da-pandemia-levou-brasil-a-catastrofe-historica.shtml#:~:text=Bolsonaro%20pode%20imaginar%20que%2C%20na,qualquer%20princ%C3%ADpio%20b%C3%A1sico%20de%20governan%C3%A7a Acesso em 16/11/2023.

[257] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/transformacao-da-politica-em-guerra-cultural-e-legado-do-bolsonarismo-mesmo-sem-bolsonaro.shtml#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20cientista,deixe%20a%20lideran%C3%A7a%20do%20movimento Acesso em 16/11/2023.

[258] Em outro contexto e proporcionalidade, a obra "Choque de Civilizações" do cientista político Samuel Huntington (1997) já versava sobre o fundamento cultural como o argumento mobilizador dos conflitos mundiais no período pós Guerra Fria, por exemplo.

anos, a importância de superar o que ele entendia como a hegemonia cultural da esquerda. Ainda assim, cabe afirmar que após ser adotada como estratégia bolsonarista, a guerra cultural tomou outras proporções e passou a ser fundamental para a forma como o debate político se organiza no país.

Antes de se tornar o "grito de guerra bolsonarista", a disputa da esfera cultural já estava posta como prioridade em detrimento da conquista isolada do poder político, como é possível ver no post de Olavo de Carvalho publicado em sua página do Facebook[259], ainda em 2016:

Fonte: Reprodução do Facebook. Página pessoal de Olavo de Carvalho

A referência que coloca a eleição de um presidente conservador apenas como a cereja do bolo de um processo muito mais longo de conquista de poder, assim como a menção das diversas instâncias da esfera cultural a serem "conquistadas" demonstra que a revolução conservadora pensada por Olavo vai muito além do bolsonarismo. A contraofensiva para derrubar a hegemonia cultural da esquerda teve, no governo Bolsonaro, lastro institucional para progredir, mas de forma alguma se restringe a ele: os agentes da guerra cultural disputam as batalhas ideológicas para estabelecer modelos normativos de política, família, valores, arte, educação, entre outros, há muito mais tempo.

No que diz respeito ao lastro institucional da Guerra Cultural durante o governo Bolsonaro, ressaltamos duas pautas amplamente debatidas nas instâncias governamentais naquele período, a de "ideologia de gênero" e a de "escola sem partido": ambas tiveram um lugar de destaque durante o mandato bolsonarista. O campo da educação, afirmou o jornalista Breiller Pires ainda em 2018[260], durante a campanha presidencial, se tornou o "primeiro front

[259] Disponível em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/tantos-hoje-dizem-querer-o-brasil-de-volta-e-em-vista-disso-gritam-bolsonaro-201/739536966198380/ Acesso em 02/11/2023.
[260] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164_074588.html Acesso em 16/11/2023.

da guerra cultural" bolsonarista. Logo no início do mandato, a bancada governista se engajou fortemente no projeto da "Escola Sem Partido", chegando ao extremo de uma deputada estadual defender abertamente o patrulhamento institucional à "doutrinação da esquerda" nas escolas através de um canal para que os alunos denunciarem seus professores no caso de "manifestações político-partidárias"[261].

De acordo com os termos postos pelo filósofo Eduardo Wolf (2018), pautas como estas aplicavam uma máxima muito comum às guerras culturais: misturavam os adversários reais, que deveriam ser os governos do PT e seus representantes, com uma fantasia retórica, ou "a crença de que existe uma essência, uma identidade profunda e inalterável da nação ou da sociedade, e de que ela está sob ataque" (Wolf, 2018, n.p)[262]. Seguindo esta lógica, o "gramscismo cultural"[263] se baseia numa espécie de consciência invertida da realidade, que opera mobilizando sentimentos de ameaça constante. Essa estratégia também foi adotada por Trump, de acordo com a matéria escrita por Wolf para a revista Veja (Idem), o qual "dominou como poucos a gramática do conflito ideológico que politizou cada aspecto da vida americana". Conforme explica Wolf, a guerra cultural enquanto dinâmica de disputa política depende do agravamento da polarização, por isso a ideia de que há esferas do tecido social sob ataque (como a família, a moral, entre outros) é tão frequente. Essa noção explica também o porquê de as pautas morais terem tomado a frente nas discussões políticas durante quase todo o governo Bolsonaro: enquanto mobilizava fortemente valores compartilhados por uma grande parte do País, o presidente era extremamente vago nos temas de governança. Ainda de acordo com Wolf, isso se dá porque:

> Não se trava uma guerra cultural discutindo modelos de câmbio, meta de inflação e tecnicalidades de privatização de estatais. Essa consciência — lição bem aprendida da experiência de Trump — permitiu a Bolsonaro, de um lado, manter-se na superfície em todas as questões relevantes para a economia e o desenvolvimento do país e, de outro, consolidar e ampliar sua campanha em terreno mais propício: o dos valores morais que estariam no centro da identidade do Brasil conservador que ele, em tese, encarna e representa. Daí a estratégia: atacar o politicamente correto, a doutrinação ideológica nas escolas, a sexualização das crianças e a ideologia de gênero, as pautas identitárias caras à esquerda. E atacar a imprensa, que seria manipuladora e conspiratória — exatamente como pregavam os discursos da esquerda, só que com sinal ideológico trocado. (Wolf, 2018, n.p)

Como foi argumentado ao longo desta tese, algumas táticas ligadas à noção de guerra cultural foram enraizadas na prática olavista, como a distinção entre "nós e eles" ou a circulação de

[261] Ver: https://veja.abril.com.br/brasil/mp-aciona-deputada-que-criou-canal-para-denunciar-professores#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20P%C3%BAblico%20de%20Santa,manifesta%C3%A7%C3%B5es%20pol%C3%ADtico%2Dpartid%C3%A1rias%20dos%20professores. Acesso em 17/11/2023.
[262] Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/luta-pela-alma-do-brasil Acesso em 02/11/2023.
[263] Em referência à forma como alguns autores se referem a apropriação da teoria gramsciana pelas figuras da direita.

teorias conspiratórias (como a chamada "ideologia de gênero" ou o próprio conceito de "marxismo cultural" a partir da ótica olavista). Há, no entanto, um outro ponto nodal importante entre o ideólogo e o seu "aluno"[264] Bolsonaro: ambos utilizam a guerra cultural para manter a sua base (seja a de eleitores ou a de leitores e alunos) mobilizada. Esta mobilização, sob o pretexto da necessidade de uma reforma ideológica profunda, causa engajamento (dentro e fora das redes), repercussão, visibilidade e, sobretudo, organiza o campo político-ideológico. É também por isso que Rocha se refere a Olavo de Carvalho como o escritor "metamorfoseado em ativista político no reino encantado do universo digital" (Rocha, 2021, n.p).

Apesar do seu destaque evidente nas redes atualmente, as estratégias de Olavo na guerra contra a hegemonia cultural da esquerda tiveram início bem antes da popularização da internet. João Cézar Rocha afirma que nos anos 1990, Olavo trabalhou três frentes distintas da guerra cultural: a primeira, foi a publicação da trilogia de títulos que abordavam a questão (direta ou indiretamente), composta pelos títulos "A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci"(1994), "O Jardim das Aflições" (1995) e "O Imbecil Coletivo: atualidades inculturais brasileiras"(1996); a segunda frente foi a ampla divulgação de autoresconservadores e liberais, que tinham pouco ou quase nenhuma inserção no campo literário brasileiro; a terceira foi uma "campanha virulenta" contra personalidades relacionadas à esquerda política, em especial as que ocupavam cátedras nas universidades públicas. Porém, foi apenas entre os anos 2015 e 2016 que o que Rocha intitula "sistema de crenças" de Olavo foi apresentado ao grande público, através do movimento "Olavo tem razão". Até então, segundo o autor, o sistema de crenças associado a Olavo circulava de forma mais restrita entreos seus leitores e alunos. Este sistema tinha caráter binário e maniqueísta, característica que favoreceu a adesão de "um número sempre crescente de adeptos ao longo de décadas de pregação" (Rocha, 2020, n.p); conforme coloca Rocha, a crítica olavista à hegemonia da esquerda ganhou um grande reforço quando o polemista "encontrou na volatilidade do universodigital o meio mais adequado para sua pregação: casamento perfeito, prole numerosa"(Rocha,2021, n.p), prole esta que se uniu ao seu líder no empenho da guerra cultural, a grande "a pontade lança dessa pulsão radicalmente antidemocrática" (Idem).

Em seu texto "Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil" (2020), Letícia Cesarino identifica, fundamentada nos escritos de Laclau (2005) sobre populismo, que há entre os bolsonaristas estudados por ela um esforço para

[264] No sentido usado aqui, uso o termo "aluno" partindo de uma concepção mais ampla de indivíduo que recebe instrução de um professor (ou de um "ideólogo). Não há registros de Jair Bolsonaro como aluno formal de Olavo de Carvalho.

reverter um ciclo hegemônico (Cesarino, 2020, p. 108) que se iniciou no período da redemocratização. Com base nas noções de Laclau de inversões e rupturas populistas, a autora define o conceito de "populismo digital" como a soma de um aparato midiático, um mecanismo discursivo e uma tática de construção de hegemonia, entretanto, ela não aprofunda esta última questão em nenhum dos textos consultados para esta tese. A noção de populismo digital segue sendo desenvolvida e aprofundada pela autora, e apesar de não ser foco nesta tese, traz *insights* muito valiosos para pensar sobre os novos limites do que se entende por política na era digital. Em contrapartida, no que tange a ideia de hegemonia, o que se mostra incontornável para o contexto analisado nesta tese é o material que foi apropriado por Olavo de Carvalho e outras figuras da direita em âmbito global, conforme comentado anteriormente, o qual remete, necessariamente, ao arcabouço teórico de Gramsci. Buscando ampliar esta discussão, aprofundaremos aqui sobre exemplos de estratégias de superação da suposta hegemonia cultural da esquerda no âmbito da Guerra Cultural, em especial no que diz respeito à figura central a esta análise. A compreensão olavista da Guerra Cultural travada para a conquista da hegemonia passava por estratégias requintadas de produção simbólica: muito além da mídia, a disputa acontecia também em âmbitos menos óbvios, como o cinema e a literatura. Foi ao considerar a esfera artística como fundamental à produção simbólica que surgiu o que ficou conhecido como "cinema olavista".

6.1.2 O cinema olavista

Da reportagem de Pablo Ortellado de 2014 para cá, o tema da Guerra Cultural rompeu a barreira do léxico acadêmico e passou a fazer parte do senso comum. Isso porque, além de ser uma temática de interesse para os estudiosos nos anos seguintes, o termo passou a circular bastante entre figuras políticas e formadores de opinião, em especial os que adotaram a leitura olavista sobre a urgência em superar a hierarquia cultural da esquerda no Brasil[265]. Mais de uma década depois, em setembro de 2023, Eduardo Bolsonaro se junta a figuras como o ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles para publicar o livro "Guerra Cultural na Prática: Como combater as estratégias da esquerda que estão destruindo o Ocidente". O livro, publicado

[265] O termo passou a ser utilizado nos veículos de jornalismo tradicional, majoritariamente relacionado à guerra cultural bolsonarista. Ver matérias da Folha https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/transformacao-da-politica-em-guerra-cultural-e-legado-do-bolsonarismo-mesmo-sem-bolsonaro.shtml ; do Estadão https://www.estadao.com.br/opiniao/reves-na-guerra-cultural-bolsonarista/ ou do El País https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164_074588.html. Além destes, políticos de direita como Nikolas Ferreira (em https://www.otempo.com.br/eleicoes/apos-bolsonaro-perder-nikolas-diz-que-guerra-cultural-e-espiritual-continua-1.2758934), Eduardo Bolsonaro, Damares Alves, entre outros. Ainda, jornalistas mais alinhados à direita como Rodrigo Constantino, em: https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/cineasta-olavista-defende-reserva-de-mercado-para-filme-nacional/ Acesso em 15/11/2023.

pela editora Avis Rara, que publica títulos sobre pensamento liberal, conservadorismo e anticomunismo, é descrito como uma obra "essencial para quem deseja combater as influências perniciosas do progressismo" e um "guia para aqueles que desejam compreender as ramificações da Guerra Cultural em inúmeros setores e como ela constrói sua teia de destruição do tecido social", e promete preparar o leitor tanto para o debate como para a "atuação prática"[266].

Ainda que muitas vezes não tenha sido descrita com esses termos, a Guerra Cultural foi uma pauta relevante no governo Bolsonaro: nos primeiros meses do seu mandato, o capitão reformado publicou o decreto 9.919[267], que fazia mudanças importantes na estrutura administrativa do cinema. A primeira mudança foi a transferência da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) do Rio de Janeiro para Brasília, além de alterar a composição do Conselho Superior de Cinema (cujos membros do setor audiovisual e da sociedade civil foram cortados pela metade). Por fim, o Conselho foi transferido do Ministério da Cidadania (que passou a incluir o finado Ministério da Cultura) para a Casa Civil. O que levou o novo presidente a sancionar tais mudanças ainda nos primeiros meses de governo após uma eleição altamente polarizada? De acordo com a justificativa dada por Bolsonaro, a qual repercutiu internacionalmente nos veículos de mídia[268], o executivo não poderia permitir que filmes como Bruna Surfistinha fossem feitos com verba pública "em respeito às famílias". Além disso, afirmou que não poderia admitir ativismos, e ressaltou a importância da produção de obras que "exaltem heróis brasileiros"[269] .

O esforço em instituir um novo direcionamento ou, como o *New York Times* conceituou, um novo *filtro* na produção cinematográfica brasileira, encontra respaldo no discurso olavista de retomada da hegemonia através da cultura. Mais uma vez a eleição de Bolsonaro à presidência deu respaldo institucional para algo que já era estabelecido nos recônditos da cultura política no Brasil. A produção de diretores que encabeçaram produtoras como Josias

[266] As citações são da descrição feita pelo ator e atual deputado federal Mário Frias, disponível na página da Amazon que vende o livro. Fonte: https://www.amazon.com.br/Guerra-cultural-pr%C3%A1tica-estrat%C3%A9gias-destruindo/dp/6559574164
[267] Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=19/07/2019&jornal=515&pagina=5&totalArquivos=261 Acesso em: 09/11/2023.
[268] A exemplo do The New York Times, o Washington Post e a revista Variety. Fonte: https://oglobo.globo.com/cultura/filtro-de-bolsonaro-para-cinema-tem-repercussao-internacional-23825098 Acesso em 09/11/2023.
[269] Fonte: https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-cita-bruna-surfistinha-para-anunciar-mudancas-na-ancine/ Acesso em 09/11/2023.

Teófilo da Lavras Filmes e Mauro Ventura Alves[270], sócio da Ivin Films e do Brasil Paralelo, com forte viés conservador, já se voltava para a tarefa de combate na Guerra Cultural, ao elaborar produtos audiovisuais que ofereciam uma narrativa "alternativa" sobre alguns eventos políticos, como as manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff em 2015.

Olavo de Carvalho era uma figura admirada por estes jovens diretores, tanto que, ainda em 2015, Teófilo e Mauro Ventura se juntaram e foram até os Estados Unidos, mais especificamente no estado da Virgínia, na casa de Olavo, coletar material audiovisual para o que resultou em um longa-metragem lançado em 2017 intitulado "O Jardim das Aflições" que, vale salientar, foi o filme exibido por Steve Bannon no Trump International Hotel, na ocasião da visita de Jair Bolsonaro aos Estados Unidos abordada no capítulo 3. O longa, homônimo de um dos livros de Olavo, teve lançamento nacional e internacional[271], teve uma recepção polêmica no festival de cinema pernambucano Cine PE. No ano seguinte, Teófilo criou a produtora Lavra Filmes, cujo primeiro lançamento foi o longa "Nem Tudo se Desfaz" (2021), que é um documentário ensaístico sobre os "desdobramentos culturais e políticos das Jornadas de Junho de 2013". O filme promete "contar à altura" o nascimento da nova direita, trazendo "relatos exclusivos de seus maiores representantes e influenciadores"[272], e traz no pôster de divulgação a imagem de Jair Bolsonaro e o subtítulo: "como vinte centavos iniciaram uma revolução conservadora":

[270] Mauro Ventura estreou como diretor de cinema após ter atuado como assistente de direção de Teófilo durante a gravação de "O Jardim das Aflições".
[271] Fonte: https://noticias.terra.com.br/dino/documentario-o-jardim-das-aflicoes-e-exibido-pela-primeira-vez-com-debate-em-seguida,f66499b3816386dc9b60d31b6482209aoha92vx2.html Acesso em 09/11/2023.
[272] Fonte: site oficial do filme. Disponível em: https://nemtudosedesfaz.com/ Acesso em 10/11/2023.

Imagem: Pôster oficial de divulgação do filme

Dentre os entrevistados, além de Carlos e Eduardo Bolsonaro, tem Steve Bannon e Filipe Martins, citado anteriormente por ser um aluno de Olavo que foi alçado como Assessor Especial da Presidência. O escritor e historiador João Cezar Rocha, que é a referênciaconceitual de Guerra Cultural adotada nesta tese, também está entre os entrevistados, apesar dediscorrer sobre o bolsonarismo de forma crítica. O primeiro entrevistado listado é a referênciapara quase todos os demais: Olavo de Carvalho. O longa está disponível para aluguel na plataforma.

Ao que tudo indica, o trabalho de propaganda realizado por estes diretores tinha um retorno importante, dentre eles um inegável lastro institucional oferecido pelo governo Bolsonaro à Guerra Cultural. Vale salientar que, tanto Teófilo quanto Mauro Ventura, passaram a gozar de um inédito prestígio durante o mandato do capitão reformado: desde divulgações dos seus filmes por parte do clã Bolsonaro, passando por recepções no Ministério da Cidadania até o convite para compor, junto à Cúpula Conservadora das Américas, reuniões que pautavam

o futuro da Lei de Audiovisual do País[273], as produtoras e seus idealizadores viviam um período de trocas de regalias. Durante este período, o site conservador Estudos Nacionais publicou um documento assinado pelo Movimento Brasil 2100[274], que trazia uma revisão das verbas da Lei de Incentivo à Cultura, do Audiovisual e o Fundo Setorial do Audiovisual, bem como uma lista de produções que haviam sido aprovadas pela ANCINE mas que "não deviam ter sido aprovadas" (a exemplo de produções que tratavam dos temas referentes à transexualidade ou qualquer outro tema ligado à esquerda progressista). Por fim, o documento estabelece "sugestões de soluções imediatas para romper o ciclo vicioso, desmoralizante, vexatório da cultura brasileira", que iam desde a exoneração de todos os cargos de confiança da ANCINE até a "criação da nova política cultura brasileira"[275]. O documento é um exemplo concreto da iniciativa conservadora de reformar uma das principais esferas de construção simbólica no campo artístico, ou seja, uma evidência da Guerra Cultural, e segue em consonância com o que o então presidente sustentava publicamente em relação ao cinema brasileiro[276]. Este discurso está também claramente em consonância com a ideia defendida por Olavo de que os esquerdistas tomaram conta da cultura e que, para retomar a hegemonia, é preciso retomar estes espaços de produção simbólica.

As evidências da relevância das ideias de Olavo na Guerra Cultural não se restringem a estes atores: a tarefa de retomada desses espaços foi amplamente apoiada por um público que se mostrou ávido por produções de cunho conservador, já que foi este público que financiou, através de *crowdfunding*, produções como "O Jardim das Aflições" e "Bonifácio: o fundador do Brasil" (Ivin Films, 2018). O diretor à frente da Ivin Films explicou o intuito da sua obra: "A gente carece de identidade nacional. O que substitui é uma brasilidade artificial. Nossa tarefa é trazer à tona heróis sublimados por um tipo de discurso"[277]. Ventura mobiliza não só as ideias, como também os termos a partir dos quais Olavo defende a importância da Guerra Cultural. Conforme confirma Mauro Ventura, ainda, "o próprio público com quem a gente estava lidando tem uma composição concêntrica a partir do professor Olavo, assim a gente tem um alcance efetivo de bastante gente"[278].Estes dois diretores, além da produtora Brasil Paralelo,

[273] Fonte: https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/ Acesso em 10/11/2023.
[274] Disponível em: https://estudosnacionais.com/wp-content/uploads/2019/07/O-CAOS-DA-CULTURA.pdf Acesso em 10/11/2023.
[275] Reproduzimos aqui os trechos tais quais foram publicados e constam no documento.
[276] Ver a reportagem "Seis vezes em que o governo Bolsonaro atacou o cinema e o audiovisual". Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/cultura/6-vezes-em-que-o-governo-bolsonaro-atacou-o-cinema-e-o-audiovisual/ Acesso em 10/11/2023.
[277] https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/aluno-de-olavo-de-carvalho-se-lanca-no-cinema-para-quebrar-geleira-esquerdista.shtml Acesso em 13/11/2023.
[278] Fonte: https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/ Acesso em 14/11/2023.

têm um recorde do audiovisual no Brasil: juntos eles têm as três maiores campanhas de financiamento coletivo do cinema do País[279]. O "Jardim das Aflições" recebeu cerca de R$315 mil[280] de 5 mil indivíduos anônimos e quatro empresas. O recorde foi quebrado pela campanha do filme "Bonifácio: o fundador do Brasil" que, em 2018, arrecadou R$387 mil através de cerca de 2800 indivíduos e seis empresas, dentre elas o Movimento Avança Brasil[281], o Instituto Realitas[282] e a empresa Como Educar Seus Filhos, do ex aluno e ex Secretário de Alfabetização do MEC Carlos Nadalim. No ano seguinte, ainda, Mauro Ventura divulgou o filme "Milagres", o qual se referiu como sendo "um navio quebra-gelo conservador numa geleira esquerdista"[283].

O sucesso deste engajamento também passa por uma divulgação cuidadosa: Olavo de Carvalho, que é o mote central do Jardim das Aflições e participa de Bonifácio e Milagres através de depoimento, não poupou esforços para divulgar as produções em todos os seus canais. Além de divulgar a sua participação, Olavo reforçava sempre a importância da empreitada liderada pelo seus ex alunos[284]. Além disso, divulgava também iniciativas do Brasil Paralelo, buscando engajar seus seguidores e alunos no financiamento coletivo das produções:

[279] Fonte: https://www.terra.com.br/noticias/dino/financiamento-coletivo-leva-mais-uma-producao-as-telas-de-cinema-com-quebra-de-recorde-de-arrecadacao,c4f48d3da41fb7524b2588cf85c1243d64pgry02.html Acesso em 14/11/2023.

[280] Encontramos fontes distintas que declaram que o valor arrecadado para a produção do "Jardim das Aflições" varia entre R$315 e R$350 mil.

[281] O Movimento Avança Brasil é um grupo conservador pró-bolsonaro que tinha Olavo de Carvalho como conselheiro.

[282] O Instituto Realistas é uma iniciativa do historiador Edgard Leite, que promove a "difusão do conhecimento".

[283] Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/03/aluno-de-olavo-de-carvalho-se-lanca-no-cinema-para-quebrar-geleira-esquerdista.shtml Acesso em 14/11/2023.

[284] Ver: https://festivalcinepe.com.br/impecavel-disse-olavo-de-carvalho-sobre-documentario-de-josias-teofilo/ ou https://pt-br.facebook.com/carvalho.olavo/photos/o-trailer-do-document%C3%A1rio-bonif%C3%A1cio-o-fundador-do-brasil-de-mauro-ventura-ser%C3%A1-l/1009023309249743/ Acesso em 14/11/2023.

Fonte: Reprodução de post de junho de 2019 na página do Facebook de Olavo de Carvalho[285]

Só este post, que inclusive exibia uma imagem do próprio Olavo acima do símbolo do Brasil Paralelo, teve mais de 21 mil *likes*, o que evidencia o poder de mobilização da figura de Olavo. Vale salientar que, assim como era frequente com Teófilo e Ventura, o polemista ressalta que a produção não conta com financiamento público.

O mote da Guerra Cultural era, portanto, abertamente evocado por estas figuras. Uma visita no site oficial da Ivin Films torna isso irrefutável através de uma citação de Olavo e o convite: "Insurja-se, a cultura é o único campo de batalha possível":

Fonte: Reprodução da página principal do site da produtora Ivin Films[286]

Além da frase de Olavo de Carvalho sobre guerra cultural, links para compartilhamento do site em plataformas digitais, o site do Ivin Films divulga um "crowdfunding permanente" que promete produzir conteúdo para "nutrir o espírito e fortalecer a personalidade", sob o lema "desista de desistir"[287]. O vídeo que também figura na página inicial, com o título "Como

[285] Disponível em: https://www.facebook.com/carvalho.olavo/videos/a-%C3%BAltima-cruzada-o-filme/2088930494733541/ Acesso em 14/11/2023.
[286] Disponível em: https://ivinfilms.com/ Acesso em 13/11/2023.
[287] Idem.

posso fazer a diferença na Guerra Cultural?" traz o seguinte texto (além de imagens de guerrilheiros em posição de batalha e uma trilha sonora dramática): "Você faz parte da resistência contra uma força cultural hostil. Encontra uma iniciativa alinhada aos seus valores. Disponha-se ombro a ombro junto aos seus irmãos. Participe, contribua, aperfeiçoe-se, insurja. Junte-se à insurgência ainda hoje.". Um pouco mais abaixo, na mesma página, é possível ver a divulgação do mais novo filme da Ivin: "Olavo Tem Razão", seguida de outra frase de efeito: "Sejamos, nós mesmos, a cena cultural de nosso tempo". Rolando a página mais para baixo, há o convite para ser "coprodutor" ou "produtor conselheiro", em referência às cotas de financiamento da produtora (cujos valores praticados são R$ 510 ou R$1.280,99, respectivamente), além da seguinte definição de guerra cultural, que também remete à referência de uma guerra, chamando os potenciais financiadores para focar "no campo moral do conflito":

Fonte: Reprodução da página principal do site da produtora Ivin Films

É evidente que o apelo à independência financeira dos veículos em relação aos órgãos públicos é valorizado; o discurso vigente é que apenas com a produção independente do financiamento governamental é possível construir uma crítica à elite. Por este motivo, a importância da contribuição individual (ou corporativa) para garantir o funcionamento da produtora é tão reiterada, tanto nas produtoras supracitadas quanto em veículos de informação como o Brasil Sem Medo. Apesar de tudo isso, a figura à frente da Lavra Filmes, Josias Teófilo, que chegou a liderar o recorde do financiamento coletivo em 2017, criou posteriormente uma empresa para

captar financiamento em leis de incentivo. Isto posto, vale considerar o contexto em que Teófilo decidiu recorrer ao financiamento público.

As estudiosas da cultura Caroline Dumas e Fernanda Vasconcelos realizaram um estudo sobre o impacto das guerras culturais no financiamento à cultura no Brasil (2021), através da análise documental, entrevistas, e outras metodologias, e evidenciam como a prática discursiva de agentes públicos têm influência em relação a tais financiamentos. As autoras contextualizam a guerra cultural a partir dos temas polêmicos frequentemente mobilizados neste contexto, como a "ideologia de gênero", a "escola sem partido", a legalização do abordo, entre outros. A avaliação das autoras é, por fim, que a guerra cultural no Brasil atravessa também as políticas de financiamento à cultura, considerando a urgência e o impacto das mudanças que o governo Bolsonaro fez nos principais instrumentos de financiamento governamental. Elas ressaltam, ainda que o Governo articulou uma grave restrição ao financiamento público em relação a produções específicas (em suma, as pautas abordadas sob uma perspectiva que é comumente imputada à esquerda), e que isso pode constituir um mecanismo de censura, e completam: "Verifica-se que há uma tendência nos casos relatados do governo atual de apresentar argumentos pretensamente técnicos para encobrir razões morais questionáveis, de cunho discriminatório ou persecutório" (Dumas & Vasconcelos, 2021, p. 14).

Considerando o contexto abordado acima, apesar de toda crítica dos bolsonaristas em relação à ANCINE, no ano de 2019 a Lavra Filmes, produtora de Teófilo, conseguiu emplacar dois projetos via Lei de Incentivo ao Audiovisual[288]. O primeiro projeto é o longa "Nem Tudo se Desfaz", citado acima, que foi aprovado para captar R$530 mil. O segundo é uma série intitulada "Espelhos do Tempo", para a qual Teófilo conseguiu aprovar R$1.306.660,60 para captação. Vale salientar que o então presidente Jair Bolsonaro, que ilustra a foto de capa do filme "Nem Tudo se Desfaz", era um ferrenho crítico das leis de incentivos à cultura, e se declarou contrário à aprovação através do Twitter:

[288] De acordo com o Portal do Incentivo, a Lei do Audiovisual oferece uma concessão de benefícios aos contribuintes que optarem por adquirir cotas dos direitos de comercialização das obras produzidas, ou seja, pessoas físicas ou empresas podem abater parte do imposto de renda ao direcionar recursos para produções audiovisuais. Em: https://portaldoincentivo.com.br/visitors/how_encourage/3 Acesso em 15/11/2023.

Fonte: Reprodução do Tweet de Jair Bolsonaro em 25 de julho de 2019[289]

Diante deste posicionamento, o professor de Teófilo saiu em sua defesa publicamente:

Fonte: Reprodução da página do Facebook de Olavo de Carvalho em 27 de julho de 2019[290]

A opinião dos conservadores sobre o uso de recursos estatais para a produção de cinema está longe de um consenso. Neste ínterim, as produtoras se dividem entre as que sobrevivem unicamente de financiamento privado e se orgulham disso como evidência de isenção político-ideológica, como a Brasil Paralelo, e as que entendem que devem disputar os recursos com as produtoras que reproduzem a hegemonia esquerdista. Embora não seja evidente para quem observa de fora, é possível afirmar que nos anos recentes se estabeleceu um novo gênero de produção de cinema brasileiro, capitaneado por alunos e admiradores de Olavo de Carvalho, tendo, até onde foi possível, o professor e suas teorias como parâmetro e fundamento. As produções do cinema olavista se voltam para a tarefa de instituir "novos heróis" na história do País, em especial na história recente, assim como é concebido o próprio Olavo, tanto antes

[289] Disponível em: https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1154508275775344645 Acesso em 16/11/2023.
[290] Disponível em: https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10157326413062192 Acesso em: 16/11/2023.

quanto depois da sua morte. O cinema olavista tem, portanto, como principal característica, orbitar toda a sua produção em torno da figura de Olavo de Carvalho, tanto enquanto fonte de referência no que diz respeito às teorias e estratégias de combate (vide a ênfase na guerra cultural), tanto enquanto novo "herói" a ser edificado no senso comum brasileiro.

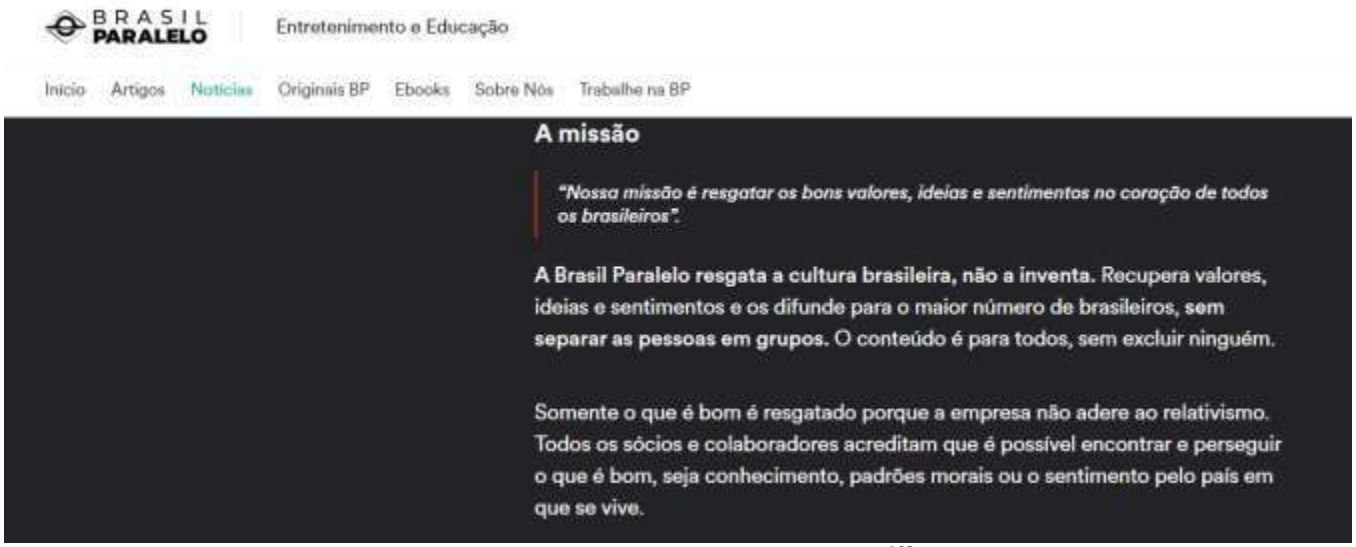
As produções audiovisuais de cunho conservador, entretanto, abarcam uma fatia ainda maior das produções nacionais: produtoras como o Brasil Paralelo se destacam e se projetam para um outro patamar a partir da quantidade e qualidade das suas produções que, ainda que não sejam necessariamente voltadas para a telona, têm um alcance enorme. O Brasil Paralelo tem se estabelecido no mercado enquanto uma plataforma de Streaming, buscando competir com gigantes como a Netflix. De acordo com a Plataforma conservadora, atualmente o streaming do Brasil Paralelo é o segundo maior do Brasil, contando com mais de 400.000 assinantes anuais[291], que podem acessar a plataforma em até 4 telas simultâneas e fazer download offline, assim como é possível fazer na concorrência. A plataforma oferece, ainda, um catálogo que conta com mais de 90 cursos de formação e mais de 100 produções originais,

além de filmes e documentários de origens diversas como Hollywood. O catálogo das produções originais da Brasil Paralelo segue a cartilha da guerra cultural: títulos que oferecem releituras da história, como "A Última Cruzada", cujo objetivo é ressaltar "o orgulho de ser brasileiro", ou "1964: O Brasil Entre Armas e Livros", que faz uma releitura da historiografia oficial do golpe de 1964. Além destes, há documentários que abordam temas polêmicos como a segurança pública (em "Entre Lobos") ou a aplicação dos impostos e a crise da gestão "do que é público", como no documentário "Crise dos 3 poderes", que inclusive conta com a participação do ex presidente Michel Temer. Há também títulos que disputam os significados de termos que são caros à esquerda, como o documentário "A Face Oculta do Feminismo", que promete oferecer *a verdade* sobre a luta histórica feminista.

Além de tudo isso, a plataforma Brasil Paralelo também oferece conteúdo infantil, ou como colocam "desenhos com bons aprendizados e valores seguros", em paralelo com um podcast que ficou bastante famoso nas redes digitais pela exposição de opiniões extremas em relação às mulheres, o "Podcast Redpill". Entretanto, a produtora se define como "uma empresa brasileira fundada por jovens" com "produções feitas de forma independente, apartidária e

[291] Fonte: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-que-voce-perde-por-nao-assinar-a-brasil-paralelo#:~:text=da%20Brasil%20Paralelo-,O%20melhor%20conte%C3%BAdo%20da%20Brasil%20Paralelo%20%C3%A9%20exclusivo%20para%20assinantes,Hollywood%20e%20v%C3%A1rios%20document%C3%A1rios%20estrangeiros. Acesso em: 15/11/2023.

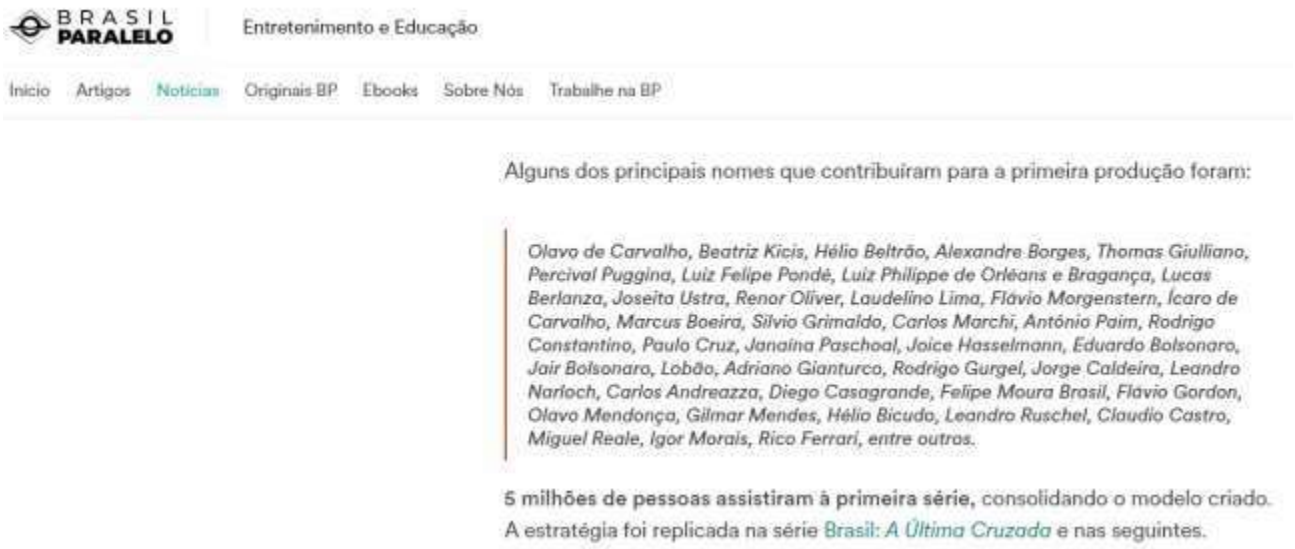
isenta, cujo objetivo principal é oferecer ao público um conteúdo baseado em um grande acervo informativo analisado por dezenas de especialistas"[292]. A missão da produtora, segundo eles, é "resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros". A noção de "resgate" é bastante interessante pois, além de remeter à ideia de disputa pela hegemonia cultural, é também enfatizada em suas comunicações, como no texto abaixo, disponível no site oficial da produtora:



Fonte: Reprodução do site oficial do Brasil Paralelo[293]

A mensagem é clara: resgatar valores perdidos (somente os "bons") e difundi-los através de suas produções, enfatizando sempre o caráter *político e ideologicamente isento* do seu conteúdo. Entretanto, apesar de afirmar que as suas produções contam com relatos de "todos os grupos políticos da história do Brasil", o próprio site oficial traz uma lista dos principais nomes que contribuíram para este conteúdo, quais sejam:

[292] Idem.
[293] Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-que-voce-perde-por-nao-assinar-a-brasil-paralelo#:~:text=da%20Brasil%20Paralelo-,O%20melhor%20conte%C3%BAdo%20da%20Brasil%20Paralelo%20%C3%A9%20exclusivo%20para%20assinantes,Hollywood%20e%20v%C3%A1rios%20document%C3%A1rios%20estrangeiros Acesso em 15/11/2023.



Fonte: Reprodução do site oficial do Brasil Paralelo[294]

Vale salientar que, apesar dos nomes não estarem dispostos em ordem alfabética, ainda assim Olavo de Carvalho encabeça a lista. Além dele, uma lista que vai desde o deputado federal e descendente da família real portuguesa Luiz Philippe de Orléans e Bragança, passando pela família Bolsonaro, até integrantes da cúpula editorial do Brasil Sem Medo. É, entretanto, difícil defender que esta lista conta com grupos políticos tão distintos quanto o Brasil Paralelo se orgulha de alegar. Ainda assim, de acordo com João Cezar de Castro Rocha (2021), os conteúdos da Brasil Paralelo são um sucesso absoluto, tendo alcançado, ainda em 2021, a surpreendente marca de 30 milhões de espectadores, na tarefa de difundir o sistema de crenças de Olavo de Carvalho (Rocha, 2021, p. 22).

Ao ser indagado pelo portal Pública[295] sobre o que significa a campanha aberta na Ivin Films para engajar indivíduos na Guerra Cultura, Mauro Ventura respondeu que, diante da hegemonia da esquerda na cultura, seu conteúdo pretende fazer um contraponto: "os filmes da produtora se inserem nessa lógica na medida que oferecem pro público algo que não está sendo privilegiado há algum tempo". Apesar da Ivin Films evidenciar o apelo à Guerra Cultural e o Brasil Paralelo aludir à mesma em vários textos (ainda que não de forma tão declarada como na produtora de Ventura), Teófilo se coloca reticente em relação ao termo: "Eu tenho reservas quanto a isso da guerra cultural, mas ao mesmo tempo eu noto que existe uma guerra cultural, contra mim, contra filmes. E você se afirmar é também entrar na guerra, né"[296]. O fato é que a noção de Guerra Cultural se estabeleceu a partir da lógica olavista de retomada da hegemonia

[294] Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/o-que-e-a-brasil-paralelo Acesso em: 15/11/2023.
[295] Em: https://apublica.org/2019/08/nasce-o-cinema-olavista/ Acesso em 15/11/2023.
[296] Fonte: Idem.

cultural das mãos da esquerda, estratégia esta que colheu bons frutos nos últimos anos, especialmente durante o governo Bolsonaro. Os pesquisadores Jorge Chaloub, Pedro Lima e Fernando Perlatto, que se dedicaram ao estudo das direitas no Brasil Contemporâneo (2018) documentam, entretanto, o crescimento do que eles chamam de "presença social cada vez mais forte da direita na cena política brasileira" (Chaloub, Lima & Perlatto, 2018, p.9), que perpassa necessariamente o plano cultural. Neste plano, os pesquisadores relatam uma maior difusão de "ideias conservadoras, mobilizadas e difundidas por diferentes intelectuais que ocupam lugar de destaque nos jornais e revistas de grande circulação no país, colaborando para essa ascensão" (Idem). A tal "presença social da direita" se refere, inclusive, à

> (...) presença cada vez mais visível na esfera pública de intelectuais portadores de uma retórica mais virulenta, combativa e militante, e que se assumem abertamente de direita, a exemplo de Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Denis Lerrer Rosenfield, Diogo Mainardi e Leandro Narloch. A inscrição desses intelectuais na esfera pública ocorreu ao longo dos últimos anos tanto mediante a publicação de artigos e colunas em jornais de grande circulação nacionais e a ocupação de espaços como o rádio, quanto pela difusão de suas ideias a partir de plataformas digitais, como o YouTube e o Facebook, que contam muitas vezes com milhares de seguidores. (Chaloub, Lima & Perlatto, 2018, p. 9-10)

O cinema olavista e as produções audiovisuais de caráter conservador passaram ao largo da análise realizada pelos autores, possivelmente pelo fato de que em 2018 este fenômenoainda não era tão evidente. Por fim, vale salientar, que apesar do clã Bolsonaro ter saído da presidência e do próprio Olavo de Carvalho ter falecido, a produção de conteúdos audiovisuais conservadores segue acontecendo e almejando sucesso de público e, em paralelo, novas produtoras vão surgindo para alimentar este mercado. Um bom exemplo disso, além da própria iniciativa do Brasil Sem Medo, que vem lançando uma série de documentários exclusivos para assinantes, é a inauguração do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho nas produções audiovisuais: o Seminário lança, ainda em 2023, o seu primeiro filme intitulado "Prometam Ser"[297], definido como "um convite de Olavo de Carvalho para todos que não se contentam com uma vida superficial e sem sentido".

As evidências expostas aqui apontam que, para além da sua morte, Olavo segue influenciando grupos e pessoas a aderirem a sua estratégia de guerra cultural, articulando significantes a significados a partir de uma lógica própria. Esta lógica se estende também ao sentido dado a certos termos e conceitos, como por exemplo a famosa disputa a respeito do

[297] Fonte: https://lp.seminariodefilosofia.org/bw23/?utm_id=google-ads&utm_campaign=bw23-ads&utm_source=google-ads&utm_term=max-performance-02&utm_medium=ads-max-performance-frio&utm_content=&sck=bw23-google-ads-frio-max-performance-02&gclid=CjwKCAiA9dGqBhAqEiwAmRpTCyjO4pUlD8JpjSqF9i09IEDx8O2C9_Dz_WkCaybN6XwVAR-salcfOBoCM3YQAvD_BwE Acesso em 15/11/2023.

significado do conceito “ideologia de gênero”. Além destes, vários termos foram disputados entre os pólos, como a noção de “povo”, “liberdade” e “justiça”. O próximo tópico abordará essa disputa, além de apresentar alguns mecanismos a partir dos quais a noção de “fake news” foi apropriada pela extrema-direita, trazendo o exemplo do jornalista, colunista e editor adjunto do Brasil Sem Medo, Cristian Derosa.

6.1.3 Disputas semânticas na arena da linguagem: conceitos em debate

A produção de estudos de diversas áreas que se debruçam sobre o processo de disputa acerca de conceitos e noções amplamente debatidas pelo senso comum é bastante comum[298]. Considerando que a linguagem é a arena primordial de construção simbólica, a disputa acerca dos sentidos dados aos conceitos é também uma disputa pela “verdade” ou pela “realidade”; há intrínseco aos sentidos forjados uma forma de poder, seja ele de persuasão, de convocatória,de consagração ou de estigmatização (Haidar 2000, apud Fraga; Ramires, 2014). Tendo isto em conta, é possível afirmar que o trabalho de nomeação confere sentidos carregados de traços ideológicos e, consequentemente, políticos.

Paralelo a este entendimento, é importante ressaltar que tais conceitos e termos não gozam de estabilidade no que tange a sua significação. Em outras palavras, o sentido destes está em constante disputa, e qualquer definição que remeta à sua totalidade é transitória. Isso acontece quando, por exemplo, um elemento passa a ter uma representação figurativa circunscrita a um contexto específico, ainda que seja lido como uma representação literal. A partir do século XX, a partir dos estudos inaugurais de linguística por Ferdinand Saussure, a distinção entre *significantes* e *significados* passou a ser discutida academicamente, o que impactou de forma definitiva os estudos sociais e culturais. Décadas de produção acadêmica estabeleceram o estudo da linguagem como ciência, tendo como um dos efeitos as tão significativas análises da materialidade discursiva, em especial as que se relacionam com a política.

Ao estudar a identidade e as representações do bolsonarismo, Cesarino (2019) observa que uma ferramenta retórica, utilizada com frequência por Bolsonaro, é também uma marca discursiva comum ao populismo: a mobilização de termos como significantes vazios. A noção de significante vazio é desenvolvida por Ernesto Laclau (1996) como uma das três principais

[298] A exemplo das noções de “democracia” ou “populismo”, conforme os exemplos dos artigos de Rondeiros e Barros (2020) e Lombardi e Piletti (2023).

características da lógica populista (além do discurso e da hegemonia). Em poucas palavras, Laclau identifica os significantes vazios como uma categoria da Teoria do Discurso que propõe, entendendo-os como significantes que não dependem do seu significado -o que pode ocorrer diante da falta de precisão do conceito ou o seu inverso: uma abundância de significados que acabam tornando o significante disperso. No que tange a estratégia discursiva populista, os significantes vazios reúnem discursos de vários atores no ambiente social com o objetivo de atingir uma "representação universal" (Mendonça, 2022); ao universalizar tanto o seu conteúdo, passa a ser quase impossível significar o discurso de forma exata. De acordo com Laclau, essa universalização acontece quando uma cadeia de equivalências de algum termo ou conceito - ou, nas palavras do autor, os "elementos articulados"- se expande tanto ao ponto de agregar elementos demais.

Em seu livro mais recente, Cesarino (2022) retoma a ferramenta retórica utilizada por Bolsonaro em seus discursos. Segundo a autora: "As falas ambíguas, oscilantes e pontuadas do presidente (...) são facilmente editáveis e recombináveis, propiciando sua integração no caleidoscópio de narrativas". (Cesarino, 2022, p. 156). A noção das possibilidades de recombinação dos significados das palavras a partir da utilização de termos estrategicamente vagos e flutuantes tem um objetivo muito concreto, como comenta a autora mais a frente: "Como na metáfora política do *dog whistle*, um mesmo enunciado do presidente será percebido de determinado modo pelos públicos dominantes e de um modo completamente diferente por seus seguidores. Isso ocorre porque estes últimos têm acesso a outra faixa de significação." (Idem, p.186). Em termos concretos, qual o benefício do uso constante de significantes vazios? De acordo com Mendonça (2006), há um duplo propósito:

> Ao mesmo tempo em que os limites de um significante vazio impedem a sua expansão significativa e ameaçam sua existência, esses servem também para afirmar a própria constituição dessa cadeia discursiva, unindo ainda mais as diferenças por ela agregadas, tendo em vista que o limite antagônico é idêntico a todas as identidades constituidoras do significante vazio, gerando, pois, a união dessas diferenças em torno de um luta comum: contra algo que, de uma forma ou de outra, impede a constituição dos elementos dessa cadeia de equivalências. (Mendonça, 2006, p. 86)

Neste sentido há, na articulação de significantes vazios, tanto um caráter agregador no que diz respeito à formação de uma "comunidade" a partir da universalização, como um caráter esvaziador no que tange o conteúdo, pois a sua natureza polissêmica é tão ampla que passa a ser impossível precisar o seu significado real. Nos estudos da Teoria do Discurso há diversas análises do uso estratégico de significantes vazios, especialmente a partir da retórica

populista[299], pois a tática se mostra muito eficaz para a mobilização de uma massa de apoiadores.

No que diz respeito à prática retórica de Bolsonaro, destaca-se a sua desenvoltura na mobilização de significantes vazios em seus discursos desde a campanha prévia à sua vitória; desde quando candidato, Bolsonaro tinha sucesso em traduzir demandas sociais heterogêneas em torno de significantes vazios, como menções frouxas aos "inimigos do Estado", "povo" ou "liberdade". Bolsonaro dominava, portanto, a capacidade de "(...) reunir discursos de vários atores no ambiente social para assim atingir uma representação universal naquele espaço político, ou seja, eles acabam com as diferenças particulares e dão lugar a uma cadeia de equivalência deles." (Mendonça, 2022, p. 49). Neste sentido, Bolsonaro inclui em seu discurso certos termos para, deliberadamente, referir-se a muitas coisas, incorporando uma gama diversificada de demandas e assegurando, assim, que todas sejam atendidas na unidade proporcionada pelos termos mobilizados. Esta prática é relacionada ao populismo, pois como explica Parzianello (2020, p. 61): "Quanto mais um discurso consiga atrelar significados de demandas populares a um significante nesse sentido e que por isso mesmo se torna vazio, mais este discurso soará simbolicamente perfeito porque sintonizado com as expectativas de quem o acolhe, ouve e interpreta".

Porém, o que conecta a disputa de sentidos populista e o objeto desta tese? Um dos dados relevantes que resultou da análise sistemática do discurso produzido e/ou veiculado pelo Brasil Sem Medo foi a apropriação, por parte do jornal, de significantes mobilizados majoritariamente pela esquerda, ou que figuram frequentemente nos discursos dos setores mais progressistas da sociedade, conferindo a eles os sentidos que desejam construir. Em referência a Bakhtin (1995), identificar a disputa de sentidos a partir da análise do Brasil Sem Medo coloca a linguagem como um importante campo de disputa e os discursos que a operam comovaliosos objetos de análise. Considerando isso, este tópico está separado em dois momentos: no primeiro, apresentaremos a disputa acerca do sentido da noção de "*fake news*" mobilizada por Cristian Derosa, jornalista que atua como colunista e editor adjunto do Brasil Sem Medo. No segundo momento serão aprofundados alguns significantes vazios mobilizados pelo BSM,a fim de evidenciar a dupla função de esvaziamento e agregamento, abordando a forma como os termos foram apropriados.

[299] Ver, por exemplo: "O Governo Brasileiro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades" (Parzianello, 2020).

6.2 Fake News e a criminalização da opinião

A noção de *Fake News* ganhou tanto espaço nos debates acadêmicos e de senso comum nos últimos anos que, sem dúvida, tornou-se um típico significante vazio. Um momento peculiar neste processo foi quando o então presidente Donald Trump, que era massivamente acusado pelos setores mais progressistas da sociedade como um grande vetor de disseminação de *fake news*, disparou para um jornalista da CNN durante a sua primeira coletiva de imprensa como Presidente: "*You are fake news*"[300]. O então Presidente dos Estados Unidos chegou até a alegar que ele próprio havia criado a expressão "*fake news"* quando associado à mídia[301]. Embora a expressão tenha sido inicialmente mobilizada a partir de uma crítica a personagens como o próprio Trump, a exemplo dos veículos de comunicação e jornalistas profissionais que argumentavam que o presidente espalhava sistematicamente notícias falsas através dos seus canais, a partir de um dado momento esse argumento passou a ser rebatido por Trump para os mesmos veículos e jornalistas que o criticavam. Há, neste sentido, uma clara disputa acerca do termo "*fake news",* que faz com que a compreensão do mesmo seja fracionada e segmentada.

Para apresentar uma discussão mais aprofundada e exemplificar a disputa de sentidos em torno do conceito de "*fake news*", apresentaremos a perspectiva de Derosa sobre o tema, aprofundada em seu livro "Fake News: quando os jornais fingem fazer jornalismo" lançado em 2019 pela editora Estudos Nacionais. Esse exercício é interessante por possibilitar apreender a forma como Derosa se apropria da noção de "*fake news*", a partir de uma leitura distinta do senso comum, dando-lhe uma roupagem especial na guerra cultural. Outro ponto interessante é que Derosa é um dos poucos integrantes da equipe do BSM que, de fato, tem formação em jornalismo. Além disso, diante da análise do discurso veiculado pelo BSM é possível ver que há um esforço no sentido de disseminar a leitura de Derosa sobre o tema, visto que sua interpretação é abordada frequentemente, ainda que sem necessariamente mencionar o autor.

Já de início, por mais controverso que pareça essa afirmação partir de um jornalista profissional, o autor afirma categoricamente que "o uso da expressão '*fake news*' marca o fim do jornalismo como conhecemos" (Derosa, 2019, p. 23), argumentando essencialmente que "a expressão norte-americana é nada mais que uma nova maneira de mentir, falsificar e destruir a credibilidade do inimigo" (Idem) e que "a expressão *fake news* converteu-se em um novo tópico dessa *ditadura da informação*, associada negativamente a quem *teima em dizer o*

[300] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vqpzk-qGxMU Acesso em 23/11/2023.
[301] Fonte: https://oglobo.globo.com/mundo/trump-diz-que-criou-expressao-fake-news-e-desmentido-por-dicionario-21926348 Acesso em 23/11/2023.

inconveniente" (Idem, p. 37. Grifos nossos). Há, vale salientar, uma extensa literatura sobre a adesão às *fake news* como uma forma de proteção à exposição de fatos desconfortantes por parte dos leitores[302], portanto a ideia de que há uma relação entre fake news e uma certa ignorância motivada (seja ela consciente ou inconsciente) não é algo tão externo ao que vem sendo abordado academicamente. Entretanto, seguindo a lógica de Derosa, há um ponto de inflexão que se aproxima à crítica do seu professor e mentor Olavo de Carvalho sobre a mídia. Derosa afirma que "(...) a hegemonia da esquerda em todo o aparato midiático não tolera vozes discordantes e tão logo surjam são imediatamente catalogadas como um problema global a ser resolvido" (Idem, o. 22). A interpretação feita por Derosa que, vale citar, tem mestrado em Fundamentos do Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, é de que a "grande mídia" criou a noção de fake news como estratégia de "barrar" narrativas que se mostrassem diferentes em relação às suas, tudo isso com o objetivo final de destituir a credibilidade do "inimigo". Seguindo esta lógica, diante da crise de credibilidade dos veículos tradicionais, a estratégia de "catalogar" as notícias verdadeiras e as falsas surge como uma tentativa desesperada de permanecerem relevantes no debate público. Seria, então, uma versão atualizada da teoria do *gatekeeper*, ajustada ao contexto atual do campo jornalístico.

Fábio Gonçalves, um outro colunista do BSM que se define como jornalista e articulista e assina o prefácio do livro de Derosa, acata e explica essa lógica:

> Como reação, a mídia criou um vocabulário e uma estrutura de ação para taxar o povo como real produtor das notícias falsas, pois carentes da técnica profissional, da lisura do jornalista de carreira e da argúcia que, segundo eles, só quem está na redação oficial pode existir. (Gonçalves, Fábio In Derosa, 2019, p.18).

Neste sentido, a noção de *fake news* é vista pelos colunistas do BSM enquanto "termo chave" que se articula numa "contemporânea guerra de narrativas que se dá entre o *povo* e a grande mídia" (Idem, p. 19). Neste sentido, a partir da massificação das *fake news*, segundo o argumento do autor, surgiu, nos veículos de mídia tradicionais, a necessidade de apelar para o artifício de definir quais notícias seriam falsas, justamente pelo fato da sua "hegemonia informativa estar sendo ameaçada por um novo ´livre fluxo de informação´" (Idem, p. 39). Seguindo este argumento, a "guerra de narrativas" vem sendo então travada entre a mídia tradicional e o "povo", que agora produz e consome informações livremente, sem que estas passem pelo "filtro" das mídias tradicionais. No próprio léxico utilizado por Derosa, é possível identificar alguns indícios de práticas já abordadas nesta tese: desde menções à guerra cultural

[302] Ver, por exemplo, a noção de "ignorância virtuosa" desenvolvida por Proctor (2008) para tratar a resistência à exposição diante de fatos indesejados tidos como perigosos. Ver também "Motivated ignorance, rationality and democratic politics" de Daniel William (2021).

ao uso de significantes vazios. Há também, de forma muito clara, uma demarcação de fronteiras entre amigo/inimigo, um forte apelo contrário às "elites" e a disseminação da utopia digital, que defende que os canais digitais de comunicação possibilitam a horizontalização da produção de notícias, o que seria muito positivo para a democracia. Neste sentido, Derosa fixa seu diagnóstico: "Não é a democracia que está ameaçada pelas redes sociais pela internet, mas sim a credibilidade e efetividade dos engenheiros da linguagem" (Derosa, 2019, p. 63).

No decorrer do livro, o autor relaciona algumas questões que circundam a noção de utopia digital, dentre elas a queda da confiabilidade nos veículos tradicionais somada à desestabilidade financeira dos veículos que, segundo o autor, é um efeito da quebra do monopólio dos grandes veículos no fazer jornalístico. Derosa, entretanto, faz a sua análise no caminho inverso aos demais: o autor defende a existência de empreitada em curso com o objetivo de "desacreditar a internet, num momento em que a grande mídia perde credibilidade para blogs, sites e até aplicativos de comunicação interpessoal" (Idem, p.57). Dito de outra forma, a ideia é que, por motivações financeiras, bem como visando manter sua posição hegemônica, a "grande mídia" estaria interessada em controlar o ambiente virtual para retomar seu lugar de relevância na sociedade.

> A grande imprensa, assim como pesquisadores por eles contratados para confirmar suas análises, precisa ter o monopólio da informação neutra e imparcial. Todo o resto da informação circulante na sociedade precisa ser tachada de subjetiva e segmentadas, isto é, vinda de grupos interessados. (Derosa, 2019, p.56)

A narrativa de que a grande imprensa (e outros superlativos relacionados aos veículos tradicionais de mídia) manipula dados para desacreditar outros veículos se repete por todo o livro, inclusive envolvendo outros atores neste processo como a Organização das Nações Unidas e ONGs, que segundo ele, absorveram a mão de obra jornalística ociosa. Derosa, assim como o seu professor Olavo de Carvalho, faz uso da estratégia de reorganização epistêmica citada anteriormente que remete aos elos ocultos, estabelecendo relações entre entes distintos e absolutamente arbitrários, abusando de suposições e narrativas imbuídas de uma grande dose de conspiracionismo.

Um outro ponto que é interessante destacar em relação à mobilização frequente de significantes vazios, como "povo" e "massa popular", noções que são sempre postas em oposição à "grande mídia" ou, em outras palavras, à "elite político econômica que controla os rumos da mídia", a "velha imprensa", a "imprensa militante", dentre outras expressões infladas que denotam um abstrato poderoso e autoritário, recurso típico de narrativas conspiratórias. O argumento da *hegemonia cultural da esquerda* também se apresenta no argumento de Derosa. Segundo ele, a esquerda acumulou, nas últimas décadas, um capital político tanto no Brasil

quanto no mundo, o que resultou numa posição hegemônica das ideias progressistas. O autor explica que noções como homofobia, islamofobia, ameaça fascista e violência simbólica (sim, Derosa cita o conceito desenvolvido por Bourdieu, ainda que não referencie no texto) foram rótulos mobilizados pela esquerda a fim de "destruir a imagem das vítimas e proteger a dos verdadeiros agressores", vítimas essas que, segundo ele, são geralmente identificadas como conservadoras ou de direita (Idem, p. 41).

Seguindo o seu argumento, Derosa defende que os grandes veículos da mídia contavam com o isolamento social das pessoas que pensavam diferente do que era publicado, dado seu poder sobre a opinião pública. Neste contexto, a internet possibilitou um encontro entre essas pessoas que estavam apartadas por não se identificarem com a ideologia difundida pelas grandes mídias:

> A agenda cultural da esquerda teve seu apogeu, mas sofreu grande revés diante da liberdade expressiva das redes. A ameaça de isolamento social com a qual contavam os grandes veículos (...) foi neutralizada e as pessoas puderam, finalmente, se encontrar. (Derosa, 2019, p. 46)

A internet é assim entendida como o espaço do encontro de pessoas que não se sentiam representadas pelos veículos tradicionais -voltaremos a abordar esse ponto de forma aprofundada adiante. O que cabe, aqui, é apreender como Derosa constrói a narrativa de que os profissionais dos veículos tradicionais buscam imprimir, de maneira compulsória, uma agenda progressista às suas pautas:

> Jornalistas, editores, repórteres e até fotógrafos carregam crenças progressistas que a imensa maioria da população brasileira desconhece ou julga marginais. E os comunicadores sabem utilizar a linguagem para *pressionar o cidadão comum a calar- se* sobre suas próprias concepções até o ponto de *envergonhar-se delas*. (Derosa, 2019, p.40. Grifos nossos)

Neste contexto fantasioso, Derosa relega à esquerda política o lugar de detentora das "narrativas históricas consagradas no Brasil", isso porque, segundo ele, o "regime" militar focou no combate à luta armada e deixou crescer ao largo movimentos revolucionários originários das universidades brasileiras, que formaram intelectuais, artistas e políticos das próximas gerações. Derosa escreve, inclusive, que o primeiro governo a iniciar a construção da hegemonia da esquerda no plano político foi o de Fernando Henrique Cardoso[303]. No que tange a cultura num sentido mais amplo, de acordo com a leitura de Derosa, o *establishment* da esquerda passava desde a imposição dos seus "dogmas politicamente corretos" até o

[303] Ver página 64 do livro de Derosa.

desfavorecimento intencional do conservadorismo político. Derosa imputou à mídia tradicional a responsabilidade por:

> (...) ocultar a influência do filósofo Olavo de Carvalho nas redes sociais, um dos *responsáveis pela orientação* das manifestações que culminaram no impeachment de Dilma Rousseff e, mais recentemente, pelo fenômeno Jair Bolsonaro (...) Segue mais adiante: "Certamente, um filósofo que consegue de fora do país derrubar uma presidente e eleger outro, deve no fundo ser motivo de grande preocupação para a esquerda. (Derosa, 2019, p.61.Grifo nosso)

Além de ser citado como orientador ideológico e agitador das manifestações que relacionam o impeachment de Dilma e a eleição de Bolsonaro, o papel de Olavo como intelectual é também citado como fundamental para a construção de uma perspectiva alternativa de alguns fatos históricos:

> Centenas de livros publicados, tanto de Carvalho quanto de apoiadores, alunos e seguidores, além de uma infinidade de blogs que passaram a *fazer análises bem mais profundas* do que as feitas na grande mídia, *deram origem a uma percepção diferenciada dos fatos históricos*. Uma perspectiva sonegada por décadas de hegemonia da esquerda nas universidades e na grande imprensa. (Derosa, 2019, p. 62)

Segundo o autor, portanto, Olavo e seus alunos são tidos como responsáveis por apresentar ao grande público perspectivas "diferenciadas" da historiografia oficial. A esquerda seria, em contrapartida, detentora das "narrativas históricas consagradas no Brasil", isso porque, segundo Derosa, o "regime" militar focou no combate à luta armada e deixou crescer ao largo movimentos revolucionários originários das universidades brasileiras, que formaram intelectuais, artistas e políticos das próximas gerações. O livro publicado por Derosa segue misturando fatos e factoides, agregando uma perspectiva interpretativa muito próxima à que foi defendida por Olavo de Carvalho por todas as décadas em que esteve ativo.

A publicação do livro, para dizer o mínimo, teve uma recepção absolutamente morna, porém é importante a esta análise por manifestar como se constrói a argumentação a partir da qual se justifica a importância de veículos como o Brasil Sem Medo, além de ser uma evidência de como se articula os fundamentados das ideias de Olavo de Carvalho no campo midiático. Defende-se, portanto, que através da internet as pessoas gozam da liberdade de construir suas percepções para além do que é proposto pela mídia tradicional, o que não necessariamente tem relação com a realidade factual. Neste sentido, a mídia tradicional seria, de acordo com Gonçalves, instrumentalizada por uma elite que teme a "nova e ameaçadora democracia direta das redes sociais, um espaço aberto pela própria decadência da velha imprensa e no qual acaba

se praticando *um jornalismo menos responsável, mas mais livre.*" (Idem, p. 25. Grifo nosso). O fim da frase se destaca por chegar a uma conclusão não tão distante da que César Rendueles, abordado no primeiro capítulo desta tese, chegou: a descentralização do campo midiático estimula práticas alusivas ao jornalismo, porém este é praticado sem necessariamente corresponder aos fatos. Ainda assim, porém, Derosa pinta um bom cenário e pressagia o destino dos veículos de mídia tradicionais, "suplantado aos poucos por centelhas de sites que se nutrem de acessos oriundos das redes sociais, *a velha imprensa se contorce e esperneia* contra a marcha aparentemente inevitável que a conduz à irrelevância social" (Idem, p.23. Grifo nosso).

Por fim, é importante salientar que uma análise das comunicações, realizadas entre a equipe editorial do Brasil Sem Medo e sua base de assinantes, evidencia como o argumento de Derosa foi adotado enquanto pauta e linha interpretativa no próprio jornal. Em momentos distintos é possível perceber esta associação, como por exemplo no e-mail veiculado no dia 24 de julho de 2022, cujo título é "O Duplipensar Político" que relacionava a noção de *fake news* à proibição da utilização de certos termos e, consequentemente, à censura:

Brasil Sem Medo jornal@brasilsemmedo.com por s1.csa1.acemsc2.com
para mim
25 de jul. de 2022, 11:57

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

Com a proximidade da campanha eleitoral e as definições de partidos e candidatos, aperta o cerco ao redor das "palavras proibidas" e as associações que, convenientemente, não podem ser feitas. Pouco antes de mandar prender um crítico de Lula e do Supremo Tribunal Federal, o ministro da Corte e presidente do TSE, Alexandre de Moraes, obrigou bolsonaristas a apagarem posts nas redes sociais em que ligam Lula e PT ao PCC.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 25/07/2022

Este trecho reforça o argumento de Derosa de que *fake news* nada mais seria do que algo inventado pela "esquerda" para evitar abordar certas temáticas ou categorizá-las como "indesejáveis". Esse argumento se repete em outras comunicações, e foi bem abordado no e-mail enviado no dia 22/05/2023:

BRASILSEMMEDO

Faça o seguinte exercício.

Imagine que, para mandar uma mensagem a alguém, é necessária uma avaliação do conteúdo da mensagem por parte de um órgão regulador, com a intenção de combater notícias falsas.

A depender do que estivesse escrito na mensagem, ela seria censurada, e apareceria com o mesmo aviso do título deste e-mail.

Parece uma realidade muito distante, não é?

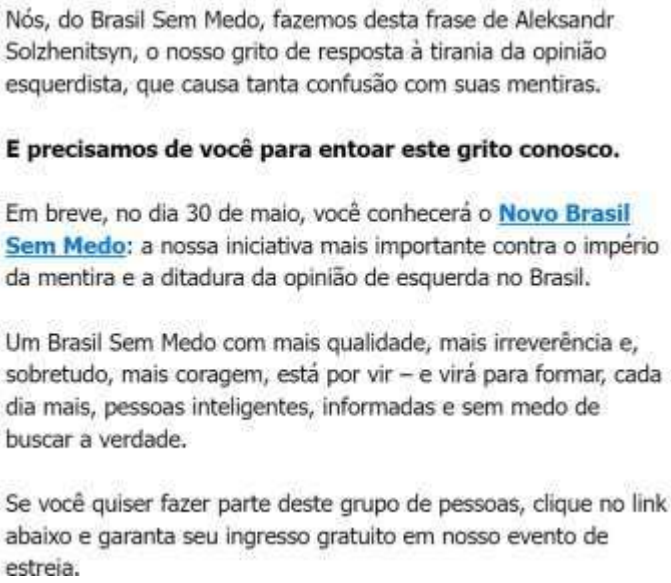
Mas já vimos uma prévia disso nas redes sociais, onde publicações eram removidas ou sinalizadas como "fake news", por agências de checagem.

E se você está recebendo este e-mail, com certeza sabe que a **censura sempre foi contra a direita...**

Este é o cenário perfeito para desistir. Mas... desistir e fazer o quê?

É preciso lembrar que este também é o cenário perfeito para a grande mídia promover aquilo que causa problema na humanidade desde o seu início: **a mentira.**

Em uma prisão da antiga União Soviética, um prisioneiro, antes de ser deportado do país, escreveu: "Que a mentira venha ao mundo. Que ela até triunfe, mas não por meio de mim."


Nós, do Brasil Sem Medo, fazemos desta frase de Aleksandr Solzhenitsyn, o nosso grito de resposta à tirania da opinião esquerdista, que causa tanta confusão com suas mentiras.

E precisamos de você para entoar este grito conosco.

Em breve, no dia 30 de maio, você conhecerá o **Novo Brasil Sem Medo**: a nossa iniciativa mais importante contra o império da mentira e a ditadura da opinião de esquerda no Brasil.

Um Brasil Sem Medo com mais qualidade, mais irreverência e, sobretudo, mais coragem, está por vir – e virá para formar, cada dia mais, pessoas inteligentes, informadas e sem medo de buscar a verdade.

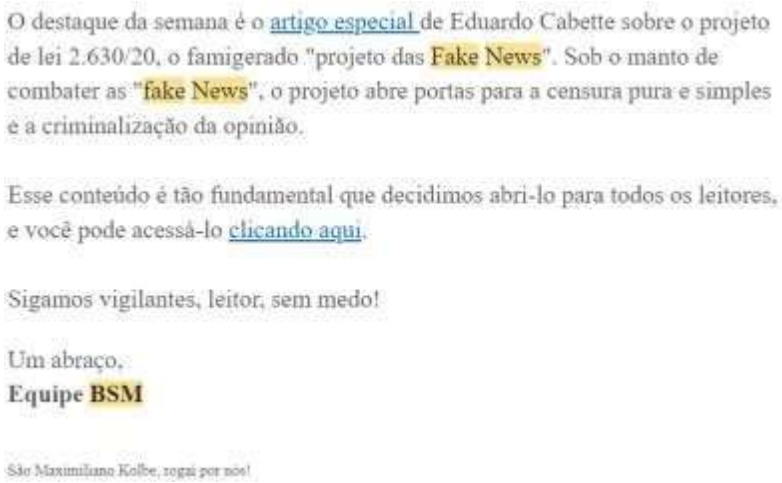
Se você quiser fazer parte deste grupo de pessoas, clique no link abaixo e garanta seu ingresso gratuito em nosso evento de estreia.

Imagens: Captura de imagem de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 22/05/2023

A comunicação acima é um exemplo que resume bem a ideia desenvolvida por Derosa em seu livro, além de usar vários artifícios que remetem à guerra cultural, como trazer uma definição alternativa do que é *fake news*, que não faz nenhuma alusão ao sentido massivamente compartilhado; relacionar a noção de *fake news* à censura; colocar a "direita" como vítima incontestável desta censura; remeter-se, ainda que não diretamente, à ideia de que há uma hegemonia na esquerda, através da noção de "ditadura da opinião de esquerda"; relacionar a "grande mídia" ao compartilhamento de mentiras e à esquerda política; colocar-se como veículo referência na luta contra a mentira e, por fim, convocar os assinantes a embarcarem nesta "guerra".

No exercício de não remeter ao sentido comumente compartilhado dos termos, a noção de *fake news* (assim como o projeto de lei 2630/20, conhecida como a Lei das Fake News[304]) é relacionada à criminalização política de opiniões. Em um e-mail que circulou em 18 de abril de 2022, o projeto de lei é chamado de "fraude legislativa" e é explicado da seguinte forma:

[304] O projeto de lei 2630/20 "estabelece normas relativas à transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, sobretudo no tocante à responsabilidade dos provedores pelo combate à desinformação e pelo aumento da transparência na internet, à transparência em relação a conteúdos patrocinados e à atuação do poder público, bem como estabelece sanções para o descumprimento da lei". Fonte: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944 Acesso em 04/12/2023.


O destaque da semana é o artigo especial de Eduardo Cabette sobre o projeto de lei 2.630/20, o famigerado "projeto das Fake News". Sob o manto de combater as "fake News", o projeto abre portas para a censura pura e simples e a criminalização da opinião.

Esse conteúdo é tão fundamental que decidimos abri-lo para todos os leitores, e você pode acessá-lo clicando aqui.

Sigamos vigilantes, leitor, sem medo!

Um abraço,
Equipe BSM

São Maximiliano Kolbe, rogai por nós!

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 18/04/2022

Diante das graves alegações, o BSM chegou a realizar e publicar o seu próprio *fact-checking* em relação a uma matéria publicada pelo Estadão sobre uma declaração do então ministro da economia Paulo Guedes, e a publicou sob o título "A Grande Mídia mentiu mais uma vez mas não recebeu o selo de *fake news* das agências de checagem"[305]. Esta foi, entretanto, a única vez que o BSM recorreu ao *fact-checking*, que, vale salientar, era frequentemente abordado como um recurso de censura de um "jornalismo fracassado" pelo próprio jornal[306].

6.3 A apropriação de conceitos: o exemplo da noção de narrativa

Alguns estudos examinam a disputa discursiva na mídia de massa, seja se voltando para a prática jornalística[307], seja considerando outros meios de produção e circulação de sentidos, como as tão populares telenovelas[308]. Estudos como estes mostram essa apropriação enquanto estratégia de disputa pela definição destes termos, demonstrando como alguns termos que eram comumente mobilizados pelo lado oposto do espectro político passaram a figurar entre análises e textos destes novos grupos. Essa estratégia passa pela noção de significante vazio, considerando que os termos acabam sendo esvaziados, mas é interessante observar a forma como eles são mobilizados, muitas vezes apresentando-se de maneira completamente distinta, como é o caso da noção de "*fake news*" apropriada por Derosa ou, até mesmo, de maneira oposta. Ainda assim, não coincidentemente, há apropriação. Isso posto, apresentaremos neste subtópico uma análise do conteúdo do editorial do BSM dos últimos anos, observando

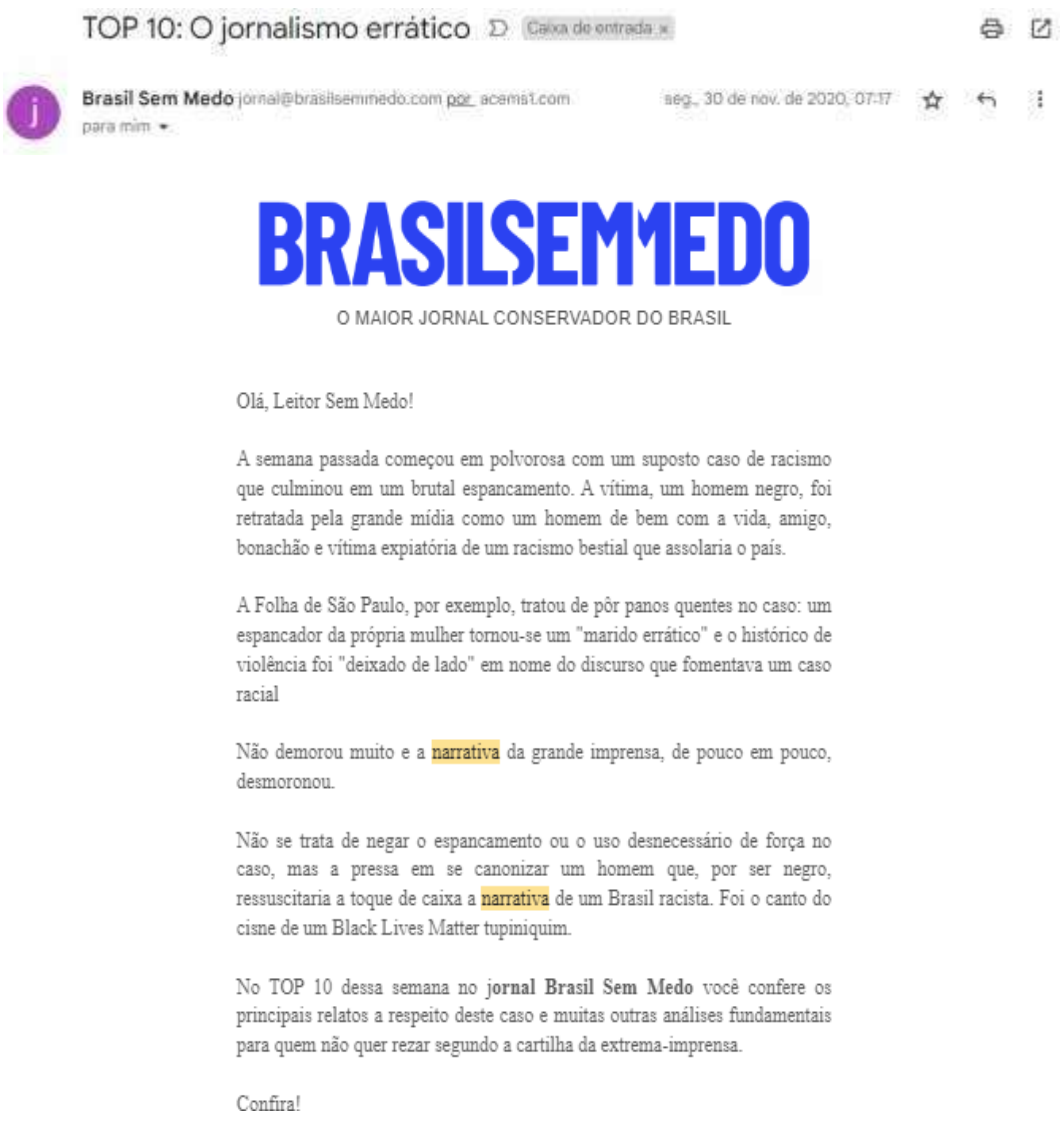
[305] Disponível em: https://www.brasilsemmedo.com/a-grande-midia-mentiu-mais-uma-vez-mas-nao-recebeu-o-selo-de-fake-news-das-agencias-de-checagem/ Acesso em: 01/12/2023.
[306] Ver: https://brasilsemmedo.com/fact-checking-o-ultimo-recurso-dos-mentirosos/ Acesso em: 06/12/2023.
[307] A exemplo do artigo de Souza e Eduardo (2020).
[308] Ver: Souza, Drummond e Almeida (2020).

especificamente a incidência de termos comumente utilizados no vocabulário progressista, com o objetivo de entender a forma a partir da qual tais expressões são apresentadas ao público leitor do BSM. É importante salientar que, para esta análise, selecionamos o uso do termo "narrativa" diante de tantos outros, considerando tanto a constância das aparições nos textos editoriais enviados para os assinantes do Jornal, com frequência semanal, quanto o fato de ser um exemplo da apropriação complexa e distorcida de um termo emblemático.

O termo "narrativa" remete a um conceito que circulava mais frequentemente nas esferas acadêmicas, mas que, nos últimos anos, tem sido muito mobilizado no senso comum. "Narrativa", em um sentido amplo, diz respeito ao relato de uma história ou uma série de eventos, fictício ou não. Essa noção desenvolveu-se também no campo da teoria literária e suas áreas afins (como no cinema, na música, entre outros), na historiografia, na psicologia, entre outros[309]. Já nas ciências sociais, a noção de narrativa é frequentemente abordada como uma estrutura explicativa presente na base dos procedimentos cognitivos dos indivíduos, a qual reflete a natureza contextual e intrincada das forças sociais que, indistintamente, as atravessam[310].

De início, buscou-se analisar os textos, publicados no jornal Brasil Sem Medo, que faziam referência à "narrativa"; entretanto, diante do enorme volume de dados, optamos por analisar o conteúdo dos e-mails assinados pelo editorial do Jornal e enviados para os assinantes, os quais totalizaram mais de 30 comunicações. Buscamos apreender em que contexto esta noção foi comumente mobilizada, bem como os seus usos. Dentre as comunicações enviadas por e-mail e assinadas pelo editorial do BSM, destaco algumas que fazer referência à noção de narrativa, dispostas em ordem cronológica:

[309] Ver: "Narrative Theory and the Cognitive Sciences" de David Herman (2003)
[310] Ver: "The Narrative Construction on Reality" de Jerome Bruner (1991).



TOP 10: O jornalismo errático

Caixa de entrada

Brasil Sem Medo jornal@brasilsemmedo.com por acems1.com seg., 30 de nov. de 2020, 07:17

para mim

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

A semana passada começou em polvorosa com um suposto caso de racismo que culminou em um brutal espancamento. A vítima, um homem negro, foi retratada pela grande mídia como um homem de bem com a vida, amigo, bonachão e vítima expiatória de um racismo bestial que assolaria o país.

A Folha de São Paulo, por exemplo, tratou de pôr panos quentes no caso: um espancador da própria mulher tornou-se um "marido errático" e o histórico de violência foi "deixado de lado" em nome do discurso que fomentava um caso racial

Não demorou muito e a narrativa da grande imprensa, de pouco em pouco, desmoronou.

Não se trata de negar o espancamento ou o uso desnecessário de força no caso, mas a pressa em se canonizar um homem que, por ser negro, ressuscitaria a toque de caixa a narrativa de um Brasil racista. Foi o canto do cisne de um Black Lives Matter tupiniquim.

No TOP 10 dessa semana no **jornal Brasil Sem Medo** você confere os principais relatos a respeito deste caso e muitas outras análises fundamentais para quem não quer rezar segundo a cartilha da extrema-imprensa.

Confira!

Imagem: Captura de imagem de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 30/11/2020

A primeira comunicação do editorial que fazia referência à noção de *narrativa* foi enviada ainda em 2020, a partir de um e-mail intitulado “O jornalismo errático”. O conteúdo do texto disserta sobre um caso de um homem negro que foi vítima de assassinato dentro de um supermercado da rede Carrefour. O caso causou grande comoção no país, o que provavelmente o levou a ser pauta do BSM; entretanto o enquadramento dado ao caso é o fato de que a vítima, que foi assassinada no dia da consciência negra, segundo o BSM, ter um histórico de violência doméstica. De acordo com o editorial através do texto enviado para os leitores, a mídia hegemônica havia construído uma “narrativa” que colocava a vítima como “expiatória de um racismo bestial que *assolaria* o país” -grifo nosso, posto com o objetivo de enfatizar a conjugação do verbo no futuro do pretérito, tempo verbal utilizado para situações de inconcretude ou incerteza de algo que poderia ter ocorrido, mas não ocorreu de fato. O BSM argumenta que a narrativa criada pela Folha de S. Paulo, que se espalhou pelas diversas mídias

no País, ignorou de forma deliberada o histórico de violência da vítima "em nome do discurso que fomentava um caso racial", o que "(...) *ressuscitaria* a narrativa de um Brasil racista" (grifo nosso, enfatizando mais uma vez a aplicação do futuro do pretérito). Ainda segundo o texto, essa narrativa que reza "a cartilha da extrema-imprensa" desmoronou.

A matéria publicada[311] sobre o tema foi escrita por Cristian Derosa, que traçava um paralelo cínico e descabido entre a matéria da Folha de S. Paulo[312], o movimento estadunidense Black Lives Matter e a defesa da descriminalização do aborto. Assim como faz em seu livro abordado anteriormente, Derosa expõe a mesma teoria fantasiosa de que fundações internacionais (junto a ONGs) como a Fundação Ford e Open Society Foundation seriam os "financiadores" das pautas da igualdade racial e do aborto no Brasil. Ainda segundo a teoria defendida por Derosa, o financiamento fazia com que os jornalistas recebessem releases -ou, até mesmo, que estes jornalistas fossem, eles próprios, "ativistas involuntários" dentro das redações- os quais abordavam a igualdade racial e/ou aborto como pauta jornalística.

Um outro exemplo do uso da noção de narrativa é o que segue abaixo, enviado em maio de 2021:

Brasil Sem Medo jornal@brasilsemmedo.com por acems1.com
para mim
seg., 10 de mai. de 2021, 07:14

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

Estrelada por Renan Calheiros, a CPI do covid começou sem surpresas com a repetição *ad nauseam* da narrativa de culpa do governo federal. A estrela da semana foi o ex-ministro Mandetta, que a despeito dos fatos públicos e conhecidos de sua gestão, tentou emplacar sem sucesso a velha história de que segue apenas a "ciência".

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 10/05/2021

Nesta comunicação, assim como no exemplo acima, a noção de narrativa é atrelada ao polo oposto que, neste caso, é a CPI do Covid e Renan Calheiros, então relator da CPI. A prática de

[311] Em: "Como um espancador de mulheres virou símbolo de igualdade nos jornais". Disponível em: https://www.brasilsemmedo.com/como-um-espancador-de-mulheres-virou-simbolo-de-igualdade-nos-jornais/ Acesso em 19/12/2023.
[312] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/beto-foi-pai-precoce-filho-presente-e-marido-erratico.shtml Acesso em 19/12/2023.

conferir a ideia de “narrativa” ao polo oposto será repetida várias vezes, e é um dos dados interessantes nesta análise. No exemplo acima, a culpa do governo federal durante a pandemia é constituída como um discurso mobilizado pelos inimigos do governo federal, com o objetivo de imputar responsabilidade ao mesmo no contexto da pandemia. Um outro ponto que vale a pena mencionar é a forma como o ex-aliado e ex-ministro da Saúde no governo Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta, é citado, apontando falhas em sua gestão e abordando de forma irônica a premissa repetida por ele a respeito da ciência.

No trecho abaixo, ainda de 2021, é interessante observar especialmente o título do e-mail: “Entre a realidade e a narrativa”. Neste contexto, é construída uma oposição entre a noção de narrativa e a noção da realidade factual, como se fossem necessariamente coisas distintas. Este título resume bem a forma como a noção de narrativa é frequentemente abordada na comunicação do BSM com seus leitores, forma esta que se estende para a redação das notícias publicadas no Jornal. É interessante também observar o corpo do texto, em especial o trecho inicial, que repete a oposição do título de uma outra forma, separando o “país real do povo” do “país fake dos políticos”. A noção de realidade aqui é resgatada e associada à noção de “povo” -abordada anteriormente- a fim de traçar discursivamente um contraste entre estes e “os políticos”. Numa frase posterior, o “Brasil real”, colocado aqui como o “Brasil do povo” e da realidade, é posto como antítese da “ilusão sádica do *establishment*”:

Entre a realidade e a narrativa

Brasil Sem Medo

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

O abismo entre os dias 7 e 12 de setembro mostra com clareza o país real do povo e o país fake dos políticos.

Esse é o tema escolhido pelo nosso querido Paulo Briguet em uma crônica especial.

Acesse agora esse conteúdo gratuito sobre o Brasil real e a ilusão sádica do establishment.

Abração!
Silvio Grimaldo
Diretor Executivo - Jornal BSM

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 15/09/2021

O trecho acima, ainda, é um dos poucos que são assinados por algum membro do Editorial do Jornal e repete, de maneira exaustiva, a velha fórmula Olavista de constituir discursivamente uma oposição a fim de mobilizar a sua audiência.

No trecho abaixo, de uma comunicação cujo título é "Nada além de narrativa", a ênfase no "nós versus eles" e o uso de "narrativa" enquanto discurso artificial mobilizado pelo pólo político oposto são retomados. Neste caso, há a referência dos governos estaduais e municipais, que são acusados de tomar "medidas draconianas" por defenderem e sustentarem as medidas de isolamento social durante o surto de COVID.

TOP 10: Nada além de narrativa

Brasil Sem Medo jornal@brasilsemmedo.com por acemail.com
para mim

seg., 11 de out. de 2021, 06:44

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

A cada semana fica mais difícil sustentar a narrativa de que as medidas draconianas de governos e "autoridades sanitárias" tenham algum interesse real no bem comum. Mais que a mera tentativa de subjugar as liberdades civis, os tiranos do caos querem demolir mesmo qualquer noção de razoabilidade ou bom senso no debate público.

Enquanto os dados e os fatos disponíveis não dão razão aos defensores dos passaportes sanitários, a imprensa - e mesmo parte da comunidade científica - reforça a narrativa de que mais liberdade é, na verdade, mais controle.

Confira o TOP 10 semanal do jornal Brasil Sem Medo e conheça os fatos que as narrativas políticas insistem em ignorar.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 11/10/2021

O texto também coloca entre aspas "autoridades sanitárias", denotando certa ironia ao citá-los. Mais uma vez é mobilizada a noção de "realidade" em oposição à "narrativa", sendo esta última respaldada pela imprensa e a parte da comunidade científica - ambos lugares comuns da crítica olavista ao "*establishment".* Para fechar, o último parágrafo faz a promessa ao leitor, a mesma sustentada por décadas por Olavo de Carvalho, que buscava evidenciar a sua relevância enquanto mediador entre os leitores/espectadores/alunos/seguidores e o "real": "conheça os fatos que as *narrativas políticas* insistem em ignorar" (grifo nosso).

Nos trechos selecionados abaixo, é possível verificar a repetição da estratégia abordada nesta análise:

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 03/10/2022

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 06/11/2022

Trechos como estes podem ser encontrados em várias comunicações, repetindo a mesma fórmula, sempre associando a "narrativa" ao "*establishment*", o qual pode tomar várias formas distintas: ora são os governos municipais, ora a esquerda, porém sempre perpassando os veículos de mídia tradicionais. Abaixo há um exemplo de uma comunicação em que outros termos que eram mobilizados pela esquerda são abordados pelo BSM: "a narrativa do medo" e a "narrativa do caos". Ambos os termos foram utilizados por alguns acadêmicos para referir-se ao bolsonarismo nas suas mais amplas facetas[313], porém são citados aqui enquanto tática da "extrema-imprensa" para mobilizar prefeitos e governadores no contexto da pandemia. No fim,

[313] Ver, por exemplo, "Política e a tática afetiva do medo" (Souza, 2021) ou "Bolsonaro e a estratégia do caos" (Valle, 2020).

a corriqueira frase de efeito que finaliza o texto repete a fórmula olavista: “(...) descubra os fatos que não se curvam à narrativa do medo”.

TOP 10: A narrativa do medo

Brasil Sem Medo

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

Enquanto a extrema-imprensa segue com a missão de espalhar o medo e a submissão cega aos ditames de prefeitos e governadores, os fatos das últimas semanas não se curvam à narrativa do caos.

Das estatísticas de novos óbitos aos últimos testes com fármacos que "não podem ser mencionados", cada vez mais fica patente o interesse de alguns poucos em aprovar e dominar milhões. Vale a pena citar, inclusive, a pesquisa de Lorenzo Ridolfi que falou no BSM sobre seu trabalho de "garimpagem" nos dados do SUS e a surpresa com a taxas de óbitos entre vacinados e não vacinados.

Confira o TOP 10 do Brasil Sem Medo e descubra os fatos que não se curvam à narrativa do medo.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 14/02/2022

Os temas que tangem o COVID-19, como isolamento social, CPI da COVID e vacinação, foram uns dos que mais foram relacionados à noção de “narrativas”, como é possível ver no exemplo do trecho abaixo:

TOP 10: Os fatos que não podem ser ignorados

Brasil Sem Medo

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

Enquanto no Brasil a grande mídia segue com a narrativa milagrosa das vacinas contra a COVID-19, no mundo real resultados alarmantes começam a aparecer. O caso mais recente, e curiosamente pouco divulgado, é o de um estudo da Pfizer em que 44% das grávidas perderam seus bebês. A "ciência"

Esse caso, mais uma vez, é um alerta a todos nós. Não sobre o uso de medicamentos ou a recusa irreconciliável a todo e qualquer imunizante, mas sobre a importância de não negociar a própria liberdade e não abrir mão do direito de escolha.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 22/08/2022

Os “fatos que não podem ser ignorados” citados no título do texto fazem referência a um “estudo da Pfizer” que trazia um percentual alarmante de perdas gestacionais de gestantes que participaram do estudo para desenvolvimento da vacina. A fonte citada na matéria traz um hiperlink para um documento PDF com 3.645 páginas, contendo inúmeras tabelas em inglês, sem nenhuma análise relacionada, apenas dados brutos descontextualizados. Outro hiperlink leva ao site do portal de notícias estadunidense Daily Clout, mas não leva a nenhuma matéria em específico. A matéria publicada no BSM[314] também traz, diferentemente do texto acima, a afirmação que a própria Pfizer nega a relação entre o experimento e as perdas gestacionais.

Vale ressaltar também que este conteúdo que põe em xeque a segurança das vacinas contra COVID 19 foi publicado em agosto de 2022, quando um enorme contingente da população já havia sido vacinado. Além disso, a referência à vacina entre aspas, bem como aos especialistas, evidencia que o negacionismo sanitário relacionado à COVID se estendeu mesmo após a ampla vacinação da população brasileira. Vale ainda citar a nova forma de se referir à mídia tradicional do texto: o jornalismo do medo.

No capítulo 2 foi citado que, em 2023, o BSM passou por uma renovação em sua identidade visual, entretanto o conteúdo, assim como a grande maioria dos colaboradores, permaneceu o mesmo. O e-mail abaixo enviado em outubro de 2023 é um bom exemplo disso:

[314] Disponível em: https://www.brasilsemmedo.com/44-das-gravidas-perderam-seus-bebes-em-testes-da-pfizer-para-producao-vacina-contra-covid/ Acesso em 20/12/2023.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 17/10/2023

Esta comunicação se refere ao relatório da CPMI da invasão aos prédios públicos em 8 de janeiro de 2022 como uma tentativa de "colocar em pé" uma narrativa, que mais uma vez aparece como sinônimo de uma "história farsesca", conforme presente no texto. A comunicação convida o assinante a assistir um dos programas do seu canal para descobrir "quem são os verdadeiros golpistas"- e isso, em momento algum, é apresentado como uma outra narrativa em relação aos mesmos fatos.

A comunicação veiculada em junho de 2023 resume a importância da disputa em torno de conceitos e sentidos, inclusive o esforço em enquadrar tudo o que não está de acordo com a linha editorial do jornal como pura "narrativa":

Quem escolhe os fatos que entram para a história? Caixa de entrada

Novo Brasil Sem Medo jornal@brasilsemmedo.com por s1.csa1.acemsc2.com sáb., 3 de jun., 09:22
para mim

BRASILSEMMEDO

Daqui a dez anos, como os acontecimentos políticos que vivenciamos hoje serão retratados nos livros de história?

Talvez, a geração dos seus filhos aprenda na escola que os ministros, deputados e jornalistas que defendem a tirania e a censura da opinião foram os grandes salvadores da pátria em 2023.

Isso porque, como bem disse Carlos Lacerda, um dos grandes nomes do Brasil no século passado, **"o jornalismo é a primeira linha da história".**

O jornal Brasil Sem Medo surgiu em para dar voz ao conservadorismo e combater as mentiras da grande mídia. Mas, na situação crítica que enfrentamos atualmente, só mostrar a hipocrisia e o descaramento de jornalistas e políticos não basta.

Você precisa enxergar o jogo de interesses que existe por trás de cada manchete e entender os cenários políticos e culturais que explicam os acontecimentos. Caso contrário, a narrativa da grande mídia infelizmente prevalecerá.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 03/06/2023

Esta comunicação resume a missão do Brasil Sem Medo, além de argumentar sobre a importância do veículo na disputa de sentidos que resultará, posteriormente, na "versão oficial dos fatos", ou seja, o que estará presente na historiografia. Daí que surge a ideia de que "o jornalismo é a primeira linha da história". Neste sentido, apesar de não o admitir, o conteúdo do texto deixa evidente que o BSM oferece aos leitores uma *narrativa alternativa* do que é veiculado pela "grande mídia", a fim de disputar simbolicamente espaço na construção de sentidos. João Cézar de Castro Rocha (2023), em seu mais novo livro "Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico", afirma que: "a guerra cultural notabilizou-se pela produção em série, profissional até, de disputa de narrativas cuja polarização crescente se traduz em

ganhos políticos imediatos" (Rocha, 2023, p.27). Entretanto, é importante dar visibilidade a outro propósito fundamental desta disputa: muito além dos ganhos políticos imediatos, há a disputa pela História, pela maneira a qual os fatos serão narrados no futuro, o que é absolutamente fundamental para a formação de pessoas. A tese de Rocha defende, ainda, que a disputa de narrativas travada pelo que ele chama de "midiosfera extremista"[315], resulta no fenômeno da "dissonância cognitiva coletiva", conceito que desenvolve a partir da Teoria da Dissonância Cognitiva do teórico em psicologia Leon Festinger. É importante, sobretudo, apreender que tal disputa faz parte da estratégia da guerra cultural pois, conforme eles mesmos admitem na comunicação abaixo, ainda que com os sinais trocados, "de narrativa em narrativa" constrói-se desinformação.

TOP 10: Sobre a vacina que não se fala

Brasil Sem Medo jornal@brasilsemmedo.com por sf.csat.acessc2.com

para mim

seg., 11 de jul. de 2022, 16:08

BRASILSEMMEDO

O MAIOR JORNAL CONSERVADOR DO BRASIL

Olá, Leitor Sem Medo!

Quanto mais passa o tempo, menos a imprensa noticia os desenvolvimentos e as consequências da vacinação em massa contra a covid-19. Do aumento no índice de mortes até a prováveis efeitos adversos que não são divulgados, a vacinação contra a covid-19 parece figurar, cada dia mais, como um dos maiores - senão o maior - projeto de controle social e concentração de poder.

Nessa semana, no TOP 10 do Brasil Sem Medo, você verá tudo o que a mídia esconde e como, de narrativa em narrativa, a desinformação e os ataques civis tomaram parte do nosso dia a dia.

Imagem: Captura de imagem de trecho de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 11/07/2022

Seria possível citar aqui outras várias comunicações em que a noção de narrativa é abordada como oposto de "realidade", sempre relacionada aos adversários clássicos do olavismo -como os jornalistas, a ciência e a esquerda- e nunca às figuras conservadoras ou da direita política. Diante de textos como o citado acima, é possível afirmar que se trata de uma estratégia deliberada de disputa discursiva, a qual consiste em mobilizar e engajar os leitores para o enfrentamento "do outro", além de validar, de certa forma, as teorias e argumentos construídos pelo veículo. Rocha (2023), ao tratar da noção de midiosfera extremista, ressalta a importância

[315] Rocha se refere aqui à circulação de notícias no universo digital, conjuntura que propiciou, segundo o autor, a emergência da "midiosfera extremista", relacionada por ele a um "ecossistema de desinformação". A noção de midiosfera extremista é abordada pelo autor ao longo do livro, podendo ser definida como um "(...) sistema informacional dotado de um altíssimo nível de coerência interna e, na prática, imune a críticas ou verificações externas." (ROCHA, 2023, p. 34).

de veículos como estes para a "validação de delírios" e para a monetização do radicalismo: "O efeito da 'mídia amiga' na mentalidade de seita da militância fanatizada é devastador, pois, ao dar voz a apoiadores de teorias conspiratórias e ao conceder visibilidade às notícias mais delirantes, a crença dos partícipes da midiosfera extremista torna-se inabalável" (ROCHA, 2023, p. 35).

No contexto da guerra cultural, portanto, o uso da palavra narrativa é feito a partir de uma apropriação precária de uma noção que foi desenvolvida inicialmente a partir da obra "A Condição Pós-Moderna" de Jean-François Lyotard (1979). Em poucas palavras, no livro Lyotard discorre sobre como, na pós-modernidade, as metanarrativas (ou os metarrelatos) passaram a ser descredibilizadas a partir de uma forte crise que permeou a instituição universitária, viabilizando a ideia de que o conhecimento científico pudesse ser lido apenas como mais uma espécie de discurso. Embora a teorização acerca das metanarrativas desenvolvida por Lyotard esteja muito distante da forma vulgar em que a noção de narrativa é usada atualmente, é possível que a origem científica desta noção remonte à leitura do filósofo francês sobre a pós-modernidade. Apesar da narrativa, no sentido estrito, poder ser entendida como relato, é necessário que seja embasado e fundamentado -seja num embasamento empírico, seja numa concatenação lógica, entre outros-, ainda que não necessariamente precise se fundamentar em uma metanarrativa, conforme aponta Lyotard. De maneira alguma, portanto, uma apropriação rigorosa da noção de narrativa deve ser confundida com um discurso sem fundamento ou, em suma, da *doxa*[316].

A apropriação mobilizada pelas comunicações do Brasil Sem Medo aqui analisadas, entretanto, vão além da supracitada: como foi visto, mais do que tratar "narrativa" como mera expressão do campo opinativo, o editorial do Jornal a coloca como oposto da percepção de "realidade", traçando um falso paralelo. Por fim, esta comunicação de outubro de 2022, enviada nas vésperas do segundo turno das eleições presidenciais, condensa referências de disputa de sentidos, além de algumas estratégias de reorganização epistêmicas, abordadas abaixo:

[316] Referência à tradução livre do grego que remete ao campo opinativo.

CONEXÃO KGB: O Brasil e a eleição do fim do mundo

Caixa de entrada

Brasil Sem Medo suporte@brasilsemmedo.com por s1.csa1.acemsc2.com

para mim

ter., 25 de out. de 2022, 17:33

BRASILSEMMEDO

Olá, Leitor Sem Medo!

Alguém pode considerar um exagero dizer que no próximo domingo o Brasil fará as *eleições do fim do mundo*. No entanto, a descrição nos parece adequada, principalmente se levarmos em conta que a palavra Apocalipse significa Revelação.

Muita coisa se revelou nesta campanha; jamais o sistema político – aquilo que Raymundo Faoro denominava "estamento burocrático" – se mostrou tão apocalipticamente parcial, virulento e raivoso quanto na guerra contra a reeleição do Presidente Jair Bolsonaro.

A máquina de ódio contra Bolsonaro, operada pelo TSE e reverberada pela grande mídia inteira, transformou a realidade em crime, a narrativa em verdade oficial e a censura em princípio vital da democracia.

A única esperança de escaparmos da fraude chamada socialismo encontra-se no vínculo inegável entre o povo brasileiro e o atual Presidente. No caso de uma vitória de Bolsonaro, cuja ascensão não pode ser escondida nem pelos piores institutos de pesquisa, muito mais será revelado.

O Brasil é a última resistência ao socialismo – e é sobre isso que vamos falar hoje no **Conexão KGB, a partir das 20h**. O convidado especial da noite é o adestrador Jefferson Quevedo, que vai dizer em que os cachorros votariam, se possuíssem título eleitoral.

Imagem: Captura de imagem de e-mail enviado aos assinantes do BSM no dia 25/10/2022

A "máquina do ódio" aqui é operada não por bolsonaristas, mas pelo Tribunal Superior Eleitoral contra Bolsonaro; a "narrativa" é posta como antagônica da "realidade"; há também o enfraquecimento da legitimidade de peritos, neste caso, os institutos de pesquisa; o conspiracionismo presente no argumento da ascensão do socialismo no País, que requer "resistência"; a fronteira entre amigo e inimigo é demarcada a partir da alusão ao "povo brasileiro"; o uso de superlativos, alguns com referências bíblicas, como "apocalipticamente", "fim do mundo", "guerra", "única esperança", "muito mais será revelado", que incorpora um tom de urgência à mensagem; o uso de noções como "censura", "democracia" e "narrativa" também se destaca, por se tratarem de termos mobilizados mais comumente pela esquerda política. A comunicação encerra, por fim, com um tom de ironia e chacota que é bastante característico ao discurso olavista.

6.4 Os aparelhos privados de hegemonia de Olavo

Álvaro Bianchi, referência acadêmica por ser especialista na filosofia de Gramsci, afirmou em entrevista que, apesar de Olavo de Carvalho se colocar publicamente como crítico

e num lugar de oposição à teoria de Gramsci, a construção do seu pensamento é muito mais próxima da do italiano do que ele provavelmente gostaria de admitir. Como diz Bianchi:

> (...) nós podemos dizer que o programa político e intelectual de Olavo de Carvalho é de tipo gramsciano, no sentido de que não apenas ele *define a cultura como um terreno privilegiado do conflito político*, mas também por ele perceber claramente a importância de formar intelectuais. (Bianchi In: Zambello et al. 2021, p.75. Grifos nossos)

A referência à formação de novos intelectuais é também fundamental para esta análise. Considerando isso, abordaremos este tema mais adiante. Porém, após nos aprofundar nas diversas maneiras em que Olavo de Carvalho disputa a guerra cultural, é possível afirmar que o que o costura, portanto, às demais esferas de produção simbólica é a compreensão de que a cultura seria um "terreno privilegiado do conflito político" (Idem). Diante dos diversos empreendimentos criados por Olavo ou inspirados pelo seu pensamento, é inegável que o polemista pôs em prática uma complexa estratégia para reivindicar seu espaço hegemônico no *establishment* cultural. Argumentamos aqui que esta estratégia passa pela construção de aparelhos próprios de hegemonia: além dos veículos abordados anteriormente, que compreendem desde programas de rádio ao cinema, o seu Curso Online de Filosofia talvez seja o seu *masterpiece* na guerra cultural, considerando a sua dimensão em termos de quantidade de alunos e de aulas, bem como a sua importância para a perpetuação do seu legado. Considerando isso, o COF é o tema principal deste tópico.

Para entender o argumento, é necessário retomar algumas ideias defendidas por Gramsci, especialmente no que diz respeito ao que foi produzido por ele acerca da ideologia além do que ele denomina *aparelhos privados de hegemonia*. É importante salientar, ainda, que a relação entre Olavo de Carvalho e aparelhos privados de hegemonia foi anteriormente feita por Gilberto Calil (2021), quando o autor discorreu sobre alguns de seus instrumentos de produção simbólica. Resgatamos então a contribuição de Calil para aprofundar o argumento aqui defendido.

Em sua cuidadosa análise crítica das relações sociais, Antonio Gramsci se voltou para a função dos intelectuais no âmbito da disputa entre classes pela dominação. Neste sentido, embora o termo "intelectual" possa ser aplicado em sentidos genéricos (comumente associados à formação especializada em alguma área), o filósofo italiano se dedicou a produzir uma definição de intelectual, considerando o papel dessas figuras enquanto indivíduos com função educativa, cultural e política. Apesar de ter sido pensada no contexto histórico e geográfico específico da Itália na primeira metade do século XX, a conceituação gramsciana de intelectual

é bastante utilizada até hoje, especialmente para pensar o "(...) exercício das funções de direção e dominação dos grupos sociais antagonistas e, por essa via, a formação do pessoal encarregado ou especializado" (Bianchi, 2008, p. 74).

A distinção conceitual da figura do intelectual desenvolvida por Gramsci levou em consideração, especialmente, o recorte de classe: enquanto que os *intelectuais tradicionais* afastaram-se de sua classe social e, portanto, basicamente serviam como reprodutores, fazendo a manutenção de fragmentos de ideologias preexistentes, os *intelectuais orgânicos* foram forjados em seus contextos sociais e são portanto conscientes do seu papel. De acordo com Gramsci, inclusive, é possível haver intelectuais orgânicos vinculados tanto às classes subalternas quanto às classes dominantes. Neste sentido, há uma disputa pelos meios de dominação, pois cada intelectual orgânico integra-se ao seu território e ao seu povo, desempenhando um papel ativo na disputa, engajando outros indivíduos na ação revolucionária pela construção de uma nova hegemonia, o que, segundo Martins (2011), exigirá uma "reforma moral e intelectual". Em poucas palavras, portanto, a distinção fundamental entre os intelectuais tradicionais e orgânicos está relacionada ao papel desempenhado por cada um na reprodução ou na transformação das estruturas sociais vigentes, ou seja, "a seara do trabalho intelectual também como um espaço em que se desenvolve a disputa pela hegemonia" (Idem).

De acordo com a teoria gramsciana, então, a partir deste espaço de disputa, alguns aparatos são organizados por intelectuais orgânicos com o objetivo de definir direcionamentos políticos e ideológicos específicos, a fim de produzir a legitimação dos seus interesses. Tais aparatos são denominados *aparelhos privados de hegemonia* (APH) e trabalham no sentido de difundir o modo de ser, pensar e agir de um grupo, buscando retomar (ou manter, no caso dos APHs serem da classe dominante) a posição hegemônica no espaço social. Em suma, os aparelhos privados de hegemonia são, portanto, instrumentos construídos por intelectuais orgânicos com o objetivo de sistematizar uma visão de mundo e trabalhar para torná-la socialmente majoritária ou, em outras palavras, hegemônica. E qual a função a longo prazo deste esforço? De acordo com Gramsci, alcançar a hegemonia é fundamental, porque é através dela que a sociedade como um todo, através das suas mais distintas classes, irá *aderir* a um determinado projeto, seja ele econômico, político, cultural ou social. Essa função é também fundamental pois, conforme o autor desenvolve na sua teoria da hegemonia, o poder necessário para garantir o domínio da sociedade não vem somente da coerção, mas é garantido também através da aceitação voluntária de uma visão de mundo, valores e normas. Neste sentido, na busca de certo consenso, os APHs são fundamentais, pois *propagam e socializam* tais

perspectivas e concepções de mundo, as quais são integradas às demais frações da sociedade, garantindo uma aceitação e conformação com tais concepções.

Em termos concretos, os APHs podem constituir-se como instituições de cunho cultural e/ou educacionais, podem assumir a forma de escolas, igrejas, veículos de comunicação, dentre outras organizações que têm o poder de moldar a cultura através da formação dos indivíduos e grupos, fazendo com que estes internalizem certas ideias, normas e visões de mundo e as tomem como naturais. Gilberto Calil (2021) explica a importância dos APHs para a garantia da conformidade e, consequentemente, da estabilidade social:

> Nesta perspectiva, o processo de desenvolvimento ocorrido nos estados ocidentais tornou a sociedade civil '[...] uma estrutura muito complexa e resistente às irrupções catastróficas' (GRAMSCI, 2001b, p. 73), pois para além da função repressiva desempenhada especialmente no âmbito da sociedade política, tem-se a constituição de uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas – justamente os aparelhos privados de hegemonia. Jornais, associações e formas organizativas das mais diversas constituídas por intelectuais orgânicos vinculados à classe dominante cumpririam este papel de reforço na dominação, da mesma forma que aparelhos construídos por intelectuais vinculados à classe trabalhadora incidiriam para contestar a dominação. (Calil, 2021, p. 66)

Considerando que Gramsci pauta estas questões em um contexto histórico, político e geográfico específico, é natural que ele relacione fortemente as classes sociais aos recortes deste processo: desta forma, parece natural que os intelectuais orgânicos das classes dominantes se voltassem para a construção de APHs de manutenção da hegemonia e, em contrapartida, os intelectuais da classe trabalhadora incidissem para contestar a dominação. Entretanto, entendendo que a configuração atual dos estratos sociais é muito mais complexa e que fenômenos como o conservadorismo, por exemplo, atravessa as mais diferentes classes sociais, propomos que esta relação compulsória entre a classe social de um grupo/indivíduo e o direcionamento dos aparelhos privados de hegemonia ao qual estejam relacionados, seja reconsiderada. Dito de outra forma, defendemos aqui que haja certa flexibilização neste quesito, pois acreditamos que apesar da classe ser um fator fundamental, ela não é necessariamente determinante -especialmente por estarmos tratando da esfera cultural, que não tem as regras tão rigidamente estabelecidas neste sentido. Desta forma, podemos afirmar que o que se observa atualmente ao considerarmos o movimento conservador, por exemplo, é que há adesão por parte de indivíduos de classes, religiões, gêneros, raças e origens distintas - aindaque estudos como os realizados por Wendy Brown (2019) demonstrem que seja possível delimitar um "perfil de conservador" nos Estados Unidos, este não se limita à classe social. Amenção ao conservadorismo é fundamental nesta discussão porque, conforme o argumento que

está se construindo aqui, os vários veículos de comunicação criados e/ou capitaneados por Olavo de Carvalho podem ser lidos como aparelhos privados de hegemonia.

Olavo passou a ministrar cursos desde, pelo menos, meados de 1980. Nesta primeira década, os cursos de Olavo eram mais voltados para a astrologia, área em que ele havia atuado desde antes, englobando também um pouco de filosofia ao seu escopo. Neste período, Olavo passou a produzir muito texto, tendo assinado mais de uma dezena de livros. Ainda assim, possivelmente pela especificidade do tema que abordava, bem como pelo seu envolvimento com outras atividades, Olavo tinha um alcance muito limitado em termos de alunos e leitores. Essa situação só começou a mudar em meados da década de 1990, quando o autor lançou títulos que o projetaram bastante como pensador conservador no cenário nacional. Calil (2021) destaca a publicação de três títulos que foram uma verdadeira virada de chave na carreira de Olavo: "A nova era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci" (1994), "O Jardim das Aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil" (1995) e "O imbecil coletivo : atualidades intelectuais brasileiras" (1996). Este último, inclusive, contou com ampla circulação e chegou a seis edições no intervalo de 8meses após o seu lançamento. Os jornalistas Ana Clara Costa e Edoardo Ghirotto, que assinaram uma capa da revista Veja que estampava o rosto de Olavo sob o título "O Guru Improvável" (2018), relembram a importância da repercussão desta última obra para alçar Olavo de Carvalho a um lugar de relevância nas mídias tradicionais:

> Quando "O Imbecil Coletivo" foi lançado, Olavo já havia publicado dez livros (de Aristóteles à astrologia), mas todos passaram em branco. Com "O Imbecil Coletivo", ganhou certa fama de polemista e passou a integrar o panteão de escritores'de direita'. Colaborou com as revistas Bravo!, República, Primeira Leitura e Época,e teve uma coluna no jornal O Globo , do qual foi demitido em 2005, ano em que semudou para os Estados Unidos como correspondente do Jornal do Comércio. (Costa; Ghirotto, 2018, p. 51)

A partir do momento em que Olavo passou a gozar de certo *status* e repercussão de alcance nacional, passou a contar com uma quantidade mais expressiva de seguidores/leitores/alunos. Os seus esforços, então, voltaram-se para a construção dos seus veículos próprios de comunicação com o seu público, desde o programa de rádio Mídia Sem Máscaras, lançado em 2002, até o jornal digital Brasil Sem Medo, lançado em 2019. São estes veículos que entendemos aqui como aparelhos privados de hegemonia, assumindo que Olavo passara a pôr em prática o que havia aprendido a partir da leitura de Gramsci, entendendo a importância de um trabalho bem-feito no âmbito da esfera cultural para alcançar a revolução conservadora que tinha como objetivo. Para Calil (2021), amparado por Patschiki (2012), o Mídia Sem Máscara foi o veículo fundamental através do qual Olavo se impunha enquanto referência intelectual,

sendo também o seu principal APH. Entretanto, contestamos esta afirmação aqui ao argumentar que, na verdade, o seu Curso Online de Filosofia foi o APH mais efetivo de Olavo de Carvalho, por ser responsável por divulgar a sua concepção de mundo e seus valores morais para a maior quantidade de gente e de forma mais aprofundada e eficiente.

Olavo de Carvalho ministrou a sua primeira aula no seu Curso Online de Filosofia (COF) em 14 de março de 2009, oferecendo aulas até poucos dias antes do seu falecimento, em janeiro de 2022. Nas mais de 500 aulas lecionadas ao longo de 13 anos, Olavo construiu, apartir de uma base material própria, um forte instrumento de disseminação do seu sistema de crenças e visão de mundo, engajando, segundo o próprio, mais de 80 mil alunos em seus cursose aulas. Os alunos inscritos, além de ter acesso a todo o banco de vídeos e áudios das aulas anteriores, também tinham a possibilidade de assistir às aulas semanais síncronas, ao menos até janeiro de 2022. A temática e a duração das aulas variavam de acordo com a sessão[317], masem geral tratavam de política, cultura e filosofia, além de temas contemporâneos. As aulas nãoeram separadas por tópicos ou turmas; o conteúdo que começou a ser lecionado em 2009 seguiauma lógica muito orgânica, sem muita estrutura prévia ou ementas, e os alunos recémincorporados já deviam pegar o embalo e seguir com quem já estava envolvido no curso há dias, meses ou anos. O COF, também conhecido como Seminário de Filosofia, foi definido pelo próprio Olavo como "peça central da sua filosofia", e formou um punhado de figuras quese tornaram peças centrais no jogo político dos últimos anos.

O jornalista Denis Russo Burgierman, a convite d'O Globo, tornou-se aluno do COF durante 3 meses, realizando uma espécie de etnografia das aulas que acompanhou de forma síncrona em 2019. Burgierman resume, na matéria publicada na revista Época em março de 2019[318], o que se destacou na sua experiência durante esse curto intervalo:

> Enquanto eu seguia Olavo, ele estava no centro do Brasil. Viu o pai de um aluno virar presidente da República, nomeou dois ministros, brigou com quase todos os outros, brigou com o partido do presidente, com os oficiais de patente mais alta que a do presidente, com o próprio ministro que havia indicado, viu dezenas de alunos seus ir trabalhar em setores estratégicos do Brasil, encontrou-se com Steve Bannon — líder do movimento populista nacionalista mundial —, varou noites postando ironias, palavrões e filosofia nas redes sociais, pediu dinheiro aos fãs para pagar dívidas, mandou os alunos pedir demissão do governo e ir estudar. (Burgierman, 2019, n.p)

[317] Alguns alunos de Olavo de Carvalho organizaram um índice temático que compreende 486 aulas (até setembro de 2019), o qual está disponível neste link: https://www.rafaelalmeida.com/cof.html Acesso em: 28/12/2023.
[318] Intitulada "O curso de Olavo de Carvalho, o artista da ofensa", disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/o-curso-de-olavo-de-carvalho-artista-da-ofensa-23521208 Acesso em 27/12/2023.

Este trecho do diário de campo de Burgierman oferece uma perspectiva da dimensão da influência que Olavo gozava em 2019, bem como da importância que um aparelho privado de hegemonia, forjado e capitaneado por ele, tinha no tecido social e político. É, talvez, o que Bugalho quis dizer quando se referiu à ideia de "gramscismo olavista"[319]; o autointitulado filósofo e crítico ferrenho de Gramsci apossou-se das ferramentas citadas na teoria do filósofo marxista alvo de suas críticas, implementando os conceitos a partir de sinais trocados. Diante da desaprovação da hegemonia cultural de esquerda, tão frequentemente abordada por Olavo, o professor passou a desenvolver suas próprias técnicas de influência no campo cultural, não medindo esforços para divulgar a sua agenda conservadora em todos os formatos e canais possíveis.

Essa, talvez, tenha sido a grande missão de Olavo: o advento da internet possibilitou que ele alcançasse centenas de milhares de pessoas, a baixíssimo custo, em qualquer lugar do mundo. Através da formação de novos alunos, ou como ele os remetia, de futuros intelectuais, Olavo pôde difundir o seu sistema de crenças, unificando, organizando e divulgando sua visão de mundo repassada aos seus alunos através das incontáveis horas de aula. Em alguns momentos, vale salientar, havia interesse de que seu discurso extrapolasse a sua lista de discentes e chegasse ao grande público - o que, claro, era interessante para a sua projeção como intelectual orgânico -, trechos de suas aulas eram publicados no YouTube e alimentavam tanto as redes sociais do próprio Olavo, quanto as centenas de perfis conservadores, tradicionalistas, religiosos e da direita política. Através destas ferramentas, o polemista passou a gozar de um lugar de prestígio para milhões de pessoas na internet, prestígio este que, segundo ele mesmo, havia sido reiteradamente negado pelos veículos tradicionais de mídia.

Em sua tese intitulada "Opiniões à venda: oposições políticas e divisão do trabalho intelectual na mídia" (2021), a socióloga Allana Meirelles mergulha no mercado de produção de opinião pública brasileiro, debruçando-se sobre as figuras de grande projeção tidas como "intelectuais" ou formadores de opinião pública. Amparada pela sociologia bourdieusiana, Meirelles realiza uma investigação sobre o que denomina "divisão do trabalho intelectual midiático" no Brasil, partindo do pressuposto que, diante da ampliação jamais vista de condições de produção de opiniões, ocorre também um importante processo de *segmentação* da produção cultural e ideológica. Tal processo segmentação, de acordo com a autora, ressalta a distinção entre as lógicas das mídias aqui abordadas: quando se fala de segmentação da produção cultural e ideológica, a referência é necessariamente ao espaço digital, seja através

[319] Na introdução do livro de Heloísa de Carvalho "Meu Pai, o Guru do Presidente" (2020).

das redes digitais na internet, seja através dos canais fechados de televisão[320]. Os formadores de opinião selecionados por Meirelles para apreciação são, segundo a mesma, "(...) em geral, aqueles que mobilizam com maior fervor os mecanismos de distinção e as estratégias de luta pela definição do espaço social em si mesmo" (Meirelles, 2021, p. 31). Dentre as 51 figuras analisadas, que foram analiticamente separadas pela autora entre "especialistas", "acadêmicos", "jornalistas mainstream", "jornalistas blogueiros", "militantes" e "polemistas", Olavo de Carvalho foi classificado pela autora como pertencente aos dois últimos grupos, em especial ao último. Para tal classificação, Meirelles levou em consideração o *capital social midiático* de cada figura, ou seja:

> (...) em quais veículos de imprensa, programas de TV ou rádio possuem coluna ou espaço de comentário, se possuem redes sociais, qual o número de seguidores e o grau de interação; se são funcionários das empresas de comunicação ou convidados, se escreveram livros de grande circulação e qual o nível de venda deles. (Meirelles, 2021, p. 29)

O que chama a atenção e diferencia a trajetória de Olavo dos demais formadores de opiniões analisados é que o capital social midiático dele, pelo menos se considerarmos os 20 últimos anos, é formado à margem do que define as figuras públicas trabalhadas por Meirelles - apesar disso, ainda, Olavo desponta como um dos principais formadores de opinião da atualidade. A autora ressalta outros fatores que o diferencial dos demais, ao dizer que ele "(...) busca emular os símbolos de uma prática social legitimada (...), a de professor e intelectual - ao mesmo tempo em que os associa às marcas de um 'homem comum'" (Idem, p. 77).

No âmbito da definição do grupo de "polemistas", Meirelles coloca enquanto características comuns as que seguem: (i) se assumem como outsiders do jornalismo, da academia e até mesmo do campo intelectual; (ii) mobilizam o ódio a fim de angariar espaço nas mídias; (iii) são respaldados pela admiração de grupos que se reúnem majoritariamente na internet, o que tem a função de legitimar a sua relevância para o debate público; (iv) colocam-se publicamente e/ou tomam posições de acordo com a conjuntura, a qual é bastante volúvel, dentre outros. Apesar destas características serem apropriadas em relação a Olavo de Carvalho, é importante pontuar que a leitura realizada por Meirelles, talvez por tratar-se de uma generalização -visto que ela está tratando de um número grande de figuras públicas- não é de todo pertinente para analisar a figura de Olavo. O peso dado pela autora à trajetória dos objetos não se aplica a Olavo, além dela relacionar a relevância dos polemistas à sua presença nos veículos hegemônicos de mídia, o sucesso dos polemistas ao uso de linguagem acessível e fácil,

[320] A referência aos canais fechados, acredito, faz mais sentido quando consideramos o espaço midiático estadunidense. Arrisco dizer, a partir das minhas observações e leituras, que tais segmentos de canais não têm a mesma importância no ecossistema midiático brasileiro.

deste grupo ser definido como ela como figuras que perderam prestígio e espaço na internet, dentre outros pontos que divergem Olavo dos demais polemistas analisados. Entretanto, sua tese é importante para analisar o mercado de opiniões como um todo, bem como a forma como as figuras estudadas disputam um lugar de "intérpretes do mundo social, analistas de conjuntura e propositores de soluções para o país" (Idem, p. 348). É inegável, a esta altura, que Olavo de Carvalho tornou-se referência intelectual para o seu público, bem como a importância do seu Seminário de Filosofia para posicioná-lo neste lugar. Estudos como o de Bianchi e Mussi (2020) demonstram como o discurso produzido por Olavo contribuiu para unificar os grupos distintos de direita no Brasil.

Guiado pela lógica cunhada por Nietzsche e citada repetidamente por Olavo, "Só se vence aquilo que se substitui", os aparelhos privados de hegemonia construídos pelo mesmo tinham um objetivo claro. Neste sentido, o seu projeto de retomada da hegemonia passava, portanto, pela necessidade de instituir uma instância de *formação* de terceiros em seu próprio sistema de crenças, abordando suas estratégias, fundamentos, léxico, dentre outros termos que resumiam a sua visão de mundo. O filósofo Martim Vasques da Cunha, citado anteriormente, não foi apenas um participante ativo dos fóruns de discussão criados e moderados por seu professor, como também foi um leitor cuidadoso da sua obra, tendo o conhecido pessoalmente algumas vezes e até se hospedado em sua casa. Entretanto, segundo Cunha, as coisas passaram a mudar em meados de 2010[321], quando Olavo atingiu um novo status de "celebridade". Cunha descreve o que interpretou como um *oportunismo tático* de Olavo para formar uma elite intelectual, o que para ele era apenas uma nova maneira de adquirir poder. De qualquer maneira, citando Mariutti (2020), Cunha fala sobre o empreendimento de Olavo ao criar "(...) uma nova comunidade de iniciados sob a liderança firme de um portador do saber genuíno, a única forma de se chegar efetivamente à verdade - uma verdade que é, em seu julgamento, supratemporal. " (Mariutti, 2020, p. 15). De acordo com o próprio Cunha, o projeto de instituição de uma nova elite intelectual formada por Olavo carregava a pretensão de:

> (...) provocar uma grande mudança no ser humano, em especial nos brasileiros, insuflada por um discurso violento, que, por sua vez, vem embalado numa retórica filosófica ou religiosa cuja intenção é resolver todos os problemas estruturais da sociedade por meio de ações extremas e radicais. Assim, a pretensa elite intelectual criada por Carvalho consistiria apenas nos membros por ele reunidos, aqueles capazes de lhe prestar permanente devoção, provocada pelo sentimento de terem recebido uma iluminação celestial. (Cunha, 2020, n.p).

[321] Ver a matéria publicada por ele na Revista Piauí em agosto de 2020, intitulada "Tragédia Ideológica". Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tragedia-ideologica/ Acesso em: 02/01/2024.

Dentre os seus alunos mais entusiastas, dizia-se que Olavo era o responsável pela formação da "mais erudita elite intelectual do país"[322], que o empreendimento do professor, através do COF, era um marco na história recente do Brasil por se dedicar a formar "a nova geração pensante e que mais estuda" (Idem). O caráter horizontal a que se propunha o COF, sem exigir formação prévia ou nenhuma outra condição para participação dos seus alunos, era algo que diferenciava o projeto pedagógico de Olavo em relação às instituições formais de ensino. Isso atraiu, sem dúvidas, centenas de pessoas dos mais distintos backgrounds, como aconselha um ex-aluno do COF aos recém-chegados[323]:

> Vai parecer um discurso de *coaching*, mas as pessoas precisam de um ajuste de atitude em relação aos estudos para encararem o COF. Não se pode ter medo, ou até mesmo, rejeitar o conhecimento, como é típico no Brasil. Você vai descobrir que não sabe porra nenhuma, mas isso faz parte do processo. Persista que as peças vão se encaixando. A burrice não sai num passe de mágica. (Pereira, 2020)

Dentre os milhares de alunos, destacavam-se alguns mais fanáticos que acreditavam (e divulgavam) que o Curso Online de Filosofia abria "um novo capítulo na história da inteligência brasileira".

Entretanto, apesar de alguns mais fervorosos que adotaram a figura do polemista como um verdadeiro guia intelectual, Olavo também não era consenso entre todos os alunos. O relato de um outro ex aluno de Olavo, o também filósofo formado pela USP Horacio Neiva, publicado pelo Intercept Brasil em janeiro de 2022[324], também caracteriza o seu Curso Online de Filosofia como uma seita. Explica como o texto que o aproximou de Olavo teve um apelo tão forte, quando ainda era um jovem estudante universitário:

> Olavo nos tratava como intelectuais em potencial e como vítimas de circunstâncias alheias a nós. Além disso, despejava uma multidão de autores de quem nunca tínhamos ouvido falar, o que, além de despertar a curiosidade, sugeria a ideia de que: 1) nossos professores eram ignorantes, e o Olavo era luz; 2) havia um complô para nos impedir o acesso a essas fontes de conhecimento. (...) Mas noto que, ainda que a parte política fosse um estímulo adicional, Olavo arregimentava seguidores principalmente a partir de um jogo de vaidades juvenis. Jovens, de inteligência moderada e algum interesse intelectual, eram atraídos para um vórtice de ideias e autores de quem, como já disse, nunca tínhamos ouvido falar. O impacto, pelo menos em mim, foi tremendo: 'seu professor nunca lhe falou deste filósofo? O maior do século 20?'" (Neiva, 2022, n.p)

Além da eloquência e do poder inegável de persuasão de Olavo, Neiva comenta que todo o aparato que havia por trás do COF ajudavam a estabelecer e dar fundamentos à ideia de que Olavo era um verdadeiro intelectual com ares de guru: desde às comunidades do Orkut,

[322] Palavras de Rafael Nogueira em: https://sensoincomum.org/2019/08/09/onze-anos-cof-curso-online-filosofia-olavo-carvalho/ Acesso em 05/01/2024.
[323] Robson Pererira em "Guia Não Oficial para Novos Alunos do COF do Olavo de Carvalho". Disponível em: https://olavete.com.br/guia-nao-oficial-cof/ Acesso em 20/10/2024.
[324] Disponível em: https://www.intercept.com.br/2022/01/25/olavo-de-carvalho-nao-havia-nada-ali-aluno/ Acesso em 02/01/2024.

passando pelo seu imenso contingente de seguidores, leitores e alunos até o volume massivo de conteúdos em áudio, vídeo e texto que ele havia produzido, tudo parecia confirmar a importância de Olavo enquanto pensador incontornável. "Tudo isso reforçava ainda mais a lenda e o mito de que Olavo era um gigante do pensamento escondido e que, agora, teríamos acesso a uma vastidão de conhecimento", afirma Neiva (Idem). A tarefa de formar novos intelectuais incluía o mergulho nos trejeitos do próprio professor: "No fundo, sob o ponto de vista metodológico, Olavo fornecia as ferramentas para que alguém pouco letrado em filosofia falasse as maiores asneiras do mundo com a confiança de um especialista. Essa arrogância intelectual foi a grande marca que ele deixou nos seus alunos." (Idem).

Dentre os desafetos de Olavo, que foram seus anteriormente seus alunos, era recorrente o uso do termo "seita" para caracterizar o COF, a exemplo do próprio Neiva, de Cunha ou de Carlos Velasco, empresário que acompanhava Olavo desde 2003 e também foi aluno do COF entre 2009 a 2013, segundo o mesmo[325]. Velasco acompanhou o curso por todos estes anos, até que começou a enxergar inconsistências importantes no discurso do seu professor e passou a afastar-se do COF - porém não sem sofrer represálias dos outros alunos e defensores incontestes do professor:

> Inspirado pelo ensinamento olaviano de que se deve humilhar publicamente um mau professor, decidi fazê-lo nas redes sociais, diante de todos, e me desliguei formalmente do curso, avisando os colegas. Incapaz de me rebater, e sempre mantive um tom elevado, não lhe restou outro recurso a não ser fugir e se proteger por detrás do séquito de fanáticos. Trata-se de gente radicalizada ao ponto de romper laços com familiares em defesa do guru e disposta a tudo na sua guerra sagrada. (Velasco in Araújo, 2022, n.p)

De acordo com Velasco, ainda, o COF se voltava para transformar pessoas curiosas e à procura de conhecimento em "iniciados", que acabavam se tornando "caricaturas do guru" e fomentando a idolatria ao mestre (comentada pelo próprio). Em poucas palavras, Velasco reduz o ex professor como "um generalista inculto que inventa teses bombásticas de acordo com a conveniência do momento" (Velasco In Araújo, 2022, n.p).

Entretanto, apesar dos famosos relatos de ex-alunos que passaram a antagonizar com seu antigo professor e que avaliam negativamente o COF, comparando-o a uma seita, o que o próprio Olavo elencou como finalidade do seu Seminário de Filosofia? Em outras palavras, como ele justifica a importância desse seu empreendimento pedagógico? De acordo com Olavo[326], o que o motivou a criar o COF foi perceber que o Brasil carecia de uma *alta cultura*

[325] Fonte: https://www.diariodocentrodomundo.com.br/generalista-inculto-e-mentiroso-o-depoimento-de-um-ex-aluno-de-olavo-de-carvalho/ Acesso em: 06/01/2024.
[326] Na transcrição da sua aula disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hhZSW6RdASQ Acesso em 05/01/2024.

nacional, bem como de pessoas que se dedicassem verdadeiramente a este fim. Para ele, isso somente seria possível através do trabalho conjunto de escritores, filósofos, cientistas, artistas, entre outros, bem qualificados e capazes de realizar um "intercâmbio existencial", o que ele entende por "um diálogo sobre o significado da existência humana" - coisa que Olavo afirmava não existir no Brasil "há muitas décadas". Neste sentido, Olavo tinha o objetivo de "formar um grupo capaz de fomentar, aos poucos, a criação de uma nova camada de intelectuais no Brasil, conscientes dessa situação e imbuída dos valores morais necessários para efetuar, mais dias, menos dia, uma intervenção benéfica no panorama" (Carvalho, transcrição de aula[327]). Em uma outra transcrição de uma aula ministrada por ele em agosto de 1994[328], Olavo fala sobre a constituição de uma intelectualidade nacional, a qual seria responsável por resgatar a alta cultura no País. O professor explica que essa intelectualidade seria formada por um "número suficiente de pessoas capazes de perceber a verdade por si mesmas, e que não precisam ser persuadidas por ninguém. Estas pessoas funcionam como uma espécie de "fiscais da inteligência coletiva" (Carvalho, 1994, n.p). A função social do empreendimento pedagógico de Olavo foi posta com ele, de maneira clara: "Se do ponto de vista de utilidade para o indivíduo o objetivo deste curso é o desenvolvimento da sua inteligência, do ponto de vista social, cultural, o objetivo do curso é fornecer gente para uma futura elite intelectual verdadeira"(Idem). Olavo acreditava que ao formar essa nova elite, ajudaria a definir os rumos do país:

> Neste sentido, todas as nações que obtiveram um lugar de grandeza na história tiveram uma elite assim, formada muito antes de que o país alcançasse qualquer projeção econômica, política, militar, etc. Pois não é possível resolver os problemas primeiro e se tornar inteligente depois. Em todo debate sobre problemas nacionais que atualmente está em curso só há uma coisa que todos estão esquecendo: Quem vai resolver estes problemas? Quem vai examiná-los? Quem tem a capacidade de examiná-los com efetiva inteligência? Se estas pessoas não existem, então o problema inicial é formá-las. O objetivo prioritário deste curso é exatamente isto, se não formar, pelo menos contribuir para formar, amanhã ou depois, ao longo de talvez vinte ou trinta anos, uma verdadeira elite intelectual. (Carvalho, 1994, n.p)

Martim Vasques da Cunha, ex-olavista, em seu livro "A Tirania dos Especialistas" (2019) descreve a partir da sua perspectiva privilegiada de quem acompanhou Olavo de Carvalho por muitos anos, a maneira com que ele via o COF:

> Na teoria, parece que estamos lidando com uma casta espiritual-intelectual que reformará a sociedade; na prática, o que examinamos é uma verdadeira polícia do pensamento que, estruturada como se fosse uma 'teia hierárquica', substituiria os ativistas políticos de esquerda e as corporações fossilizadas do establishment midiático (...) produzindo material para criar uma outra hegemonia e sanear a vida

[327] Aula disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hhZSW6RdASQ Acesso em 20/10/2024.
[328] Disponível em: https://olavodecarvalho.org/inteligencia-e-verdade/ Acesso em 05/01/2024.

> intelectual, que iria refluir para todos os domínios da sociedade. (Cunha, 2019, p. 155)

É relevante observar que a interpretação de Cunha coincide precisamente com a perspectiva do próprio professor. Este, fundamentado nos conceitos teóricos gramscianos, procurou, por meio de seus aparelhos privados como o COF, por exemplo, estabelecer uma nova hegemonia em contraposição à suposta hegemonia cultural da esquerda. Justamente por entender que a mudança cultural é lenta e gradual, Olavo tinha a preocupação em formar a nossa geração intelectual, para que estes pudessem levar à frente o seu sistema de crenças. Estes novos intelectuais forjados na sua filosofia iriam, supostamente, elevar o país à "alta cultura", fundamentada no conservadorismo que lhe é tão característico.

Neste contexto, é válido salientar que o surgimento de figuras que se tornaram proeminentes na política representativa brasileira, oriundos da esfera de alunos e ex-alunos de Olavo, e que foram posteriormente designados para cargos de liderança pelo governo Bolsonaro, não necessariamente reflete a transformação que Olavo considerava como significativa. Embora a presença de seus alunos em cargos de notável relevância no governo seja uma maneira significativa de destacar sua importância como figura central no campo conservador, Olavo sempre ressaltou que a verdadeira mudança, aquela de longo prazo, só seria possível através de uma transformação no campo cultural e que isso demandaria tempo. Isso plausivelmente explica por que Olavo não "blindou" os alunos que recomendou para cargos políticos, sendo ele mesmo o primeiro a se unir às críticas quando alguém tomava decisões ou adotava posições que ele discordava.

Os esforços de Olavo de Carvalho visando à instituição de aparelhos privados de hegemonia, que formalizassem sua filosofia e disseminassem sua visão de mundo, não se restringiram a iniciativas voltadas para o Brasil. Em meados de 2009, Olavo fundou o *The Inter-American Institute for Philosophy, Government and Social Thought*, do qual proclamou-se presidente. Embora o site atualmente esteja fora do ar, é possível acessar o seu arquivo[329]. O Instituto se definia como uma organização sem fins lucrativos com propósitos educacionais e de pesquisa, cujos temas centrais seriam (1) questões conceituais e históricas que fundamentam a formulação de políticas públicas e a discussão de questões políticas e científicas na academia; (2) promover a revitalização do ensino e da compreensão da filosofia e das ciências sociais com base na tradição clássica da filosofia ocidental; (3) e promover a colaboração mútua e o intercâmbio académico entre intelectuais, escritores sérios, líderes

[329] Disponível em: https://web.archive.org/web/20170704115600/http://theinteramerican.org/ Acesso em 06/01/2024.

políticos e sociais de todas as nações do hemisfério ocidental, mas não excluindo o resto do mundo (tradução nossa). O objetivo, por fim, seria criar uma rede internacional de pessoas e recursos. Na apresentação da equipe que conduzia o Instituto, junto ao presidente brasileiro havia uma lista de 19 personalidades estrangeiras[330] (dentre eles, apenas duas mulheres) que incluíam desde um ex-presidente (Roberto Micheletti, de Honduras) à figuras ligadas à academia. Junto ao nome de Olavo, encontra-se: Presidente do Instituto, Distinto Pesquisador Sênior em Filosofia, Ciência Política e Humanidades, e no fim da sua minibiografia, há a afirmação de que ele havia sido "homenageado pela crítica como um dos mais originais e ousados pensadores brasileiros".

Na página de boas-vindas do Instituto, há a publicação de um texto assinado por Olavo em junho de 2010 intitulado "*A word from our president*". Neste texto, o então presidente do Instituto retoma a mesma velha leitura de que a universidade sofre de um enviesamento político para a esquerda que silencia de maneira deliberada alguns pensadores e pensamentos, neste sentido, o Instituto seria uma iniciativa para "contrabalancear essa escala". O segundo ponto coloca que o Instituto busca fomentar o diálogo entre conservadores do mundo todo, estimulando o intercâmbio de ideias entre eles. Olavo cita um dos seus delírios conspiracionistas preferidos, o Foro de São Paulo que, conforme coloca, tinha sua existência amplamente negada e isso fazia com que ele não pudesse mais "(...) evitar a sensação de viver no meio de um debate entre lunáticos no pátio de um hospício" (Carvalho, 2010, n.p. Tradução nossa).

[330] Disponível em: https://web.archive.org/web/20170704133841/http://theinteramerican.org/fellows/ Acesso em 06/01/2024.

Captura de tela do site do The Inter-american Institute for Philosophy, Government, and Social Thought, atualmente fora do ar.

Na internet não se encontram muitas outras informações, tampouco referências às atividades de pesquisa realizadas pelo Instituto. Há registros online no site da Global Civil Society Database[331] da existência do Instituto. Há também uma intrigante matéria publicada por Gilberto Dimenstein para o Catraca Livre[332], que faz uma pesquisa mais aprofundada sobre o Instituto e afirma que a organização encerrou as suas atividades em 2018, após um ex aluno de Olavo fazer um dossiê denunciando ao *board* do Instituto que o mesmo não tinha diploma de curso superior, assim como o seu passado no misticismo islâmico e como astrólogo. Além disso, na mini bio de Olavo no site do Instituto ele se apresenta como ex-professor da PUC do Paraná. Até hoje, não há registros públicos que permitam ter clareza quanto aos propósitos ou atividades relacionadas àquela iniciativa, mas o fato é que, ao pesquisar "Olavo de Carvalho" no google em inglês, seu nome está relacionado a uma lista de figuras respeitáveis da academia americana por intermédio do Instituto, e isso, por si só, já é altamente significativo para a imagem do brasileiro no âmbito estadunidense.

No Brasil também houve uma iniciativa parecida, a qual conta com um CNPJ ativo desde 2010 até hoje: o Instituto de Estudos Conservadores Olavo de Carvalho, cuja criação, aparentemente, não foi impulsionada por Olavo. O CNPJ, inclusive, tem como razão social

[331] Disponível em: https://uia.org/s/or/en/1122276876 Acesso em: 06/01/2024.
[332] Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/o-fim-misterioso-da-entidade-da-olavo-de-carvalho-nos-eua/ Acesso em: 06/01/2024.

Centro de Estudos Landmark e um endereço em Curitiba[333], além de ter como sócia presidente a ex aluna de Olavo Luciane Amato[334]. Na pesquisa realizada sobre o Instituto, encontramos um texto assinado por um ex aluno de Olavo -que, apesar de ter sido aluno do COF de 2009 a 2012, é também ex Olavista- chamado Davi Ferreira, que traz detalhes sobre o Instituto Olavo de Carvalho, que conforme conta, também encerrou as suas atividades no Brasil em 2013[335]. Ferreira conta que Luciane Amato, que foi seguidora de Olavo por 23 anos, era uma "divulgadora autorizada da obra do autor" e fundou o Instituto com o objetivo de ser

> (...) uma espécie de centro de estudos independente da academia, no qual se estudaria, além da obra de Olavo de Carvalho, filosofia, história, literatura, simbolismo tradicional e artes em geral. No decorrer de sua existência, de meados de 2010 ao começo de 2013, o instituto Olavo de Carvalho recebeu pessoas de muitos estados do país (em sua quase totalidade ou totalidade alunos e/ou leitores de Olavo de Carvalho), algumas que ficaram para estudar no instituto, algumas que vinham para passar temporadas e algumas que faziam visitas únicas ou esporádicas. (Ferreira, s.d.)

No Instituto, conforme relata Ferreira, havia grupos de estudos dedicados à literatura, ao simbolismo tradicional e até aulas de latim e grego antigo. O relato de Ferreira se assemelha consideravelmente ao dos demais ex-alunos que se tornaram ex-olavistas supracitados:

> O instituto Olavo de Carvalho foi um empreendimento pretensioso. Quando saí de lá, ouvi falar que alguns alunos realmente esperavam se tornar uma espécie de elite intelectual que iria mudar os destinos da cultura brasileira, destruída pela militância intelectual de esquerda. Não posso dizer que eu não era também pretensioso e arrogante. Assim como todos (ou quase todos) os alunos de Olavo de Carvalho (e Luciane Amato) que conheci, eu trazia comigo a presunção de superioridade moral e intelectual em relação à classe intelectual acadêmica e em relação à sociedade brasileira em geral, presunção encarnada (mesmo que sem carne e substância nenhuma) na nobreza de uma missão a cumprir (para mim a de preservar em mim e transmitir a quem pudesse algo do que chamávamos de alta cultura, e não de transformação cultural de uma sociedade) em decorrência de uma identificação com o ideal que ela representava e com o mestre (Olavo de Carvalho) que heroicamente a conduzia e que, presumivelmente, trazia consigo, já realizada e não em potencial como em nós, aquelas superioridades moral e intelectual. (Ferreira, s.d.)

A tese de Patschiki (2012) discorre um pouco mais sobre o Instituto Olavo de Carvalho que, na época em que a tese foi defendida, ainda estava em funcionamento. Segundo o autor, os alunos escolhiam dentre uma série de atividades pagas, entre cursos, palestras e grupos de estudos, podem optar também por ser associado através de um pagamento mensal. Patschiki (2012) divulga, em sua tese (página 55 da segunda parte), a lista de cursos oferecidos pelo IOF e os valores praticados na época. Simone Caldas, que era listada como vice-diretora, ministrava um curso cujo objetivo era auxiliar os alunos do Curso Online de Filosofia a realizar as atividades propostas por Olavo. Havia um outro curso voltado para alunos do COF que estavam

[333] Neste endereço ocorreram as atividades do Instituto durante os anos que esteve ativo, registrado pela tese de Patschiki (2012, parte 2, p. 59).
[334] Fonte: http://cnpj.info/Centro-de-Estudos-Landmark-Instituto-Olavo-de-Carvalho Acesso em: 06/01/2024.
[335] Texto completo disponível em: https://pt.scribd.com/document/594145248/INSTITUTO-OLAVO-DE-CARVALHO Acesso em: 06/01/2024.

elaborando o trabalho de conclusão do Curso. Em outras palavras, o IOF era uma organização que se sustentava oferecendo suporte pedagógico aos alunos que também estavam envolvidos com os cursos de formação do próprio Olavo. Era como uma extensão do projeto de Olavo de formar jovens numa alta cultura, os quais supostamente representariam o futuro da intelectualidade nacional.

Com exceção do Curso Online de Filosofia, que ainda hoje vende cursos e associações que dão acesso às centenas de aulas de Olavo, o que hoje aparecem como rastros difíceis de serem seguidos através de fontes confiáveis, são vestígios de iniciativas concretas de organizações voltadas para um objetivo muito evidente. Diante de tudo o que foi abordado, somando-se aos poucos trabalhos que se dedicaram ao tema, é possível afirmar que implementou-se, ao redor da figura de Olavo de Carvalho, algumas organizações educacionais cujo objetivo era fundamentalmente disseminar a filosofia e a visão de mundo Olavista - tenham estas sido iniciativas do próprio, ou não. Estes aparelhos privados de hegemonia tinham como objetivo último a conquista da hegemonia cultural, incidindo sobre a esfera cultural a fim de influenciar a maneira como as pessoas percebem a realidade. Este empreendimento seria continuado não apenas pelo próprio Olavo, mas também por milhares de alunos que, ao longo dos anos, se aprofundaram em seu pensamento, fundamentando assim seus próprios valores e crenças.

Os relatos disponíveis dos poucos ex-olavistas arrependidos que divulgam as suas experiências de anos sob a tutela intelectual de Olavo, ressaltam um *modus operandi* muito característico, que chegou a ser emulado por outros alunos que se destacavam e "subiam de patente" na estrutura, como foi o caso de Luciane Amato. Olavo buscava instituir uma nova moral e uma nova cultura de base própria, através da formação de intelectuais e outras instâncias organizativas da sociedade. Os alunos se envolviam na promessa de tornar-se um agente relevante, passando a integrar uma intelectualidade distinta que iria tomar as rédeas da produção cultural do país.

Neste capítulo, buscamos mostrar como a guerra cultural promovida por Olavo de Carvalho, disputada majoritariamente na arena simbólica, tinha como objetivo "solapar as bases morais e culturais" da hegemonia cultural da esquerda; um empreendimento muito maior do que uma conquista pontual no campo político, ainda que fosse no mais alto cargo do executivo. O fato de Jair Bolsonaro ter perdido a reeleição apenas corrobora com o argumento de Gramsci, ecoado de forma perversa por Olavo: a verdadeira mudança da hegemonia ocorre de maneira muito mais lenta, inicialmente distante de um plano palpável quanto a política representativa, movendo lentamente as estruturas até estabelecer-se de forma definitiva. Em

outras palavras: até alcançar o consenso. Olavo chegou a oferecer gratuidade do seu curso para setores específicos da sociedade[336], o que evidencia que para além do propósito financeiro, o trabalho de incidência capitaneado por Olavo visava alvos mais complexos. Resta analisar, por fim, como o polemista conseguiu mobilizar tanta gente e angariar tantos seguidores, leitores e admiradores a ponto de pôr em curso um projeto tão imponente. No próximo capítulo, portanto, analisaremos as condições de possibilidade que viabilizaram que Olavo de Carvalho, um suposto filósofo sem formação, conseguisse se articular a ponto de formar e engajar milhares de pessoas na sua doutrina.

[336] Fonte: https://twitter.com/opropriolavo/status/1152836100655919104 Acesso em: 06/01/2024.

CAPÍTULO 7
Ressentimento: a máquina de produzir contra-públicos

O filósofo Byung-Chul Han, ao traçar um paralelo entre a estrutura das mídias discutidas por Habermas em "Mudança Estrutural da Esfera Pública" (1962) e a estrutura atual, sugere que "hoje, as mídias digitais submetem a esfera pública a uma mudança radical de estrutura" (Han, 2021, p. 34). Han remete, neste trecho, à crise da democracia decorrente, dentre outras coisas, do regime atual de informação, crise essa que foi gestada nas mídias digitais, sobretudo através da propagação viral de informações -muitas delas, falsas. Nesta conjuntura, Han faz menção a um movimento latente, disforme e, até certo ponto, difuso,mas extremamente pungente: é o que o autor denomina "forças centrífugas que fragmentam aesfera pública" (Idem). Este capítulo aborda tais forças, buscando apreender como estemovimento disforme foi canalizado e capitalizado a ponto de causar rachaduras profundas na esfera pública.

Neste capítulo, partimos da afirmação de Han na mesma obra mencionada anteriormente, a qual serve como referência e fundamento direcionador para esta tese. Han argumenta que: "O coração não é um órgão da democracia. Onde emoções e afetos dominam o discurso político, a própria democracia se vê em perigo" (Idem, p. 87). Neste sentido, consideramos a relevância de sentimentos pré-reflexivos para a esfera política, discutindo os riscos associados à interação de componentes afetivos não refletidos e impulsivos e o contexto democrático.

Apesar do ideal da comunicação em rede versar sobre a possibilidade de digitalizar a democracia, Han avalia que a comunicação digital deu início a uma nova conjuntura que impossibilita, de forma absoluta, o propósito da ação comunicativa pensada por Habermas. Isto porque, segundo ele:

> A comunicação digital provoca uma reversão no fluxo de informações que tem efeitos destrutivos para o processo democrático. Informações são propagadas sem que passem pelo espaço público. São produzidas em espaços privados e enviadas a espaços privados. A rede não forma, assim, nenhuma esfera pública. Mídias sociais intensificam essa comunicação sem comunidade. Não se pode formar esfera pública política de influenciadores e seguidores. (...) À rede digital falta a estrutura de anfiteatro das mídias de massa convencionais, que focalizam temas relevantes para a sociedade como um todo e guiam a atenção de toda a população. As forças centrífugas que lhe são inerentes fazem com que a esfera pública decaia em enxames efêmeros, fugidios, guiados por interesses. Torna-se mais difícil, com isso, a ação comunicativa, que necessita de esferas públicas estáveis e amplas. (Han, 2021, p. 49)

Tal desagregação do "social" em mobilizações provisórias e pontuais resulta, portanto, na fragmentação da estrutura democrática, a qual traz consequências importantes para a sociedade

offline. Entretanto, há uma outra consequência desta conjuntura de redes digitais que costura os indivíduos e foi identificado também por outros estudiosos da política na esfera digital: uma tendência a uma abordagem polarizadora a partir da exploração enfática de antagonismos entre grupos distintos. Este movimento de confrontação frequentemente se revolve de um verniz moral, levando os grupos polarizados a reivindicar sua posição de superioridade em detrimento do outro. Neste capítulo, abordaremos as origens deste movimento latente nas redes digitais, buscando nomeá-lo e analisá-lo a partir de uma perspectiva que tenha os afetos como lente para compreender fenômenos políticos.

7.1 A política dos afetos e a emergência do ressentimento coletivo

A filósofa e psicanalista Cynthia Fleury publicou recentemente uma obra sobre um mal coletivo que está imerso na nossa sociedade e que tem trazido consequências políticas importantes. Fundamentada em Max Scheler, a autora discorre sobre uma experiência de ruminação de uma reação afetiva que é dirigida a um outro e que, apesar de parecer um fenômeno individual, vem acontecendo numa escala coletiva preocupante. A ideia de ruminar um sentimento remete, segundo a autora, ao amargor característico de um alimento fatigado (Fleury, 2023, p. 16); Nietzsche também identificou este fenômeno, denominando-o 'intoxicação'; Scheler evoca uma ideia parecida ao falar de 'auto envenenamento' - todas estas noções remetem ao *ressentimento*, o qual, conforme o próprio Scheler, "(...) provoca uma deformação mais ou menos permanente do sentido dos valores, bem como da faculdade do julgamento".

Porém, em que medida o ressentimento pode ser lido enquanto um fenômeno coletivo? De acordo com Scheler, o regime democrático é visto como um espaço estruturalmente inclinado para o ressentimento. Isto porque, de acordo com o autor, este sentimento surge a partir de um hiato muito específico: "o ressentimento é produzido por um afastamento entre direitos políticos reconhecidos e uniformes e uma realidade de desigualdades concretas" (Fleury, 2023, p. 25). Neste sentido, a quebra entre a expectativa e a realidade, fruto de uma democracia intrinsecamente falha, produz a percepção coletiva de ruminação e causa, a longo prazo, o que a autora chama de "doença persecutória", onde o indivíduo acredita ser vítima de alguma perseguição externa constante, o que faz com que ele se projeta no status de "vítima" e rejeite a responsabilidade que ele mesmo tem diante dessa conjuntura. Este último ponto é muito interessante e está relacionado à noção de fragmentação da esfera pública que estamos buscando apresentar; Fleury retoma os estudos de Wilhelm Reich (1933), psiquiatra que se tornou famoso pelo seu trabalho sobre a psicologia de massas do fascismo. Reich se aprofundou

sobre a responsabilidade das massas que foram cúmplices das atrocidades cometidas pelo regime fascista, fazendo uma análise sobre a relação de autoritarismo e ressentimento. De acordo com Reich, havia uma responsabilidade mascarada pela reivindicação de um 'apolitismo' perigoso, justamente por se tornar, com o tempo, cada vez mais perverso. O autor explica:

> "Graças a ele (o 'apolitismo'), compreende-se mais facilmente como, pouco a pouco, de modo *latente e irremediável*, indivíduos se constituem como um corpo cujas partes estão ligadas somente pelo ressentimento: como esse corpo abjeto, deformado, vai deliberadamente identificar um 'líder' para tornar possível a oficialização da pulsão mortal - em suma, para liberar a ruminação presente há tempos, e que corrói, é preciso esse 'outro' escolhido, *até mesmo eleito*, para autorizar-se a revelar aquilo que durante muito tempo se temeu mostrar, tamanha sua feiura" (Wilhelm, 1933 In: Fleury, 2023, p. 108. Grifos nossos.)

Neste pequeno trecho tão elucidativo, Reich ressalta, enquanto resultado deste mal-estar coletivo, a adesão à figura de um líder que, segundo explica, *dá corpo* à sensação difusa compartilhada por essa parcela da população. Sob a égide de um apolitismo questionável, essas pessoas se articulam ao redor de uma figura carismática que opera como um porta-voz de um ruminar vitimário, como uma latência coletiva do ressentimento que se iniciou a nível individual. Diante dessa conjuntura, Fleury explica que Reich reflete sobre a emergência destas figuras que representam publicamente o mal-estar compartilhado: "o passo adiante dado (...) por Reich é explicar que o assim chamado 'apolitismo' traz certamente uma ideologia de curto prazo, ignorante dos grandes desafios comuns, voltada apenas para o seu benefício imediato (Fleury, 2023, p. 109). Neste contexto, o sentimento de injustiça compartilhado ou, nas palavras de Nietzsche, "o sofrimento experimentado como vitimização errônea" (Brown, 2019, p. 214) ganha o potencial de tornar-se motor da história.

Como abordado acima, a ebulição de sentimentos compartilhados coletivamente tem uma força muito sólida, especialmente em contextos de crise. Em Ruptura (2018), Castells afirma que esta ebulição, muitas vezes, impede os indivíduos de distinguirem "os enviesados canais institucionais que se oferecem para a mudança política" (Castells, 2018, p. 17). É por isso que defendemos aqui que esta força, inicialmente, é encontrada em sua forma mais difusa pois, ainda que muito bruta, não é direcionada a nada específico até que seja instrumentalizada por algo ou alguém. Acerca disso, Castells afirma que:

> Na realidade, as emoções coletivas são como a água: quando encontram um bloqueio em seu fluxo natural, abrem novas vias, frequentemente torrenciais, até inundar os exclusivos espaços da ordem estabelecida. (Castells, 2018, p. 17)

Wendy Brown (2019) também discorre sobre os desdobramentos da formulação coletiva do ressentimento, afirmando que estes têm conexão inequívoca com a emergência do populismo. Entretanto, a política do ressentimento não é adotada por todos os indivíduos (ou

grupos) que compartilham desta mesma situação: Brown explica que, ainda que classes distintas da mesma sociedade experienciem situações similares de frustrações (existenciais ou históricas) ou sejam lesadas coletivamente, o ressentimento é identificado dentre os que foram *destronados*. De acordo com a autora, a "política do ressentimento", portanto, emerge de um contexto em que os indivíduos que dominaram historicamente se sentem "destronados" quando seu domínio é posto em xeque e passa a declinar. A questão não decorre simplesmente de viver uma situação de injustiça, mas de ter o seu poder destituído também no campo simbólico.

Esta conjuntura, de acordo com Brown, faz com que estes coletivos acabem tendendo a uma política populista e, em certa medida, autoritária: ou seja, a percepção compartilhada da crise acaba sendo comumente fundamento para a irrupção bem-sucedida de um líder carismático. Voltando à falsa noção de apolítico introduzida por Reich: o autor afirma que "quanto menos politizado for o indivíduo pertencente à grande massa trabalhadora, tanto mais facilmente permeável ele será à ideologia da reação política" (Reich In: Fleury, 2023, p. 108). Isto porque, relacionando esta noção com Brown, os discursos populistas são amplos o suficiente para que os indivíduos destronados projetem nos seus líderes a responsabilidade que eles mesmos não estão preparados para assumir - tamanha a sua feiura. Laclau e Mouffe (2005) também fundamentam este argumento, quando afirmam que a irrupção populista ocorre como um terremoto, que "(...) reacomoda a estrutura política como efeito do acúmulo de demandas não contempladas por parte de grupos sociais inicialmente desconectados entre si" (Cesarino, 2020, p. 89). Esse fenômeno carrega também um forte apelo à propagação, alimentando-se da ideia de perseguição, como explica Brown:

> Essa também é a ocasião para o ressentimento, progênie eterna do poder, difundir-se amplamente, para muito além daqueles que sofrem de alguma opressão ou privação imediata. À medida que formas historicamente novas de poder e seu caráter ubíquo e irrestrito inédito frustram os poderosos e bem posicionados (...) e à medida que elas destroçam inadvertidamente privilégios e formas de vida familiares, o ressentimento perambula por todas as partes. (Brown, 2019, p. 199-200).

Dentre as inúmeras evidências deste fenômeno no campo político, a referência ao ruminar vitimário dos *slogans* de campanha de diversos líderes políticos do ocidente passaram a se destacar. Desde o "Make America Great *Again*" de Trump, passando pelo "*Restore* Italy" de Matteo Salvini, e o famoso slogan do Brexit "Take Britain *Back*", a referência saudosa a um passado, no qual os poderosos não haviam sido destronados e desapossados, evidencia a política do ressentimento destes líderes populistas da direita política. Não por coincidência, vários destes slogans trazem uma ideia de retomada de algo que foi perdido em um passado não tão distante.

É, portanto, a partir desta lacuna que o ressentimento se converte em fenômeno político e irrompe como motor da história. Cynthia Fleury (2023) identifica a presença deste motor nos regimes democráticos praticados no ocidente; Wendy Brown (2015, 2019) o coloca como fundamento da mecânica populista, encontrando eco em Michael Sandel (2020), que relaciona o ressentimento à formação da nova extrema-direita; Reich (1933) identificou nele as raízes morais do regime nazista; o fato é que a narrativa dos indivíduos desclassificados se repete na História, articulando e canalizando emoções difusas e sentimentos pré-reflexivos, resultando em um fenômeno que mobiliza estruturas da esfera pública, correndo-a por dentro. Porém, qual o lugar das redes digitais diante do fenômeno que mistura dimensões afetivas coletivas e processos políticos? Argumentamos aqui que a arquitetura das redes digitais é o simulacro perfeito para a propagação deste mal-estar latente e generalizado, assim como também promove o encontro dos pares e, por fim, destes com seus líderes - ou, como foi discutido no capítulo 4, seus porta-vozes.

7.1.1 Redes digitais e a lógica corrosiva democrática

O fenômeno das redes digitais como palco privilegiado da política não é tão recente: articulações originadas nas redes remontam a, pelo menos, duas décadas -basta observar as mobilizações sociais que emergiram das redes, em especial nos países em desenvolvimento. Entretanto, é possível afirmar que este processo ainda está em pleno curso: a cada novo ciclo eleitoral, nos deparamos com novas ferramentas e condutas e, consequentemente, passamos a mensurar os seus impactos concretos na sociedade. Na maioria das vezes, buscamos compreender esses impactos à medida que estes se desdobram, quase simultaneamente, ao longo do processo, dada a sua natureza inovadora. Autores como Evgeny Morozov (2018), Letícia Cesarino (2019, 2020, 2022), Paolo Gerbaudo (2018), dentre tantos outros, vêm se debruçando sobre este tema e produzindo reflexões importantes para a compreensão do cenário político atual a partir das lentes das redes digitais e seu aparato.

Defendemos aqui que a estrutura das redes digitais favorece uma dinâmica muito específica que fomenta algumas manifestações que vêm emergindo no contexto ocidental contemporâneo. Letícia Cesarino nomeia este fenômeno de "populismo digital": a leitura de autora[337] sugere que, no Brasil, há uma atmosfera de crise e ameaça que é promovida pela circulação de conteúdos alarmistas e/ou conspiratórios, bem como conteúdos que exploram questões que causam uma forte comoção no público, como ligadas a situações de violência ou

[337] Ver: Verbete "Populismo Digital" no Dicionário dos Negacionismos no Brasil (2022).

de injustiça. Dito de outra forma, tais conteúdos alimentam o mal-estar coletivo causado pelo ressentimento e insere os indivíduos num vórtice onde eles revivem sistematicamente suas feridas não cicatrizadas, engajando-os no ruminar vitimário citado por Fleury. De acordo com Cesarino, ainda, este cenário induz os indivíduos a um estado constante de alerta e estimula uma sensação de insegurança em relação ao outro, o que conduz ao retorno da lógica do antagonismo, pautada muitas vezes na fronteira entre amigos e inimigos ou no "nós *versus* eles", o tipo de sentimento que, conforme explicamos acima, fomenta o ressentimento coletivo. Neste contexto, a infraestrutura das redes digitais entra como um fator determinante, como explica a autora:

> (...) o modelo de negócios das principais plataformas, centrado na venda de dados para anunciantes e outros clientes corporativos, privilegia os algoritmos hemofílicos. Quer dizer, privilegia algoritmos que conectam igual com igual - ao invés de, por exemplo, promover conexões aleatórias ou entre igual e diferente. Essa ênfase excessiva na identidade tem, ao que tudo indica, gerado efeitos no sentido de uma *radicalização da diferença* nos moldes de um binarismo amigo-inimigo. Em graus extremos, essa diferença alcança um grau máximo em formas de mimese inversa. Nesse tipo de oposição, o 'outro' (no caso, o inimigo) aparece com a mesma forma do 'eu', porém com conteúdo simetricamente inverso, em dicotomias como bem e mal, ordem e caos, etc. (Cesarino In: Szwako & Ratton, 2022, p. 266)

Este cenário soma os estímulos mais distintos a um grupo de pessoas que compartilham de um ressentimento profundo, onde a integração do algoritmo conecta *igual com igual* -tanto em relação aos indivíduos quanto em relação às pautas- desencadeia um fluxo intenso de radicalização. A partir da ação dos algoritmos, que funciona como um mecanismo de sugestão de conteúdos estruturados para oferecer aos usuários conteúdos similares os que eles indicaram "gostar", estes indivíduos passam a ser bombardeados com conteúdos - afins: é o que Cesarino chamou de "algoritmos hemofílicos". Os efeitos desta intervenção têm se mostrado muito perigosos: através dessa dinâmica, os indivíduos acabam entrando num looping de informações que funcionam como viés de confirmação, pois tais informações se originam, muitas vezes, das bolhas informacionais, onde os indivíduos têm a tendência cognitiva de considerar e compartilhar apenas conteúdos que confirmam as suas crenças e valores. Essas bolhas resultam no isolamento desse grupo em relação ao restante da sociedade, induzindo os indivíduos a concentrarem sua atenção internamente, formando uma barreira em relação à diversidade de ideias, levando-os, portanto, a formar opiniões que não estão necessariamente fundamentadas em evidências objetivas. Este processo limita, de forma concreta, o pensamento crítico, além de contribuir para a polarização extrema.

Esta conjuntura foi também observada e documentada por Gerbaudo (2018), que destaca a importância de considerar o contexto de crescimento tecnológico aliado à profunda

crise generalizada. Ele argumenta que a convergência entre as mídias sociais e a política populista resulta da forma como essa estrutura oferece um canal apropriado para a política de massa se manifestar. A partir da noção de "*online crowd*s", Gerbaudo trabalha este processo de isolamento de grupos polarizados que expressam coletivamente o ressentimento, combinado às facilidades da internet como plataforma de encontro destes coletivos. Apesar de Gerbaudo se referir nominalmente às "redes sociais", podemos expandir esta compreensão para toda a rede digital, incluindo as mais diferentes mídias que encontram na internet um espaço para existir e se propagar.

A lógica da noção de *online crowds* desenvolvida por Gerbaudo parte de um processo com duas etapas interligadas: primeiro, o autor argumenta que foi nas redes sociais (ou as redes digitais, na leitura mais ampla aqui proposta) que os indivíduos "underdogs" passaram a se articular, unidos pelo fato de não se sentirem representados nas mídias tradicionais, as quais são vistas por eles como um "conluio" do *establishment* político e financeiro; segundo, o autor busca entender como as redes fornecem os meios para a construção dessas *online crowds* se organizarem e atuarem em conjunto: "(...) mobilizando politicamente indivíduos descontentes em torno de símbolos evocativos e líderes, e contra "'inimigos comuns do povo" (Gerbaudo, 2003, p. 748). Apesar do autor não citar o ressentimento coletivo nominalmente, identifica que a articulação entre estes indivíduos é costurada por um sentimento de descontentamento compartilhado.

Sobre a primeira etapa comentada pelo autor, é interessante perceber a força da internet como plataforma de encontro desses indivíduos que se viam como marginalizados, permitindo-os expressar-se individual e coletivamente em um ambiente supostamente sem intermediação - ao menos no que diz respeito às mídias tradicionais. De acordo com Gerbaudo, as coisas não podem ser dissociadas: a notoriedade das redes digitais como este espaço de expressão só pode ser entendida a partir de uma crítica às mídias tradicionais, que passaram por uma crise de autoridade para, então, serem hostilizadas por estes grupos da "*online crowd*". Indo além da leitura de Gerbaudo, inserimos a crise de autoridade da mídia tradicional identificada pelo autor como uma parte menor de uma crise muito mais profunda e generalizada, a qual nos referimos aqui como crise de confiança em todo o sistema de peritos, que forçou uma reorganização epistêmica. De qualquer forma, Gerbaudo identifica, na sua pesquisa, que a hostilidade em relação às mídias tradicionais era muito comum nos grupos de *online crowd* estudados, assim como a oferta de conteúdos alternativos, que se justificam a partir da afirmação de que a mídia hegemônica "não quer que você saiba da verdade". Neste contexto, Gerbaudo coloca que a crise de confiança nas mídias tradicionais acaba por abrir espaço a novos atores formadores de

opinião, o que também reforça o que foi posto no capítulo anterior sobre os porta-vozes e mediadores da opinião político-ideológica.

Em relação à segunda etapa, que diz respeito à mobilização política de indivíduos ressentidos, Gerbaudo ressalta o poder da lógica agregadora das redes, que leva os indivíduos a focar sua atenção em um tema específico em detrimento de outros tantos dispersos, e coloca:

> As discussões em redes sociais têm proporcionado espaços de encontro onde as 'multidões solitárias' produzidas pelo hiperindividualismo da sociedade neoliberal podem coalescer, onde os átomos das dispersas redes sociais podem ser forjados em uma nova comunidade política, em uma 'multidão online' de apoiadores partidários. (Gerbaudo, 2003, p. 750, tradução nossa)[338]

A funcionalidade dos algoritmos no período em que Gerbaudo publicou este estudo não era, nem de perto, a mesma dos dias atuais. Ainda assim, o autor chama atenção para as implicações políticas e sistêmicas que este fenômeno pode ocasionar: é por isso que ele introduz os resultados de suas pesquisas sobre as *online crowds* e o populismo político. Um dos pontos que mais se destacou na sua análise foi a emergência de figuras que se propõem a liderar politicamente estes grupos, encorajando o que Cesarino chama de a*ntagonismo político-identitário* para se promover a partir da demarcação de distinção em relação ao outro.

Gerbaudo inicia seu argumento identificando um "*zeitgeist* populista" em vários países do Ocidente que, segundo ele, poderia estar relacionado a governos tanto da direita quanto da esquerda do espectro político. Ainda que haja esta ambivalência, o autor coloca que os populismos convergem em um ponto importante: "Populismo como uma política que apela aos sentimentos mais básicos da população, faz promessas impossíveis e se entrega a temores imaginários" (Idem, p. 747, tradução nossa). Gerbaudo se fundamenta na definição de populismo de Laclau (2005), que define que populismo é a lógica política que envolve toda uma comunidade contra um inimigo comum - particularmente contra o que ele chama de "*unresponsive political elite*", ou uma elite política pouco sensível ou responsiva. O apelo a essa união temporária, o que posteriormente o autor se refere como *online crowds*, varia de acordo com o contexto, mas a direita populista se caracteriza por incitar uma visão excludente em relação ao outro, como por exemplo uma expressão coletiva de xenofobia, anti-imigrantes ou alguma discriminação relacionada a uma etnia ou religião. Neste sentido, baseado no importante estudo de Jamie Bartlett et al. (2011)[339], Gerbaudo afirma que a lógica populista

[338] Texto original: "Social media discussions have provided gathering spaces where the 'lonely crowds' produced by the hyperindividualism of neoliberal society could coalesce, where the atoms of the dispersed social networks could be re-forged into a new political community, into an 'online crowd' of partisan supporters."

[339] Este trabalho, intitulado "A Nova Face do Populismo Digital", é resultado de um vasto estudo quantitativo que explora a noção de populismo digital em 12 países, evidenciando as formas como as redes virtuais estão transformando o cenário político.

tem encontrado nas redes digitais um espaço profícuo para recrutar indivíduos descontentes, não representados pelas mídias tradicionais, que compartilham de um mal-estar generalizado e têm muito claro quem eleger como culpado(s).

Todas as características acima descritas, fundamentadas por estudos dos últimos 20 anos, apontam para o fato da arquitetura das redes digitais serem, de fato, tanto o céu quanto o inferno da articulação política democrática. Essa estrutura, que vem se atualizando e complexificando sua atuação, além de reunir os insatisfeitos e descontentes, de ter um mecanismo que os insere numa verdadeira bolha informacional e, assim, os isola dos demais, também estimula a emergência de figuras que se propõem a liderá-los. Estas figuras (que são também os porta-vozes desses coletivos, nos moldes descritos por Bourdieu), como foi dito acima, superdimensionam as diferenças e seus discursos costumam incentivar o antagonismo, com o objetivo de fornecer:

> (...) um ponto focal ao redor do qual a multidão pode se reunir, possibilitando que milhões de indivíduos insatisfeitos, antes carentes de uma afiliação organizacional comum, se juntem como uma multidão online, amplificando o poder de cada participante. (Gerbaudo, 2003, p. 751. Tradução nossa)[340]

Esse esforço dos líderes é no sentido de superar a fragmentação desses indivíduos em várias outras categorias de classe e de identidade, buscando enfatizar a relevância da mobilização em relação aos seus inimigos comuns. Cesarino também discorre sobre esta prática tão comum na mobilização populista e coloca que:

> Em suas versões mais radicais, o populismo é uma força antiestrutural que faz vir à tona identidades, valores, afetos e demandas heterogêneas antes silenciados ou subsumidos por uma dada ordem. Daí decorrem oposições e inversões que tipicamente acompanham a eficácia desse tipo de movimento político, notadamente entre os 'de baixo' e os 'de cima', entre 'povo' e 'elite'. (Cesarino In: Szwako & Ratton, 2022 p. 267)

Apesar de ser uma prática populista antiga, como aborda Laclau, o advento das redes digitais ampliou intensamente o alcance e a potência dessa máquina:

> A Arquitetura fragmentada, emergente e em múltiplas camadas das novas mídias favorece essas inversões antiestruturais. o resultado é a emergência de públicos semisubterrâneos que persistem em relação contraditória, embora interdependente, com os públicos em rede das plataformas. (Cesarino In: Szwako & Ratton, 2022 p. 267)

É sobre essa noção de público semisubterrâneo, composto por indivíduos ressentidos que se articulam em torno de algo em comum, que iremos tratar no próximo tópico, abordando a maneira como esse público atua para, então, explicitar a relação dessas forças antiestruturais e o espaço público.

[340] Texto original: "(...) a sort of focal point around which the crowd can gather and millions of disaffected individuals, otherwise deprived of common organisational affiliation, can come together as an online crowd multiplying the power of each of its members".

7.1.2 Contra-público

Partindo da proposta deste capítulo, o qual convida à análise da política a partir do prisma das emoções, foram abordados estudos de diversos autores que fazem referência, ainda que de formas distintas, a indivíduos que se sentem excluídos do *mainstream* e que se articulam com outros indivíduos em busca de interesses comuns. Foram abordados também, nos capítulos anteriores, alguns temas que são como pistas valiosas para entender o percurso pelo qual estes indivíduos percorreram, ainda que de forma subjetiva (porém não menos coletiva), para chegar à formação de grupos caracterizados por um conservadorismo ressentido e raivoso. Os estudos aqui mencionados mostram como essas pessoas tendem a se encontrar, ainda que virtualmente, para dar vazão às suas insatisfações e interesses: é o que Gerbaudo (2003) chamou de "*online crowds*", Cesarino (2022) chamou de "públicos refratados" ou "antiestruturais", Brown (2019) se refere como "os destronados", dentre outras referências a este fenômeno. Buscaremos, nesta tese, retomar todas essas referências como fundamento para a noção de contra-público - expressão cunhada por Downey e Fenton (2003) em alusão a um fenômeno contemporâneo que "Oferece formas de solidariedade e reciprocidade baseadas em uma experiência coletiva de marginalização e expropriação" (Downey & Fenton, 2003, p. 194), o qual emergiu na esfera pública a partir de uma mobilização que se iniciou no ambiente digital, às margens das mídias tradicionais ou *mainstream*.

Ainda que estejamos aqui considerando um fenômeno altamente contemporâneo, é fundamental situá-lo historicamente para, a partir disso, enfatizar o que há de inovação a ser considerada. O trabalho de Downey e Fenton (2003), citado anteriormente no primeiro capítulo desta tese, traz *insights* interessantes ao antecipar, duas décadas atrás, algumas questões que costuram as redes digitais e a esfera pública e à política. Seu diagnóstico é muito similar ao dos autores supracitados, ainda que eles escrevessem a partir de um estágio muito mais inicial deste fenômeno: um contexto de crise profunda dá início a uma forte mobilização da sociedade civil, que é simultaneamente uma experiência coletiva extremamente potente e instável, e se articula a partir de lugares não convencionais. Ao retomar as noções de esfera pública de Habermas, os autores relacionam a noção de contra-público com o ambiente informacional contemporâneo, demonstrando a importância desta estrutura para a emergência do contra-público.

Partindo do seu estudo realizado no início dos anos 2000, quando o contexto de acesso e popularização da internet era muito diferente do atual (ainda que os autores escrevessem da Inglaterra), Fenton e Downey chamam a atenção para um campo ainda muito pouco estudado e, em certa medida, também subestimado pela academia, que são as *non-mass medias*, ou em

outras palavras, as mídias que não são "de massa", que operam fora do *mainstream*. O próprio Habermas faz uma revisão da sua noção clássica de esfera pública ao identificar a emergência de *esferas públicas alternativas* estabelecidas por alguns grupos específicos da sociedade civil. Segundo o sociólogo alemão, essas esferas alternativas não somente existem como têm a capacidade de desafiar a dominação: seriam compostas por indivíduos que, de alguma forma, resistem às representações mediadas pelas mídias de massa e produzem as suas próprias intervenções. A questão que passou a interessar Habermas em publicações posteriores (1996) foi pensar um formato mais fluido de esfera pública, bem menos estática como a que ele havia proposto anteriormente. O sociólogo passou a considerar se essas iniciativas alternativas seriam fortes o suficiente para mudar a agenda dos veículos tradicionais ou, em outras palavras, refletir se "(...) as esferas públicas autônomas teriam a capacidade de trazer conflitos *da periferia para o centro da vida pública* por meio dos meios de comunicação de massa, a fim de gerar debates críticos entre um público mais amplo" (Downey & Fenton, 2003, p. 188. Tradução nossa[341]). É aí que ele começa a considerar as crises periódicas da esfera pública que abre espaço para reelaboração - algo muito próximo, ainda que de origens distintas, ao que nos referimos quando tratamos da crise de paradigmas. Também é possível identificar em Habermas algumas pistas que se voltam para a crise de confiança, exemplificada pela crise no sistema de peritos, quando ele afirma que: "Em períodos de mobilização, as estruturas que efetivamente apoiam a autoridade de um público criticamente engajado começam a vibrar. O equilíbrio de poder entre a sociedade civil e os sistemas políticos, então, se altera. " (Habermas, 1996, p. 379). Fenton & Downey resumem:

> Uma situação de crise, de acordo com Habermas, coloca as bases normativas da sociedade em questão. A mobilização endógena na sociedade civil pode, então, explorar a 'dependência latente' e o 'autoentendimento normativo' (HABERMAS, 1996) da esfera pública dos meios de comunicação de massa para fazer com que sua voz seja ouvida. (Downey e Fenton, 2003, p.189. Tradução nossa)[342]

Foi neste movimento que, por exemplo, na Alemanha, o movimento verde passou de um público semisubterrâneo para ter, posteriormente, não só visibilidade como um partido político formalizado e que performa bem nas eleições majoritárias. Neste sentido, a noção de contra-público não é necessariamente relacionada a uma mobilização populista ou, ainda, relacionada a um lado do espectro político. Downey & Fenton, inclusive, afirmam que a internet já era ali

[341] Texto original: "Can autonomous public spheres bring conflicts from the periphery to the centre of public life via the mass media in order to generate critical debate amongst a wider public?".
[342] Texto original: "A crisis situation, according to Habermas, raises the question of the normative foundations of society. Endogenous mobilization in civil society can exploit the 'latent dependency' and 'normative self-understanding' (1996: 382) of the mass-media public sphere in order to make its voice heard".

espaço que permitia que radicais tanto da direita quanto da esquerda encontrassem e/ou construíssem os seus contra-público de forma barata. Os autores, entretanto, explicam como a formação de um contra-público tem como objetivo desafiar a esfera pública dominante, e não ser simplesmente independente dela. Este mesmo apelo é o que move as mídias alternativas no campo da direita: não basta apenas ser uma alternativa independente em relação à mídia tradicional, mas é necessário desafiá-las. É o que Gerbaudo chamou de *populist hijack of social media*[343], que se fundamenta no sentimento compartilhado por muitos nas redes virtuais que os leva a acreditar que o *establishment* os amarra às inseguranças - sejam elas econômicas, sociais ou além. O que foi reiteradamente observado pelos autores supracitados e que argumentamos aqui é que, na história recente do Brasil e do mundo, tais mobilizações *anti-establishment* foram capitalizadas pela direita populista, que explora o ressentimento e a sensação compartilhada entre o contra-público, de que são vítimas, e o outro grupo que é favorecido em detrimento deles.

No que diz respeito ao contexto brasileiro, Cesarino explica o apelo deste público refratado a tudo o que se apresenta no espaço público como antiestrutural, citando a metáfora de um comercial muito popular de 2011 que fazia referência a um gigante que emergia do relevo do Rio de Janeiro. "O gigante acordou", o slogan do comercial que foi bastante mencionado nas ruas em manifestações alguns anos depois, simbolizava então uma parte importante do "povo" brasileiro que sempre existiu, "(...) porém adormecido, misturado ao pano de fundo, sendo pisoteado por elites corruptas, hipócritas e sem real representatividade" (Cesarino, 2021, p. 158). Nesta metáfora, a partir de meados de 2015/2016 o gigante havia despertado, tomando o espaço da cidade, fazendo assim uma inversão antiestrutual. Nesta conjuntura, figuras pouco conhecidas, como um deputado do "baixo clero" político ou um sem-número de alunos de um professor sem formação, passaram a ganhar notoriedade diante da economia da atenção e através da estrutura acessível que a internet viabiliza, colocando-se no debate público como verdadeiros representantes do *antiestablishment.* Sobre a popularidade que Bolsonaro passava a gozar a partir daquele período, Cesarino coloca:

> Assim como Olavo de Carvalho, MBL e tantos outros na nova direita, seu carisma era de ordem primariamente antiestrutural: falar o que pensa abertamente, com a coragem e os meios para revelar o que as elites esconderiam do 'povo'. As dimensões de autenticidade/espontaneidade e denúncia/revelação que estão no coração dessa força política convergem fortemente com as formas de eficácia e monetização das plataformas (Chun, 2021). Nos termos da explicação cibernética, o fetiche da autenticidade indica a busca de uma âncora segura num ambiente onde não há metaenquadramentos estáveis em que confiar, e onde tudo pode ser falseado, editado, filtrado. A tática eleitoral bolsonarista, em seu segmento mais humorístico e

[343] Ou em tradução livre " o sequestro populista das redes sociais".

> surrealista, também foi capaz de alcançar a atitude polar a essa: o ceticismo extremo. (Cesarino, 2021, p.159)

É interessante pontuar que as características que a autora ressalta sobre a personalidade pública de Jair Bolsonaro muito se parecem com uma descrição do próprio Olavo de Carvalho. São todas, conforme indica a autora, traços de um populismo forte que vem permeando as redes digitais, que tem como objetivo fazer com que a atenção e a disponibilidade de mobilização dos pequenos grupos difusos passem a convergir para um mesmo argumento.

Diversos dispositivos foram mobilizados para esta finalidade: desde uma postura sempre combativa e raivosa a um léxico desbocado e debochado, além das outras tantas características discursivas estrategicamente postas em prática. Por isso é tão fácil traçar o paralelo entre estas figuras que se aproveitaram da revolta das *online crowds* para se projetar e se promover, seja em âmbito nacional, seja em âmbito global. Os "engenheiros do caos" (Da Empoli, 2019) aplicam os mesmos filtros e o mesmo verniz de autenticidade para se destacar dos demais e criar a pauta da vez que vai agregar a multidão de insatisfeitos, e, de acordo com Cesarino:

> (...) é a suposta neutralidade tecnocrática dos algoritmos e métricas que empresta legitimidade para a alegação de que eles apenas trazem à superfície a autêntica vontade do povo. Nos termos do olavismo, a direita bolsonarista avançava uma *metapolítica* que alegava estar acima da política mundana, diretamente ancorada em formas puras, espontâneas e autênticas como família, Deus, as forças armadas e o próprio livre mercado. (Cesarino, 2021, p. 158).

A cientista política Camila Rocha, que se especializou na nova direita brasileira, se dedicou a entender como este grupo saiu de uma minoria difusa a um lugar de destaque em todas as eleições majoritárias, inclusive culminando na eleição de Jair Bolsonaro. A partir da sua pesquisa de campo, Rocha situa o período de efervescência das ideias antiestruturais no Brasil um pouco antes do que Cesarino. Como argumento central de sua tese, Rocha traz a afirmação de que a formação dessa nova direita se originou da internet, a partir de grupos de discussão online que aconteciam no auge do lulismo - mais precisamente entre 2006 e 2010. De acordo com seu argumento, o governo petista enfraqueceu as medidas econômicas neoliberais e, em paralelo, a oposição se encontrava desmobilizada. Foi nesta conjuntura que surgiram na internet, grupos e fóruns de discussões entre indivíduos que não se sentiam representados pelos partidos de centro-direita ou os da direita tradicional. Rocha, que estudou profundamente estes grupos, cita inclusive que já nos anos 2010 havia discussão sobre a demanda de uma intervenção militar no País, por exemplo. Para ela, o contra-público usava a internet como "(...) uma espécie de refúgio onde podiam discutir temas e ideias destoantes do que consideravam ser um horizonte cultural esquerdista dominante" (Rocha, 2019, p. 20), neste

sentido, pautas que foram recebidas pelo *mainstream* com espanto, como a teoria da ditadura gayzista ou os pedidos de intervenção militar, já tinham lastro nestes espaços pois vinham sendo discutidas desde então. Rocha observou, ainda, que:

> (...) esses espaços de debate foram responsáveis por aglutinar pessoas que, em sua maioria, não possuíam experiência política prévia e que, a partir do estabelecimento de uma identidade coletiva comum, passaram a se organizar. (Rocha, 2019, p. 21)

O fato é que entre essa mobilização de indivíduos identificada por Rocha e uma faixa que cruzava a Av. Paulista em 2013 pedindo, em inglês, intervenção militar no Brasil, há um grande caminho. Embarcados na guerra cultural, figuras como Olavo de Carvalho capitalizaram este ressentimento e a insatisfação latente de uma parte importante da população em torno de demandas sociais e argumentos dessas pessoas que viram, nas últimas décadas, seu espaço minguar (seja ele objetivo ou subjetivo). Palavras como "gayzismo", "Foro de S. Paulo, "globalismo", "ideologia de gênero", dentre outros vocábulos que passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano deste público, representam a linguagem da guerra cultural que costurou todo o ressentimento e culminou em processos políticos pautados por dimensões afetivas. É óbvio que mobilizações populistas e de direita ocorreram anteriormente na história, vestindo, inclusive, várias carapuças diferentes. Cesarino entende, inclusive, que os espaços digitais capitaneados por Olavo de Carvalho, como os seus cursos de filosofia, seus fóruns dediscussão, as suas redes sociais e seus demais aparelhos privados de hegemonia que reuniam seus admiradores, era um espaço onde a direita costumava se "encontrar" no Brasil nos primórdios da web 2.0. Entretanto, a infraestrutura das redes digitais ampliou e "democratizou" este processo, dado o seu potencial de introduzir o viés antiestrutural, dotado do seu léxico próprio, para qualquer segmento da população - e este movimento é fundamental para atingir a maioria eleitoral.

O mote da guerra cultural encontrou na arquitetura das mídias digitais o contexto perfeito para prosperar: isso porque, como foi provado por Da Empoli (2019), Morozov (2018), o funcionamento das redes é voltado para as mensagens extremistas, que mobilizam reações acaloradas e, sobretudo, *likes*. De acordo com Da Empoli em uma entrevista para Patrícia Campos Mello na Folha, isso faz com que os discursos e os políticos moderados acabem perdendo muita visibilidade na economia da atenção que governa as redes: "Os candidatos tradicionais, moderados, perderam o bonde dos avanços tecnológicos e também a capacidade de proporcionar emoções ou diversão a seus eleitores" (Da Empoli In Mello, 2019, n.p). Da Empoli defende, então, que o populismo nada mais é que o casamento entre a cólera e os algoritmos. A jornalista que entrevistou o italiano também discorre sobre o fenômeno em seu livro "A Máquina do Ódio" (2020), intitulando-o de "tecnopopulismo" e ressaltando que:

> Na política da velha guarda, quem quisesse atingir o maior número de eleitores tinha de recorrer a mensagens moderadas, com ideias que pudessem ser abraçadas pela maior parte das pessoas. No *tecnopopulismo*, o jogo é outro. O objetivo é identificar temas importantes para cada um e explorá-los em campanhas de comunicação individualizadas. (Mello, Patrícia C., 2020, p. 149/150)

A pesquisa de Rocha (2019) também apontou para este mesmo diagnóstico:

> (...) certos sites e fóruns de grupos radicais passaram ao largo dos discursos mais moderados e balanceados da mídia *mainstream* na medida em que fazem referência apenas a outros sites e fóruns que partilham mesmas visões de mundo, o que poderia colocar a democracia deliberativa em risco na medida em que, em determinadas conjunturas, certos grupos passassem a receber uma projeção ampliada na esfera pública. (Rocha, 2019, p. 28).

Este movimento de projeção desproporcional, segundo a autora, foi fundamental para a tão eficiente mobilização eleitoral da "nova direita" brasileira. Rocha, inclusive, foi uma autora importante que relacionou a noção de contra-público à nova direita consolidada na política brasileira. Este processo, inclusive, não é tão óbvio, pois a autora explica que a noção de contra-público tem origem na Teoria Crítica, carregando um simbolismo distinto. Entretanto, a noção de contra-público explorada aqui - adotada também por Rocha - é a que está relacionada a Michael Warner (2002)[344] e John Downey e Fenton (2003), os quais se dedicaram a analisar a emergência de contra-públicos no âmbito midiático. Estes últimos, inclusive, têm uma leitura relacional da noção de contra-público, assumindo a possibilidade de que contra-públicos distintos possam defender as mais diferentes pautas, de acordo com a conjuntura- conforme exemplificado acima, tomando o contexto brasileiro como exemplo.

Abordamos aqui como a arquitetura das redes contribui para a propagação de discursos como o de Olavo de Carvalho, bem como potencializa seu poder de reunir grupos com demandas distintas ao redor de uma demanda muito específica, como foi o caso da defesa do *homeschooling*. Olavo surge então como agregador dos conservadores ressentidos, estando desde a década de 1990, pelo menos, explorando os antagonismos, reivindicando uma superioridade moral a partir do seu discurso marcadamente polarizador. O polemista surge então, para este nicho de contra-público, como um bastião que oferece o único caminho à verdade que a mídia tradicional quer esconder - e esse é um dos seus grandes ativos, é também o motivo pelo qual é considerado uma fonte confiável de informação a ponto de ter estado por mais de 30 anos como um produtor de opiniões político-ideológicas estabelecido. Retomando Cesarino, isso demonstra como "(...) as novas mídias não operam num vácuo, mas em estreita co-emergência com outra infraestrutura técnica e material sem a qual elas não teriam os

[344] Warner (2002) faz um trabalho importante no sentido de definir especificamente os contra-públicos em termos da circulação de textos de oposição ligados à performatividade, partindo de Nancy Fraser. O trabalho de Warner foi importante para que Downey e Fenton (2003) chegassem à definição de contra-público que é utilizada nesta tese.

[mesmos] efeitos (...): o corpo dos usuários humanos ou, mais especificamente, sua cognição incorporada (Cesarino, 2022, p. 209). Neste sentido, portanto, é válido dizer que o que diferencia Olavo de Carvalho dos outros gurus da direita brasileira é, inicialmente, a sua sagacidade em identificar as redes digitais como um espaço amigável ao compartilhamento de ideias não convencionais e, posteriormente, sua capacidade de "produzir uma comunidade de destino na qual os indivíduos se sintam seguros e confiantes" (Idem, p. 242), gozando de "acesso fácil e barato a mundos ocultos" (Idem).

Diante de tudo o que foi posto acima, a atuação de contra-públicos fortemente articulados a partir das redes (assim como a estrutura toda que está por trás desta articulação) acaba por promover uma maior fragmentação do espaço público, aumentando radicalmente a polarização e a lacuna entre os grupos que se informam a partir de mídias hegemônicas. O impacto desta conjuntura engaja ainda mais os indivíduos na guerra cultural, como colocam Lage e Saraiva, que fazem o exercício de esboçar, em poucas palavras, a lógica através da qual muitos indivíduos podem ter sido recrutados ao contra-público da extrema direita brasileira:

> De um lado, a imprensa hegemônica ocupa o lugar de perseguição política de seu governo, de sua família e de aliados, estando, obviamente, mancomunada com os inimigos da nação. De outro lado, a principal vítima tem sido o povo, prejudicado pelos falsos democratas que ocupam o Congresso e pelo governo do PT, cujo objetivo único seria implantar um regime comunista no qual a população seria escravizada cultural, intelectual, política e economicamente. Se o ressentimento aparece como justificativa moral para a adoção dessas políticas de confrontação aos inimigos e destruição de todo e qualquer legado de governos anteriores, a guerra cultural é assumida explicitamente, com a reivindicação da superioridade moral e com a designação de adversários não apenas políticos, mas inimigos da nação, da cultura e do povo cristão brasileiro. (Lage & Saraiva, 2021, p. 148)

É possível, portanto, concordar com João Cezar de Castro Rocha quando ele coloca que "o Bolsonarismo permitiu o retorno do recalcado". Diferentemente do autor, argumentamos aqui que este fenômeno extrapola o bolsonarismo -assumindo, ainda, que o bolsonarismo foi um rebento frutífero do mesmo.

Neste ponto, é relevante retomar um livro abordado anteriormente assinado por Martim Vasques da Cunha, ex-olavista que publicou, em 2019, o livro "A Tirania dos Especialistas: Desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho". Este livro é interessante não só por trazer uma perspectiva muito particular de um ex-aluno de Olavo, mas também por abordar a figura do professor como um articulador de uma revolta mobilizada por uma fração importante da sociedade brasileira. Apesar de não utilizar o termo "ressentimento" no livro, Cunha discorre sobre como seu ex-professor capitalizou a frustração de vários grupos para orquestrar e comandar, "nas sombras", a revolta do subsolo, que, segundo o autor, é fomentado por anti-indivíduos - algo que se aproxima, ainda que de maneira menos estruturada,

à noção de contra-público. Em entrevista[345] para o canal do YouTube do MBL, Cunha desenvolveu melhor essa ideia, caracterizando a revolta do subsolo, noção cuja referência está em Dostoiévski (1864)[346], segundo o próprio autor, da seguinte forma: "(...) Todos nós, por nos sentirmos excluídos da grande mídia, das decisões do *mainstream*, nós nos sentimos rejeitados e ressentidos, e a gente foi acumulando esse ressentimento, e indo num ódio, numa fúria, e o que veio foi uma revolta do subsolo" (Cunha, MBLiveTV, 2022). Nesta entrevista, Cunha explica o que relaciona, em sua leitura, a busca por um sentido maior de vida e o ressentimento: segundo ele, a disparidade entre o que o indivíduo espera assumir como função social, ou seja, seu envolvimento em um "grande projeto" e sua real insignificância causam uma tensão e um descontentamento. Neste caso, a forma que esse descontentamento é externado é através do ódio ou da violência. Sobre isso, Cunha faz uma importante autocrítica:

> Isso foi o que aconteceu com a gente! A gente foi ódio por um momento… Ódio em alguns momentos justos, porque você tinha o problema do PT, a Dilma, que era um governo que graças a Deus não se tornou tirânico. Por um triz, tá? Só que aí descambou na violência do governo Bolsonaro que, devido à incompetência desse governo e da turma que o cerca, ele fez algo que nem o PT faria, que é simplesmente não administrar o país numa pandemia avassaladora. Então, na nossa situação, o fenômeno é esse: *a gente é a revolta do subsolo*. Nós somos os monstros, nós somos os Judas, nós somos os criminosos. Você me perguntou se tem solução? A solução (...) é interior. A primeira coisa é admitir que você errou. Eu admito que errei, vocês precisam admitir que erraram (...) porque nós somos responsáveis pelo Bolsonaro, nós somos responsáveis pelo Lula. (Cunha, MBLiveTV, 2022. Grifo nosso)

O interessante de trazer a autocrítica de Cunha, sendo um ex aluno que acompanhou Olavo de Carvalho por vários anos, é perceber a leitura que o mesmo faz sobre si e sobre os demais grupos que compunham o subsolo. Por isso, quando Cunha afirma "a gente é a revolta do subsolo" e relaciona o subsolo ao seu ex professor no título do seu livro, fica evidente que, mobilizados pela frustração de não carregar consigo as responsabilidades de um grande projeto, estes grupos passaram a externar, de forma coletiva e coordenada, um forte ressentimento. A forte mobilização coordenada deste afeto, argumentamos aqui, foi fundamental para as estratégias de guerra cultural ao estabelecer as fronteiras de antagonismos e instituir, assim, o que chamamos de política do ressentimento.

Estudiosos da recente popularização da extrema direita no Brasil vêm estudando este fenômeno e relacionando-o a um "triunfo de um populismo ressentido" (Fassin, 2019; Miguel, 2018), que apesar de variar conforme os contextos políticos, apresenta duas características

[345] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3NhSJXZdJ4M Acesso em: 30/01/2024.
[346] Cunha faz referência à obra "Memórias do Subsolo" de Fiódor Dostoiévski, publicada em 1864. O livro é narrado por um narrador anônimo que vive no subsolo da segunda maior cidade da Rússia, à procura do significado para a sua existência. De acordo com o próprio Cunha, em entrevista supracitada, o narrador trata-se de um homem ressentido, amargurado, que tem a sensação de que sua existência está relacionada a um grande projeto.

principais: a primeira é a construção de fronteiras de antagonismo e a segunda é o apelo à retórica anti-elitista, a qual adicionamos aqui uma retórica anti-estrutural. A contribuição de Cesarino é defender que este ressentimento é, enfim, canalizado a partir de uma verdadeira máquina política, a qual atravessa e se potencializa tanto institucionalmente, quanto discursivamente e ciberneticamente. Neste sentido, sintetizando e retomando os conceitos abordados neste tópico, entende-se aqui que a reunião das *online crowds* à procura de um propósito comum resultou na emergência de um contra-público, ou nas palavras de Cunha, do "subsolo", o qual encontrou no governo de Jair Bolsonaro um espaço fértil para a instituição da política do ressentimento, a qual retroalimenta a guerra cultural.

Isso posto, a relevância do bolsonarismo nesta tese se dá por dois motivos principais: primeiro pela sua evidente correlação com Olavo de Carvalho e, segundo, por ser um exemplo concreto da história recente de sucesso alcançado a partir da mobilização digital de alguns contra-públicos. No próximo tópico, portanto, será abordada uma outra característica que é fundamental para o sucesso deste fenômeno: as lacunas supracitadas entre os diferentes grupos, que têm fontes de informações distintas para embasar e fundamentar suas compreensões e opiniões. No âmbito da análise proposta nesta tese, essa conjuntura é absolutamente estruturante deste fenômeno, e é a partir dela que as considerações finais serão delineadas, bem como as hipóteses sobre como evitar a recorrência de eventos como este.

7.2 O *gap* informativo e a ignorância socialmente motivada

Nos dias atuais, é comum que pessoas consideradas bem-informadas tenham acesso a narrativas distintas sobre os mesmos eventos. Por exemplo, dependendo de *onde* a pessoa se informe, ela pode ser entusiasta das vacinas contra a Covid-19 e acreditar que as vacinas foram o ponto de inflexão para que a pandemia fosse gradualmente superada, ou ela pode ter certeza absoluta de que as vacinas fazem parte de uma tentativa de controle social liderada pela indústria farmacêutica -ou até mesmo pela China[347]. A pessoa do segundo exemplo não necessariamente se informou *menos* sobre o assunto do que a primeira: pelo contrário, muitas vezes o contato com essa narrativa, lida como fato, leva a pessoa a adentrar-se cada vez mais no assunto, passando a ler sobre microchips líquidos presentes nos pseudo-imunizantes, e entrando em um vórtice de informações que enriquecem a narrativa. A grande diferença que separa a primeira e a segunda pessoa do exemplo não está no tempo dedicado a se informar

[347] Ver: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/06/17/a-culpa-e-de-bill-gates-saiba-como-nasceu-a-fake-news-da-vacina-com-chip.htm Acesso em: 18/02/2024.

sobre o assunto, tampouco em quantos lugares ela encontrou respaldo para a sua narrativa, mas o que os diferencia é, imprescindivelmente, as *fontes* que cada uma escolheu para se informar. Isso é o que chamamos aqui de *gap* informativo.

Seria muito simplista reduzir a "desinformado" alguém que, por exemplo, defende que as vacinas contêm um chip de inteligência artificial para controle populacional[348]. A dinâmica que faz com que essa certeza seja construída é não apenas muito complexa, como muitas vezes extremamente bem fundamentada e validada em testemunhos de pessoas próximas, leituras de notícias, vídeos, entre outros instrumentos. No lugar de imputar juízo de valor logo de partida, o lugar da ciência é entender mais sobre este fenômeno, inclusive para produzir saídas possíveis deste impasse. Foi considerando isso que Frimer, Stika e Motyl (2017) realizaram um estudo cujo objetivo era abordar, a partir de diferentes metodologias, a exposição de grupos de pessoas a opiniões contrárias às que compartilham. A conclusão do estudo é que ambos os grupos (liberais e conservadores) estavam deliberadamente motivados a evitar ouvir opiniões opostas vindas do outro grupo, e os autores ressaltaram dois motivos principais: a antecipação da dissonância cognitiva, que pode ser entendida como o desconforto decorrente de quando as crenças caras a um indivíduo entram em conflito, e a necessidade de manter uma realidade compartilhada com outras pessoas.

Embora essas conclusões tratem de um fenômeno individual voltado para a racionalidade instrumental, há também um potencial para tornar-se um fenômeno social, como é o caso das pessoas que rejeitam a vacina do Covid-19, no exemplo abordado acima. Neste caso, as consequências da proteção cognitiva dos indivíduos, seja ela consciente ou não, podem afetar toda uma sociedade. Esta situação é abordada por Daniel Williams (2021) que diferencia a *ignorância pessoalmente motivada*, que geralmente ocorre quando o agente evita contato com o que considera negativo buscando uma regulação emocional própria, da *ignorância socialmente motivada*, que é quando o agente é encorajado a se manter ignorante por causa dos efeitos antecipados dessa ignorância em outros agentes. É importante salientar que estes conceitos não são excludentes, mas podem coexistir. Neste contexto, ainda, Williams discorre sobre o que ele chama de "custo social da ignorância coletiva" que, segundo ele, é quando um grande contingente de pessoas em uma democracia se conforma a ignorar uma informação com o objetivo de proteger sua "*identidade de coalizão*" - a qual pode ser exemplificada através de contra-públicos que são formados com objetivos específicos. No que diz respeito ao exemplo

[348] Ver: https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/01/27/e-fake-que-vacina-contra-covid-19-tem-chip-liquido-e-inteligencia-artificial-para-controle-populacional.ghtml Acesso em 18/02/2024.

dado no início deste tópico, é possível definir que alguns grupos de pessoas optam por ignorar ou relegar notícias veiculadas pelos veículos hegemônicos a notícias falsas ou enganosas. Esse tipo de comportamento, quando ocorre a nível coletivo, é potencializado pelas redes digitais que conectam contra-públicos do mundo inteiro, gerando um enorme impacto na esferapolítica. É considerando fenômenos como este que os estudiosos de mídia Downey & Fenton afirmam que "o uso da internet tem contribuído simultaneamente tanto para novas formas de solidariedade quanto para novas formas de fragmentação" (Downey & Fenton, 2003, p. 199).

Um importante artigo do filósofo Neil Levy (2019) apresenta uma perspectiva interessante que complementa o que foi introduzido acima por Williams: a partir de uma pesquisa empírica, Levy trabalha sobre os motivos pelos quais pessoas comuns rejeitam conhecimentos científicos estabelecidos. O filósofo explica que, em geral, os indivíduos tendem a distinguir as fontes que consideram confiáveis das que consideram não confiáveis, baseando-se em inúmeros fatores, tanto objetivos quanto subjetivos, como foi abordado anteriormente no tópico sobre a fronteira entre amigo/inimigo como estratégia dereorganização epistêmica. De acordo com o autor, é comum que isso aconteça tratando-se de fatos ou informações corriqueiras, mas o problema se insere quando essa prática se aplica, de forma deliberada, a consensos científicos estabelecidos, como explica Levy:

> Quando a ciência é politizada, a expressão da ciência pode, por si só, passar a servir como *um sinal de falta de benevolência para aqueles de um lado específico da questão*, levando à rejeição do testemunho. (...) A politização da ciência pode criar circunstâncias em que o contexto da afirmação científica *aciona os filtros na deferência epistêmica*, sinalizando uma falta de confiabilidade. (Levy, 2019. p. 314. Tradução nossa, grifos nossos)[349]

Neste caso, retomando o exemplo do início do tópico, acreditar na existência de microchips líquidos nas vacinas de Covid ou que a Terra é plana não é uma questão de dificuldade de acesso à informação, tampouco de capacidade de apreensão das informações. A pesquisa de Levy demonstra, inclusive, que os indivíduos que sustentam este tipo de argumento sabem, muitas vezes, articular o consenso científico para defender o seu argumento. Basta ver, por exemplo, a quantidade de vídeos no YouTube de pessoas utilizando-se de ferramentas e apresentando "evidências" para provar seu ponto de vista sobre estes temas, contrapondo-se de forma articulada ao consenso científico. Isso acontece, de acordo com Levy, porque:

> Uma vez que os indivíduos que pontuam mais alto no teste de reflexão cognitiva têm uma *maior capacidade de identificar ou inventar falhas em argumentos que entram em conflito com seus compromissos prévios*; eles têm a capacidade de ver o equilíbrio das evidências como mais fortemente a seu favor do que os indivíduos menos

[349] Texto original: "When science becomes politicized, expression of the scientific consensus may itself come to serve as a signal of lack of benevolence to those on one side of the issue, leading to rejection of the testimony (...) The politicization of science may produce circumstances in which the content of scientific claims triggers the filters on epistemic deference, by signalling a lack of trustworthiness".

> capazes, e, portanto, passam a ter opiniões mais fortemente contrárias ao consenso. (Levy, 2019. p. 315. Tradução nossa, grifos nossos)[350]

Enfatizamos aqui a referência aos "compromissos prévios" dos indivíduos. Um bom exemplo do que Levy quis dizer com esse termo é que pessoas religiosas tendem a ser contra o aborto, dado o seu "compromisso prévio" com a religião. Neste sentido, é muito mais difícil convencê-la do contrário e todos os argumentos, justificativas e dados tendem a ser sumariamente desconsiderados, pois o aborto vai de encontro a um valor muito caro à pessoa. Entretanto, as filiações que representam compromissos prévios dos indivíduos nem sempre são tão evidentes quanto uma religião professada: nos últimos cinco anos, a emissora de TV aberta Globo passou a ser vítima de boicote por parte de vários grupos bolsonaristas, que alegavam que a emissora veiculava *fake news* sobre o governo Bolsonaro[351]. A *hashtag* Globolixo esteve entre os trending topics do Twitter por várias semanas, sustentada por pessoas como Olavo de Carvalho[352] e por milhares de anônimos com perfis sociais totalmente distintos, unidos apenas pelo *compromisso prévio* de serem simpatizantes de Jair Bolsonaro. Neste sentido, a formação de um contra-público pode ser entendida como um compromisso prévio entre indivíduos que se articulam em torno de um motivo comum, o que leva estes atores que compartilham uma visão a classificar indiscriminadamente como *fake news* todo ou qualquer conteúdo veiculado pela Globo. Esta mesma movimentação de boicote e classificação rígida como *fake news* ocorreu também com a Folha de S. Paulo e a revista Época, seguindo os mesmos argumentos e justificativas, o que atesta que o *gap* informativo não ocorreu de forma orgânica, tratando-se justamente do oposto: ele é, sobretudo, um projeto.

7.3 O mercado de racionalizações

O filósofo Daniel Williams, na contramão de muitos estudiosos que se voltaram para o tema da desinformação como um fenômeno social basilar para a compreensão das novas dinâmicas de comunicação, vem desenvolvendo uma linha de percepção um pouco diferente sobre o mesmo fenômeno. Partindo dos seus estudos sobre a *irracionalidade estratégica*,

[350] Texto original: "Since those who score higher on Cognitive Reflection Test items have a greater capacity to identify or invent flaws in arguments that conflict with their antecedent commitments, they may see the balance of the evidence as more strongly in their favour than less able conservatives, and therefore come to hold more strongly anti-consensus views".
[351] Esse boicote, vale salientar, foi incentivado pelo próprio Bolsonaro. Ver: https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-prega-boicote-veiculos-de-comunicacao-ataca-jornalistas-24276305 Acesso em 20/02/2024.
[352] Ver: https://www.youtube.com/results?search_query=olavo+de+carvalho+globolixo ou https://www.youtube.com/watch?v=F6CTgR2zYp0 Acesso em 20/02/2024.

Williams sugere que "o foco na desinformação leva a um profundo mal-entendido, porque as pessoas acreditam e agem com base em informações ruins" (Williams, 2022, n.p). Esta consideração sintetiza o pontapé inicial para uma série de artigos em que Williams desenvolve a noção de *marketplace of rationalization*, uma estrutura social que será fundamental para as considerações finais desta tese. William desenvolve esta noção partindo de uma longa tradição de estudos sobre mecanismos cognitivos e *belief-based utility*, sintetizados em Loewenstein and Molnar (2018).

Para introduzir seu conceito, Williams dialoga com a teoria da escolha racional para pensar o que os indivíduos levam em consideração quando vão adquirir informações. Considerando que o universo de informações disponíveis é imenso, é preciso apreender a dinâmica a partir da qual o indivíduo seleciona suas fontes, bem como o que está por trás dessas escolhas. Neste sentido, a explicação instrumentalista não é suficiente para analisar este universo, posto que, apesar da oferta de informação ser enorme, ela ainda é distribuída de forma marcadamente desigual. Além disso, a dinâmica de "escolha" de fonte de informação é mais complexa do que a simples lógica instrumentalista[353]; é por isso que Williams fala em"utilidade baseada em convicções"[354], identificando uma instância de *filtro* das ofertas baseada em compromissos prévios (para citar a noção de Levy) ou crenças bem estabelecidas do indivíduo.

No escopo da "utilidade baseada em convicções", Williams faz duas conclusões importantes: a primeira é (i) que as preferências por convicções semelhantes às do indivíduo em questão são distribuídas amplamente entre a sociedade e (ii) que a "escolha" da convicção está sujeita a uma *restrição* de racionalização, de modo que *os indivíduos só conseguem acreditar em coisas para as quais conseguem encontrar racionalizações apropriadas* (Williams, 2023, p.100. Tradução nossa, grifo nosso)[355]. Isso posto, é possível afirmar que os indivíduos são frequentemente motivados a formar convicções por motivos que independem da precisão da informação, o que remonta à discussão do capítulo 4 sobre o lugar do Brasil Sem Medo no mercado de opiniões. No que tange a escolha da fonte de informação, é preciso, portanto, considerar que os indivíduos protegem ativamente as suas convicções, o que quer dizer que eles também produzem, de maneira consciente ou não, um apoio epistêmico para as

[353] Seguindo a lógica do modelo instrumentalista, que segue o modelo da escolha racional, os agentes racionais escolheriam adquirir informações só quando os benefícios esperados na redução da incerteza superassem o custo desta aquisição. Neste sentido, não haveria filtro algum, e qualquer informação que chegasse de forma orgânica e gratuita deveria ser assimilada, o que não se sustenta na prática.
[354] Termo original: *belief-based utility*
[355] Texto original: "(...) people can only bring themselves to believe things for which they can find rationalizations"

suas crenças e convicções. É nessa conjuntura que Williams introduz os *rationalization markets*: diante da demanda de suporte epistêmico para os compromissos prévios dos indivíduos, surgem estruturas sociais para fornecer este suporte que os indivíduos desejam manter por razões não epistêmicas (Idem, p. 104). É um tipo de cognição motivada, que "filtra" as informações e, especialmente, as fontes de informações que não atendem aos requisitos dos compromissos prévios do indivíduo. De acordo com Williams, ainda, além da cognição motivada conformar a maneira como o indivíduo busca, interpreta e processa informação para apoiar as suas convicções, ela também está sujeita a uma restrição de racionalização, o que faz com o que "(...) os agentes só podem se convencer a acreditar em coisas para as quais podem encontrar razões (...) que justificam a verdade de suas crenças" (Idem). Por fim, Williams traça um paralelo com o texto supracitado de Levy quando fala de "convicções infundadas" - é buscando se aprofundar na alta adesão a crenças infundadas que Williams descreve a estrutura do que ele chama de mercados de racionalizações.

7.3.1 A dinâmica do mercado de racionalizações

Com o objetivo de apresentar a estrutura e a dinâmica da sua noção de mercado de racionalizações, Williams a decompõe em 5 pontos principais: os consumidores de racionalização, os produtores de racionalização, a natureza das racionalizações como um bem econômico, os meios de troca utilizados na compra de racionalizações e o preço de mercado e mecanismo de auto ajuste de preço gerados pelas racionalizações. É importante ressaltar que não é toda a teoria do mercado de racionalizações que faz sentido para analisar o Brasil Sem Medo e Olavo de Carvalho, porém a lógica da dinâmica deste mercado é interessante para pensar alguns pontos, em especial os três primeiros. Após apresentar a leitura de Williams, apontaremos limites na sua teoria no que diz respeito à análise do objeto desta tese, o que faz parte da ideia inicial do autor, posto que ele enfatiza a importância de utilizar suas ideias como exploratórias para análises empíricas. Para isso, é fundamental manter em mente o Brasil Sem Medo e as suas características descritas ao longo desta tese, de modo a traçar os paralelos entre as noções teóricas de Williams e o objeto aqui abordado.

O autor começa a destrinchar a estrutura dos mercados de racionalização a partir dos consumidores. Isto acontece porque, conforme explica, é a alta adesão a concepções infundadas que gera a procura dos consumidores por racionalizações que as apoiem. O exemplo que o autor traz desta afirmação são as convicções compartilhadas e motivadas por vínculos de grupo. Williams retoma pesquisas da ciência política para argumentar que, na esfera política, esse tipo

de vínculo é fundamental para o compartilhamento de auto justificações que sustentam o grupo em si. Nesta esfera, ainda, é comum que a adoção de certas crenças, valores e atitudes sejam prova de uma lealdade partidária, o que faz com que os indivíduos procurem por racionalizações favoráveis ao grupo, as quais são frequentemente opostas aos grupos políticos concorrentes. Este exemplo pode ser aplicado à lógica defendida por Olavo de Carvalho, que indicava aos seus alunos e seguidores fontes de informação alternativas, além de estimular o boicote aos veículos da mídia hegemônica. Neste sentido, ser leitor do Brasil Sem Medo ou expectador do Brasil Paralelo, por exemplo, carrega uma função latente que é o reforço da lealdade do indivíduo em relação ao contra-público associado. Citando outros estudos, Williams complementa:

> Há uma extensa literatura empírica demonstrando essa demanda por racionalizações partidárias, 'uma conclusão robusta é que *os consumidores tendem a escolher mídias cujos viés coincidam com suas próprias preferências ou crenças anteriores*' (Gentzkow et al. 2015: 633), com 'a tendência de selecionar notícias com base em *concordância antecipada* (...) fortalecida entre partidários politicamente mais engajados' (Iyengar e Hahn 2009: 19; veja também Knobloch-Westerwick e Meng 2009; Stroud 2010). (Williams, 2023, p. 108, tradução nossa, grifo nosso)

Nesta conjuntura, a cognição motivada entra em ação, mesmo que de maneira inconsciente. Williams cita estudos que demonstram que os indivíduos tendem não só a evitar, como chegam a *pagar* para não ter acesso a informações ou notícias dos oponentes políticos. Para entender um pouco mais sobre essa estrutura, passaremos à explicação de Williams sobre os produtores de racionalização.

De acordo com o autor, os produtores de racionalização são os indivíduos que entendem a possibilidade de lucro embutida na alta demanda por racionalização de convicções infundadas, e passa a dedicar seu tempo e recursos à produção de *informação útil* para a justificação de tais convicções e crenças. Para os produtores de racionalizações, quanto mais alinhado o seu conteúdo está em relação às crenças dos consumidores, maior a chance de sucesso. Uma outra característica interessante é que os produtores de racionalizações não vão admitir que seu produto é uma racionalização; considerando que seus consumidores tendem a sustentar uma auto-imagem de objetividade e imparcialidade, os produtores se apresentam como fornecedores de informações imparciais e precisas (Idem, p. 109). A consciência em relação aos termos desta dinâmica por parte dos consumidores ou mesmo dos produtores é absolutamente irrelevante, de acordo com Williams. Essa dinâmica, entretanto, não diz respeito aos enquadramentos ou editoriais que apresentam a informação a partir de um quadro ligeiramente favorável a um dado lado do espectro político, o que é muito comum também nas mídias hegemônicas; ela diz respeito, sobretudo, às informações feitas “sob medidas” para

ajustar-se à demanda dos consumidores por racionalizações que buscam justificar suas crenças e narrativas.

No que tange às racionalizações enquanto bens econômicos, a leitura de Williams começa a se afastar da análise do objeto desta tese. Ainda assim, vale considerar mais este ponto para pensar sobre o lugar do Brasil Sem Medo no mercado de racionalizações, pois a simples categorização do veículo como "veículo de desinformação" impede uma análise própria da dinâmica que faz com que veículos como estes sigam surgindo. Isso posto, Williams ressalta que "Racionalizações não precisam e muitas vezes não tomarão a forma de desinformação" (Idem, p. 110); isso porque se os consumidores entenderem que a informação é absurdamente imprecisa, ela perde o seu valor em relação à cognição motivada. Neste sentido, qualquer conteúdo veiculado através dos mercados de racionalização, quando se tratam de factoides, precisam necessariamente de difícil detecção, caso contrário ele perde o seu valor de justificar racionalizações. Em suma, a eficácia das racionalizações para a justificação de convicções depende da sua qualidade, assim como com qualquer outro bem de mercado. Este é o ponto de inflexão que separa a compreensão de Williams da interpretação dada ao objeto desta tese, ainda que não o faça totalmente: o autor costura toda a sua teoria em termos de uma relação puramente mercadológica, utilizando-se de termos e noções próprias do campo mercantil. Nestes termos, então, o que gere o mercado de racionalizações é de ordem essencialmente financeira. Entendemos, em contrapartida, que estruturas sociais produtoras de racionalizações para justificar convicções, tais quais o Brasil Sem Medo, existem, mas estendemos a leitura de Williams por admitir que, além do capital econômico, há sobretudo um altíssimo capital político que está em voga nesta dinâmica. A análise aprofundada da trajetória do idealizador do BSM, bem como da sua crítica repetida nas últimas 3 décadas a respeito das mídias hegemônicas, confirma essa hipótese: os diversos aparelhos privados de hegemonia olavistas não passaram de veículos no mercado de racionalizações, que alimentava as convicções dos contra-públicos e se alimentava tanto em capital econômico quanto em capital político.

Argumentamos aqui que analisar o mercado de oferta e demanda de informações em termos puramente monetários leva a uma leitura limitada, ainda que Williams admita, em um outro artigo (2022), a possibilidade de troca de outros bens nesta transação, como atenção e prestígio. Retomando o léxico bourdieusiano, entendemos que, em suma, há um forte apelo ao *capital político*, especialmente ao analisar o contexto e ao aprofundar em figuras emblemáticas como Olavo. Em outros termos, é possível afirmar que Williams admite a possibilidade desses veículos serem aparelhos privados de hegemonia dos seus idealizadores ao discorrer sobre os

outros bens decorrentes desta transação de racionalizações, o que ele chama de “tipos de trocas de bens não monetários". Ele aponta, por exemplo, que:

> Ao construir uma reputação como uma fonte confiável de informações úteis de um tipo específico, os produtores de informações receberão uma atenção crescente daqueles que desejam essas informações. A atenção provavelmente tem um valor intrínseco para pelo menos algumas pessoas, mas também fornece um meio indireto de extrair lucros financeiros na medida em que a atenção da audiência de um produtor de informações pode ser vendida para anunciantes. (Williams, 2023, p. 112. Tradução nossa)[356]

Ainda assim, o ganho de atenção está relacionado, finalmente, ao âmbito financeiro, mas o autor também fala sobre outro bem não monetário: o prestígio, que define como “(...) um tipo de distintivo de status social fundamentado na admiração social e deferência” (Idem), e completa:

> O prestígio difere da dominância, a outra forma fundamental de status social em seres humanos, na medida em que depende da entrega de benefícios em vez da imposição de custos, e resulta em admiração, deferência e motivações de aproximação, ao contrário das motivações de medo e evitação associadas às hierarquias de dominância. (...) Seja qual for o mérito dessa proposta evolucionária, o prestígio claramente desempenha um papel ao incentivar a produção de informações hoje em dia (Acerbi 2019). Adquirir uma reputação como produtor de informações úteis é um meio de obter admiração, deferência e gratidão dos outros. (Williams, 2023, p. 112/113. Tradução nossa)[357]

Em outras palavras, Williams ressalta a centralidade dos bens não monetários como efeitos de consagração dos produtores de racionalizações que, vale relembrar, frequentemente são também os mediadores entre o seu público e a realidade. É neste sentido que foi argumentado ao longo desta tese - e encontramos eco em Williams- que as pessoas frequentemente formam suas convicções independentemente da sua precisão e minúcia. Em outras palavras, o capital político acumulado pelo produtor de informações faz com que seus leitores/alunos/seguidores se importem menos com a veracidade dos fatos e mais como um reforço de sua lealdade ao mediador e ao seu contra-público. Isso se torna ainda mais comum em um contexto de crise de confiança generalizada; o próprio Williams afirma que as formas não monetárias de troca são especialmente relevantes no contexto midiático da era digital, sobretudo para a mídia política.

O trecho acima também traz um outro traço muito corriqueiro do olavismo: a destituição da hierarquia, que é tão estruturante das relações usuais entre professor e aluno, mas

[356] Texto original: “In building up a reputation as a reliable source of useful information of a particular kind, information producers will receive growing attention from those who desire this information. Attention likely has intrinsic value for at least some people, but it also provides an indirect means of extracting financial profits insofar as the attention of an information producer’s audience can be sold to advertisers.”

[357] Texto original: “Prestige is different from dominance, the other fundamental form of social status in human beings, insofar as it is dependent on the delivery of benefits rather than the imposition of costs, and it results in admiration, deference, and approach motivations rather than the fear and avoidance motivations associated with dominance hierarchies (...) Whatever the merits of this evolutionary proposal, prestige clearly plays a role in incentivizing the production of information today (Acerbi 2019). Acquiring a reputation as a producer of useful information is a means of acquiring admiration, deference, and gratitude from others.”

que, todavia, não definia a relação de Olavo com os seus alunos. Parte do encantamento, de acordo com seu ex aluno Martim Vasques da Cunha, era a abertura e a possibilidade de troca, a acessibilidade do ídolo que tinha encontros semanais com seu público, que interagia com comentários nas redes sociais, que dedicava vídeos inteiros a réplicas de críticas que havia recebido. Junto a tudo isso, claro, há também o ganho monetário, não há como negar. Por mais de vinte anos Olavo de Carvalho teve como fonte de renda majoritária os recursos provenientes do seu trabalho de emissor de opiniões político-ideológicas, cuja reputação garantiu, além de admiração de muitos, a receitas das vendas de livros, das mensalidades dos cursos, dos documentários, das assinaturas dos seus aparelhos privados de hegemonias, entre outras fontes ligadas ao espaço que ele ocupava no mercado de racionalizações. Considerando tudo isso, é possível afirmar que Williams não está totalmente enganado quando ressalta a questão financeira como lógica gestora do mercado de racionalizações, apesar de defendermos aqui que este retorno financeiro ser mais uma causa do que uma consequência, pois entendemos que o verdadeiro valor deste mercado ser de ordem não monetária e simbólica. Ainda assim, durante a pesquisa que fundamentou este trabalho, foi possível identificar recortes importantes do impacto de Olavo de Carvalho no mercado (citado aqui a partir de uma perspectiva macro), inclusive no mercado editorial. Isso posto, o próximo tópico tratará brevemente do âmbito de impacto econômico de Olavo no mercado de racionalizações, especificamente no que diz respeito ao mercado editorial conservador, o qual surfou a onda do conservadorismo sustentada por Olavo e figuras afins.

7.3.2 Cedet: o lucrativo instrumento de vender conservadorismo

Em agosto de 2021, a jornalista Juliana Sayuri publicou no The Intercept uma reportagem investigativa muito interessante, cuja introdução traz a promessa de relacionar Olavo de Carvalho a outras figuras centrais do movimento conservador brasileiro, os quais também se associam através do seu apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Na matéria, intitulada "Livros, canivetes e anjos: a lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita"[358], Sayuri se debruça sobre o Cedet, a editora de livros sediada em Campinas, no interior de São Paulo, que é o elo entre figuras como Allan dos Santos, Sara Winter, Bernardo Küster (o diretor de opinião do Brasil Sem

[358] Disponível em: https://www.intercept.com.br/2021/08/28/cedet-vendas-sites-olavo-de-carvalho-extrema-direita/ Acesso em 27/02/2024.

Medo), entre outros portais da extrema-direita como o Terça Livre ou o Senso Incomum. Cedet (cuja sigla significa Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico) é uma empresa que hospeda a livraria do BSM[359], a qual comercializa inúmeros títulos de livros conservadores, inclusive a bibliografia quase completa de Olavo de Carvalho e todos os títulos dos seus colaboradores, além de indicações de leituras que abarcam livros sobre religião, gênero, comunismo, entre outros. No total, são 72 livrarias virtuais gerenciadas pela Cedet, grande parte das quais são de figuras conhecidas na extrema-direita e no mundo conservador, como Rodrigo Constantino, Ana Campagnolo, Alexandre Costa, Bene Barbosa, entre outros.

Além das livrarias virtuais, a empresa tem 9 selos editoriais próprios, quais sejam: Vide Editorial, que publica títulos sobre política, história, ciências sociais; Auster, voltada para auto-ajuda e humor; Ecclesiae, que publica livros católicos "de grande importância histórica e impacto cultural); Edições Livre, que abarca publicações de línguas estrangeiras tanto sob a temática do catolicismo quando de "clássicos do pensamento ocidental"; Kírion, voltado para a área da educação; Sétimo Selo, que publica "grandes escritores da literatura mundial"; Texugo, voltada para o público infantil. Os últimos dois selos, apesar de serem descritos como tais, tratam-se mais de plataformas de vendas de materiais: a Neomaker, é basicamente uma papelaria que comercializa *planners* e outros materiais desta natureza, e a Moisaic, que é uma marca de quebra-cabeças. De acordo com o site da Cedet, estes selos editoriais publicaram, até o fim de 2023, mais de 800 títulos - o que coloca uma questão: quanto dinheiro deve circular neste negócio? Foi levantando esta questão que a jornalista Juliana Sayuri se debruçou sobre o Cedet para entender sobre a estrutura da editora, e foi assim também que ela descobriu a lucrativa máquina de vender o conservadorismo.

Foi através da declaração de imposto de renda de Olavo de Carvalho, tornado público a partir do processo que Caetano Veloso moveu contra ele, que Sayuri se impactou com a cifra de mais de R$ 106 mil que a editora depositou na conta do polemista para pagar direitos autorais apenas no ano de 2017. Após descobrir que o Cedet também publicava e comercializava títulos assinados ou indicados por influenciadores da extrema direita, a jornalista decidiu investigar a empresa pouco conhecida que está por trás da distribuição de grande parte do pensamento conservador do país. O Cedet foi criado em 1982 por um professorda Unicamp e mais quatro sócios, mas foi apenas em 2006 que a empresa foi transferida para o filho e a esposa do professor que o lançou: César Kyn D'Ávila e Adelice Leite de Godoy. Aempresa, que havia sido criada para "prestar serviços de consultoria e assessoria técnico-

[359] Ver: https://livrariabsm.com.br/ Acesso em: 27/02/2024.

científica", incluiu dentre as suas atividades, em 2009, "edição integrada à impressão de livros". De lá para cá, houve mais uma entrada de novos sócios e a empresa cresceu, aumentou seu capital e se mudou para uma nova sede. Em 2020, o Cedet abriu uma filial em João Pessoa, na Paraíba, supostamente para reduzir o prazo de entrega de encomendas destinadas ao Nordeste.

Sayuri entrevistou uma pessoa que já havia trabalhado no Cedet e preferiu permanecer anônima, mas que afirmou que o Cedet surgiu para suprir uma demanda do mercado editorial aberta por vozes como Olavo de Carvalho. Neste sentido, a empresa tem uma relação de benefício mútuo com o guru e seus seguidores: enquanto Olavo aproveitava a capacidade operacional da empresa para se consolidar como a voz principal do conservadorismo de direita no Brasil, a empresa cresceu a partir de um nicho específico de leitores que se tornou cada vez mais lucrativo. Há registros[360], inclusive, que demonstram que foi numa conversa na casa de Olavo que ele e seu aluno Silvio Grimaldo, hoje à frente do Brasil Sem Medo, que a ideia dos primeiros selos editoriais do Cedet surgiu. De acordo com a matéria do Intercept ainda, a lista de nomes envolvidos da gestão do Cedet abrangia desde ex-alunos de Olavo (vários) a integrantes do movimento católico conservador. Atualmente, a própria esposa de Grimaldo é sócia da empresa. A reportagem traz fotos publicadas nas redes sociais das cabeças do Cedet em momentos de confraternização com a atual liderança do Brasil Sem Medo, com referências claras ao professor de todos eles, como por exemplo, a foto que reúne Carlos Nadalim (citado anteriormente nesta tese pelos seus esforços na defesa do homeschooling e por ter sido um dos olavistas indicados a Secretaria de Alfabetização do MEC), Henrique Lima (Procurador-Geral do Ministério Público), César Kyn D'Ávila (atual presidente do cedet), Silvio Grimaldo e Arno Alcântara Junior (produtor de conteúdo digital e ex-sócio de Nadalim, que foi o nome por trás do CNPJ do jornal Brasil Sem Medo na época do seu lançamento)[361]. De acordo com Sayuri, este grupo foi descrito por Heloísa de Carvalho como a "cúpula" dos "olavetes aplicados".

Uma das livrarias geridas pelo Cedet é intitulada "Olavete"[362], que além da comercialização de livros do guru, oferece clube de leitura e cursos e "aulões", tudo mediante pagamento de mensalidades, como sempre. Como Sayuri afirma na sua reportagem: "Se Olavo pariu a ninhada de influenciadores de extrema direita ao redor do bolsonarismo no governo, o

[360] De acordo com Francisco Escorsim, em sua matéria publicada no jornal Gazeta do Povo em 2018. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/editoras-em-tempos-de-guerra-cultural-ii/ Acesso em 28/02/2024.
[361] Fonte: Reportagem de Rubens Valente publicada em 2020 pela Uol. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/06/19/mec-ministerio-olavo-carvalho.htm Acesso em: 28/02/2024.
[362] Disponível em: https://olavete.com.br/ Acesso em 28/02/2024.

Cedet foi um dos berços" (Sayuri, 2021, p. 14). O historiador Gilberto Calil, citado anteriormente, relaciona a experiência do Cedet como algo que, apesar de ter um elemento empresarial lucrativo, sem dúvida tinha seu foco na guerra cultural. Calil descreveu o empreendimento como um "(...) ecossistema puxado pelo Olavo, que alega que o mercado editorial, a mídia e as universidades são partes do marxismo cultural e vende a promessa de trazer à luz um conhecimento 'proibido'". Segundo ele, ainda, Olavo mobilizava o ressentimento como uma estratégia antiga, além de organizar o debate como amigo/inimigo e difundir teorias da conspiração. A jornalista também cita a relevância desta via de mão dupla entre Olavo e o Cedet para a difusão da literatura conservadora do século 20, que até então era pouco conhecida no Brasil:

> De um lado, o fenômeno editorial conservador (com a tradução de autores como Xavier Zubiri e Eric Voegelin, ambos no catálogo do Cedet) busca dar ares de fundamentação teórica para as mídias digitais bolsonaristas. De outro, o núcleo de influenciadores digitais de extrema direita ajuda a popularizar paulatinamente essas ideias, o que é visível, por exemplo, na difusão de memes com citações de livros indicados por eles. (Sayuri, 2021, p. 15)

O antropólogo que estuda a atividade de grupos bolsonaristas no Whatsapp, David Nemer, concorda com o que foi colocado por Sayuri quando afirma que "editoras são uma peça no quebra-cabeças do Olavo". Nemer acredita que o intuito de Olavo era maior do que o retorno financeiro, sendo uma forma de construir uma rede de difusão de ideias conservadoras para o público nacional; o objetivo final, segundo ele, seria liderar uma revolução cultural conservadora no Brasil. Um outro estudioso das redes sociais bolsonaristas citado na matéria, o sociólogo Pablo Ornelas Rosas, afirma que apesar do Cedet simbolizar a vanguarda da literatura de direita, ele é só a ponta do *iceberg*, e comenta: "O olavismo faz parte de um processo que articulou outras editoras e se infiltrou nos *think tanks* liberais e nas instituições" (Idem, p. 18). Estes são exemplos interessantes da relevância de aparelhos privados de hegemonia na disseminação de ideias e ideologias, e como o mercado de racionalizações opera na prática. É difícil definir se primeiro surge a *demanda* ou a *oferta* das racionalizações, entretanto, é possível afirmar duas coisas com firmeza: primeiro, que se trata de um mecanismo que se retroalimenta e segundo, que envolve ganhos monetários e não-monetários nesta transação.

Apesar de estarmos abordando o mercado editorial que gira em torno de Olavo de Carvalho, cabe relembrar que, na indústria do cinema, seu nome também alavancou projetos que tiveram grande repercussão, como foi abordado no capítulo anterior. De acordo com o próprio Mauro Ventura, olavista convicto e diretor do filme lançado em 2023 sobre Olavo de Carvalho, há uma "composição concêntrica a partir do professor Olavo, assim a gente tem um

alcance efetivo”[363]. A constatação de que o nome de Olavo é fundamental na promoção de projetos como estes não diz respeito somente ao público, como comenta Ventura, mas também é um potencializador em termos de financiamento, basta relembrar que todas as empresas que financiaram o filme de Ventura são lideradas por ex-alunos de Olavo.

7.3.2.1 “Nós hypamos o Olavo”: o mercado editorial e o resgate do conservadorismo

Ainda em 2018, quando a onda conservadora já estava pungente no Brasil e o Brasil Sem Medo ainda não havia sido criado, o sociólogo Leonardo Nóbrega da Silva publicou um artigo intitulado “O mercado editorial e a nova direita brasileira”[364], onde discorre sobre a guinada à direita da editora Record, que aconteceu em meados dos anos 2000. De acordo com o autor, essa guinada se deu a partir da contratação de Carlos Andreazza como editor, o qual passou a coordenar o catálogo de não-ficção da editora. De acordo com Silva, que estuda o mercado editorial brasileiro, esse acontecimento pode ser lido como a face menos visível da materialização das tensões polarizadoras que vinham acontecendo no País na época. O sociólogo não faz menção à noção de guerra cultural, tampouco à ideia de mercado de racionalização, que ainda não havia sido publicada. Entretanto, faz conclusões com referências que se aproximam à noção de guerra cultural defendida nesta tese, ainda que o autor não utilize esta nomenclatura, pois entende que:

> A disputa de ideias no campo político encontra nos livros uma forma mais perene (Darnton, 1993) e pretensamente mais prestigiosa de inscrição, que se imbrica nos embates públicos e têm em si a capacidade de alcançar ampla audiência, seja pela leitura direta dos livros, seja pela disseminação de suas ideias por comentaristas e compartilhamento nas redes sociais. A interação entre as esferas de produção cultural, a política e o mercado possibilitam compreender processos decisivos que condicionam a complexa rede de produção e circulação de conhecimentos. (Silva, 2018, p.74)

O autor parte de Bourdieu para justificar a importância das editoras -para além dos próprios autores, dos seus textos e do contexto social em que foram escritos-, que carrega a tarefa nobre de apresentar ao público mais amplo uma ideia. Neste sentido, Sílvia afirma que “o processo de aproximação da editora Record com os autores da nova direita no Brasil é bastante representativo das modificações políticas, sociais e culturais pelas quais o país passou nos últimos anos” (Idem).

[363] Fonte: https://exame.com/brasil/produtoras-de-cinema-embarcam-em-guerra-cultural-de-olavo-e-ganham-apoio/ Acesso em 29/02/2024.
[364] Publicado pela revista Teoria e Cultura, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF. Disponível em: https://www.academia.edu/38020596/O_mercado_editorial_e_a_Nova_Direita_brasileira Acesso em 29/02/2024.

Apesar de outras editoras, ainda que poucas, explorassem o nicho da direita no Brasil, como a É Realizações, o autor ressalta que a guinada à direita de uma editora de grande porte como a Record pode ser entendida como um verdadeiro ponto de inflexão, ao divulgar e publicar autores e obra que circulavam apenas em públicos restritos. Segundo o autor, um momento emblemático deste processo foi, não coincidentemente, a publicação de "O mínimo que você precisa para não ser um idiota", em 2013. O livro, organizado pelo colunista da Veja Felipe Moura, reunia artigos de Olavo de Carvalho e foi um sucesso absoluto de vendas; em menos de dois anos, o livro já somava mais de 150 mil cópias vendidas, o que é um marco impressionante, especialmente considerando que as tiragens médias no Brasil circulam entre 5 ou 10 mil exemplares. Para a editora, que até a contratação Andreazza comercializava muitos títulos de esquerda, este movimento demarcou um reposicionamento importante, "deixando de lado parte das publicações vinculadas ao pensamento de esquerda e vindo a alcançar o emergente mercado da nova direita" (Idem, p. 80).

Em 2015, Andreazza concedeu uma entrevista a Mateus Campos, d´O Globo[365], que foi bastante representativa da guinada à direita da editora Record. Nessa conjuntura, diante do sucesso de vendas iniciado por "O mínimo que você precisa para não ser um idiota" e que se confirmou a partir da publicação de outros títulos do autor, Andreazza reforça a importância do seu trabalho para alavancar Olavo de Carvalho para o patamar de *best seller*: "O caso do Olavo é muito simbólico. O que fizemos foi dar um tratamento pop ao autor. Nós *hypamos* o Olavo, desde a escolha do título até a capa" (Andreazza In: Campos, 2015, n.p).

Isso posto, o argumento de Silva é que este movimento do *boom* de títulos da direita no mercado editorial brasileiro é, de certa forma, uma consolidação de um processo que vinha se desdobrando nas redes sociais, em espaços mais restritos. Também neste sentido a leitura do sociólogo é muito próxima ao que apresentamos nesta tese, pois ainda que a nomenclatura seja distinta, ele também entende que este movimento teve como berço pequenos contra-públicos que se formaram nas redes digitais. Além disso, pensar o mercado editorial conservador como nicho é pensá-lo nos termos de um mercado de racionalizações, cujos ganhos monetários caminham juntamente aos não-monetários na consolidação de novos mediadores. A leitura do próprio Andreazza também não se afasta desta, tanto que ele constata, a partir da sua perspectiva de representante de uma grande editora como a Record, que além de um movimento que visava sucesso econômico, havia também um aceno importante ao âmbito simbólico:

[365] Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editor-de-nomes-conservadores-carlos-andreazza-se-firma-como-voz-dissonante-do-mercado-de-livros-17021179 Acesso em 29/02/2024.

> Havia e há uma imensa demanda reprimida, culpa dos cerca de 50 anos em que a produção editorial brasileira excluiu os pensamentos liberal e conservador de suas prensas, por que se recolocassem, com tratamento profissional, as importantíssimas ideias liberais e conservadoras nas prateleiras das livrarias. (Andreazza In: Borges, 2015, n.p)

Esta avaliação era compartilhada pelo próprio Olavo de Carvalho, que passou de polemista marginal ao status de um autor de um *best seller* sobre política num país de poucos leitores. Como colocou Olavo em um post, seu sucesso era a evidência da "quebra da hegemonia intelectual da esquerda", e o seu livro "O Imbecíl Coletivo" e seu espaço como colunista da Globo seria fruto de um esforço de cavar "(...) para liberais e conservadores um espaço que lhes era negado desde os anos 80 pelo menos"[366] .

Apesar de Andreazza se gabar da fama de ser o responsável por ter feito Olavo de Carvalho "bombar" e atingir novos públicos, impulsionado inclusive pelo desgaste dos governos do PT, ele não foi o único a se aproveitar deste novo nicho editorial, que passou a formalizar, de fato, uma demanda de novos autores e publicações com inspirações conservadoras. Foi o caso dos selos do próprio Cedet ou de editoras como a Leya, que passou a publicar obras com grande circulação no Brasil como o "Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil" (2011), de Leandro Narloch ou o polêmico "Ditadura à Brasileira" (2014) de Marco Antonio Villa - ambos, vale salientar, marcados pelo tom de revisionismo histórico e da linguagem sarcástica, tão bem aceita nos círculos da direita no País. A disseminação do espaço dado a estas publicações nas pequenas e grandes editoras considerou a forte demanda do público, a qual resultou em vários sucessos de vendas. É possível identificar, nesta dinâmica, a lógica do mercado de racionalizações, em que o público conservador e de direita, animados pela popularidade dos governos do PT em queda livre, buscou avidamente no mercado editorial a representação das suas críticas e convicções. Esta tendência, como afirma Silva, se estabeleceu no universo cultural brasileiro de maneira consolidada, exercendo uma influência expressiva no debate público.

7.3.3 "Jornalismo alinhado aos seus valores"

Em uma peça publicitária do Brasil Sem Medo que circulava no site ao oferecer preços promocionais de assinatura, o colunista Brás Oscar fala em vídeo: "Assinar o BSM é a melhor coisa que você vai fazer em 2023 para *blindar* a sua sanidade e a sua inteligência contra tudo o que vem pela frente" (Grifo nosso). Na primeira produção cinematográfica original do BSM, o documentário "Mentirocracia", o mesmo colunista resgata o objetivo do veículo: "(...) foi pra

[366] Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html Acesso em 29/02/2024.

isso que o BSM foi criado: romper a hegemonia dos grandes veículos de imprensa, porque é justo que as pessoas tenham acesso a veículos de comunicação que *representem e defendam seus valores de verdade*" (Grifo nosso). Mais à frente, no mesmo vídeo de apresentação do BSM no documentário, Oscar apresenta: "Se você não acredita nos órgãos de mídia tradicional, se você busca informações autênticas, sem manipulação e *alinhada com os valores dos brasileiros*, seja bem-vindo ao BSM" (Grifo nosso). É interessante perceber a linha de argumentação utilizada pelo colunista, e replicada como peça de divulgação do jornal, para convencer o leitor a tornar-se assinante; todos os trechos grifados fazem menção clara à lógica do mercado de racionalizações. A própria justificativa apresentada por Oscar torna issobastante evidente: eleger o BSM como fonte de informações carrega uma função subjacente de*blindagem* do leitor, que passará a acessar informações que "representem e defendam seus valores" e que sejam "alinhadas com os valores dos brasileiros". Neste sentido, o Brasil Sem Medo é um veículo que oferece aos seus leitores racionalidades ou, dito de outra forma, suportes epistêmicos que estejam alinhados com as suas convicções e seus compromissos prévios, estes, muitas vezes, construídos em conformidade com o contra-público no qual o leitor se insere.

Nos trechos trazidos como exemplo acima, o recurso de evitar o desconforto e encontrar no Brasil Sem Medo uma proteção cognitiva a uma situação potencialmente desagradável evidencia que o papel do veículo não é necessariamente informativo, mas de posicionamento deliberado - quer isso esteja claro para o leitor, quer não. Como ressalta Williams (2022), o impacto perverso deste processo não está necessariamente no conteúdo, que pode ou não ser falso, mas na forma como este conteúdo é empacotado e apresentado como narrativas que podem ser atraentes para o leitor - quando, por exemplo, ele dá suporte a uma convicção prévia-, porém são narrativas equivocadas em alguma parte do processo de construção. Este é um exemplo interessante do que Williams se refere quando afirma que algumas "(...)organizações de mídia existem não para informar, mas para prover racionalizações" (Idem, n.p).

O conceito apresentado por Williams, cuja aplicação é observada nas publicidades e comunicações internas do Brasil Sem Medo, apontam para uma hipótese desenvolvida por Bourdieu em seu livro "As Regras da Arte" (1996), retomada em "A Distinção" (2007) e citada anteriormente, que é a ideia da *homologia estrutural entre a oferta e demandas de opiniões*. Segundo o próprio autor, essa homologia diz respeito à "(...) correspondência entre a estrutura social dos espaços de produção e as estruturas mentais que os autores, críticos e consumidores aplicam aos produtos", além da "coincidência que se estabelece entre as diferentes categorias de obras oferecidas e as expectativas das diferentes categorias de público" (Bourdieu, 1996, p.

187). Neste sentido, falar em "jornalismo alinhado" aos valores dos leitores é entender que há uma homologia funcional entre os *produtores* das notícias e os seus *consumidores*, ou, em outras palavras, a opinião é produzida, empacotada e ofertada com o objetivo de suprir a necessidade do leitor.

Isso posto, observemos abaixo os exemplos de dois trechos de uma publicidade veiculada pelo Brasil Sem Medo com o objetivo de divulgar preços promocionais de assinatura:

Imagens: Capturas de tela de propaganda do Brasil Sem Medo veiculada em 26/04/2023

A referência ao alinhamento entre o conteúdo produzido e as categorias de percepção compartilhada pelos leitores é explícita. Ainda segundo a lógica bourdieusiana, ao considerar "(...) campos de produção de bens simbólicos, as disputas favorecem as estratégias de distinção" (Bourdieu, 1996, p. 400), neste sentido, a forma encontrada pelo Brasil Sem Medo de se destacar entre a concorrência foi através do anúncio de que o seu leitor não iria sofrer nenhum desconforto cognitivo nem entrar em contato com pontos de vistas desagradáveis, pois o jornalismo praticado pelo BSM tem valores muito próprios. Esta estratégia é também uma forma de impor uma visão de mundo para os leitores, já que há uma relação de confiança estabelecida entre o produtor e o consumidor de informações e opiniões. Como bem explica Allana Meirelles (2021), que também utilizou essa noção para estudar os intelectuais midiáticos contemporâneos, este produtor goza de um lugar de dominância e visibilidade:

> Neste sentido, determinadas performances e construções discursivas dos intelectuais midiáticos podem ser tomadas como exemplos dessas estratégias, que distinguem não apenas produtores como também seus públicos. (...) parece ser possível encontrar em operação a lógica da distinção em um conjunto do qual fazem parte tanto os intelectuais que se valem de capitais específicos para impor uma visão de mundo e disputar as definições legítimas do real, bem como aqueles que, desprovidos desse capital, preferem formar suas imagens a partir de valores como: coragem, ousadia, irreverência. (Meirelles, 2021, p. 29)

Não é coincidência, portanto, que Meirelles tenha colocado entre os intelectuais midiáticos estudados em sua tese o próprio Olavo de Carvalho que, segundo a autora, mobilizou de forma muito eficaz os mecanismos de distinção e suas estratégias de difusão da sua visão de mundo, estabelecendo-se como um intérprete importante da realidade social.

Meirelles retoma a noção de Bourdieu para demonstrar que, ao produzir uma opinião ou uma notícia que protejam os interesses do produtor, há também uma defesa dos interesses da sua clientela, a qual é imbuída de eficácia simbólica, dada a sua posição como organizador daquele coletivo. Este movimento só é efetivo, de acordo com Bourdieu, quando há um "acordo perfeito, imediato, entre as expectativas inscritas na posição ocupada e as disposições do ocupante" (Bourdieu, 1996, p. 190). Em "A Distinção", Bourdieu aprofundou essa sua hipótese a partir da sua análise entre as estruturas objetivas do campo de produção jornalística e as categorias de apreciação e percepção dos diferentes estratos. Embora o contexto e o foco da análise sejam absolutamente diferentes do que está sendo analisado aqui, é possível adequar essa compreensão para o objeto aqui estudado.

Uma das conclusões centrais da tese de Meirelles[367] foi o entendimento de uma lógica de retroalimentação observada nestes veículos que, como defendemos aqui, vendem racionalizações. De acordo com a autora, esta é uma forma eficaz de ganhar capital midiático e de distinção:

> (...) o que se percebe atualmente é que esses canais vão se retroalimentando, de modo que as audiências obtidas nos veículos de comunicação garantem maior repercussão na internet, assim como a ostentação de altos números de seguidores nas redes sociais pode atrair o interesse das empresas de mídia. (Meirelles, 2021, p. 410).

Como foi possível identificar acima, a noção de *rationalization markets* apresenta uma certa semelhança com o que foi descrito como *mercado de opiniões* por Pierre Bourdieu, apesar de Williams não mencionar o sociólogo francês. O interessante é se valer de ambas as perspectivas para complementar a análise do Brasil Sem Medo, especialmente considerando que Williams escreve a partir da conjuntura contemporânea, que diz respeito tanto ao contexto político quanto em relação à emergência das redes digitais. Williams traz luz, através dos seus estudos, para novos atores midiáticos que vêm se multiplicando e reunindo públicos consideravelmente extensos desde a popularização da internet, que são conhecidos como *non-mass medias* - os quais, por motivos óbvios, não foram observados por Bourdieu. Entretanto,

[367] Embora alguns dos apontamentos da tese de Meirelles tenham sido utilizados, há algumas conclusões apresentadas pela autora que divergem do que defendemos aqui, em especial a conclusão de que há uma homologia de origens e trajetórias dos intelectuais midiáticos que ocupam espaços parecidos no campo. A homologia que defendemos aqui segue a ideia de Pierre Bourdieu, que se limita à oferta e demanda no mercado de opiniões.

a ideia de que esses novos atores formam um *mercado espontâneo de racionalizações*, ou seja, uma sólida estrutura social na qual estes atores competem para produzir justificativas de convicções amplamente compartilhadas, é extremamente interessante para pensar o Brasil Sem Medo. É instigante também por tratar-se de uma hipótese que ainda está em desenvolvimento, que será refinada a partir de pesquisas empíricas como esta.

No que diz respeito ao ambiente digital no qual essa dinâmica se apresenta, é possível afirmar que a arquitetura das redes digitais não só privilegia, como promove e fomenta esse tipo de movimento do mercado de racionalizações. Ao operar sob a lógica de conectar pessoas com demandas e visões de mundos similares e, sobretudo, ao inseri-las em bolhas que reverberam em *looping* basicamente as mesmas informações que funcionam como um viés de confirmação, a arquitetura das redes favorece o processo de radicalização. A guerra cultural, resultado inevitável dessa conjuntura aplicada à instabilidade política das últimas décadas, é fortalecida pelo raciocínio básico de identidade: se é uma informação que não me cause desconforto cognitivo, produzida por um porta-voz que eu confio ou encaminhada e endossada por alguém que eu considero coerente, trata-se de um fato. Em contrapartida, toda e qualquer informação que remeta a uma visão de mundo distinta da minha ou que tenha sua origem relacionada a algo ou alguém que classifico previamente como inimigo, é sumariamente negada ou ignorada.

Por fim, considerando tudo o que foi abordado nesta tese, é possível afirmar que este quadro complexo não só resulta em fragmentação e polarização, como também constrói, a partir daí, realidades alternativas que não necessariamente se conversam. Esta é uma forma de compreender, sobretudo, como é possível que pessoas tenham convicções tão bem fundamentadas e irrevogáveis, ainda que sejam profundamente contraditórias e paradoxais. As justificações para as suas certezas estão disponíveis nos veículos liderados ou endossados por porta-vozes que merecem a sua confiança, que produzem notícias alinhadas aos seus valores. Esta conjuntura, portanto, contribui para a diluição dos limites de uma esfera democrática e inviabiliza o diálogo. Estes processos se retroalimentam, dão embasamento a convicções infundadas compartilhadas por um contra-público e constroem realidades paralelas - até mesmo no que tange à historiografia oficial ou ao consenso científico. Williams afirma que as pessoas só conseguem acreditar em coisas para as quais podem encontrar racionalizações (2022), e diante do cenário de fragmentação total, veículos como o Brasil Sem Medo (e outros tantos) são protótipos valiosos da indústria de justificativas, que cria ecossistemas midiáticos paralelos e culminam em um novo paradoxo tão absurdo quanto frequente nas redes digitais: a customização dos fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a leitura desta tese, é possível que o leitor tenha tido a mesma sensação que a autora teve ao estipular o seu ponto final: “e então, por onde começar? ”. Este trabalho foi fruto de um esforço reflexivo de mais de quatro anos, e teve como questão norteadora a inquietação de se estar vivenciando um fenômeno muito novo, dinâmico, acelerado e cujos bastidores são pouco evidentes. Em contrapartida, as consequências deste fenômeno são absolutamente palpáveis e vêm tendo influência direta não só na forma como as notícias vêm sendo produzidas e comunicadas, como também na própria definição do que é “realidade”. A noção de “fatos customizáveis”, um paradoxo anunciado, é uma síntese deste período de suspensão que estamos vivenciando, no qual fizemos o esforço de explorar perspectivas, teorias e conceitos com o objetivo de construir e costurar fundamentos que ajudem na compreensão deste fenômeno. Como qualquer período de transição ou, como defendo aqui, de quebra de paradigmas, qualquer tentativa de estabelecer bases analíticas tende a cair no mesmo lugar de incompletude – daí, então, a sensação citada no início deste parágrafo. De fato, concluímos este trabalho com uma proposta de análise de conjuntura e poucas respostas, mas com questões importantes a serem ponderadas, provocações que podem levar a reflexões profícuas, tensionamentos necessários para analisar o estado atual das coisas. Preconizar respostassimples a um fenômeno tão complexo é justamente o que nos trouxe até aqui: é o método quefiguras como Olavo de Carvalho utilizam para tornarem-se relevantes. Isto posto, reconhecemos os limites desta tese e reforçamos o convite para que o diálogo siga sendo construído, dentro e fora da academia, em formatos distintos e com uma pluralidade de interlocutores.

Nos debruçamos sobre Olavo de Carvalho como um consagrado produtor de racionalizações, porém é fundamental salientar que esta tese não se limita a ele. Assim como foi argumentado ao longo deste trabalho, Carvalho foi uma das inúmeras peças que alimentam essa engrenagem – uma peça que foi crucial para a emersão do conservadorismo e da extrema-direita ao debate público no Brasil, mas cujo projeto de retomada não morreu junto com ele. As racionalizações produzidas por Carvalho eram disseminadas através de seus aparelhos privados de hegemonia, onde as justificações por ele produzidas eram “empacotadas” e distribuídas para os seus seguidores e alunos – e era a partir destas que seu público construía as suas convicções. Este movimento, somado aos demais canais de comunicação direta que tinha com o público, garantia que Carvalho se mantivesse em relevância, ocupando um lugar de respeito e prestígio dentro da sua bolha e das bolhas análogas. Era também uma forma de

alimentar o seu projeto conservador, de suplantar a "hegemonia cultural da esquerda" e garantir aliados para erigir a sua revolução conservadora. Os conteúdos por ele produzidos, portanto, serviam como fundamento para as crenças infundadas amplamente distribuídas entre o seu público, que eram multiplicadas pelas outras tantas bolhas que compõem o campo conservador, da extrema-direita e parte do campo religioso - dentre outros campos que se articulam politicamente e formam contra-públicos em momentos estratégicos como, por exemplo, o de uma eleição majoritária.

Seguindo esta lógica, apesar de Olavo de Carvalho ter falecido, os seus aparelhos permanecem sendo usados para mobilizar esse contra-público, ainda que não o faça sozinho: outros tantos veículos a exemplo do Brasil Paralelo e da Jovem Pan somam-se aos esforços do Brasil Sem Medo para continuar impulsionando racionalizações que "alimentam" este público. Além disso, o argumento construído nesta tese busca advertir que voltar a atenção apenas para estes *veículos* de comunicação não é suficiente, pois enquanto houver demanda do público para este tipo de agenda, vão existir racionalizações sendo produzidas, empacotadas e ofertadas no campo da comunicação. Isso posto, o sujeito que atua como *mediador* entre seus leitores/seguidores e a realidade pode ser Olavo de Carvalho assim como qualquer outro sujeito que tenha sucesso ao capitalizar na economia da atenção das redes digitais a ponto de mobilizar efetivamente contra-públicos. Carvalho e o seu projeto de ascensão conservadora pode ser lido enquanto um cânone de sucesso ao se utilizar desta engrenagem, mas definitivamente não será o último a explorá-la. Nesta conjuntura, é fundamental admitir que não vivemos apenas um momento de polarização política ou de opiniões, mas também uma *polarização dos fatos*, que são customizáveis de acordo com o interesse do seu produtor, do veículo ou, até mesmo, do consumidor. Estas colocações estão fundamentadas nas dezenas de estudos citados ao longo deste trabalho, muitos dos quais fazem uma análise aprofundada da polarização política dos países abordados, e concluem que cada grupo tende, de acordo com a sua posição político-ideológica, a eleger fontes distintas para consumir notícias, o que os leva ao extremo de habitar *mundos paralelos*.

A esta altura, acreditamos que a expectativa de que o combate à desinformação dependa essencialmente da disseminação de "informações de qualidade" já esteja superada. É imprescindível, portanto, analisar este fenômeno em toda a sua complexidade, para assim criar estratégias para reconstruir pontes entre estes mundos paralelos. Acreditamos e defendemos que, apenas ao reestabelecer um *common ground* entre estes paralelos, é possível reformular um diálogo. Essa missão, entretanto, não tem roteiro ou estratégia definida – é preciso construí-la de maneira multidimensional e a muitas mãos. Seja através da educação midiática, da

regulamentação das redes, da responsabilização das plataformas digitais, da soma de todas estas ou de alguma outra estratégia que ainda está em processo de construção, é absolutamente fundamental que a democracia se restabeleça sobre um "território comum", ou estará fadada a ruir a cada novo processo de reestruturação do tecido social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Mudanças Estruturais no Jornalismo**: Travessia de uma Zona de Turbulência. In: PEREIRA, Fábio; ADGHIRNI, Zélia Leal; MOURA, Dione (Orgs). Jornalismo e Sociedade – Teorias e Metodologias. Florianópolis: Insular, 2012.

ALLEN, Jennifer; HOWLAND, Baird; MOBIUS, Markus; ROTHSCHILD, David; WATTS, Duncan J. **Examining the New Influencers**: A Self-Presentation Study of A-List Blogs. Journalism & Mass Communication Quarterly. Volume 82, Issue 4. 2005. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/107769900508200413

_____. **Evaluating the fake news problem at the scale of the information ecosystem.** Science Advances Vol. 6, No. 14. 2020. Disponível em: https://www.science.org/doi/full/10.1126/sciadv.aay3539

ALONSO, Ângela. **Anatomia dos protestos**. Revista Valor Econômico, publicada em 25 de outubro de 2013. Disponível em: https://valor.globo.com/politica/coluna/anatomia-dos-protestos.ghtml

_____. **Treze**: a política das ruas de Lula a Dilma. Companhia das Letras; 1ª edição. 2023.

ALONSO, Jaime; MARTÍNEZ, Lourdes. **Medios Interactivos**: Caracterización y Contenidos. In: DÍAZ NOCI, Javier; SALAVERRÍA, Ramón. Manual de redacción ciberperiodistica. Barcelona: Ariel, 2003, p. 261- 305.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O Fenômeno da Pós-verdade**: Uma revisão de literatura sobre as suas causas, características e consequências. Revista ALCEU, v 20, n. 41 jun-set 2020. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/41730/2/O%20fen%C3%B4meno%20da%20p%C3%B3s-verdade.pdf

ARAÚJO, Pedro Zambarda de. **"Generalista inculto e mentiroso"**: o depoimento de um ex-aluno de Olavo de Carvalho. Publicado no blog Diário do Centro do Mundo. 28 de janeiro de 2022. Disponível em: https://www.diariodocentrodomundo.com.br/generalista-inculto-e-mentiroso-o-depoimento-de-um-ex-aluno-de-olavo-de-carvalho/

AVELAR, Idelber. **A Ditadura Militar e a Ideologia da Direita**: Reflexões sobre a Política Brasileira Contemporânea. Revista Brasileira de Sociologia, vol. 10, no. 1, 2019, pp. 123-145.

BACK LOMBARDI, Gabriela., & Piletti, Laís. **Autoritarismo e Constituição**: o conceito de democracia em disputa e o pensamento de Francisco Campos. *IUS GENTIUM*, *14*(1). 2023. Disponível em: https://revistasuninter.com/iusgentium/index.php/iusgentium/article/view/641

BARRETO, Aldo. **Mudança estrutural no fluxo do conhecimento**: a comunicação eletrônica. Ci.Inf.,Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998. Disponível em:

BARTLETT, Jamie; BIRDWELL, Jonathan.; LITTLER, Mark. **The New Face of Digital Populism**. London: Demos. 2011. Disponível em: https://www.opensocietyfoundations.org/publications/new-face-digital-populism

BENSON, Rodney & NEVEU, Erik**. Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge ; Malden, MA : Polity, 2005.

BIANCHI, Álvaro. **O laboratório de Gramsci**: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.
_____. **Olavo de Carvalho é um efeito da nova direita, e não sua causa**. Entrevista especial de Álvaro Bianchi. Notícias, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 19 dez. 2018. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-decarvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvarobianchi
_____. & MUSSI, Daniela. **Os inimigos de Gramsci**. Revista Jacobina Brasil, 27 abr. 2020. Disponível em: https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/

BORGES, Luana. C. R., MARCON, S. S., BRITO, G. S., TERABE, M., PLEUTIM, N. I., MENDES, A. H., & Teston, E. F..**Adherence to Covid-19 vaccination during the pandemic**: the influence of fake news. *Revista Brasileira De Enfermagem*, *77*(1), e20230284. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0284

BORGES, Rodolfo. **A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros**. Publicado no El País em 1 de agosto de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva. 1987.
_____. **Introdução a uma sociologia reflexiva**, in Pierre Bourdieu, Poder simbólico. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand: 17-58. 1989.
_____. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel. 1989.
_____. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
_____. **A Economia das trocas simbólicas**. Editora Perspectiva. 2015
_____. **La production de la croyance**: contribution à une économie des biens symboliques. In Actes de la Recherche en sciences sociales, nº 13, fevereiro de 1977, p.2-43 in A produção da Crença: Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 2001.
_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOWMAN, Shayne & WILLIS, Chris. **We Media**: How Audiences are Shaping the Future of News and Information. The Media Center at the American Press Institute. 2005. Disponível em http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf

BRESSANE, Taís. **A autocomunicação de massas segundo Castells**. 2013. Disponível em http://cmais.com.br/educacao/ideias-inovadoras/fronteiras-do-pensamento/a autocomunicacao-de-massas-segundo-castells Acesso em 08/08/2022.

BROWN, Wendy. **American Nightmare**: Neoliberalism, Neoconservatism and De-democratization. Political Theory Vol. 34, No. 6. Dec., 2006.
_____. **Undoing the Demos**: Neoliberalism's Stealth Revolution. New York: Zone Books,

2015, p. 99-107 (The gender of home economicus).
_____. & GORDON, Peter E.; PENSKY, Max. **Authoritarianism**: three inquiries on critical theory. Chicago and London: University of Chicago Press, 2018.
_____. **Nas Ruínas do Neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Tradução por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos – São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
_____. **O Frankenstein do neoliberalismo – liberdade autoritária nas 'democracias' do século XXI**. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (Org.). Neoliberalismo, Feminismo e Contracondutas: Perspectivas Foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 17-49.

BRUNER, Jerome. **The Narrative Construction of Reality**. Critical Inquiry 18 (1):1-21. 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/9503047/The_Narrative_Construction_of_Reality

CALDEIRA NETO, O. **Memória e justiça**: o negacionismo e a falsificação da história. Antíteses, *[S. l.]*, v. 2, n. 4, p. 1097–1123, 2009.

CALIL, Gilberto. **Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita**. Argumentum., Vitória, v. 13, n. 2, p. 64-82, maio/ago. 2021.

CAMARGO, Caroline & NOLASCO, Loreci. **O Fenômeno do Firehosing e os Impactos Da Desinformação.** Revista Jurídica Direiro, Sociedade e Justiça. V.9 N.13. 2022. https://periodicosonline.uems.br/index.php/RJDSJ/article/view/6755/4915

CAMPOS, Mateus. **Editor de nomes conservadores, Carlos Andreazza se firma como voz dissonante no mercado de livros**. Matéria publicada em O Globo em Julho de 2015. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editor-de-nomes-conservadores-carlos-andreazza-se-firma-como-voz-dissonante-do-mercado-de-livros-17021179

CARVALHO, Heloísa de. & BUGALHO, Henry. **Meu pai, o guru do presidente**: A face ainda oculta de Olavo de Carvalho. Editora: Kotter, Ed. 1. 2020.

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecíl Coletivo**. Editora: E Realizações. V1. 2016
_____. **A Nova Era e a Revolução Cultural**: Fritjof Capra e Antonio Gramsci. 4º Ed. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2014.
_____. **A História oficial de 1964**. Jornal O Globo, edição do dia 19 de janeiro de 1999.
_____. **O Mito da Imprensa Nanica** - parte 2 Blog de Olavo de Carvalho. 25 de novembro de 2011 (2011b). Disponível em: https://olavodecarvalho.org/o-mito-da-imprensa-nanica-ii/
_____. **Perdendo a Guerra Cultural**. Publicado no Diário do Comércio, 18 de fevereiro de 2008. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/perdendo-a-guerra-cultural/
_____. **Notícias Atrasadas**. Publicado no Diário do Comércio, 16 de maio de 2013. Disponível em: https://olavodecarvalho.org/898-2/

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura, Vol. 1, A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
_____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura, Vol. 2, O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade . Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
_____. **Comunicação, poder e contra-poder na sociedade em rede**. Jornal Internacional de Comunicação, v. 1, n. 1, p. 29, 2007.
_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
_____. **O poder da comunicação**. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015.
_____. **Ruptura**: a crise da democracia liberal, Manuel Castells, Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 2018.

CASTRO, Gabriel. **Olavo de Carvalho**: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura. Revista Veja, 3 de abril de 2011. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuo-pos-ditadura

CESARINO, Letícia. **Identidade e representação no bolsonarismo**: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 62 n. 3: 530-557 | USP, 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232/158421
_____. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. Revista Internet & Sociedade, N. 1 ⁄ V. 1 ⁄ Fevereiro de 2020.
_____. **Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos**: uma explicação cibernética ILHA Ilha, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.
_____. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHALOUB, Jorge. **A Nova Direita Brasileira**: Ideias, Retórica e Prática Política. Insight Inteligência, 2016.
_____. & LIMA, Pedro e PERLATTO, Fernando. **Apresentação: Direitas no Brasil contemporâneo**. Revista Teoria e Cultura, v. 13 n. 2, 2018.

CHAMPAGNE, Patrick. **The Double Dependency**: the journalistic Field between politics and markets. In: Benson, Rodney; Neveu, Erik (Orgs.). Bourdieu and the journalistic field. Cambridge, Polity Press, 2005.

CHAVES, Italo; LAVOR FILHO, Tadeu, FILHO, Antoniel. **Notas sobre a sociedade da informação**: tessituras contemporâneas em análise. Revista interdisciplinar Encontros s Ciências. V.2, N.3.. 2019. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/60930/1/2019_art_itchavestllavorfilhoafilho.pdf

CHRISTOPHER, Paul & MATTHEWS, Miriam. **The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model**: Why It Might Work and Options to Counter It. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2016. https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html.

CORRÊA, Mônica. F., & DAVID, Mariano. G. **As diversas faces da dúvida – ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências**. Em Construção: Arquivos De Epistemologia

histórica E Estudos De Ciência. 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/emconstrucao/article/view/54268

COSTA, Ana Clara.; GHIROTTO, Edoardo. **O Guru Improvável**. Revista Veja, São Paulo, n. 2611, 5 dez. 2018, p. 44-52.

CRIADO, Natália., RASHID, Aways., LEITE, Larissa. **Flash mobs, Arab Spring and protest movements**: Can we analyze group identities in online conversations? Expert Systems with Applications. Science, volume 62, 15 November, 2016. Disponível em: https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos :** como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. 3. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

DAHLGREN, Peter. **Media, Knowledge and Trust**: The Deepening Epistemic Crisis of Democracy. Javnost, *25*(1-2), 20-27. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13183222.2018.1418819

DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto**: extrema direita e fantasias da conspiração. Editora Elefante, 2024.

DEROSA, Cristian. **Fake News**: Quando os jornais fingem fazer jornalismo. Editora: Estudos Nacionais. 2019.

DIZARD JR., Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DOWNEY, John., & FENTON, Natalie. **New Media, Counter Publicity and the Public Sphere**. New Media & Society, 5. 2003.

DUMAS, Caroline & VASCONCELOS, Fernanda. **Impacto das Guerras Culturais no Financiamento à Cultura**. Anais do XVII ENECULT - Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2021. Disponível em: http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132342.pdf

ECO, Umberto. **Número zero**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FARIAS, Luiz Alberto & POSSENDORO, Alexandre. **A Pós-Graduação em Comunicação no Brasil**: cenário e evolução quantitativa, quantitativa, histórica e conceitual. 2018. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/39537/95741
FASSIN, Éric. **Populismo e ressentimento em tempos neoliberais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019.

FELINTO, Erick. **"Olavo tem Razão"**: Olavo de Carvalho, Esoterismo e os Mitos Conspiratórios do Imaginário Político Neoconservador. XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020.

FELLET, João. **Quem são os discípulos de Olavo de Carvalho que chegaram ao governo e Congresso**. BBC Brasil, São Paulo, 10 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265

FELTWELL, Tom., VINES, John., SALT, Karen. et al. **Counter-Discourse Activism on Social Media**: The Case of Challenging "Poverty Porn" Television. Comput Supported Coop Work 26, 345–385. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10606-017-9275-z

FENTON, Natalie. **The Internet and Radical Politics** In: CURRAN, J.; FENTON, N.; FREEDMAN, D. Misundestanding the internet. New York: Routledge, 2012.

FERRARA, Emilio. **Contagion dynamics of extremist propaganda in social networks**. Information Sciences Volumes 418–419, Pages 1-12. December, 2017.

FERREIRA, João Victor Barbosa. **Infodemia e Desinformação em tempos de Pandemia**: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da COVID-19. Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal. V.2, N 2. 2020. Disponível em: http://revista.defensoria.df.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/83

FIGUEIREDO, Lucas. **Olho por olho** - Os livros secretos da ditadura. Editora: Record. 2009.

FLEURY, Cynthia. **Curar o ressentimento**: O mal da amargura individual, coletiva e política. 1 Ed: Bazar do Tempo. 2023.

FLUSSER, Vilém. **Medienkultur**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 2007.

FRAGA, Izabela; RAMIRES, Vicentina. **Discurso na mídia**: construção simbólica de

FRIMER, Jeremy; STIKA, Linda e MOTYL, Matt. **Liberals and conservatives are similarly motivated to avoid exposure to one another's opinions**. Journal of Experimental Social Psychology. Volume 72, September, Pages 1-12. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316156016_Liberals_and_conservatives_are_similarly_motivated_to_avoid_exposure_to_one_another's_opinions

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. **Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 27, n. 05, pp. 1849-1858. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24092021.

GAMSON, William. **Talking Politics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

GATES, Bill. **A estrada do futuro**. Tradução: Beth Vieira [et al.]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GAXIE, Daniel. **Retour sur les modes de production des opinions politiques**. Em: Trente ans après La Distinction, de Pierre Bourdieu; La Découverte, 2013.

GERBAUDO, Paolo. **Social media and populism**: an elective affinity? Media, Culture & Society, [S.I.], v. 8, n.5. 2018.

GILLMOR, Dan. **We the Media**. Grassroots journalism by the people, for the people. Stanford: O'Reilly, 2004.

GIRALDI Jr, Liráucio. **Pierre Bourdieu**: mercados linguísticos e poder simbólico. Rev Famecos (Online). Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017.
_____. **Poder simbólico, mídia e cidadania**. Communicare. São Paulo, v. 5, n. 1, 2005.

GONÇALVES, Clarissa M. **Saber Científico e Corpos Femininos**: Quando ignorância se transforma em epistemologia. Revista Inter-Legere, vol. 3, n. 29/2020.2020. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/download/22031/13553/76590

GRABER. Doris**. Processing the news**: how people tame the information tide. New York: Longman. 1988.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci**. Q. Hoare, & G. N. Smith (Eds.) & (Transl.). New York: International Publishers. 1971.

GRIFFIN, Roger. **Fascism**. Cambridge: Polity, 2018.

HABERMAS, Jügen. **The Structural Transformation of the Public Sphere**: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society. Cambridge: Polity. 1989
_____. **Between Facts and Norms**: Contributions to a Discourse Theory of Law and Democracy; Cambridge: Polity. 1996.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
_____. **No Enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.
_____. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson, Editora Vozes, Petrópolis, RJ: 2022.

HERMAN, David. **Narrative Theory and the Cognitive Sciences**. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2003.

HOCHSHILD, Arlie Russell. **Strangers in Their Own Land**: Anger and Mourning on the American Right. New Press, 2018.

HOLANDA CRUZ, Y. **A Ira da palavra**: guerra cultural e retórica do ódio. Revista Inter-Legere, [S. l.], v. 4, n. 32, p. c25175, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/25175

HUNTER, James Davison et al. **Is there a culture war?**: a dialogue on values and American public life. Washington: Brookings Institution Press, 2006.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial.** Rio de janeiro: Objetiva, 1997.

HUSSNE, Arthur. **Olavismo e o Bolsonarismo**. 1º número do Volume 1 da Revista Rosa, S. Paulo/SP. Publicado em 03 de março de 2020. Disponível em: https://revistarosa.com/1/olavismo-e-bolsonarismo

IANNI SEGATTO, Antonio. **Pós-verdade, negacionismo e fake news**: Ensaio introdutório. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 28, n. esp.1, p. e023003, 2023. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/18303

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrinseca, 2018.

KEEN, Andrew. **O Culto do Amador**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

LACLAU, Ernesto. **Emancipación y diferencia**. Buenos Aires, Ariel. 1996.
_____. **On populist reason**. Londres: Verso, 2005.
_____. **A razão populista**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LAGO, Cláudia. **Pierre Bourdieu e algumas lições para o Campo da Comunicação**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 728-744, set./dez. 2015.

LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAURISSON, Daniel. **La production des opinions aux États-Unis, trente ans après La Distinction**. Em: Trente ans après La Distinction, de Pierre Bourdieu; La Découverte, 2013.

LAVAREDA, Antônio e TELLES, Helcimara. **Eleições municipais da pandemia**. Editora FGV, 2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7269154/mod_resource/content/1/Lavareda%20e%20Teles%20-%202022%20-%20Eleic%CC%A7o%CC%83es%20municipais%20na%20pandemia%20%28Brasil%2C%202020%29.pdf

LENIN, Vladimir Ilith. **O que fazer?** São Paulo: Global, 1985.

LEVY, Neil. **Due deference to denialism**: explaining ordinary people's rejection of established scientific findings. Synthese 196(1):313-327. 2019. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s11229-017-1477-x

LIMA, Venício. **Cultura do silêncio e democracia no Brasil:** ensaios em defesa da liberdade de expressão (1980-2015). Editora UnB, 2015.

LIVINGSTONE, Sonia. **Mediated knowledge**: recognition of the familiar, discovery of the new. In Grisprud, J. (ed). Television and common knowledge. London: Routledge. 1999.

LOEWENSTEIN, George & MOLNAR, Andras. **The renaissance of belief-based utility in economics**. Nature Human Behaviour 2, 166–167. 2018.

MACHADO, Germana Nery**. A Gênese De Uma Onda Conservadora**: quem são, de onde vêm e o que pensam os deputados federais do PSL. Anais do X Congresso Latinoamericano de Ciência Política, da Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP), 2020. Disponível em: https://alacip.org/cong19/152-machado-19.pdf

MACHADO, Marília. **Gramsci e a Educação do Educador**: a saída é Gramsciana. Não é Gramscista. Cadernos GPOSSHE On-line, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2020.

MAGENTA, Matheus. **O que é ser conservador?** Reportagem publicada na BBC News Brasil em Londres em 16 de agosto de 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490540

MAHL, Daniela, SCHAFER, Mike & ZENG, Jing. **Conspiracy Theories in Oline Environments**: An Interdisciplinary Literature Review and Agenda for Future Research. New Media & Society, v.o, n.o, p.1-21. 2022.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Olavo de Carvalho e a onda conservadora contemporânea**. Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 380, maio 2020. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD380.pdf

MARLOW, Cameron. **Investment and Attention in the Weblog Community**. Proceedings of AAAI Symposium on Computation Approaches to Analyzing Weblogs, Stanford: AAAI Press, 2006. Disponível em: https://cdn.aaai.org/Symposia/Spring/2006/SS-06-03/SS06-03-025.pdf

MARQUES, Ronualdo.; RAIMUNDO, Jerry**. O Negacionismo Científico Refletido Na Pandemia Da Covid-19**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67–78, 2021.

MARTINS, Marcos F. **Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política**. Pro-Posições 22 (3). Dez 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/FKsBMn3N4njmwQvYW6C3Z5k/#

MAZZARELLA, William. **The anthropology of populism**: beyond the liberal settlement? Annual Review of Anthropology, [s.l.], n. 48, p. 45-60, 2019.

MBLiveTV. **A Revolta do Subsolo por Martim Vasques da Cunha**. YouTube, 10 de novembro de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3NhSJXZdJ4M

MCCHESNEY Robert W. **Rich Media, Poor Democracy**: Communication Politics in Dubious Times. New York: The New Press. 2015.

MEDEIROS, Eliane C. G. de. **O blog jornalístico como ambiente interativo**: a construção coletiva da informação. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Universidade Federal da Paraíba. 2011.

MEIRELLES, Allana. **Opiniões à venda**: oposições políticas e divisão do trabalho intelectual na mídia 465 f. São Paulo, tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2021.
_____. & FERNANDES, Dmitri. **A direita mora do mesmo lado da cidade**: Especialistas, polemistas e jornalistas. Novos Estudos CEBRAP 38 (1). Jan-Abril 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/kVXtMKTxwGg5VQmQY3ZsZGj/
_____. **Entre cultura e política**: a distinção na produção de opinião na mídia. Artigo – Dossiê. Tempo soc. 34 (2), May-Aug 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/MQMWzsQVnkyMcjDcWnZmZPF/#

MELLO, Patrícia Campos. **Com big data, político de centro corre risco de sumir, afirma especialista**. Folha de S. Paulo, 18 de dezembro de 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/com-big-data-politico-de-centro-corre-risco-de-sumir-afirma-especialista.shtml
_____. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELO, Rebecca B. P. de. **Quando a Galáxia da Internet engole a Galáxia de Gutenberg**: Uma análise da emergência de novos atores no campo da comunicação digital. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020. Disponível em: https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNjoiYToxOntzOjEyOiJJRF9BVElWSURBREUiO3M6MzoiMjAwIjt9IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6IjkyNTNlNjNjYTQ5M2I1ZDUzNjM0YzI3OWM3YmM5YTZmIjt9&ID_ATIVIDADE=200

MENDONÇA, Arthur L. **A construção hegemônica e os significantes vazios que levaram a extrema-direita ao poder no Brasil**. Revista Discente Planície Científica, Campos dos Goytacazes – RJ v. 4, n. 1, jan/jul. 2022.

MENDONÇA, Daniel de. **Democracia sem Democratas**: uma análise da crise política no governo João Goulart (1961-1964). Porto Alegre: tese de doutorado defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciência Política da UFRGS.
_____. **A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira**. Ciências Sociais Unisinos 43(3):249-258, setembro/dezembro. 2007.

MIGUEL, Luis F. **A reemergência da direita brasileira**. In: SOLANO, Esther et al. (Ed.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-26.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: A ascensão dos dados e a morte da política, trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu. 2018.

MORRISON, J., Birks, J., & BERRY, M. (Eds.). **The Routledge Companion to Political Journalism** (1st ed.). Routledge. 2021.

MUDDE, Cas. **The Far Right in America**. Routledge, 2018.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies**: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right. Zero Books, 2017.

NEIVA, Horácio. **'Não havia nada ali'**: o que aprendi como aluno de Olavo de Carvalho. Intercept Brasil, 25 de janeiro de 2022. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2022/01/25/olavo-de-carvalho-nao-havia-nada-ali-aluno/

NICHOLS, Tom. **The death of expertise**: the campaign against established knowledge and why it matters. New York: Oxford University Press, 2017.

NOBRE, Marcos. **Ponto-final**: A guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5519992/mod_resource/content/1/Ponto-final%20A%20Guerra%20de%20Bolsonaro%20contra%20a%20democracia%20by%20Marcos%20Nobre%20%28z-lib.org%29.pdf

NORRIS, Pippa. **Vengeance, Victimhood, and the Politics of the Alt-Right**. The Oxford Handbook of Populism, edited by Cristóbal Rovira Kaltwasser et al., Oxford University Press, 2017.

ORESKES, Naomi; CONWAY, Erik. **Merchants of doubt** : How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. New York: Bloomsbury Press, 2010.

ORIHUELA, José Luis. **Weblogs y Blogosfera**: el medio y la comunidad em Blogs: La conversación em Internet que está revolucionando medios, empresas y ciudadanos. Madrid, 2005.

PARZIANELLO, Geder Luis. **O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo**: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades. Revista Aurora v. 12 n. 36: revista de arte, mídia e política. 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/46439

PASQUALI, Antonio. **Sociologia e comunicação**. Trad. Santo Rossetto e Vítor Hugo. Petrópolis: Vozes, 1973.

PATSCHIKI, Lucas. **Os litores da nossa burguesia**: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011). 2012. 419 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012. Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/1789.

PEIXOTO, Artur Duarte. **Resenha do livro O Novo Conservadorismo Brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro, de Marina Basso Lacerda. Locus: Revista de História, 27, n.2. 2021.

PEREIRA, Robson. **Guia Não Oficial para Novos Alunos do COF do Olavo de Carvalho**. Publicado no blog Olavete em 20 de junho de 2020. Disponível em: https://olavete.com.br/guia-nao-oficial-cof/

PEREZ OLIVEIRA, Rodrigo. **O negacionismo científico olavista**: a radicalização de um certo regime epistemológico. In: KLEM, B.; PEREIRA, M.; ARAÚJO, V. (org.). Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro. Vitória: Milfontes, 2020. p. 81-100.

PERRUSI, Artur. **Sobre a noção de ideologia em Gramsci**: análise e contraponto. Revista Estudos de Sociologia, v. 2 n. 21. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235663

PETERS, Gabriel. **Frankenstein, Trump, Bolsonaro:** figuras do novo monstro autoritário. Blog do Labemus, publicado em 2 de novembro de 2020. Disponível em: https://blogdolabemus.com/2020/11/03/frankenstein-trump-bozo-figuras-do-novo-monstro-autoritario/

PINTO, Mariana. de Azevedo. **Entropia Informacional e Desinformação** - Um Estudo Acerca Da Organização Da Informação Aplicada No Sistema De Informação Governamental Do Programa Mais Médicos. Ponto de Acesso, *12*(1), 117–118. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25330/1/Dissertacao_mariana_azevedo_pinto.pdf

PROCTOR, Robert; SCHIEBINGER, Londa (orgs). **Agnotology**: The Making and Unmaking of Ignorance. Stanford: Stanford University Press, 2008.

PUGLIA, Leonardo. **Gramsci e os Intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo**. Revista Teoria e Cultura. v. 13 n. 2 Dezembro. 2018.

_____. **O Anticomunismo Militante de Olavo De Carvalho**. 43º Encontro Anual da Anpocs. SPG08 Direitas no Brasil Contemporâneo, 2019. Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/spg-6/spg08-6/11915-o-anticomunismo-militante-de-olavo-de-carvalho/file

QUADROS, Cláudia. I. de, e Liriam. SPONHOLZ**. "Deu No Blog jornalístico: é notícia?"**. *Intexto*, nº 15, dezembro de 2008, p. 73-87, https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4262

RECUERO, Raquel. **O capital social em rede**: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. Revista Contemporânea: Comunicação e Cultura. V.10, nº 3 – set-dez de 2012. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/4671

_____. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo**: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. , p. 1-269.

RENDUELES, César. **Sociofobia**: mudança política na era da utopia digital. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

RIFKIN, Jeremy & HOWARD, Ted. **Entropy**: A New World View. Granada, 1980.

ROBERTS, Jason e WAHL-JORGENSEN, Karin.. **Strategies of alternative right-wing media**: The case of Breitbart News. Morrison, James, Birks, Jen and Berry, Mike, eds. The Routledge Companion toPolitical Journalism, London: Routledge. 2021.

ROCHA, Camila. **"Menos Marx, mais Mises! "**: uma Gênese da Nova Direita Brasileira. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2019.
_____. **"Imposto é Roubo!" A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff**. DADOS, Rio de Janeiro, vol.62(3), 2019.
_____. & MACHADO, Jonas; SOLANO, Esther. **The Bolsonaro Paradox**: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil. Springer International Publishing. 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. 1ª Edição. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.
_____. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico**. Retórica do Ódio e dissonância cognitiva coletiva.1ª Edição. Editora Autêntica. 2023.
_____. **Um Sistema De Crenças Que Chegou Ao Poder**. Revista Rascunho de agosto de 2020. Editora Letras & Livros Ltda. Disponível em: https://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Rascunho_244.pdf

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. **Em busca de um ponto cego**: notas sobre a sociologia da cultura no Brasil e a diluição da mídia como objeto sociológico. Soc. estado. 26 (3) Dez 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/87vwyN7Vhq7k8TTyq8B6f8r/?lang=pt

ROCHA, Y.M., de Moura, G.A., DESIDÉRIO, G.A. *et al.* **The impact of fake news on social media and its influence on health during the COVID-19 pandemic**: a systematic review. *J Public Health (Berl.)* 31, 1007–1016. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10389-021-01658-z

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito**: O que aconteceu com o bem comum? Editora José Olympio, 2020.

SANTOS, Dayrell Caio. **O neoliberalismo arruinou o mundo e o fascismo arruinou o neoliberalismo?** Revista Lugar Comum, Nº 58. Agosto de 2020. Resenha de BROWN, Wendy.Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Tradução por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos - São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

SANTOS, N.; ALMADA, M. P.; CARREIRO, R.; CERQUEIRA, E. **Desigualdades informativas**: entendendo os caminhos informativos dos brasileiros na internet. Salvador: Aláfia Lab, 2023. Disponível em: https://alafialab.org/wp-content/uploads/2023/10/Relatorio-desigualdades-informativas-Alafiala-2023_compressed.pdf

SAYURI, Juliana. **Livros, canivetes e anjos**: a lucrativa máquina de vendas que financia Olavo de Carvalho e outras dezenas de figuras da extrema direita. The Intercept. 28 Ago 2021. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2021/08/28/cedet-vendas-sites-olavo-de-carvalho-extrema-direita/

SCHWARTZ, Gilson. **Princípios de Iconomia**. E-Compós, vol. 7. 2006. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/110

SECCO, Lincoln. **Gramscismo**: uma ideologia da extrema-direita. Blog da Boitempo. Publicado em 08 de maio de 2019. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismo-uma-ideologia-da-extrema-direita/

SILVA, Carla. Luciana. **Guerras culturais ou lutas de classe? A face atual do anticomunismo**. História & Luta de Classes, Marechal Cândido Rondon, n. 26, 2018, p. 111-124. Disponível em: http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2019/03/29b326ddb99ec50611e5fed2e7d073033c5e237e

SILVA, Daniel. **Astroturfing**: lógicas e dinâmicas de manifestações de públicos simulados. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCOM/UFMG. 2015. Disponível em: https://abrapcorp.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Dissertacao-2014-Daniel-Reis-Silva.pdf

SILVA, Leonardo Nóbrega da. **O mercado editorial e a nova direita brasileira**. Revista Teoria e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 13 n. 2 Dezembro. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38020596/O_mercado_editorial_e_a_Nova_Direita_brasileira

SILVA, José Otacílio da. **A produção de discursos políticos na visão de Pierre Bourdieu**. Tempo da Ciência (12) 23 : 187-200, 1º semestre 2005.

SINGER, André. **Os Sentidos do Lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo, Cia. das Letras, 2012.

_____. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. Novos Estudos CEBRAP, (97), 23–40. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp/

SOUZA MOAES, Luís E. **Negacionismo**: A Extrema-Direita e a Negação da Política De Extermínio Nazista. Boletim do Tempo Presente, nº 04, de 08 de 2013.

SOUZA, Iael de. **Política e a prática afetiva do medo**. Unisinos, 28 de Setembro de 2021. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613204-politica-e-a-tatica-afetiva-do-medo

SOUZA, Juliana. I. L. de; EDUARDO, M. C. **Disputas discursivas na mídia**: A cobertura dos jornais Folha de S. Paulo e Gazeta do Povo sobre gênero e diversidade sexual nos planos de educação. Revista Agenda Política, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 222–254, 2022. DOI: 10.31990/agenda.2020. Disponível em: https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/316.

SOUZA, Nelson R.; DRUMMOND, Daniela R.; ALMEIDA, Viritiana A. **As disputas discursivas por identidade racial em dois seriados televisivos brasileiros**. Sociologias, 22(54), 230–256. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/SGNPvPSbHxYWzwGMY6nPZMH/?lan

SUNSTEIN, Cass. **Republic.com** 2.0. Princeton University Press: New Jersey, 2007

SZWAKO, José; RATTON, José Luiz (Orgs.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.

TEITELBAUM, Benjamin. **War for eternity**: inside Bannon's far-right circle of global power brokers. Harper Collins. 2020.

TOKOJIMA, Dayane; SIQUEIRA, Alexandre; GITAHY, Leda. **Natural Stings**: Selling Distrust About Vaccines on Brazilian YouTube. Front. Commun. 2020. Disponívelem: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fcomm.2020.577941/full

TRAMMEL, Keye. D., & KESHELASHVILI, Ana. **Examining the new influencers**: A selfpresentation study of A-list blogs. Journalism & Mass Communication Quarterly, 82 (4), 968- 982, 2005. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/107769900508200413

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo da comunicação em geral, e o jornalismo em particular, não tem sido um tema muito estudado pela Antropologia**. [Entrevista concedida a Jacques Mick, Alexandre Bergamo e Pedro Serra]. PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.27.2, p.270-282, ago./set., 2020.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la drecha**. Buenos Aires: Titivillus, 2021. 234p. Resenha de: FREITAS, Itamar. As recentes direitas de um historiador. Crítica Historiográfica. Natal, v.2, n. esp. (Novas Direitas em discussão), ago. 2022.

TUZZO, Simone. A. **Os sentidos do Impresso**. Volume 5 da Coleção Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da mídia. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

URUPÁ, Marcos. **Redes Sociais e internet**: como as pessoas se tornaram usuárias, produtoras e consumidoras em um piscar de olhos. Anais do VI Encontro Nacional da União Latina da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC), 2016. Disponível em: https://ulepiccbrasiliadotcom.files.wordpress.com/2017/04/ulepicc2016_anaisgt3.pdf

_____. **Planeta Web 2.0**: Inteligencia colectiva o medios fast food", e-book gratuito escrito por Cristóbal Romaní e Hugo Kuklinski. 2014.

VALLE, Vinícius do. **Bolsonaro e a estratégia do caos**. Matéria publicada no Le Monde Diplomatique Brasil, 02 de abril de 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/bolsonaro-e-a-estrategia-do-caos/

VASCONCELOS, Francisco T. **A "guerra cultural" neofascista no Brasil**: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo.Revista De História Da UEG, 10(02), e022101. 2021.

_____.**Alain de Benoist e a Nova Direita europeia**: "gramscismo de direita" e nova "revolução conservadora". Revista Princípios nº 163 Jan./Abr. 2022.

VASQUES DA CUNHA, Martim. **A Tirania dos Especialistas**: desde a revolta das elites do PT até a Revolta do Subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

_____. **Tragédia Ideológica**. Edição 167 de agosto de 2020, Revista Piauí. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tragedia-ideologica/

VIANA, Lucas Tadeu Borges; FERNANDES, HEVILLA WANDERLEY. **O Sequestro de Gramsci Por Olavo De Carvalho**. In: Anais da XIII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades-UFCG. Anais...Campina Grande (PB) Universidade Federal de Campina Grande, 2022. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/sepechufcg/529617-O-SEQUESTRO-DE-GRAMSCI-POR-OLAVO-DE-CARVALHO

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. **The spread of true and false news online**. Science, vol. 359, Issue 6380. March, 2018. Disponível em: https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559

VRAGA, Emily K et al**. A review of HPV and HBV vaccine hesitancy, intention, and uptake in the era of social media and COVID-19**. eLife vol. 12 e85743. 18 Aug. 2023. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10438906/

WALLACE, David F. **Host**: Deep into the mercenary world of take-no-prisoners political talk radio. The Atlantic, april 2005. Disponível em: https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2005/04/host/303812/ Acesso em 21/10/2024.

WARNER, Michael. **Publics and counterpublics**. Public culture, 14(1), 49- 90. 2002.

WASSOASKI, Ednei & FORT, Mônica. **A reprodução do discurso jornalístico na internet durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2014**. Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo, V. 2 n. 2. 2015.

WILLIAMS, Daniel. **Motivated ignorance, rationality and democratic politics**. Synthese 198:7807-7827. 2021.

_____. **The focus on misinformation leads to a profound misunderstanding of why people believe and act on bad information**. LSE Impact of Social Sciences. September 5th 2022. Disponível em: https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2022/09/05/the-focus-on-misinformation-leads-to-a-profound-misunderstanding-of-why-people-believe-and-act-on-bad-information/

_____. **The Marketplace of Rationalizations. Economics & Philosophy**, 39, 99-123. 2023. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/41FB096344BD344908C7C992D0C0C0DC/S0266267121000389a.pdf/the-marketplace-of-rationalizations.pdf

WOLF, Eduardo. **Luta pela alma do Brasil**. Revista Veja, dezembro de 2018. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/luta-pela-alma-do-brasil

ZAMBELLO, Aline V; MATTOS E SILVA, Ivan; DI CARLO, Josnei. **Olavo de Carvalho e a guerra cultural das novas direitas -** entrevista com Álvaro Bianchi. Revista Em Tese. v. 18 n. 2. Dossiê: Nova Direita no Brasil: Matrizes teóricas, intelectuais e discursivas. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/83706

ZAROCOSTAS, John. **How to fight an infodemic**. The Lancet, Feb; 395 (10225):676. 2020

ZOONEN, Liesbet van. **I-pistemology**: changing truth claims in popular and political culture. European Journal of Communication, [s.l.], v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254089325_I-Pistemology_Changing_truth_claims_in_popular_and_political_culture